



Darkover

03

**A Dama do
Falcão**

Marion Zimmer Bradley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA

A CASA DE THENDARA

CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA

A ESPADA ENCANTADA

A TORRE PROIBIDA

ESTRELA DO PERIGO

VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

No tempo dos Cem Reinos, quando uma sangrenta guerra civil assolava Darkover, uma jovem saiu de casa sozinha, rompendo com a família e renunciando à sua herança, porque desejava ser ela própria, não o que o pai ou um marido determinassem.

Esta é a história aqui contada, a história de Romilly MacAran, que possuía um laran sem treinamento, uma capacidade mental que lhe permitia entrar em contato mental com falcões, cavalos e outros animais, do-minando-os pelo amor.

Esta é a história de sua luta para se afirmar como pessoa, não ser apenas uma mulher eternamente dominada pelos homens, para encontrar seu destino e seu lugar no mundo, para encontrar seu destino e seu lugar no mundo, para encontrar o verdadeiro amor, só possível numa base de igualdade.

É também a história de Rakhal e Carolin, o rei usurpador e o rei exilado, empenhados ambos na eterna luta do bem e do mal, da ânsia pelo poder contra o amor legítimo pelo povo.

É ainda a história de Caryl, um menino que se negava a assumir a crueldade do pai; de Ruyven e Darren, irmãos de Komilly, em permanente conflito com o próprio pai, por se recusarem a ser o que ele desejava; e de Orain, um homem que não podia fugir à sua natureza!

É uma fantasia romântica, uma história de aventuras vertiginosas, uma fascinante ficção, mas também uma projeção da luta de todas as mulheres para poderem se afirmar como pessoas e conquistarem sua independência, que perdura até hoje...

Marion Zimmer Bradley



**A Dama do
Falcão**

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A
Rio de Janeiro — RJ

CIP-Brasil.

Catálogo-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bradley, Marion Zimmer
B79d A dama do falcão / Marion Zimmer Bradley;
tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos.
Rio de Janeiro, 1990.

ISBN 85-312-0094-6

1. Ficção estadunidense. I. Lemos, Alfredo Barcellos Pinheiro de.
II. Título. III. Série. IV. Série. (Ficção e Experiência Interior)

Bradley, Marion Zimmer
A Dama do Falcão
(Série Ficção e Experiência Interior)
Direção de JAYME SALOMÃO

Título Original HAWKMISTRESS!
Copyright © 1982 by Marion Zimmer Bradley
Published by agreement with Scott Meredith
Literary Agency, Inc., 845 Third Avenue, New York, N.Y. 10022

Proibida a exportação para Portugal

Tradução: Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos
Copidesque: Umberto Figueiredo Pinto
Revisão: Pedrina Ferreira Faria

Direitos adquiridos por
IMAGO EDITORA LTDA.

Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
CEP 20250 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecimentos

A canção do soldado na Parte III foi sugerida pela Balada da Torre Arilinn, de autoria de Bettina Helms, copyright de 1979. A canção do mais fértil dos autores, Anónimo; com um agradecimento ao trio popular baseado em Berkeley — Oak, Ash and Thorn e sua gerente, Sharon Green.

Embora A Dama do Falcão, como a maioria dos romances de Dar-kover, seja completo por si mesmo, não exigindo conhecimento dos outros livros da série, aqueles que acompanham as crónicas de Darko-ver podem gostar de saber o que ocorre durante o período dos Cem Reinos, entre Stormqueen (A Rainha da Tempestade) e Two to Conquer (Dois para Conquistar).

M.Z.B.

Livro Um
Ninho dos Falcões,
Nas Colinas Kilghard

Capítulo Um

Romilly sentia-se tão cansada que mal conseguia se manter de pé.

Estava escuro na gaiola, sem qualquer luz, a não ser uma lanterna protegida com todo cuidado, pendurada em um caibro; mas os olhos do falcão se destacavam muito brilhantes, indômitos e cheios de raiva como sempre. Não, Romilly lembrou a si mesma; não apenas raiva, mas terror.

Ela tem medo. Não me odeia; apenas tem medo.

Romilly podia sentir tudo dentro de si mesma, aquele terror que pulsava por trás da raiva, até que mal podia distinguir entre o que era seu — cansaço, olhos ardendo, pronta para arriar na palha imunda em total exaustão — e o que vinha do cérebro do falcão e inundava sua mente; ódio, medo, um desvairado frenesi de ânsia por sangue e liberdade.

Mesmo enquanto Romilly tirava a pequena e afiada faca do cinto e cortava um naco da carcaça convenientemente colocada próxima, ela tremia com o esforço para não atacar, desvencilhar-se em desespero da correia que a prendia — não, não a ela, prendia o falcão — ao pedaço de madeira; couros implacáveis, cortando seus pés...

O falcão bateu as asas, agitado, Romilly teve uma ação convulsiva de reflexo e o pedaço de carne crua caiu sobre a palha. Romilly sentiu a luta dentro de si mesma, a fúria e o frenesi do terror, como se as tiras de couro que prendiam a enorme ave também a amarrassem, cortando seus pés em agonia... tentou se curvar, procurar a carne calmamente, mas as emoções do falcão, fluindo por sua mente, eram demais para ela. Pôs as mãos sobre os olhos e gemeu alto, deixando que tudo se tornasse parte dela, o ruidoso frenesi das asas, batendo, batendo... uma ocasião, na primeira vez em que aquilo acontecera, há mais de um ano, afastara-se da gaiola em pânico, correndo, correndo, até tropeçar, escorregar e cair, a um palmo da beira do penhasco que descia do Castelo Ninho dos Falcões para os rochedos do Kadarin, lá embaixo.

Não devia permitir que penetrasse tão fundo em sua mente, precisava lembrar que era humana, era Romilly MacAran... forçou a respiração a voltar ao normal, lembrando as palavras da jovem leronis que conversara com ela, por um breve momento e em segredo, antes de retornar à Torre Tramontana.

Você possui um dom raro, criança — um dos mais raros dos dons chamados laran. Não sei por que seu pai é tão amargo, por que não permite que você e sua irmã e irmãos sejam testados e treinados para o uso desses dons — com certeza ele deve saber que uma telepata destreinada é uma ameaça para si mesma e para todos ao redor; ele próprio possui o dom integral!

Romilly sabia; e desconfiava que a leronis também sabia, mas por lealdade ao pai não falaria com ninguém fora da família e, no final das contas, a leronis era uma estranha; O MacAran fora hospitaleiro, como para qualquer hóspede, mas repelira friamente o propósito da visita da mulher, que era o de testar as crianças do Ninho dos Falcões à procura de dons de laran.

— É minha convidada, Domna Marelle, mas já perdi um filho para as malditas Torres que arruinam nossa terra e atraem os filhos dos homens honestos — e as filhas também, infelizmente -, afastando-os de suas casas e lealdades familiares. Pode se abrigar sob este teto enquanto durar a tempestade e dispor de tudo o que é devido a uma hóspede de honra, mas não aproxime suas mãos intrometidas das mentes dos meus filhos!

Perdeu um filho para as malditas Torres, pensou Romilly, lembrando o irmão Ruyven, que fugira para a Torre Neskaya, no outro lado do Kadarin, quatro anos antes. E é provável que perca outro, pois até eu posso perceber que Darren é mais propenso para a Torre ou o mosteiro de Nevarsin do que para a sucessão no Ninho dos Falcões. Darren ainda estaria em Nevarsin, como o costume exigia do filho de um nobre da região montanhosa, desejava permanecer ali; mas obediente à vontade do pai, voltara para cumprir seus deveres como o Herdeiro.

Como Ruyven podia abandonar o irmão assim? Darren não pode ser o Herdeiro do Ninho dos Falcões sem o irmão ao seu lado. Havia menos de um ano de diferença entre os irmãos e sempre

havam sido unidos, como se fossem gêmeos; mas foram juntos para Nevarsin e apenas Darren voltara; Ruyven, ele comunicara ao pai, seguira para a Torre. Ruyven enviara uma mensagem que apenas o pai lera; mas depois a jogara no lixo e daquele momento em diante nunca mais pronunciara o nome de Ruyven, proibira que qualquer outro o mencionasse.

— Tenho apenas dois filhos — ele dissera, o rosto como pedra.
— E um está no mosteiro, o outro no colo da mãe.

A Ieronis Marelíe franzira o rosto e dissera a Romilly:

— Fiz o melhor que pude, criança, mas ele não quis me ouvir. Assim, você deve fazer o melhor que puder para dominar seu dom ou será dominada por ele. E só possa ajudá-la um pouco, no tempo de que disponho; e tenho certeza de que ele não me abrigaria esta noite se soubesse que falei com você a respeito. Mas não ouse deixá-la sem alguma proteção para o momento em que seu laran despertar. Estará sozinha com ele e não será fácil controlá-lo, mas também não é impossível, pois conheço algumas pessoas que conseguiram, inclusive seu irmão.

— Conhece meu irmão? — sussurrara Romilly.

— Conheço, criança... Quem acha que me mandou aqui para falar com você? Não deve pensar que ele a abandonou sem motivo — acrescentara Marelíe, gentilmente, enquanto os lábios de Romilly se contraíam. — Ele a ama muito; e ama seu pai também. Mas um pássaro en-gaiolado não pode ser um falcão e um falcão não pode ser um kyoreb-ni. Voltar para cá, viver sem o pleno uso de seu laran... isso seria a morte para ele, Romilly; pode compreender? Seria como ficar surdo e cego, sem a companhia de sua própria espécie.

— Mas o que pode ser esse laran para que ele renuncie a todos nós? — protestara Romilly.

Marelíe assumira uma expressão triste.

— Saberá de tudo quando seu laran despertar, minha criança. E Romilly bradara:

— Odeio esse laran! E odeio as Torres! Roubaram Ruyven de nós! Ela se virara, recusando-se a falar de novo com Marelíe; e a Ieronis suspirara e murmurara:

— Não posso culpar a lealdade a seu pai, minha criança.

Marelie se retirara para o quarto que lhe fora designado e partira na manhã seguinte, sem outra conversa com Romilly.

Isso acontecera dois anos antes e Romilly tentara apagar o episódio de sua mente; mas naquele último ano começara a compreender que possuía o dom dos MacArans em sua plenitude — aquela coisa estranha em sua mente, pela qual podia penetrar na mente do falcão, cachorro, cavalo ou qualquer outro animal, e passara a desejar ter conversado com a Ieronis a respeito...

Mas nem devia pensar nisso. Posso ter o laran, ela disse a si mesma, vezes sem conta, mas nunca abandonaria o lar e a família por uma coisa assim!

Assim, empenhara-se em dominar o laran sozinha; e agora, forçando-se a manter a calma e a respirar normalmente, sentiu que o efeito tranquilizador da respiração aquietava sua mente, até arrefecia um pouco a fúria do falcão; o pássaro agrilhado ficou imóvel e a moça expectante soube que era Romilly outra vez, não uma coisa amarrada, debatendo-se nervosamente para se livrar das peias que a cortavam...

Lentamente, ela recolheu uma informação da loucura de medo e frenesi. As peias estão muito apertadas. Machucando. Romilly inclinou-se, tentando irradiar ondas tranquilizadoras ao seu redor, para a mente do falcão — mas o falcão está irritado demais de fome e terror para compreender, ou já estaria quieto e saberia que não lhe desejava mal algum. Ela puxou as tiras em torno das pernas do falcão. No fundo de sua mente, cuidadosamente encoberto pelos pensamentos tranquilizadores que tentava irradiar para o falcão, debatia-se o medo de Romilly pelo que estava fazendo — vira um jovem falcoeiro perder um olho ao chegar muito perto do bico de um pássaro assustado —, mas ordenou ao medo que se contivesse e não interferisse em sua ação; afinal, se o falcão sentia dor, o frenesi e o medo seriam piores.

Romilly tateou com uma das mãos na semi-escuridão e abençoou a prática perseverante que lhe ensinara a manipular todos os nós de falcão, vendada e com apenas uma das mãos; o velho Davin enfatizara isso, em muitas e muitas ocasiões, na maioria das

vezes você estará numa campina escura e uma das mãos se encontrará ocupada em torno de seu falcão. Assim, hora após hora, ela apertara e afrouxara, atara e desatara aqueles mesmos nós em um graveto depois de outro, antes de poder sequer chegar perto das pernas finas de qualquer pássaro. O couro estava úmido do suor de seus dedos, mas Romilly conseguiu afrouxá-lo um pouco — não muito, ou o pássaro se desvencilharia das peias e voaria livre, talvez partindo as asas contra as paredes da gaiola, mas o suficiente para que não mais cortassem a pele curtida da parte superior das pernas. Depois, ela abaixou-se e tateou pela palha à procura do pedaço de carne, retirando a terra que aderira a ele. Sabia que não fazia muita diferença — os pássaros, não ignorava, precisavam engolir terra e pedras para moer o alimento em seus papos —, mas os fragmentos sujos de palha grudados na carne a repugnavam e removeu-os meticulosamente, antes de tornar a estender a mão enluvada para o falcão. O pássaro algum dia se alimentaria em sua mão? Mas ela tinha de insistir, até que a fome superasse o medo e o pássaro aceitasse a carne, ou perderiam aquele falcão também. E Romilly decidira que isso não aconteceria.

Sentia-se contente agora por ter deixado o outro pássaro ir embora. A princípio, quando encontrara o velho Davin se remexendo e gemendo com a febre do verão, pensara que poderia salvar os dois falcões que ele capturara três dias antes. Davin lhe dissera para soltar ambos ou morreriam de fome, pois ainda não aceitavam alimento de qualquer mão humana. Quando os pegara, ele prometera a Romilly que a deixaria treinar um, enquanto se ocupava com o outro. Mas depois a febre chegara ao Ninho dos Falcões e ao ser dominado pela doença ele mandara que soltasse ambos — haveria outras temporadas, outros falcões.

Mas eram pássaros valiosos, os melhores falcões verrin que Davin pegara em muitas temporadas. Soltando o maior, Romilly compreendera que Davin estava certo. Um falcão como aquele era inestimável — o Rei Carolin, em Carcosa, não tem pássaros melhores, garantira Davin, que sabia das coisas; o avô de Romilly fora mestre falcoeiro do exilado Rei Carolin antes da rebelião que o mandara para as Hellers e provavelmente para a morte. O usurpador

Rakhal despachara a maioria dos homens de Carolin para suas propriedades e cercara-se de homens em quem podia confiar.

A perda fora sua; o avô de Romilly era conhecido do Kadarin ao Mar de Dalereuth como o melhor adestrador de falcões nas Colinas Kilghard e ensinara todas as suas artes a Mikhail, agora O MacAran, e a seu primo plebeu Davin Mestre Falcoeiro. Os falcões verrin, capturados já adultos como pássaros selvagens, eram mais obstinados do que os filhotes criados em cativeiro; um pássaro apanhado selvagem podia morrer de fome antes de aceitar comida da mão de alguém e era melhor que voasse livre para gerar outros daquela mesma espécie excepcional do que morrer de fome e medo na gaiola, indomado.

Por isso, pesarosa, Romilly tirara o maior dos pássaros da gaiola, soltara as peias de sua perna e, por trás do estábulo, subira numa rocha alta e o deixara voar livre. Os olhos ficaram toldados pelas lágrimas enquanto observava o falcão subir céu afora até sumir. Em seu íntimo, alguma coisa voara com o falcão, no desenfreado êxtase de subir, em espiral, livre, livre... Por um instante Romilly contemplara o vertiginoso panorama do Castelo do Ninho dos Falcões lá embaixo, ravinas profundas transbordando até as bordas com a floresta, à distância uma forma branca, reluzente, que ela sabia ser a Torre Hali, na margem do Lago — seu irmão estaria ali, mesmo agora? — e depois estava sozinha de novo, tremendo de frio na rocha alta, os olhos ofuscados de se virarem para a claridade, e o falcão desaparecera.

Ela voltara à gaiola e já estendia a mão para pegar o outro pássaro também e libertá-lo, mas os olhos do falcão encontraram-se com os seus por um momento e nesse instante tivera a certeza, um conhecimento forte e inequívoco em seu interior: Posso domar este, não preciso soltá-lo, posso dominá-lo.

A febre que se abatera sobre o castelo e prostrara Davin era quase sua amiga. Em qualquer dia normal Romilly teria deveres e lições, mas a governanta que partilhava com Mallina, a irmã mais jovem, também estava com febre e tremia ao lado do fogo na sala de aula, por isso lhe dera permissão para ir ao estábulo e passear a cavalo ou levar seus cadernos ou bordados para a estufa no alto do

castelo, estudando ali, entre folhas e flores — a claridade ainda doía nos olhos de Domna Calinda. A velha Gwennis, que fora babá de Romilly quando ela e a irmã eram pequenas, estava ocupada com Mallina, que também tinha um pouco de febre, embora não estivesse gravemente doente. E a Dama Luciella, a madrasta, não saía do lado de Rael, de nove anos, pois ele tinha a febre em sua forma mais perigosa: de suores debilitantes e incapacidade de engolir.

E, assim, Romilly prometera a si mesma um dia maravilhoso de liberdade no estábulo e na casa dos falcões; Domna Calinda seria bastante tola para pensar que ela passaria um dia inteiro de folga estudando os estúpidos deveres ou concentrada no bordado? Mas encontrara Davin também doente com a febre. Ele ficara feliz com sua chegada, pois o aprendiz ainda não era bastante hábil para se aproximar dos pássaros destreinados, embora fosse competente para alimentar os outros e limpar as gaiolas. Davin ordenara a Romilly que soltasse os dois falcões. E ela começara a obedecer...

Mas aquele falcão era dela! Não importava que se empoleirasse ali furioso e soturno, os olhos vermelhos velados pela raiva e terror, batendo as asas freneticamente ao menor movimento nas proximidades, numa descontrolada agitação; aquele falcão era seu e mais cedo ou mais tarde saberia do vínculo que os unia.

Mas não saberia tão depressa ou de forma tão fácil. Romilly já cuidara de ninhegos — filhotes criados em gaiola ou capturados ainda impotentes, acostumados antes de se tornarem emplumados a serem alimentados pela mão ou luva. Mas aquele falcão aprendera a voar, caçar e se alimentar em liberdade; eram melhores caçadores do que os falcões criados em cativeiro, porém mais difíceis de domar; cerca de dois em cada cinco pássaros assim morriam de fome antes de se alimentarem. O pensamento de que isso podia acontecer a seu falcão era um temor que Romilly se recusou a enfrentar. De alguma forma, ela precisava transpor o abismo entre os dois.

O falcão agitou as asas outra vez, furioso. Romilly esforçou-se em manter a noção de si mesma, não se fundir no terror e fúria do pássaro revoltado, ao mesmo tempo em que tentava irradiar ondas

de calma. Não vou machucar você, minha adorável. Veja, aqui tem comida. Mas o falcão ignorou o sinal, tornou a se agitar, irado. Romilly teve de fazer um grande esforço para não se encolher de medo, não se deixar dominar pelas impetuosas ondas de raiva e terror que se irradiavam do pássaro aprisionado.

Mas desta vez o esvoaçar não amainara um pouco mais cedo do que antes? O falcão estava cansando. Ou ficava mais fraco, lutaria até a exaustão e morte antes de se render e se alimentar da luva? Romilly perdera a noção do tempo, mas seu cérebro desanuviou à medida que o falcão se acalmava, o que lhe permitiu saber de novo que era Romilly e não o pássaro frenético. Sua respiração normalizou e ela deixou a luva escorregar da mão por um momento. A sensação era de que o pulso e o ombro estavam prestes a cair, mas não tinha certeza se isso acontecia porque a luva era muito pesada (passara horas sustentando-a com o braço estendido, suportando a dor das câibras nos músculos e da tensão, a fim de se acostumar ao peso) ou se havia alguma relação com o esvoaçar desesperado de suas asas... não. Não, devia lembrar o que era ela própria, o que era o falcão. Recostou-se na parede áspera às suas costas, semicerrando os olhos. Estava quase dormindo de pé. Mas não devia dormir, não devia se mexer.

Não se deixa um falcão naquele estágio, Davin lhe dissera. Nem por um momento. Ela se lembrava de ter perguntado, quando era pequena, nem mesmo para comer? E ele respondera:

— Se chegar a esse ponto, você pode passar mais tempo sem comida e água do que um falcão; se não é capaz de esperar mais do que o falcão que está domando, então não tem o que fazer aqui.

Mas Davin falara de si mesmo. Não lhe ocorrera na ocasião que uma menina pudesse domar um falcão ou sequer desejasse fazê-lo. Atendera seu capricho de aprender todas as artes da falcoaria — afinal, os pássaros podiam um dia pertencer a ela, embora tivesse dois irmãos mais velhos; não seria a primeira vez que o Ninho dos Falcões passaria pela linhagem feminina, de um marido forte para uma mulher herdeira. Também não era desconhecido uma mulher sair a cavalo com um pássaro dócil e bem treinado; até mesmo a madrastra de Romilly já o fizera, um pássaro domesticado, não maior

que um pombo, adornando seu pulso como uma jóia rara. Embora Luciella nunca fosse capaz de tocar num falcão verrin e não lhe passasse pela cabeça a ideia de que a enteada poderia acalentar tal desejo.

Mas por que não?, Romilly perguntou a si mesma, num acesso de raiva. Nasci com o dom MacAran; o laran que me ciaria o domínio sobre falcão, cavalo ou cão. Não laran, jamais admitirei que tenho essa maldição dos Hastur; mas o antigo dom dos MacAran... Tenho um direito a isso, não é um laran, não de verdade... Posso ser mulher, mas sou tão MacAran quanto meus irmãos!

Ela tornou a se aproximar do falcão, a carne estendida pela luva. O falcão empinou a cabeça e os olhos pequenos fitaram-na friamente; e afastou-se, com um pequeno salto, para o mais distante que as peias lhe permitiam. Romilly pôde sentir que as peias não causavam mais dor. Emitiu alguns murmúrios tranquilizadores, enquanto sua própria fome se manifestava. Deveria ter trazido alguma coisa para comer no bolso; vira Davin muitas vezes pôr na bolsa fatias de carne fria e pão, a fim de ter o que mastigar durante a longa espera com um falcão. Se ao menos pudesse se esgueirar por um instante para a cozinha ou para a copa... e para a privada também, pois a bexiga doía de tanta pressão. O pai ou os irmãos poderiam se virar por um momento, aberto o culote e se aliviado contra o muro. Romilly chegou a cogitar dessa possibilidade, mas tinha muitos cordões e ganchos a desfazer, embora estivesse usando um velho culote de Ruyven. Limitou-se a suspirar, permanecendo onde estava.

Se não pode esperar mais do que um falcão, dissera Davin, então não tem o que fazer aqui. Essa era a única desvantagem concreta de ser uma mulher em que podia pensar, embora até aquele momento nunca tivesse sido um contratempo para ela.

Você também está com fome, ela disse silenciosamente ao falcão. Vamos, aqui está a comida. Só porque estou com fome, isso não significa que você não possa comer, sua teimosa! Mas o falcão não fez qualquer movimento para tocar a comida. Mexeu-se um pouco e por um instante Romilly temeu que fosse explodir em outro

daqueles desenfreados acessos de vôo. Mas logo se acalmou e um momento depois ela relaxou, na imóvel quietude da vigília.

Quando meus irmãos eram da minha idade, contava-se como certo — um filho MacAran deve treinar seu cão, seu cavalo e seu falcão. Até Rael, que tem apenas nove anos, o pai já insiste que ele ensine a seus cachorros. Quando ela era menor — antes de Ruyven deixá-los, antes de Darren ser enviado para Nevarsin —, o pai sentia orgulho em permitir que Romilly trabalhasse com cavalos e cães.

Ele costumava dizer: Romilly é MacAran, possui o dom; não há cavalo que não possa montar, não há cachorro com que não possa fazer amizade, as cadelas vão parir em seu colo. Ele se orgulhava de mim. Dizia a Ruyven e Darren que eu seria uma MacAran melhor do que qualquer dos dois, dizia que deviam observar como eu controlava um cavalo.

Mas agora... agora isso o deixa furioso.

Desde que Ruyven partira que Romilly fora entregue aos rigorosos cuidados da madrasta, esperando-se que permanecesse no castelo, "se comportasse como uma dama". Tinha quase quinze anos agora; Mallina, a irmã mais jovem, que já começara a arrumar os cabelos com o fecho de borboleta de uma mulher, contentava-se em ficar sentada e aprender os pontos de bordado, em cavalgar recatadamente numa sela feminina, em brincar com estúpidos cãezinhos de estimação em vez de procurar os espertos cães pastores e os cães de trabalho nos estábulos e pastos. Mallina se tornara uma fútil, e o mais terrível era que o pai preferia que ela assim fosse, desejava audivelmente que Romilly a imitasse.

Nunca. Prefiro morrer a ficar em casa o tempo todo e bordar como uma dama. Mallina montava bem e agora é como Luciella, mole e flácida, estremece quando um cavalo vira a cabeça por perto, não pode montar por meia hora a galope sem cair contra uma árvore, ofegante como um peixe fora d'água; e agora, como Luciella, não pára de exhibir um sorriso afetado e fala como um passarinho chilreando. E ° Pior de tudo é que o pai gosta delas assim!

Houve um ligeiro movimento no outro lado da casa dos falcões e um dos filhotes de lá gritou, o brado selvagem de um pássaro recém-emplumado que sente o cheiro de comida. O som provocou

violenta explosão no falcão de Romilly. Em consonância com o esvoaçar furioso, sentindo a fome lhe apertar a barriga como garras, ela compreendeu que o aprendiz do mestre falcoeiro aparecera para alimentar os outros pássaros. Ele foi de um a um, devagar, murmurando-lhes coisas. Romilly sabia que era quase o pôr-do-sol; estava ali desde a metade da manhã. O menino terminou seu trabalho, virou a cabeça e viu-a.

— Ama Romilly! O que está fazendo aqui, damiselal

A sua voz, o falcão tornou a bater as asas. Romilly sentiu outra vez a dor terrível, como se as mãos e os braços fossem cair na palha. Fez um esforço para se manter livre do frenesi, medo, raiva, ânsia de sangue — sangue esguichando, explodindo em sua boca sob o bico e garras implacáveis... e obrigou-se a falar em um tom baixo, a fim de não aterrorizar ainda mais o desesperado pássaro.

— Estou domando este falcão. Vá embora, Ker, seu trabalho já terminou e vai deixá-lo assustado.

— Mas ouvi Davin dizer que o falcão devia ser solto e O MacAran ficou furioso por causa disso — murmurou Ker. — Ele não queria perder os pássaros verrin e ameaçou mandar Davin embora, apesar de velho, se ele os perdesse...

— Pois o pai não vai perder este, a menos que você o assuste tanto que não terá mais jeito — disse Romilly, incisiva. — Vá embora, Ker, antes que ele bata as asas de novo...

Ela podia sentir o tremor aumentar de novo no corpo e na mente do falcão, pressentia que se houvesse outra explosão frenética poderia cair em exaustão, gritar de fúria e frustração. E isso fez com que sua voz se tornasse mais estridente:

— Saia!

A agitação de Romilly transmitiu-se ao falcão, que se lançou mais uma vez num frenético esvoaçar, ondas de ódio e terror se irradiando, ameaçando submergir sua própria percepção e identidade. Ela lutou contra isso, silenciosamente, tentando manter a calma, enviar pensamentos tranquilizadores para o pássaro apavorado. Calma, calma, minha adorada, ninguém vai lhe fazer mal, olhe só, aqui está a comida... e quando soube outra vez quem era e onde estava, o menino já desaparecera.

Ker deixara a porta aberta e havia uma aragem fria das vespertinas neblinas; e não demoraria muito para que a chuva, ou a neve noturna, começasse a cair... desgraçado! Ela roubou alguns segundos para se afastar na ponta dos pés e fechar a porta... de nada lhe adiantaria domar aquele falcão se todos os pássaros morressem com o frio! E assim que saiu do lado do pássaro, começou a especular o que estava fazendo ali e por quê. Como podia imaginar que ela, uma moça, seria capaz de realizar uma coisa em que até mesmo o experiente Davin falhava duas em cinco vezes? Deveria ter dito ao menino que o falcão se encontrava próximo da exaustão, mandar chamá-lo para assumir... já testemunhara o que ele podia fazer com um garanhão selvagem, irado e exausto, das manadas que andavam à solta pelas ravinas e colinas exteriores. Uma hora, talvez duas, com o pai na ponta de uma guia e o garanhão na outra, o animal acabava aceitando a cabeçada, esfregava o focinho contra o peito do MacAran... com certeza ele ainda podia também salvar aquele falcão. Ela estava com frio e cansada, ansiava pelos tempos passados em que podia subir no colo do pai e contar todos os seus problemas...

E foi nesse instante que a voz a alcançou, irada e fria.. . mas havia ternura também; a voz de Mikhail, senhor do Ninho dos Falcões, O MacAran.

— Romilly! — O tom era agressivo, mas compadecido. — Filha, o que pensa que está fazendo? Isso não é trabalho para uma donzela, domar um falcão verrin! Dei ordens ao miserável do Davin e ele fica estendido inerte na cama, enquanto um falcão é maltratado por uma criança e o outro, não duvido, morreu de fome...

Romilly mal podia falar através das lágrimas que ameaçavam se derramar e destruir seu controle.

— O outro falcão voa livre para gerar mais alguns de sua espécie. Eu o soltei ao amanhecer. E este não foi maltratado, Pai...

Às palavras e movimento, o falcão bateu as asas mais uma vez, ainda mais intensamente do que antes. Romilly ofegou, lutando para manter a noção de si mesma contra a fúria do esvoaçar, a fome, a ânsia de sangue, o frenesi para se desvencilhar, voar livre, lançar-se para a morte contra as vigas escuras que envolviam... mas logo se

desvaneceu e Romilly, arrulhando para o pássaro, sentiu outra mente entrar em contato com a sua, enviando ondas de calma... então é assim que o Pai faz, ela pensou em uma parte remota de sua mente, enquanto ajeitava os cabelos caídos sobre os olhos e tornava a se aproximar do falcão.

Aqui está a carne, venha e coma... a náusea embrulhou seu estômago ao cheiro e visão da carne morta na luva. Isso mesmo, os falcões se alimentam de carne fresca, devem ser domados pela fome para se alimentarem de carniça...

Abruptamente, o contato das mentes, menina, homem, falcão, rompeu-se, e Mikhail de MacAran disse em tom ríspido:

— O que vou fazer com você, Romilly? Não tem que se meter aqui, na casa dos falcões; não é trabalho para uma dama. — A voz abrandou quando ele acrescentou: — Não tenho a menor dúvida de que foi Davin quem pôs essa idéia na sua cabeça. Terei uma conversa séria com ele. E agora largue essa carne e vamos embora, Romilly. Às vezes um falcão se alimenta de um bloco vazio quando está com bastante fome. Se isso acontecer, poderemos mantê-lo; se não, Davin poderá soltá-lo amanhã ou aquele menino dele fará alguma coisa para merecer seu sustento. A noite já está fechada para o falcão voar. Não vai morrer... e se morrer, não será o primeiro falcão que perdemos. Vamos entrar, Romilly, tome um banho e deite. Deixe os falcões para o mestre fal-coeiro e seu aprendiz... é para isso que eles estão aqui, querida. Minha criança não precisa fazer isso. Vamos embora, Romi.

Ela engoliu em seco, sentindo as lágrimas aflorarem.

— Pai, por favor, tenho certeza de que posso domá-lo. Deixe-me ficar, eu suplico.

— Pelos infernos de Zandru! — praguejou O MacAran. — Ah, se ao menos um dos seus irmãos tivesse sua determinação e habilidade, menina! Mas não permitirei que se diga que minhas filhas devem trabalhar nas gaiolas e estábulos! Vamos entrar, Romilly, e não admito que diga mais nada!

A expressão era irada e implacável; o falcão tornou a bater as asas de raiva e Romilly sentiu que a invadia, também, uma explosão

de fúria, frustração e terror. Largou a luva e correu, chorando de raiva; o pai saiu também e trancou a porta.

Romilly foi para seu quarto, onde esvaziou a bexiga dolorida, comeu um pedaço de pão e mel, tomou um copo de leite da bandeja levada por uma das servas; mas a mente ainda estava com o falcão aprisionado, sofrendo e faminto na gaiola.

O falcão não comeria e muito em breve morreria. Já começara, apenas um pouquinho, a confiar em Romilly... sem dúvida, nas últimas duas ou três vezes em que esvoaçara, antes que o pai os interrompesse, acalmara-se mais depressa, sentindo seu contato tranquilizador. Mas agora, com certeza, morreria.

Romilly começou a tirar os sapatos. O MacAran não podia ser desobedecido, muito menos por sua filha. Até mesmo Ruyven, mais de um metro e oitenta e quase um homem, nunca ousara desobedecê-lo abertamente, até o rompimento final. Romilly, Darren, Mallina... todos obedeciam à sua palavra e raramente ousavam sequer um olhar de desafio; apenas o caçula, o mimado Rael, às vezes escarnecia e se esquivava das ordens do pai.

No quarto ao lado, além das portas de vidro que separavam os aposentos, Mallina já dormia em sua cama, o cabelo vermelho-claro e a camisola rendada se destacando contra o travesseiro. Dama Calinda há muito que fora para sua cama e a senhora Gwennis cochilava numa cadeira ao lado da adormecida Mallina. Embora não estivesse contente pela doença da irmã, Romilly sentia-se satisfeita pelo fato de a velha ama estar ocupada com sua irmã; se ela visse Romilly em seu atual estado — pesarosa, Romilly contemplou suas roupas sujas e encharcadas de suor -, haveria discussão, sermão, encrenca.

Estava exausta e pensava ansiosa em roupas limpas, um banho, sua cama macia. Fizera tudo o que podia para salvar o falcão. Talvez devesse abandonar o esforço. O falcão poderia se alimentar sozinho na gaiola; porém depois que o fizesse, embora não mais morresse, jamais poderia ser domado o suficiente para se alimentar da mão ou luva do falcoeiro, e teria de ser solto. Pois que partisse! E se em seu estado de exaustão e terror não fosse capaz

de se alimentar sozinho e morresse... Ora, muitos pássaros já haviam morrido assim no Ninho dos Falcões!

Mas nunca algum com quem eu tenha entrado em contato tão profundo...

E mais uma vez, como se ainda estivesse de pé, exausta e tensa, na casa dos falcões, ela sentiu o furioso frenesi crescer... Mesmo amarrado na gaiola, o falcão, debatendo-se aterrorizado, podia quebrar as asas... nunca mais voar, permanecer estúpido e acabrlinhado num poleiro ou morrer... como eu dentro de uma casa, usando roupas de mulher e aprendendo pontos de bordado...

E foi nesse instante que ela soube que não deixaria que acontecesse desse modo.

O pai, ela pensou friamente, ficaria muito zangado. Desta vez poderia até lhe aplicar a surra que ameaçara na última vez em que o desobedecera. Ele ainda não lhe encostara a mão uma única vez; a governanta batera nela uma ou duas vezes quando era bem pequena, mas a principal punição sempre fora o confinamento, ser proibida de andar a cavalo, privada de algum prazer prometido ou uma excursão.

Desta vez, com certeza, ele vai me bater, pensou Romilly, desesperando-se com a injustiça; serei espancada porque não posso me resignar a deixar o pobre coitado morrer ou se debater até a morte, aterrorizado...

Pois então serei espancada. Ninguém jamais morreu de uma surra, eu acho. Romilly já sabia que desafiaria o pai. Encolheu-se ao pensamento da ira paterna, ainda mais do que pelos golpes imaginários, mas sabia que nunca mais poderia encarar a si mesma se continuasse sentada calmamente em seu aposento e deixasse o falcão morrer.

Deveria ter soltado ambos ao amanhecer, como Davin mandara. Talvez merecesse uma surra por essa desobediência; mas depois de começar, seria cruel demais parar agora. Pelo menos, pensou Romilly, podia compreender por que estava sendo espancada; o falcão não entenderia os motivos para o longo sofrimento até que tudo acabasse. O próprio pai sempre lhe dissera que um bom treinador de animais jamais começava qualquer coisa,

com gavião, cavalo ou cão, que não pudesse terminar; não era justo com uma criatura estúpida que nada sabia da razão.

Se faltarem com a palavra a um ser humano por algum motivo que lhes pareça bom, poderão pelo menos lhe explicar, o pai dissera a todos uma ocasião. Mas se faltarem com a palavra a uma criatura estúpida, magoarão essa criatura de maneira imperdoável, porque nunca a farão compreender. A fé é essencial. Nunca, em toda a sua vida, Romilly ouvira o pai falar de fé em qualquer religião ou falar de qualquer Deus, exceto numa imprecação; naquele dia, porém, mesmo enquanto ele falava, pudera sentir a extensão de sua crença e compreendera que as palavras saíam das profundezas de seu ser. Iria desobedecê-lo agora, é verdade; mas, num sentido mais profundo, estaria fazendo o que ele lhe ensinara a pensar que era correto; e assim, mesmo que a espancasse por isso, o pai saberia um dia que ela fizera o que era certo e necessário.

Romilly tomou outro gole de água — podia suportar a fome, se fosse preciso, mas a sede era uma verdadeira tortura; Davin geralmente mantinha um balde com água ao alcance quando trabalhava com um falcão. Romilly esquecera de providenciar um balde e uma caneca. Saiu do quarto sem fazer barulho. Com um pouco de sorte, o falcão "quebraria" antes do amanhecer — iria se alimentar da luva e dormiria.

Aquela interrupção poderia aearretar a perda do falcão — sabia que ele morreria se não se alimentasse em breve —, mas pelo menos teria certeza de que ela, que o confinara ali, não fora responsável pela quebra da fé e seu abandono à morte.

Já deixara o quarto quando se virou e voltou para buscar o acendedor de pederneira e aço; o pai, ou o aprendiz do mestre falcoeiro, sem dúvida, apagara a lanterna e precisaria reacendê-la. Gwennis, no aposento que se situava além das portas de vidro, remexeu-se e bocejou. Romilly ficou imóvel, mas a ama apenas se inclinou para sentir a testa de Mallina e verificar se a febre cedera, depois suspirou, recostou-se na cadeira, sem olhar na direção de Romilly.

Em silêncio ela desceu a escada.

Até os cachorros dormiam. Dois dos enormes cães de cor parda, conhecidos como Despertadores, estavam estendidos na frente da porta; não eram cães ferozes, não mordiam nem atacavam até mesmo a um intruso, a menos que ele fizesse menção de machucá-los, mas eram criaturas ruidosas, com latidos alegres e estrondosos e a função de despertar a casa para a presença de intruso ou amigo. Mas Romilly conhecia aqueles cachorros desde que haviam sido paridos, servira-lhes os primeiros alimentos sólidos depois que desmamaram; empurrou-os um pouco para longe da porta e os cachorros, sentindo a mão familiar e amada, apenas fungaram um pouco no sono e deixaram-na passar.

A luz na casa dos falcões fora de fato apagada. Ao passar pela porta, ela pensou numa balada antiga que a mãe lhe cantava na infância e se dizia como os pássaros, à noite, conversavam entre si, quando não havia nenhuma criatura humana por perto. Descobriu que andava na ponta dos pés, pretendendo ouvir a conversa dos falcões. Mas os pássaros nas gaiolas em que eram guardados os domados não passavam de vultos encurvados nos poleiros, profundamente adormecidos; sentiu deles apenas um silêncio confuso.

Será que são telepatas entre si, especulou Romilly, e tomam conhecimento da dor e angústia um do outro? Nem mesmo a Ieronis fora capaz de esclarecê-la nessa questão. Agora, ela refletiu, a maioria dos falcões estava mentalmente cega, sem percepção telepática ou laran, caso contrário todos estariam despertos e inquietos naquele momento; pois Romilly ainda podia sentir, investindo contra ela em ondas de temor e fúria, fome e raiva, as emoções do enorme falcão verrin.

Ela acendeu a lanterna, as mãos trêmulas. O pai nunca acreditara que o falcão pudesse se alimentar sozinho na gaiola; afinal, ele sabia certamente que nenhum falcão se alimentava no escuro. Como ele fora capaz de fazer uma coisa dessas? Mesmo que estivesse zangado com ela, Romilly, não precisava privar o falcão de sua última oportunidade de viver.

Agora, era começar tudo de novo. Romilly viu a carne morta na gaiola; no mesmo lugar, intacta. O falcão não se alimentara. A carne

começava a exalar um cheiro repugnante e Romilly teve de superar a repulsa ao pegá-la... se eu fosse um falcão, também não tocara nesta carniça.

O falcão esvoaçou uma vez mais, irritado, e Romilly chegou mais perto, arrulhando, murmurando palavras tranquilizadoras. E depois de alguns segundos as asas se aquietaram. Seria possível que o falcão lembrasse dela? Talvez a interrupção não tivesse liquidado por completo suas chances. Ela enfiou a mão na luva, cortou outro pedaço de carne da carcaça e estendeu-a para o pássaro, mas de novo pareceu que a repulsa do cheiro fétido era ainda mais intensa do que antes.

Estaria sentindo então o que o falcão sentia? Por um momento, numa onda vertiginosa de náusea, Romilly fitou os grandes olhos amarelo-esverdeados do falcão e experimentou a sensação de que se encontrava em precário equilíbrio sobre algum espaço estreito, sem qualquer lugar apropriado para se apoiar, insólitas tiras de couro lhe prendendo os tornozelos, enquanto certa estranha e odiosa presença tentava forçá-la a engolir alguma coisa repulsiva, absolutamente imprópria para comer... por uma fração de segundo, ela era outra vez uma criança pequena demais para falar, amarrada em sua cadeira alta, a ama com uma colher empurrando alguma coisa horrível por sua garganta, só podia se debater e gritar...

Abalada e nauseada, Romilly recuou, deixando a carne repulsiva cair no chão. Era assim que o falcão a considerava? Deveria deixar o falcão voar, nunca poderia conviver com aquele ódio... todos os animais que domamos nos odeiam assim? Nesse caso, um treinador de cavalos e cães é ainda pior do que um molestador de crianças... e aquele que tira um falcão do céu e o prende numa gaiola não é melhor do que um estuprador, um violador de mulheres... Mas o falcão, debatendo-se, deixara seu poleiro naquele momento, e Romilly se aproximou, ajustando-o pacientemente para que o pássaro pudesse encontrar um lugar firme para se apoiar.

E depois ficou em silêncio, procurando não perturbar o falcão sequer com a respiração, enquanto a batalha prosseguia em sua mente. Parte de Romilly lutava com o falcão aprisionado, terror e

raiva disputando a hegemonia; mas ela, em sua própria luta pela serenidade interior, povoou a mente com a lembrança da última vez em que caçara com seu falcão predileto... acompanhando-o pelo céu, atacando, alguma coisa em seu íntimo recordando com nitidez aquele sentimento súbito, que nela seria de orgulho e prazer, enquanto o falcão se alimentava de sua luva... e compreendeu que a sensação seria ainda mais forte se tivesse treinado o falcão pessoalmente; aquele prazer na realização, aquela sensação de repentina união com o pássaro, tudo seria ainda mais profundo.

E partilhara a delícia, indefinida, impossível de formular em palavras, mas uma alegria profunda e ampla, quando sua cadela predileta lhe trouxera os filhotes; o prazer do animal pela carícia que era similar ao que sentia por seu próprio pai, sua alegria e orgulho pelos elogios raros que ele concedia. E embora sentisse a dor real e o medo quando um potro lutara contra as rédeas e a sela, partilhara também a comunhão e a confiança entre cavalo e cavaleiro, conhecera também essa emoção como amor de verdade; e assim adorava o galope vertiginoso, com a certeza de que nenhum mal poderia lhe acontecer enquanto o cavalo a levasse, deixando que o animal assumisse seu próprio ritmo e prazer, dividindo a satisfação pela corrida.. .

Não, ela pensou, não é uma violação ensinar ou treinar um animal, tanto quanto não foi quando a ama me ensinou a comer mingau, embora eu achasse horrível a princípio e só quisesse leite; porque se ela continuasse a me alimentar com leite depois que meus dentes surgiram, eu ficaria doente e fraca, eu precisava de alimentos sólidos para ficar forte. Tive até de aprender a comer o que era bom para mim, até a usar roupas, embora sem dúvida preferisse ficar enrolada em lençóis como um bebê! E mais tarde tive de aprender a cortar minha carne com garfo e faca, em vez de pegá-la com os dedos e rasgar com os dentes, como faria um animal. E agora me sinto contente por saber todas essas coisas.

Quando o falcão tornou a esvoaçar, Romilly não bateu em retirada de medo e terror, mas participou, sussurrando em voz quase alta:

— Confie em mim, minha adorada, voará livre de novo e caçaremos juntas, você e eu, como amigas, não como ama e escrava, eu prometo. ..

Ela povoou a mente com imagens de um vôo em liberdade sobre as árvores, tentou abri-la às lembranças da última vez em que caçara; contemplando o falcão descendo em espiral com sua presa, abrindo a carne recém-morta para dar ao pássaro sua parte... e mais uma vez, com uma premência que a deixou nauseada, sentiu a fome enlouquece-dora, a imagem mental do falcão atacando, sangue fresco correndo em sua boca... sua própria repulsa humana, a fome do falcão, tudo se misturando, a tal ponto que não sabe o que era o quê. Sentindo essa fome, estendeu o pedaço de carne do coelho de chifres, mas agora o cheiro a repugnou tanto quanto ao falcão; e teve a impressão de que ia vomitar.

Mas você deve comer e se tornar forte, preciosa, ela transmitiu o pensamento, muitas e muitas vezes, sentindo a fome do falcão, sua resistência enfraquecendo. Preciosa; esse é seu nome, é assim que a chamarei, quero que você coma e fique forte, Preciosa, a fim de podermos caçar juntas; mas primeiro você deve confiar em mim e comer... Quero que coma porque amo você e quero partilhar esse sentimento com você, mas primeiro deve aprender a comer de minha mão... coma, Preciosa, minha adorada, minha querida, minha beleza, não quer comer isto? Não quero que você morra...

As horas, ela sentiu, deviam ter se arrastado enquanto permanecia ali, tensa, na interminável luta com o falcão que enfraquecia. A cada vez o frenético esvoaçar se tornava mais frágil, as ondas de fome tão intensas que o corpo de Romilly se contraía de dor. Os olhos do falcão continuavam tão brilhantes quanto antes, cheios de terror; tudo o que projetavam agora envolvia Romilly em crescente desespero.

O falcão estava enfraquecendo, sem dúvida; se não se alimentasse logo, depois de tanta luta, acabaria morrendo; não ingeria qualquer alimento desde que fora capturado, há quatro dias. Morreria ainda lutando?

Talvez seu pai estivesse certo, talvez nenhuma mulher tivesse força para aquilo...

E foi então que se lembrou do momento em que olhara pelos olhos do falcão e ela, Romilly MacAran, não fora sequer uma lembrança, outra coisa além de humana. O medo e o desespero a dominaram; viu-se arrancando a luva, derrotada, assumindo o bordado, deixando que as paredes se fechassem ao seu redor para sempre. Uma prisioneira, mais prisioneira do que o falcão engaiolado, que pelo menos teria de vez em quando uma oportunidade de voar, sentir outra vez o indescritível êxtase do vôo e da liberdade...

Não. Para não viver assim, prisioneira, ela também se deixaria morrer.. .

Não, tinha de haver um meio, se ao menos pudesse descobri-lo! Não se renderia, nunca admitiria que o falcão a vencera. Era Romilly MacAran, nascida com o Dom MacAran, era mais forte do que qualquer falcão. Não deixaria o falcão morrer... não, não era mais "o falcão", a quem amava, lutaria por sua vida mesmo que tivesse de ficar ali até caírem juntos e morrerem. Mais uma vez ela se projetou, entrando destemida na mente do pássaro, agora plenamente consciente de si mesma como uma tortura furtiva e agora familiar na mente de Preciosa, enquanto o repulsivo cheiro da carne na luva... por um momento, ela pensou que Preciosa se lançaria em outro ataque de esvoaçar, mas desta vez o pássaro inclinou a cabeça na direção da carne na luva.

Romilly prendeu a respiração. Isso, isso, coma e fique forte.. . e depois Romilly foi dominada pela náusea, a sensação que vomitaria ali pelo pútrido cheiro da carne.

Agora ela quer comer, está disposta a confiar em mim, mas não é capaz de comer isso; talvez se tivesse aceitado antes de ficar tão fraca, mas não agora... não é devoradora de carniça...

Romilly foi invadida pelo desespero. Trouxera o alimento mais fresco que conseguira encontrar na cozinha, mas agora não estava bastante fresco; o falcão começava a confiar nela, poderia até aceitar o alimento de sua luva, se tivesse trazido alguma coisa que ele pudesse engolir sem náusea.. . um camundongo correu pela palha e ela descobriu que observava através dos olhos do pássaro com intensa fome para o animalzinho...

Amanhecia. No jardim lá fora soou o canto sonolento de um pássaro-fantasma e nos galpões arrulharam os pombos engaiolados, que às vezes eram assados para convidados especiais ou para os doentes. Antes mesmo que o pensamento se definisse, ela já estava em movimento e lá no fundo ouviu sua voz dizer: O guardião das aves comestíveis ficará furioso comigo, não posso tocar nos pombos sem permissão. Mas a fome que martelava sua mente, a mente-ave, não podia ser negada. Romilly jogou o pedaço de carne de coelho de chifre no monturo; apodreceria ali, algum comedor de carniça o encontraria ou um dos cachorros menos exigentes com sua alimentação. Houve uma agitação quando ela enfiou a mão na gaiola dos pombos, um bater de asas e guinchos no instante em que pegou um; seu medo encheu-a com uma sensação que era um misto de dor e de excitação, a adrenalina percorrendo o corpo e provocando câibras nas pernas e nas nádegas, com o temor familiar; mas Romilly fora criada em fazenda e não era dengosa; os pombos eram para a panela, em troca de pombais seguros e grãos por toda a vida. Ela segurou o pombo que se debatia por um breve instante de pesar, entre as mãos, depois deu um jeito para mantê-lo com uma das mãos apenas, enquanto enfiava a outra na luva. Penetrou na mente-fal-cão, sem palavras, uma rápida e intensa percepção de fome e carne fresca... e depois, com um movimento decisivo, torceu o pescoço do pombo e estendeu o corpo ainda quente para Preciosa.

Por um instante, mais uma vez, pareceu que o pássaro estava prestes a explodir numa última convulsão, Romilly sentiu a vertigem do fracasso... mas agora o falcão inclinou a cabeça e, com um impulso tão rápido que Romilly não pôde acompanhar com os olhos, golpeou com o bico, o impacto tão grande que ela chegou a cambalear. O sangue esguichou; o falcão bicou mais uma vez e começou a comer.

Romilly soluçou alto, em meio ao êxtase intenso da força que a inundava, enquanto sentia o pássaro rasgar, engolir, rasgar de novo a carne fresca.

— Ah, minha linda... — ela sussurrou. — Minha querida, minha preciosa!

Depois que o falcão se alimentou... Romilly sentira o arrefecimento da fome e até mesmo sua sede ceder... ela tornou a ajeitá-lo no poleiro. Colocou um capuz na cabeça de Preciosa. Dormiria agora e despertaria lembrando de onde viera sua comida. Devia deixar ordens para que os alimentos daquele falcão fossem sempre frescos; providenciaria passarinhos e ratos recém-mortos, até que Preciosa pudesse caçar sozinha. Não levaria muito tempo. Era um pássaro inteligente ou não teria lutado tanto tempo; Romilly, ainda mantendo um ligeiro vínculo com o falcão, compreendeu que Preciosa agora a reconheceria como a fonte de alimentação e que um dia caçariam juntas.

Tinha a sensação de que o braço cairia a qualquer momento; tirou a pesada luva e limpou a testa com o braço suado. Podia divisar a claridade lá fora; passara a noite inteira na casa dos falcões. E ao perceber a claridade — dali a pouco a casa estaria despertando —, também divisou o pai e Davin, parados na porta.

— Ama Romilly! — disse Davin, chocado e preocupado. — Ficou aqui a noite inteira?

As têmporas do pai latejavam de raiva.

— Menina insuportável, eu mandei que voltasse para casa! Pensa que vou permitir que me desafie desse jeito? Saia daí e deixe o falcão...

— O falcão se alimentou — interrompeu-o Romilly. — Salvei-o para você. Isso não significa nada?

E, depois, toda sua fúria tornou a invadi-la, explodiu como um esvoaçar frenético:

— Pode me bater se quiser... se é mais importante para você que eu me comporte como uma dama e deixe um inofensivo pássaro morrer! Se isso é ser uma dama, então espero nunca me tornar uma! Tenho o laran... — Em sua fúria, ela usou a palavra sem pensar. -.. . e não creio que os deuses cometam erros; só pode significar que estou destinada a usá-lo! Não é minha culpa que eu tenha o dom MacAran quando meu irmão não tem. Foi-me concedido e agora eu não podia ficar de braços cruzados e deixar Preciosa morrer. ..

Ela parou, reprimindo os soluços que ameaçavam sufocar completamente sua voz.

— Ela tem razão, senhor — disse o velho Davin, lentamente. — Não é a primeira dama de MacAran a ter o dom e, os deuses querendo, não será a última.

O MacAran tinha uma expressão furiosa; mas aproximou-se, pegou uma pena e afagou suavemente o peito do falcão que cochilava.

— Um lindo pássaro — ele murmurou finalmente. — Como foi mesmo que o chamou? Preciosa? Um bom nome também. Fez muito bem, filha.

Ele teve de arrancar o elogio de suas entranhas, relutante; depois, amarrou a cara e foi como o fluxo de fúria que se irradiara do falcão.

— E agora vá para casa, tome um banho e vista roupas limpas... não permito que continue imunda como uma rapariga dos estábulos! Vá logo chamar sua criada e não me deixe tornar a vê-la além da porta de casa!

E quando passou pelo pai, Romilly pôde sentir o golpe que ele se preparava para lhe aplicar. Mas O MacAran se conteve... não podia agredi-la e, afinal, ela salvara a vida do falcão. Mas, em sua raiva de frustração, ele gritou a plenos pulmões, enquanto a filha se afastava:

— Isso ainda não acabou, Romilly!

Capítulo Dois

Romilly olhava pela janela, a cabeça entre as mãos. O enorme sol vermelho descia do meio-dia; duas das pequenas luas sobressaíam no céu, pálidos reflexos na claridade do dia, a linha distante das Colinas Kilghard atraía sua mente para o alto, com as nuvens e os pássaros voando. Uma página de somas concluídas, posta de lado, estava à sua frente na mesa de madeira, assim como uma página ainda úmida de máximas impecavelmente copiadas do Livro dos Fardos cristoforo; mas ela não as via e também não ouvia a voz da governanta, Calinda, que censurava Mallina por suas páginas bastante borradas.

Esta tarde, depois de cuidar de Preciosa, mandarei selar Ventania e a levarei à minha frente na sela, afim de acostamá-la ao cheiro e ao movimento do cavalo. Ficará encapuzada, pois não posso ainda confiar o suficiente para deixá-la voar livre, mas não vai demorar muito...

No outro lado da sala o irmão Rael arrastou os pés ruidosamente e Calinda censurou-o com um vigoroso meneio de cabeça. Rael, pensou Romilly, estava ainda mais mimado agora — estivera gravemente doente e aquele era seu primeiro dia de volta à sala de aula. O silêncio envolveu as crianças, rompido apenas pelo barulhento ranger da pena de Mallina e pelo suave som das agulhas de tricô de Calinda; ela fazia um colete de lã para Rael, e quando ficasse pronto, pensou Romilly, não sem malícia, só restaria o problema de convencer o menino a usá-lo!

Os olhos vidrados numa sonolência de absoluto tédio, Romilly continuou a olhar pela janela, até que o sossego foi interrompido por uma reclamação de Mallina.

— Pena desgraçada! Derrama manchas como nozes no outono! Agora borrei outra folha!

— Fique quieta, Mallina — disse a governanta, em tom severo. -Romilly, leia para sua irmã a última máxima que mandei você copiar do Livro dos Fardos.

Suspirando, chamada de volta à sala de aula contra sua vontade, Romilly leu em voz alta, contrariada:

— Um mau trabalhador culpa apenas a ferramenta em sua mão.

— Não é culpa da pena se você não consegue escrever sem fazer borrões — acrescentou Calinda, aproximando-se para guiar a pena na mão de sua pupila. — Mantenha sua mão assim...

— Meus dedos doem! — protestou Mallina. — E por que tenho de aprender a escrever, estragando os olhos e deixando as mãos doídas? Nenhuma das filhas dos Altos Penhascos sabe escrever ou mesmo ler e não são piores por isso; já estão comprometidas e não lhes faz falta alguma!

— Devia se considerar afortunada — disse a governanta, sempre rigorosa. — Seu pai não quer que as filhas cresçam na ignorância, capazes apenas de costurar, fiar e bordar, sem sequer aprenderem a escrever "Conserva de maçã e noz" em seus potes na época da colheita! Quando eu era menina, tive de lutar muito para aprender pelo menos isso! Seu pai é um homem de bom senso, que sabe que as filhas precisarão aprender tanto quanto os filhos! Por isso, continuará sentada aí até encher outra folha sem um único borrão. Romilly, deixe-me ver seu trabalho. Está ótimo. Enquanto eu confiro as somas, quer ouvir seu irmão ler do livro?

Romilly levantou-se com entusiasmo para se juntar a Rael; qualquer coisa era melhor do que ficar sentada, imóvel, em sua carteira! Calinda começou a guiar a mão de Mallina com a pena e Rael encostou-se no ombro de Romilly; ela deu um abraço subreptício no menino e depois apontou um dedo, conscienciosa, para a primeira linha da cartilha. Era muito antiga; Romilly aprendera a ler naquele mesmo livro e tinha a impressão de que o mesmo acontecera com Ruyven e Darren antes — o livro fora feito e costurado por sua própria avó, quando seu pai aprendera a ler; e escrito na frente, em grandes letras, lá estava Mikhail MacAran, seu próprio livro. A tinta começava a esmaecer um pouco, mas ainda era perfeitamente legível.

— O cavalo está no estábulo — soletrou Rael, devagar. — O pombo está no ninho. O pássaro no ar. A árvore está na floresta. O

barco está na água. A noz está na árvore. O menino está... — Ele franziu o rosto à palavra e adivinhou: — No celeiro? Romilly riu baixinho.

— Tenho certeza que ele gostaria de estar lá, tanto quanto você -ela sussurrou. — Mas não é isso, Rael, Olhe bem. Qual é a primeira letra? Vamos, leia direito...

— O menino está na cozinha — Rael leu, taciturno. — O pão está... na panela?

— Está adivinhando outra vez, Rael. Olhe para as letras. Sabe direitinho.

— O pão está no forno.

— Isso mesmo. E agora vamos à página seguinte.

— A cozinheira assa o pão. O lavrador.. . — Ele hesitou, mexendo os lábios, o rosto contraído. — Colhe?

— Está certo. Continue.

— O lavrador colhe as nozes. O soldado monta o cavalo. O cavaleiro põe a sela no cavalo. Romy, quando poderei ler alguma coisa que faça sentido?

Romilly tornou a rir.

— Quando souber suas letras um pouco melhor. Deixe-me ver seu caderno de caligrafia. Muito bem, copiou tudo, mas repare só como as letras estão esparramadas pelas linhas, como patos bamboleando, quando deviam marchar em formação impecável como soldados... está vendo onde Calinda riscou a linha para você? — Ela largou a cartilha. -Mas direi a Calinda que já sabe a lição, está bem?

— Então talvez a gente possa ir aos estábulos — sussurrou Rael. -Romy, o pai bateu em você por domar o falcão? Ouvi a mãe dizer que ele ia dar uma surra em você.

Não duvido nada, pensou Romilly; mas a Dama Luciella era a mãe de Rael e não falaria mal dela para o menino. Além do mais, Luciella sempre a tratara bem.

— Não, não levei uma surra; o pai disse que eu merecia.. . mas ele teria perdido o falcão se não fosse por mim, e os verrin são muito raros e caros. E este estava quase morrendo de fome...

— Como conseguiu? Também poderei domar um falcão algum dia? Ficaria com medo, eles são tão ferozes.. .

Mas ele alteara a voz e Calinda fitou-os, franzindo o rosto.

— Rael, Romilly, estão cuidando da lição?

— Não, mestra — respondeu Romilly, polidamente. — Ele já acabou, leu as duas páginas da cartilha só com um erro. Podemos ir agora?

— Sabem que não devem sussurrar e conversar quando estão estudando — disse a governanta, mas ela também parecia cansada.

— Rael, traga-me sua folha de caligrafia. Ora, mas isso está uma vergonha! As letras estão derramadas por toda a página! Um menino crescido como você deve escrever melhor! Sente-se e pegue sua pena!

— Não quero mais! — protestou Rael. — Minha cabeça está doendo!

— Se sua cabeça dói, direi à sua mãe que ainda não está bom para passear a cavalo depois da aula.

Calinda dissimulou o sorriso que aflorou a seus lábios e Rael sentou, mais aborrecido do que nunca, empunhou a pena e começou a escrever outra série de letras tortas pela linha, a língua se projetando por entre os dentes, a cara amarrada por cima da folha.

— Mallina, vá lavar a tinta de seus dedos. Romilly, traga seu bordado e pegue também o de Mallina.

Depois de dar as ordens, a governanta inclinou-se sobre a carteira de Rael. Romilly, o rosto contraído, foi até o armário, pegou sua cesta e a da irmã. Até que era bem rápida e eficiente com a pena, ela pensou, irritada, mas ponham uma agulha na minha mão e parece que tenho cascos em vez de dedos!

— Vou ensinar mais uma vez como se deve fazer esse ponto de nó — disse Calinda.

Ela pegou o linho encardido e amarrotado e tentou alisá-lo, enquanto Romilly espetava um dedo com a agulha e gritava como um cachorrinho.

— Isso é uma vergonha, Romilly. Acho que até Rael poderia fazer melhor, se tentasse.

— Então por que não deixa Rael fazer?

— Mas que coisa horrível, uma menina crescida, quase quinze anos, idade suficiente para casar! — Calinda olhou por cima do ombro de Rael. — Mas o que escreveu aqui?

Sobressaltada pelo tom da governanta, Romilly também olhou por cima do ombro do irmão caçula. Em letras irregulares, ele escrevera: Eu gostaria que meu irmão Ruyven voltasse para casa.

— É a verdade — murmurou Rael, piscando os olhos com força e comprimindo os punhos contra eles.

— Rasgue isso depressa! — ordenou Calinda, pegando o papel e fazendo o que dissera. — Se seu pai visse.. . Sabe muito bem que ele ordenou que o nome de seu irmão nunca mais fosse mencionado nesta casa!

— Não mencionei, apenas escrevi — protestou Rael, furioso. — E ele é meu irmão e falarei seu nome se quiser! Ruyven, Ruyven, Ruyven... pronto!

— Cale-se, Rael, cale-se! Todos nós. ..

Calinda parou de falar abruptamente, pensando melhor no que começara a dizer. Mas Romilly ouviu com novos sentidos, tão claramente como se Calinda tivesse concluído a frase: Todos nós sentimos saudade de Ruyven. Mais gentilmente, Calinda acrescentou:

— Pode guardar seu livro e sair para a aula de montaria, Rael. Rael bateu com a cartilha na carteira e correu para a porta. Romilly observou o irmão com a maior inveja e depois olhou contrariada para o bordado amarrotado em suas mãos. Calinda ficou em silêncio por algum tempo, acabou suspirando e comentando:

— E difícil para uma criança compreender. Seu irmão Darren estará em casa no Solstício do Verão e fico contente por isso... acho que Rael precisa do irmão. Observe meus dedos, Romilly... passe o fio assim, três vezes em torno da agulha, depois puxe... veja, pode fazer direito quando quer.

— Um ponto de nó é fácil — disse Mallina, complacente, levantando os olhos de seus painel de linho engomado, onde uma flor brilhante desabrochava sob a agulha.

— Não se envergonha, Romilly? Mallina já bordou uma dúzia de capas de almofadas para seu enxoval e agora está trabalhando nos lençóis para as núpcias.. .

— Para que preciso de capas de almofadas bordadas? — reagiu Romilly, acuada. — Uma almofada é para sentar, não para exibir um bordado bonito. E se tiver um marido, espero que ele fique olhando para mim e não para flores bordadas nos lençóis!

Mallina soltou uma risadinha e corou; Calinda disse:

— Que coisa mais horrível para dizer, Romilly! — Mas ela estava sorrindo. — Quando tiver sua própria casa, tenho certeza de que se orgulhará de coisas bonitas para adorná-la.

Duvido muito, pensou Romilly, mas mesmo assim pegou o bordado, resignada, e enfiou a agulha. Mallina inclinou-se sobre a colcha que fazia, com delicadas aplicações de flores brancas sobre um fundo azul, e começou a fazer pequenos pontos junto da armação.

E mesmo bonito, pensou Romilly, mas por que dar tanta importância a isso? Uma colcha simples também a manteria aquecida à noite, até mesmo uma manta de cavalo. Não se incomodaria se pudesse fazer alguma coisa prática, como um manto para cavalgar ou um capuz de falcão mas detestava aquelas flores estúpidas, cuja única utilidade era mostrar um bordado bonito. Contrariada, debruçou-se sobre o trabalho, agarrando a agulha sem muito jeito, enquanto a governanta conferia as somas que fizera naquela manhã.

— Já foi além dos meus ensinamentos nisso, Romilly — disse a governanta finalmente. — Falarei com Dom Mikhail e perguntarei se o intendente pode lhe dar aulas de organização dos livros de contas. Seria uma pena desperdiçar uma inteligência tão grande quanto a sua.

— Aulas do intendente? — disse uma voz da porta. — Bobagem, mestra; Romilly está velha demais para receber aulas de um homem, seria escandaloso. E para que uma dama precisa saber de livros de contas?

Romilly desviou os olhos do emaranhado de fios para deparar com a madrastra Luciella, que entrava na sala.

— Se eu soubesse cuidar de minhas contas, mãe adotiva, nunca precisaria ter medo de ser enganada por um intendente desonesto.

Luciella sorriu gentilmente. Era baixa e roliça, os cabelos encrespados com todo cuidado, tão meticulosamente vestida como se estivesse prestes a receber a rainha para uma festa.

— Acho que podemos arrumar um marido bastante bom para cuidar de tudo isso para você, filha adotiva. — Ela inclinou-se para beijar Mallina no rosto, afagou a cabeça de Romilly. — Rael já foi para a aula de montaria? Espero que o sol não esteja forte demais para ele, ainda não se recuperou completamente.

Luciella contraiu o rosto para os fios emaranhados e a linha irregular de pontos coloridos.

— Oh, não, isso nunca ficará direito! Dê-me essa agulha, criança. Segura-a como se fosse uma rascadeira. Preste atenção, deve segurar assim. Está vendo? E agora o ponto sai perfeito.. . não é mais fácil quando segura assim?

Relutante, Romilly acedeu com a cabeça. Domna Luciella sempre a tratara com toda gentileza; apenas não podia imaginar por que Romilly não era exatamente como Mallina ou mesmo ainda mais, por ser mais velha.

— Quero ver você fazer outro ponto da maneira como ensinei — acrescentou Luciella. — Está muito melhor, minha cara. Eu sabia que podia fazer, é muito hábil com os dedos. .. sua caligrafia é muito melhor que a de Mallina, só que não quer tentar. Calinda, vim lhe pedir para dar um dia de folga às crianças.. . Rael já foi para os estábulos? Não tem problema... só preciso das meninas. Quero que experimentem os novos trajes de montaria; devem estar prontos quando nossos hóspedes chegarem, no Solstício do Verão.

Como era de se esperar, Mallina soltou um gemido.

— Terei mesmo um novo traje de montaria, mãe adotiva? De que cor é? Será de veludo, como o de uma dama?

— Não, minha cara, o seu é feito de gabardine, para usar bastante e ser ajustado à medida que você cresce.

Mallina resmungou.

— Já estou cansada de usar vestidos deselegantes nas costuras, para que possam ser aumentados meia dúzia de vezes enquanto cresço. O pano fica desbotado e todo mundo pode ver onde a bainha foi abaixada...

— Pois então trate de se apressar e termine logo de crescer — disse Luciella, gentilmente. — Não há sentido em fazer um vestido para sua medida quando ficará apertado com seis meses de uso e nem mesmo tem uma irmã menor para passar adiante.

Uma pausa e ela acrescentou, sorrindo:

— Tem sorte por ganhar um vestido novo. Deveria usar as roupas velhas de Romilly, mas todos sabemos que Romilly gasta tanto seus trajes de montaria que não sobra muita coisa depois de meio ano... mal dá para passá-lo à leiteira.

— É que eu ando a cavalo de verdade — protestou Romilly -, não fico sentada no lombo dele a sorrir afetada para o cavaliariço!

— Desgraçada! — sussurrou Mallina, dando um chute furtivo na canela da irmã. — Bem que sorriria e muito depressa se ele olhasse para você, mas ninguém jamais olha.. . não passa de um cabo de vassoura metido num vestido!

— E você é uma gorda porca! — reagiu Romilly. — Não poderia mesmo usar meus vestidos velhos, porque é gorda demais por causa dos bolos de mel que devora sempre que dá um jeito de se esgueirar até a cozinha!

— Meninas! Meninas! — suplicou Luciella. — Devem sempre discutir assim? Vim pedir uma folga para vocês.. . preferem passar o dia inteiro sentadas na sala de aula, fazendo bainhas em toalhas de prato?

— Não, mãe adotiva, não quero — Romilly apressou-se em dizer. — Desculpe.

E Mallina acrescentou, mal-humorada:

— Devo deixar que ela me insulte?

— Não, mas também não deve insultá-la em resposta. — Luciella suspirou. — Vamos logo, as costureiras estão esperando.

— Precisa de mim, vai domna? — perguntou Calinda.

— Não, mestra, pode ir descansar... tenho certeza de que precisa, depois de uma manhã com minha prole. Mas primeiro

mande o cavaliariço procurar Rael. Ele precisa experimentar o casaco novo hoje, mas posso esperar até que termine a aula de montaria.

Romilly ficou apreensiva, enquanto seguia a madrasta para onde as costureiras trabalhavam, uma sala clara e arejada, com janelas amplas, plantas verdejantes à luz do sol; não flores, pois Luciella era uma mulher prática, mas vasos com ervas de cozinha e medicinais, que exalavam um suave perfume. O gosto de Luciella tendia para folhos e babados; por algumas discussões acaloradas à época em que era pequena, Romilly temia que os trajes de montaria encomendados pela madrasta fossem num estilo repulsivamente enfeitado. Mas quando viu o veludo verde-escuro, cortado habilmente para acentuar sua silhueta, mas com absoluta simplicidade, sem nenhum adorno além de uma faixa branca no pescoço, todo o traje combinando com o verde de seus olhos e ressaltando o brilho dos cabelos avermelhados, ela corou de satisfação.

— É lindo, mãe adotiva! — murmurou Romilly, permanecendo tão imóvel quanto podia, enquanto as costureiras ajustavam o traje em seu corpo com alfinetes. — E está quase perfeito para mim!

— Vai precisar de um bom traje para cavalgar e caçar quando o pessoal dos Penhascos Altos chegar para o Festival do Solstício do Verão — disse Luciella. — Precisamos mostrar como você monta bem, embora eu ache que precise de um cavalo mais apropriado para uma dama do que o velho Ventania. Já conversei com Mikhail sobre um bom cavalo para você... não treinou um pessoalmente?

A exclamação de alegria de Romilly fez a madrasta sorrir. Tivera permissão para ajudar o pai a treinar três dos excelentes cavalos pretos das propriedades Lanart, e todos estavam incluídos entre os melhores animais dos estábulos do Ninho dos Falcões. Se o pai concordasse em lhe dar um daqueles cavalos... ela pensou com um prazer intenso em correr pelas colinas num dos fogosos cavalos pretos, com Preciosa no braço; e deu um abraço espontâneo em Luciella, surpreendendo a mulher mais idosa.

— Oh, obrigada, mãe adotiva, muito obrigada!

— É um prazer ver você parecendo tanto com uma dama — comentou Luciella, sorrindo à bela imagem de Romilly com o traje

verde. -Tire agora, minha cara, para que possa ser costurado.

Virando-se para a costureira que ajustava o traje de Mallina sobre os seios jovens e fartos, ela acrescentou:

— Não, Dará, assim não dá. A túnica não pode ficar tão justa aí, não é próprio para uma moça tão jovem.

Mallina não gostou.

— Por que todas as minhas roupas precisam ser cortadas como uma túnica de criança? Já tenho corpo de mulher mais do que Romilly!

— E tem mesmo — concordou Romilly. — Se seus peitos continuarem a crescer, ainda mais, pode ser contratada como ama-de-leite.

Ela olhou com uma expressão crítica para o corpo estufado de Mallina, que reagiu no mesmo instante:

— Um traje de mulher é um desperdício em você! Podia usar um dos velhos culotes de Darren! Prefere andar por aí parecendo um cavaliço, em roupas de couro de homem, como se fosse da Irmandade da Espada...

— Calma, calma — interveio Luciella, apaziguadora. — Parem com isso. Não deve escarnecer do corpo de sua irmã, Romilly, ela está crescendo mais depressa do que você, só isso. E você também não deve falar assim, Mallina; Romilly já é crescida agora e seu pai deu ordens rigorosas para que ela não continue a montar de botas e culote, mas use um traje de dama apropriado e uma sela feminina no Solstício do Verão, quando o pessoal dos Penhascos Altos estará aqui para as festas e caçadas, talvez Aldaran de Scathfell com os filhos e filhas e algumas pessoas dos Picos Storn.

Mallina soltou um grito de alegria, pois as filhas gêmeas de Scathfell eram suas amigas íntimas e durante o inverno as nevascas intensas haviam separado o Ninho dos Falcões de Scathfell e dos Penhascos Altos. Romilly não demonstrou a mesma satisfação; Jessamy e Jeralda tinham mais ou menos sua idade, mas eram como Mallina, gorduchas e moles, uma agressão a qualquer cavalo que as carregava, muito mais preocupadas com a elegância dos trajes de montaria e ornamentos da sela e das rédeas do que com o bem-estar dos animais que montavam, ou sua habilidade na equitação. O

filho mais velho dos Penhascos Altos era quase da idade de Ruyven, e fora seu maior amigo; tratava Romilly e até mesmo Darren como crianças tolas. E as pessoas de Storn já eram adultas, quase todos casados, alguns com filhos.

Mas talvez ela tivesse uma oportunidade de cavalgar com o pai e com Darren, que viria de Nevarsin, poderia lançar Preciosa em vôo; não seria tão ruim assim, mesmo que, enquanto os hóspedes ali permanecessem, tivesse de usar um traje de montaria de uma dama e uma sela feminina, em vez das botas e culote, mais apropriados para a caça; afinal os hóspedes só ficariam uns poucos dias, e depois ela voltaria a usar as roupas de homem para montar; estava disposta a se apresentar da maneira apropriada para satisfazer os hóspedes. Aprendera a se conduzir corretamente em saia de montaria e sela feminina, pois sabia que isso agradava à madrastra.

Cantarolava para si mesma quando voltou ao seu quarto para trocar de roupa. Talvez levasse Rael quando saísse em Ventania para exercitar Preciosa, com a linha comprida em torno de sua cabeça, na qual estavam amarrados pedaços de carne e penas, como era usado no treinamento de falcões. Mas quando procurou atrás da porta pelas velhas botas e culote que sempre usava para montar — haviam pertencido a Ruyven -, nada encontrou.

Bateu palmas para chamar a criada que esperava no quarto das crianças, mas foi a velha Gwennis quem apareceu.

— O que aconteceu? Onde está meu culote?

— Seu pai deu ordens expressas — respondeu Gwennis. — A Dama Luciella mandou jogar fora... nem servem para um aprendiz de mestre falcoeiro agora, aquelas coisas velhas. Seu novo traje está sendo aprontado e pode usar o antigo enquanto espera, minha menina.

Ela apontou para a túnica e a saia de montaria estendidas na cama de Romilly, antes de acrescentar:

— Aqui está, minha cordeirinha. Vou ajudá-la a vestir.

— Você jogou fora? — explodiu Romilly. — Como se atreveu?

— Ora, meu amorzinho, não fale assim. Temos que fazer tudo o que Dama Luciella manda, não é mesmo? Aquele traje ainda fica

muito bem em você, apesar de estar um pouco apertado na cintura... mas alarguei ontem, depois que Dama Luciella me falou.

— Não posso montar em Ventania com isso! — Romilly pegou a saia horrorosa e atirou-a no outro lado do quarto. — Ele não está acostumado a uma sela feminina e eu detesto! Além do mais, não temos nenhum hóspede por aqui! Vá me buscar um culote!

Mas Gwennis sacudiu a cabeça firmemente.

— Não posso fazer isso, querida. Seu pai deu ordens, não pode mais montar de culote. E já não é sem tempo. Fará quinze anos dez dias antes do Solstício, precisamos pensar agora em casá-la. E que homem gostaria de casar com uma jovem que corre por aí de culote, como se fosse uma daquelas ordinárias que acompanham os exércitos ou uma das mulheres escandalosas da Irmandade, que estão sempre com uma espada e têm as orelhas furadas? Devia se envergonhar, Romy. Uma moça crescida como você, fugindo para a casa dos gaviões e passando a noite inteira lá.. . já está na hora de se tornar uma dama! E agora ponha logo essa saia de montaria, se quer sair com seu cavalo, não vamos mais discutir essas bobagens.

Romilly olhou horrorizada para a saia. Então era aquela a punição que o pai lhe aplicava! Pior, muito pior do que uma surra; e ela sabia que não haveria apelação das ordens do pai.

Eu preferia que ele tivesse me dado uma surra. Pelo menos estaria tratando comigo diretamente, com Romilly, com uma pessoa. Mas me entregar a Luciella, deixar que ela me transforme na sua imagem de dama. ..

— É um insulto para um bom cavalo! — protestou Romilly. — Não farei isso!

Ela desferiu um pontapé furioso no desagradável traje caído no chão.

— Pois não precisa fazer, minha querida, pode ficar dentro de casa como uma dama, sem sair em seu cavalo — sugeriu Gwennis, complacente. — Já passa tempo demais nos estábulos, chegou o momento de permanecer mais em casa, deixar os falcões e cavalos para seus irmãos, como deve ser.

Consternada, Romilly engoliu em seco para desfazer um nó na garganta, olhou do traje no chão para a babá radiante.

— Eu devia esperar por isso de Luciella — ela murmurou. — Luciella me odeia, não é mesmo? É o tipo de coisa vingativa que Mallina faria só porque não é capaz de montar um cavalo decente. Mas nunca pensei que se uniria a elas contra mim!

— Não deve falar assim — protestou Gwennis, sacudindo a cabeça, pesarosa. — Como pode dizer essas coisas contra sua madrasta tão boa? Posso lhe garantir que não são muitas as madrastas tão boas com filhas crescidas quanto Dama Luciella é com você e Mallina, vestindo-as com as roupas mais elegantes quando ambas são mais bonitas do que ela, sabendo que Darren será o dono do Ninho dos Falcões e seu próprio filho apenas o caçula, não muito melhor que um nedestro. Sua própria mãe já a teria proibido de usar culotes há três anos, jamais a deixaria andar por aí desse jeito durante tanto tempo! Como pode dizer que ela a odeia?

Romilly baixou os olhos para o chão, os olhos ardendo. Era verdade, ninguém poderia ter sido mais gentil com ela do que Luciella. Seria muito mais fácil se Luciella tivesse demonstrado alguma vez um pouco de grosseria, por menor que fosse. Eu poderia lutar, se ela fosse cruel comigo. Mas o que posso fazer agora?

E Preciosa estaria à sua espera; Gwennis pensava mesmo que ela deixaria seu falcão aos cuidados de um aprendiz ou até do próprio Davin? As mãos tremiam de fúria quando ela pegou o traje detestado, a gabardine azul puída, e apesar das alterações feitas por Gwennis, ainda muito apertado na cintura, de tal forma que os cordões esticavam sobre a túnica. Mas era melhor montar de saia do que não montar, ela concluiu; contudo, se pensavam que estava derrotada, então se enganavam redondamente!

Será que ela vai me reconhecer neste traje horrível de mulher?

Furiosa, Romilly encaminhou-se para os estábulos e para a casa dos falcões, tropeçando uma ou duas vezes na saia incômoda, diminuindo os passos pela força de vontade para parecer uma dama. Então Luciella queria suborná-la com um lindo traje, a fim de atenuar o golpe? Era típico de uma mulher, aquele truque tolo e insidioso, sem lhe dizer expressamente que deveria esquecer os culotes!

Entrando na casa dos falcões, pôs a velha luva e foi levantar Preciosa em seu braço. Com a mão livre, afagou o peito do falcão com a pena deixada ali para esse propósito — o contato de uma mão nas penas do falcão afetaria a plumagem. Preciosa sentiu sua agitação e mexeu-se irrequieta no pulso. Romilly fez um esforço para se acalmar. Baixando a pena, ela fez sinal para o menino Ker.

— Tem carne fresca para Preciosa?

— Tenho, sim, damisela. Acabei de matar um pombo para a mesa e guardei as entranhas para ela. Tirei-as do pombo há menos de dez minutos.

Romilly farejou desconfiada a carne fresca e depois prendeu-a na isca. Sentindo o cheiro de comida, Preciosa agitou-se, irrequieta, bateu as asas. Romilly falou-lhe suavemente, depois saiu para o pátio. Afrouxou as peias e girou a isca por cima da cabeça; Preciosa lançou-se para cima, o impulso fazendo a mão de Romilly baixar, deu uma volta pelo ar e mergulhou para a isca, alcançando-a um instante antes que caísse no chão. Romilly deixou-a se alimentar em paz por um momento, antes de chamá-la com o pequeno apito de falcoeiro, que o pássaro devia aprender a associar com comida. Entregou a isca a Ker e disse:

— Você gira; quero observá-la voar.

Obediente, o aprendiz do mestre falcoeiro pegou a isca e começou a girá-la por cima da cabeça; outra vez Romilly soltou o falcão, observou-o subir e descer ao sinal de seu apito para a isca voadora. A manobra foi repetida mais duas vezes e Romilly permitiu que o pássaro terminasse a refeição em paz, antes de encapuzá-lo de novo e levá-lo de volta à gaiola. Afagou-o mais uma vez com a pena, ternamente, murmurando palavras afetuosas sem sentido, experimentando a sensação de intimidade e satisfação do falcão alimentado. Preciosa estava aprendendo. Muito em breve voaria livre para pegar suas presas e voltaria ao seu ninho. .. Ela foi para o estábulo.

— Pode selar Ventania — ela disse, fez uma pausa e acrescentou, sombria: — Suponho que deve usar minha sela feminina.

O cavaliço não quis fitá-la.

— Lamento, damisela. .. O MacAran deu ordens expressas. Estava muito zangado.

Era mais uma punição. Ainda mais sutil do que uma surra, e não parecia coisa de seu pai — dava para perceber claramente os pontos delicados traçados pela mão de Luciella. Quase que podia ouvir na imaginação as palavras que a madrasta devia ter usado: uma moça tão crescida como Romilly e você a deixa correr à solta pelos estábulos, por que está surpreso com qualquer coisa que ela possa fazer? Mas deixe-a comigo, vou transformá-la numa dama.. .

Romilly já ia gritar com o cavaleiro, furiosa, dizer-lhe para esquecer, uma sela lateral era um insulto a qualquer cavalo que se prezasse... mas Preciosa em seu braço bateu as asas, agitada, e ela compreendeu que o pássaro se contagiava com sua raiva. Fez um esforço para recuperar o controle e disse calmamente:

— Está bem, pode pôr uma sela de mulher.

Com ou sem raiva, com ou sem sela feminina, Preciosa devia se habituar ao movimento do cavalo; e uma volta numa sela feminina era melhor do que nada.

Mas ela pensou muito a respeito enquanto cavalgava naquele dia. Seria inútil fazer qualquer apelo ao pai: era evidente que ele entregara a responsabilidade a Luciella, o novo traje de montaria fora apenas um sinal para indicar a direção em que o vento soprava agora. Não podia haver a menor dúvida de que ainda chegaria o dia em que seria proibida de montar... não, pois Luciella falara de seus planos para lhe dar um bom cavalo. Mas teria de montar como uma dama, recatadamente, pois nenhum cavalo era capaz de nada melhor do que um trote leve com uma sela lateral; montaria estorvada pela saia, incapaz até de treinar seu falcão corretamente; não havia espaço conveniente para um falcão, como numa sela de homem. E muito em breve também, com certeza, seria proibida de entrar nos estábulos e na casa dos falcões, a não ser para sair em passeios típicos de uma dama, como aquele. E o que poderia fazer? Ainda não tinha idade suficiente. .. faria apenas quinze anos no Solstício e não havia alternativa que não obedecer ao pai. Parecia que as paredes se fechavam ao seu redor.

Por que então recebera aquele laran, já que tudo indicava que só um homem dispunha de liberdade para usá-lo? Romilly sentiu vontade de chorar. Por que não nascera homem? Conhecida a resposta que receberia, se perguntasse a Luciella o que devia fazer com seu dom; existe para que seus filhos o herdassem, diria a mulher.

O que significava que ela não passava de um veículo para dar filhos a algum marido desconhecido? Ela pensara muitas vezes que gostaria de ter filhos. .. lembrava-se de Rael como bebê, roliço e alegre, tão adorável quanto um filhote antes de ser desmamado. Mas renunciar a tudo, ficar dentro de casa, tornar-se mole e flácida como Luciella, a própria vida encerrada, vivendo apenas através dos filhos? Era um preço alto demais para pagar, até mesmo por bebês tão adoráveis. Furiosa, Romilly piscou para conter as lágrimas, sabendo que a emoção se transmitiria ao falcão e ao cavalo, fez um esforço para se acalmar.

Devia esperar. Talvez, depois que serenasse a ira inicial do pai, ele pudesse perceber a luz da razão. E foi então que ela recordou: antes do Solstício, Darren estaria em casa e talvez ele, como único herdeiro restante do pai, pudesse interferir a seu favor. Ela afagou o falcão com a pena para acalmá-lo, e voltou para o Ninho dos Falcões, com um vislumbre de esperança no coração.

Capítulo Três

Dez dias antes do Solstício, no décimo quinto aniversário de Romilly, Darren, o irmão dela, chegou em casa.

Foi Rael quem avistou os cavaleiros primeiro, quando a família estava no terraço para o desjejum; o tempo era tão agradável que Luciella determinara que fariam a refeição ali, com uma vista para o vale do Kadarin. Rael levava seu segundo pão com mel até a grade, apesar da suave censura de Luciella para que sentasse direito e não se levantasse antes de terminar de comer. Debruçava-se na beira, jogando migalhas de pão nas folhas largas da hera que subia pelas paredes do castelo.

— Ei, mãe, tem cavaleiros subindo pelo caminho... acha que estão vindo para cá? — ele gritou. — Pode ver, pai?

O MacAran franziu o rosto para o menino, levando a taça aos lábios.

— Fique quieto, Rael. Estou conversando com sua mãe.. . Mas, abruptamente, Romilly adivinhou quem eram os cavaleiros.

— É Darren! — ela gritou, correndo para a grade. — Conheço seu cavalo.. . vou descer ao seu encontro!

— Romilly! — protestou Luciella. — Sente-se e acabe sua comida! Mas Romilly já passava pela porta, as tranças balançando contra os ombros, descia voando pela escada. Podia ouvir atrás o barulho das botas de Rael e riu ao pensar no aborrecimento de Luciella — a refeição serena fora interrompida para sempre desta vez. Ela lambeu os dedos, lambuzados de mel, foi para o pátio, com Rael em sua esteira; o menino pendurou-se nos portões, gritando para que os serviçais viessem abri-los.

— É meu irmão Darren... ele está chegando!

Na maior alegria, os homens começaram a puxar os portões, antes mesmo que o som dos cascos dos cavalos os alcançasse; Rael era apreciado e mimado por todos. Ele continuou pendurado nos portões, rindo, enquanto os homens puxavam, acenou com o braço para os cavaleiros, no maior entusiasmo.

— É Darren e tem alguém com ele, Romilly! Venha até aqui para recebê-lo!

Mas Romilly permaneceu um pouco atrás, subitamente inibida, consciente dos cabelos trançados às pressas, os dedos e a boca lambuzados, o pão com mel ainda em sua mão; jogou-o depressa para o cachorro que estava no pátio e esfregou o lenço nas manchas na boca. Por que se sentia assim? Era apenas Darren e algum amigo que ele conhecera no mosteiro. Darren saltou do cavalo e no mesmo instante Rael pulou em cima dele, abraçando-o, falando tão depressa que mal dava para entender. Darren riu, pôs Rael no chão e adiantou-se para abraçar Romilly.

— Você cresceu muito, irmã, é quase uma mulher.

— É o aniversário dela, Darren! — gritou Rael. — O que você trouxe de presente?

Darren soltou outra risada. Era alto e magro, os cabelos vermelhos caindo em cachos sobre os olhos, o rosto com a palidez de um inverno passado entre as neves de Nevarsin.

— Esqueci seu aniversário, irmã... pode me perdoar? Mas terei um presente para você no Solstício.

— Você ter vindo hoje já é um presente maravilhoso, Darren. Romilly sentiu-se invadida pela angústia; amava Darren, mas Ruyven era o irmão a quem sempre fora mais ligada, enquanto Mallina e Darren sempre partilhavam tudo. E Ruyven não voltaria para casa, nunca mais. O ódio às Torres, que haviam arrebatado seu irmão, aflorou impetuoso. Ela teve de engolir em seco, reprimindo as lágrimas de raiva.

— O pai e Luciella estão no desjejum, Darren. Vamos subir para o terraço. Mande o coridom levar os alforjes para seu quarto.

Ela pegou a mão de Darren e começou a puxá-lo, mas ele virou-se para o estranho, que acabara de entregar seu animal a um cavaleiro.

— Primeiro, quero que conheça meu amigo. — Ele acenou para que o rapaz se aproximasse. — Alderic de Castamir, minha irmã mais velha.

Alderic era até mais alto do que Darren, os cabelos faiscando em tonalidades avermelhadas e douradas; os olhos eram cinzentos

como o aço, e profundos, sob uma testa alta. Vestia-se pobremente, um insólito contraste com a riqueza dos trajes de Darren, que se vestia suntuosamente, como o filho mais velho do Ninho dos Falcões, em belbute cor de ferrugem, adornado com um pêlo escuro. O manto do jovem Castamir estava bastante puído, como se o tivesse herdado do pai ou mesmo do avô, a orla de lã de coelho de chifres se desfazendo em alguns lugares.

Então ele fez amizade com um jovem mais pobre, com certeza o trouxe para cá porque o amigo não tem recursos para a viagem até sua casa nos feriados. Darren é sempre gentil. Romilly também foi gentil em sua recepção e havia uma insinuação de condescendência em sua voz quando disse:

— É bem-vindo, Dom Alderic. Vamos subir para nos juntar a meus pais no desjejum? Garin... — Ela chamou o intendente. — Providencie para que a bagagem de meu irmão seja levada para seu aposento e ponha as coisas de Dom Alderic no quarto vermelho, pelo menos por enquanto; a menos que Dama Luciella dê outras ordens, será melhor que ele fique perto dos aposentos de meu irmão.

— Vamos embora! — Darren passou o braço pelo de Romilly e puxou Alderic pela escada acima. — Não posso andar se você ficar pendurado em mim desse jeito, Rael... suba na nossa frente!

— Ele estava com saudade de você — explicou Romilly. — E.. .

Ela já ia falar no outro irmão, mas seria discutir problemas de família na presença de um estranho; ela e Darren teriam tempo suficiente mais tarde para confidências. Eles chegaram ao terraço e Darren foi envolvido pelos braços de Mallina, restando a Romilly apresentar Alderic de Castamir ao pai. O MacAran disse, com uma solene cortesia:

— Seja bem-vindo em nossa casa, rapaz. Um amigo de meu filho tem uma acolhida de amigo aqui. Tem algum parentesco com Valdrin Castamir de Highghart? Ele e eu estivemos na guarda do Rei Rafael, antes de seu abominável assassinato.

— Apenas distante, senhor. Não sabia que Lorde Valdrin foi morto e seu castelo destruído porque abrigou Carolin em seu caminho para o exílio?

O MacAran engoliu em seco visivelmente.

— Valdrin morto? Fomos companheiros e bredin, mas Valdrin sempre foi um tolo, como qualquer homem que se intromete nos assuntos dos grandes da terra.

Alderic declarou tensamente:

— Honro a memória de Lorde Valdrin por sua lealdade a nosso legítimo rei no exílio, senhor.

— Honra... — murmurou O MacAran, em tom amargo. — Honra de nada serve para os mortos e para todos os que envolveu nas brigas dos grandes; é uma grande honra para a esposa e os filhos, eu pergunto, morrer com a carne queimada até os ossos? Como se importasse para mim ou para qualquer outro homem sensato que grande asno mantém o trono aquecido com suas nádegas reais, enquanto homens melhores cuidam de sua vida?

Romilly percebeu que Alderic estava prestes a dar uma resposta brusca, mas ele controlou-se, fez uma reverência e não disse nada; não ofenderia seu anfitrião. Mallina foi apresentada a Alderic e sorriu afetada, enquanto Romilly observava com desdém — qualquer coisa vestindo culote, ela pensou, e Mallina de bom grado pratica suas tolas artimanhas femininas, até mesmo para esse maltrapilho refugiado político que Darren pegou em Nevarsin e trouxe para casa, sem dúvida para lhe proporcionar umas poucas boas refeições — ele parecia magro como uma vassoura, com certeza só comiam em Nevarsin mingau de bolotas e água fria!

Mallina ainda conversava com os dois jovens.

— E o pessoal de Picos Storn virá, assim como os filhos e filhas de Aldaran de Scathfell; durante todo o Festival do Solstício teremos festas e caçadas, um grande baile... — Ela desviou os olhos de pestanas compridas para Alderic. — Gosta de dançar, Dom Alderic?

— Tenho dançado muito pouco desde que era criança — respondeu Alderic. — E ultimamente dancei apenas as danças camponesas dos monges e noviços no inverno... mas esperava que me ensinassem outros passos, damisela.

Ele fez uma mesura para ela e depois para Romilly, mas Mallina se apressou em dizer:

— Oh, Romilly não dança com homens... sente-se mais à vontade nos estábulos e prefere que lhe falem de falcões e cavalos!

— Mallina, vá para suas aulas! — interveio Luciella, num tom que dizia claramente Cuidarei de você mais tarde, mocinha. — Deve perdoá-la, Dom Alderic, ela não passa de uma criança maldosa.

Mallina prorrompeu em lágrimas e saiu correndo da sala, mas Alderic sorriu para Romilly e disse:

— Também me sinto mais à vontade na companhia de falcões e cavalos do que das mulheres. Um dos cavalos que trouxemos de Nevarsin é seu, não é mesmo?

— Pertencia a... — Darren percebeu a carranca do pai e emendou: — ... a um parente nosso. Ele deixou-o em Nevarsin para nos ser devolvido.

Mas Romilly interceptou o olhar entre Darren e Alderic e compreendeu que o irmão confidenciara toda a história ao amigo. Até que ponto, ela especulou, já se espalhara o escândalo que o filho do MacAran rompera com a família e fugira para uma Torre?

— Romilly — disse o pai —, você não deveria estar na sala de aula com mestra Calinda?

— Prometeu-me uma folga no meu aniversário — Romilly lembrou à madrasta.

Luciella murmurou, de má vontade:

— Já que prometi... Acho que gostaria de passar o tempo com seu irmão. Está certo, se é o que deseja.

Ela sorriu para o irmão.

— Gostaria de lhe mostrar meu novo falcão verrin. ..

— Romilly treinou-o pessoalmente! — explodiu Rael, enquanto o pai franzia o rosto. — Quando Davin estava doente. Esperou a noite inteira até o falcão se alimentar e o mestre falcoeiro disse que o próprio pai não poderia ter feito melhor.. .

— Sua irmã fez o que você não faria, menino — disse O MacAran bruscamente. — Deveria tomar lições de habilidade e coragem com ela. Não seria melhor que ela fosse o menino e você a donzela, usando saias e passando os dias escrevendo e bordando dentro de casa.. .

Darren corou até as raízes dos cabelos.

— Não escarneça de mim diante de meu amigo, pai. Farei o máximo de que sou capaz, eu lhe prometo. Mas sou como os deuses me fizeram, e nenhum outro. Um coelho de chifres não pode ser um cavalo de guerra, e se tornará apenas motivo de riso se tentar.

— É isso o que aprendeu com aqueles abomináveis monges?

— Eles me ensinaram que sou o que sou — respondeu Darren, enquanto Romilly via lágrimas em seus olhos.—E no entanto, pai, estou aqui à sua disposição, para fazer o melhor que posso, por menos que seja.

Romilly pôde ouvir, tão claro como se o nome proibido tivesse sido pronunciado: Não é minha culpa que eu não seja Ruyven e também não é minha culpa que ele tenha ido embora.

O MacAran cerrou os dentes e Romilly compreendeu que ele também ouvira as palavras proibidas.

— Leve seu irmão para a casa dos falcões, Romy, mostre-lhe seu animal. Talvez ele fique envergonhado e tente imitar o que uma garota pode fazer.

Darren abriu a boca para falar, mas Romilly cutucou-o nas costelas, como a dizer — Vamos sair daqui enquanto podemos, antes que ele diga coisa pior. E Darren limitou-se a murmurar:

— Vamos embora, Alderic, a menos que os falcões o aborreçam. Dizendo alguma coisa cortês e neutra, Alderic fez uma reverência para O MacAran e Dama Luciella e depois desceu com eles. Durante os últimos dias Preciosa fora colocada entre os falcões já treinados. Com movimentos suaves, Romilly pôs a luva e pegou o pássaro, depois se aproximou dos dois rapazes.

— Esta é Preciosa — disse ela, orgulhosa. — Não quer segurá-la um momento, Darren, enquanto eu pego as iscas e linhas? Ela precisa aprender a suportar outra mão e outra voz...

Mas quando ela se aproximou, Darren recuou, num movimento sobressaltado. Romilly, sentindo como o medo no irmão reverberava na mente do pássaro, concentrou sua atenção em acalmar Preciosa, afagando-a com uma pena. E disse, não em tom de censura, mas tão absorvida no que fazia que não parou para pensar na maneira como suas palavras soariam para outra pessoa:

— Nunca se mexa tão depressa perto de um falcão. .. devia saber disso! Vai assustá-lo... dá até para pensar que tem medo dele!

— Acontece apenas.. . não estou acostumado a ficar tão perto de algo tão grande e feroz — murmurou Darren, mordendo o lábio.

— Preciosa feroz! Ora, ela é tão gentil quanto um cachorrinho!
— exclamou Romilly, incrédula. Ela chamou o aprendiz do mestre falcoeiro. — Traga as iscas, Ker. ..

Quando ele as trouxe, Romilly examinou-as, franzindo a testa e torcendo o nariz.

— É isso o que tem para os outros falcões? Acha que são comedores de carniça? Ora, um cachorro recusaria essa comida com nojo! Dei ordens para que Preciosa recebesse carne fresca, até camundongos, se nada melhor estivesse disponível na cozinha, mas nada tão velho e repulsivo quanto isto.

— É o que Davin reservou para os pássaros, Ama Romilly. Romilly abriu a boca para proferir a crítica que ele merecia, mas antes que qualquer som saísse o falcão em seu pulso esvoaçou furiosamente e ela compreendeu que sua ira contagiava a mente de Preciosa. Ela respirou fundo e disse calmamente:

— Terei uma conversa com Davin. Não pediria a nenhum falcão decente para se aumentar com esta porcaria. Por enquanto, vá buscar uma carne recém abatida para meu falcão; se não for possível um pombo, pegue então um cachorro e providencie um rato ou camundongo.

Darren recuara diante do frenético bater de asas, mas comentou, enquanto Ker se afastava para cumprir a ordem:

— Vejo que cuidar do falcão pelo menos lhe proporcionou algum controle do temperamento e da língua, Romy... foi bom para você.

— Gostaria que o pai concordasse com isso — disse Romilly, ainda afagando o falcão com a pena, tentando acalmá-lo. — Mas os pássaros são como bebês, captam as emoções daqueles que os tratam. Acho que não passa disso. Esqueceu quando Rael era bebê, aquela babá que Luciella arrumou para ele.. . não consigo lembrar seu nome agora — Marja, Moyra, alguma coisa parecida — Luciella teve de mandá-la embora porque o filho mais velho da mulher

morreu afogado e ela chorava sempre que via Rael, deixando-o com cólica. Foi nessa ocasião que Gwennis veio para cá...

— Não, é mais do que isso — disse Alderic, enquanto saíam da escuridão da casa dos falcões para o pátio ladrilhado. — Há um laran famoso e apareceu primeiro, pelo que me informaram, entre as famílias Delleray e MacAran; a empatia com falcão, cavalo e pássaro-sentinela... era para isso que os treinavam, durante a guerra no tempo do Rei Felix. Na família Delleray estava ligado a algum gene letal e acabou desaparecendo, mas os MacAran possuem o dom há gerações.

Darren comentou, com um sorriso apreensivo:

— Eu lhe peço, meu amigo, que não fale em laran tão livremente quando meu pai estiver perto para ouvir.

— Ele é daqueles que falam da flor da noz-doce porque os flocos de neve estão frios demais? — indagou Alderic, sorrindo. — Durante toda a minha vida ouvi falar dos cavalos treinados pelo MacAran como os melhores do mundo, e Dom Mikhail é sem dúvida um dos mais notáveis dos Lordes MacAran. Conhece com certeza os dons e o laran de sua casa.

— Ainda assim, ele não quer ouvir a palavra — explicou Darren. — Desde que Ruyven foi embora para a Torre. Não o culpo, embora alguns possam dizer que sou o ganhador pelo que Ruyven fez... Romilly, agora que o pai não está presente, posso lhe contar, e você transmitirá secretamente a Mallina; acho que Rael ainda é muito pequeno para guardar o segredo, mas use seu julgamento. Recebi uma carta de Ruyven no mosteiro; ele está bem, adora o trabalho que faz e sente-se feliz. Envia seu amor e um beijo para todos, pede-me para falar dele com o pai outra vez, quando achar que o momento é oportuno.

— O que só vai acontecer quando maçãs e frutas-pretas crescerem nos penhascos gelados de Nevarsin — murmurou Romilly. — Esteve lá, sabe o que ele sente. ..

Darren sacudiu a cabeça.

— Não, irmã, não sou telepata como você, embora percebesse que ele estava furioso. ..

Romilly fitou-o com uma expressão de incredulidade.

— Não é capaz de ouvir uma coisa se não for falada em voz alta? É cego mental como o burro estúpido que monta?

A lenta cor, o vermelho da vergonha, espalhou-se pelo rosto de Darren, enquanto ele baixava os olhos.

— Isso mesmo, irmã.

Romilly fechou os olhos, como se evitasse olhar para uma gritante deformidade. Nunca soubera ou adivinhara isso, sempre pensara que todos os irmãos partilhavam o dom que encarava como certo antes mesmo de saber o que era. E foi com alívio que se virou para Davin, que se aproximava pelo pátio.

— Foi você, velho amigo, quem deu ordens para alimentar os falcões com sobras da cozinha, que nem mesmo são frescas?

Ela apontou para a panela com o refugo repulsivo; Davin pegou-a, farejou desdenhoso.

— Aquele garoto preguiçoso trouxe isto? Ele nunca conseguirá se tornar um falcoeiro! Mandei-o buscar alimento mais fresco na cozinha, mas Dama Luciella diz que não se pode mais abater aves para isca dos falcões. Não duvido que Ker fosse preguiçoso demais para pegar camundongos. Mas pode deixar que providenciarei alguma coisa fresca para exercitar seu falcão, Ama Romilly.

— Posso tocá-lo? — Alderic tirou a pena da mão de Romilly e afagou o peito do falcão. — Ele é mesmo lindo. Os falcões verrin não são fáceis de manter, e olhe que já tentei muitas vezes. Sem sucesso, a menos que tenham sido chocados no cativeiro. E este é um pássaro selvagem? Quem o treinou?

— Fui eu, e ainda estou trabalhando; até agora, não o deixei voar livre.

Romilly sorriu timidamente da expressão de espanto de Alderic.

— Você o treinou? Uma moça? Mas por que não? Afinal, é uma MacAran. Na Torre em que residi por algum tempo havia mulheres que domavam e faziam voar os falcões verrin capturados; e costumávamos dizer, a uma que teve um sucesso notável com um falcão: Você possui a mão de um MacAran com um pássaro...

— Isso significa que há MacAran nas Torres? — indagou Romilly. -Não sabia que havia MacAran entre seus muros até que meu irmão foi para lá. ..

— O dito já era conhecido no tempo de meu pai no tempo de meu avô... o dom de um MacAran. — A palavra que Alderic usou não era a que se falava nas Colinas Kilghard, laran, as a expressão antiga, donas. — Mas seu pai não está satisfeito por ter um filho na Torre? A maioria das famílias das montanhas ficaria orgulhosa.

O sorriso de Darren era amargurado.

— Não tenho o dom para trabalhar com animais.. . e bem pouco talento para qualquer outra coisa, a não ser aprender. Não tinha importância enquanto Ruyven era o herdeiro de meu pai; eu estava destinado ao mosteiro e sentia-me feliz com a Irmandade. Agora, ele tentará até martelar este prego torto no lugar que meu irmão deixou vago...

— Não tem um terceiro irmão? — perguntou Alderic. — Aquele menino que recebeu você é nedestro ou tão retardado que seu pai não pode criá-lo... Rafael, Rael, como quer que o tenha chamado.. . para ser o Lorde do Ninho dos Falcões? Ou, vendo o que Ama Romilly é capaz de fazer...

O sorriso foi generoso e Romilly corou, mas Darren disse, amargurado:

— Não conhece meu pai...

Ele não disse mais nada e Romilly ficou refletindo a respeito; quer dizer que parecia razoável para Alderic que ela podia até tomar o lugar de Ruyven no Ninho dos Falcões?

— Trouxe carne fresca para seu falcão, Ama Romilly — informou Davin, entrando no estábulo. — Uma das cozinheiras tinha acabado de matar uma ave para o jantar e deixou-me ficar com as entranhas. Dei ordens para que os restos mais frescos de cada dia fiquem à sua disposição pela manhã. Aquele lixo que Ker trouxe era do dia anterior, uma das cozinheiras tinha guardado para os cães. Ele estava ocupado demais olhando as moças na cozinha para pedir carne fresca. Aquele ali nunca dará um falcoeiro. Juro que eu o trocaria por um sekal e começaria a ensinar o pequeno Amo Rael a cuidar dos pássaros. Romilly soltou uma risada.

— Luciella não ficaria nada feliz. Mas ponha Ker para alimentar os porcos ou cuidar dos canis. Deve haver alguém na propriedade com algum senso dos falcões.

Darren sorriu tristemente.

— Experimente o menino Ganis, filho de Nelda. Ele foi concebido no Festival e há muitos rumores sobre quem foi o pai. Se ele for bom para os animais, atrairá a atenção de meu pai, o que deixará Nelda muito orgulhosa. Sugerir uma vez que ele partilhasse as lições com Rael e nossa grande Dama Luciella teve um ataque. .. era de se pensar que eu sugerira que o garoto dos porcos jantasse em nossa mesa.

— Já devia saber que Luciella ouve apenas aquilo que quer ouvir — comentou Romilly. — Talvez ela pensasse que a bastardia é como as pulgas, contagia.. .

Ela mexeu nas cordas e iscas, um pouco atrapalhada com o peso de Preciosa no pulso.

— Não pode segurá-la por um momento, Darren? Se não pode, então por caridade prenda a carne na isca.. . ela está sentindo o cheiro e não demora muito a ficar frenética!

— Eu posso ficar, se quiser me confiar seu falcão. — Alderic estendeu o braço. — Quer vir comigo, minha linda?

Com todo cuidado ele passou o nervoso falcão do braço de Romilly para o seu, e depois acrescentou:

— Como é mesmo que a chamou? Preciosa? E você é mesmo preciosa, não é?

Romilly observou ciumenta enquanto o falcão encapuzado se ajeitava confortavelmente no pulso de Alderic; mas Preciosa parecia satisfeita e ela concentrou-se em prender a carne na linha. Era preciso evitar que o falcão a abocanhasse muito depressa e obrigá-lo a comer no chão, como um bom falcão de caça deve aprender a fazer. Os falcões mal treinados tendiam a arrebatam a comida da isca em pleno ar, o que em nada contribuía para lhes ensinar a prática da caça. Deviam aprender a levar a presa para seu dono e esperar até que a carne fosse oferecida por sua mão.

— Dê-me essa linha e isca — disse Darren. — Se não sou capaz de fazer mais nada, pelo menos posso arremessar a isca.

Romilly atendeu-o, com evidente alívio.

— Obrigada... você é mais alto do que eu, pode jogar mais longe.

Ela tornou a pegar Preciosa em seu pulso. Com a outra mão, removeu o capuz da cabeça, depois ergueu o braço para deixá-la voar. Puxando a corda, o falcão subiu cada vez mais alto; ao alcançar o ponto máximo, Romilly viu-a virar a cabeça e avistar a isca voando e zunindo. No mesmo instante, com as asas dobradas, Preciosa mergulhou a toda velocidade para a isca, agarrando-a com o bico e as garras e indo pousar aos pés de Romilly. Romilly soprou o apito estridente que o falcão estava aprendendo a associar com comida. Recolheu Preciosa na luva e soltou a carne da isca.

Preciosa curvou-se tão depressa para a comida que pulou para o lado no braço de Romilly, as garras se contraindo dolorosamente no antebraço da jovem, além da luva. O sangue esguichou, manchando o vestido. Romilly cerrou os lábios e não gritou, mas Darren se manifestou bruscamente ao ver a mancha vermelha espalhar-se pelo tecido azul.

— Oh, irmã!

Preciosa, sobressaltada com o grito, perdeu o equilíbrio e caiu, bateu as asas meio desajeitada, atingindo o rosto de Darren. Romilly inclinou-se para pegar o falcão, mas Darren soltou outro grito, em pânico, levantou as mãos para afastar o bico e as garras, perigosamente próximos de seu rosto. A esse novo grito, Preciosa tornou a vacilar e voou para cima, soltando um grito estridente de raiva ao final da linha. Os dentes cerrados, Romilly sibilou num sussurro:

— Maldição, Darren! Ela poderia ter quebrado os voadouros! Não sabe que não se pode ter movimentos tão bruscos junto de um falcão? Saia daqui antes de assustá-la ainda mais!

— Mas. .. mas. .. mas você está sangrando! — balbuciou Darren.

— E daí? — indagou Romilly asperamente, empurrando o irmão com um gesto rude e assoviando baixinho e persuasiva para Preciosa. -Seria melhor trazer Rael para cá, seu insensato! Saia daqui!

— E é isso o que tenho como um filho e herdeiro — comentou O MacAran, amargurado.

Ele estava parado na porta, observando os três jovens, sem ser visto. A voz, mesmo na raiva, soou baixa, pois sabia que não se devia alteá-la perto de um pássaro assustado. Permaneceu em silêncio, olhando com as sobrancelhas franzidas, numa expressão carrancuda, enquanto Romilly fazia o falcão baixar para seu pulso e desembaraçava as linhas.

— Não se envergonha, Darren, em ficar de lado enquanto uma menina leva a melhor sobre você no que deveria se manifestar por instinto em qualquer filho meu? Se eu não conhecesse sua mãe tão bem, poderia jurar que foi gerado por algum mendigo das estradas que passou por aqui... Portador dos Fardos, por que oprimiu minha vida com um filho tão inapto para o seu lugar?

Ele agarrou Darren pelo braço e puxou-o para o interior da casa dos falcões; Romilly ouviu Darren gritar e seus dentes se comprimiram contra o lábio, como se o golpe tivesse acertado em seus próprios ombros.

— Saia agora e tente se comportar como um homem, nem que seja por uma vez! Pegue aquele falcão. .. não, não aquele, pois tem mãos que parecem enormes pernis, apesar de tanto que escreve! Pegue aquele gavião ali e exercite-o com uma isca. E não tente se esquivar ou lhe darei uma surra e o mandarei para à cama a pão e água, como se fosse da idade de Rael!

O rosto de Alderic estava muito pálido e os dentes cerrados, mas ele baixou os olhos para as mãos e não disse nada. Romilly, fazendo grande esforço para manter a calma — não havia sentido em transtornar Preciosa outra vez -, tornou a prender carne na isca. Ainda em silêncio, Alderic pegou a linha e começou a girá-la por cima da cabeça. Romilly observou Preciosa alçar vôo. Os dois tentavam ignorar Darren, o rosto vermelho e inchado, tentando meio desajeitado desencapuzar um falcão estranho no outro lado do pátio. Era tudo o que podiam fazer por Darren agora.

Romilly pensou: Pelo menos ele está tentando. Talvez isso seja mais bravo do que minha atitude ao desafiar o pai; eu tinha o dom, fazia apenas o que é natural para mim, enquanto Darren, obedecendo, vai contra tudo o que é natural para ele. . E ela sentiu a garganta apertar, como se fosse chorar, mas tratou de reprimir as

lágrimas. Isso não ajudaria Darren. Nada o ajudaria, exceto tentar dominar seu próprio nervosismo. E em algum lugar no seu íntimo não pôde evitar uma pequena pontada de desprezo. .. como ele podia se atrapalhar com uma coisa que era tão fácil e simples?

Capítulo Quatro

Romilly não viu os primeiros convidados chegarem para o Festival do Solstício do Verão; o dia amanhecera claro e brilhante, o sol vermelho erguendo-se por cima de uma simples insinuação de nuvem no horizonte. Durante três dias não houve neve nem chuva, e por todo o pátio as flores desabrochavam. Ela sentou na cama, muito excitada: hoje deixaria Preciosa voar livre pela primeira vez.

Era o teste final e angustiante para falcão e treinador. Acontecia com muita frequência, quando libertado pela primeira vez, o falcão subia pelo céu, voava pelas nuvens violetas... e nunca mais voltava. Ela confrontou a possibilidade: não suportaria perder Preciosa agora, mas sabia que isso podia acontecer com um pássaro capturado selvagem.

Mas Preciosa voltaria, Romilly estava confiante. Ela tirou a camisola e vestiu-se para a caçada; a madrasta mandara que seu novo traje de veludo verde fosse deixado pronto no aposento, sedutor, mas ela pôs a camisa e uma túnica velha, um culote de Darren. Se o pai ficasse zangado, então que ficasse; ela não estragaria a primeira caçada de Preciosa com a preocupação se o pássaro avistaria ou não o traje de veludo.

Ao sair para o corredor, Romilly tropeçou numa cesta junto à porta; era o tradicional presente de Solstício do Verão dos homens da família para as mães, irmãs, filhas. O pai era sempre generoso. Levou a cesta para dentro do quarto e vasculhou-a à procura da maçã inevitável e dos doces que sempre havia também, guardando alguns nos bolsos que precisaria para a caçada. Pensou por um instante e pegou mais alguns, para Darren e Alderic. Havia uma segunda cesta na porta; seria de Darren? E uma terceira, pequena, com tiras de papel coladas, meio sem jeito, que vira Rael tentando esconder na sala de aula. Romilly sorriu, indulgente, pois continha um punhado de nozes, que sabia que o irmão menor guardara de suas próprias sobremesas. Como ele era maravilhoso, seu irmãozinho! Por um momento sentiu-se tentada a convidá-lo a participar também daquela incursão especial, mas refletiu por um

minuto, suspirou e decidiu que era melhor não se expor à ira da madrastra. Providenciaria alguma coisa especial para Rael depois.

Romilly desceu pelo corredor em silêncio e foi se encontrar com Darren e Alderic, que esperavam na porta da frente, com os cães lá fora — afinal, há muito que amanhecera. Os três jovens caminharam para o estábulo.

— Avisei ao pai que sairíamos para caçar ao amanhecer — disse Darren. — Ele lhe deu permissão para montar seu cavalo, se quiser, Alderic.

— Ele é generoso — murmurou Alderic, encaminhando-se para o falcão.

— Qual você vai levar, Darren? — perguntou Romilly, ajeitando Preciosa em seu pulso.

Darren, fitando-a com um sorriso, respondeu:

— Creio que sabe, irmã, que não sinto o menor prazer em falcões. Se o pai me ordenasse para exercitar um dos seus pássaros, eu obedeceria; mas por causa do feriado talvez ele se abstenha de me dar essa ordem.

Seu tom era tão amargurado que Alderic virou-se e sugeriu:

— Acho que ele tenciona ser gentil, bredu.

— Tenho certeza disso.

Mas Darren não levantou a cabeça enquanto atravessavam o estábulo, a caminho de onde os cavalos esperavam, já prontos.

Romilly pôs Preciosa num poleiro, enquanto selava seu cavalo. Não ordenaria que qualquer homem desobedecesse às ordens de seu pai, mas também não montaria numa sela feminina naquele feriado. Se o pai decidisse puni-la, aceitaria o castigo que ele escolhesse.

Foi puro êxtase montar outra vez num cavalo com trajes apropriados, sentindo o vento frio da manhã contra o rosto e Preciosa à sua frente na sela, encapuzada mas alerta. Podia sentir um fluxo de percepção do pássaro, transbordando de emoções, que Romilly não podia identificar. . não chegava a ser medo, como ela viera a conhecê-lo, também não era inteiramente de excitação, mas podia constatar, com enorme alívio, que não havia a raiva terrível que sentira quando começara a treinar o falcão. As nuvens

se dissiparam enquanto se embrenhavam pelas colinas, e sob os cascos dos cavalos só podia se ouvir os menores sons da geada.

— Para onde vamos, Darren? — perguntou Alderic. — Você conhece estas colinas.

Darren soltou uma risada.

— Pergunte a Romilly, não a mim, meu...

Ele parou de falar abruptamente e Romilly, levantando os olhos do falcão, interceptou o olhar severo, quase de advertência, que Alderic lançou para o homem mais jovem. Darren apressou-se em acrescentar:

— Minha irmã conhece mais estas colinas e os falcões do que eu, Lorde Deric.

— Acho que é melhor seguirmos por ali — disse Romilly. — Vamos para o mais distante pasto dos cavalos, onde poderemos fazer os pássaros voarem e ninguém nos incomodará. E há sempre pequenas aves e pequenos animais nas moitas.

Avistaram o pasto do alto de uma elevação, uma larga extensão de relva verde na encosta de uma colina, pontilhada aqui e ali por espinheiros e moitas diversas. Alguns cavalos pastavam a relva, verde com o verão, os campos e moitas cobertos por plnhados de flores silvestres azuis e amarelas. Insetos zumbiam por toda parte; os cavalos ergueram a cabeça numa inquirição de alerta, mas nada avistaram que pudesse perturbá-los, e continuaram a pastar calmamente. Uma potrinha virou a cabeça, viu-os e se aproximou correndo, sobre as pernas compridas e finas. Romilly riu, saltou de seu cavalo e foi acariciar a potrinha, que mal alcançava seus ombros.

— Esta é Anjo — ela disse aos dois rapazes. — Nasceu no inverno passado e eu a alimentava com pedaços de maçã... não, Anjo, essa é a minha comida!

Romilly deu um tapinha no focinho da potrinha, afastando-a de seu bolso. Mas logo se condeou, pegou a faca e cortou um pedaço da maçã para Anjo.

— E agora já chega, ou vai ficar com dor de barriga.

Como se aceitasse sua palavra, a potrinha afastou-se trotando.

— Vamos logo embora ou o velho Ventania virá para cima da gente — acrescentou Romilly, rindo. — Ele veio pastar aqui. É um castrado velho demais para que as éguas lhe dêem alguma atenção, e os dentes estão muito cansados e quase não consegue pastar direito. O pai deveria tê-lo abatido nesta primavera, mas disse que ele deveria ter um último verão, esperaríamos até o inverno chegar. E Ventania será então despachado para o último repouso. Ele não seria capaz de aguentar outro inverno de muito frio com suas velhas juntas.

— Lamentarei se for encarregado de despachá-lo — comentou Darren. — Todos nós aprendemos a montar nele, parecia uma cadeira de balanço.

Ele fez uma pausa, contemplando com vaga tristeza o pônei idoso e quase cego que pastava a relva macia num canto do campo.

— Acho que o pai poupou-o porque ele foi o primeiro cavalo de Ruyven.. .

— Ele teve uma boa vida e terá um bom fim — disse Alderic. — Ao contrário dos homens, não se permite aos cavalos que vivam até se tornarem senis e meio loucos. .. se concedessem aos homens a mesma misericórdia, não haveria agora um rei usurpador no trono em Hali e. .. e o verdadeiro não estaria vagueando no exílio.

— Não estou entendendo — murmurou Romilly. Darren franziu o rosto, mas Alderic acrescentou:

— Não tem idade bastante para lembrar quando o Rei Felix morreu? Ele tinha mais de cento e cinquenta anos, um emmasca, muito velho e sem filhos; e há muito que perdera a razão, por isso procurou levar ao trono o filho mais velho de seu irmão mais moço, em vez do filho mais velho do irmão seguinte, que era o legítimo herdeiro. E por isso Lorde Rakhal, que adulava e enganava um rei idoso e senil e controlava todos os regentes com subornos e mentiras, um velho devasso de quem nenhuma mulher está a salvo, nem mesmo, pelo que se diz, o filho jovem de qualquer cortesão que deseja agradá-lo, está no trono dos Hastur em Hali. E Carolin e seus filhos vagueiam pelo Kadarin, à mercê de algum bandido ou salteador que queira ganhar os prémios oferecidos por suas cabeças

por nosso bondoso Lorde Rakhhal... pois nunca lhe concederei o nome de rei.

— Conhece o... rei exilado? Foi Darren quem respondeu:

— O jovem príncipe passou algum tempo com os monges em Nevarsin, mas fugiu quando chegou a notícia de que Lorde Rakhhal estava à sua procura.

— E apóiam o jovem príncipe e o... o rei no exílio? — indagou Romilly.

— Exatamente. Eles merecem todo o meu apoio. Se algum cortesão generoso aliviasse o velho Felix de sua vida, antes que se tornasse um fardo para ele próprio, Carolin reinaria agora em Hali como um rei justo, a cidade sagrada dos Hastur não estaria transformada... numa cloaca de sujeira e indecências, onde nenhum homem se atreve a clamar por justiça sem um suborno na mão e arrivistas e forasteiros brigam e dividem nossa velha terra entre eles!

Romilly ficou calada, nada sabia de cortes e reis, nunca estivera nem mesmo na cidade de Neskaya, ao pé das colinas, muito menos se embrenhara pelas terras baixas ou se aproximara do Lago de Hali. Estendeu a mão para o capuz de Preciosa e hesitou, resolveu conceder a Alderic a cortesia devida a um hóspede.

— Quer fazê-la caçar primeiro, senhor? Ele sorriu e sacudiu a cabeça.

— Acho que estamos tão ansiosos quanto você em descobrir como Preciosa vai reagir ao treinamento.

Com as mãos trêmulas, Romilly retirou o capuz da cabeça de Preciosa, observou o falcão distender as penas. Agora. Era o momento do teste, não apenas de seu controle sobre o falcão, mas também da aceitação do treinamento por Preciosa, de seu vínculo a ela. Romilly sentiu que não suportaria se aquele falcão que tanto amava, com quem passara tantas horas árduas e angustiadas, voasse para longe e nunca mais voltasse. Uma idéia aflorou em sua mente: É assim que o pai sente, agora que Ruyven foi embora? Mas não podia deixar de testar o falcão no vôo livre. Caso contrário ela seria apenas um pássaro domado numa gaiola, apático, trepado num poleiro, não um falcão caçador. De qualquer forma, sentiu as lágrimas lhe toldarem a visão quando levantou o pulso e viu o falcão

se equilibrar por um instante e depois voar livre, com uma única batida das longas asas.

Preciosa deu uma volta imensa e inclinada na direção do sol, e Romilly, a mente povoada por pensamentos ansiosos — ela voará direito, o longo período de inatividade afetou sua capacidade? — observou-a subir. E alguma coisa nela elevou-se com o falcão, sentindo a indescritível alegria do sol da manhã nas asas, a claridade ofuscando seus olhos, enquanto subia cada vez mais, pairava, subia... virava e se afastava com movimentos vigorosos das asas.

Romilly deixou escapar um longo suspiro. Preciosa fora embora, nunca mais voltaria...

— Creio que a perdeu — murmurou Alderic finalmente. — Lamento muito, damisela.

A perda e a angústia lutavam em Romilly com a participação no êxtase. Em vôo livre, alguma coisa nela se elevando com o falcão... e depois desaparecendo à distância. Ela sacudiu a cabeça. Se perdera o falcão, então nunca o possuía realmente. Ela pensou: Prefiro perdê-la a mantê-la presa a mim contra sua vontade. Por que o pai não pode perceber isso? Ela compreendeu que o pensamento era de Darren, por causa da amargura. Isso significava que ele não era um cego mental? Ou seria a telepatia errática, como a sua fora outrora, só aflorando raras vezes, e quando ela estava profundamente comovida... a sua se fortalecera apenas quando começara a trabalhar com animais, mas Darren não tinha esse dom...

Então Preciosa estava livre e tudo não passara de uma ilusão. Podia muito bem ficar sentada em casa, quietinha, cuidar de seu bordado, pois fora em vão seu esforço de frequentar a casa dos falcões, tentando trabalhar com os pássaros como um homem.. .

E foi nesse instante que teve a sensação de que seu coração ia parar. Pois em meio à angústia infinita pela perda, um fio de percepção se insinuou, voando alto, o mundo estendendo-se lá embaixo como um dos mapas em seus livros escolares, só que colorido e definido com toda nitidez, contemplando com uma visão mais aguçada do que a sua, com vislumbres de vida surgindo aqui e ali, pequenos pássaros em vôo, pequenos animais na relva...

Preciosa! O falcão ainda mantinha contato, o falcão não voara para longe! Darren disse alguma coisa, ela não ouviu. Mas as palavras de Alderic penetraram em sua mente:

— Não desperdice a voz, bredu, pois ela não pode ouvi-lo. Está com o falcão.. .

Romilly continuou na sela, com o hábito automático, empertigada, silenciosa; mas a parte real de seu ser voava alto sobre o pasto, com uma fome intensa, no êxtase do vôo. Com um alerta sobrenatural, a visão e todos os sentidos aguçados, percebendo a vida dos pequenos pássaros, a tal ponto que estalou os lábios, quase riu, quase rompeu o contato com aquele absurdo, mas a fome irresistível prevaleceu subitamente, um desejo quase sexual em seu ímpeto... e mergulhou, desceu com as asas compridas em movimento, o bico golpeando, o sangue esguichando em sua boca, numa repentina explosão de vida e morte. ..

E continuou descendo, numa intensa vibração. Ainda restava a Romilly consciência suficiente para manter o pulso firme como uma rocha, sob o brusco impacto de um falcão com sua presa. Sentiu as lágrimas escorrendo pelas faces, mas não havia tempo para a emoção agora: a faca estava em sua outra mão e cortou a cabeça, a mão guardou sua parte do coelho decapitado na bolsa, e toda sua percepção se alimentava com o falcão voraz da outra parte. Alderic soltara seu falcão, mas Romilly nem tomou conhecimento, chorava abertamente agora, de amor e alívio, enquanto ajeitava o capuz na cabeça de Preciosa.

Seu falcão voltara. E voltara por livre e espontânea vontade, renunciara à liberdade pela servidão e pelo capuz. Romilly fez um esforço para reprimir as lágrimas, enquanto afagava o falcão com a pena. Percebeu que suas mãos tremiam.

O que eu fiz para merecer isso? Como posso me mostrar digna? Um ser selvagem renunciou à sua liberdade por mim... o que posso fazer para me tornar digna desse dom?

Mais tarde, eles comeram as maçãs e os doces que Romilly trouxera, antes de voltarem ao Ninho dos Falcões, à claridade cada vez maior. Ao se aproximarem do pátio, avistaram cavalos estranhos sendo desencilhados, um deles com o pendão de Aldaran de

Scathfell. Compreenderam que o hóspede de linhagem mais alta já chegara. Alderic perguntou, preocupado:

— O velho Gareth ainda é o Lorde de Scathfell?

— Ele não é velho, senhor — respondeu Romilly — Gareth de Scathfell não tem mais que quarenta e nove anos.

Alderic parecia aliviado e Romilly interceptou um olhar inquisitivo que Darren lhe lançou. Alderic explicou bruscamente:

— Talvez eu o conheça de vista.

— Não confia nas leis da...

Darren não foi adiante, franzindo o rosto na direção de Romilly. Inclinando a cabeça sobre o falcão, ela pensou: Eles pensam que sou uma tola? Precisaria ser surda, cega e muda, e cega mental ainda por cima, para não perceber que ele é um aliado de Carolin no exílio, talvez mesmo o próprio jovem príncipe. E sei tão bem quanto ele por que meu pai não pode tomar conhecimento disso.

— O velho Gareth morreu há três invernos e já estava meio cego, senhor — disse Darren. — Todo o pessoal de Scathfell estará aqui, Romilly?

Romilly, aliviada porque o momento de tensão passara, começou a relacionar os filhos e filhas crescidos do senhor de meia-idade de Scathfell; o herdeiro era outro Gareth ("Mas todos os chamam de Garris, à moda das terras baixas", ela acrescentou).

— Dom Garris não está casado, já enterrou três esposas; creio que ele ainda está na casa dos trinta anos, mas parece mais velho e é coxo, com uma doença que consumiu a perna dele.

— E você não gosta dele — comentou Alderic, arrancando um sorriso malicioso de Romilly.

— Como pôde adivinhar, Lorde Alderic? É verdade. Ele está sempre encurralando as moças nos cantos, chegou a apalpar Mallina no ano passado, quando ela ainda não passava de uma criança. ..

— O velho bode depravado! — explodiu Darren. — O pai soube disso?

— Ninguém queria uma briga com os vizinhos. Luciella limitou-se a dizer a Mallina e a mim que nos mantivéssemos longe dele, se pudéssemos fazê-lo sem sermos grosseiras. Há também Dom Edric, que é cego, e sua esposa Ruanna, que cuida dos livros da

propriedade tão bem quanto qualquer homem. E há ainda os gémeos, Cathal e Cinhil, que também não são jovens... têm a idade de Ruyven, vinte e dois anos. E a esposa de Cathal, que foi uma das minhas amigas de infância... Darissa Storn. Cinhil não é casado e o pai uma vez falou em promover nosso noivado, mas não deu em nada, o que alegrou meu coração. .. Não gostaria de viver em Scathfell, aquele lugar é como um covil de bandidos! É verdade que eu não me importaria em ficar perto de Darissa e Cinhil é bastante simpático. ..

— Parece-me que ainda é muito jovem para casar — comentou Alderic.

Darren riu.

— As mulheres casam jovens por aqui e Romilly tem quinze anos. E, não duvido, ela está ansiosa em ter sua própria casa, livrar-se da orientação de Luciella. Como é mesmo aquele ditado antigo? Onde duas mulheres reinam sobre uma lareira, o teto acabará queimando com as faíscas voando... Mas acho que o pai pode conseguir algo melhor para Romilly do que um filho mais jovem, um quarto filho ainda por cima. Melhor ser uma dama numa cabana do que uma serva num castelo. Quando Dom Garris casar de novo. .. ou se o velho Scathfell tomar uma esposa... a mulher de Cinhil ficará em posição inferior, não muito melhor do que as criadas entre si. Darissa era bonita e alegre quando casou, agora parece dez anos mais velha do que Cathal, e está desfigurada de gerar filhos.

— Não estou com pressa de casar — declarou Romilly. — E acho que há homens em quantidade suficiente nestas colinas. Manfred Storn é o herdeiro dos Picos Storn e mais ou menos da idade de Darren. Assim, quando eu tiver idade suficiente para casar, é provável que o pai fale com o velho Lorde Storn. O pessoal dos Penhascos Altos também virá e também tem filhos e filhas solteiros. É possível que Rael ou eu casemos nessa família. — Ela deu de ombros. — Mas que importância isso tem, no final das contas? Todos os homens são iguais.

Alderic riu.

— Por essas palavras sei como é jovem Ama Romilly. .. Espero que seu pai não procure casá-la até ter idade suficiente para

distinguir entre um homem e outro, ou pode despertar um dia e descobrir que está casada com o último homem no mundo que gostaria de ter como marido. O sol está alto e sua madrasta falou alguma coisa sobre um jejum do Festival.. . e pude sentir o aroma das cozinheiras preparando pão condimentado quando passamos pela cozinha!

Romilly só torcia agora para que conseguisse subir ao seu quarto sem ser observada a fim de tomar um banho e trocar de roupa antes da refeição festiva. Virando uma esquina no corredor, porém, quase esbarrou num homem alto, pálido, meio gordo, cabelos claros, que saía da enorme sala de banho, com suas banheiras de água quente alimentadas por fontes vulcânicas. Ele estava envolto por um roupão largo, os cabelos úmidos e desgrenhados; era evidente que estivera de molho na água quente para se livrar da fadiga da viagem. Romilly fez uma mesura polida como fora ensinada, depois lembrou-se que estava de culote... maldição! Se tivesse continuado sem a reverência, ele poderia tomá-la por um menino que trabalhava no castelo, cumprindo alguma missão. Em vez disso, o rosto pálido e flácido contraiu-se num sorriso.

— Ama Romilly! — Seus olhos deslocaram-se pelas pernas compridas de Romilly. — Mas que prazer inesperado! Que par de pernas você tem, menina! E está.. . crescida...

Os pálidos olhos azuis fixaram-se nos cordões esticados da velha túnica, por cima dos seios cheios, antes que ele acrescentasse:

— Será um prazer dançar com você esta noite, agora que tive a satisfação de contemplar o que tantas mulheres escondem com o maior cuidado de seus admiradores.. .

Romilly corou; sentindo o calor nas faces, abaixou a cabeça e fugiu. Em meio ao calor escaldante que lhe queimava as orelhas, ela pensou, desesperada: Agora entendo o que Luciella estava querendo dizer que eu era grande demais para circular de culote. Parecia até que eu estava nua, pela maneira como ele me olhou. Durante toda sua vida andara com roupas do irmão, tão desprovida de inibição e vergonha como se fosse um rapaz; agora, sob os olhos lúbricos daquele homem, experimentava a sensação de que seu corpo fora

rudemente apalpado; os seios comichavam e havia uma estranha sensação abaixo da barriga. Ela foi se refugiar em seu quarto, o coração disparado. Encaminhou-se rapidamente para o lavatório, molhando o rosto quente com água fria, procurando esfriá-lo.

"Luciella estava certa. Oh, por que ela não me contou tudo?", especulou Romilly, angustiada. Depois compreendeu que não havia como falar a respeito, teria ignorado o aviso com uma risada, sem aquela experiência. As mãos ainda tremiam quando desfez os laços da túnica de rapaz, largou o culote no chão e, pela primeira vez em sua vida, contemplou-se no espelho, vendo seu corpo como o de uma mulher. Ainda era esguia, os seios mal haviam se tornado arredondados, os quadris eram pouco mais salientes que os de um menino, as pernas compridas eram de fato masculinas. Mas se algum dia eu usar de novo roupas de homem, ela pensou, cuidarei para que fiquem folgadas o suficiente para que eu pareça um menino.

Através do vidro da porta de ligação com o quarto de Mallina ela viu a irmã explorando suas cestas do Solstício do Verão. Ela também recebera três, o que fez Romilly voltar a examinar a cesta generosa do pai, que continha mais frutas e doces do que flores — O MacAran tinha uma visão bastante realista dos apetites das filhas, que eram tão gulosas quanto os meninos. Examinando agora a cesta menor, que pensara ser de Darren, descobriu que estava cheia de flores de jardim e de estufa, arrumadas com requinte, além de umas poucas frutas exóticas, que ele devia ter trazido de Nevarsin, uma vez que não cresciam nas proximidades do Ninho dos Falcões. Foi só então que viu o cartão e teve a maior surpresa ao lê-lo:

Não tenho irmã ou mãe para receber os presentes do Solstício do Verão; aceite isto, com a minha homenagem. Alderic, estudante. Mallina irrompeu no quarto.

— Ainda não se vestiu, Romy? Não podemos nos atrasar para a primeira refeição do Festival! Não vai usar seu vestido do feriado? Calinda está com a Mãe, pode abotoar o vestido nas costas para mim? Que lindas flores, Romy! As minhas são todas flores de jardim, embora haja um lindo cacho de uvas de gelo, tão doces quanto mel... sabe, eles deixam nas árvores em Nevarsin até congelarem,

como frutas vermelhas, depois tiram todo o azedume e ficam doces..
. Romy, quem você acha que ele é? Parece tão romântico... Acha que Dom Alderic está tentando cortejar uma de nós? Eu ficaria feliz de ser prometida a ele, é tão bonito e galante, como o herói de alguma história de fadas...

— Mas como você fala bobagens, Mally! — Apesar da censura, Romilly sorriu. — Acho que ele é um hóspede atencioso, nada mais do que isso; e com toda certeza também mandou uma cesta assim para a mãe.

— Domna Luciella não vai gostar — disse Mallina. — Ela ainda pensa que a Noite do Festival é um ritual pagão que não está à altura de uma boa cristoforo; repreendeu Calinda porque ela deixou Rael fazer as cestas do Festival, mas o pai disse que todos mereciam um feriado e uma desculpa era tão boa quanto qualquer outra para proporcionar aos camponeses um dia de lazer e alguns presentes bem merecidos, que deixaria Rael aproveitar o Festival enquanto ainda é criança... ele se tornaria um cristoforo tão bom quanto outro qualquer se fosse um bom menino e estudasse o Livro dos Fardos.

Romilly sorriu.

— O pai diz a mesma coisa todo Festival, desde quando posso me lembrar. E não duvido que ele goste do pão condimentado, os bolos doces de açafão e as frutas tanto quanto qualquer outro. Ele citou do Livro dos Fardos que não se pode negar a uma besta seu grão nem a um trabalhador seu salário e seu feriado. O pai pode ser um homem duro, mas é sempre justo com seus trabalhadores.

Ela abotoou o último botão do vestido e fez Mallina virar-se.

— Como você está linda, Mally! Mas é uma sorte que não tenha de usar esse vestido num dia normal... precisa de uma criada para ajudá-la a se vestir! É por isso que meu vestido do Festival é feito com laços, a fim de que eu possa colocá-lo sozinha.

Ela acabou de prender os punhos bordados da túnica inferior, enfiou a comprida e larga sobrepeliz pela cabeça, vermelhoferrugem e com borboletas bordadas, virou-se para que Mallina pregasse a trança no pescoço com o fecho de borboleta, que cobria recatadamente o decote do traje. Mallina virou-se para escolher uma flor para seus cabelos nas cestas.

— Não acha que esta rosa combina comigo? É rosa como meu vestido. .. oh, Romy, olhe só! — Ela soltou uma exclamação meio escandalizada. — Não viu que ele pôs uma flor dourada, uma dorilys, em sua cesta?

— E daí, tolinha? — indagou Romy, escolhendo a flor azul chamada kireseth para pôr na trança.

Mallina, porém segurou sua mão.

— Não, Romilly, não deve usar essa.. . Não conhece a linguagem das flores? O presente da flor dourada é.. . ora, é uma flor afrodisíaca, você sabe tão bem quanto eu o que significa quando um homem oferece uma dorilys a uma donzela...

Romilly corou, sentindo outra vez olhos lúbricos contemplando-a. Engoliu em seco. . Alderic também a olhara com a mesma ganância? Mas depois o bom senso voltou e ela disse, incisiva:

— Chega de bobagem. Ele é um estranho que não conhece os costumes das colinas, e isso é tudo. Mas se esse é o tipo de conversa entre as moças tolas, não usarei essa flor... o que é uma pena, pois é a mais linda de todas. Vamos, escolha-me outra flor para pôr na trança.

As irmãs desceram em toda sua elegância para a festa da família, levando com elas, como o costume determinava, as frutas de suas cestas para partilhar com o pai e os irmãos. A família estava reunida no vasto salão de jantar e não na pequena sala usada para as refeições normais. Domna Luciella recebia os convidados. Rael usava seu melhor traje e Calinda também estava com um vestido novo, escuro e austero como convinha à sua posição, mas bem-feito, não um refugio da família, puído e gasto; Luciella era uma mulher generosa, pensou Romilly, até mesmo com parentes pobres. Darren usava seu melhor traje, da mesma forma que Alderic, embora o seu fosse escuro, sombrio, como condizia com um estudante em Nevarsin, sem qualquer vestígio de cores e insígnias de família. Romilly especulou mais uma vez quem ele era e guardou para si mesma o pensamento que lhe ocorrera: que Alderic podia muito bem ser um dos homens do rei, exilado, talvez mesmo o jovem príncipe... não, ela não diria nada a ninguém, mas gostaria que Darren tivesse lhe confiado o segredo.

Gareth de Scathfell, como o homem de posição mais elevada na assembléia, recebera o lugar mais alto à mesa, geralmente reservado ao MacAran, que agora ocupava um assento mais baixo. Os jovens casais e homens e mulheres solteiros sentavam em mesa separada. Romilly viu Darissa sentada ao lado de Cathal e pensou em se juntar à amiga, mas a madrasta gesticulou para o lugar vazio à esquerda de Dom Garris. Romilly corou, mas não queria uma confrontação ali, naquele momento; foi ocupar o lugar indicado, mordendo o lábio e torcendo para que ele nada lhe dissesse na presença de seus pais.

— Agora, vestida como convém à sua beleza, está ainda mais adorável, damisela.

Isso foi tudo o que ele disse; as palavras eram absolutamente polidas, mas Romilly fitou seu rosto pálido com aversão e não respondeu. Mas, no final das contas, ele nada fizera, as palavras haviam sido bastante corteses, não tinha do que se queixar.

Havia todo tipo de iguarias, pois aquele era o desjejum e a refeição do meio-dia numa só; o banquete prolongou-se por algum tempo. Antes que os pratos fossem retirados, os músicos entraram e começaram a tocar. As cortinas haviam sido puxadas ao máximo para deixar entrar o sol do Solstício do Verão, as portas estavam escancaradas; os móveis na parte inferior do salão haviam sido removidos, abrindo espaço para a dança. Enquanto Darren conduzia a irmã para a primeira dança, como o costume determinava, ela ouviu a conversa na mesa alta sobre os homens enviados à procura do exilado Carolin.

— Nada significa para mim — disse O MacAran. — Não me interessa quem senta no trono, mas também não permitirei que meus homens sejam subornados para se tornarem caçadores de ladrões. Houve um tempo em que os MacArans reinavam aqui como se fosse um reino, mas também não podíamos fazer muito mais do que defender a propriedade pela força das armas. Não tenho o menor desejo de transformar minhas terras num acampamento armado, e os Hastur podem reinar como quiserem, mas tenho de condenar suas guerras fratricidas.

— Soube que Garolin e seu filho mais velho cruzaram o Kadarin — disse Lorde Scathfell. — Sem dúvida em busca de refúgio com meu primo de Aldaran... há um antigo ódio entre a família Hastur e os Aldaran.

O pai de Romilly contraiu a boca num sorriso torto.

— Ninguém é tão entusiasmado na caça aos lobos quanto o cão com sangue de lobo — comentou ele. — Os Aldaran não vieram há muito tempo do mesmo sangue dos Hastur?

— É o que dizem. — Lorde Scathfell acenou com a cabeça, uma expressão sombria. — Não dou muito crédito a todas aquelas histórias sobre os filhos dos Deuses... embora, os Deuses sabem, haja laran na linhagem de Aldaran, até entre meus próprios filhos e filhas, como também acontece em sua família. Não tem um filho numa Torre, Dom Mikhail?

O rosto do MacAran contraiu-se.

— Não por minha vontade ou desejo, nem mesmo com minha permissão. Não dou o nome de filho a quem vive entre os Hali'imyn! — Em seus lábios a palavra inofensiva soava como uma obscenidade; ele acalmou-se com grande esforço e acrescentou: — Mas isso não é conversa para um festival. Não quer dançar, milorde?

-

— Deixarei a dança para os mais jovens — respondeu Lorde Scathfell. — Mas leve sua dama para dançar, se quiser.

O MacAran virou-se respeitoso para Dama Luciella e levou-a para a pista de dança.

Depois da primeira dança cerimoniosa, os mais jovens reuniram-se para a dança dos círculos, todos os rapazes no círculo exterior, todas as jovens e as mulheres no interior. Não demorou muito para que a dança se tornasse bastante agitada e Romilly viu Darissa se afastar dos dançarinos, com a mão comprimida contra o flanco. Foi buscar um refresco para a amiga e sentou ao seu lado, conversando. Darissa usava a túnica folgada de uma mulher grávida, mas mesmo assim afrouxou os fechos e abanou-se; estava vermelha e ofegante.

— Não dançarei mais até a criança nascer — ela murmurou, comprimindo os dedos compridos contra o corpo inchado. — Acho

que ele também gosta de dançar e não vai parar de se mexer até a época da colheita, principalmente quando estou dormindo!

Cathal aproximou-se e inclinou-se solícito para a esposa, mas Darissa gesticulou para que ele voltasse a dançar.

— Vá dançar um pouco com os homens, meu marido. Ficarei sentada aqui, conversando com minha velha amiga... O que você tem feito, Romilly? Ainda não está prometida? Já tem quinze anos, não é mesmo?

Romilly balançou a cabeça. Estava chocada com a amiga, tão bonita e graciosa apenas três anos antes; agora, andava quase se arrastando, os seios pequenos inchados e pesados sob as rendas do vestido, a cintura enorme. Darissa tivera dois filhos em três anos e agora já esperava o terceiro! Como se lesse seus pensamentos, Darissa comentou, os lábios contraídos numa expressão amargurada:

— Não sou mais tão bonita quanto no tempo de donzela... Trate de aproveitar seu último ano de danças, Romilly, pois é provável que no próximo ano também esteja de lado, inchada com sua primeira criança; o pai de meu marido falou em casar você com Cinhil, ou talvez Mallina; ele a considera mais dócil, mais como uma dama.

Romilly murmurou, ainda chocada:

— Precisava ter outro filho tão depressa? Pensei que dois em três anos era suficiente...

Darissa deu de ombros e sorriu.

— Ora, as coisas são assim mesmo... Acho que este vou amamentar em meu próprio seio, em vez de entregá-lo a uma ama-de-leite, talvez não volte a engravidar este ano. Amo meus filhos, mas acho que três é suficiente por algum tempo...

— Seria mais do que suficiente para uma vida inteira! — exclamou Romilly, com a maior veemência.

Darissa riu.

— É o que todas dizemos quando somos jovens. Lorde Scathfell está satisfeito comigo porque já lhe dei dois filhos e espero que agora venha uma filha. Gostaria de ter uma menina... Mais tarde vou levá-la para conhecer meus filhos. São crianças lindas, o

pequeno Gareth tem cabelos vermelhos. Talvez ele venha a ter um laran, vire um mago para as Torres...

— E você gostaria que ele...? — murmurou Romilly. Darissa soltou outra risada.

— Claro que sim. A Torre Tramontana estaria disposta a recebê-lo, pois os Aldaran são do sangue dos Hastui dos tempos anteriores aos Cem Reinos. Os vínculos com Tramontana são antigos. — Ela baixou a voz. — Não teve mais notícias de Ruyven? É mesmo verdade que seu pai o repudiou?

Romilly balançou a cabeça e os olhos de Darissa ficaram arregalados; ela e Ruyven também haviam sido companheiros na infância.

— Lembro de um ano, no Solstício do Verão, em que ele me mandou uma cesta do Festival e usei o raminho de flores douradas que me deu de presente. Mas ao final daquele Festival o pai me prometeu a Cathal; temos sido bastante felizes e agora há nossos filhos... mas sempre penso em Ruyven, e ficaria muito contente se me tornasse sua irmã, Romilly. Acha que O MacAran a daria a Cinhil, se ele pedisse? Poderíamos então ser irmãs...

— Não sinto qualquer antipatia por Cinhil.

Interiormente, porém, Romilly se arrepiou, dali a três anos estaria como Darissa, gorda e sem fôlego, a pele manchada e o corpo disforme de procriar? E ela acrescentou, com toda sinceridade:

— A única coisa boa nesse casamento seria a possibilidade de me aproximar de você, mas não tenho a menor pressa em casar. Luciella diz que quinze anos ainda é muito jovem para assentar. Prefere que não casemos antes dos dezessete, ou mais. Não se põe uma boa cadela para gerar no primeiro cio.

— Oh, Romilly!

Darissa corou e as duas riram juntas, como crianças.

— Seja como for, trate de aproveitar a dança enquanto pode, pois esses dias acabarão muito depressa. Olhe, lá está o amigo de Darren, do mosteiro... Ele parece um monge em seu traje escuro. É um dos irmãos?

Romilly sacudiu a cabeça.

— Não sei quem ele é, apenas que é amigo de Darren e do clã Castamir.

Ela guardou as suspeitas para si mesma. Darissa comentou:

— Castamir é um clã Hastur. E me pergunto se ele veio para cá livremente. Pelo que ouvi dizer, eles estão com o velho rei. Seu pai está com Carolin ou apoia o novo rei?

— Não creio que o pai se interesse ou se importe com um rei ou outro — respondeu Romilly.

Antes que ela pudesse acrescentar mais alguma coisa, Alderic aproximou-se.

— Há uma dança de pares certos, Ama Romilly... gostaria de ser minha parceira?

— Importa-se de ficar sozinha, Darissa?

— Não. Tenho Cathal e pedirei a ele para me buscar um copo de vinho.

Romilly deixou que Alderic a conduzisse para junto dos outros dançarinos, seis pares... embora um fosse formado por Rael e Jessamy Storn, que tinha onze anos e era meia cabeça mais alta do que seu parceiro. Ficaram de frente uns para os outros e Darren e Jeralda Storn, no primeiro lugar da fila, começaram, de mãos dadas, circulando cada casal, nos complexos passos da dança. Quando chegou a vez de Alderic, ele entregou-se confiante às suas mãos, fortes, duras e quentes, muito diferentes das mãos de alguém que estuda, sempre macias, não como as dele, calejadas e firmes como as de um espadachim. Não é provável que ele seja um monge, pensou Romilly, logo se concentrando nas complexidades da dança, que ao final deixou-a na frente do irmão Darren e depois diante de Rael. Quando se encontrou por um instante com Cinhil, cruzando as mãos e circulando, ele apertou sua mão e sorriu, mas ela baixou os olhos e não retribuiu o sorriso. Então Lorde Scathfell tencionava casá-la com Cinhil ainda naquele ano, a fim de que ficasse gorda e inchada com um filho depois de outro, como Darissa? De jeito nenhum! Algum dia, ela suplinha, teria de casar, mas não com aquele rapaz tão rude, se pudesse evitar! Seu pai não tinha tanto respeito assim pelos Aldaran; e, além do mais, era apenas o Aldaran de Scathfell, não o Aldaran do Castelo Aldaran. Scathfell era o mais

rico e o mais influente dos vizinhos, mas O MacAran, pelo que ouvira dizer, já era um proprietário independente antes mesmo da fundação da cidade de Caer Donn!

A dança levou-a agora à presença de Dom Garris. Ele sorriu e também apertou sua mão; Romilly corou, mantendo suas mãos frias e rígidas contra as dele, limitando-se ao contato que a dança exigia. Ficou aliviada quando a dança levou-os a seus lugares originais e encontrou-se outra vez frente a frente com Alderic. Os músicos começaram a tocar uma dança de pares e ela percebeu que Dom Garris avançava em sua direção, com uma expressão determinada; puxou a manga de Alderic e sussurrou:

— Quer me convidar para dançar, Dom Alderic?

— Claro.

Ele sorriu e conduziu-a para a dança. Após um momento, retribuindo ao sorriso, enquanto Garris os observava, Romilly disse:

— Não é tão desajeitado assim na dança, afinal de contas.

— Não? — Ele soltou uma risada. — Há muito tempo que eu não dançava, a não ser com os monges...

— Dançam no mosteiro?

— Às vezes. Para nos mantermos aquecidos. E há uma dança sagrada em alguns serviços. Os estudantes que não são irmãos costumam ir à aldeia e dançam no Festival, mas eu... — Alderic pareceu hesitar por um instante. — ... não dispunha de muito tempo para isso.

— Eles exigem tanto nos estudos? Domna Luciella disse que Darren está muito magro e pálido... eles oferecem o suficiente para comer e roupas que agasalham?

Alderic balançou a cabeça.

— Estou bastante acostumado às dificuldades.

Ele ficou em silêncio, enquanto Romilly desfrutava a dança, a música. Ao se separarem, ao final da música, Alderic disse:

— Usa as minhas flores... espero que tenha gostado.

— E muito.

Romilly sentiu-se inibida outra vez; ele pusera a dorilyls em sua cesta como o convite a que Mallina se referira ou fora apenas o desconhecimento de um estranho dos costumes da região? Ela

gostaria de perguntar, mas sentia-se muito acanhada para isso. Mas como se lesse seus pensamentos de novo, Alderic disse abruptamente:

— Darren me contou... e pode estar certa de que não tive qualquer intenção imprópria, Ama Romilly. Em minha região... sou das terras baixas... a flor-estrela, dorilyls, é o presente de Lorde Hastur à Abençoada Cassilda, um cumprimento cortês em homenagem ao dia, nada mais do que isso.

Ela sorriu.

— Não creio que alguém pudesse pensar que é capaz de qualquer insinuação imprópria, Dom Alderic.

— Sou amigo de seu irmão, não precisa me tratar por Dom. Afinal já caçamos e fizemos falcões voar, juntos...

— E também não precisa me chamar de damisela. Meus irmãos e irmã me tratam por Romy...

— Combinado. Seremos como irmãos, como sou para Darren. Não quer tomar vinho?

Haviam se aproximado da mesa de refrescos. Romilly sacudiu a cabeça e murmurou, ingenuamente:

— Não tenho permissão para tomar vinho acompanhada.

— Shallan então?

Ele serviu para Romilly o refresco de fruta. Ela bebeu, sedenta. Depois de tanto dançar, sabia que os cabelos começavam a cair, mas não queria se afastar para junto das moças risonhas no canto e prendê-los de novo.

— Gosta muito de falcoaria? — ela perguntou a Alderic.

— Gosto, sim. As mulheres de nossa família treinam pássaros-sentinelas. Já voou alguma vez, dami... Romy?

Ela balançou a cabeça. Já vira os enormes e ferozes pássaros, mas disse:

— Não sabia que podiam ser domados. E não são capazes de pegar um coelho de chifres. Eu diria que não são grande coisa como esporte...

— Não são treinados para o esporte, mas sim para a guerra e vigilância de incêndios. É feito com laran. Um pássaro-sentinela em vôo pode observar intrusos num campo, avistar bandidos ou um

incêndio na floresta. Mas não é pelo esporte. Na verdade os pássaros são ferozes e não é fácil controlá-los. Contudo, Romilly, acho que você poderia conseguir, se seu laran fosse treinado.

— Mas não é, e provavelmente não será, e com certeza você sabe por quê, se Darren lhe contou tanta coisa. Pássaros-sentinelas! — Ela sentiu um pequeno calafrio, meio agradável, percorrer-lhe a espinha, ao pensamento de controlar as enormes e ferozes aves de rapina. — Acho que não seriam mais difíceis de treinar do que os pássaros-espíritos! Alderic riu.

— Já ouvi falar sobre isso até nas montanhas distantes. E os pássaros-espíritos são muito estúpidos. Não é preciso muita habilidade para controlá-los, basta criá-los desde filhotes e alimentá-los com comida quente. Farão o que você quiser, descobrindo o rastro de caça com calor ainda no chão. Também dão excelentes pássaros de vigia, pois soltam gritos terríveis a qualquer cheiro estranho...

Romilly estremeceu agora, ao pensar nos grandes carnívoros, cegos, incapazes de voar, treinados para funções de vigia.

— Quem precisa de um pássaro-espírito quando um bom cão Despertador é tão útil e muito mais agradável de se ter em casa? — ela indagou.

— Não discutirei isso e confesso que prefiro escalar o Alto Kimbi descalço do que tentar treinar um pássaro-espírito, mas pode ser feito. Eu não consigo sequer dominar os pássaros-sentinelas, pois não tenho o dom. Mas algumas mulheres de nossa família são capazes, e já vi isso ser feito na Torre, onde os usam para a vigilância de incêndios; seus olhos vêem mais longe que os de qualquer ser humano. — Acordes suaves de música recomeçaram a soar e ele perguntou: — Não quer dançar esta?

Romilly sacudiu a cabeça.

— Agora não, obrigada... está quente, o sol entrando aqui. Alderic fez uma mesura para alguém por trás dela e Romilly virou-se para deparar com Luciella parada ali, ouvindo-a dizer:

— Romilly, você ainda não dançou com Dom Garris!

Ela respondeu, desdenhosa:

— É típico dele queixar-se à minha madrasta, em vez de se aproximar como um homem e me convidar.

— Romilly! Ele é o herdeiro de Scathfell!

— Não me importo se ele é o herdeiro da Escada das Nuvens ou do nono inferno de Zandru, se quer dançar comigo...

Nesse instante Dom Garris apareceu por trás de Luciella e disse, com seu sorriso insinuante:

— Quer me dar a honra de uma dança, Ama Romilly?

Afinal de contas não havia como recusar sem ser grosseira. Ele era hóspede de seus pais, apesar de achar que Dom Garris deveria dançar com mulheres de sua idade e não ficar cercado as moças. Romilly aceitou a mão dele em seu pulso para conduzi-la à dança. Afinal ele não poderia dizer nada grosseiro à plena vista de seu pai e irmãos. A mão na sua estava desagradavelmente úmida, mas ela calculou que era uma coisa que ele não podia evitar.

— E tão leve quanto uma pluma, damisela... a própria jovem dama! Quem poderia imaginar esta manhã, ao vê-la de botas e culote como um rapaz... posso imaginar que todos os rapazes da região vivem atrás de você, não é mesmo?

Romilly balançou a cabeça, sem dizer nada. Detestava aquele tipo de conversa, embora soubesse que faria Mallina rir e corar. Quando terminaram a dança, Dom Garris pediu outra, mas ela recusou polidamente, alegando sentir uma pontada no lado. Ele queria lhe buscar um copo de vinho ou shallan; quando Romilly disse que desejava apenas sentar um pouco ao lado de Darissa, ele sentou junto e insistiu em abaná-la. Felizmente a dança terminou e os músicos iniciaram no mesmo instante os acordes da dança de círculos. Todos os jovens se reuniram, rindo e levantando os calcanhares na agitada dança. Dom Garris finalmente se afastou, contrariado. Romilly soltou a respiração.

— Acaba de fazer outra conquista — zombou Darissa.

— Não é provável; dançar comigo é como agarrar uma copeira, algo que ele pode fazer sem assumir qualquer compromisso. Os Aldaran de Scathfell são muito importantes para casar em nosso clã, a não ser os filhos mais novos. O pai me falou uma vez em promover meu casamento com Manfred Storn, mas ele ainda não

tem quinze anos, e não há pressa. Mas apesar de eu não ser bastante importante para casar, sou muito bem-nascida para que ele possa me seduzir sem represálias. Não gosto dele por isso. — Romilly sorriu e acrescentou: — O pior num casamento com Cinhil, caso ele venha a me pedir, seria ter de chamar aquele idiota grande e gordo de irmão. Com o parentesco, porém, pelo menos seria improvável que ele me dispensasse mais atenção do que é devida à esposa de um irmão.

— Eu não contaria com isso — sussurrou Darissa. — Quando eu estava grávida do pequeno Rafael, ano passado, ele me procurou... e disse que eu não precisava temer as consequências inconvenientes, pois já esperava uma criança. Quando o censurei, ele disse que se lembrava dos velhos tempos nas colinas, quando irmãos e irmãs mantinham todas as suas esposas em comum... e com toda certeza, ele acrescentou, Cathal teria a gentileza de um irmão e não se importaria se eu partilhasse seu leito de vez em quando, já que sua esposa também estava enorme com criança... Chutei suas canelas e mandei que procurasse uma serva para seu leito, se pudesse pagar a alguma para ignorar sua feiúra; e tanto feriu seu orgulho que ele nunca mais me abordou. Para dizer a verdade, ele não é tão feio assim, apenas vive se lamuriando, as mãos estão sempre flácidas e úmidas. E... — Darissa fez uma pausa, mostrando as covinhas, que eram quase a única coisa inalterada do tempo em que era menina junto com Romilly. — ... eu amo Cathal demais para procurar qualquer outro leito.

Romilly corou e desviou os olhos; criada entre os animais, sabia muito bem do que Darissa falava, mas Luciella era uma cristoforo rigorosa e não achava apropriado que moças conversassem sobre essas coisas. Darissa interpretou de maneira errada seu rubor e apressou-se em dizer, defensiva:

— Gero filhos sem qualquer dificuldade... não sou como a esposa de Garris; ela não deixou crianças vivas, morreu de parto pouco antes do Solstício do Inverno. Dom Garris já consumiu três esposas, tentando gerar um herdeiro. Notei que todos os seus filhos morrem no nascimento... e não tenho o menor desejo de ficar grávida dele, ou seguirei suas esposas para a morte, com toda

certeza. — Darissa fez uma pausa. — Minha irmã mais velha passou algum tempo na Torre Tramontana quando era menina e disse que ouviu falar ali sobre os tempos do antigo programa de reprodução, quando os Aldaran tinham alguns estranhos dons de laran, mas estavam ligados, em sua linhagem, a genes letais... sabe o que são? Mas é claro, seu pai cria seus próprios cavalos, não é mesmo? E Cathal não tem esses genes. Mas acho que Dom Garris não deixará um herdeiro e por isso um dia meus filhos com Cathal herdarão Scathfell...

— E você cantará de galo como a mãe deles — comentou Romilly, rindo.

Rael aproximou-se nesse momento e levou-as para a dança, explicando que não havia mulheres suficientes para formar um segundo conjunto. A conversa foi abandonada.

A dança e o banquete prolongaram-se por todo o dia. Antes de meia-noite, O MacAran, Lorde Scathfell e os outros mais velhos retiraram-se para descansar, acompanhados por suas damas. Os jovens ficaram, para dançarem e se divertirem. Rael foi levado pela governanta, assim como Mallina, sob protestos, só se consolando ao constatar que suas amigas Jessamy e Jeralda também eram despachadas para a cama. Romilly estava cansada e disposta a se retirar com as crianças — afinal, acordara antes do amanhecer. Mas Alderic e Darren ainda dançavam, ela não podia admitir que o irmão conseguisse se manter acordado por mais tempo. Ficou desapontada quando Darissa deixou o salão, alegando que precisava dormir por causa da gravidez.

Ficarei perto de Darren. Na presença de meu irmão, Dom Garris não ousará ir muito longe... e depois ela especulou por que estava se preocupando; afinal, ele não lhe dissera qualquer palavra fora do normal, e como ela podia se queixar de um mero olhar? Mesmo assim, a lembrança de seus olhos deixava-a embaraçada; e agora que pensava a respeito, compreendeu que durante todo o dia e a noite estivera de certa forma consciente, no fundo de sua mente, dos olhos de Garris observando-a.

É isso, então, o laran?

Eu preferia nem dançar, acho melhor ficar sentada aqui a conversar sobre falcões e cavalos com meu irmão e seus amigos...

Mas Cinhil convidou-a para uma dança e ela não podia recusar, por questão de cortesia, o convite seguinte, de Dom Garris. A dança estava um pouco mais animada, a música mais acelerada, agora que os mais velhos e austeros haviam se retirado. Ele girou-a até deixá-la tonta, e ela sentiu que suas mãos não mais pousavam decorosamente na manga do vestido, que a puxavam para mais perto do que era confortável; quando tentou se esquivar, contrafeita, Dom Garris limitou-se a rir e puxou-a ainda mais.

— Não venha me dizer que é tão tímida assim — ele murmurou, o rosto afogueado e a voz engrolada, indicando a Romilly que bebera bastante do vinho mais forte na mesa alta. — Não quando anda por aí mostrando as pernas lindas num culote e os seios sobressaindo numa túnica três vezes menor do que o seu tamanho. Não pode bancar a Dama Recatada comigo agora!

Ele puxou-a e seus lábios roçaram no rosto de Romilly, que se desvencilhou, indignada.

— Não faça isso! — E depois ela acrescentou, irritada: — Não gosto do cheiro de excesso de vinho em seu bafo e sei que está bêbado, Dom Garris. Largue-me!

— Você deveria ter bebido mais — disse ele, calmamente, conduzindo-a na dança para uma das galerias compridas que deixavam o salão. — Dê-me um beijo, Romy...

— Eu não sou Romy para você! — Ela desviou a cabeça. — E se não estivesse espionando onde não tinha o direito de estar, não teria me visto com as roupas de meu irmão, que só uso na presença de meus irmãos. Se pensa que eu me mostrava para você, está redondamente enganado!

— Não para mim, mas quem sabe para aquele jovem altivo dos Hali'imyn que a acompanhava na caçada? — indagou Dom Garris, soltando uma risada.

Romilly sacudiu a cabeça, desmanchando os cabelos.

— Quero voltar ao salão. Não vim até aqui por minha vontade, apenas não queria fazer uma cena na pista de dança. Leve-me de

volta ao salão ou começarei a gritar para chamar meu irmão! E meu pai irá açoitá-lo!

Ele riu, apertando-a ainda mais.

— Numa noite como esta, o que acha que seu irmão estará fazendo? Ele não vai lhe agradecer por afastá-lo do rapaz que estiver cortejando, na Noite do Solstfcio do Verão. Devo ser o único a merecer uma recusa? Você não é mais tão criança assim. Vamos, dê-me um beijo...

— Não!

Romilly lutava para se desvencilhar das mãos intrometidas, chorando agora. Ele largou-a.

— Desculpe — murmurou Dom Garris, gentilmente. — Eu estava testando você. Compreendo agora que é uma boa moça e que todos os Deuses proíbam que lhe faça qualquer coisa que não queira.

Ele inclinou-se e depositou um beijo subitamente respeitoso no pulso de Romilly. Ela engoliu em seco, piscou para reprimir as lágrimas e fugiu da galeria, atravessou o salão e subiu a escada. Em seu quarto, tirou o vestido do Festival e meteu-se sob as cobertas quentes, chorando.

Como o odiava!

Capítulo Cinco

Todos os anos o MacAran promovia seu grande Festival do Solstício do Verão como uma preliminar para uma feira de falcões, cães treinados e cavalos. Na manhã seguinte ao Festival, Romilly despertou com o maior alvoroço no pátio, homens e mulheres circulando de um lado para o outro, enquanto lá no campo cavalos relinchavam, conduzidos por cavaleiros. Romilly pôs rapidamente um vestido velho — ainda havia hóspedes, por isso não podia nem pensar em tomar um culote emprestado de Darren — e desceu correndo. Calinda, encontrando-a na escada, soltou uma risada pesarosa.

— Eu sabia que não conseguiria arrancar nenhum trabalho de Rael hoje... ele está além do meu controle, seu pai deve enviá-lo em breve para Nevarsin, a fim de aprender com homens que possam controlá-lo. Mas você também precisa ir ao mercado, Romilly? Ora, está bem... -Calinda fez uma pausa, sorrindo gentilmente para sua pupila. — Pode ir, se quiser, tirarei o dia inteiro para trabalhar com Mallina em sua caligrafia... ela aceita melhor a orientação quando você e Rael não estão presentes para ouvirem. E acho que você não se concentraria no livro se seu coração e pensamentos estiverem no pátio. Mas amanhã terá de estudar com o dobro da atenção.

Romilly abraçou a mulher mais idosa com um vigor que a deixou ofegante.

— Obrigada, Calinda, muito obrigada!

Ela esgueirou-se com todo cuidado por entre a lama do pátio e foi para o campo. Davin exibia num vôo com isca um dos falcões mais bem-treinados, um enorme pássaro em cuja preparação Romilly tivera uma grande participação; ela ficou observando no maior excitação, até que Davin avistou-a.

— E este falcão é impetuoso e forte, mas tão gentil que até uma jovem donzela pode fazê-lo voar — declarou Davin. — Ama Romilly, quer pegar o pássaro?

Ela pôs a luva e estendeu o braço. Davin passou o falcão para seu pulso e girou a isca. O pássaro alçou vôo, subiu depressa para o

céu e depois, enquanto a tira de couro com a carne e as plumas baixava, atacou tão rapidamente que os olhos mal puderam acompanhar o movimento. Romilly recolheu o pássaro e a isca, começou a alimentá-lo com a mão livre, sob o acompanhamento de gritos de espanto e admiração.

— Ficarei com esse falcão para minha dama — disse Cathal Aldaran de Scathfell. — Ela não tem feito exercícios suficientes desde que as crianças nasceram, e um falcão tão bom a estimulará a sair, andar a cavalo...

— Nada disso — interveio o Dom Gareth mais velho. — Nenhuma mulher irá caçar com um falcão assim sob meu teto; mas seus métodos de treinamento são excelentes, messire, e ficarei com um dos falcões menores para Dama Darissa... Por acaso tem um bom falcão para uma dama? Ama Romilly, não poderia me aconselhar sobre o falcão mais apropriado para minha nora?

Romilly baixou os olhos recatadamente.

— Eu posso caçar com um falcão verrin, vai dom, mas com qualquer desses... — ela indicou três dos pássaros menores, com envergaduras de asa que não iam muito além da extensão de seu braço. — ... são bem-treinados e acho que Darissa não teria dificuldades para controlá-los. Mas dou minha palavra, senhor, de que não haverá problemas se quiser comprar o pássaro maior para ela. É tão bem-treinado que Darissa poderia caçar com ele. E os pássaros maiores são melhores na hora de caçar para a cozinha; os menores não são capazes de pegarem nada maior do que um mussarinho.

Ele soltou uma risada desdenhosa.

— As mulheres da minha casa não precisam caçar para que haja carne na panela; se caçam com falcões, é apenas como pretexto para respirarem o ar fresco e fazerem exercício. E o MacAran ainda permite que uma garota crescida como você cace com um falcão verrin! Mas que vergonha!

Romilly reprimiu o protesto em seus lábios — Aldaran pode não aprovar as mulheres que cacem com falcões, mas talvez outros homens não sejam tão tacanhos e antiquados como ele —, compreendendo que uma resposta insolente só serviria para eliminar

um valioso vizinho e freguês de seu pai. Embora produzissem a maior parte do que precisavam na propriedade do Ninho dos Falcões, o dinheiro cunhado era sempre escasso e quase todo o disponível do pai provinha daquela venda anual. Ela fez uma reverência para Lorde Scathfell e recuou, devolvendo o falcão a Davin. Enquanto ele negociava com o homem, Romilly correu os olhos pelo campo, assustada — o pai poderia ter tomado a decisão de puni-la com a venda de Preciosa. Mas Preciosa não estava ali, ainda se encontrava em sua gaiola, sã e salva. No outro lado do campo o pai mostrava alguns de seus melhores cavalos, enquanto o homem do canil exibia cães treinados, que obedeciam à palavra ou gesto. A alta nobreza que dançara no castelo durante a noite anterior misturava-se com os pequenos proprietários e fazendeiros, que precisavam de cães para seus rebanhos ou talvez para trocar por um cavalo rejeitado pelos nobres. Darren também estava no outro lado, anotando todos os detalhes das transações para o intendente; Rael corria de um lado para o outro no meio da multidão, fazendo travessuras com um grupo de meninos de sua idade, o rosto e as mãos já imundos, o casaco rasgado.

— Pode me levar para ver os cavalos de seu pai? — indagou Alderic, surgindo de repente ao lado de Romilly. — Eu gostaria muito de trocar meu matungo por algo melhor; não disponho de muito dinheiro, mas talvez pudesse trabalhar algum tempo para ele em troca da diferença... acha que ele se interessaria por um negócio assim? Já notei que seu coridom é velho e fraco... talvez eu pudesse trabalhar para ele por quarenta dias, ou por aí, até que encontre um homem mais adequado às necessidades de seu negócio e possa transferir o velho para um serviço dentro de casa.

Romilly piscou surpresa. Começara a ter certeza de que Alderic era de fato o príncipe Hastur disfarçado e ali estava ele se oferecendo como um trabalhador remunerado ao MacAran em troca de um cavalo! Mas ela disse polidamente:

— Sobre a transação, deve perguntar diretamente; mas temos bons cavalos que não são tão bonitos a ponto de atraírem a atenção dos nobres e devem ser vendidos a um preço menor; talvez um

deles atenda às suas necessidades, se for bem-treinado. Aquele, por exemplo...

Ela apontou um cavalo grande e desgracioso, de horrível tonalidade marrom e manchas pretas irregulares, a crina e a cauda um pouco tortas.

— É um bruto feio e ossudo, mas se prestar atenção à sua andadura, à maneira como balança a cauda, vai perceber que é um bom cavalo, forte e também fogoso. Mas não é cavalo para uma dama ou para homem de mãos macias, que prefere seu animal andando num ritmo suave, exige mãos firmes e um bom controle. O pai foi nosso melhor garanhão, mas a égua era de qualidade inferior. Por isso, seu sangue não é ruim, mas saiu um cavalo feio, de cor horrível.

— O lombo parece mesmo forte — comentou Alderic. — Mas eu gostaria de examinar seus dentes pessoalmente. Ele já foi acostumado à sela?

— Já, sim, embora a princípio o pai tencionasse convertê-lo em cavalo de tiro, pois é grande demais para a maioria dos cavaleiros. Mas você é alto, precisaria de um cavalo grande. Foi Ruyven quem o domou, mas eu mesma já o montei... — Uma pausa e Romilly acrescentou, com um sorriso malicioso: — ... embora o pai não saiba disso e você não precise contar.

— E pode dominá-lo, damisela?. — indagou Alderic, com expressão de incredulidade.

— Não vou montá-lo diante de toda essa gente para provar, mas não me rebaixaria a mentir a respeito e... — os olhos dos dois se encontraram por um instante — ... acho que você provavelmente saberia se eu estivesse mentindo.

— Tem razão, Romilly — ele murmurou, solenemente.

— Dou minha palavra de que o cavalo é de bom gênio, mas precisa de um controle firme. Talvez tenha senso de humor... se um cavalo é capaz de rir, eu poderia jurar que já o vi rindo das pessoas que pensam que só precisam montar num cavalo e deixá-lo fazer todo o trabalho. Derrubou Darren em dois minutos. Mas meu pai pode montá-lo até sem o freio, apenas com a sela e as rédeas;

porque O MacAran sabe como obrigá-lo a se comportar... ou a qualquer outro cavalo.

— E já me disseram que você possui o mesmo dom, Romilly. Muito bem, farei uma oferta a seu pai. Acha que ele aceitaria meu cavalo em troca?

— Claro que sim. Ele sempre precisa de cavalos baratos para vender aos fazendeiros... a homens que sabem usar corretamente seus animais, mas não têm condições de comprar os melhores. Ele deu uma de nossas velhas éguas, que não tinha mais idade para carregar jovens que passavam o dia inteiro na sela, quase de graça, a um homem idoso que vive aqui perto, pobre demais para comprar um bom cavalo. Assim, a pobre égua levaria o resto de sua vida numa boa casa e fazendo apenas trabalho leve. Tenho certeza de que faria a mesma coisa com seu cavalo. Ele é muito velho?

— Não — respondeu Alderic. — Mas preciso estar em Hellers quando o verão chegar, e mesmo no verão é preciso um bom cavalo para andar por aquelas trilhas.

— Vai para as Hellers?

Romilly especulou sobre o que poderia levá-lo à cordilheira quase intransponível no verão, mas ele tratou de mudar de assunto habilmente, antes que ela pudesse perguntar.

— Eu não esperava encontrar uma moça que conhecesse os cavalos tão bem... como sabe tanta coisa?

— Sou uma MacAran, senhor. Tenho trabalhado ao lado de meu pai desde que tinha idade suficiente para acompanhá-lo aos estábulos e depois que Ruyven foi embora...

Ela parou de falar, incapaz de dizer a alguém que não da família que a deserção do irmão mais velho deixara o pai sem ninguém, além dos criados, para partilhar seu amor pelos animais que criava e treinava. Contudo, sentiu que Alderic compreendia, pois ele sorriu solidário.

— Gosto de seu pai. Ele é rigoroso, é verdade, mas é justo e fala livremente com os filhos.

— Seu pai não era assim? Alderic sacudiu a cabeça.

— Mal falei meia dúzia de vezes com meu pai desde que deixei de usar fraldas. Minha mãe se uniu a ele num casamento dinástico e

havia pouco amor entre os dois; duvido que tenham trocado alguma palavra cortês desde que minha irmã foi concebida, e agora habitam em casas separadas, encontram-se formalmente poucas vezes por ano, não mais do que isso. Creio que meu pai é um homem bondoso, mas tenho a impressão de que não pode fitar meu rosto sem ver as feições de minha mãe, e por isso se sente contrafeito em minha presença. Mesmo quando criança, eu o chamava de senhor e mal nos falamos depois que me tornei adulto.

— Não pode ter sido há tanto tempo assim — zombou Romilly. Mas ele disse, com uma intensidade que a deixou gelada:

— Seja como for, eu a invejo. Vi Rael subir sem medo no colo de seu pai... Não posso me lembrar de ter feito isso alguma vez com meu pai. Mas vocês podem procurar seu pai, conversar com ele livremente. E ele os trata quase como amigos, escuta o que dizem. Embora meu pai seja alto em... — Alderic fez uma pausa, houve um momento de silêncio constrangedor, antes que ele acrescentasse, desolado: — ... alto em posição e honra, eu gostaria de não estar sempre obrigado a tratá-lo por Milorde. Juro que trocaria de pai com você a qualquer momento.

— Ele pode achar que é um bom negócio — murmurou Romilly, amargurada; mas ela sabia que isso não era verdade: o pai a amava, por mais rigoroso que fosse, e ela sabia disso. — Olhe, Ia está ele, e no momento não tem nenhum freguês para atender. Procure-o e faça sua proposta por Asa Vermelha.

— Obrigado.

Ele se afastou e um instante depois Davin chamou Romilly e pediu-lhe que mostrasse as habilidades de um cachorro que treinara. Ela tornou a esquecer Alderic. Trabalhou o dia inteiro na feira, explicando linhagens e pedigrees, fazendo exposições com os falcões. A refeição do meio-dia foi de pão com queijo e algumas nozes, no cercado por trás dos estábulos, entre os homens do MacAran. Quando as transações foram interrompidas pela chuva vespertina e os convidados começaram a partir, Romilly estava faminta e imunda, ansiosa por um banho, querendo vestir uma túnica e saias velhas, bem confortáveis, para o jantar da família. Sentiu um cheiro agradável de carne assada e pão fresco ao se aproximar do salão,

entrou e foi ocupar seu lugar. Rael ainda conversava com qualquer um que estivesse disposto a escutar sobre seu dia entre os animais, e Luciella finalmente silenciou-o, cansada:

— Fique quieto, Rael, ou terá de jantar em seu quarto; há outras pessoas nesta família que também gostariam de falar sem serem abafadas por você. Como foi seu dia, meu caro?

A pergunta era endereçada ao MacAran, enquanto ele sentava e pegava sua caneca, tomando um longo gole antes de responder.

— Muito bom. Fiz um bom negócio com Asa Vermelha, que é um excelente cavalo para alguém que tenha a capacidade de perceber o que existe por baixo de sua feia pelagem. Dom Alderic me disse que você recomendou a venda, Romilly.

O olhar para a filha mais velha era gentil e ela respondeu timidamente:

— Fiz bem, pai? Não queria interferir, mas achei que seria uma boa montaria para Dom Alderic e... — ela olhou ao redor para verificar se Alderic já chegara, mas o lugar de Darren se encontrava vazio ainda e o amigo do irmão também não estava à mesa. — ... ele me disse que estava com pouco dinheiro e por isso eu sabia que um dos pretos estaria além de sua bolsa.

— Fico grato a você, pois queria Asa Vermelha em boas mãos e a maioria das pessoas não seria capaz de controlá-lo — respondeu o pai. — Mas com o jovem Castamir ele foi tão gentil quanto o pássaro engaiolado de uma criança. Por isso, filha, devo lhe agradecer.

Luciella interveio:

— Mesmo assim, este deve ser o último ano em que ela vai para os campos com os homens, mostrando os falcões e cavalos... ela já está muito crescida, Mikhail!

— Não precisa se preocupar com isso — declarou O MacAran, sorrindo. — Também tenho outras notícias. Romilly, minha cara, você sabe que já está em idade de casar. Nunca imaginei que teria uma oferta tão boa por você, mas Dom Garris de Scathfell pediu-me sua mão em casamento e já dei a resposta: sim.

Romilly sentiu que uma gelada mão lhe apertava a garganta.

— Pai! — ela protestou, enquanto Luciella se mostrava radiante e Mallina soltava um grito de excitação. — Não Dom Garris!

— Vamos, vamos... — murmurou o pai, com um sorriso jovial. - Não entregou seu coração a outro, não é mesmo? Manfred Storn ainda não está pronto para casar e pensei que você amava tanto Darissa que gostaria de casar naquela família, a fim de ficar perto de sua melhor amiga.

— Eu pensava... talvez Cinhil...

— Se aquele jovem brincou com seus sentimentos, vou virá-lo em meus joelhos e tirar a poeira de seu culote... ele é criança demais para merecer ser chamado de um desafio! Por que casar com o irmão mais moço, minha cara, quando pode casar com o herdeiro?

Romilly sentiu um aperto no coração ao recordar o momento na galeria. Eu estava apenas testando você. Vejo agora que é uma boa moça. Ou seja, ela pensou, se gostasse o suficiente de Dom Garris para beijá-lo seria privada do casamento, como se fosse um prêmio por bom comportamento! Mas como ela demonstrara sua aversão, então se tornava digna de suas atenções? Os olhos ardiam, mas ela não choraria na frente do pai.

— Pai, eu odeio ele! — balbuciou ela, suplicante. — Por favor, não me obrigue a casar com aquele homem!

— Romilly — interveio Mallina -, você será Dama Scathfell! Ora, ele é o herdeiro de Scathfell e talvez até de Aldaran algum dia! E a família Aldaran tem o sangue dos Hastur!

O MacAran gesticulou para que a filha mais jovem se calasse.

— Romy — disse ele, muito sério —, o casamento não é uma questão de capricho. Escolhi um bom jovem para você...

— Ele não tem nada de jovem! — explodiu Romilly. — Já enterrou três esposas e todas morreram de parto!

— Isso aconteceu porque ele casou na família Aldaran. Qualquer criador de cavalos poderá lhe explicar que não é muito sábio promover cruzamentos na mesma família com tanta frequência. Você não tem sangue Aldaran e provavelmente lhe dará filhos saudáveis.

Romilly pensou em Darissa, não muito mais velha do que ela, inchada e disforme de gerar filhos. Ficaria assim e os filhos seriam

gerados por Dom Garris, com sua voz lamurienta e suas mãos flácidas e úmidas? A perspectiva deixou-a arrepiada.

— Chega de conversa — disse o pai, com firmeza. — Todas as moças tolas pensam que sabem qual é o homem que querem, mas as cabeças mais velhas devem tomar a decisão do que é melhor para suas vidas. Eu não queria casá-la antes da época da colheita... não quero que uma filha minha seja precipitada ao casamento... mas na colheita casará com Dom Garris e isso é tudo o que tenho a dizer.

— Enquanto eu pensava que o senhor promovia uma venda de cavalos e falcões, estava na verdade vendendo suas filhas! — disse Romilly, amargurada. — Diga-me uma coisa, pai: Dom Garris ofereceu um bom preço?

Ela compreendeu, pelo rubor desgracioso que se espalhou no rosto do pai, que o atingira num ponto sensível.

— Não quero saber de sua impertinência, minha jovem atrevida!

— Sei disso. Prefere negociar com falcões e cavalos porque eles não são capazes de reagir... e pode lhes dar o destino que bem quiser!

O MacAram abriu a boca para responder, mas depois limitou-se a lançar-lhe um olhar agressivo e disse a Luciella:

— É sua obrigação manter minhas filhas sob controle, cuide disso, está bem? Jantarei com o intendente, não quero ouvir discussões à mesa da minha família.

Ele se levantou e saiu.

— Oh, mãe! — balbuciou Romilly, perdendo o controle e pondo a cabeça no colo de Luciella. — Tenho mesmo que casar com aquele... aquele... — as palavras quase lhe faltaram, mas acabou encontrando a que procurava. — ... aquele lesma? Ele mais parece uma coisa com uma dúzia de pernas que saiu rastejando debaixo de um tronco podre!

Luciella afagou seus cabelos gentilmente, perplexa.

— Calma, calma, criança... Não será tão ruim quanto imagina. Não disse a Dom Alderic que um cavalo não deve ser julgado por uma pelagem feia? Dom Garris é um homem bom e honrado. E na

sua idade eu já havia tido meu primeiro filho, assim como sua própria mãe, Romy. Calma, calma, não chore...

Romilly sabia que não teria ajuda daquele lado; Luciella nunca desafiaria seu pai. E ela também não podia fazê-lo. Era apenas uma moça, e não havia escapatória.

Sozinha em seu quarto ou cavalgando pelas colinas com Preciosa na sela, Romilly refletiu sobre o que poderia fazer. A impressão era de que estava encurralada. Nunca soube de seu pai haver alterado uma decisão proferida — ele não queria ouvir falar de perdão para Ruyven, por exemplo — ou mudar uma decisão, depois de tomada. Não romperia seu acordo com Dom Garris — ou fora com o próprio Gareth de Scathfell? -, mesmo que os céus caíssem. Sua governanta, até mesmo a madrasta, podiam às vezes ser desobedecidas ou dissuadidas de uma punição ou julgamento; em todos os anos de sua vida, porém, o pai nunca voltara atrás no que dissera, mesmo quando sabia que estava errado. Por todas as Colinas Kilghard a palavra de um MacAran era como a palavra de Hastur: tão válida quanto um compromisso assinado ou o juramento de outro homem.

E se ela o desafiasse? Não seria a primeira vez. Alguma coisa em seu íntimo intimidou-se ao pensamento da ira do pai. Mas quando comparou a raiva do pai com a alternativa, confrontar Dom Garris e a lembrança do desejo em seus olhos, concluiu que preferia que o pai a espancasse todos os dias durante um ano do que entregá-la a Dom Garris. Será que ele não sabia como era aquele homem? E então, com um aperto no coração, ela compreendeu que O MacAran era um homem e nunca perceberia aquele lado de Garris de Aldaran; o lado que Dom Garris mostrava apenas à mulher que desejava.

Vomitarei se ele me tocar, pensou Romilly; e decidiu que devia fazer um apelo final ao pai, por maior que fosse sua ira.

Encontrou-o no pátio, supervisionando um cavaleiro que aplicava cataplasmas nos boletos de um pônei preto que caíra no pátio. Sabia que não era o momento apropriado, pois ele parecia irritado e distraído.

— Mantenha os cataplasmas — ordenou O MacAran ao menino.
— Quente e frio, durante duas horas pelo menos, depois passe o pó ka-ralla e enfaixe bem. E cuide para que ele não deite no esterco... providencie a troca da palha a intervalos de poucas horas. Mesmo com tudo o que pudermos fazer, terei de vendê-lo com prejuízo ou guardá-lo para trabalho leve na fazenda; se os boletos ficarem infeccionados podemos perdê-lo. Vou deixá-lo sob seus cuidados... se alguma coisa sair errada, arrancarei sua pele, seu pequeno patife, pois foi sua negligência ao montar que o fez cair!

O cavaliço abriu a boca para protestar, mas O MacAran gesticulou para que permanecesse em silêncio.

— E não me venha com uma resposta atrevida! Vi quando corria com ele sobre as pedras! Seu idiota, eu devia pô-lo para recolher o esterco e não deixá-lo exercitar qualquer dos animais durante quarenta dias! — Ele virou a cabeça, irritado, avistou Romilly. — O que você quer nos estábulos, menina?

— Vim à sua procura, pai — ela respondeu, fazendo um esforço para manter a voz firme. — Gostaria de lhe falar, se puder me dispensar algum tempo.

— Tempo? Não tenho nenhum esta manhã, com o pônei ferido e talvez perdido.

Mas ele saiu do estábulo e foi se encostar numa cerca.

— Qual é o problema, criança?

Romilly não foi capaz de falar por um momento, a garganta apertando, enquanto contemplava o panorama, as montanhas que se elevavam no outro lado do vale, o pasto verde com as éguas prenhas perto da hora de parir, pastando placidamente, a lavagem de roupas no pátio, um caldeirão fumegante sobre a fogueira de gravetos... tudo aquilo lhe era tão querido e agora, o que quer que acontecesse, teria de partir... Ninho dos Falcões era um lugar que amava tanto quanto qualquer dos filhos de seu pai, mas teria de ir embora para casar, enquanto os homens, até mesmo Ruyven, que abandonara tudo, poderiam permanecer ali para sempre, entre os cavalos e as colinas conhecidas. Ela engoliu em seco e sentiu as lágrimas se derramarem olhos abaixo. Por que não podia ser herdeira do pai no lugar de Ruyven, já que ele não se importava

com nada, trazer seu marido para o Ninho dos Falcões, em vez de casar com alguém que odiaria e viver em um lugar estranho?

— O que é, filha? — o pai perguntou gentilmente.

Romilly compreendeu que ele vira suas lágrimas. Ela tornou a engolir em seco, tentando controlar a voz.

— Pai, sempre soube que deveria casar um dia e teria o maior prazer em cumprir sua vontade, mas... mas... por que tem de ser com Dom Garris? Eu o odeio! Não posso suportá-lo! Aquele homem é como um sapo!

Sua voz se alteou e o pai franziu o rosto, mas apressou-se em desanuviá-lo, naquela calma forçada que ela tanto temia.

— Procurei promover o melhor casamento possível para você, Romy. Ele está próximo de herdar Scathfell e não muito longe de herdar também Aldaran de Aldaran, caso o velho morra sem filhos, o que agora parece provável. Não sou um homem rico e não posso pagar um grande dote para você; e Scathfell é bastante rico para não se importar com o que você possa levar. Dom Garris precisa de uma esposa...

— E já acabou com três! — exclamou Romilly, desesperada. — E vai casar de novo com uma garota de quinze anos...

— Um dos motivos pelos quais ele a pediu em casamento foi o fato de que as outras esposas eram doentias e parentes muito próximas; queria sangue novo para a casa. Se você lhe der um filho saudável, receberá grandes honras e terá tudo o que puder desejar...

— E se isso não acontecer, estarei morta e ninguém terá de se preocupar se sou feliz ou não! — gritou Romilly, as lágrimas voltando a escorrer. — Pai, não posso e não me casarei com aquele... aquele homem nojento! Oh, pai, não estou tentando desafiá-lo, casaria de bom grado com qualquer outro... Chinil ou... ou Dom Alderic...

— Alderic, hem? — O pai pegou seu queixo com a mão enorme e levantou o rosto para fitá-lo. — Diga-me a verdade, criança. Andou brincando de uma maneira que não deveria? Dom Garris espera encontrá-la casta; ele ficará desapontado. Aquele arrogante jovem

Castamir abusou de seus sentimentos, menina? Um hóspede sob este teto...

— Dom Alderic nunca me falou uma só palavra ou fez qualquer coisa que não pudesse ser feita à sua vista e da mãe! — protestou Romilly, indignada. — Só falei seu nome porque não o acharia repulsivo, assim como Chinil ou qualquer outro jovem saudável e gentil próximo da minha idade! Mas aquele... aquele pegajoso...

As palavras lhe faltaram e ela mordeu os lábios com força para não chorar.

— Romilly — disse o pai gentilmente, ainda segurando seu rosto entre as mãos -, Dom Garris não é tão velho assim. E afinal de contas não é como se eu tentasse entregá-la a Lorde Gareth ou a algum homem notoriamente perverso, bêbado, jogador ou perdulário. Conheço Garris por toda a sua vida; é um jovem de bem, honrado e bem-nascido, não pode recusá-lo por seu rosto, já que ele não o fez. Um rosto bonito não demora a se desgastar, mas honra, bom nascimento e um temperamento generoso são os atributos que desejo ver no marido de minha filha. Você é apenas uma jovem tola e não pode ver além do rosto bonito de um homem e da elegância ao dançar; e é por isso que os pais e mães promovem os casamentos das filhas, a fim de que possam perceber o verdadeiro valor de um homem.

Ela engoliu em seco e sentiu a vergonha dominá-la por ter de falar sobre uma coisa assim com o pai, mas a alternativa era pior.

— Ele... ele me olha de uma maneira... como se eu estivesse nua... e quando estávamos dançando, pôs as mãos em mim...

O pai franziu o rosto e desviou os olhos, ela compreendeu que ele também se sentia embaraçado. O MacAran finalmente suspirou e disse:

— O homem está querendo uma esposa, isso é tudo; depois de casar, não precisará agir assim. E pelo menos sabe que ele não é um... — o pai tossiu nervosamente. — ... ele não é um amante de homens e não a abandonará para ficar de mãos dadas com um pajem ou um guarda. Acho que ele será um bom marido, Romy. Pode ser desajeitado e não saber como revelar a você quem é

realmente, mas estou convencido de que tem as melhores intenções e que vocês serão felizes juntos.

Romilly sentiu as lágrimas aflorarem e escorrerem. E disse, sentindo a voz tremer nos soluços:

— Pai... oh, pai, por favor... qualquer um, qualquer outro, juro que obedecerei sem a menor hesitação, mas não... não Dom Garris...

O MacAran amarrou a cara, mordendo o lábio.

— Romilly, a coisa já foi longe demais para que eu possa recusar honrosamente. Os Scathfell são vizinhos e dependo de sua boa vontade, romper minha palavra a esta altura seria uma afronta à honra deles de que eu não poderia me recuperar pelo resto da vida. Se tivesse alguma ideia de que você se sentia assim, nunca teria dado minha palavra; mas o que está feito, está feito; assumi um compromisso de honra. Não há mais nada a dizer, criança. Você é jovem; muito em breve se acostumará com ele e ficará bem, eu garanto. Vamos, anime-se agora, não chore; prometi-lhe um par de bons pretos, domados por minha própria mão, como presente de casamento, também lhe darei aquela pequena fazenda em Rocha Cinzenta, a fim de que tenha sempre seu lugar. E disse a Luciella que mandasse procurar nos mercados de Caer Donn os melhores tecidos para seu vestido de núpcias, a fim de que não tenha de casar com um traje fiado em casa. Anime-se, enxugue os olhos e escolha pessoalmente os pretos que quer como presente de casamento. Pode também pedir a Luciella para lhe fazer vestidos novos, três... não, quatro vestidos novos, e todos os seus complementos, todas as anáguas, plumas e toucas, todas essas coisas que as mulheres usam e apreciam tanto, pois nenhuma estará mais bem vestida do que você em seu casamento.

Romilly abaixou a cabeça, engolindo em seco mais uma vez. Sabia antes que era irremediável, o pai dera sua palavra a Dom Garris e Lorde Scathfell. Não recuaria agora, e tudo seria inútil, não importava o que ela dissesse. O pai interpretou seu silêncio como concordância e afagou-lhe o rosto.

— É assim que se faz — ele murmurou, constrangido. — Estou orgulhoso de você, criança... Será que algum de seus irmãos teria

tanta força e espírito?

— Eu gostaria de ser seu filho e poder ficar em casa com você para sempre...

O pai abraçou-a gentilmente.

— Eu também gostaria, menina — ele disse, os lábios roçando nos cabelos da filha. — Eu também... Mas cabe aos homens desejarem e aos Deuses concederem, só o Portador dos Fardos sabe por que conferiu apenas à minha filha as coisas que um homem quer em seus filhos. O mundo continuará como deve e não como você e eu gostaríamos, Romy.

Ele acariciou-a e Romilly chorou, chorou desesperadamente, como se nunca mais fosse parar.

De certa forma, ela pensou depois, angustiada, a compaixão do pai tornara tudo ainda pior. Se ele explodisse, gritasse, a ameaçasse com uma surra, ela poderia pelo menos sentir que tinha o direito de se rebelar. Diante da gentileza do pai, podia apenas ver sua posição — que ela era jovem, que seus bons pais e guardiães faziam o que julgavam melhor para ela, que estava sendo tola e insensata ao se manifestar

contra a decisão.

Tentou dar a impressão de que estava interessada nos preparativos para o casamento, que seria realizado na época da colheita, como determinara O MacAran. Luciella encomendou em Caer Donn a melhor seda-de-aranha para a confecção do vestido de casamento, assim como tecidos tingidos para seus novos vestidos: vermelho, azul e violeta, além de muitas anáguas, camisolas e outras roupas de baixo que despertaram a inveja de Mallina e deixaram-na de mau humor enquanto eram costuradas.

Uma manhã entrou no pátio um cavaleiro procedente de Scathfell e descobriu uma gaiola que se encontrava à sua frente na sela.

— Uma mensagem de Dom Garris, senhor — disse ele ao MacAran -, e um presente para Ama Romilly.

O MacAran pegou a carta, franziu ligeiramente o rosto e abriu-a, depois disse ao filho:

— Seus olhos são melhores do que os meus, Darren. Leia para mim. Romilly pensou, contrariada, que se a carta era a seu respeito, ela é que deveria ler. Mas talvez O MacAran não quisesse que os outros soubessem que a filha tinha mais conhecimentos do que o filho educado em Nevarsin. Darren correu os olhos pela carta, franziu o rosto e depois leu em voz alta:

— Ao MacAran do Ninho dos Falcões e à minha prometida esposa Romilly, saudações de Gareth-Regis Aldaran de Scathfell. Sua filha informou-me de que costuma caçar com um falcão verrin, o que é compreensível na filha do melhor treinador de falcões da região, mas seria impróprio para a esposa do Herdeiro de Scathfell. Por isso, tomo a liberdade de enviar para ela duas fêmeas da melhor qualidade, que adornarão de maneira condizente o mais belo pulso em todas as Colinas Kilghard, a fim de que ela não precise caçar com um falcão de homem. Suplico a aceitação desses pássaros e os mando agora para que ela possa se acostumar a seu vôo. Transmito meus cumprimentos e lembranças respeitadas à minha prometida esposa e as minhas saudações mais honradas ao senhor. — Darren levantou os olhos e acrescentou: — Tem o próprio sinete de Scathfell.

O MacAran alteou as sobrancelhas, mas disse:

— Uma carta cortês, sem dúvida. Descubra a gaiola, homem.

A capa removida, dois lindos falcões foram revelados; eram pequenos, os capuzes de couro tingido de vermelho, com o timbre de Aldaran em fio dourado. As peias também brilhavam com fios de ouro. Os pássaros estavam lustrosos de saúde e Romilly prendeu a respiração ao contemplá-los.

— Um lindo presente, e muito atencioso. Diga a meu.. . a meu prometido marido... — ela hesitou, sem encontrar as palavras certas. — ...que estou muito grata e caçarei com estes pássaros pensando nele.

Ela estendeu o pulso e levantou um dos falcões na luva. O pássaro mostrou-se tão tranquilo que ela compreendeu que fora treinado com perfeição. Não importava que aqueles falcões não servissem para outra coisa além de caçar camundongos-do-campo, eram pássaros requintados e a atitude de Dom Garris, preocupando-

se com seu interesse conhecido, constituía um bom sinal. Durante algum tempo ela pensou melhor de seu prometido marido. Mais tarde, porém, começou a ter outra impressão: aquela seria apenas a maneira que ele encontrara de lhe dizer que não permitiria que trabalhasse com um bom falcão depois que se tornasse sua esposa? Seria impróprio para a esposa do Herdeiro de Scathfell. E ela tomou a decisão inabalável de não renunciar a Preciosa, não importava o que lhe dissessem ou quanto a pressionassem. O vínculo entre os dois era forte demais para que se separassem.

Ao caçar com os pequenos falcões pela primeira vez — com o sentimento de culpa de estar sendo desleal a sua amada Preciosa — Romilly procurou fazer contato, alcançar o vínculo intenso entre falcão e voador. Mas os pequenos pássaros apenas irradiavam um sentimento de confusão, de exultação; não havia uma emoção íntima, o senso de contato e união — os falcões menores eram muito primários para possuírem a capacidade de laran. Sabia que os pássaros de gaiola não tinham tais faculdades — tentara algumas vezes se comunicar com eles -, na verdade "a mente de um pássaro de gaiola" era como uma mulher estúpida. Caçar com os pequenos falcões não tinha a menor graça, podia observá-los em vôo e não restava a menor dúvida de que eram bonitos, mas não existia a emoção, o sentimento de união e integração que experimentava com Preciosa. Caçava com eles diligentemente todos os dias pelo exercício, mas era sempre com alívio que tornava a encapuzá-los e lançava Preciosa ao céu, escalando o ar com ela num êxtase de vôo e liberdade.

Saía agora principalmente com Darren, e as vezes com Rael; Alderic iniciara o trabalho de coridom e estava sempre ocupado com as contas, acerto dos livros de pedigrees e supervisão dos muitos homens no castelo e estábulos. Romilly raramente o encontrava, só trocavam uma ou outra palavra cortês ao sentarem junto do fogo à noite, jogando castelos ou cartas, junto com Darren ou o pai, ou às vezes fazendo brinquedos de madeira para divertir Rael.

Os dias de Romilly também eram bastante movimentados. O pai dissera que não precisava mais de aulas e o plano de estudar contas com o velho intendente fora abandonado, já que ela casaria

em breve. Mas Calinda preenchia seus dias com costura, ensinava como devia supervisionar as costureiras e cozinheiras... até mesmo as leiteiras. Não que houvesse muita necessidade que ela fizesse tais coisas, mas assim poderia saber se as criadas trabalhavam direito ou não, explicara Calinda. Lorde Scathfell era viúvo e ela seria a primeira dama em autoridade lá; não podia deixar que pensassem que o Ninho dos Falcões era um lugar mal administrado a tal ponto que uma de suas filhas não era capaz de supervisionar as mulheres de lá. Romilly pensou que preferia entrar pessoalmente nos estábulos, ordenhar os animais e fazer a manteiga, em vez de supervisionar outras mulheres cuidando disso; quanto às costureiras, tinha certeza de que a mais jovem e menos experiente seria melhor do que ela, e sendo assim, como poderia ter a presunção de supervisionar, muito menos repreender e corrigir? Luciella pegou uma das velhas bonecas de Mallina, vestiu-a com roupas de bebê descartadas de Rael e ensinou a Romilly e Mallina como dar banho num bebê, como segurá-lo e sustentar a cabeça pendente, como trocar a fralda e o que fazer para evitar que a criança tivesse brotoejas e outros problemas de pele. Romilly não podia compreender por que, se havia tantas babás e parteiras competentes em Scathfell e Darissa com duas crianças — não, três àquela altura — precisava aprender a fazer tudo aquilo pessoalmente, antes mesmo de ter algum filho. Mas Luciella insistiu que era parte dos conhecimentos necessários de uma jovem esposa. Romilly não tinha qualquer objeção em particular a ter filhos — Rael fora adorável como bebê —, mas, ao pensar a respeito, a primeira coisa que aflorava a sua mente era Darissa, mole, flácida, gorda e indisposta, depois o processo inevitável para conceber as crianças. Fora criada entre animais e era saudável, pensara muitas vezes com um prazer secreto no momento em que teria um amante, um marido, mas quando tentava ajustar o rosto de Dom Garris nesse lugar, o que (a seu crédito) tentou virtuosamente, apenas sentiu-se nauseada. E agora, mesmo quando pensava em qualquer outro homem, a simples idéia deixava-a repugnada e tonta. Não, não poderia, teria de fugir, iria se juntar à Irmandade da Espada, constituída só por mulheres, usaria armas e lutaria como mercenária

para um dos reis que disputavam aquela terra, cortaria os cabelos e furaria as orelhas — e quando chegava a esse ponto, compreendia como era tola, pois se fugisse eles a seguiriam e a arrastariam de volta. E punha-se então a formular planos desvairados, um apelo final ao pai, à madrasta, ao próprio Lorde Scathfell... quando lhe pusessem as pulseiras gritaria "Não!" e as arrancaria; quando tentassem levá-la para o leito nupcial atacaria Dom Garris com uma faca... Com toda a certeza ele a repeliria, não iria mais querê-la... Diria a ele o quanto o detestava e Dom Garris se recusaria a aceitá-la...

Mas sabia, no fundo de seu coração, que tudo isso seria inútil. Devia casar... e não podia!

O verão foi se arrastando; a neve vespertina era apenas alguns pingos de chuva, as colinas brilhavam com flores e árvores viçosas; as moitas-nogueiras estavam cobertas por carocinhos verdes que amadureceriam em nozes, e quase todos os dias Romilly e Mallina podiam colher cogumelos frescos nos lados das árvores antigas em que haviam sido implantadas raízes de fungos. Ela colhia amoras e ajudava a transformá-las em conservas, ajudava a bater manteiga e raramente dispunha de tempo para um passeio a cavalo, muito menos para oferecer um exercício apropriado a Preciosa; mas todos os dias visitava seu falcão na gaiola e pedia a Darren ou Alderic para caçar com ele. Darren tinha medo de falcões e ainda os evitava sempre que podia, mas Alderic saía com Preciosa em sua sela sempre que dispunha de algum tempo.

— Mas ela não caça direito para mim — informou Alderic uma noite. — Acho que sente saudade de você, Romilly.

— E estou negligenciando-a — murmurou Romilly, com uma pontada de remorso.

Ela própria criara o vínculo com aquele pássaro selvagem; não podia agora traí-lo. E resolveu que no dia seguinte, não importava que deveres Luciella lhe impusesse, encontraria algum tempo para sair a cavalo e levaria o falcão.

Fez suas tarefas na manhã seguinte com tanta rapidez e disposição que Luciella ficou espantada e comentou:

— O que você não é capaz de fazer quando está com vontade, criança!

— Como já terminei tudo, mãe adotiva, posso levar meu falcão para caçar um pouco?

Luciella hesitou, mas acabou dizendo:

— Pode, sim... mas não deve negligenciar o presente de Dom Garris. Vá logo, Romilly, divirta-se no ar fresco.

Liberada, ela correu para pôr o traje de montaria e botas, ordenou que seu cavalo fosse selado — suplinha que teria de ser uma sela feminina, mas montar assim ainda era melhor do que não montar — e partiu para a casa dos falcões. Darren estava no pátio, exercitando dois falcões, com uma expressão sombria. Romilly notou seus movimentos desajeitados e disse-lhe que ia sair para caçar com seu falcão... ele não gostaria de acompanhá-la? Ele aceitou, aliviado, mandou que também selassem seu cavalo. Romilly tirava Preciosa da gaiola, sentindo o peso familiar na mão enluvada com a maior satisfação, projetando seus sentidos para o falcão, a fim de restabelecer o contato, quando o pai apareceu.

— Romilly!- ele disse bruscamente. — Leve seus próprios falcões, não esse! Sabe o que disse seu prometido marido: é impróprio para uma mulher caçar com um falcão verrin, e você tem seus próprios falcões. Ponha esse de volta na gaiola.

— Pai! — ela protestou, num súbito ímpeto de raiva. — Preciosa é meu falcão, eu mesma a treinei! É meu, meu! Ninguém mais caçará com ela! Como pode ser impróprio para mim caçar com um falcão que treinei? Vai deixar que Dom Garris lhe diga o que é certo para sua própria filha fazer, em sua própria casa?

Ela viu o conflito e consternação no rosto do pai, mas ele disse, o tom ainda ríspido:

— Mandei pôr esse falcão de volta na gaiola e sair com os seus! Não admitirei que me desafie, menina!

Ele avançou para cima da filha. Preciosa sentiu a agitação de Romilly e bateu as asas freneticamente, debateu-se furiosa em seu pulso, esticando as peias amarradas ao máximo, depois se acalmou, irrequieta.

— Pai... — suplicou ela, baixando a voz para não perturbar os pássaros que se assustavam facilmente — ... não faça isso...

O MacAran estendeu a mão, segurou com firmeza as patas de Preciosa e colocou-a de volta na gaiola.

— Vai me obedecer, e ponto final.

— Ela não está tendo exercício suficiente — suplicou Romilly. - Precisa caçar.

O MacAran fez uma pausa.

— Tem razão.

Ele chamou Darren e sacudiu a cabeça para indicar Preciosa.

— Pode pegá-la. Ela é sua. Precisa de um bom falcão para trabalhar, e este é o melhor que temos. Saia com ele hoje e comece a se acostumar.

A boca de Romilly se entreabriu numa surpresa indignada. O pai não podia fazer aquilo com ela... não podia fazer aquilo com Preciosa! O MacAran tornou a pegar o pássaro, segurou-o firmemente até que o esvoaçar se reduzisse, depois colocou-o no pulso de Darren. Ele recuou abruptamente, aturdido. Preciosa, mesmo encapuzada, esticou a cabeça, tentando bicar alguma coisa, bateu as asas. Darren esquivou-se, virando o pulso, de tal forma que o falcão perdeu o equilíbrio e caiu, pendendo das peias. O MacAran disse, num sussurro rouco:

— Pegue-o! E trate de quietá-lo! E se partir uma única de suas asas de vôo, vou quebrar seu pescoço, menino!

Darren fez alguns movimentos ineficazes para acalmar o pássaro, conseguindo finalmente mantê-lo um pouco quieto em sua luva. Mas sua voz soou estridente quando disse:

— Não... não é justo, senhor. Pai, eu lhe suplico... Romilly treinou esse falcão pessoalmente e com seu laran...

— Cale-se, rapaz! Não se atreva a dizer essa palavra na minha presença!

— Recusar-se a ouvir não fará com que seja menos verdadeira, senhor. É o falcão de Romilly, ela o treinou, ela o mereceu e não o quero... Não o tirarei de Romilly!

— Mas terá de recebê-lo de mim! — O MacAran projetou o queixo para a frente, furioso. — Como se atreve a dizer que não

posso dar um falcão que foi treinado em minha própria casa? Romilly ganhou falcões de seu prometido marido. Não precisa deste, e você o aceitará ou...

Ele inclinou-se para Darren, os olhos ardendo, a respiração entrando e saindo ruidosamente.

— Ou torcerei o pescoço do falcão aqui mesmo, na frente de vocês dois! Não admito qualquer desafio em minha própria casa!

Ele fez um gesto ameaçador, como se fosse cumprir a ameaça, e Romilly gritou:

— Não! Não! Por favor, pai, não! Darren, não o deixe... leve o falcão, é melhor você ficar com ele...

Darren respirou fundo, tremendo. Umedeceu os lábios com a língua e ajustou o falcão no braço.

— Só porque você me pede, Romilly. Só por isso, eu lhe prometo. Os olhos ardendo, Romilly virou-se para o lado, a fim de pegar um dos falcões pequenos e inúteis que ganhara de presente de Dom Garris. Odiava-os naquele momento, aquelas coisinhas estúpidas. Por mais bonitos que fossem, enfeitados com toda elegância, não passavam de ornamentos, jóias bonitas mas sem sentido, não eram falcões de verdade, não eram como Preciosa. Seu coração ansiava por Preciosa, pousada irrequieta no pulso desajeitado de Darren.

Meu falcão. Meu. E agora o tolo do Darren vai estragá-la... ah, Preciosa, Preciosa, por que isso tinha de acontecer conosco? Ela sentiu que também odiava o pai e até Darren, transferindo Preciosa de sua luva para o poleiro na sela. Lágrimas toldaram seus olhos ao montar. O pai pedira seu grande cavalo cinzento; iria acompanhá-los, ele comunicou, furioso, para se certificar de que Darren usaria o falcão direito; e se não o fizesse, ele aprenderia da mesma forma como aprendera o alfabeto, à custa de uma surra, aplicada com o próprio chicote de montaria do MacAran!

Todos se mantiveram em silêncio, angustiados, enquanto desciam pelo caminho dos picos do Ninho dos Falcões. Romilly seguia por último, olhando para o pai com um ódio irrefreável e para a sela de Darren, onde Preciosa se empoleirava, irrequieta. Irradiou sua consciência, seu laran — já que a palavra fora usada —, para

Preciosa, mas o falcão estava agitado demais; sentiu apenas um turbilhão de confusão e ódio, uma ira avermelhada que deixou sua mente atordoada também, até que tudo o que podia era se manter na sela.

Não demorou muito para que alcançassem a vasta campina em que haviam voado os falcões naquele dia... só que, antes, era Alderic quem os acompanhava, um rosto amigo e mãos prestativas, não o pai furioso. Desajeitado, beliscando o falcão em sua pressa, Darren tirou o capuz da cabeça de Preciosa, levantou o punho e lançou-a em vôo; Romilly, projetando seus sentidos para se fundirem com os do falcão que se elevava no ar, sentiu como a fúria se desvanecia enquanto Preciosa voava pelo céu, e pensou, desesperada: Que ela voe livre. Nunca mais voltará a ser minha e não posso suportar a perspectiva de vê-la maltratada por Darren. Suas intenções podem ser boas, mas ele não tem mãos ou coração para falcões. Enquanto penetrava na mente e coração do falcão, Romilly teve a sensação de que toda sua alma se projetava no grito.

Vá, Preciosa! Voe para longe, voe livre... uma de nós pelo menos deve ser livre! Mais alto...mais alto...agora vire e vá embora...

— Romilly, o que a aflige? — A voz do pai era ríspida. — Lance seu pássaro, menina!

Ela voltou, angustiada, à realidade, as mãos experientes soltaram o capuz bordado. O pequeno falcão, brilhando como uma pedra preciosa ao sol vermelho, alçou vôo contra o vento e Romilly ficou observando, sem ver... os olhos estavam toldados pelas lágrimas, toda sua percepção com Preciosa.

Mais alto, mais alto... agora, voe com o vento, para longe, bem longe... livre no vento... voando livre e para longe... uma última e rápida visão do campo, espalhando-se lá embaixo como uma ilustração colorida num dos livros de Rael, depois o frágil vínculo rompeu-se e ela estava sozinha outra vez, sozinha em sua própria mente, as mãos e o coração vazios, ouvindo apenas o estridente grito do pequeno falcão, atacando algum minúsculo roedor na relva... e depois vindo pousar de leve em sua sela. Com gestos

automáticos Romilly removeu a pequena carcaça, deixando o falcão alimentar-se de sua luva, mas com o coração vazio.

Preciosa. Ela se foi. Nunca mais...

A cabeça do pai estava inclinada para trás, os olhos esquadrihavam o céu, na direção em que Preciosa desaparecera.

— Ela se foi há muito tempo — comentou O MacAran. — Romilly, você costuma deixá-la voar até ficar fora de vista?

Ela sacudiu a cabeça. O MacAran esperou, imóvel. Darren também tinha a cabeça inclinada para trás, a boca contraída num "O" de temor. Todos esperaram. Finalmente O MacAran disse em fúria:

— Você o perdeu, seu desajeitado miserável! Nosso melhor falcão e você o perde logo na primeira vez em que o solta! É um filho imprestável, um desgraçado que não serve para nada, a não ser escrever!

Ele levantou o chicote e baixou-o nos ombros de Darren, que soltou um grito, mais de surpresa do que de dor; mas o som fez Romilly entrar em ação. Ela saltou do cavalo e correu para os homens, postando-se entre os dois, de maneira a receber os golpes.

— É em mim que deve bater! — gritou Romilly. — Não é culpa de Darren! Eu é que o perdi, deixei-o ir embora... não posso ser livre, devo ficar acorrentada dentro de uma casa e ser privada do meu falcão, seu tirano desgraçado, mas não permitirei que Preciosa fique também acorrentada! Mandei-a embora com meu laran... com meu laran... você afugentou Ruyven com sua tirania, fez Darren ter medo de você, mas eu não tenho medo e pelo menos não maltratará meu falcão outra vez, meu falcão, meu...

Ela rompeu num incontrolável pranto. O pai contivera-se por um momento, quando o primeiro golpe acertara os ombros de Romilly, mas enquanto ouvia a torrente de insultos, enquanto as palavras proibidas Ruyven e laran alcançavam seus ouvidos, o rosto tornou-se sombrio e furioso, congestionado pela ira, ergueu de novo o chicote e bateu com toda força. E continuou a golpear. Romilly estremecia com a dor e gritava para o pai, incoerentemente, mais alto do que nunca; o pai desceu do cavalo e avançou, acertando-a nas costas e ombros com o chicote, até que finalmente Darren

passou os braços em torno dele, berrando desesperado; e logo outra voz soou, de Dom Alderic, contendo O MacAran com braços fortes.

— Calma, calma, senhor.. . desculpe, mas não deve bater numa moça assim... bom Deus, Romilly, suas costas estão ensangüentadas. .. olhe, senhor, até rasgou o vestido!

Ele arrancou o chicote das mãos do pai. O MacAran não esboçou qualquer protesto, baixando os braços, atordoado. Romilly cambaleou, sentindo o sangue escorrer pelas costas, que ardiam. Alderic empurrou o pai para os braços de Darren e foi ampará-la. A ira do MacAran fora substituída pelo torpor; olhou apressado, consternado, para o vestido rasgado de Romilly, onde o chicote cortara o tecido em tiras, desviou os olhos. E balbuciou:

— Eu... eu não sabia o que estava fazendo... e fico lhe devendo, Dom Alderic. .. Eu... eu.. .

A voz lhe faltou. Balançou sem sair do lugar e teria caído se Darren não o segurasse. O MacAran olhou fixamente para Romilly e declarou, a voz áspera:

— Perdi o controle. Não a perdorei, menina, por ter me levado a agir de maneira tão vergonhosa! Se você fosse um homem, eu a espancaria até ficar sem sentidos! Mas não demora muito e seu marido estará no comando; se lhe falar assim, não duvido nada que ele parta sua cabeça ao meio! Suma da minha frente!

Romilly cambaleou; Alderic conduziu-a para seu cavalo.

— Pode montar? — ele murmurou.

Ela balançou a cabeça, as lágrimas voltando a escorrer.

— É melhor voltar para casa — ele acrescentou —, enquanto seu pai ainda está em choque pelo que fez.

O MacAran empertigou-se, ainda balançando a cabeça em consternação e ira.

— Em todos os anos de minha vida nunca encostei a mão numa mulher ou menina! Não me perdorei nem a Romilly por me provocar!

Ele levantou os olhos para o céu, na direção em que o falcão desaparecera e murmurou alguma coisa, mas Romilly, levada por Alderic, já se afastava às cegas para o Ninho dos Falcões. Quando

entrou em casa, cambaleando, e foi para seus aposentos, a velha babá recebeu-a consternada.

— Oh, meu cordeirinho, minha pequena, o que aconteceu com você? Suas costas... seu traje de montaria...

— O pai me bateu — ela respondeu, com um choro terrível. — E me bateu porque Darren perdeu meu falcão.. .

Gwennis tirou o que restava do traje de suas costas, cuidou da pele lacerada e da carne ferida com óleo e pomada de ervas, cobriu-a com um velho roupão de tecido macio e levou sopa quente para que ela tomasse na cama. Romilly começara a tremer, estava doente e febril. Gwennis resmungava, mas sacudiu a cabeça e perguntou:

— Como pôde irritar tanto seu pai? Ele é um homem gentil, deve ter ficado fora de si para fazer uma coisa assim!

Romilly não podia falar, os dentes batiam. Não parava de chorar, por mais que tentasse se controlar. Gwennis, alarmada, foi chamar Luciella, que também chorou por causa dos ferimentos de Romilly, e pelo traje arruinado, mas mesmo assim repetiu o que Gwennis já dissera:

— Como pôde irritar seu pai desse jeito? Ele nunca faria uma coisa assim se você não o tivesse provocado além do suportável!

Elas me culpam, pensou Romilly, todos me culpam por que fui surrada...

E agora não há esperança para mim. Preciosa se foi. Meu pai está mais interessado em manter suas boas relações com Aldaran do que se importa comigo. Espanca Darren brutalmente porque Darren não tem meus dons, mas também não me deixa ser o que sou nem Darren ser o que é; não se importa absolutamente com o que somos, apenas com o que gostaria que fôssemos. Ela não escutava as atenciosas palavras de Luciella nem dava atenção aos afagos de Gwennis. Não podia parar de chorar; e continuou até que os olhos ficaram doloridos e a cabeça latejando, o nariz avermelhado e escorrendo. E o choro acabou embalando-a até o sono.

Acordou tarde, quando o Ninho dos Falcões estava silencioso e a grande face violeta de Kyrdis pairava brilhando em sua janela. A cabeça ainda doía muito e as costas ardiam, apesar dos unguentos

aplicados por Gwennis. Sentia fome; resolveu descer e pegar um pedaço de pão e carne fria na cozinha.

Meu pai me odeia. Ele expulsou Ruyven de casa com sua tirania, mas Ruyven pelo menos está livre, aprendendo a ser o que deve ser, numa Torre. Ruyven estava certo; pelo menos, fora do alcance da vontade de ferro do pai, ele pode ser o que é, não o que o pai gostaria que ele fosse. E, subitamente, Romilly compreendeu que ela também deveria ser livre, como Preciosa era livre para ser o que era.

— Tremendo, ela pegou um velho colete de tricô e colocou-o sobre as costas doloridas, vestiu uma velha túnica e culote. Esgueirou-se em silêncio pelo corredor, com as botas na mão. Eram botas de mulher; uma mulher, ela ouvira durante toda a vida, sozinha não estava segura nas estradas; e depois da maneira como Dom Garris a fitara no Solstício do Verão, podia compreender o porquê. O quarto de Ruyven estava fechado, todas as suas coisas como as deixara; sem fazer barulho, Romilly entrou no quarto, tirou de um baú uma das camisas mais simples do irmão e um velho culote de couro, um pouco grande para ela. Tirou os trajes apertados de Darren e pôs os mais largos de Ruyven; pegou também um manto e uma sobretúnica de couro, depois voltou a seu próprio quarto para buscar a luva de falcoagem. Lembrando que Preciosa fora embora, quase a deixou para trás, mas pensou: Algum dia terei de novo um falcão e me lembrarei de Preciosa por isto. Finalmente, antes de meter sua velha adaga na bainha, cortou os cabelos na nuca. Ao sair, jogou a trança no fundo do monturo, para que não descobrissem. Trancara o quarto de Ruyven e ninguém jamais pensaria em procurar entre as roupas velhas do irmão e contar as camisas. Levaria suas roupas, a fim de que procurassem por uma moça de cabelos compridos num traje verde de montaria, não um rapaz indefinido em roupas velhas e comuns. Entrando no estábulo, pegou uma sela velha, coberta de poeira, escondida atrás de outras sucatas de arreios descartados, colocou em seu cavalo, depois pensou melhor e deixou-o na baia. Um cavalo preto, um cavalo bem criado, poderia denunciá-la em qualquer lugar como uma MacAran. Saiu com a sela e fez um pequeno volume com os

arreios e suas roupas femininas. Deixou a sela ali e entrou furtivamente na cozinha — no verão, todo o trabalho da cozinha era realizado num prédio externo, a fim de que o castelo não ficasse muito quente —, encontrou carne e pão, um punhado de nozes e alguns bolos de grãos, que a cozinheira preparava todos os dias para os melhores cães, as cadelas que estavam esperando cria e as que amamentavam filhotes... eram bastante apetitosos e ninguém daria por sua falta, pois eram preparados às dezenas, quase às centenas... um punhado nunca seria contado. Enrolou tudo numa toalha de cozinha e amarrou as pontas da improvisada trouxa, depois calçou as botas, saiu e levou a trouxa e a sela para o pasto exterior, onde velhos cavalos pastavam. Olhou ao redor, à procura de um cavalo cuja falta não seria percebida por alguns dias. .. que todos pensassem que ela partira a pé. Finalmente decidiu-se por um velho matungo usado apenas de vez em quando, para as visitas do velho coridom, agora aposentado e que raramente safa de casa, aos pastos mais distantes. Chamou suavemente — todos os cavalos a conheciam — e o animal aproximou-se da cerca trotando. Romilly murmurou-lhe algumas palavras, alimentou-o com um punhado de capim, depois ajeitou a sela em suas costas e levou-o pelo caminho, sem montar até ficar bem longe do castelo, quando não mais poderiam ouvi-la. Houve um momento em que um cachorro começou a latir no interior do castelo e ela prendeu a respiração, desejou com toda intensidade que o animal permanecesse em silêncio.

Na base da colina ela subiu na sela, estremeando quando os recentes ferimentos foram sacudidos, mas rangeu os dentes de dor e envolveu-se com o manto contra o frio. Levantou os olhos para o Ninho dos Falcões em seu penhasco, lá em cima.

Portador dos Fardos! Não posso, não posso... o pai está arrependido por ter me batido, isto é loucura, eu deveria voltar antes que dêem por minha falta...

Mas depois afloraram as lembranças do rosto de Darren quando ela lhe entregara o falcão, a raiva do pai, os olhos determinados e desesperados de Ruyven na última vez em que o vira, antes de fugir de Nevarsin. .. Não, o pai fará com que sejamos

o que ele deseja, não o que somos. A lembrança de Dom Garris e a maneira como a tratara rudemente no Solstício do Verão, o pensamento de como ele poderia se comportar depois que ela lhe fosse entregue, como sua esposa, sua propriedade para fazer o que bem quisesse...

Romilly assumiu uma expressão decidida, como se o rosto fosse feito de ferro. Se alguém pudesse vê-la naquele momento, teria reparado numa coisa: ela era muito parecida com o pai. E afastou-se do Ninho dos Falcões sem olhar para trás uma única vez.

Livro Dois
A Fugitiva

Capítulo Um

No terceiro dia começou a nevar. Romilly, que passara toda a vida nos contrafortes das Hellers, sabia que precisava encontrar um abrigo depressa; nenhum ser vivo poderia sobreviver a uma tempestade, mesmo naquela estação, exceto em um abrigo. O vento fustigava como uma faca, e uivava por entre as árvores ao longo do caminho como as vozes de dez mil demônios. Por um instante ela considerou a possibilidade de voltar até a pequena fazenda pela qual passara no início daquela manhã e pedir abrigo... mas não! Os fazendeiros podiam ser dos que de vez em quando iam ao Ninho dos Falcões, e até mesmo no traje de rapaz poderiam reconhecê-la como a filha do MacAran. Nunca estivera tão longe de casa antes e não sabia onde se encontrava.

Sabia vagamente que se continuasse por aquela trilha, seguindo para o norte, acabaria chegando a Nevarsin, de onde poderia pegar a estrada para a Torre Tramontana. Lá encontraria o irmão Ruyven... ou se ele tivesse sido enviado para outro lugar pelas leroni que dirigiam as Torres, pelo menos teria notícias dele. Pensara também em procurar treinamento para seu laran nas Torres, como a leronis Marelie a incentivara a fazer, alguns anos antes. Como alternativa, poderia permanecer em Nevarsin durante o inverno. Vivia nas Hellers por tempo suficiente para saber que viajar no inverno pelas estradas que deveria seguir para chegar a Nevarsin era um empreendimento perigoso, assumido apenas pelos loucos ou desesperados. Com certeza poderia encontrar trabalho em algum lugar de Nevarsin, como aprendiz de mestre falcoeiro, com um ferreiro ou guardião de cavalos como cavaliço... pois não tinha a menor intenção de revelar que era uma moça. Raramente se ausentara de casa, onde até as moças da cozinha e lavadeiras eram tratadas gentilmente e supervisionadas por Domna Luciella, mas a própria maneira como reagiam a esse tratamento indicava como era excepcional. Uma das mulheres, que trabalhara numa taverna há anos, contara muitas histórias sobre o tratamento que lhe era dispensado. Romilly não duvidava de sua capacidade de cuidar de si

mesma e manter mãos indesejáveis à distância; mas até mesmo o cavaleiro mais humilde ganhava uma remuneração superior a qualquer criada de cozinha ou taverna, e Romilly não tinha muitas habilidades para se elevar acima das tarefas mais subalternas das copeiras. Só conhecia cavalos e falcões e a supervisão de criadas. Costureiras e aias para crianças, ela sabia, podiam ganhar bons salários, mas o simples pensamento de trabalhar como costureira a fazia sorrir, lembrando suas precárias tentativas com a costura, e para o emprego de aia iriam exigir muito mais informações do que ela estava disposta a revelar. Não, se decidisse passar o inverno em Nevarsin teria de permanecer como rapaz, para todos os efeitos e propósitos, procurando trabalho nos estábulos ou casas de falcões.

E assim, pelo menos, estaria perto de cavalos e falcões. Pensou com uma pontada de amargura em Preciosa perdida.

Mas estou contente que tenha acontecido, ela pensou, decidida, inclinando-se contra o vento impetuoso e puxando o manto sobre o rosto, quase cobrindo os olhos. Se não fosse assim, eu nunca teria coragem de realizar o rompimento! Permaneceria obediente, talvez mesmo casasse com Dom Garris... e um tremor de repulsa percorreu seu corpo. Não, era melhor assim, mesmo que tivesse de passar o resto da vida trabalhando como rapaz nos estábulos de algum estranho!

A neve começava a se transformar numa chuva fria e intensa; as patas do cavalo escorregavam na trilha íngreme e Romilly, entrando em contato, sentiu o frio do vento, a maneira apreensiva como o animal estremecia e punha as patas com indeciso cuidado no caminho escorregadio. A chuva congelava ao cair e o manto estava se tornando duro com o gelo. Precisavam mesmo encontrar abrigo, o mais depressa possível.

Chegaram a um ponto em que a trilha se dividia, um caminho levado para cima, através das árvores copadas nos dois lados, o outro mais largo, porém descendo íngreme. Romilly saltou do cavalo e adiantou-se, esticando o pescoço para esquadrinhar à frente através da chuva densa e nevoenta. Para baixo nada pôde divisar, além de um pequeno córrego que cascadeava até perder de vista pelas pedras ao lado da estrada; para cima, no entanto, teve a

impressão de avistar as paredes de algum tipo de construção, uma cabana de pastor ou um abrigo para animais. A estrada mais larga podia conduzir a uma aldeia ou a algumas fazendas no vale, mas não podia ter qualquer certeza. Além do mais, não via luzes no vale e a chuva era cada vez mais intensa.

Então era melhor subir, na direção do abrigo, por mais tosco que fosse; pelo menos estaria a salvo do vento e chuva. Não tornou a montar — numa trilha como aquela, tão íngreme, o cavalo se sairia melhor sem seu peso. Pegou as rédeas, falando suavemente ao animal quando ele puxou a cabeça bruscamente. Desejou ter trazido seu próprio cavalo, pois aquele era estranho. Contudo, era bastante dócil e até amistoso.

A escuridão através da neve e da chuva foi se tornando cada vez maior; era mesmo uma construção, não muito grande, mas parecia à prova d'água. A porta estava caindo, quase saindo das dobradiças, rangeu quando ela a empurrou e entrou.

— Quem está aí? — gritou uma voz trêmula.

Romilly sentiu o coração disparar e a garganta se apertar de medo. Embora às escuras, quase em ruínas, o abrigo não estava abandonado. Ela se apressou em dizer:

— Não tenciono qualquer mal, madame. .. perdi-me na tempestade e a chuva está congelando. Posso entrar?

— Honra ao Portador dos Fardos e graças por você ter aparecido — balbuciou uma voz muito velha. — Meu neto foi à cidade e com certeza teve de se abrigar em algum lugar com essa tempestade. Ouvei os passos de seu cavalo e por um momento pensei que fosse Rory voltando. Mas ele monta um pônei e você tem um cavalo. Não posso sair da cama, quer pôr um pouco de lenha no fogo, rapaz?

O rosto de Romilly começava a degelar um pouco e ela pôde sentir o cheiro da fumaça; tateando na escuridão, encaminhou-se para as brasas. O fogo estava quase apagado. Romilly atçou as brasas, fez o fogo surgir com pequenos gravetos; depois que pegaram, tratou de aumentá-lo com um galho maior e uma acha. Parada, esquentando as mãos, na claridade crescente, divisou uns poucos móveis decrepitos, bancos, uma cama embutida na parede,

onde estava deitada uma mulher muito velha, recostada na cabeceira. Enquanto o fogo aumentava, a velha

disse:

— Venha até aqui, rapaz. Quero dar uma olhada em você.

— Meu cavalo... — murmurou Romilly, hesitante.

— Pode levá-lo para o estábulo. Faça isso primeiro e depois venha até aqui.

Ela teve de fazer um bom esforço para cobrir o rosto com o manto e tornar a sair para o intenso frio. O estábulo estava deserto, a não ser por um par de gatos esqueléticos, que gemeram e roçaram contra suas pernas. Depois de desencilhar o cavalo e lhe dar dois pedaços do pão de cachorro — seria suficiente para alimentá-lo por aquela noite —, os gatos seguiram-na através da porta para o calor do fogo agora ardente.

— Bom, bom... — murmurou a velha, em sua voz trêmula. — Pensei neles lá fora no frio, mas não podia me levantar para deixá-los entrar. E agora venha até aqui e deixe-me vê-lo, rapaz.

Quando Romilly se adiantou e parou ao lado da cama, a velha ergueu-se um pouco, aproximando o rosto encarquilhado de Romilly.

— Como foi sair com esse tempo, rapaz?

— Estou viajando para Nevarsin, mestra.

— Sozinho? Nessa tempestade?

— Parti há três dias, quando o tempo estava bom.

— Vem do sul do Kadarin? Cabelos vermelhos... você tem mesmo alguma coisa dos Hali'imyn.

A velha estava envolta por várias camadas de xales esfarrapados e três ou quatro mantas puídas, não muito melhores que mantas de cavalo, estavam empilhadas na cama. Parecia esquelética, encovada, exausta. Deixou escapar um trêmulo suspiro e disse:

— Eu esperava que ele voltasse de Nevarsin no início deste dia, mas sem dúvida a neve está pior para o norte... Muito bem, com você para manter o fogo aceso não congelarei aqui, sozinha, na tempestade. Meus velhos ossos já não suportam o frio como antigamente. Antes de sair, ele armou um fogo para três dias, dizendo que voltaria com certeza antes disso...

— Posso ajudá-la em mais alguma coisa, mestra!

— Se sabe preparar um mingau, então poderemos comê-lo juntos. -A velha indicou uma panela vazia, tigela e colher ao seu lado. — Mas primeiro tire essas roupas molhadas, rapaz.

Romilly prendeu a respiração; aparentemente a velha aceitava-a como um rapaz. Tirou o manto e as botas, pendurou o manto perto do calor do fogo para secar; havia um barril com água perto do fogo e pegou a panela vazia, lavou-a. Sob a orientação da velha, encontrou um saco pela metade com um alimento ordinário, mais nozes moídas do que cereais, e um pouco de sal, pôs a mistura na panela e pendurou num gancho comprido por cima do fogo. A velha chamou-a de volta.

— Para onde está indo com esse tempo horrível, meu rapaz?

Ao ouvir o "meu rapaz", Romilly sentiu que um suspiro de alívio lhe subia pela garganta; pelo menos a velha a aceitara pelo que parecia ser, um rapaz e não uma moça prestes a se tornar uma mulher. E depois lhe ocorreu que enganar uma velha, meio cega, não era grande coisa, afinal de contas; que pessoas com olhos mais jovens e espíritos mais perceptivos poderiam descobri-la com facilidade. A velha na cama ainda a espiava através das pálpebras encarquilhadas, esperando uma resposta.

— Estou viajando para Nevarsin — ela acabou dizendo. — Meu irmão está lá.

— No mosteiro? Ora, está muito longe do caminho para lá, rapaz... deveria ter seguido pela esquerda no fundo da montanha. Mas agora é tarde demais, deve esperar a tempestade passar. E quando voltar, Rory mostrará o caminho certo.

— Eu lhe agradeço, mestra.

— Qual é o seu nome, rapaz?

— Rom...

Romilly hesitou, reprimindo o restante de seu nome e compreendendo que não pensara nisso por um momento sequer. Pensou em dizer "Ruyven", mas concluiu que não se lembraria de responder a esse chamado e sempre procuraria pelo irmão. Engoliu em seco, fingiu ter engasgado por um instante com a fumaça do fogo e acabou murmurando:

— Rumai.

— E por que está indo sozinho para Nevarsin? Vai se tornar monge ou foi enviado para lá a fim de aprender com os irmãos, como acontece com os filhos dos nobres? Tem uma aparência de nobre, por falar nisso, como se tivesse nascido numa Grande Casa... e suas mãos são mais finas que as de um cavaliço.

Romilly quase riu, recordando a ocasião em que Gwennis, franzindo o rosto para suas mãos calejadas no contato com rédeas e garras, a censurara:

— Ficaré com as mãos de um cavaliço se não tomar cuidado! Porém outra vez a velha esperava por uma resposta e Romilly se lembrou do filho de Nelda, Loran — todos no Ninho dos Falcões sabiam que ele era o filho nedestro do MacAran, embora Luciella preferisse fingir que ignorava e recusava-se a admitir que o rapaz existia.

— Fui criado numa Grande Casa, mas minha mãe era orgulhosa demais para me entregar a meu pai, já que fui concebido num Festival. Ele disse que eu poderia me sair melhor numa cidade e espero encontrar trabalho em Nevarsin... eu era aprendiz do mestre falcoeiro.

E isso, pelo menos, era verdade; era mais aprendiz de Davin do que o imprestável Ker.

— Bom, Rumai, seja bem-vindo. Vivo aqui sozinho com meu neto... minha filha morreu quando ele nasceu e o pai partiu para as terras baixas, a serviço do Rei Rafael, no outro lado do Kadarin, para o sul. Meu nome é Mhari e passei a maior parte da minha vida nesta cabana. Ganhamos a vida com a produção de nozes... ou pelo menos ganhávamos, até que fiquei velha demais para isso. É difícil para Rory cuidar das árvores em todas as estações e ao mesmo tempo cuidar de mim. Mas ele é um bom rapaz e foi vender nossas nozes no Mercado em Nevarsin, voltará com farinha para o mingau e ervas medicinais para meus velhos ossos. Quando ficar um pouco mais velho, talvez consiga arrumar uma esposa e os dois poderão viver aqui, pois isto é tudo o que tenho para lhes deixar.

— Acho que o mingau já está fervendo — disse Romilly.

Ela foi até o fogo, a fim de afastar um pouco a panela das chamas. Serviu uma tigela para a velha, levantou-a para comer, sacudiu os travesseiros e alisou as cobertas, ajeitou-a para dormir.

— Você tem mãos caprichosas como uma moça. — Romilly sentiu o coração parar, até que a velha acrescentou: — Acho que isso vem de cuidar dos pássaros. Nunca tive mãos para isso, nem paciência! Mas seu mingau vai esfriar, criança. Vá comê-lo e depois pode dormir na enxerga de Rory, junto do fogo, pois não é provável que ele chegue com essa tempestade.

Romilly acomodou-se ao lado do fogo abafado para comer, depois lavou a tigela com a água do barril, colocou-a perto do fogo para secar e deitou-se, envolta no manto. Era uma cama dura, mas na trilha dormira em lugares piores. Passou algum tempo desperta, escutando sonolenta o barulho da tempestade lá fora e a ocasional gota d'água que descia pela chaminé para chiar no fogo por um instante. Acordou duas vezes durante a noite para se certificar de que continuava viva. Perto do amanhecer o barulho da tempestade amainou um pouco e ela caiu num sono profundo, do qual foi arrancada por vigorosas batidas na porta. Mhari sentou-se na cama.

— É a voz de Rory — disse ela. — Você passou o ferrolho na porta?

Romilly sentiu-se uma tola. A última coisa que fizera antes de deitar fora trancar a porta por dentro... o que a velha entrevada nunca poderia ter feito. Não era de admirar que a voz lá fora soasse alta e agitada! Ela correu para a porta e puxou o ferrolho.

A porta foi aberta e ela deparou com um jovem alto e corpulento, de bigode e vestido em aniagem puída e com um manto de um estilo que não era usado nas Hellers desde que seu pai era criança. Ele empunhava uma adaga e a teria atacado se não fosse pelo grito da velha Mhari.

— Não, Rory... o rapaz não fez por mal... ele cuidou de mim e preparou um jantar quente... deixei que ele dormisse aqui!

O jovem de aparência rude largou a adaga e correu para a cama.

— Está mesmo bem, vovó? Quando descobri que a porta estava trancada e vi um estranho aqui dentro, fiquei com medo que

alguém tivesse entrado e feito alguma coisa a você...

— Calma, calma... — murmurou a velha Mhari. — Estou sã e salva, e ainda bem que ele veio, pois o fogo estava apagado e eu poderia congelar durante a noite.

— Fico grato a você, quem quer que seja, rapaz. — Rory pegou a adaga no chão, guardou-a na bainha e inclinou-se para beijar a avó na testa. — A tempestade estava terrível e toda a noite só pude pensar em vovó, sozinha aqui, com o fogo apagado e sem ter como se alimentar. Meu fogo é seu enquanto tiver precisão.

Era a antiga fórmula de hospitalidade das montanhas que se oferecia a um estranho, e o jovem corpulento logo acrescentou:

— Deixei meu abrigo assim que a chuva parou e vim para casa, embora os anfitriões me convidassem a ficar até o amanhecer. E você está bem e agasalhada, isso é o mais importante, vovó querida.

Ele olhou ternamente para a velha. Jogando o manto num banco, foi até a panela de mingau, ainda pendurada junto do fogo. Tirou um pouco com a concha, o mingau grosso e duro depois da noite, começou a comer com os dedos.

— Ah, comida quente é outra coisa... ainda está frio como o bafo de Zandru lá fora, a chuva congelou nas árvores e na estrada... temi que o velho Faísca escorregasse e quebrasse uma perna. Mas consegui algum cereal, vovó, assim terá pão, além do mingau. Também tenho frutas-pretas secas na bolsa. A esposa do moleiro mandou para você, dizendo que gostaria da mudança. — Ele virou-se para Romilly e perguntou: — Pode fazer o favor de pegar os alforjes no meu animal? Estou com as mãos muito frias, quase congeladas, não poderia desamarrá-los até esquentarem. E você passou a noite inteira no calor.

— Com prazer — respondeu Romilly. — Preciso mesmo sair para ver como está meu cavalo.

— Tem cavalo? — Uma expressão quase de cobiça surgiu no rosto de Rory. — Eu sempre quis ter um cavalo, mas não é para gente como eu. Você deve ter sido criado numa Grande Casa.

Romilly saiu, ajeitando o manto nas costas, tirou os pesados alforjes que estavam no magro pônei que Rory montava. Levou o

saco de cereal para o estábulo e voltou à cabana com os alforjes, largando-os no chão, perto do fogo.

Rory estava inclinado para a avó, conversando em voz baixa. Romilly tinha certeza de que ele não a ouvira entrar. Tornou a sair, foi para o estábulo e alimentou seu cavalo com dois bolos de cachorro, afagando-lhe o focinho e falando com ele. Havia uma velha privada dentro do estábulo e ela usou-a; parou ao reajustar o traje, consternada com as manchas de sangue nas roupas de baixo; por causa da tempestade, perdera a noção dos dias. Quando pensava em passar por homem, ela disse a si mesma, ironicamente, havia esquecido de certos aspectos muito importantes que tenho de lembrar. Nunca imaginara que seria simples, mantinha-se alerta para imprimir à voz o tom mais profundo e andar do jeito descontraído pelo qual sempre fora censurada por Luciella e sua governanta, mas esquecera os ritmos inexoráveis da biologia feminina, que poderiam traí-la mais do que qualquer outra coisa.

Enquanto pegava uma das anáguas velhas no saco — talvez pudesse lavá-la escondida à noite —, refletiu sobre o que deveria fazer agora. A velha prometera que Rory lhe mostraria o caminho para Nevarsin. Seria grosseira se insistisse em partir imediatamente? Deveria ter inventado que alguém a esperava naquela cidade e viria procurá-la se não aparecesse na hora marcada. Depois de certificar-se que não havia manchas denunciadoras nas roupas, ela levou o pônei de Rory para o estábulo, providenciando palha fresca e ferragem; não gostava da aparência do jovem corpulento e vulgar, mas o animal não podia ser culpado e não deveria sofrer por sua aversão ao dono.

E depois ela tornou a passar pela porta da cabana... e parou no mesmo instante ao ouvir a voz da velha.

— O rapaz foi bom para mim, Rory. É uma coisa horrível o que você quer fazer, e uma falta de hospitalidade, o que os Deuses detestam.

A voz de Rory era sombria:

— Sabe há quanto tempo sonho em ter um cavalo. Enquanto continuar a viver aqui, no fim do mundo, nunca terei melhor oportunidade. Se ele é um bastardo fugitivo de algum lugar, nunca

darão por sua falta. Viu seu manto... em todos os meus anos nunca pude ter um manto assim, só o broche pagaria um curandeiro para vir de Nevarsin e tratar de suas dores nas juntas. Quanto à sua dívida com ele... ora, ele teve alojamento e fogo a noite toda, não foi apenas bondade de sua parte. E posso cortar a garganta dele tão depressa quanto uma rajada de vento, ele nem terá tempo de sentir medo.

Romilly sentiu um aperto na garganta, apavorada. Ele tencionava matá-la! Nunca pensara, por um momento sequer, nem mesmo na pobreza da cabana, que seu cavalo e o manto, muito menos o broche de cobre que servia como fecho e o dinheiro em sua bolsa, pudessem representar um risco para sua vida. O primeiro impulso foi recuar sem fazer barulho e fugir; mas sem o manto ou o cavalo, sem comida, morreria depressa no frio intenso! Os dedos envolveram o punho da adaga na bainha ao seu lado. Pelo menos ele não encontraria uma vítima desprevenida ou fácil, venderia sua vida tão caro quanto pudesse. Mas não devia permitir que eles soubessem que estava a par de seus planos; era melhor fingir que não desconfiava de nada, até poder pegar o manto e o saco, correr para o cavalo. Virou-se e voltou em silêncio ao estábulo, pôs a sela no cavalo e deixou-o pronto para a fuga. Agora precisava pegar o manto ou congelaria nas montanhas.

Mantendo a mão discretamente próxima do punho da adaga, ela voltou à cabana, tomando o cuidado de fazer algum barulho ao abrir a porta. Quando entrou, Rory estava sentado num banco, mexendo nas botas, enquanto a velha Mhari continuava na cama, a cabeça no travesseiro, dormindo ou fingindo dormir.

— Quer me dar uma ajuda com as botas, rapaz? — pediu Rory.

— Claro — respondeu Romilly, pensando depressa.

Se ele estivesse sem as botas, não poderia segui-la muito depressa. Ajoelhou-se na frente de Rory, pondo as mãos numa bota e arrancando-a do pé; inclinou-se para a outra bota. Puxava-a com força quando Rory inclinou-se para a frente e ela viu o brilho da faca em sua mão.

Romilly agiu sem pensar; empurrou com toda a força a perna com a bota, levantando-a, de tal forma que o joelho de Rory bateu

no queixo, com um estalido alto. O banco virou para trás, com Rory caindo desajeitado. Romilly levantou-se de um pulo e correu para a porta, pegando seu manto na passagem. Tateou o ferrolho, o coração disparado, ouvindo Rory praguejar e gritar atrás dela. Um rápido olhar revelou: ele tinha a boca sangrando, o golpe arrancara-lhe um dente ou cortara o lábio dele. Ela passou pela porta e tentou fechá-la com o ombro, mas Rory empurrou e jogou-se em cima dela. Romilly não viu a faca; talvez ele a tivesse largado, talvez tencionasse usar apenas as mãos enormes. A túnica rasgou-se de alto a baixo quando ele a agarrou; puxou-a, as mãos se fecharam em torno de sua garganta; e depois seus olhos se arregalaram ao verem a túnica rasgada, e abriu-a ainda mais.

— Pelo Fardo! Tetas como uma vaca! Uma mulher, hem?

Ele segurou a mão de Romilly, que tentava atingi-lo nos olhos, e manteve-a imobilizada; depois virou-a e levou-a de volta para a cabana.

— Ei, vovó, veja só o que descobri! Seria uma pena se eu tivesse feito o que queria. Afinal estou atrás de uma esposa há quatro anos, nunca tive um cobre para o dote e agora aparece uma em minha própria porta! — Rory riu, exultante. — Não fique assustada, mulher, não vou machucar um fio de sua cabecinha agora! Tenho coisa melhor para fazer, não é mesmo, vovó? E ela pode ficar com você e esperar, enquanto estou trabalhando na plantação, vou ao moinho ou à cidade!

Rindo, o jovem enorme e rude apertou Romilly entre seus braços, comprimiu a boca contra a dela.

— Você é uma serva fugitiva de nobres, não é mesmo? Pois muito bem, coisinha bonita, agora você terá sua própria cozinha. O que acha disso?

Paralisada pela torrente de palavras, Romilly permaneceu em silêncio, dominada pelo terror, mas pensando mais depressa do que em qualquer outra ocasião de sua vida.

Ele a queria. Não lhe faria mal, pelo menos por enquanto, durante o tempo em que ainda esperava tê-la. A boca de Rory contra a sua encheu-a de repulsa, mas escondeu a sensação de náusea e forçou-se a sorrir.

— Pelo menos você não é pior do que o homem com quem queriam me casar — ela disse, compreendendo que era a verdade absoluta. — Velho, mais que o dobro da minha idade, sempre apalpando as moças indefesas, enquanto você pelo menos é jovem e limpo.

Rory ficou satisfeito.

— Acho que vamos nos dar muito bem, depois de nos acostumarmos um ao outro; e só precisamos partilhar uma cama, uma refeição e um fogo e estaremos legitimamente casados, como se o próprio Lorde Storn tivesse prendido as catenas em nossos braços como nobres! Aumentarei o fogo para que você possa fazer uma refeição para partilharmos. Há farinha nos sacos e você pode fazer um pão de amoras, está bem? Gosto de um bom pão de fruta e não tenho comido nada além de mingau de nozes nos últimos quarenta dias, ou mais!

— Eu... eu farei o melhor que puder — disse Romilly, forçando a voz a se manter calma. — E se não souber direito o que fazer, sem dúvida a mestra Mhari me ensinará.

— Ah, você se julga melhor do que a minha velha vovó, hem? — protestou Rory, truculento. — Vai chamá-la de Dama Mhari até ela permitir que a trate de vovó, está me entendendo?

Romilly percebeu que usara automaticamente a forma com que uma nobre tratava uma inferior. Baixou a cabeça, fingindo estar envergonhada, e murmurou:

— Não fiz por mal...

— E como é uma moça, é mais apropriado que você lave o rosto da vovó e vista uma camisola limpa nela, aprontando-a para o dia. Acha que pode passar algum tempo sentada junto do fogo hoje, vovó? Se nossa boa dama aqui lavá-la e arrumá-la?

— Claro, Rory, sentarei junto do fogo para sua refeição nupcial. Romilly, mordendo o lábio, declarou que teria o maior prazer em fazer tudo o que pudesse por Dama Mhari.

— Eu sabia que ela tinha mãos boas demais para um rapaz — comentou Mhari, enquanto Romilly a levantava e pegava água quente.

Lavando o rosto e as mãos da velha, pegando uma camisola limpa mas puída no velho armário no canto, ela pensava com mais ansiedade do que nunca. Como poderia escapar? Iriam vigiá-la em todos os momentos até que o casamento fosse consumado; e a esta altura, ela pensou sombriamente, pensarão que estou completamente submissa para tentar escapar. Sentiu o estômago embrulhado de pensar naquele bruto enorme e sujo levando-a para a cama, mas refletiu que não a mataria, e como estava na parte de sangria do ciclo de mulher, pelo menos era improvável que ele a engravidasse. E foi nesse instante que interrompeu abruptamente o que estava fazendo, recordando com a maior alegria uma coisa que Darissa lhe sussurrara poucos meses depois de seu casamento. Na ocasião, Romilly apenas ficara embaraçada e soltara uma risadinha... como os homens eram tolos, supersticiosos com uma coisa assim! Mas agora ela podia tirar algum proveito.

— Estou com frio, molhada desse jeito — queixou-se a velha.

— Ponha-me logo as roupas, menina... como devo chamá-la?

Romilly já ia dizer seu nome à mulher — afinal, que importância tinha, agora que sabiam que ela era mulher? — mas depois mudou de idéia; o pai poderia procurá-la mesmo longe assim; e ela disse o primeiro nome que lhe passou pela cabeça:

— Calinda.

— Ponha logo minhas roupas, Calinda, pois estou tremendo de frio!

— Desculpe, Mãe Mhari — ela murmurou, usando o termo submisso de respeito por qualquer mulher idosa. — Eu estava pensando...

Ela inclinou-se para a velha, pondo a camisola e envolvendo-a com o xale de lã, ajeitou os travesseiros, enxugou suas mãos com uma toalha.

— Eu... eu terei o maior prazer em casar com seu neto... — sussurrou Romilly, com a sensação de que as palavras iam sufocá-la.

— E deve mesmo — disse a velha. — Ele é um bom rapaz, vai usá-la direito e nunca baterá em você, a menos que realmente mereça.

Romilly engoliu em seco; pelo menos isso nunca teria de temer de Dom Garris.

— Mas... — Ela fez uma pausa, fingindo estar embaraçada, o que não era difícil. — Ele ficará zangado comigo se tentar partilhar minha cama esta noite, porque estou... estou no meu ciclo e sangrando...

— Fez bem em me contar — disse a velha. — Os homens são engraçados nessas coisas, ele poderia muito bem ter batido em você por causa disso. Meu homem costumava me bater se eu não avisasse antes do tempo para ele ficar longe ou dormir com a leiteira... é isso mesmo, houve um tempo em que já fui próspera, tinha uma leiteira e uma cozinheira, mas agora olhe só para mim. Com os cuidados de uma mulher, porém, logo vou melhorar, e Rory não terá mais que cozinhar mingau e fazer pão, o que não é trabalho para homem. Veja só o bom homem que está ganhando, ele nunca deixou de lavar e virar sua velha avó na cama, nunca deixou de lhe trazer comida e até mesmo esvaziar seu penico. E por falar em penico.

Ela gesticulou e Romilly pegou o objeto, ajudou a velha a usá-lo. Ela pensa que esta vida me fará feliz; desde que tenha um homem como marido, não preciso pedir melhor do que trabalhar como uma serva no estábulo, celeiro e cozinha, cuidar de uma velha entrevada: basta ter o nome de esposa! Romilly estremeceu enquanto pensava. Talvez algumas mulheres se sintam realmente felizes com isso — sua própria casa e um homem trabalhador, um homem que sempre tratou bem sua velha avó. Ela tornou a acomodar a mulher na cama e foi esvaziar o penico. Estava acostumada a trabalhar com as mãos com animais e o trabalho em si mesmo não a repugnava, mas tinha medo de Rory.

Não recusei Dom Garris para casar à força com um camponês, por mais honesto e bom que ele seja. E agora ganhei mais uns poucos dias. Fingirei ser submissa e dócil e mais cedo ou mais tarde eles devem me deixar ficar longe de suas vistas.

Depois que a velha estava lavada e vestida, Romilly foi para a bomba no pátio buscar água. Pôs no fogo o caldeirão grande, esquentando água para a lavagem das roupas. Sob a orientação de

Dama Mhari, começou a misturar e cozinhar um pão com pedaços de fruta na massa. Enquanto o pão assava na panela fechada nas cinzas junto da lareira e Dama Mhari cochilava em sua cama, ela sentou num dos bancos para descansar por um momento e pensar.

Ganhara algum tempo. Uma visita rápida à privada mostrara que seu cavalo fora desencilhado e amarrado com nós firmes; se um momento fosse suficiente para escapar, deveria estar com sua adaga preparada para cortar os nós e fugir; talvez o melhor fosse escolher uma ocasião em que Rory estivesse sem as botas e esperançosamente sem o culote também. Poderia abandonar a mochila, se fosse necessário — a comida já acabara e poderia viver sem as outras coisas -, mas precisaria do manto, das botas e da sela. .. embora fosse capaz de montar em pêlo muito melhor do que a maioria das mulheres de sela. Também precisava levar comida, de alguma forma; não seria roubo, pois trabalhara muito e cuidara direito da velha, fazia jus ao que levasse.

Talvez naquela noite, quando todos dormissem, pensou Romilly. Levantando o corpo cansado do banco, ela começou a lavar as roupas mofadas da cama da velha e também os lençóis da cama no quarto interno, que há muito não era usado. Dama Mhari dissera que Rory dormia ali no calor e apenas com o tempo frio deitava na enxerga ao lado do fogo. Bom, já era alguma coisa... se tinha mesmo de deitar com aquele animal miserável, pelo menos não seria sob os olhos curiosos da velha avó, como poderia acontecer numa cabana mais pobre, com apenas um cômodo. Ela estremeceu subitamente... era assim que as pessoas viviam longe das Grandes Casas?

Devo desistir, fugir de volta para minha família, trocar minha liberdade pela vida protegida que teria como a esposa de Dom Garris? E por um instante, estremeecendo ao pensamento do que poderia aguardá-la, mesmo que escapasse de Rory e da avó, ela sentiu-se um pouco tentada.

Como um falcão numa gaiola, acorrentado, encapuzado e estúpido, em troca de ser alimentado e afagado, guardado com todo cuidado como um bem precioso...

Oh, Preciosa, e era para isso que eu a estava treinando... E Romilly sentiu-se profundamente contente por ter libertado o falcão. Pelo menos nunca seria um bem de Darren. Poderia ter a consciência limpa se ficasse com Preciosa pessoalmente — o falcão voltara para ela por sua livre e espontânea vontade, por amor, depois de lhe permitir que voasse livre. Nunca voltaria para Darren.

Ela está livre, não pertence a nenhum homem. E eu também não pertencerei. Rory poderia possuí-la — uma vez — como o preço para fazê-lo pensar que ela estava vencida e submissa. Mas nunca pertenceria a ele; não poderia escravizá-la. Como um falcão mal treinado, no momento em que fosse testada em vôo livre escaparia para o céu...

Romilly suspirou, mergulhando os lençóis na água com sabão. As mãos doíam, mas os lençóis estavam limpos... pelo menos não seria levada para a cama imunda daquele homem!

Pendurou os lençóis perto do fogo para secar, pegou o pão e foi vasculhar nas prateleiras frágeis da cozinha; encontrou favas e ervas secas, pôs na chaleira vazia para fazer uma sopa. Rory, batendo os pés ao entrar na cabana para se livrar da neve que caía, viu-a fazendo isso e ficou radiante. Jogou um saco com cogumelos na mesa e disse:

— Tome aqui, menina, para a sopa. Para o nosso jantar de casamento.

Ele inclinou-se para envolvê-la num abraço desajeitado, deu um beijo babado em sua nuca. Romilly rangeu os dentes e não se esquivou. Rory interpretou sua resignação silenciosa como consentimento, virou-a e deu outro beijo em sua boca.

— Amanhã você não será tão tímida, não é mesmo, minha bela dama? Ela cuidou direitinho de você, vovó? Se não cuidou, vou lhe dar uma lição.

Ele tirou seu manto ordinário e pôs o de Romilly, ajeitando-o nos ombros com enorme orgulho.

— Ficarei com isto. Você não terá mais necessidade de sair além da privada até o degelo da primavera, e então não precisará usá-lo.

Rory tornou a sair. Romilly reprimiu sua raiva ao ver o manto forrado de pele e bem-feito do irmão nos ombros de Rory. Se tivesse uma oportunidade para escapar, levaria o manto de Rory; mesmo ordinário, era bastante quente para protegê-la. Também deveria levar as poucas moedas na bolsa em sua cintura; mesmo sendo poucas, precisaria delas quando chegasse a Nevarsin. Era uma quantia mínima. O MacAran sempre fora generoso com as filhas e a esposa, comprando-lhes qualquer coisa que desejassem, mas achava que não tinham muita necessidade de dinheiro na mão e só lhes dava umas poucas moedas de prata de vez em quando para gastar numa feira. Para Rory, no entanto, pareceria muito; por isso, ela encontrou uma oportunidade de esconder-se dos olhos de Dama Mhari por trás das roupas e transferiu as moedas da bolsa para um pano dobrado, que escondeu entre os seios; com toda certeza, mais cedo ou mais tarde Rory lhe tiraria a bolsa e deixara ali uma ou duas moedas de pouco valor para satisfazer sua ganância — talvez ele não procurasse mais.

Ao anoitecer do dia curto e sombrio ela sentou com os dois à mesa tosca para tomar a sopa que fizera e comer o pão que assara. Rory resmungou — o pão não estava muito bom —, isso era o melhor que ela podia fazer na cozinha? Mas Dama Mhari disse suavemente que ela era jovem, iria aprender, o pão podia estar maçudo, mas era melhor do que o mingau de nozes. Quando chegou a hora de deitar, Rory disse bruscamente que ela podia dormir na cama com Dama Mhari, ele esperaria quatro dias, não mais do que isso, pelo seu retorno à saúde.

Romilly conhecia agora o limite do seu tempo. Mas se acalentava alguma esperança de escapar enquanto eles dormiam, perdeu-a por completo quando Dama Mhari disse:

— Você vai dormir no lado de dentro da cama, menina; pensa que não sei que escaparia se pudesse? Não pode imaginar como é boa sua situação; mas depois que se tornar a esposa de Rory não vai mais querer fugir.

Não vou? pensou Romilly, rangendo os dentes; e deitou, determinada a tentar a fuga assim que a velha dormisse. Mas estava exausta de um dia de árduo trabalho, a que não estava acostumada,

adormeceu no momento em que encostou a cabeça no travesseiro; e ao acordar durante a noite, sempre que se mexia, deparava à luz do fogo com os olhos da velha, arregalados e penetrantes como os de um falcão, observando-a.

Três dias passaram praticamente da mesma maneira. Romilly preparava as refeições, lavava os lençóis e roupas da velha, encontrou algum tempo para lavar suas próprias roupas, inclusive a anágua rasgada que usara... felizmente não era observada muito atentamente no caldeirão de lavagem e por isso teve a oportunidade de secar os panos, dobrá-los e escondê-los sob a túnica.

Se queria passar por homem — e estava mais determinada do que nunca a não viajar como mulher naquelas montanhas -, deveria descobrir alguma maneira melhor de ocultar aquela necessidade pessoal. Ouvira comentários sobre as mulheres-soldados, a Irmandade da Espada, que faziam o juramento de nunca usar roupas femininas e não deixar os cabelos crescerem. Nunca vira nenhuma, apenas ouvira falar a respeito, mas havia o rumor de que conheciam uma erva que impedia que as mulheres sangrassem em seu ciclo e ela desejou estar a par desse segredo. Aprendera alguma coisa de ervas cuidando de animais e conhecia as poções que podiam levar uma vaca ou uma cadela — ou, diga-se de passagem, uma mulher também — para ciclos férteis, mas nenhuma para suprimi-lo. É verdade que havia uma poção que evitava que uma cadela entrasse no cio, embora apenas por pouco tempo, quando não era conveniente a reprodução. Seria o que as mulheres-soldados usavam? Talvez pudesse tentar, mas não era uma cadela e o ciclo de cio de uma cadela era muito diferente da fêmea humana. De qualquer forma, tudo não passava de especulação teórica agora, pois não tinha acesso à erva e também não saberia como reconhecê-la em estado selvagem, só depois de preparada para o uso por um curandeiro de animais.

No quarto dia, ao se levantar, Rory anunciou, sorrindo:

— Esta noite você dormirá comigo no quarto interno. Já partilhamos a comida e o fogo, só falta agora deitar com você para que o casamento se torne legal sob todos os aspectos.

E nas montanhas havia uma lei que obrigava a devolução de uma esposa fugitiva a seu marido, Romilly ouvira dizer. Não importava que ela tivesse casado sem o próprio consentimento, uma mulher não tinha como recorrer à lei; assim, se escapasse depois que Rory a levasse para a cama, haveria duas pessoas à sua procura, o pai e o marido; será que até mesmo uma Torre a aceitaria nessas circunstâncias?

Ela enfrentaria esse problema quando chegasse o momento. Mas faria tudo o que pudesse para encontrar uma maneira de escapar hoje.

Durante o dia inteiro, enquanto cuidava das árduas e enfadonhas tarefas domésticas, Romilly refletiu sobre diversas opções. Era possível esperar até que ele a possuísse... e escapar quando ele dormisse depois, como ouvira dizer que os homens sempre faziam. Com certeza a velha não poderia segui-la... mas poderia arrancar Rory do sono. De um jeito ou de outro, precisava impedir que Rory a seguisse...

E se fizesse isso, poderia muito bem deixar que ele a possuísse naquela primeira noite. Sua garganta se contraiu de repulsa ante a perspectiva de ser uma vítima passiva, permitindo que ele a tomasse sem qualquer desafio.

Talvez, quando se despissem para deitar, ela pudesse dar um jeito de esconder suas botas e culote de couro, a fim de que não pudesse persegui-la logo; descalço e sem culote ele não poderia partir em seu encalço, ainda mais a pé, pois também soltaria seu pônei e o levaria para o bosque. Quando ele encontrasse as botas e o culote, e conseguisse pegar o pônei, ela já estaria bem longe, em seu cavalo, a caminho de Nevarsin.

Mas teria de se submeter a ele primeiro...

E, depois, ela pensou: quando nos despirmos para deitar, um chute preciso na virilha o deixaria incapacitado por tempo suficiente para que pudesse escapar, com toda certeza. Só que ela precisava de coragem para chutar com toda força e acertar no alvo na primeira tentativa; caso contrário, ele quase a mataria quando a apanhasse e nunca mais confiaria nela. Romilly lembrou o que sua própria mãe lhe ensinara quando ela e Ruyven eram bem pequenos, que nunca

deveria bater ou chutá-lo ali, nem mesmo de brincadeira, porque até um golpe relativamente leve naquela região poderia causar um dano grave e possivelmente permanente; e se as partes fossem rompidas, até a morte. E isso a levou a hesitar e pensar.

Estaria preparada para matar, se fosse necessário, afim de evitar que ele a possuísse?

Afinal, ele tentara primeiro matá-la; se ela fosse de fato homem, ou se sua túnica não tivesse rasgado, revelando que era mulher, Rory teria cortado sua garganta pelo cavalo e pelo manto. É verdade que ele se mostrara gentil depois, à sua maneira, mas isso acontecera porque achava que era melhor, em vez de um cadáver, ter uma escrava... pois sem dúvida sua vida com ele seria assim, o dia inteiro de trabalho pesado, satisfazendo os caprichos da velha. Rory teria mais dela assim e ainda ficaria com o cavalo e o manto. Não, decidiu Romilly, ela não teria qualquer escrúpulo.

Rory voltou à cabana no início da tarde, quando ela amassava pão apaticamente, largou a carcaça de um coelho de chifres na mesa.

— Já limpei e esfolei — disse ele. — Asse uma parte para o jantar esta noite... não provo carne há dez dias... e amanhã salgaremos o resto; pode deixar pendurado no estábulo por esta noite, fora do alcance dos vermes.

— Como quiser, Rory.

Interiormente, Romilly exultou. A carne, congelada como certamente estaria, lhe proporcionaria algum tempo, se conseguisse levá-la para o estábulo sozinha. Tomaria a precaução de pendurá-la perto de sua sela, a fim de poder levá-la quando escapasse. Seria seu sustento por alguns dias.

Não demorou muito para que a carne assada impregnasse a cabana com um aroma agradável; Romilly estava faminta, mas depois de alimentar a velha, limpar seu queixo e prepará-la para a noite, descobriu que não podia mastigar e engolir sem engasgar.

Tenho de estar pronta. Tenho de estar pronta. Será esta noite ou nunca. Ela ficou à mesa, tomando goles nervosamente de um copo de chá de casca quente, até que Rory se aproximou e envolveu-a com os braços por trás.

— Já acendi um fogo na lareira do quarto interno para não sentirmos frio. Vamos embora, Calinda.

Romilly calculou que a velha dissera a ele seu nome falso. Certamente não fora ela. Mas chegara o momento; não poderia mais protelar. Sentia os joelhos fracos e trêmulos e por um instante especulou se teria coragem suficiente para concretizar seu plano.

Deixou que Rory a conduzisse para o outro cômodo, fechasse a porta e puxasse o ferrolho. Não era uma boa coisa. Se quisesse escapar às pressas, precisaria ter o caminho livre.

— Precisa trancar a porta? — ela perguntou. — A vo... Dama Mhari não pode entrar em nosso quarto em qualquer momento constrangedor, pois não é capaz de andar.

— Pensei que assim teríamos mais intimidade — comentou Rory, sorrindo.

— Mas vamos supor... — Romilly hesitou um momento. — Mas vamos supor que Dama Mhari precise de mim durante a noite e eu não possa ouvi-la? Deixe a porta entreaberta para que ela possa me chamar se tiver uma dor ou quiser ser virada para o outro lado.

— Você tem bom coração, menina.

Ele deixou a porta entreaberta, sentou na beira da cama e começou a tirar as botas.

— Deixe-me ajudá-lo.

Romilly foi puxar as botas e deliberadamente torceu o nariz.

— Puxa, como fedem! Dê-me essas botas, meu marido. — Ela usou a palavra com determinação. — Vou limpá-las antes que você se levante pela manhã. E pode me dar o culote de couro também.

Ela ficou imóvel. Teria ido longe demais? Mas Rory de nada desconfiou.

— Está certo. E quero também uma camisa limpa pela manhã, se você já lavou e secou alguma. — Ele empilhou suas roupas nos braços de Romilly. — Leve tudo para o caldeirão de lavagem; se cheiram a estrume, estarão melhor lá do que em nosso quarto nupcial.

Melhor e melhor! Mas ele ainda poderia partir em seu encalço num relance, se desconfiasse; hesitando junto do caldeirão de

lavagem, quase disposta a correr para a liberdade — nu, ele não poderia persegui-la muito longe -, ela ouviu-o chamar, desconfiado.

— Calinda! Estou esperando por você! Venha logo!

— Já estou indo!

Ela voltou ao outro cômodo. O destino decidira por ela. Romilly entrou no quarto, tirou os sapatos e as meias, a túnica externa e o culote.

Ele puxou as cobertas da cama e deitou. Inclinou-se para Romilly quando ela sentou na beira da cama. A mão pousou em seu seio, no que ela supôs que devia ser uma carícia, mas era tão pesada que não pôde reprimir um grito de dor. Rory comprimiu a boca contra a sua e puxou-a para a cama.

— Você quer lutar, nem? Pois se é isso o que quer, menina, é o que terá...

Ele ofegava, cobrindo-a com seu corpo nu, a respiração quente e azeda.

Os escrúpulos de Romilly desapareceram por completo. Conseguiu desvencilhar-se um pouco e depois disparou o pé no chute mais violento que já dera em toda a sua vida. Acertou em cheio no alvo e Rory, com um uivo de dor, rolou para fora da cama, gritando em fúria e indignação, as mãos se apertando espasmodicamente entre as pernas.

— Ai! Ai! Tigresa, cadela, miserável! Ai!

Ela ouviu a voz de Dama Mhari se alteando ansiosa numa indagação. Tratou de sair da cama, envolveu-se em seu manto, pegando a túnica com dedos apressados enquanto corria. Empurrou a porta e passou para a cozinha, recolhendo o resto do pão e da carne assada, pegando as botas e o culote de Rory junto com suas coisas, foi tatear na tranca do estábulo. Rory ainda uivava, gritos sem palavras de agonia e ira; agrediam-na, quase imobilizando-a, mas fez um esforço para respirar e entrou no estábulo. Com sua adaga, cortou os nós que prendiam o pônei de Rory e deu um tapa na garupa dele, tangendo-o com um grito para o pátio; cortou as rédeas de seu cavalo e pôs o freio. Os uivos de Rory e a voz de Dama Mhari, alteada numa queixosa lamúria — ela não sabia o que acontecera e Rory ainda não estava em condições de explicar -,

fundiam-se num dueto terrível. Parecia que a agonia de Rory vibrava no próprio corpo de Romilly, dolorosamente, mas isso era o laran, um pequeno preço a pagar pelo golpe vingador.

Ele teria me matado, ele teria me estuprado... não preciso me sentir culpada por causa dele!

Ela ia jogar as botas e o culote de Rory na neve; ajustou sua túnica com todo cuidado contra o frio, inclinou-se para pegar as botas dele e teve uma idéia melhor. Abriu a porta da privada e empurrou-as bem para o fundo, com um movimento furioso, jogou o culote por cima. Agora ele terá de descobri-las e limpá-las antes de poder me perseguir, pensou Romilly. Montou seu cavalo, pegou as provisões embrulhadas às pressas e com um grito fincou os calcanhares nos flancos do animal. O cavalo correu para o bosque e ela conduziu-o pela íngreme trilha que descia da cabana, dando rédeas na pressa de escapar. Teve de se segurar no pescoço do animal, tão íngreme era o caminho, mas não havia cavalo vivo em cujo lombo não pudesse se manter se fosse necessário, e sabia que não cairia. Lembrou as palavras de Dama Mhari: Você deveria pegar o caminho da esquerda na base da montanha. O coração batia tão forte que mal podia ouvir o barulho das patas do cavalo na trilha.

Estava livre e Rory não poderia persegui-la, pelo menos por algum tempo. Não importava que estivesse fora de um abrigo na noite escura, com a chuva caindo, com provisões escassas e sem qualquer dinheiro além de umas poucas moedas embrulhadas num pano entre os seios; pelo menos estava fora do alcance das mãos de Rory e da velha.

Agora estou livre. Agora devo decidir o que fazer com minha liberdade. Pensou por um instante em voltar ao Ninho dos Falcões... mas isso seria encarado pelo pai como sinal de abjeta rendição. Dom Garris poderia lhe proporcionar uma escravidão mais confortável do que teria com Rory no bosque; mas não usara toda a sua engenhosidade para se livrar deles e depois voltar à prisão.

Nada disso, procuraria a Torre e treinamento para seu laran. E disse a si mesma que todas as velhas histórias de heroísmo e buscas sempre começavam com o herói tendo de superar muitas provações.

Agora sou o herói — por que será que o herói é sempre um homem?
— de minha própria busca e superei a primeira provação.

E Romilly estremeceu ao pensamento de que aquele podia não ser o caminho para a liberdade, mas apenas a primeira de muitas provações em sua busca.

Capítulo Dois

Romilly não reduziu a velocidade até que a lua se pôs; cavalgando no escuro, a rédea frouxa, deixando o cavalo seguir seu caminho, ela finalmente puxou-a e obrigou o animal a ir mais devagar. Não sabia onde se encontrava; sabia apenas que não seguira pelo caminho da esquerda no fundo da montanha, como deveria, a fim de chegar a Nevarsin — seria fácil demais para Rory descobri-la naquele percurso. E agora tinha certeza que estava perdida; nem mesmo podia determinar para que lado se dirigia até que o sol surgisse e lhe permitisse se orientar.

Encontrou um monte de árvores, desencilhou o cavalo e amarrou-o numa delas. Escavou um pequeno buraco na base da árvore, envolveu-se com o manto e um cobertor ordinário que recolhera ao fugir. Estava com frio e com câibras, mas dormiu assim mesmo, embora despertasse várias vezes com um pesadelo em que um homem de rosto indefinido, que era ao mesmo tempo Rory e Dom Garris — e também tinha alguma coisa de seu pai —, avançava para ela com uma lentidão inexorável, enquanto ela não era capaz de mexer nem as mãos nem os pés. Era certo que se Rory tornasse a encontrá-la algum dia seria melhor que estivesse com a adaga preparada. Mas alguém jogara sua adaga na fossa e não podia procurá-la porque suas únicas roupas eram trapos ensangüentados e por algum motivo a dança do Festival se realizava na campina em que o pai promovia a feira de cavalos... Ela foi despertada por seu cavalo, resfolegando e cutucando-a com o focinho: o sol estava alto e o gelo derretia das árvores.

Tivera sorte na fuga vertiginosa pela escuridão na noite anterior pelo cavalo não ter quebrado uma perna na trilha congelada. Agora, sobriamente, ela avaliou a situação.

Entre as coisas que trouxera na noite passada, havia um quarto congelado de coelho de chifres, que poderia cozinhar e defumar — não tinha sala para isso, mas com aquele tempo era provável que não estragasse. Na pior das hipóteses poderia cortar fatias finas e comê-las cruas, embora não apreciasse carne crua. Perdera a

pederneira e o aço para fazer fogo... não, mas que tola era ela, tinha sua adaga e poderia arrumar uma boa pedra assim que o gelo derretesse. Trouxera o manto ordinário de Rory em vez do seu forrado de pele, mas talvez fosse melhor assim; poderia aquecê-la sem despertar a mesma ganância que seu rico manto já provocara. Tinha as botas e o culote grosso, de couro, a adaga, umas poucas moedas guardadas no esconderijo entre os seios — abandonara a bolsa com o pouco que ali deixara; talvez isso e o manto satisfizessem a ganância de Rory e o levassem a desistir de persegui-la. Mas não correria riscos e seguiria em frente. No alforje ainda tinha alguns pedaços de pão de cachorro, com que poderia alimentar o cavalo; pegou um e deu-o ao animal, deixando-o mastigar enquanto arrumava suas roupas — fugira da cabana semidespida e o que vestira, fizera de qualquer modo — e ajeitava os cabelos curtos e irregulares com os dedos. Devia parecer bastante humilde para passar por um fugitivo aprendiz de mestre falcoeiro. O sol já subira bastante; seria um belo dia, as árvores livravam-se da neve e voltavam a desabrochar. Ela cortou algumas fatias finas de carne congelada e comeu; era uma carne dura e sem sabor, mas aprendera que qualquer coisa que um pássaro comia podia ser digerida por um ser humano; e como os falcões se alimentavam com aquela carne, certamente não lhe faria mal algum, embora preferisse os alimentos cozidos.

Ela se orientou pela posição do sol no céu e tornou a partir, para o norte. Mais cedo ou mais tarde encontraria alguém que lhe indicaria o caminho certo para a cidade de Nevarsin, e de lá poderia indagar a direção da Torre Tramontana.

Cavalgou durante o dia inteiro sem encontrar uma única pessoa ou habitação. Não sentiu medo, pois poderia obter alimento por ali e estaria sã e salva enquanto o bom tempo continuasse. Mas deveria descobrir um abrigo antes que houvesse outra tempestade. Talvez pudesse vender o cavalo em Nevarsin e adquirir um pônei, além do dinheiro para provisões e algumas peças de vestuário necessárias naquele tempo. Calçara as botas com tanta pressa que esquecera as meias de lã.

Romilly suspirou, guardou a faca e engoliu o último pedaço de carne dura. Umas poucas maçãs de inverno murchas estavam penduradas num arbusto. Eram pequenas e azedas, mas o cavalo gostaria. Lá em cima, no céu, ouviu o grito de um falcão; enquanto o observava, circulando, pensou em Preciosa. Pareceu-lhe por um momento — mas com certeza era apenas a memória ou a imaginação, não é mesmo? -que podia sentir o frágil contato que experimentara com Preciosa, como se o mundo se estendesse lá embaixo, viu a si mesma e ao cavalo como minúsculos pontinhos... Oh, Preciosa, você era minha e eu a amava, mas agora está livre e eu também procuro a liberdade.

Ela dormiu naquela noite num abrigo de viajantes há muito abandonado, que não era reparado desde que os Aldaran haviam declarado sua independência dos Seis Domínios das terras baixas; não havia agora muita gente viajando através do Kadarin entre Thendara e Nevarsin. Mas protegia da chuva e era melhor do que dormir sob uma árvore. Romilly conseguiu também acender uma fogueira, assou um pedaço do coelho de chifres e dormiu aquecida. Esperava encontrar algumas nozes — estava cansada de carne —, mas enquanto tivesse com que se alimentar, por pior que fosse, não podia se queixar. Poderia comer até mesmo o pão de cachorro, se fosse precioso, mas o cavalo se beneficiaria mais do que ela com esse alimento.

Viajou sozinha por mais três dias. Àquela altura, pelo que calculava, o pessoal do Ninho dos Falcões já deveria ter desistido de procurá-la. Especulou se o pai lamentava, se a julgava morta.

Quando chegar a Nevarsin deixarei uma mensagem para ele, encontrarei um meio de avisá-lo que estou bem. Mas sem dúvida acontecerá comigo o que já aconteceu com Ruyven, ele vai me repudiar, dirá que não sou sua filha. Ela sentiu um aperto na garganta, mas não podia chorar. Já chorara demais e nada conseguira com as lágrimas, exceto dor de cabeça e olhos doloridos, até que parará de chorar e agirá para se salvar.

As mulheres pensam que as lágrimas vão ajudá-las. Acho que os homens estão certos quando dizem que lágrimas são coisa de mulher; isso mesmo, as mulheres choram e por isso são impotentes,

mas os homens agem em sua ira e por isso nunca ficam sem poder, não desperdiçam tempo com lágrimas inúteis...

Ela comeu o último pedaço do coelho de chifres e não se lamentou — ao final, pensou, até um cachorro precisaria estar morrendo de fome para comer aquilo, e com certeza qualquer falcão teria virado o bico à porcaria. Na quinta noite só teve para o jantar algumas nozes, encontradas numa árvore abandonada, e uns poucos cogumelos. Talvez no dia seguinte pudesse pegar algum pássaro numa armadilha ou encontrar alguém que informasse se estava mesmo no caminho para Nevarsin... mas achava que não, pois a estrada se tornava cada vez mais deserta e malcuidada; se estivesse se aproximando da maior cidade da região, certamente já teria deparado com outros viajantes e áreas habitadas.

O pão de cachorro também acabou e por isso ela parou algumas horas antes do pôr-do-sol para deixar o cavalo pastar um pouco. Felizmente o tempo continuava bom e podia dormir ao ar livre. Sentia-se muito cansada de viajar, mas refletiu que agora não poderia voltar para casa, mesmo que quisesse — não tinha a menor idéia do caminho para o Ninho dos Falcões. Tanto melhor; agora podia romper por completo os vínculos com sua casa.

Dormiu mal, faminta e com frio, acordou cedo. A estrada era péssima... não poderia voltar por alguma distância e tentar descobrir algum caminho mais usado? Rasgou alguns trapos e enfaixou os pés, a fim de atenuar o roçar das botas... os calcanhares e os dedos estavam doloridos, em carne viva. Um solitário falcão circulava no céu... por que nunca havia mais do que um à vista de cada vez? Como outros animais, será que delimitavam assim seus territórios para caçar? E outra vez aquele estranho relance, como se visse através dos olhos do falcão — era o seu laran de novo? -, e pensou em Preciosa. Preciosa fora embora, livre, perdida. É estranho, sinto mais saudades dela do que de meu pai, de meus irmãos ou de minha casa...

A estação das frutas já passara, mas ela ainda encontrou algumas em arbustos e comeu-as, desejando que houvesse mais. Conhecia uma árvore da qual podia remover a casca externa e comer a macia parte interna, mas ainda não estava com tanta fome

assim. Selou o cavalo, exausta apesar do longo sono. Começava lentamente a compreender que poderia se perder e até morrer naquelas florestas solitárias e totalmente desabitadas. Mas talvez hoje encontrasse alguém e descobrisse o caminho para Nevarsin ou alguma pequena aldeia onde poderia comprar comida.

Depois de uma hora chegou a uma encruzilhada e parou, indecisa, tremendo de fome, exausta. Deixaria o cavalo pastar um pouco e subiria a uma elevação próxima, olharia ao redor, à procura de qualquer habitação humana, a fumaça de um lenhador, até uma cabana de pastor. Nunca se sentira tão sozinha em sua vida. Claro que não. Nunca estive tão sozinha em toda a minha vida, ela pensou, com um humor amargo, subindo à elevação, os joelhos doendo.

Há dias que não como direito. Preciso de qualquer maneira encontrar comida e fogo esta noite, o que quer que possa resultar. Quase desejava ter permanecido com Rory e sua abominável avó; pelo menos estaria aquecida e alimentada... e seria mesmo tão horrível assim casar com aquele bruto?

Prefiro morrer na floresta, ela disse a si mesma, com veemência. Mas estava assustada e faminta, e da elevação só pôde avistar o que parecia um mar de árvores. À distância, quase no limite de seu campo de visão, assomava uma montanha alta, para noroeste, com sombras claras ao redor que ela sabia serem picos nevados. .. eram as Hellers, em comparação com as quais aqueles contrafortes pareciam meros caroços na terra; mais além ficava a Muralha ao Redor do Mundo, que era intransponível, pelo que sabia das histórias de viajantes; pelo menos jamais conhecera alguém que tivesse ido além dela; e em todos os mapas que vira, demarcava o limite do território conhecido. Perguntara uma vez à governanta o que havia além.

— O deserto congelado — respondera a governanta. — Nenhum homem sabe...

O pensamento intrigara Romilly na ocasião. Agora, já vagueara tanto por território desconhecido que alguma companhia humana seria bem-vinda.

Embora o que já vira não lhe desse muita esperança de que encontraria homens nas estradas...

Ora, não tivera sorte, isso era tudo. Ela suspirou e apertou o cinto um pouco mais. Não lhe faria mal continuar a jejuar por mais um dia, embora naquela noite precisasse encontrar algum alimento, de qualquer modo. Tornou a olhar ao redor, definindo com cuidado a direção do grande pico — tinha a impressão de que havia alguma coisa perto do topo, um prédio branco, uma espécie de estrutura feita pelo homem; imaginou se não seria um castelo, uma Grande Casa ou talvez uma das Torres. Noroeste; deveria se manter atenta ao ângulo do sol e à passagem do tempo para não começar a andar em círculos. Mas se seguisse para onde a estrada levava, era pouco provável que conseguisse.

Devia voltar agora para junto de seu cavalo. Tornou a levantar os olhos. Estranho. O falcão ainda circulava. Perguntou-se, num sobressalto ansioso, se não seria o mesmo falcão... não. Acontecia apenas que havia muitos falcões naquelas colinas e sempre que se levantava os olhos para o céu se avistava uma ave de rapina. Por um instante ela experimentou a sensação de que pairava no céu, contemplando o pináculo branco da Torre e um tênue clarão azul que partia do interior... sentiu-se fraca e tonta, sem saber se era o falcão ou ela própria quem via... sacudiu-se e rompeu o contato. Seria fácil demais perder-se naquela comunhão com céu, vento e nuvem...

Voltou ao cavalo e tornou a colocar a sela, meticulosamente. Pelo menos o animal estava alimentado. E disse em voz alta:

— Eu quase gostaria de poder comer capim como você, companheiro.

Ficou aturdida com o som da própria voz. Foi respondida por outro som, o grito alto e estridente de um falcão atacando — isso mesmo, o falcão encontrara alguma presa, pois ela pôde sentir, em algum lugar de sua mente, o fluxo de sangue quente, uma sensação que fez sua boca comichar e se encher de saliva, reatizando a fome intensa. O cavalo afastou-se nervosamente e ela puxou as rédeas, falando baixinho... e no instante seguinte asas escuras surgiram em

seu campo de visão. Sem pensar, estendeu o braço, sentiu a pressão cruel das garras e lançou-se às cegas no contato familiar.

— Preciosa!

Romilly soluçava ao pronunciar o nome. Nunca saberia por que o falcão a seguira através de suas andanças. O grito estridente e o adejar das asas arrancou-a de suas lágrimas e percebeu que havia um pássaro de bom tamanho, ainda quente, nas garras do falcão. Com a outra mão, segurou as pernas do pássaro, levantando a garra de Preciosa de seu pulso — sangrava um pouco onde as garras pousaram, mas a culpa era sua, pois não tinha a luva apropriada. Ajeitou o falcão na sela, o coração batendo forte, pegou a adaga; deu a Preciosa a cabeça e as asas. Enquanto o falcão se alimentava — e louvado seja o Portador dos Fardos, o cavalo sabia o suficiente para ficar quieto quando sua sela se transformava num poleiro improvisado -, depenou o que restava da carcaça, riscou pedra e aço e acendeu uma pequena fogueira para assar o pássaro.

Ela veio me procurar quando eu estava com fome. Ela sabia. Trouxe-me comida, renunciando à própria liberdade. As peias ainda estavam nas pernas de Preciosa. Romilly cortou-as com a adaga.

Se ela quiser ficar comigo agora, será por sua livre e espontânea vontade. Nunca mais a prenderei com qualquer marca de propriedade. Ela pertence a si mesma. Mas seus olhos ainda estavam marejados de lágrimas. Fitou os olhos do falcão e subitamente a comunhão aflorou entre pássaro e mulher, uma emoção estranha e intensa inundando Romilly — não era amor como ela conhecia, mas emoção pura, quase ciúme. Ela não é meu falcão. Eu sou sua garota, pensou Romilly. Foi ela quem me adotou, não o contrário.

O falcão não se mexeu quando ela se aproximou; equilibrando-se, transferindo o peso do corpo de uma garra para outra, ficou imóvel e fitou Romilly nos olhos; depois deu um pulo e pousou em seu ombro. Romilly prendeu a respiração com a dor, quando as garras apertaram sua carne, mesmo através da túnica e do manto. No mesmo instante a pressão diminuiu e Preciosa apertava apenas o suficiente para manter o equilíbrio.

— Bela, linda, maravilhosa... — sussurrou Romilly, enquanto o falcão esticava o pescoço e alisava as penas.

Nunca soube de uma coisa assim, que um falcão libertado voltasse... e Romilly refletiu que fora seu laran que a levara a ter tanta intimidade com o falcão.

Ela permaneceu quieta, naquela comunhão sem palavras, pelo que pareceu um longo tempo, enquanto Romilly terminava de comer a carne assada, apagava o fogo e aprontava o cavalo; suas mãos se mexiam automaticamente nessas tarefas, mas os olhos voltavam a todo instante e a mente entrava em silenciosa união com o falcão.

Ela ficará comigo agora? Ou voará embora outra vez? Não tem mais importância. Estamos juntas.

Finalmente ela cortou um galho e aparou-o, prendendo na sela por trás, como um poleiro para Preciosa, se ela resolvesse ficar ali. Montou, ajeitando Preciosa no poleiro improvisado. O falcão ficou imóvel por um instante, depois bateu as asas e alçou vôo, circulando um pouco acima das copas das árvores. Romilly respirou fundo. Preciosa não a deixaria para sempre. E foi nesse instante que puxou as rédeas do cavalo, pois ouviu vozes; uma voz de homem, áspera, afirmando:

— Estou lhe dizendo que era fumaça o que eu vi.

A voz de outra pessoa protestou alguma coisa. Havia também o barulho de cascos de cavalos e um latido brusco em algum lugar.

Romilly saltou do cavalo e puxou-o para a parte mais densa de árvores à beira do caminho. Não desejava encontrar viajantes antes de poder observá-los e descobrir como eram, quais poderiam ser suas intenções.

Outra voz soou, rude e masculina, mas desta vez com o sotaque refinado de um homem instruído — alguém das terras baixas, pensou Romilly, pois falava como Alderic.

— Se alguém viaja por esta estrada, Orain, com certeza se encontra na mesma situação que nós e ficará igualmente contente ao deparar com outro rosto humano.

Os cavaleiros surgiram agora em seu campo de visão, um homem alto de cabelos vermelhos como o fogo, usando roupas andrajosas, mas com certo ar de elegância — não era um camponês

rude como Rory. De alguma forma ele a lembrava Lorde Storn ou o velho Lorde Scathfell, embora seu traje fosse tão ordinário quanto o dela, a barba e os cabelos não estivessem aparados. O homem ao seu lado também era alto, quase macilento, usando um manto-camisa de estilo antigo e botas que pareciam feitas à mão de qualquer maneira com couro cru. Num poleiro à sua frente, na sela, havia um enorme pássaro encapuzado, diferente de qualquer falcão que Romilly já vira antes, mexendo-se irrequieto de uma pata para outra. Romilly, ainda parcialmente em contato com Preciosa por cima das árvores, sentiu um pequeno tremor de raiva e alguma coisa semelhante ao medo. Não sabia que espécie de pássaro era aquele, mas sabia instintivamente que não gostava de sua proximidade.

Por trás dos dois homens na vanguarda havia mais cinco ou seis, também montados. Apenas os dois primeiros tinham cavalos; os outros montavam uma espécie de chervines, pequenos pôneis, nenhum deles muito bom, as pelagens mal cuidadas e os chifres irregulares; um ou dois tinham os chifres cortados, toscamente, com uma falta de habilidade que fez Romilly estremecer. O pai mandaria embora imediatamente qualquer empregado que deixasse seu animal de montaria naquele estado; e quanto ao corte dos chifres, até ela poderia fazer melhor! Gostou da aparência dos dois homens da frente, mas pensou que nunca vira rufiões tão rudes como os homens de trás!

O esquelético e barbudo homem da frente, ao lado do aristocrata de cabelos vermelhos (foi assim que ela o classificou imediatamente em sua mente), desmontou e disse:

— Aqui está o vestígio de uma fogueira e estrume de cavalo também. Um cavaleiro passou por aqui.

— E com um cavalo, nesta floresta desabitada? — indagou o homem de cabeça vermelha, alteando as sobrancelhas.

Ele olhou ao redor, mas foi o esquelético andrajoso que olhou para o lugar em que Romilly se encontrava, ao lado do cavalo, na parte mais densa das árvores.

— Pode sair, rapaz — disse ele. — Não vamos lhe causar qualquer mal.

O homem de cabeça vermelha também desmontou e ficou parado junto dos vestígios da fogueira. Ele atçou as brasas cuidadosamente cobertas — como todas as pessoas criadas nas Hellers, Romilly era extremamente cautelosa com o fogo na floresta — e finalmente conseguiu obter algumas chamas; acrescentou alguns gravetos à fogueira.

— Poupou-nos o trabalho de acender um fogo — disse ele, numa voz suave e refinada. — Venha partilhá-lo conosco. Ninguém lhe fará mal.

Romilly não sentiu qualquer ameaça nos dois. Saiu do meio das árvores com o cavalo e parou, a mão nas rédeas.

— Quem é você e para onde está indo, rapaz? — perguntou o homem esquelético, a voz gentil.

Ele não era tão velho quanto seu pai, mas era mais velho que qualquer de seus irmãos, pensou Romilly. Ela repetiu a história que imaginara.

— Sou aprendiz de mestre falcoeiro... fui criado numa Grande Casa, mas minha mãe era muito orgulhosa para reivindicar para mim uma posição como filho de um nobre. Por isso, achei que estaria melhor em Nevarsin e peguei a estrada, mas me perdi.

— Mas tem cavalo, manto, adaga e... se não estou enganado... um falcão também — disse o cabeça vermelha, os olhos cinzentos fixando-se no poleiro improvisado, no qual Romilly amarrara as peias cortadas; todo o seu treinamento lhe ensinara para nunca jogar fora um pedaço de couro, pois sempre se podia usá-lo em alguma coisa. — Roubou o falcão? Ou o que um aprendiz está fazendo com um pássaro... e onde ele está?

Romilly levantou o braço; Preciosa desceu e pousou. Ela disse com veemência:

— Ele é meu; nenhum outro pode reclamá-lo, pois o treinei com minha própria mão.

— Não duvido — disse o aristocrata -, pois nesta floresta e sem as peias ele poderia voar para longe se quisesse. Nesse sentido pelo menos, você o possui tanto como qualquer humano pode possuir uma coisa selvagem.

Ele compreende isso! Romilly experimentou uma súbita e profunda sensação de afinidade com aquele homem, como se fosse um irmão, um parente. Sorriu-lhe e ele também sorriu em resposta. Depois, o homem olhou para os homens ao redor e disse:

— Também estamos indo para Nevarsin, embora nosso percurso seja um tanto indireto... por questão de cautela. Pode nos acompanhar, se quiser.

O homem esquelético comentou:

— O que Dom Cario está querendo dizer é que se viajássemos pelas estradas principais haveria muita gente que correria para chamar o carrasco.

Eles eram proscritos, bandidos? Romilly pensou se não pulara, ao escapar de Rory e se envolver com aqueles homens rudes, da frigideira para o fogo! Mas o cabeça vermelha sorriu para o outro homem, com uma expressão de pura afeição e amor, e disse:

— Do jeito como você fala, Orain, parece até que somos um bando de assassinos. Somos homens sem terras que perderam as propriedades de nossos pais, e alguns perderam também a família, porque apoiamos o legítimo rei, em vez do patife que se atreveu a reivindicar o trono dos Hastur. Ele assegurou que teria homens suficientes para envenenar, enforcar ou apunhalar todos aqueles que não o apoiavam e que tinha muitas terras para recompensar seus seguidores, assassinando ou mandando para o exílio qualquer um que o fitasse enviesado ou não curvasse os joelhos bastante depressa. É por isso que estamos seguindo para Nevarsin, a fim de recrutar um exército ali... Rakhal não terá o Palácio de Cristal facilmente! Ele um Hastur? — O homem soltou uma risada. — Aquela coroa não repousará tranquilamente em sua cabeça enquanto qualquer um de nós estiver vivo! Sou Cario do Lago Azul e este é meu ajudante e amigo Orain.

A palavra que ele usou para "amigo" também podia significar primo ou irmão-adotivo; e Romilly percebeu que o esquelético Orain fitava Dom Cario com uma devoção semelhante a de um bom cachorro por seu dono.

— Se o rapaz é treinador de falcões — disse Orain -, não duvido que possa nos informar o que aflige nossos pássaros-

sentinelas, Dom Cario.

Cario virou-se abruptamente para Romilly.

— Qual é seu nome, rapaz?

— Rumai.

— E pelo seu sotaque vejo que foi criado ao norte do Kadarin.

Tem algum conhecimento de falcões, Rumai?

Romilly balançou a cabeça.

— Tenho, sim senhor.

— Mostre-lhe os pássaros, Orain.

Orain foi até seu cavalo e pegou o enorme pássaro na sela. Chamou dois outros homens, que também carregavam pássaros iguais em suas selas. Com a maior cautela, Orain retirou o capuz da cabeça do pássaro, tomando cuidado para permanecer fora do alcance; o pássaro virou a cabeça ao redor, fazendo movimentos de bicar, mas estava apático demais para isso. Havia uma comprida crista de penas por cima dos olhos, mas afora isso a cabeça era pelada e horrível. As penas estavam desleixadas e desalinhadas, até as garras da criatura estavam escamosas e pareciam sujas. Ela pensou que nunca vira pássaros tão feios e de aparência tão feroz; mas se gozassem de boa saúde, ainda poderiam exibir a beleza de qualquer criatura selvagem. Agora, pareciam apenas encurvados e desesperados. Um deles esticou o pescoço e deixou escapar um grito longo, depois baixou a cabeça entre as asas e reassumiu uma aparência lamentável. Romilly disse:

— Nunca vi pássaros assim.

Ela pensou que os bichos pareciam mais com o kyorebni, o selvagem pássaro de carniça das colinas altas, do que com qualquer pássaro de caça.

— Mesmo assim, um pássaro é um pássaro — disse Cario. — Recebemos estes de um partidário e queríamos levá-los como presente para os exércitos de Carolin em Nevarsin, mas estão definhando depressa e podem não sobreviver até chegarmos lá. Não sabemos o que os aflige, embora alguns de nós já tenham treinado e caçado com falcões... mas nenhum de nós sabe como tratá-los quando estão doentes. Tem algum conhecimento das doenças dos pássaros, Mestre Rumai?

— Um pouco.

Romilly tentou desesperadamente recordar seus pequenos conhecimentos sobre a cura de animais doentes. E aqueles estavam mesmo doentes; qualquer pássaro, do engaiolado ao falcão verrin, que não alisa suas penas e não mantém as garras em perfeitas condições, é um pássaro doente. Aprendera a emendar um dos voadouros quebrados, mas pouco sabia dos cuidados com pássaros doentes; e se não tinha exúvia da muda ou algo parecido, ela não fazia a menor idéia das providências necessárias.

Mesmo assim, ela aproximou-se dos estranhos pássaros e estendeu a mão para o que Orain segurava, fitando-o nos olhos e projetando o contato instintivo. Uma apatia invadiu-a, uma náusea e angústia que a deixaram com vontade de vomitar. Saiu do contato e perguntou:

— O que estão dando a eles para comer?

Era um bom palpite; lembrava de Preciosa, doente pela insuficiência de alimento fresco.

— Apenas o melhor e o mais fresco dos alimentos — respondeu um dos homens por trás de Orain, na defensiva. — Vivi numa Grande Casa em que eram criados falcões e sei que são comedores de carne; quando nossa caça era escassa, todos nos privávamos para dar carne fresca aos malditos pássaros, o que de nada adiantou.

Ele olhou desolado para o pássaro murcho em sua sela.

— Apenas carne fresca? — indagou Romilly. — Aí está o problema, senhor. Olhe para seus bicos e garras e depois olhe para meu falcão. Esse é um pássaro de carniça, senhor; deve ser libertado para procurar o alimento sozinho. Não pode rasgar a carne fresca, pois seu bico não é bastante forte; e se o levam na sela e não o deixam livre, não pode bicar cascalho para seu papo. Alimenta-se com carne meio apodrecida e precisa estar com o pêlo ou penas... e só lhe davam para comer carne de músculo e esfolada ainda por cima, não é mesmo?

— Pensávamos que era assim que se devia fazer — explicou Orain. Romilly balançou a cabeça.

— Se precisam alimentá-los com carne morta, deixem as penas e o pêlo. Também devem dar a oportunidade de bicarem pedras e gravetos, até mesmo coisas verdes de vez em quando. Esses pássaros, embora eu tenha certeza de que tentaram alimentá-los com o que havia de melhor, estão famintos porque não podem digerir o que lhes deram. Devem permitir que procurem alimento sozinhos, mesmo que tenham de fazê-los voar por uma linha de isca.

— Pelos infernos de Zandru, Orain, isso faz sentido — comentou Dom Cario. — Eu deveria ter percebido... muito bem, agora sabemos. O que podemos fazer?

Romilly pensou a respeito, rapidamente. Preciosa alçara vôo e circulava no céu. Ela entrou em contato com o falcão, vendo através de seus olhos, depois disse:

— Há alguma coisa morta além daquelas árvores. Não conheço muito bem os seus... como é mesmo que os chamam?... pássaros-sentinelas; eles são territoriais ou se alimentam juntos?

— Não deixamos que cheguem perto porque logo começam a brigar — informou Orain. — Este aqui quase arrancou os olhos com bicadas do que está ali na sela de Gawin.

— Então não há jeito, terão de alimentá-los separadamente. Ali... — Romilly apontou. — ... tem uma coisa que está morta pelo menos há dois dias... terão de buscá-la e cortar para dar aos pássaros.

Os homens hesitaram.

— O que está esperando? — indagou Dom Cario, asperamente. — Carolin precisa desses pássaros e sem dúvida haverá em Tramontana uma leronis capaz de voá-los, mas precisamos fazer com que cheguem lá vivos!

— Seus incompetentes melindrosos e desajeitados! — berrou Orain.

— Estão com medo de sujar as mãos? Pois então darei o exemplo! Onde está essa coisa morta que você viu, rapaz?

Romilly começou a se encaminhar para o local entre as árvores; Orain foi atrás e Dom Cario disse bruscamente:

— Vão logo ajudá-lo, tantos homens quanto ele precisar! Deixarão que um homem e um menino arrastem sozinhos a carniça para três pássaros?

Com a maior relutância, dois homens os seguiram. Qualquer que fosse o animal morto entre as árvores — Romilly desconfiava que era um dos pequenos chervines multicoloridos da floresta -, não demorou a anunciar sua presença pelo cheiro, e ela torceu o nariz. Orain indagou, incrédulo:

— É isso o que devemos dar de comer aos pássaros?

Ele inclinou-se e puxou cauteloso a fétida carcaça; pequenos insetos entravam e safam pelos buracos vazios dos olhos, mas ainda não se deteriorara o suficiente para que se desintegrasse em suas mãos. Romilly pegou um lado da carcaça e levantou, tentando respirar pela boca, a fim de não sentir o horrível odor.

— Um kyorebni acharia que é uma iguaria maravilhosa — ela respondeu. — Nunca tive um pássaro de carniça, mas suas barrigas não são como as dos falcões. Você gostaria, por exemplo, de ser alimentado com capim?

— Não duvido que você esteja certo — murmurou Orain, sombriamente. — Mas nunca pensei em cuidar de uma carniça fedorenta, nem mesmo para os homens do rei!

Os outros homens chegaram e ajudaram a carregar a carniça. Romilly ficou contente quando acabou, mas alguns dos homens engasgaram e vomitaram. Orain, no entanto, sacou uma enorme faca e começou a cortar a carcaça em três partes; antes mesmo que terminasse, o pássaro encapuzado em sua sela soltou um grito. Romilly deixou escapar um longo suspiro de alívio. Não gostava de pensar no que poderia acontecer se tivesse se enganado, mas era evidente que acertara. Ela pegou um punhado de terra e espalhou sobre o pedaço cortado da carcaça e depois, hesitando — mas lembrando o momento de contato com o pássaro doente —, foi remover o capuz. Orain gritou:

— Ei, cuidado, rapaz, ou ele vai arrancar seus olhos...

Mas o pássaro, sob suas mãos leves, parecia gentil e submisso. Pobre coisa faminta, pensou Romilly, levantando o peso morto — teve de recorrer a toda a sua força — e colocando-o no chão, ao

lado da carcaça esquartejada. Soltando um grito, o pássaro mergulhou o bico na carcaça, engolindo pêlo, pedrinhas, a fétida carne em decomposição.

— Estão vendo? — murmurou Romilly.

Ela foi pegar o outro pássaro. Orain aproximou-se para ajudá-la mas o estranho pássaro, furioso, voltou o bico em sua direção; ele recuou e deixou Romilly cuidar de tudo.

Depois que todos os pássaros estavam alimentados e alisavam as penas, soltando pequenos grunhidos de satisfação, Dom Cario alteou uma sobancelha para Orain, que disse:

— Acompanhe-nos até Nevarsin, rapaz, e depois a Tramontana, onde entregaremos esses pássaros aos homens de Carolin; e mantenha-os saudáveis no caminho. Nós o alimentaremos e a seu cavalo, daremos três moedas de prata para cada dez dias que ficar conosco e os pássaros permanecerem saudáveis. — Uma pausa e ele acrescentou, com um sorriso insinuante: — Seu falcão, sem dúvida, poderá caçar para ele.

— Ela — corrigiu Romilly. Orain soltou uma risada.

— Ninguém se importa que um pássaro seja macho ou fêmea, a não ser outro pássaro da mesma espécie. O contrário do que acontece com a humanidade, não é mesmo, Dom Cario? — E ele riu de novo, embora Romilly não entendesse qual era a piada. — O que me diz, rapaz? Vai nos acompanhar e cuidar dos pássaros-sentinelas?

Romilly já tomara sua decisão. Seu destino era o mesmo, primeiro Nevarsin e depois Tramontana, à procura do irmão ou de notícias dele. E aquela oportunidade iria proporcionar-lhe proteção e alimentação.

— Com o maior prazer, Dom Cario e Mestre Orain.

— Negócio fechado. — Orain estendeu a mão calejada com um sorriso. — E agora que os pássaros já se alimentaram, podemos nos afastar desse cheiro horrível e comermos alguma coisa?

A comida era uma grossa massa, assada pelo método simples de enfiar varinhas em porções e colocar sobre o fogo e uns poucos tubérculos assaram nas brasas. Romilly sentou ao lado de Orain, que lhe ofereceu sal de um saquinho que tirou do bolso. Depois que a

refeição terminou e os pássaros encapuzados estavam de novo nas selas — Orain pediu a Romilly que o ajudasse com um deles -, ela ouviu alguns homens resmungando.

— Aquele garoto monta um cavalo enquanto nós temos de nos contentar com um pônei? O que acham... vamos tirá-lo dele?

— Tente e terá de andar sozinho pela floresta, Alaric — interveio Orain. — Não há ladrões e bandidos em nossa companhia, e se encostar um dedo no cavalo do rapaz, será Dom Cario quem vai cuidar de você!

Romilly sentiu um ímpeto de gratidão; parecia ter encontrado um protetor em Orain e, no momento, fitando o bando maltrapilho, estava um pouco assustada.

Mais cedo ou mais tarde, porém, talvez ela tivesse de enfrentá-los sozinha, sem um protetor.. .

— Quais são os nomes dos pássaros? — ela perguntou a Orain. Ele sorriu.

— Alguém dá nomes a coisas feias assim, como se fossem o pássaro engaiolado de alguma criança ou a vaca de estimação de uma velha esposa?

— Eu dou — disse Romilly. — Deve-se sempre dar um nome a qualquer animal com que se deseja trabalhar, a fim de que possa ver em sua mente e saiba que é dele que você fala e nele que concentra sua atenção.

— É mesmo? — Orain soltou uma risadinha. — Nesse caso acho que poderíamos chamá-los de Horrendo Um, Horrendo Dois e Horrendo Três!

— De jeito nenhum! — protestou Romilly, indignada. O pássaro em seu punho se agitou irrequieto e ela acrescentou: — Os pássaros são muito sensíveis. Se quer trabalhar com eles, precisa amá-los...

Diante do inequívoco desdém nos olhos dos homens, ela sentiu que corava, mas continuou, mesmo assim:

— Devem respeitá-los e cuidar deles, tratá-los com gentileza. Acham que os pássaros não sabem quando as pessoas sentem repulsa e medo?

— E você não sente? — perguntou Dom Cario.

Ele parecia de fato interessado, e Romilly virou-se em sua direção, aliviada.

— Escarneceria de seu melhor cão de caça se quisesse ter uma boa caçada, com ele reagindo à sua palavra ou gesto? Acha que ele não saberia?

— Não caço desde que era bem jovem — respondeu Dom Cario. -Mas pode estar certo de que não trataria qualquer animal que procurasse domar para o meu serviço de outra forma que não com respeito. Prestem atenção ao que o rapaz está dizendo, homens; ele tem toda a razão. Já ouvi a mesma coisa de meu antigo mestre falcoeiro. E certamente... — Ele afagou o pescoço da magnífica égua preta que montava. — ... todos nós amamos e respeitamos nossos animais, cavalo ou chervine, que nos carregam tão fielmente.

— Muito bem... — murmurou Orain, outra vez contraindo o lábio numa expressão irônica, enquanto olhava para o pássaro-sentinela. -Podemos chamar este de Belo, aquele de Adorável e o terceiro ali de Deslumbrante. Não duvido que eles são bastante bonitos uns para os outros... quem ama o feio bonito lhe parece, como costumava dizer minha velha mãe.

Romilly riu.

— Acho que isso seria um exagero. Eles podem não ter beleza, mas... deixem-me pensar... vou chamá-los pelas Virtudes — ela acrescentou instantes depois. — Este aqui. .. — Ela levantou o pesado pássaro para a sela de Orain. — ... será Prudência. E este...

Ela franziu o rosto, observando o poleiro sujo, pôs o pássaro encapuzado no punho enluvado de Orain, tirou a faca e raspou um repulsivo monte de sujeira.

— Este será Temperança e este... — virando-se para o terceiro — Diligência.

— Como vamos distingui-los? — perguntou um dos homens. Muito séria, Romilly respondeu:

— Ora, eles são bem diferentes. Diligência é o grande, com pontas azuis nas asas... está reparando? E Temperança... não pode ver agora, está com o capuz, mas sua crista é grande e manchada

de branco. E Prudência é o pequeno, com um dedo extra na pata... está vendo?

Ela apontou os detalhes, um a um, Orain ficou olhando espantado.

— Ora, eles são mesmo diferentes... e eu não havia notado! Romilly montou em seu cavalo e acrescentou, ainda bastante séria:

— A primeira coisa que se deve aprender sobre os pássaros é pensar em cada um como um indivíduo. Em suas maneiras e seus hábitos também são tão diferentes quanto você e Dom Cario. — Ela virou-se na sela para o homem de cabeça vermelha. — Perdoe-me, senhor, talvez eu devesse consultá-lo antes de dar nomes aos pássaros...

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu nunca tinha pensado nisso. E parecem bons nomes.. . é um cristoforo, rapaz?

Ela acenou com a cabeça.

— Fui criado assim. E o senhor?

— Sirvo ao Senhor da Luz.

Romilly não disse nada, mas estava um pouco surpresa — não era com frequência que se encontrava Hali'imyn naquelas colinas. Mas se eram os homens de Carolin no exílio, então é claro que serviriam aos Deuses dos Hastur. E se os exércitos de Carolin estavam se concentrando em Nevarsin... o excitação provocou-lhe um aperto na garganta. Sem dúvida era esse o motivo para a presença de Alderic nas colinas: unir-se ao rei quando chegasse o momento oportuno. Ela tornou a especular, por um instante, sobre a verdadeira identidade de Alderic. Se aqueles eram homens de Carolin, talvez o conhecessem e fossem seus amigos. Mas isso não era da sua conta e a última coisa que devia fazer era envolver-se na causa de qualquer homem. Seu pai dissera isso, e era verdade, por que deveriam se importar com o patife que sentasse no trono, desde que deixasse as pessoas honestas em paz para cuidar de suas próprias vidas?

Ela seguiu com os homens, um pouco nervosa, mantendo-se sempre perto de Orain e Dom Cario... não gostava da maneira como Alaric a observava; com certeza, como o infame Rory, ele cobiçava

seu cavalo. Pelo menos ele não sabia que ela era mulher e por isso não cobiçava seu corpo; e poderia proteger seu cavalo, pelo menos enquanto contasse com a proteção de Dom Cario.

E pensando nisso, o trabalho que fizera na defesa de seu corpo não fora tão ruim assim.

Viajaram durante o dia inteiro, parando ao meio-dia para uma refeição de mingau, feito com água fria de uma fonte e farinha moída mexida. Foi uma lauta refeição, isso e mais um punhado de nozes. Descansaram um pouco em seguida, mas Romilly pegou uma faca e ficou desbastando e equilibrando melhor os poleiros, pois constatara que os pássaros-sentinelas sofriam considerável aflição pelas incômodas posições em que se encontravam. Também verificou os nós nas peias e descobriu que um dos pássaros tinha um ferimento infeccionado em uma das patas devido aos nós muito apertados, tratando-o com água fria e um cataplasma de folhas cicatrizantes. Os outros homens estavam deitados pela clareira, desfrutando o sol, mas Romilly percebeu que Dom Cario permanecia acordado observando-a, quando voltou da verificação dos pássaros. Mesmo assim, continuou seu trabalho. O chifre de um dos pôneis fora mal cortado e sangrava na base; ela aparou-o e raspou até que ficasse limpo, secando-o com um pano e cobrindo com musgo absorvente. Também examinou os outros pôneis e encontrou um que mancava, removendo com a ponta da faca uma pedrinha do casco dele.

— Muito bem — murmurou Dom Cario finalmente, a voz indolente, abrindo os olhos. — Cuida direito de suas tarefas... não é um preguiçoso, Rumai. Onde obteve seu conhecimento de animais? Possui a habilidade de um MacAran com eles... — Ele sentou e fitou-a. — ... e eu diria que também possui um toque de seu laran. E agora acho que também possui a aparência desse clã.

Os olhos cinzentos encontraram-se com os de Romilly e ela experimentou a estranha sensação de que ele a fitava por dentro e por fora; teve um sobressalto... ele poderia dizer, se tinha o dom dos Hastur, que ela era mulher? Mas Dom Cario não parecia estar a par de sua consternação, apenas continuou a fitá-la — era, pensou Romilly, como se nunca lhe ocorresse que alguém pudesse se

recusar a responder quando fazia uma pergunta. E ela disse, as palavras se atropelando:

— Eu fui... já disse... criado... conheço alguns deles...

— Nasceu do lado errado da cama, hem? Um bastardo? Ora, isso é uma história antiga naquelas colinas e em outras partes também. É por isso que o miserável do Rakhal está no trono e Carolin... nos aguarda em Nevarsin.

— Conhece bem o rei, senhor? Parece um dos Hali'imyn...

— Porque sou — respondeu Dom Cario calmamente. — Não, Orain, não precisa olhar assim, a palavra não é nestas montanhas o insulto que seria ao sul do Kadarin. O garoto não fez por mal. Quer saber se conheço o rei? Conheço... não o tenho visto com frequência, mas ele é meu parente e o apoio. Como eu disse, alguns bastardos mais cheios de ambições meteram Carolin nessa dificuldade... seu pai tinha o coração muito mole com os parentes ambiciosos e apenas um tirano garante seu trono pelo assassinato de todos os outros com alguma possibilidade de reivindicação. Por isso compreendo seu apuro, rapaz... se o usurpador Rakhal pusesse as mãos em mim, por exemplo, ou em qualquer dos filhos de Carolin, nossas cabeças estariam adornando as muralhas de seu castelo. Mas imagino que você tem um pouco do donas de MacAran ou não poderia controlar os animais como faz. Há um MacAran laranzu em Tramontana... é para ele e seus companheiros de trabalho que estamos levando esses pássaros. Conhece alguma coisa dos pássaros-sentinelas, meu rapaz?

Romilly sacudiu a cabeça.

— Não. Até hoje nunca tinha visto nenhum, mas ouvi dizer que são usados para espionagem...

— É isso mesmo. Uma pessoa que tem o laran de sua família ou algo parecido deve trabalhar com eles, permanecer em contato enquanto voam para onde se deseja ver. Se há algum exército na estrada, pode-se verificar o número de seus componentes e determinar seu movimento. O lado com os pássaros-espiões mais bem-treinados é muitas vezes o que vence a batalha, pois pode pegar o outro de surpresa.

— E esses pássaros são treinados para isso?

— Precisam ser treinados para que possam ser controlados com facilidade — explicou Cario. — Este foi um presente real, de um dos partidários de Carolin nestas colinas; mas meus homens pouco sabiam deles e por isso foi como se os Deuses nos mandassem você, que pode mantê-los em boa saúde e exercitá-los um pouco.

— A pessoa que os voará ao final é que deve fazer isso — disse Romilly. — Mas me empenharei ao máximo para acostumá-los a mãos e vozes humanas e mantê-los saudáveis e bem-alimentados.

E ela não pôde deixar de especular, porque ouvira dizer que Ruyven se encontrava em Tramontana e talvez fosse ele o laranzu para cujas mãos os pássaros estavam destinados. Como eram estranhos os rumos do Destino... talvez, se conseguisse chegar a Tramontana, seu dom pudesse ser treinado para o controle daqueles pássaros.

— Se seus homens são competentes na caça, seria bom se pudessem abater animais médios ou pequenos, que usaríamos na alimentação dos pássaros, mas não muito frescos, a não ser que possam cortar em pedaços bem pequenos e alimentá-los com pêlo e penas...

— Deixarei a dieta aos seus cuidados — disse Dom Cario. — E se tiver algum problema com os pássaros, avise-me imediatamente. São criaturas valiosas e não quero que sejam maltratados.

Ele levantou os olhos para o céu, que começava a ficar escarlate, o enorme sol começando a descer, depois de se manter a pino. Na extremidade de seu campo de visão, Romilly pôde avistar Preciosa, uma pequena mancha escura dando voltas.

— Seu falcão permanece próximo mesmo quando voa livre? Como o treinou para isso? E qual é o seu nome?

— Preciosa, senhor.

— Preciosa! — escarneceu o homem chamado Alaric, aproximando-se para selar o cavalo de Dom Cario. — Como uma garotinha dando um nome à sua boneca!

— Não zombe do rapaz — disse Dom Cario, gentilmente. — Até que você possa superá-lo nos cuidados com os pássaros, precisamos das habilidades dele. E devia cuidar melhor de seu próprio animal... um chervine pode não ser um cavalo, mas merece ser bem tratado.

Deveria agradecer a Rumai por ter encontrado uma pedra no casco de Cinzento.

— E estou mesmo grato — resmungou Alaric, com uma expressão mal-humorada, afastando-se:

Romilly observou-o com o rosto contraído em aversão. Parecia já ter conquistado um inimigo entre aqueles homens, embora nada fizesse para merecê-lo. Mas talvez não demonstrasse tato suficiente ao cuidar do casco do chervine... talvez fosse melhor se simplesmente avisasse a Alaric que seu animal estava mancando. Mas ele não podia ver ou sentir o pobre animal mancando? Ela refletiu que isso era ser cego mental. Ele não podia se comunicar com qualquer animal irracional. E com a intolerância dos muitos jovens, Romilly pensou: Se ele não é capaz de compreender os animais, então não deveria tentar montar um!

Eles montaram pouco depois e viajaram durante a tarde. As trilhas eram mais íngremes agora e Romilly começou a ficar um pouco para trás. .. em caminhos assim, um chervine criado nas montanhas era melhor do que um cavalo. Havia trechos estreitos em que Romilly, Orain e Dom Cario precisavam desmontar e levar seus cavalos pelas rédeas, enquanto os homens nos animais de passos firmes permaneciam montados, absolutamente seguros. Romilly vivera nas colinas por toda a sua vida e de modo geral não tinha medo de qualquer coisa, mas algumas passagens mais íngremes e penhascos à beira de abismos de espaços vazios e nuvens levaram-na a ofegar e prender a respiração, mordendo os lábios para não demonstrar o temor. E continuaram a subir, cada vez mais, pelas frias camadas de neblina e nuvem. Ela sentia os ouvidos doerem, a respiração tornou-se mais ofegante, o coração batia tão alto que mal podia ouvir os cascos dos cavalos e pôneis no caminho rochoso. Houve um momento em que deslocou uma pedra sob o pé e viu-a descer pela encosta do penhasco, ricocheteando a cada cinco ou seis metros, até desaparecer nas nuvens.

Pararam e se reuniram no desfiladeiro. Orain apontou para as luzes que sobressaíam na semi-escuridão, na montanha seguinte. Falou baixo, mas Romilly, junto dos cavalos, pôde ouvi-lo:

— Lá está, vai dom. Nevarsin, a Cidade das Neves. Mais dois ou três dias de viagem e estaremos a salvo por trás das muralhas de São Valentim das Neves.

— E seu fiel coração poderá descansar sem medo, bredu. Mas todos esses homens são leais e mesmo que soubessem...

— Nem sequer sussurre isso, milorde... Dom Cario! — murmurou Orain, aflito.

Dom Cario inclinou-se e bateu de leve no ombro do outro homem, afetuosamente.

— Você tem me protegido com seus cuidados desde que éramos crianças... quem além de você deveria estar ao meu lado nesse momento, irmão adotivo?

— Ora, terá dezenas e centenas de homens para cuidarem de você então, mi... — Outra hesitação. — ... vai dom.

— Mas nenhum tão fiel como você — insistiu Dom Cario, gentilmente. — Terá todas as recompensas que eu puder conceder...

— Será recompensa suficiente vê-lo ocupar outra vez o lugar que lhe pertence... Cario.

Orain afastou-se para supervisionar a descida dos outros pelo desfiladeiro estreito que levava ao fundo da ravina.

Acamparam ao ar livre naquela noite, sob uma tenda tosca armada embaixo de uma árvore, apenas uma lona inclinada para resguardá-los do pior da chuva. Como convinha a um ajudante, Orain manteve-se perto de Dom Cario. Mas quando arrumavam os cobertores e Romilly verificava os pássaros e alimentava-os com o resto da carniça — os homens haviam resmungado por causa do cheiro, mas nenhum se atreveu a contestar Dom Cario — Orain lhe disse:

— É melhor estender seus cobertores perto de nós, Rumai... não tem o suficiente e mesmo dormindo com seu manto poderá congelar, rapaz.

Romilly agradeceu humildemente e deitou entre os dois. Tirara apenas as botas — não queria ser vista em menos roupas do que isso -, mas mesmo com o manto e um cobertor ainda sentia frio; ficou grata pelos cobertores e calor partilhado. Teve uma vaga noção, à beira do sono, do momento em que Preciosa desceu e

pousou dentro do círculo de fogueiras; e, além disso, mais alguma coisa... uma tênue percepção, o contato de laran — os pensamentos de Dom Cario, agitando-se, circulando pelo acampamento para se certificar de que estava tudo bem com os homens, montarias e pássaros.

E depois ela dormiu.

Capítulo Três

Na clara luz da manhã, circulando pela clareira, pegando água para as aves e avaliando a situação — um dos homens deveria caçar hoje, a fim de conseguir alguma coisa para os pássaros-sentinelas, embora eles já parecessem melhores, alisassem as penas e limpassem as garras —, Romilly pôde divisar as muralhas de Nevarsin, bem definidas na claridade, como se fossem feitas de neve ou sal. Uma cidade antiga, construída na encosta da montanha, logo abaixo do nível da neve eterna; e por cima, como os ossos da montanha projetando-se através da neve, as muralhas cinzentas do mosteiro, esculpidas na rocha viva.

Um dos homens, cujo nome ela não sabia, pegava água para o mingau; outro distribuía grãos para os cavalos e chervines. O que se chamava Alaric, corpulento e mal-humorado, trajado de forma grosseira, era o que ela temia, mas não podia evitá-lo completamente; e, de qualquer forma, ele devia ter algum sentimento pelos pássaros-sentinelas, pois carregara um no toco poleiro na frente de sua sela.

— Com licença — disse Romilly, polidamente -, mas você precisa sair e caçar alguma coisa para os pássaros-sentinelas; se encontrar alguma caça esta manhã, ao anoitecer já estará em decomposição e no ponto certo para eles comerem.

— Essa é muito boa! — rosou Alaric. — Passa uma noite com o nosso bom líder e agora pensa que pode dar ordens a homens que estiveram em sua companhia durante todo esse ano de fome? Qual deles teve você... ou será que os dois se revezaram, pequeno catamito?

Chocada pelo insulto, Romilly se encolheu, o rosto ardendo.

— Não tem o direito de me dizer isso. Dom Cario me encarregou de cuidar dos pássaros e determinou que fossem alimentados corretamente. Obedeço ao vai dom tanto quanto você!

— Eu que o diga! — exclamou o homem, desdenhoso. — Talvez você queira pôr essa carinha bonita de garota e essas mãozinhas de dama para...

As outras palavras foram tão repulsivas que Romilly literalmente não entendeu o que queriam dizer e teve certeza absoluta de que não queria saber. Mantendo a dignidade possível — sinceramente não sabia como um de seus irmãos teria reagido àquela infâmia, exceto talvez sacando uma faca, mas não era grande o suficiente para lutar em termos de igualdade com o gigante Alaric -, ela disse:

— Talvez você aceite se o próprio vai dom lhe der as ordens.

Ela se afastou, os dentes cerrados, contraindo todo o rosto contra as lágrimas que ameaçavam explodir através da boca e dos olhos. Desgraçado! Desgraçado! Não devo chorar, não devo...

— Ora, ora, mas que cara que parece uma nuvem de tempestade, meu rapaz! — disse Orain, o rosto magro exibindo uma expressão divertida. — Está sentindo alguma dor? O que o aflige?

Ela recorreu ao resquício de autocontrole e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Tem uma luva de sobra para me emprestar, Tio? — Romilly usou o termo informal para qualquer amigo da geração dos pais. — Não posso cuidar dos pássaros-sentinelas sem uma luva, embora consiga tratar de um falcão; suas garras são muito compridas e minha mão ainda está sangrando de ontem. Acho que devo fazê-los voar numa Linha para que possam caçar pequenos animais ou encontrar carniça...

— Pois terá uma luva — disse Dom Cario, atrás dos dois. — Dê-lhe a sua velha, Orain; pode estar puída, mas ainda protegerá a mão do rapaz. E há pedaços de couro na bagagem, poderá improvisar uma luva esta noite. Mas por que tem de fazê-los voar? Por que não dá ordens para que um dos homens providencie alimento fresco para eles? Temos muitas armadilhas de caça e também precisamos de carne para nós. Mande qualquer dos homens buscar alimento fresco...

Fitando Romilly, suas sobrancelhas avermelhadas se altearam e ele indagou, suavemente:

— Ah, então foi isso o que aconteceu? Qual deles foi... Rumai? Romilly baixou os olhos para o chão e murmurou, a voz quase inaudível:

— Não quero criar problemas, vai dom. Posso fazê-los voar e de qualquer maneira eles precisam de exercício.

— Não tenho dúvida de que precisam — disse Cario. — Pode fazer com que voem pelos exercício, se quiser, mas também não vou admitir que minhas ordens sejam desobedecidas. Dê-lhe uma luva, Orain, e depois terei uma conversa com Alaric.

Romilly viu o brilho em seus olhos, como aço arrancando fogo da pederneira; aceitou a luva e, de cabeça baixa, foi pegar Temperança, prendeu as iscas de linha e pôs o pássaro para voar. Encontrou uma pena descartada e usou-a para afagar o peito do pássaro, que inclinou a cabeça enorme, numa reação de prazer; estava começando bem no esforço de acostumar aqueles enormes pássaros selvagens ao contato e presença humana. Depois que Temperança voou e encontrou alguma coisa morta no mato, Romilly ficou parada, observando o pássaro-sentinela se alimentar, apoiado numa pata, rasgando a comida com o bico e a garra. Depois voou Diligência da mesma forma; e finalmente, com alívio, pois seu braço ficara cansado, voou Prudência, menor e mais suave.

São pássaros feios, eu admito. Mas são belos à sua maneira; força, poder, aguçada visão... e o mundo seria um lugar mais repulsivo se não houvesse pássaros como estes para limpar o que está morto e apodrecendo. Ela ficou espantada pelo modo como os pássaros, mesmo presos a linhas, encontraram sua própria comida, pequenas carcaças no mato, das quais não sentira o cheiro, nem vira. Como os homens haviam podido ignorar as verdadeiras necessidades daqueles pássaros, quando era tão óbvio para ela o que eles queriam e precisavam?

Acho que é isso o que significa ter laran, refletiu Romilly, subitamente humilde. Um dom que nascera em sua família, pelo qual não podia reivindicar qualquer crédito, já que era inato, nada fizera para merecê-lo. Contudo, até mesmo Dom Cario, que também possuía o precioso laran — tudo nele irradiava poder, tranqüilidade -, não era capaz de se comunicar com os pássaros, embora parecesse capaz de saber tudo sobre os homens. O dom de um MacAran. Ora, mas nesse caso seu pai estava errado, completamente errado, enquanto ela estava certa ao insistir naquele dom precioso e

maravilhoso com que fora dotada; ignorá-lo, utilizá-lo mal, não treiná-lo... isso era um erro, um terrível erro!

E seu irmão Ruyven estava certo ao deixar o Ninho dos Falcões e insistir no treinamento de seus dons naturais. Ele encontrara seu lugar na Torre, laranzu para o controle dos pássaros-sentinelas. Um dia ela também ocuparia seu lugar...

O grito de raiva de Prudência arrancou Romilly de seu devaneio. Constatou que o pássaro acabara de se alimentar e puxava outra vez a linha de isca. Romilly deixou Prudência voar em círculos na linha por algum tempo, depois fez contato e exortou gentilmente o pássaro a voltar para o chão; encapuzou-o, levantou-o (agradecida pela luva que Orain lhe entregara, pois podia sentir a tremenda pressão das enormes garras) e ajeitou-o no poleiro.

Enquanto se aprontava para a partida, pensou na distância que ainda tinham pela frente. Ficaria tão perto de Orain quanto pudesse; se Alaric a encontrasse sozinha. . e ela pensou, com terror, nos vastos e vazios abismos pelos quais haviam passado no dia anterior. Um passo em falso ali, um pequeno empurrão, e ela seguiria a pedra pelo penhasco, ricocheteando muitas vezes, toda arrebetada antes mesmo de chegar ao impacto final lá no fundo. Sentiu uma náusea subir pela garganta. A maldade de Alaric o levaria até a fazer uma coisa assim? Afinal, ela não fizera nenhuma mal a ele...

Revelara a incompetência do homem para Dom Cario, por quem ele tinha evidentemente o maior respeito. Lembrando Rory, Romilly especulou se havia quaisquer homens, em qualquer lugar, vivos, que fossem movidos por outra coisa além da maldade, do desejo e do ódio. Pensara que em roupas de homem pelo menos estaria a salvo do desejo; mas mesmo ali, entre homens, deparara com todo seu horror. O pai? Os irmãos? Alderic? Ora, o pai a venderia a Dom Garris por sua própria conveniência. Alderic e os irmãos? Não podia dizer que os conhecia direito, pois eles nunca revelariam suas verdadeiras faces a uma moça que consideravam ainda criança. Mas sem dúvida eles também tinham todo o mal em seu íntimo. Rangendo os dentes, constrangida, Romilly selou seu cavalo e depois foi selar os cavalos de Orain e Dom Cario. Seus deveres expressos exigiam apenas que cuidasse dos pássaros, mas

do jeito como estavam as coisas preferia a companhia dos cavalos à de qualquer ser humano!

A agradável voz de Dom Cario interrompeu seu devaneio:

— Então selou Pernalta para mim? Obrigado, meu rapaz.

— É um belo animal — comentou Romilly, afagando a égua.

— Posso ver que você possui um olho para cavalos, o que não é de surpreender, se tem o sangue dos MacAran. Esta égua é dos platôs altos em torno de Armida; criam ali melhores cavalos do que em qualquer outro lugar das montanhas, embora às vezes eu pense que não possuem o mesmo vigor dos que são criados nas montanhas. Talvez não seja bom levar Pernalta por estas trilhas; tenho refletido muitas vezes que deveria devolvê-la à sua terra natal e obter um cavalo criado nas montanhas, ou até mesmo um chervine, que seria mais adequado para a região. Mas... — Ele fez uma pausa, passando a mão pela crina lustrosa da égua. — Fico me lisonjeando com a idéia de que ela sentiria minha falta; e, como exilado, não tenho tantos amigos para estar disposto a me separar de qualquer um, mesmo que seja apenas um animal irracional. Diga-me uma coisa, rapaz, já que conhece cavalos: acha que este clima é ruim para ela?

— Eu diria que não — respondeu Romilly, um minuto depois. — Não se estiver bem alimentada e bem cuidada; e talvez pudesse enfaixar suas pernas como proteção extra nestas íngremes trilhas.

— Boa idéia.

Dom Cario chamou Orain e os dois começaram a enfaixar as pernas de seus cavalos, criados nas terras baixas. O cavalo de Romilly fora criado para as Hellers, todo peludo, inclusive nas pernas, e tufo de pêlos projetando-se dos boletos. Pela primeira vez desde que fugira do Ninho dos Falcões ela sentiu-se contente por ter deixado seu próprio cavalo. Aquele, embora estranho, pelo menos a carregara fielmente.

Partiram pouco depois, descendo por um caminho sinuoso para o vale, que alcançaram a tempo da refeição do meio-dia. Pegaram em seguida a estrada bastante usada, que se alargava gradativamente, levando a Nevarsin, a Cidade das Neves.

Acamparam por mais uma noite antes de chegarem à cidade, e desta vez, notando o que Romilly fizera no dia anterior, Orain deu ordens aos homens para cuidarem de seus chervines de montaria. Mesmo contrariados eles obedeceram contrariados, mas obedeceram; Romilly ouviu um deles resmungar:

— Já que tem aquele miserável garoto-falcão com a gente, por que ele não pode cuidar dos animais? Deveria ser seu trabalho, não nosso!

— Não há a menor possibilidade, pois Orain já transformou o pirralho em seu amiguinho — respondeu Alaric. — Os pássaros que se danem. . o miserável está com a gente pela conveniência de Orain, não dos pássaros! Acha que Lorde Cario negará a seu ajudante e amigo qualquer coisa que ele quiser?

— Cale essa boca! — interveio um terceiro. — Não tem o direito de falar assim de seus superiores. Dom Cario é muito bom para todos nós e um homem fiel a Carolin; e Orain era o irmão adotivo do rei. Ainda não perceberam? Ele fala grosso e rude como um camponês, mas quando quer, ou quando esquece, sabe falar tão bem e de modo tão educado quanto o próprio Dom Cario ou qualquer um dos grandes Hastur! E no que diz respeito a seus gostos particulares, não me interessa se ele prefere mulheres, meninos ou coelhos de chifre, desde que não dê em cima da minha esposa!

Romilly, o rosto ardendo, tratou de se afastar. Criada numa família cristoforo, nunca ouvira uma conversa assim, e que só servia para confirmar sua opinião de que apreciava a companhia dos homens ainda menos que a das mulheres. Sentia-se inibida demais, depois do que ouvira, para se juntar a Orain e Dom Cario quando eles estenderam seus cobertores. Passou aquela noite tremendo de frio, no meio dos chervines adormecidos, a fim de aproveitar o calor deles. Pela manhã estava roxa de frio e agachou-se por tanto tempo quanto era possível junto da fogueira acesa para o desjejum, tentando furtivamente esquentar as mãos contra a panela do mingau. O alimento quente esquentou-a um pouco, mas ainda tremia ao exercitar os pássaros e alimentá-los. Alaric, embora protestando, pegara dois coelhos de chifres em armadilhas que já

começavam a cheirar mal; ela teve de superar o ímpeto de náusea ao cortá-los, mas em seguida começou a espirrar repetidas vezes. Dom Cario lançou-lhe um olhar preocupado ao selarem os cavalos e montarem para a última etapa da viagem.

— Espero que não tenha sentido muito frio, meu rapaz.

Romilly murmurou, desviando os olhos, que o vai dom não precisava se preocupar.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — disse Dom Cario, franzindo o rosto. — O bem-estar de qualquer dos meus seguidores é tão importante para mim quanto o daqueles pássaros para você... meus homens estão sob meus cuidados como os pássaros sob os seus, e não negligencio nenhum homem que me acompanha! Venha até aqui! — Ele encostou a mão, preocupado, na testa de Romilly. — Está com febre; pode montar? Não se preocupe; esta noite estará bem aquecido na casa de hóspedes do mosteiro, e se ficar doente os bons irmãos cuidarão de você.

— Estou bem — protestou Romilly, agora muito alarmada.

Não podia ficar doente de jeito algum! Se fosse levada para a enfermaria dos monges, eles descobririam com certeza, ao tratá-la, que era mulher!

— Tem roupas bastante quentes? — acrescentou Dom Cario. — Orain, seu tamanho é mais próximo do dele do que o meu... arranje alguma coisa quente para o rapaz vestir.

Imóvel, com a mão na testa de Romilly, a expressão de Dom Cario mudou de repente; fitou-a atentamente e, por um momento, ela teve certeza — não sabia como; laran? — que ele sabia. Ficou paralisada pelo temor, estremecendo; mas Dom Cario afastou-se e disse suavemente:

— Orain lhe trouxe um casaco e meias... percebi que seus pés estavam em bolhas dentro das botas. Ponha tudo imediatamente; se é orgulhoso demais para aceitar como um presente, descontaremos de seu salário, mas não permitirei que ninguém que me acompanha não esteja agasalhado, seco e confortável. Vá para o outro lado da fogueira e ponha tudo agora mesmo.

Romilly inclinou a cabeça aquiescendo, foi para trás da linha de cavalos e chervines, pôs as meias quentes — um celestial alívio para

os pés doloridos — e o grosso casaco. Eram um pouco grandes, porém assim serviam para aquecê-la ainda mais. Ela espirrou de novo e Orain gesticulou para o caldeirão ainda pendurado sobre o fogo, não inteiramente vazio. Pegou uma concha do caldo quente e acrescentou algumas folhas que tirou de sua bolsa.

— Um remédio das velhas para a tosse que é melhor do que qualquer poção de curandeiro. Tome tudo. — Ele ficou observando, enquanto Romilly engolia a mistura de gosto horrível. — É amargo como o amor perdido, mas acaba com a febre.

Romilly fez uma careta ao terminar de beber a mistura; deixou-a vermelha, com um calor interior e a boca contraída com seu gosto amargo, mas ao final da manhã compreendeu que não voltara a espirrar e que o nariz já não escorria tanto. Cavalgando por um momento ao seu lado, ela disse:

— Aquele remédio lhe valeria uma fortuna nas cidades, Mestre Orain.

Ele riu.

— Minha mãe era uma leronis e estudou as artes da cura, conviveu com os camponeses para aprender seus conhecimentos de ervas. Mas os curandeiros da cidade riem desses remédios rurais.

E, pensou Romilly, ele fora irmão adotivo do rei; e agora servia ao homem do rei no exílio, Cario do Lago Azul. Era verdade o que os homens haviam comentado, embora ela não tivesse percebido antes; falando com os homens, Orain usava o dialeto do campo, mas conversando com Dom Cario e, cada vez mais, também com ela, seu sotaque era o de um homem instruído. Em comparação com os outros homens, ela sentia-se tão segura e tranqüila ao lado de Orain como se estivesse na presença de seus irmãos ou de seu pai. Depois de algum tempo, Romilly perguntou a ele:

— O Rei... Carolin... nos aguarda em Nevarsin? Mas os monges não haviam jurado que não tomariam parte nessa luta entre os leigos? Como podem tomar o lado do Rei Carolin na guerra? Sei muito pouco sobre o que está acontecendo nas terras baixas.

Ela recordava o que Darren e Alderic tinham dito, o que aguçava sua vontade de saber mais. Orain respondeu:

— Os irmãos de Nevarsin não estão se importando com o trono dos Hastur; nem deveriam. Dão abrigo a Carolin porque, como dizem, ele não fez mal a ninguém e seu primo — o grande bastardo, Rakhal, que está no trono — o mataria devido a sua própria ambição. Não vão aderir à causa, mas também não o entregarão a seus inimigos, enquanto estiver asilado lá.

— Se a reivindicação de Carolin é tão justa, por que Rakhal conseguiu tanto apoio? — indagou Romilly.

Orain deu de ombros.

— Uma questão de ganância, sem dúvida. Minhas terras estão agora nas mãos do chefe dos conselheiros de Rakhal. Os homens apóiam quem os enriquece, e o direito não tem muito a ver com isso. Todos esses homens... — Ele gesticulou para os seguidores. — ... são pequenos proprietários, cujas terras deveriam ser invioláveis; nada fizeram além de se manterem leais a seu rei, e não deveriam se envolver nas lutas dos grandes e poderosos. Alaric é um amargurado, é verdade... sabe qual foi o crime dele, o crime pelo qual perdeu suas terras e foi jogado na prisão de Rakhal, sob a sentença de perder uma das mãos e a língua?

Romilly estremeceu.

— Para merecer uma sentença assim deve ter sido um crime terrível!

— Só para aquele cagavrezu do Rakhal — disse Orain, sombriamente. — O crime? Seus filhos gritaram "Vida longa para o Rei Carolin!" quando um dos maiores sicários de Rakhal passava pela aldeia. Não fizeram por mal... acho até que os pirralhos não distinguiam um rei do outro. Mas esse grande patife, Lyondri Hastur, disse que ele devia ter ensinado traição às crianças... e tirou-as da casa de Alaric, alegando que deveriam ser criadas por um homem leal. Mandou-as servirem em sua Grande Casa e jogou Alaric na prisão. Uma das crianças morreu e a esposa de Alaric ficou tão transtornada pelo que aconteceu ao marido e aos filhos que se jogou de uma janela alta e morreu. Por isso Alaric é um amargurado e não gosta de ninguém; não é a você que ele odeia, mas à própria vida.

Romilly baixou os olhos para a sela, respirando fundo. Sabia por que Orain lhe contara a história e aumentou ainda mais sua admiração pelo homem; ele tinha tolerância e compaixão até pelo homem que falara coisas tão horríveis a seu respeito.

— Nesse caso, Tio, tentarei não pensar tão mal dele quanto Alaric pensa de mim.

Mas ela ainda estava confusa. Alderic falara dos Hastur como descendentes dos Deuses, grandes e nobres; Orain pronunciava a própria palavra "Hastur" como se fosse um insulto.

— Quer dizer que todos os Hastur são maus?

— Absolutamente! — protestou Orain, com veemência. — Nunca um homem melhor do que Carolin pisou nesta terra; seu único defeito é que jamais pensou mal dos parentes que eram canalhas e foi muito generoso e clemente com os... — A boca se contraiu no que deveria ser um sorriso. — ... ambiciosos bastardos.

Orain ficou em silêncio e Romilly, observando os sulcos em seu rosto, compreendeu que seus pensamentos estavam a mil léguas dela, de Dom Cario e de seus homens. Ela teve a impressão de que podia ver na mente de Orain imagens de uma linda cidade construída entre dois desfiladeiros nas montanhas, porém baixa, num vale verdejante, à margem de um lago cujas ondas eram como neblina rolando das profundezas. Uma torre branca erguia-se perto da praia e homens e mulheres passavam pelos portões, altos e elegantes, como envoltos por suave magia, muito bonitos para serem reais — e Romilly pôde sentir a profunda tristeza dele, a tristeza do exílio, do homem expatriado.. .

Eu também sou expatriada, afastei-me de toda a família... Mas é possível que meu irmão Ruyven me aguarde na Torre Tramontana. E Orain também está sozinho, sem família...

Eles passaram pelos enormes e solenes portões de Nevarsin no momento em que o crepúsculo caía e a noite súbita daquela época do ano começava a obscurecer o céu com chuva. Dom Cario seguia na frente, o capuz puxado sobre a cabeça ocultando as feições; percorreram as velhas ruas calçadas com pedras e subiram por íngremes caminhos, ruas estreitas e sinuosas, na direção das trilhas cobertas de neve que levavam ao mosteiro. Romilly pensou que

nunca sentira um frio tão intenso; o mosteiro estava situado no meio do gelo glacial, esculpido na rocha maciça da montanha; e quando pararam diante dos portões internos, sob a grande estátua do Portador dos Fardos, encurvado ao peso do mundo, e da imagem menor mas ainda maior que o tamanho natural de São Valentim das Neves, ela estava tremendo outra vez, apesar do agasalho extra.

Um homem alto e distinto, numa volumosa túnica marrom e capuz de monge, gesticulou para que entrassem. Romilly hesitou; fora criada como cristoforo e sabia que nenhuma mulher podia entrar no mosteiro, nem mesmo na casa de hóspedes. Mas escolhera aquele disfarce e agora não podia repudiá-lo. Sussurrou uma oração:

— Abençoado Portador dos Fardos, São Valentim, perdoem-me. Não é por mal que penetro neste mundo dos homens e juro que nada farei para desgraçá-los aqui.

Haveria um escândalo maior se ela revelasse agora seu verdadeiro sexo. E Romilly especulou sobre o motivo da proibição às mulheres. Será que os monges temiam que a presença das mulheres os impedisse de manter seus votos de renúncia? Mas de que adiantavam esses votos se não podiam resistir às mulheres, a não ser que nunca as vissem? E por que eles pensavam que as mulheres se interessariam em tentá-los? Contemplando um pequeno monge encapuzado, ela pensou, com uma reação perigosamente próxima de uma risada, que seria necessário mais caridade do que até um santo podia ter para esquecer sua feiúra e tentá-lo!

Haviam estábulos confortáveis para todos os animais de montaria e um cercado de pedra em que Romilly encontrou gaiolas e poleiros para seus pássaros.

— Pode ir à cidade e comprar comida para eles — disse-lhe Orain, entregando algumas argolas de cobre. — Mas esteja de volta a tempo para o jantar na casa de hóspedes; e se quiser pode comparecer às orações noturnas... talvez goste do coro cantando.

Romilly acenou com a cabeça, obediente, enquanto sentia o maior regozijo interior; Darren comentara a excelência do coro de Nevarsin, para o qual não pudera ingressar nos tempos de estudante por não ser muito afinado; mas o pai também falara de um dos

pontos altos de sua vida, quando assistira a um serviço solene no mosteiro e ouvira o canto dos monges. Ela seguiu apressada para a cidade, excitada e um pouco assustada pelo lugar estranho; mas encontrou um vendedor de pássaros, obteve a informação que desejava e descobriu que o homem sabia exatamente qual o alimento apropriado para os pássaros-sentinelas. Esperava ter de carregar uma carcaça fedorenta meio apodrecida pelas ruas da cidade, mas o vendedor declarou que teria o maior prazer em entregar o alimento nos estábulos da casa de hóspedes.

— Ficaré alojado no mosteiro, meu jovem? Se quiser, posso entregar todos os dias o alimento apropriado para seus pássaros.

— Perguntarei a meu amo — disse Romilly. — Não sei por quanto tempo eles pretendem ficar.

E ela pensou que era uma boa coisa que tais serviços pudessem ser prestados; mas quando o homem comunicou o preço, ela ficou um pouco perturbada. Mesmo assim, não havia como deixar as muralhas e caçar pessoalmente o alimento para os pássaros; acertou o fornecimento para hoje e amanhã e pagou o que o vendedor pediu.

Retornando pelas ruas da cidade, cinzentas e velhas, as casas antigas inclinadas e as paredes parecendo se fechar ao seu redor, Romilly estava um pouco assustada. Perdera o contato com Preciosa antes de passarem pelos portões de Nevarsin; o clima ali era muito frio para um falcão... Preciosa teria voltado para um clima mais acolhedor? Nunca poderia encontrar alimento na cidade... havia bastante carniça nas ruas, ela calculou pelo cheiro, mas não alimento fresco e vivo para um falcão. Esperava que Preciosa estivesse sã e salva...

Mas, no momento, tinha de pensar nos pássaros-sentinelas; acompanhou sua alimentação e constatou que havia um pátio grande, calçado com pedras, onde poderia exercitá-los e deixá-los voar. Nos limites do pátio, enquanto ela os fazia voar em círculos em linhas compridas — os pássaros gritavam menos agora e ela sabia que estavam se acostumando a seu contato e voz -, avistou um grupo de meninos. Todos usavam os hábitos com capuz do mosteiro. Mas certamente, pensou Romilly, eram jovens demais para serem

monges; deviam ser estudantes, enviados como acontecera com Ruyven e depois Darren. Um dia talvez seu irmão Rael estivesse ali. Como sinto saudades de Rael!

Os meninos observavam os pássaros com excitado interesse. Um deles, mais ousado que os demais, gritou:

— Como consegue manipular esses pássaros sem se machucar?

Ele se aproximou, deixando para trás os outros meninos, estendeu a mão na direção de Temperança; Romilly gesticulou para que a retirasse depressa.

— Esses pássaros são ferozes e podem bicar com muita força; se investisse contra seus olhos, poderia feri-lo gravemente.

— Eles não machucam você!

— Porque sou treinado para cuidar deles e já me conhecem. Obediente, o menino recuou. Não era muito mais velho que Rael, pensou Romilly, devia ter dez ou doze anos. Uma sineta ressoou no pátio e as crianças partiram pelo corredor, correndo e se empurrando; mas o menino que observava os pássaros permaneceu.

— Não deve atender ao chamado da sineta com seus colegas?

— Não tenho nenhuma aula a esta hora — respondeu o menino. -Posso ficar aqui até soar a sineta para o coro, quando terei de ir e cantar. E depois terei uma aula com o mestre de armas.

— Num mosteiro?

— Não serei monge e por isso um mestre de armas vem da aldeia de dois em dois dias para me dar aulas e a alguns outros. Mas não tenho deveres agora e gostaria de observar os pássaros, se não se importa. É uma leronis, vai domna, para conhecer tão bem esses pássaros?

Romilly ficou chocada, mas finalmente conseguiu perguntar:

— Por que me chama de domna?

— Mas posso ver que é, sem a menor dúvida, embora use roupas de homem. — Romilly parecia tão consternada que ele baixou a voz e acrescentou, num sussurro de conspirador: — Não se preocupe que não contarei a ninguém. O Padre-Mestre ficaria muito zangado e eu acho que você não está fazendo mal a ninguém. Mas por que prefere usar roupas de homem? Não gosta de ser mulher?

Alguém poderia gostar?, especulou Romilly. Depois ela perguntou a si mesma por que os olhos claros daquele menino haviam visto o que ninguém mais percebera. Ele respondeu ao pensamento que não fora expresso:

— Sou treinado para isso, como você é treinada para cuidar de falcões e outros pássaros, a fim de que um dia eu possa servir a meu povo numa Torre como um laranzu.

— Uma criança como você?

— Tenho doze anos e em apenas mais três serei um homem — o menino declarou, com a maior dignidade. — Meu pai é Lyondri Hastur, conselheiro do rei; os Deuses me deram sangue nobre e devo estar preparado para servir ao povo sobre o qual terei um dia de reinar.

O filho de Lyondri Hastur! Romilly lembrou a história que Orain contara, sobre Alaric e as mortes em sua família. Fingiu estar ajeitando a linha do pássaro; nunca antes tivera de esconder seus pensamentos e só conhecia uma maneira de fazê-lo — com um discurso rápido, ao acaso.

— Gostaria de segurar Prudência um pouco? Ela é a mais leve e não será muito pesada para seu braço. Eu a mantereí quieta para você, se quiser.

O menino parecia satisfeito e excitado. Encapuzando Prudência com todo cuidado e irradiando pensamentos tranquilizadores — esse menino é amigo, não vai lhe fazer mal, fique quieta — ela enfiou uma luva no braço do menino com a mão livre, e acomodou o pássaro. Ele sustentou Prudência, fazendo o maior esforço para evitar que o braço tremesse. Romilly entregou-lhe uma pena.

— Afague o peito dela com isto. Nunca toque num pássaro com a mão; mesmo que suas mãos estejam limpas, afetarà a disposição das penas.

Ele afagou o peito liso do pássaro com a pena, arruinando suavemente.

— Nunca estive antes tão perto de um pássaro-sentinela — murmurou o menino; deliciado. — Ouvi dizer que eram ferozes e não podiam ser domados... é o laran que a mantém tão calma, domna

— Não deve me chamar de domna aqui — disse Romilly, mantendo a voz baixa e serena, a fim de não perturbar o pássaro. — O nome que uso é Rumai.

— E laran, Rumai? Acha que eu poderia aprender a controlar um pássaro assim?

— Se fosse treinado para isso, sem dúvida. Mas deve começar com um falcão pequeno, a fim de que seu braço não canse e a fadiga não perturbe o pássaro. É melhor eu pegar Prudência agora — acrescentou Romilly, pois o braço do menino já tremia com o esforço. Ela ajeitou o pássaro no poleiro. — E o laran nada pode fazer além de ajudar sua mente a entrar em sintonia com a mente do pássaro. Mas o clima aqui é frio demais para os falcões comuns; acho que teria de esperar até voltar às terras baixas.

O menino suspirou, olhando pesaroso para o pássaro no poleiro.

— Esses são mais difíceis do que os falcões, não é mesmo? São parentes do kyorebni?

— Não são diferentes na forma, mas são mais inteligentes do que o kyorebni ou mesmo do que qualquer falcão.

Parecia deslealdade com Preciosa admitir isso, mas depois de alguns dias de contato com os pássaros-sentinelas ela sabia que possuíam uma inteligência superior.

— Posso ajudar, dom... Rumai?

— Já estou quase acabando, mas se quiser pode misturar essa coisa verde e cascalho com o alimento deles. Mas se tocar na carniça, ficará com as mãos fedendo quando for para o coro.

— Posso lavar as mãos no poço antes do coro, pois o Padre Cantor é muito gordo e sempre se atrasa para os ensaios — garantiu o menino, solenemente.

Romilly sorriu, enquanto ele começava a partir a fétida carne, salpicando-a com ervas e pedrinhas. O sorriso desvaneceu-se no instante seguinte; aquele menino era telepata e filho de Lyondri Hastur, poderia representar um perigo para todos.

— Qual é seu nome? — ela perguntou.

— Caryl. Recebi esse nome pelo homem que era rei quando nasci, mas o pai diz que Carolin não é um bom nome para se ter

agora. Carolin era rei, mas abusou de seu poder, pelo que me disseram, foi um mau rei e por isso seu primo Rakhal teve de tomar o trono. Mas ele foi gentil comigo.

Romilly disse a si mesma: a criança apenas repete o que ouviu o pai dizer. Caryl terminou de preparar o alimento e perguntou se podia dá-lo a um dos pássaros.

— Dê a Prudência — disse Romilly. — Ela é a mais calma e posso ver que vocês dois já fizeram amizade.

Ele levou o prato para Prudência, ficou observando-a rasgar a carne vorazmente, enquanto Romilly alimentava os outros dois pássaros. Uma sineta soou no pátio externo do mosteiro, abafada pelos muros. O menino teve um sobressalto.

— Tenho de ir para o coro e depois haverá aula — disse ele. — Posso vir esta noite e ajudar você a alimentar os pássaros... Rumai?

Romilly hesitou e ele acrescentou, ansioso:

— Prometo que guardarei seu segredo. Ela acabou concordando.

— Está bem. Pode vir quando quiser.

O menino saiu correndo. Romilly notou que ele limpou as mãos nas roupas, como qualquer menino muito ativo, esquecendo a promessa de que as lavaria no poço.

Mas depois que ele desapareceu, ela suspirou e ficou imóvel, esquecendo os pássaros por um momento.

O filho de Lyondri Hastur ali no mosteiro... e era o lugar em que Dom Cario deveria encontrar-se com o Rei Carolin e entregar o presente dos valiosos pássaros-sentinelas, além de levantarem um exército na cidade. Não era impossível, ela refletiu, que o menino conhecesse o rei de vista; assim, se Carolin estivesse na cidade disfarçado e se aproximasse do mosteiro, ele poderia reconhecê-lo e então. .

Que diferença faz para mim o patife que ocupa o trono? As palavras do pai ressoaram em sua mente. Mas Alderic, que parecia ser o melhor jovem que ela já conhecera, além de seus irmãos, era um homem de Carolin, talvez mesmo seu filho. Cario e Orain também eram leais ao rei exilado. E o conselheiro Lyondri Hastur, independente do que seu filho pudesse dizer, parecia ser um dos

piores tiranos de que ela já ouvira falar... ou pelo menos era o que a história contava do que ele fizera com os filhos de Alaric.

E ela era um homem de Dom Cario, pelo menos enquanto recebesse dinheiro a seu serviço. Ele deveria ser informado do perigo que corria o homem que considerava seu legítimo rei. Talvez pudesse avisar a Carolin para não se aproximar do mosteiro enquanto ali estivesse um menino que o reconheceria, capaz de penetrar em qualquer disfarce que ele pudesse usar. Os olhos do menino eram mesmo penetrantes e seu laran... ele percebera que Romilly era mulher.

Embora eu não possa revelar a Dom Cario ou seu amigo como sei que o menino tem laran...

Ela foi para os estábulos ao lado do mosteiro e encontrou os cavalos em boas mãos; conversou um pouco com os cavaleiros sobre os cuidados que deveriam ser dispensados aos animais e presenteou-os, como era apropriado, com generosa quantidade da prata e cobre que Orain lhe dera para as despesas. Depois do encontro com o jovem Caryl, ela estava prevenida, mas nenhum dos cavaleiros prestou uma atenção maior nela; todos aceitaram-na como se apresentava, apenas outro aprendiz na comitiva do nobre hospedado no mosteiro. Ela saiu à procura de Dom Cario, a fim de fazer-lhe a advertência. Nos aposentos que lhe haviam sido destinados na casa de hóspedes, porém, encontrou apenas Orain, remendando suas toscas botas.

Ele levantou os olhos quando Romilly entrou.

— Algum problema com os pássaros ou cavalos, rapaz?

— Não, estão todos bem. Perdoe-me por interromper seu lazer, mas preciso falar com Dom Cario.. .

— Não poderá lhe falar agora ou por algum tempo, pois ele está reunido com o Padre Abade... e não creio que seja para confessar seus pecados, pois não é cristoforo. Posso ajudá-lo em alguma coisa, rapaz? Não há nenhum trabalho urgente agora que os pássaros estão cuidados e com boa saúde... aproveite a folga para conhecer a cidade; e se precisar de algum pretexto, eu o mandarei em alguma missão. Pode levar estas botas para consertar, por

exemplo. — Orain estendeu-as, com um sorriso cômico. — Estão além da minha competência.

— Farei o que me pede com a maior satisfação, mas tenho uma mensagem importante para Dom Cario. Ele... vocês são homens de Carolin e acabei de saber que... alguém que conhece o rei de vista e pode também conhecer alguns de seus conselheiros está aqui no mosteiro. É o filho de Lyondri Hastur, Caryl.

O rosto de Orain mudou, os lábios se contraíram num assovio silencioso.

— É mesmo? O filhote de lobo está aqui, envenenando as mentes contra milorde?

— O menino tem apenas doze anos e parece ser boa pessoa — protestou Romilly. — Falou bem do rei e disse que ele sempre foi gentil. .. mas pode conhecê-lo...

— Tem razão — concordou Orain, sombriamente. — Mas uma serpente nova pode dar um bote tão mortífero quanto uma cobra velha. Seja como for, não ouvi falar mal do rapaz. Mas é melhor que Alaric não saiba de sua presença aqui ou pode querer que um filho pague por outro filho... se ele descobrisse o filho de Hastur, duvido muito que pudesse manter as mãos longe de sua garganta, pois sei como ele se sente. Milorde precisa saber disso, e imediatamente...

— Caryl poderia reconhecer Dom Cario também? Ele passou muito tempo na corte? Dom Cario é... — Romilly hesitou. — Ele não é da família de Carolin?

— É, sim. Dom Cario também é um Hastur. — Orain suspirou. - Muito bem, ficarei de olho no menino e avisarei Dom Cario. Foi muito previdente de sua parte vir me falar, Rumai; fico lhe devendo essa. -Como se descartasse o pensamento deliberadamente, ele inclinou-se e pegou as botas remendadas. — Leve isto para a cidade... e para que não se perca, eu o acompanharei e mostrarei o caminho.

Ele passou o braço calmamente pelo de Romilly ao deixarem a casa de hóspedes da mosteiro e desceram pelas ruas da velha cidade. O ar da montanha estava muito frio e Romilly aconchegou-se em seu manto, mas Orain parecia inteiramente à vontade, embora usasse um casaco leve.

— Gosto do ar da montanha — ele comentou. — Nasci à sombra do Alto Kimbi, embora fosse criado nas praias de Hali; e ainda me considero um homem das montanhas. E você?

— Nasci nas Colinas Kilghard, mas ao norte do Kadarin.

— A região em torno de Storn? Conheço o lugar muito bem. Não é de admirar que tenha falcões no sangue; eu também tenho.
— Ele riu, pesaroso. — Mas você é meu mestre nisso. Nunca segurei um pássaro-sentinela antes e acho que não ficarei triste se nunca mais puser as mãos em algum.

Eles passaram pela porta de uma loja que recendia a couro, casca de curtume e resina. O sapateiro alteou as sobrancelhas desdenhoso ao ver as velhas botas remendadas na mão de Orain, mas mudou de atitude no instante em que Orain enfiou a mão no bolso e tirou prata e até cobre.

— Quando vai querer suas botas, vai dom?

— Acho que não dá mais para consertar essas — disse Orain.
— Mas se ajustam muito bem a meus pés; faça-me um par nessa medida, pois talvez eu tenha de viajar por uma região de muita neve. Você tem botas para as Hellers, Rumai? Espero que nos acompanhe até Tramontana...

E por que não?, pensou Romilly. Não tenho outro lugar para ir, e se Ruyven está lá, ou posso obter notícias dele lá, Tramontana é meu caminho.

— Essas botas que o jovem senhor está usando jamais agüentariam os caminhos através das geleiras — disse o sapateiro, com um olhar subserviente para Orain. — Posso fazer um par resistente para seu filho por duas pratas.

Só agora Romilly compreendeu como Dom Cario pagara generosamente por seus cuidados e conhecimentos de falcões e pássaros. Ela se apressou em dizer:

— Eu tenho...

— Cale-se, rapaz. Dom Cario me disse que providenciasse tudo que você precisasse para a viagem, como faço por todos os seus homens. E agora sente-se ali e deixe que ele tire as medidas dos seus pés... filho.

Ele arrematou com um sorriso. Romilly obedeceu, estendendo o pé fino com a meia esfarrapada e grande demais. O sapateiro assoviava uma melodia enquanto tirava as medidas, rabiscando anotações enigmáticas e números com um coto de giz na prancha ao lado de sua bancada.

— Para quando vai querer?

— Para ontem — respondeu Orain. — Talvez tenhamos de deixar a cidade a qualquer momento.

O sapateiro protestou; Orain negociou por alguns minutos, acabaram acertando o preço e a data para dois dias depois.

— Deveria ser amanhã — comentou Orain, de cara amarrada, ao deixarem a loja. — Mas esses artesãos não têm mais orgulho por seu ofício hoje em dia. — Ele soltou um grunhido, enquanto Romilly se virava. — Está com pressa de voltar ao mosteiro, Rumai, para jantar lentilhas frias e cerveja? Depois de tantos dias de viagem, subsistindo a mingau e bolo, que não era muito melhor que pão de cachorro, estou ansioso por uma ave assada e um bom vinho. Que motivo você tem para voltar? Os pássaros não irão embora, não é mesmo? Os cavalos estão aquecidos nos estábulos e os monges lhes darão algum feno, se não voltarmos. Assim, vamos dar uma volta pela cidade.

Romilly deu de ombros e concordou. Nunca estivera antes numa cidade do tamanho de Nevarsin e receava perder-se se a explorasse sozinha; com Orain, no entanto, poderia aprender o rumo pelas confusas ruas. De qualquer forma, dificilmente deixaria de encontrar o caminho de volta para o mosteiro, pois bastava seguir por qualquer rua que subisse, pois o mosteiro estava localizado acima da cidade.

O curto dia de inverno clareou e depois voltou a escurecer, enquanto atravessavam a cidade, a maior parte do tempo num silêncio amistoso. Orain não parecia muito propenso a conversar, porém apontou vários lugares conhecidos, o antigo santuário de São Valentim das Neves, uma caverna no alto da montanha em que o santo teria vivido e morrido, uma forja em que se fazia a melhor ferradura ao norte de Armida, uma loja de doces em que, ele informou com um sorriso, os estudantes do mosteiro costumavam

gastar seu dinheiro nos feriados. Era como se Romilly fosse um dos seus irmãos, livre, sem estar reprimida por qualquer das leis que controlavam o comportamento das mulheres; e sentia-se à vontade com Orain como se o conhecesse há muito tempo. Ele esquecera quase por completo o sotaque de camponês e falava numa voz agradável e educada, apenas com um ligeiro vestígio do sotaque das terras baixas, como Alderic.

Romilly não podia adivinhar sua idade. Com certeza ele não era jovem, mas ela calculou que não podia ser tão velho quanto seu pai. Suas mãos eram rudes e calejadas como as de um espadachim, mas as linhas eram limpas e bem cuidadas, não sujas ou quebradas como as dos outros homens que acompanhavam Dom Cario.

Devia ser muito bem-nascido, se já fora irmão adotivo do exilado Carolin. Seu pai, Romilly tinha certeza, o receberia bem e concederia a honra devida a um nobre; embora Dom Cario não chegasse a tratá-lo completamente como um igual, demonstrava afeição e respeito, ouvia seu conselho em tudo.

Enquanto o crepúsculo se adensava, Orain encontrou uma casa de pasto e pediu uma refeição. Romilly achou que deveria protestar:

— Não deveria... posso pagar minha parte... Orain deu de ombros.

— Detesto jantar sozinho. E Dom Cario deixou claro que tem outros peixes para fritar esta noite...

Ela inclinou a cabeça, aceitando graciosamente. Nunca antes estivera numa taverna ou casa de pasto, e notou que não havia mulheres, a não ser a corpulenta e afobada copeira, que largou a louça na frente deles e se afastou apressada. Se Orain soubesse seu verdadeiro sexo, jamais a levaria àquele lugar; se uma dama aparecesse ali, o que seria inconcebível, haveria muita deferência e confusão, não a deixariam ficar à vontade. Não poderia se refestelar como ela fazia, os pés em cima do banco em frente, tomando uma caneca de sidra, enquanto o cheiro bom da comida espalhava-se pela sala.

Não, era melhor permanecer como rapaz. Tinha um trabalho respeitável, três moedas de prata por dez dias; nenhuma cozinheira ou leiteira poderia jamais ter a esperança de obter tal remuneração

por qualquer trabalho que pudesse fazer. Ela lembrou a avó de Rory, contando sua perdida prosperidade e dizendo que o marido, quando não podia partilhar seu leito, era enviado para dormir com a leiteira, sem qualquer preocupação pelo que esta podia pensar ou querer. Era melhor passar a vida inteira de culote e botas do que ter essa função acrescentada aos deveres normais de uma leiteira!

Ela percebeu que estava especulando se Luciella fazia tais exigências às suas mulheres. O pai devia fazer, às vezes... Afinal havia o filho de Nelda. Romilly sentiu-se contrafeita ao pensar no pai agindo assim e lembrou a si mesma que ele era um cristoforo... Mas faria tanta diferença? No mundo em que ela fora criada admitia-se que um homem tivesse bastardos. Romilly jamais pensara muito nas mães desses bastardos. Ela mudou de posição no banco, irrequieta, e Orain comentou, com um sorriso:

— Está com fome? Tem alguma coisa cheirando muito bem na cozinha. — Meia dúzia de homens jogavam dardos numa tábua no fundo da sala, enquanto outros jogavam dados. — Vamos disputar uma partida de dardos, rapaz?

Romilly sacudiu a cabeça, protestou que não conhecia o jogo.

— Nesse caso — insistiu Orain —, está na melhor idade para aprender.

Ela se viu de pé um momento depois, exortada a arremessar os dardos.

— Segure o dardo assim e jogue — instruiu Orain. — Não precisa fazer muita força.

— Não é tão difícil — comentou um dos homens na multidão por trás. — Basta imaginar que o círculo pintado na parede é a cabeça do Rei Carolin e que tem uma chance de ganhar os cinquenta reis de cobre oferecidos pela cabeça dele!

— Em vez disso — sugeriu uma voz amarga, por trás do primeiro orador -, imagine que a cabeça é daquele lobo sedento de sangue do Rakhal... ou de seu maior chacal, Lyondri, o Lorde Hastur!

— Traição! — exclamou outra voz. Mais alguém disse:

— Esse tipo de conversa não é seguro nem mesmo aqui, além do Kadarin... quem sabe quantos espiões Lyondri Hastur pode ter

enviado para a cidade?

— Pois eu digo que Zandru os atormente com febre e furúnculos! -gritou outro homem. — Que importância tem para os homens livres das montanhas quem é o grande patife que está no trono ou o patife ainda maior que tenta desalojar seu rabo? Que Zandru carregue os dois para seus infernos, e lhes desejo a alegria da companhia mútua! Que permaneçam ao sul do rio e deixem os homens honestos continuarem a tratar de sua vida em paz!

— Carolin deve ter feito alguma coisa ou nunca o expulsariam do trono — sugeriu alguém. — Lá por baixo, os Hali'imyn pensam que os Hastur são parentes dos seus nojentos Deuses... Ouvei muitas histórias quando viajei por lá, poderia contar...

Os dardos foram esquecidos; ninguém veio tomar o lugar de Romilly. Ela sussurrou para Orain:

— Vai permitir que falem assim sobre o Rei Carolin? Ele não respondeu. Limitou-se a dizer:

— Nossa carne está na mesa, Rumai. Companheiros, talvez joguemos um pouco depois, mas agora o jantar está esfriando, enquanto ficamos aqui conversando.

Orain gesticulou para que Romilly largasse os dardos e voltassem à mesa. Depois que a comida chegou e enquanto cortava a carne em porções, ele murmurou:

— Estamos aqui para servir a Carolin, rapaz, não para defendê-lo de idiotas numa taverna. E agora trate de comer. — Uma pausa e ele acrescentou, ainda sussurrando: — Parte do motivo para que eu circule pela cidade é descobrir o que as pessoas pensam... saber quanto apoio podemos encontrar para o rei aqui. Se queremos recrutar homens para ele em Nevarsin, é indispensável que haja apoio popular, para que ninguém nos traia... muitas coisas podem ser feitas em segredo, mas não há a menor possibilidade de se levantar um exército assim!

Romilly espetou a carne assada com o garfo e comeu em silêncio. Notou que Orain, ao lhe falar, sem pensar, esqueceram o rude sotaque camponês e se exprimira como um homem instruído. O que não era de surpreender, se ele era mesmo o irmão adotivo do rei, como ela ouvira dizer. Cario também devia ocupar importante

posição naqueles conselhos, e era um dos homens leais... sem dúvida também perdera suas terras e bens quando Carolin fora deposto e fugira para as colinas. O que a lembrava de novo...

Não sei se Carolin tem inimigos na cidade, mas com certeza tem pelo menos um no mosteiro. Não creio que um menino como Caryl pudesse lhe fazer grande mal, ele disse que o rei o tratara com bondade; mas se Cario e Orain esperam se encontrar com o rei dentro dos muros do mosteiro, há pelo menos um par de olhos que o reconheceria. Devem evitar que ele vá até lá. E Romilly se perguntou por que deveria se importar com o que acontecesse ao rei exilado. Como seu pai dissera tantas vezes, que diferença fazia qual o grande patife que sentasse no trono ou o patife ainda pior que tentasse destroná-lo?

Orain e Cario não podem seguir um homem mau. Qualquer que seja o rei que eles apóiem, esse é meu rei também! E a história que ela ouvira do terrível Lorde Hastur, Lyondri, causara-lhe a maior repulsa. E pensou, ironicamente, que se tornara, sem perceber, partidária de Carolin.

— Fique com esse último pedaço de carne, rapaz — disse Orain, sorrindo. — Ainda está crescendo e precisa de muita comida.

Ele pediu mais vinho à mulher. Romilly estendeu a mão para pegar outra taça, mas Orain impediu-a com um tapa.

— Não, nada disso, já bebeu demais... traga uma sidra para o rapaz, mulher, ele é jovem demais para a zurrapa que servem aqui. - Uma pausa e ele acrescentou, jovial: — Não quero ter de carregá-lo para casa e os garotos de sua idade não têm cabeça para esse tipo de coisa.

O rosto ardendo, exasperada, Romilly pegou a enorme caneca de sidra que a mulher pôs na sua frente. Tomando um gole, reconheceu que gostava mais do que do vinho forte que queimava em sua boca e estômago e deixava a cabeça girando. E murmurou:

— Obrigado, Orain. Ele balançou a cabeça.

— Não foi nada. Eu gostaria de ter um amigo para me afastar do vinho quando tinha a sua idade. É tarde demais agora!

Ele sorriu, levantou sua caneca e tomou um longo gole. Romilly ficou sentada, satisfeita e sonolenta, enquanto Orain voltava ao jogo

de dardos; quando convidada a acompanhá-lo, ela sacudiu a cabeça, continuou onde estava, escutando a conversa ao redor.

— Bem jogado! Acertou em cheio no olho do rei que não apóia!

— Ouvi dizer que Carolin está nas Hellers porque os Hali'imyn são moles demais para procurá-lo aqui em cima... poderiam ficar com os rabos congelados!

— Se Carolin está aqui ou não, a verdade é que tem muitos partidários do seu regime... ele é um homem de bem!

— O que quer que Carolin faça, eu o apoiarei em qualquer coisa que dê ao bastardo do Lyondri a ponta da corda que ele merece! Já souberam o que ele fez com o velho Lorde di Asturien? Queimaram a casa do pobre homem e o largaram, e à mulher, na estrada em roupas de dormir. Teriam morrido se não fossem encontrados por um camponês que lhes deu abrigo...

Algum tempo depois Romilly acabou cochilando e teve um sonho em que Carolin e o usurpador Rakhhal apareceram com as caras dos enormes gatos das montanhas, esgueirando-se pela floresta e se atacando, ao som do grito estridente dos falcões, como se ela circulasse pelo céu, observando a batalha. Sobrevoou uma Torre branca e Ruyven acenou-lhe do topo, depois adquiriu asas e começou a voar ao seu lado, dizendo-lhe solenemente que o pai não aprovaria. E acrescentou: "O Portador dos Fardos disse que é proibido ao homem voar, e é por isso que não tenho asas". E dizendo isso, ele caiu como uma pedra; Romilly despertou com um sobressalto para sentir Orain sacudindo-a levemente.

— Vamos, rapaz, já é tarde, estão fechando... precisamos voltar ao mosteiro!

Sua respiração estava impregnada de vinho, a voz era engrolada; Romilly especulou se ele seria capaz de andar. Mesmo assim, ela ajeitou o manto nos ombros e saíram para a escuridão gelada. Era muito tarde; a maioria das casas estava às escuras. Em algum lugar um cachorro latiu insistente, mas não houve qualquer outro som e a claridade na rua era mínima, apenas a pálida luz da azul Kyrrdis, pairando baixa sobre os telhados da cidade. Os passos de Orain eram trôpegos; ele andava com uma das mãos na parede

da casa mais próxima, amparando-se, mas quando as ruas estreitas se abriram numa escada, tropeçou e caiu nas pedras, uivando atordoado com a surpresa. Romilly ajudou-o a levantar-se, sugerindo, alegre:

— É melhor apoiar-se em meu braço.

Orain cuidara para que seu companheiro permanecesse sóbrio, a fim de ter alguém para levá-lo de volta ao mosteiro? Romilly era bastante competente para encontrar um caminho que já percorrera e não demorou muito para que estivessem à sombra do mosteiro.

— Sabe se Carolin está mesmo na cidade, Orain? — ela finalmente perguntou, em voz baixa.

Ele fitou-a com uma desconfiança de bêbado.

— Por que quer saber?

Romilly deu de ombros e abandonou o assunto. Quando ele estivesse sóbrio, voltaria a falar a respeito; mas pelo menos o vinho não lhe abria a boca, não falaria de sua missão ou planos. Ao subirem pela última rua íngreme, que levava ao pátio da casa de hóspedes do mosteiro, ele apertava seu braço com força, às vezes estendia a mão pelos ombros; mas Romilly sempre se esquivava, pois se Orain chegasse muito perto poderia descobrir, como Rory fizera, que havia uma mulher por baixo daquelas roupas.

Gosto de Orain e o respeito. Mas se ele soubesse que sou mulher, seria como os outros...

Enquanto subiam, ele se apoiava cada vez mais pesadamente no braço de Romilly. Houve um momento em que se virou, desabotoou a braguilha e aliviou-se contra a parede de uma casa; não pela primeira vez, Romilly sentiu-se grata por sua criação, que lhe permitia aceitar aquilo sem corar... se fosse uma mulher que não saía de casa, como Luciella ou sua irmã mais moça. ficaria indignada uma dúzia de vezes por dia. Mas também, se fosse assim, provavelmente nunca pensaria em protestar contra o casamento que o pai acertara e certamente não seria capaz de viajar com tantos homens sem se revelar.

Nos portões do mosteiro Orain puxou a corda do sino que anunciava a presença dos dois para o porteiro na casa de hóspedes. Era muito tarde; por um momento Romilly pensou se seriam

admitidos, mas o Irmão Porteiro acabou aparecendo e, resmungando, deixou-os entrar. Franziu o rosto e fungou desaprovador ao cheiro de vinho que os envolvia, mas permitiu que passassem e sacudiu a cabeça quando Orain lhe ofereceu uma moeda de prata.

— Não tenho permissão para aceitar, amigo. Mas agradeço pelo gentil pensamento. Sua porta é por ali. — Ele acrescentou para Romilly: — Pode levá-lo para dentro?

Romilly conduziu-o para o quarto.

— Por aqui, Orain.

Lá dentro, ele olhou ao redor, atordoado, como uma coruja à luz do dia.

— Onde...

— Deite e trate de dormir.

Romilly empurrou-o para a mais próxima das duas camas e levantou as pesadas botas. Orain protestou, incoerente.. . estava mais bêbado do que ela pensara. Segurou-a pelo pulso.

— Gosto de você, Rumai... mas é um cristoforo. Ouvi-o invocar o Portador dos Fardos... droga...

Gentilmente, Romilly desvencilhou a mão, protegeu-o com o manto e saiu sem fazer barulho, especulando onde Dom Cario estaria. Ainda reunido com o Padre Mestre? Ora, não era da sua conta e teria de se levantar cedo para cuidar dos animais. Não queria partilhar os aposentos dos homens que acompanhavam Dom Cario e Orain e por isso preferiu dormir no feno do estábulo — era quente e ninguém a observava, não precisava ser tão cuidadosa contra a accidental revelação de seu corpo. Não percebera, até ficar sozinha outra vez, como era grande a tensão por estar sempre de guarda contra alguma palavra ou gesto momentâneo e inadvertido que poderia traí-la. Tirou as botas, contente pelas meias grossas por baixo, acomodou-se num monte de feno e tentou dormir.

Mas inesperadamente viu que estava desperta. Podia ouvir os movimentos dos pássaros nos poleiros, o barulho suave dos cascos dos cavalos e chervines; à distância, nas profundezas do mosteiro, ouviu um pequeno sino e o arrastar de pés, enquanto os monges seguiam para os Ofícios Noturnos, num momento em que todo

mundo ao redor dormia. Orain teria alguma rejeição aos cristoforos, ao ponto de dizer que gostava dela, mas era uma cristoforo? Ele seria um intolerante em matéria de religião? Romilly nunca pensara muito a respeito, era cristoforo porque sua família também era e porque, ao longo de toda a sua vida, ouvira histórias dos bons ensinamentos do Portador dos Fardos, ensinamentos que haviam sido trazidos, diziam os cristoforos, de um lugar além das estrelas, em tempos anteriores ao que qualquer homem vivo podia lembrar ou se referir. Ouvindo o abafado e distante canto, ela acabou mergulhando num sono irrequieto, afundada no feno. Por algum tempo sonhou que estava voando, elevando-se com asas de falcão ou com as asas de um pássaro-sentinela; não sobre suas montanhas, mas sobre uma região das terras baixas, verdejante e bela, com lagos e amplos campos, uma torre branca erguendo-se por cima de um grande lago. E de repente despertou parcialmente com um sino tocando em algum lugar do mosteiro. Pensou, um pouco pesarosa, que se tivesse jantado no mosteiro teria ouvido o coro cantar... talvez a única mulher que já ouvira.

Mas passariam alguns dias ali, ao que tudo indicava; haveriam outras noites, outros serviços para ouvir. Ainda bem que Darren não estava mais no mosteiro... mesmo de seu lugar no coro ele poderia vê-la e reconhecê-la.

Se o Rei Carolin vier ao mosteiro, o jovem Caryl o reconhecerá — Dom Cario deve avisá-lo...

E depois ela voltou a dormir, com sonhos confusos de reis e crianças, alguém a seu lado que falava com a voz de Orain e a acariciava sonolentemente. Passou para um sono profundo e sem sonhos, despertando à primeira claridade com os gritos dos pássaros-sentinelas.

A vida no mosteiro logo entrou numa rotina. Despertar à primeira luz para cuidar dos animais, desjejum na casa de hóspedes, de vez em quando um serviço a realizar para Dom Cario ou Orain. Dois dias depois ela tinha botas novas, feitas sob medida, e com o pagamento que recebem — pois já completara dez dias de serviço — descobriu uma barraca que vendia agasalhos e comprou meias, a fim de poder trocar e lavar as que usava desde que Orain lhe dera. A

tarde vagueava sozinha pela cidade de Nevarsin, desfrutando uma liberdade que nunca tivera no tempo em que ainda era filha do MacAran; à noite, depois que os pássaros estavam cuidados e exercitados e ela fizera uma refeição frugal na casa de hóspedes, ia para a capela e escutava o coro de homens e de meninos. Havia uma voz de soprano entre os meninos, doce e aflautada; Romilly aguçou os olhos para descobrir o cantor: era o pequeno Caryl, o filho de Lyondri Hastur.

Ele não queria mal ao Rei Carolin. Romilly esperava que Orain tivesse transmitido sua mensagem a Dom Cario e que este, de alguma forma, avisara ao rei, que ainda não chegara à cidade.

Ela tornou a visitar a taverna com Orain no período de dez dias que se seguiu, umas poucas vezes, mas ele não bebeu nessas ocasiões mais que uma ou duas canecas do vinho local, e não deu o menor indício de ficar embriagado. Não viu mais Dom Cario e calculou que ele estava ocupado com os assuntos do Rei Carolin que o haviam levado à cidade. Era bem possível até que tivesse deixado Nevarsin para se encontrar com Carolin, a fim de adverti-lo para não vir à cidade, pois havia alguém ali que o reconheceria. Romilly não pensava que o menino pudesse trair Carolin — ele dissera que o rei sempre o tratara gentilmente -, mas sua lealdade era com o pai, como não podia deixar de ser. Não interrogou Orain a respeito. Não era da sua conta e preferia deixar como estava.

Timidamente, ela começou a pensar: se o pai resolvesse casá-la com alguém como Orain, teria recusado? Achava que não! Mas havia conflito nisso também.

Pois nesse caso eu ficaria em casa, casada, jamais conheceria esta liberdade maravilhosa da cidade e taverna, bosques e campos, nunca trabalharia livre e teria dinheiro no bolso, nunca saberia realmente o que é a liberdade, nunca treinaria um pássaro-sentinela.

Gostava cada vez mais dos enormes e feios pássaros; agora vinham buscar a comida em sua mão tão prontamente quanto qualquer falcão-pardal ou passarinho engaiolado de criança. Ou seu braço se tornara mais forte ou estava mais acostumada, pois agora era capaz de sustentá-los por tempo considerável, e não se importava com o peso. A docilidade e a doçura que sentia quando

entrava em contato com eles levava-a a pensar com pesar em Preciosa; voltaria a ver seu falcão algum dia?

Raramente via os outros homens; dormia separada e só os encontrava pela manhã e à noite, quando todos se reuniam para as refeições na casa de hóspedes do mosteiro. Estava contente por ser assim, pois ainda tinha um pouco de medo de Alaric, e os outros também lhe pareciam estranhos, diferentes. Parecia-lhe às vezes que a única pessoa com quem falava naqueles dias, além do homem que entregava a comida para os pássaros e a forragem para os cavalos e chervines, era o pequeno Caryl, que sempre aparecia quando podia escapar por alguns minutos das aulas, a fim de olhar os pássaros, segurá-los, falar com eles afetuosamente. Sempre se sentia um pouco perturbada com Caryl, aflita com a possibilidade do menino esquecer e chamá-la impensadamente outra vez de vai domna — era um grande peso em segredo para um menino suportar. Houve uma ocasião em que Orain foi à capela para ouvir o canto; sentou lá no fundo, envolto por sombras. Romilly teve certeza de que o menino, no coro iluminado, não podia ver o rosto de um homem solitário na parte mais escura da capela, mas lembrou que Caryl conhecia o rei e certamente reconheceria um dos homens de Carolin; ficou tão agitada que se levantou sem fazer barulho e saiu, com medo de que a criança telepata sentisse seu nervosismo e percebesse a causa. A noite do Solstício do Inverno se aproximava; estandes de pão de condimentos e brinquedos pintados em cores alegres começaram a aparecer no mercado, vendedores de doces enchiam suas bandejas com estrelas recortadas de pão de condimentos ou pasta de noz. Romilly, com saudade de casa ao sentir o aroma do pão de condimentos — Luciella sempre o preparava pessoalmente, dizendo que as criadas não deveriam ter trabalho extra naquela estação —, quase lamentou ter deixado o Ninho dos Falcões; mas depois lembrou que de qualquer maneira não passaria aquele feriado em casa, mas sim em Scathfell, como a esposa de Dom Garris... e naquela altura, sem dúvida, já estaria como a pequena Darissa, inchada e feia com seu primeiro filho! Não, estava muito melhor aqui; mas gostaria de poder enviar um

presente para Rael ou que ele pudesse ver aquelas coisas bonitas ao seu lado.

Na manhã anterior ao Festival ela despertou com a neve soprando pelas frestas do lugar em que dormia, embora permanecesse aquecida na pilha de feno. Uma tempestade de inverno soprava, uivando, da Muralha ao Redor do Mundo, e o pátio do mosteiro estava coberto de neve recente, até a altura dos joelhos. Ela pôs os dois pares de meias quando se vestiu e a túnica extra, mas mesmo assim estremeceu ao sair para o pátio, a fim de se lavar na fonte; mas os pequenos noviços e estudantes corriam descalços na neve e ela imaginou como conseguiam fazer isso, rindo, falando muito, jogando bolas de neve uns nos outros. Eles pareciam rosados e aquecidos, enquanto que suas próprias mãos estavam roxas de frio!

Romilly foi cuidar dos animais de montaria e estacou, consternada, ao entrar: o cavalo de Dom Cario não estava no estábulo! Teria sido roubado? Ou Dom Cario saíra no meio daquela terrível tempestade? Ainda nevava, uns poucos flocos caindo de vez em quando do céu supercarregado. Enquanto ela deslocava o feno fragrante para os animais, Orain apareceu. Romilly virou-se para ele, aflita.

— O cavalo de Dom Cario...

— Cale-se, rapaz! Nem mesmo na presença dos homens. A vida dele pode estar em suas mãos; não diga uma só palavra.

Romilly balançou a cabeça, concordando, e ele acrescentou:

— Bom rapaz. Depois do meio-dia, desça à cidade comigo; talvez, quem sabe, eu tenha um presente de Solstício do Inverno para você, já que está longe de casa e da família...

Parecia que Orain andara lendo seus pensamentos e ela virou-se, tensa.

— Não espero presentes, senhor.

Ele sabia, teria adivinhado? Mas Orain limitou-se a sorrir e acrescentou, antes de sair:

— Ao meio-dia, não se esqueça.

Ao meio-dia Romilly tentava, na neve profunda, fazer voar um pouco os pássaros-sentinelas — eles quase não faziam exercício com

aquele tempo -, antes de alimentá-los. Os pássaros gritavam rebelados quando ela os puxava nas linhas de isca e procurava encorajá-los a voar — eram temperamentais e não gostavam da neve que ainda caía. A neve no pátio pavimentado era tão profunda que passava por cima das botas e escorria por dentro, seus pés estavam frios, os dedos duros. Sentia-se enregelada e irritada, nem mesmo o jovial rosto do pequeno Caryl era capaz de animá-la. E pensou: Com este tempo, talvez fosse melhor ser uma dama, ao lado do fogo, sem nada para fazer, além de uns pontos de bordado e do pão de condimentos! Caryl usava apenas uma túnica leve, os braços nus e os pés descalços na neve. Romilly perguntou, em tom exasperado:

— Não está congelando? Ele sacudiu a cabeça, rindo.

— É a primeira coisa que os monges nos ensinam. Como nos aquecermos do interior, pela respiração; alguns dos monges mais velhos podem tomar banho com a água do poço e depois enxugar as roupas pelo calor do corpo, mas isso parece um pouco mais do que eu gostaria de tentar. Sofri com o frio durante os dez primeiros dias, antes de aprender, mas desde então isso não mais aconteceu. Pobre Rumai... parece sentir tanto frio que eu gostaria de poder lhe ensinar também!

Ele estendeu o braço para pegar Prudência, dizendo muito sério:

— Venha, Prudência, você tem de voar. Sei que não gosta da neve, mas não é bom para você ficar sentada o tempo todo em seu poleiro. Precisa manter as asas fortes.

Prudência alçou vôo e circulou na extremidade da linha. Caryl lançou a isca e observou-a descer.

— Veja como ela gosta de brincar, mesmo na neve! Olhe só para ela!

— Você está feliz — comentou Romilly, amarga. — Gosta tanto assim da tempestade?

— Não. Preferia sair, mas com este tempo tenho de permanecer no mosteiro. Além disso, meu mestre de armas não pode vir e por isso sentirei falta da aula de espada. Mas estou feliz porque amanhã é feriado e meu pai virá me visitar. Sinto saudades

dele e dos meus irmãos, e tenho certeza que meu pai me trará um bom presente... Estou com doze anos e ele me prometeu uma boa espada, talvez seja seu presente do Solstício do Inverno. E ele sempre me leva à cidade, para que eu possa comprar pão de condimentos e doces, e minha mãe sempre me manda um manto novo. Tenho me esforçado muito em todas as aulas, porque quero que ele fique satisfeito comigo.

Lyondri Hastur no mosteiro? O primeiro pensamento de Romilly foi para Orain e Dom Cario; o segundo, para o rei deles. Ela tratou de controlar os pensamentos e perguntou:

— Seu pai já está no mosteiro?

— Ainda não, mas virá para o feriado, a menos que a tempestade o impeça de viajar. Só que o pai nunca teve medo de tempestades. Tem um pouco do antigo Dom Delleray, pode alterar o tempo. Vai ver só, o pai fará com que pare de nevar antes do anoitecer!

— Eis um laran de que nunca ouvi falar — comentou Romilly, mantendo a voz firme. — Você também o tem?

— Acho que não... pelo menos nunca tentei usá-lo. Deixe-me pegar Temperança, enquanto você exercita na Diligência, está bem?

Ela entregou a Linha de isca para o menino, tentando esconder sua agitação. Alaric também devia ser avisado... ou tentaria se vingar do inimigo que considerava o assassino de sua esposa e de seu filho? Romilly mal conseguiu conversar com o menino. E no meio da alimentação dos pássaros viu a porta do estábulo abrir e Orain sair para o pátio. Tentou gesticular para que ele se retirasse, mas Orain aproximou-se, dizendo:

— Ainda não acabou com os pássaros, meu rapaz? Trate de se apressar, pois quero sua companhia para uma missão na cidade.

Caryl virou-se nesse momento e viu-o, seus olhos se arregalaram um pouco.

— Milorde — disse ele, com uma pequena mesura cortês —, o que está fazendo aqui?

Orain estremeceu e demorou um pouco para responder.

— Vim para cá em busca de santuário, rapaz, já que não sou mais bem-vindo na corte em que seu pai governa para o rei. Vai dar

o alarme?

— Claro que não — respondeu o menino, com toda dignidade.

— Sob o teto de São Valentim, até mesmo um condenado deve permanecer são e salvo, senhor. Todos os homens que procuram abrigo aqui são irmãos... foi o que os cristoforos me disseram. Mestre Rumai, se deseja sair com seu amo, pode deixar que porei os pássaros nos poleiros.

— Obrigado, mas posso cuidar disso.

Romilly pegou Temperança em seu pulso; Caryl seguiu-a com o outro pássaro em suas duas mãos. E disse, num sussurro:

— Sabia que ele era um dos homens de Carolin? Não estão seguros aqui.

Romilly fingiu estar irritada.

— Não faço perguntas sobre meus superiores. E você deve correr agora para o coro, Caryl.

Ele mordeu o lábio, corando, saiu correndo pela neve, descalço. Romilly respirou fundo; já ia se virar e falar com Orain quando a mão dele apertou seu ombro com toda força.

— Não aqui, Rumai. Fora destes muros. Não tenho certeza agora se os muros não têm ouvidos... e esses ouvidos são de um certo lorde.

Em silêncio, Romilly terminou seu trabalho com os pássaros-sentinelas e depois seguiu Orain pelos portões do mosteiro. A rua estava branca e silenciosa, todos os ruídos abafados pela neve espessa. Orain finalmente disse:

— O filhote Hastur?

Ela acenou com a cabeça. E disse, depois de um momento, a voz tão baixa que Orain teve de se inclinar para escutar:

— E isso não é o pior. O pai... Lyondri Hastur... está vindo para cá, visitará o filho no feriado.

Orain cerrou o punho na outra mão.

— Maldição! E Zandru sabe que ele não é homem de respeitar as leis de santuário! Se deparar com... — Orain ficou em silêncio por um instante. — Por que Dom Cario tinha de se ausentar logo nesta ocasião? Os cães do infortúnio nos perseguem! Tentarei transmitir uma mensagem para ele...

Silêncio; até mesmo os passos eram silenciosos na rua coberta de neve. Orain acabou acrescentando:

— Vamos descer até a cidade. Com notícias assim, preciso de um trago e eles têm sidra temperada na taverna por causa do feriado, o que permitirá a você beber também.

Romilly disse, muito compenetrada:

— Alaric e os outros não devem ser avisados para tomarem cuidado, caso Lorde Hastur apareça?

— Falarei com eles. Mas, por ora, chega de conversa!

Na taverna em que Orain ensinara a ela a jogar dardos, poucos dias antes, ele pediu vinho e sidra quente para Romilly; tinha um cheiro adocicado com os condimentos e ela bebeu satisfeita, aceitou a oferta de uma segunda caneca.

— Tenho um presente para você, Rumai... esse manto imundo que usa não é digno sequer do filho de um cavaleiro. Encontrei isto num estande... é velho e usado, mas acho que cabe em você. — Ele chamou a copeira. — Traga-me o embrulho que deixei ontem aqui.

Ele empurrou o pacote por cima da mesa para Romilly.

— Uma boa noite do Solstício do Inverno para você e que Avarra o guarde, filho.

Romilly desfez os nós e tirou um manto verde, de lã de coelho de chifres, bordado e guarnecido com fechos de couro de boa qualidade. Devia ser muito velho, pois tinha as mangas cortadas num estilo que ela só vira em retratos de seu bisavô no Grande Salão do Ninho dos Falcões; mas era bem-feito e confortável. Ela jogou para o lado o manto que pegara ao fugir da casa de Rory na floresta e pôs o novo, murmurando, um momento após, embaraçada:

— Não tenho nenhum presente para você, Mestre Orain. Ele passou o braço por seus ombros.

— Não quero nada de você, filho; mas dê-me o abraço e o beijo que concederia a seu pai se ele estivesse aqui hoje.

Corando, Romilly abraçou-o e encostou os lábios em sua face, cautelosamente.

— É muito bom para mim, senhor. Obrigado.

— Não foi nada... agora você está vestido como convém a seus cabelos vermelhos e a seu porte de filho de nobre.

Havia tanta ironia nas palavras que Romilly ficou aturdida; ele sabia que ela era mulher? Tivera certeza, em determinado momento, que Dom Cario sabia.

— E pode aproveitar aquela coisa velha como uma manta de cavalo — acrescentou Orain.

Ele gesticulou para que o menino do taverneiro arrumasse o manto antigo. Romilly preferia jogá-lo fora, onde nunca mais precisasse tocá-lo, mas com aquele tempo os cavalos não podiam ficar sem mantas, e a que ela trouxera destinava-se a climas mais quentes. Seu cavalo ficaria grato pelo calor extra, com aquela tempestade de inverno.

Havia poucos fregueses na taverna naquela noite; a tempestade se aproximando e o feriado do dia seguinte contribuía para manter a maioria dos homens em casa, calculou Romilly, ao lado de suas próprias lareiras. Orain perguntou, quando ela acabou a refeição:

— Vamos disputar uma partida de dardos?

— Não sou bastante bom para que valha à pena para você. Orain soltou uma risada.

— E quem se importa com isso? Vamos logo.

Eles ficaram de pé, alternando o arremesso dos dardos com goles das canecas, enquanto a noite passava. Subitamente, Orain ficou imóvel, em silêncio.

— É sua vez — disse Romilly.

— Jogue você... voltarei num instante.

A voz estava engrolada e Romilly pensou: Ele não pode ter ficado embriagado tão depressa. Enquanto andava, porém, Orain cambaleava e um dos poucos fregueses na taverna gritou, jovialmente:

— Bêbado já tão cedo? Não vai conseguir segurar sua caneca no feriado!

Ela especulou: Ele está doente? Devo ir ajudá-lo? Uma das coisas que Romilly evitara com todo cuidado, durante suas semanas na cidade, fora entrar na latrina comunitária por trás das tavernas —

era o lugar em que poderia ser descoberta. Mas Orain sempre a tratara muito bem, se ele estava em dificuldades não podia deixar de ajudá-lo...

Uma vizinha em sua mente disse: Não. Fique onde está. Aja como se tudo estivesse normal. Como Romilly ainda não estava acostumada ao seu laran — e era raro entrar em contato com os sentimentos de qualquer ser humano, embora agora encarasse a intimidade com os pássaros como coisa corriqueira -, não teve certeza se era mesmo uma mensagem que a alcançava ou seus próprios sentimentos projetados, mas obedeceu. E gritou, atraindo as atenções para si:

— Quem gostaria de jogar comigo, já que meu amigo sucumbiu ao vinho?

E quando dois habitantes da cidade se adiantaram, ela desafiou-os e jogou tão mal que perdeu num instante e teve de pagar uma rodada de bebida. Tinha a impressão de que podia divisar um movimento nas sombras à beira da sala... Orain não teria saído, afinal de contas, mas apenas se afastado? Com quem ele falava? Ela continuou no jogo e fez um grande esforço para não se virar e examinar melhor o outro vulto, alto e gracioso, um capuz cobrindo a cabeça e o rosto, perto de Orain. Mas como se tivesse olhos na nuca, parecia que podia ver tudo, ouvir sussurros... um calafrio percorreu sua espinha e a cada instante tinha a sensação de que ouvia um clamor, vozes, gritos. Abençoado Portador dos Fardos, que dia é esse, diga-me, como fui me envolver nessa intriga, como se fosse importante para mim quem é o rei que está no trono dos Hali'ymin? Que se danem os dois, o rei banido e o rei usurpador. Por que um bom homem como Orain se arriscaria a um laço para o pescoço por causa de um rei ou outro que ocupa o trono dos Hastur?

Se algum mal acontecer a meu amigo, eu vou... e ela parou por aí. O que podia fazer? Ao contrário dos irmãos, não tinha conhecimento de armas, estava indefesa. Se conseguir escapar às intrigas desta noite, ela pensou, pedirei a Orain que me ensine alguma coisa das artes do combate. .. mas riu e gritou:

— Muito bem jogado, bem no olho do gato!

E arremessou seu dardo, quase de qualquer maneira, surpresa quando acertou perto do alvo.

— Beba, rapaz — disse o homem que perdera, pondo uma caneca de vinho na sua frente.

Romilly bebeu, temerosa. Sentia a cabeça girando e parou no meio da caneca, mas todos a observavam e, contra seu melhor julgamento, acabou tomando o resto.

— Vamos jogar outra partida? — sugeriu um dos homens. — É a minha vez de vencer.

Ela deu de ombros e entregou o dardo. Sentia na nuca o arrepio frio e vulnerável que indicava que estava sendo observada de algum lugar, sorratamente. Mas o que está acontecendo aqui? Que se danem essas intrigas! E depois Orain estava outra vez ao seu lado, batendo em seu ombro.

— Agora pegou o jeito, mas ainda não é capaz de ensinar a um cachorro velho como roer o osso... Passe-me os dardos, rapaz.

Ele pegou os dardos emplumados, pediu outra rodada de vinho; Romilly percebeu o brilho excitado em seus olhos. Quando a dupla seguinte pegou os dardos, Orain murmurou em seu ouvido:

— Precisamos sair daqui na próxima rodada; tenho uma mensagem...

Ela movimentou a cabeça indicando que compreendera. E no momento seguinte Orain gritou:

— Mas o que está fazendo, homem, pelos nove infernos? Seus pés enormes estão além da linha... Não vou jogar dardos com um desgraçado que trapaceia desse jeito, nem mesmo no Solstício do Inverno... Presentes eu dou, mas não permito que ninguém me roube um trago ou uma moeda de prata!

Ele deu um empurrão furioso no homem que arremessava os dardos, fazendo o bêbado cambalear. O homem virou-se.

— Escute aqui, seu miserável das terras baixas, quem você pensa que é para me chamar de trapaceiro? Vou fazê-lo engolir essas palavras com seu próximo trago ou as enfiarei pela goela abaixo...

Ele acertou o queixo de Orain, cuja cabeça foi arremessada para trás, com um estalido; cambaleou contra a parede e tornou a

avançar, furioso. Romilly arremessou seu dardo e acertou na mão do homem, no momento em que ele se preparava para golpear Orain de novo. O atacante virou-se, uivando, arremeteu contra ela, as mãos estendidas, como se pretendesse estrangulá-la. Ela recuou, tropeçou num barril e estatelou-se na serragem. A mão de Orain agarrou-a, puxou-a para cima.

— Ei, parem com isso! — berrou o taverneiro, separando os lutadores com mãos rudes. — Nada de brigas, amigos! Aqui só se pode beber!

O desgraçado me jogou um dardo! — rosnou o homem, levantando a manga para revelar uma marca vermelha.

— Você é um bebê para gritar por causa de uma picada de abelha? — indagou Orain.

O taverneiro tornou a separá-los.

— Sentem, vocês dois! A penalidade por brigar é um trago para a casa, de cada um!

Com uma relutância ostensiva, Orain pegou a bolsa, tirou uma peça de cobre.

— Podem beber e que se danem todos vocês, estarei torcendo para que se engasguem! Vamos procurar um lugar mais sossegado para continuarmos a beber!

Ele pegou Romilly pelo cotovelo e levou-a para a porta, cambaleando como um bêbado. Lá fora, empertigou-se e perguntou, em voz baixa:

— Você está machucado?

— Não, mas...

— Então está tudo bem. Vamos embora depressa!

Orain começou a subir a ladeira, num ritmo que Romilly mal conseguia acompanhar. Sabia que bebera demais e pensou, enquanto cambaleava meio tonta em seu encalço, se ia vomitar. Depois de um momento, ele virou-se e disse, gentilmente:

— Desculpe... venha aqui, rapaz, apoie-se em meu braço. Não deveria ter bebido aquela última caneca.

— Não pude pensar em qualquer outra coisa para fazer — confessou Romilly.

— E salvou meu pescoço com isso — sussurrou Orain. — Talvez você possa descansar um pouco no mosteiro, antes... Veja! — Ele gesticulou para o céu clareando. — A neve parou de cair. Devemos comparecer ao serviço da véspera do Solstício do Inverno. Qualquer hóspede do mosteiro que não estiver de cama com a perna quebrada tem de estar presente para a porcaria da cantoria de hinos! E com o tempo melhorando aquele rato do Lyondri... — Orain cerrou os punhos. — Ele pode estar presente, grande como a vida, duas vezes mais nojento, sentado presunçosamente no coro e cantando hinos como um homem superior!

Romilly indagou, perturbada:

— Ele poderia reconhecê-lo, Tio?

— Poderia... e a outros também — respondeu ele, sombriamente.

Ela especulou: Será possível que o próprio Carolin esteja em algum lugar do mosteiro? Ou ele se referia a Alaric, cuja família fora condenada à morte pelo Lorde Hastur? Ou a Cario, que certamente era um exilado e que contava com a confiança de Carolin? A mão de Orain estava sob seu braço.

— Apoie-se em mim, rapaz... eu poderia fingir que estou doente e me esconder na casa de hóspedes, mas eles me levariam para a enfermaria e num instante descobririam que não há nada de errado comigo, a não ser vinho além da conta.

Romilly contemplou a neve assentada, encolhendo-se ao vento intenso que surgira depois que a nevasca passara.

— Existe mesmo um laran que pode fazer bruxaria com o tempo?

— É o que eu também ouvi dizer — murmurou Orain, assumindo

outra vez uma expressão sombria. — E gostaria que você tivesse um vestígio desse laran, filho!

Capítulo Quatro

O serviço noturno do Solstício do Inverno em São Valentim das Neves era famoso pelas Hellers; pessoas vinham de todas as partes para ouvir o canto em Nevarsin. Romilly já ouvira parte da música antes, mas nunca tão bem cantada; teria apreciado ainda mais o serviço se não estivesse tão perturbada pela preocupação óbvia de Orain. Ele insistiu que sentassem no fundo; e quando ela perguntou onde Dom Cario se encontrava e por que não comparecera ao serviço, Orain fechou a cara e recusou-se a responder. Ele também advertira Alaric a não entrar na capela. Mas quase ao final do serviço, quando houve um hiato momentâneo, ele sussurrou para Romilly:

— Ainda não há sinal de Lyondri Hastur. Talvez tenhamos sorte.
— O rosto se contraindo, Orain acrescentou: — Teríamos mais sorte ainda se ele caísse de algum penhasco e jamais chegasse a Nevarsin!

E como Caryl dissera, alguma magia com o tempo fora realizada. Nunca imaginei que o tempo pudesse melhorar tão depressa.

Ela viu Caryl, exuberante, na primeira fila do coro, a boca se abrindo como um pássaro enquanto cantava; parecia a Romilly que sua voz se elevava acima de todo o coro. Talvez não houvesse problemas se Dom Cario estivesse presente, exceto pelo temor de Orain. O homem alto e magro dava a impressão de que não conseguia ficar imóvel por muito mais tempo, e assim que o serviço terminou ele se levantou e se encaminhou para a porta da capela. Foi para o estábulo com ela e ocupou as mãos na inspeção dos pássaros-sentinelas. Romilly ficou contrariada... Orain pensava que ela não era capaz de cuidar direito dos pássaros? Mais tarde soube o que ele procurava, o motivo pelo qual providenciara para que tudo ficasse perto, a fim de poderem recolher tudo depressa e partir de um momento para outro. Naquele instante, porém, sentiu-se apenas exasperada e imaginou se Orain ainda estava bêbado ou pensava que ela é que estava embriagada demais para cuidar corretamente

dos pássaros. Ele também verificou os chervines e cavalos, levantando cada casco, ajeitando mantas e selas, até que Romilly pensou que ia gritar de nervosismo por tanta agitação. Ou ele permanecia ali para descobrir se Lyondri Hastur já chegara ao mosteiro? Mas Orain finalmente suspirou e virou-se.

— Um bom Festival para você, rapaz. — Ele deu um abraço rude em Romilly. — Se estiver muito frio aqui no estábulo, pode dormir na cama de Dom Cario. Ninguém perceberá a diferença...

— Acho que é melhor eu ficar perto dos pássaros — murmurou Romilly, evitando seu olhar.

Não que não confiasse em Orain, exatamente; vivera no acampamento entre os homens e se seu verdadeiro sexo ainda não fora descoberto era improvável que isso acontecesse agora, mesmo que partilhassem um quarto. Mas se ele descobrisse... Romilly ficou trêmula e abalada ao pensar nessa possibilidade. Orain não era um cristoforo e não se sentiria reprimido pelo Credo da Castidade. Durante toda sua vida ouvira muitas histórias sobre a depravação dos homens das terras baixas. Mas, de alguma forma, não podia imaginar que ele tentasse se impor a ela. Ainda assim, ficava contrafeita ao contato de Orain e desvencilhava-se tão depressa quanto pôde, recordando o sonho que tivera...no sonho em que ele a abraçara e acariciara, como se ela fosse a mulher que não sabia que era...

Romilly afundou no feno, ainda um pouco tonta do vinho que tomara, e não demorou a dormir. Sonhou, como já sonhara antes, que voava com asas de falcão ou pássaro-sentinela, que alguém voava a seu lado, que lhe falava com a voz de Orain, que a acariciava... afundou no sonho, jamais pensando em resistir...

Despertou abruptamente na semi-escuridão, ouvindo o clamor de sinos... seria alguma advertência dos monges cristoforo para o Festival? Ela sentou para deparar com Orain, branco como a morte, parado na porta do pequeno cômodo.

— Rumai! Dom Cario está com você? Este não é o momento para o recato...

— Dom Cario? Há dias que não o vejo! O que está querendo dizer, Orain?

— Houve uma ocasião... não, vejo que nem mesmo entende o que estou querendo dizer. Maldição! — Ele cambaleou, encostou-se na parede. — Eu esperava contra toda a esperança... não é possível que ele tenha sido capturado! Que Aldones permita que ele tenha sido avisado a tempo e conseguido escapar... escute!

Orain gesticulou e Romilly tornou a ouvir o repicar dos sinos de alarme.

— Fomos traídos, alguém o reconheceu, ou a mim... eu sabia que ele não deveria se arriscar a descer até lá hoje! — Orain bateu com o punho na parede. — Levante-se depressa, rapaz, e procure na casa de hóspedes! Eles sabem que onde eu estou, Carolin... ou seus homens... não podem estar muito longe! O Padre Mestre pode não violar o santuário, mas não confio em Lorde Hastur para respeitá-lo, ainda mais se o Senhor da Luz surgiu diante do seu nariz e deu uma ordem...

Orain estava completamente sóbrio agora; parecia doente e angustiado, o rosto encovado, mas os olhos brilhavam de raiva.

— Aquele menino de Lyondri... acha que ele falou com os colegas? O filho de Lyondri... tal cão, tal filhote! Eu seria capaz de passar o menino por minha adaga e acharia o mundo um lugar mais seguro se o filhote não crescesse para se tornar como seu abominável pai!

Romilly encolheu-se e Orain amarrou a cara.

— Não, creio que eu não faria mal a um menino, mesmo sendo o filho de Lyondri... Ponha as botas, rapaz! Precisamos sair daqui às pressas, sair da cidade... Se formos apanhados, nossas vidas não valerão nada! Vá e chame... não, pode deixar que avisarei Alaric e os outros! Apronte os cavalos!

Subitamente Romilly teve a impressão de que o rosto de Dom Cario flutuava no ar à sua frente... Mas ele não estava ali! Ainda assim, parecia que podia ouvi-lo dizer: Pegue os pássaros, atravesse o mosteiro até o portão mais alto, até a passagem secreta por cima das celas ocultas na geleira.

— Depressa, rapaz! — gritou Orain. — O que está olhando desse jeito?

A voz trêmula, Romilly repetiu as palavras de Dom Cario.

— Ele estava aqui, pude ouvi-lo; sua própria voz...

— Sonhos!

Orain sacudiu a cabeça impaciente e Romilly teve a sensação de que a voz de Cario soava em sua mente: Diga a ele para se lembrar de um certo cinto de couro vermelho pelo qual brigamos e ensangüentamos o nariz um do outro. Ela pegou a manga de Orain no momento em que ele se virava para sair.

— Juro, Orain, que ouvi Dom Cario... Alguma coisa sobre um cinto de couro vermelho pelo qual vocês ensangüentaram o nariz um do outro.

Orain piscou, aturdido. Fez um gesto rápido, supersticioso, antes de dizer:

— Você tem laran, não? Foi o que pensei. Esse cinto era uma brincadeira entre nós por alguns anos. Vou chamar os homens. Apronte tudo o mais depressa possível.

Romilly descobriu que suas mãos estavam firmes ao selar os animais, vestir o manto que ganhara de presente de Orain — grata pelo forro de pele — e encher dois alforjes com grãos e forragem para os animais de montaria e outro com o alimento fétido para os pássaros-sentinelas. Encapuzou-os — seria impossível mexer com eles daquele jeito no meio da noite sem despertar todo o mosteiro, mas encapuzados, pelo menos ficariam quietos — e prendeu um poleiro em sua sela e outro na de Orain, ajeitou o terceiro pássaro no chervine de Alaric. E pouco depois levantou os olhos para deparar com Alaric trabalhando a seu lado.

— Algum miserável nos traiu! — ele disse, a voz trêmula, escutando o clamor distante dos sinos... que agora se aproximava mais e mais. -Estão revistando a cidade, casa por casa, quando chegarem ao mosteiro vão verificar em cada buraco, as celas dos monges, até mesmo a capela! Qual é a situação, rapaz? Você está a par das decisões de Orain... vamos sair em disparada pelos portões?

— Não estou a par das decisões de ninguém — respondeu Romilly.

— Mas ouvi falar de um portão secreto, na parte mais alta...

— E enquanto perdemos tempo à procura de caminhos secretos, os homens de Lyondri nos descobrem e eu danço na ponta

de uma corda? — indagou Alaric.

— Não acredito que Dom Cario nos abandone assim — protestou Romilly, com firmeza. — Confie nele.

— Acontece que o vai dom é um Hastur e, no final das contas, o sangue é mais grosso do que o vinho, como costumam dizer...

— Alaric! — Romilly fitou-o, tão chocada que mal podia falar. Demorou um pouco para recuperar o controle e dizer: — Não pode acreditar que Cario ficaria do lado de Lorde Hastur contra... ora, contra nós e Orain...

— Não contra Orain — concordou ele. — Mas como posso ter certeza? Provavelmente você também é um deles...

Alaric deixou a insinuação no ar, indeciso.

— Termine de aprontar os animais e não diga mais bobagem! — ordenou Romilly bruscamente. — Quer me ajudar com este saco de grãos? Não consigo levantá-lo sozinho...

Ele ajudou-a a pôr o pesado saco no lombo do chervine e depois deixou o estábulo com o animal. Uma mão agarrou o pulso de Romilly, apertando com força. Ela já ia gritar, mas reconheceu, sem saber como, a pressão de Orain, mesmo no escuro.

— Por aqui — ele sussurrou.

Conhecendo sua voz, mesmo no sussurro abafado, Romilly relaxou e deixou que ele a conduzisse pela passagem escura. Ouviu os outros, tentando se esgueirar sem barulho, apenas pequenos rangidos e murmúrios. Alguém bateu com a ponta do pé na parede rochosa e praguejou baixinho. E no instante seguinte ela ouviu uma voz infantil:

— Milorde Orain...

— Ah, é você, filhote do demônio... Caryl gritou, um guincho abafado.

— Não estou querendo lhe fazer mal... — ele balbuciou, ofegante. Romilly não podia ver no escuro, mas sentiu, pela aflição na voz do menino, que Orain o agarrara brutalmente.

— Eu só queria... guiá-lo pela passagem secreta... Não quero que meu pai descubra... descubra o vai dom... ele ficará zangado, mas...

— Largue-o, Orain — murmurou Romilly. — Ele está dizendo a verdade.

— Está certo... confiarei em seu laran, rapaz.

Ela ouviu um pequeno suspiro de alívio quando Orain soltou o menino. E depois de um momento, ele acrescentou:

— Conhece uma passagem secreta? Pois então nos leve. Mas se estiver mentindo... Criança ou não, vai conhecer minha adaga.

Continuaram pela passagem estreita, aglomerados, esbarrando-se, os pássaros-sentinelas soltando guinchos inquietos na escuridão. Alguém praguejou baixinho e Romilly viu o brilho de pederneira contra aço, mas Orain ordenou rispidamente:

— Apague isso!

A luz desapareceu, com alguém resmungando e praguejando.

— Silêncio! — disse Alaric.

Não houve mais qualquer som, além dos ruídos apreensivos dos animais na estreita passagem de pedra. Houve um trecho que tiveram de atravessar um a um e um dos chervines carregados ficou entalado. Alaric e outro homem tiveram de descarregar o animal, às pressas, praguejando em sussurros, enquanto levantavam e empurravam. Mais adiante chegaram a um trecho em que o ar era sufocante, como se saísse do centro sulfuroso da Terra. Nem mesmo Romilly foi capaz de reprimir a tosse. Caryl murmurou:

— Sinto muito... este trecho é pequeno, mas precisam tomar cuidado com os passos aqui, há muitos buracos e fendas, alguém pode quebrar a perna.

Romilly Tateava pelo caminho no escuro, arrastando os pés lentamente, devido à possibilidade de pisar em alguma fenda invisível. Finalmente todos passaram e houve uma lufada de ar gelado da geleira e um pouco de vento; estavam a céu aberto, sob a luz das estrelas. A face pálida de uma única lua, a pequena Mormallor, cor de pérola, pairava um pouco acima do pico, a claridade mal conseguindo iluminar um pouco a escuridão; e por baixo havia o gelo pálido e escorregadio.

— Ninguém usa esse caminho — sussurrou Caryl —, exceto alguns irmãos, que praticam seu controle sobre as provações vivendo aqui, nus; e mesmo que descobrissem a presença de vocês

aqui, não saberiam quem são nem se importariam com isso. Pensam apenas nas coisas dos reinos celestiais, nunca em reis e guerras. Mas devem tomar muito cuidado... há perigos...

— Que perigos? — indagou Alaric, agarrando-o pela garganta. Caryl gemeu baixinho, mas não gritou.

— Não perigos do homem — explicou ele. — Os pássaros-espíritos vivem aqui. Nossos irmãos têm um pacto com eles. Dizem que foi um acordo feito por São Valentim das Neves, quando pregou para eles e chamou-os de pequenos irmãos de Deus...

— Levou-nos para um ninho de pássaros-espíritos, filhote do demônio? — perguntou Alaric.

Orain interveio:

— Largue-o, homem! Toque outra vez nesse menino e lhe darei uma lição que nunca mais esquecerá! A presença dos pássaros-espíritos não é culpa dele, achou que devia nos avisar, o que é mais do que o Padre Mestre julgou que devia fazer!

— Não ponha mais as mãos no menino, Alaric! — ordenou uma nova voz. — Está louco?

Dom Cario surgiu entre eles. Romilly não viu de onde ele saía; apenas apareceu de repente. Mais tarde ela concluiu que Dom Cario devia ter vindo por outra passagem ou túnel secreto, mas no momento foi como se aparecesse num passe de mágica. Caryl soltou um pequeno grito de surpresa. Os olhos de Romilly estavam se ajustando à escuridão agora e ela pôde ver o rosto do menino. Ele estendeu os braços para Dom Cario para um abraço de parente, murmurando:

— Tio, estou contente por vê-lo são e salvo.

— Meu coração se alegra por saber que não é meu inimigo — disse Cario, não como se falasse a um menino, mas a outro nobre, seu igual em posição e idade. Ele beijou as faces de Caryl. — Ande na Luz, rapaz, até nos encontrarmos de novo.

— Vai dom... — A voz estridente de Caryl tremeu subitamente. — Sou seu amigo, não seu inimigo. Mas, eu lhe suplico, se meu pai cair em suas mãos, poupe-o, por mim.

Dom Cario pôs as mãos nos ombros do menino, gentilmente.

— Eu gostaria de poder lhe prometer isso, filho. Juro uma coisa, pelo Senhor da Luz, a quem eu sirvo, como você serve ao Portador dos Fardos: não lutarei com Lyondri enquanto ele não lutar comigo. Quanto ao resto, torço com toda a força do meu coração para que Lyondri permaneça longe de mim; eu lhe desejo muito menos mal do que ele me deseja. Ele já foi meu amigo e a desavença não foi culpa minha. — Dom Cario tomou a beijar Caryl e soltou-o. — E agora volte para a cama, criança, antes que seu pai saiba que saiu esta noite ou o Padre Mestre procure puni-lo. Que os Deuses o acompanhem, chiyu.

— E a você também, milorde.

Caryl virou-se e começou a voltar para a entrada escura da passagem secreta. Foi nesse instante que Alaric passou o braço por sua cintura. Ele debateu-se, mas um golpe rápido de Alaric fê-lo cair inerte, com um pequeno suspiro.

— Estão loucos, vai dom'yn? — perguntou Alaric. — O filho de Lyondri está em nossas mãos como refém e o deixam escapar livre? Com este filhote em nossas mãos podemos negociar a saída das próprias garras de Rakhal, para não falar da segurança contra Lyondri Hastur!

— E você o recompensa assim por nos guiar para a segurança? -protestou Romilly, indignada.

Mas Alaric exibia uma expressão dura e determinada.

— Você é um tolo, rapaz. E os milordes também, se me perdoam -ele acrescentou para Orain e Dom Cario. — O menino pode ter nos conduzido honestamente — quem desconfiaria de um pequeno com rosto de anjo como este? Mas seus superiores têm laran... Mesmo que o menino não nos queira qualquer mal, como podemos saber que eles não nos seguirão através de seu laran? Não farei mal a um único fio de seus cabelos, mas ele fica conosco até estarmos a salvo da geleira e dos homens de Lyondri! Podemos deixá-lo em Caer Donn ou algum outro lugar!

— Se você o machucou... — murmurou Dom Cario, com uma suave ameaça.

Romilly torceu para que a ira daquele homem nunca se virasse contra ela. Dom Cario sentiu a testa do menino, antes de

acrescentar:

— Eu não recompensaria assim a lealdade de uma criança! Mas não podemos deixá-lo aqui, inconsciente, para morrer no frio. Leve-o com você, se precisa; não podemos atrasar a partida à espera de que ele se recupere. Conversaremos sobre isso mais tarde, Alaric.

Ele virou as costas ao homem, chamou Romilly e disse:

— Ponha o menino num cavalo. E você, Rumai, monte atrás, pois ele não poderá se manter na sela como está agora; e não me agrada amarrá-lo, como um prisioneiro. E agora vamos embora. Depressa!

O corpo inconsciente e inerte de Caryl foi levantado para a sela e Romilly, montando atrás, teve de se esforçar ao máximo para evitar que ele caísse, na irregular e gelada trilha. Subiram e subiram em silêncio, sem qualquer som além dos gritos abafados e inquietos dos pássaros-sentinelas encapuzados. Cavalgando no escuro, segurando Caryl, pequeno e inerte, Romilly pensou em Rael dormindo em seu ombro; e sentiu saudades do irmão, com muita intensidade e amargura. Algum dia tornaria a vê-lo?

A trilha estreita era tão íngreme que enquanto subiam Romilly tinha de se inclinar para a frente na sela; estava gelada e tinha de se empenhar ao máximo para sustentar o peso inconsciente de Caryl. Mas os homens também enfrentavam dificuldades para controlar os nervosos chervines e os pássaros-sentinelas, que se mostravam inquietos e mesmo encapuzados soltavam pequenos guinchos e tentavam bater as asas e pular em seus poleiros. Isso deixava os cavalos e os chervines ainda mais nervosos; ela especulou sobre o que seus sentidos aguçados estariam vendo e pensou em entrar em contato para descobrir, mas tinha de se concentrar, na trilha íngreme, em se manter na sela e evitar que o menino inconsciente caísse.

Houve um momento em que um gemido estridente soou, um som assustador, que fez o sangue de Romilly congelar. Seu cavalo estremeceu e relinchou nervosamente, ela lutou para controlá-lo. Os pássaros-sentinelas remexeram-se em seus poleiros, batendo as asas em pânico. Romilly nunca ouvira antes um grito assim, mas não precisava que ninguém lhe dissesse o que era: o grito de um

pássaro-espírito, o enorme animal que não podia voar e que habitava as regiões acima da linha da neve, completamente cego, mas sentindo o calor do corpo de qualquer coisa viva, com garras tão poderosas que podia estripar homem ou cavalo com um único golpe. E era noite, quando na verdade podiam ver um pouco, embora fossem cegos à claridade do sol vermelho. Os gritos terríveis, ela ouvira dizer, visavam paralisar a presa pelo pavor; ouvindo agora, à distância, ela torceu para que jamais tivesse de se encontrar com um desses pássaros.

Ao som, Caryl soltou um pequeno gemido angustiado e mexeu-se, levantando as mãos para o carço na cabeça. O movimento provocou um sobressalto no cavalo, cujos cascos quase escorregaram no caminho gelado. Romilly inclinou-se para a frente e sussurrou apressada:

— Está tudo bem, mas você tem de ficar quieto; a estrada é perigosa neste trecho e o cavalo pode cair se você assustá-lo... e nós também cairíamos. Fique quieto, Caryl.

— Ama Romilly? — ele sussurrou. Ela ficou irritada.

— Cale-se!

Ele se calou, fitando-a. Os olhos de Romilly haviam se ajustado à escuridão agora e podiam divisar o rostinho assustado de Caryl. Ainda tateando cauteloso o carço na têmpora, ele piscou e Romilly torceu para que não chorasse. Caryl sussurrou:

— Como vim parar aqui? O que aconteceu? — E depois ele se lembrou. — Alguém me golpeou!

O menino parecia mais surpreso do que zangado. Romilly calculou que ele, um mimado menino das terras baixas, nunca fora golpeado antes, jamais ninguém lhe falara de outra maneira que não gentilmente. Ela apertou-o em seus braços e sussurrou:

— Não tenha medo. Não deixarei que o machuquem.

Romilly sabia, ao dizer isso, que haveria de interferir se Alaric fizesse alguma outra ameaça contra o menino. Caryl contorceu-se para assumir uma posição mais confortável na sela; agora podia sentar-se empertigado e não era mais um peso morto que tinha de ser sustentado para não cair, o que tornava mais fácil controlar o cavalo.

— Onde estamos? — sussurrou Caryl.

— Na estrada para a qual você nos levou. Dom Cario resolveu trazê-lo porque não podia deixá-lo inconsciente para morrer no frio, mas não lhe tenciona qualquer mal. Alaric queria mantê-lo como refém, mas Orain não permitirá que ele o ataque de novo.

— Lorde Orain sempre foi bom para mim, mesmo quando eu era bem pequeno — murmurou Caryl, depois de um momento. — Gostaria que meu pai não tivesse brigado com ele. E o Padre Mestre ficará muito zangado comigo.

— A culpa não foi sua.

— O Padre Mestre diz que tudo o que acontece é sempre culpa nossa, de um jeito ou de outro. Se não merecemos nesta vida, então com certeza merecemos em outra. Se é bom, fizemos jus e podemos desfrutar; mas se é ruim, devemos também acreditar que de alguma forma merecemos; e nem sempre é possível saber o que é o quê. Não sei direito o que isso significa — ele acrescentou, ingenuamente —, mas ele disse que eu compreenderia quando fosse mais velho.

— Nesse caso devo ser também muito jovem. — Romilly foi incapaz de reprimir uma risada; conversar sobre a elevada filosofia cristoforo, naquela estrada tão perigosa, com os homens do rei, pelo que sabiam, a persegui-los! — Pois confesso que não compreendo absolutamente!

Orain ouviu a risada, parou o cavalo e esperou que eles o alcançassem, num trecho em que o caminho se alargava um pouco.

— Está desperto, jovem Caryl?

— Eu não estava dormindo! — protestou o menino, franzindo o rosto. — Alguém me golpeou!

— E verdade — confirmou Orain, muito sério. — E pode estar certo de que ele ouviu poucas e boas de Dom Cario por causa disso. Mas agora, eu lamento, você deverá nos acompanhar até Caer Donn; não pode voltar sozinho por esta estrada. Tenho certeza que você não nos trairia, mas sei que Lyondri tem laran e poderá ler em seus pensamentos para que lado seguimos. Dou minha palavra, que jamais quebrei, ao contrário de seu pai, que assim que alcançarmos Caer Donn você será enviado de volta para ele, sob uma bandeira de trégua. Ele... — Com um significativo dar de ombros, Orain indicou

Dom Cario, que seguia à frente. — ... não lhe deseja qualquer mal. Mas nesta companhia devo adverti-lo a controlar sua língua.

— Milorde... — começou Caryl.

Mas Orain balançou a cabeça em advertência e apressou-se em dizer:

— Se acha que ficaria mais confortável montado atrás de mim, pode mudar, assim que deixarmos esta trilha, que não é um bom lugar para se trocar de cavalos. Ou se me der a palavra de um Hastur de que não tentará fugir, providenciarei para que monte um dos animais de carga, viajando sozinho.

— Obrigado, mas prefiro ficar com... — Ele fez uma pausa, engoliu em seco. — ... com Rumai.

Romilly ficou atônita com a presença de espírito de Caryl; nenhum outro menino, ela tinha certeza, haveria de se lembrar, naquelas circunstâncias, de não revelar seu segredo.

— Pois então siga com todo cuidado e guarde-o bem, Rumai — recomendou Orain.

Ele se afastou e Romilly, ajeitando Caryl à sua frente tão confortavelmente quanto era possível — seria mais fácil se ele pudesse sentar atrás, mas não havia como parar e trocar de posição agora -, refletiu que ele a protegera mesmo quando nada tinha a ganhar com a manutenção de seu segredo e poderia criar um tumulto entre seus captores. Era mesmo um menino excepcional e mais esperto do que Rael, por mais desleal que ela se sentisse em relação ao irmão por pensar isso.

Ele sabia que ela era mulher. Mas ela já pensara algumas vezes que Dom Cario também sabia e nada revelava por seus próprios motivos, quaisquer que fossem. E foi então, pela primeira vez — as coisas haviam acontecido muito depressa desde que despertara —, que se lembrou das palavras exatas de Orain quando a procurara. Cario está com você? Este não é o momento para recato! Isso significava que Cario confidenciara a Orain que sabia que ela era mulher; e sabendo disso achava que ela podia ser generosa com seus favores e seria possível encontrar Cario em sua cama? Mesmo no frio intenso, Romilly sentiu o calor da vergonha nas faces. Mas

vestindo roupas de homem e montando com eles, que espécie de mulher Orain poderia julgar que ela era?

Ora, se ele sabia, muito bem; e se assim a julgava, que pensasse o que quisesse. Pelo menos ele fora bastante gentil para não espalhar a notícia entre seus rudes homens. Mas ela começara a gostar muito de Orain!

Dos penhascos acima deles veio outra vez o assustador grito de um pássaro-espírito; soou mais próximo agora, e Romilly sentiu que o uivo vibrava por todo o seu corpo, como se os próprios ossos estremecessem. Compreendeu como a presa natural do pássaro devia se sentir; parecia deixá-la completamente paralisada, apagar o mundo ao redor, de tal forma que nada havia além da vibração horrível, que deixava seus olhos toldados e escurecia tudo. Caryl gemeu e comprimiu as mãos contra os ouvidos, com um tremor de agonia. Romilly viu os homens à frente se esforçarem para controlar as montarias apavoradas. Os pássaros-sentinelas bateram as asas e os chervines soltaram seu estranho grito, se viraram, quase empinaram aterrorizados na trilha gelada. Um deles tropeçou e caiu, derrubando o homem que o montava, que escorregou antes de conseguir fincar os calcanhares no gelo e se levantar, fazendo o maior esforço para segurar a montaria; outro animal esbarrou nele e houve uma tremenda colisão. Praguejando, os homens lutaram para controlar a situação. Os gritos e bater de asas dos pássaros-sentinelas encapuzados aumentavam a confusão e outra vez o apavorante berro do pássaro-espírito soou nos penhascos acima deles, sendo respondido por outro grito. Romilly deu uma pequena sacudidela em Caryl.

— Pare com isso! — ela exigiu, furiosa. — Ajude-me a acalmar os pássaros!

A respiração de Romilly era ofegante, ela podia vê-la se vaporizando no ar gelado, mas projetou a mente com seu sentido especial, irradiando pensamentos de calma, paz, alimento, afeição. Ainda podia alcançá-los; enquanto sentia os pensamentos de Caryl se juntarem aos seus, um após outro os enormes pássaros se aquietaram, ficaram imóveis em seus poleiros nas selas. Cario e seus homens puderam recuperar o controle das montarias. Cario

gesticulou para que ficassem juntos. O caminho se alargava naquele ponto o suficiente para que três ou quatro animais pudessem ficar emparelhados, e eles se agruparam.

Os penhascos acima começavam a sobressair contra o céu que clareava; nuvens rosas e púrpuras ressaltavam a escuridão dos rochedos no desfiladeiro. O amanhecer estava próximo. A trilha em frente voltava a se estreitar e atravessava a geleira; e mesmo enquanto olhavam, uma sombra desgraciosa deslocou-se pelos rochedos, o grito terrível tornou a soar, acompanhado por outro, mais acima. Orain comprimiu os lábios estreitos e disse, amargurado:

— Justamente o que precisávamos... dois desses malditos pássaros! E ainda falta uma hora para o amanhecer... E mesmo depois que o sol surgir, não poderemos escapar! Também não podemos esperar; se estamos sendo perseguidos, precisamos deixar a trilha antes do dia clarear, e nos embrenharmos pela floresta no outro lado, onde não poderão nos encontrar. Até um cego poderia acompanhar nossas pegadas no gelo e Lyondri com certeza vem com meia dúzia de seus malditos leroni!

— Estamos na própria boca da armadilha — murmurou Cario. Ele adotou uma expressão distante, permaneceu em silêncio por algum tempo. — Não há perseguição, pelo menos ainda não... não preciso de leronis para me dizer isso. Você foi um idiota ao trazer o menino, Alaric... com ele para seguir, Lyondri poderá acompanhar nossa pista por todos os nove infernos de Zandru! E agora ele tem um segundo motivo, pessoal!

— O menino estando conosco — respondeu Alaric, entre os dentes semicerrados —, poderemos pelo menos comprar nossas vidas!

Caryl empertigou-se na sela e declarou, furioso:

— Meu pai jamais comprometeria sua honra pela vida de um filho, e eu não gostaria que ele fizesse isso!

— A honra de Lyondri? — resmungou um dos homens. — O doce bafo do pássaro-espírito, o clima acolhedor do nono inferno de Zandru!

— Não permitirei que digam... — começou Caryl.

Romilly agarrou-o pela cintura antes que ele pudesse saltar da sela e atacar o homem que falara. Cario apressou-se em interferir:

— Já chega, Caryl. Um sentimento apropriado para o filho de Lyondri, mas não temos tempo para discussões. Precisamos atravessar este caminho de qualquer maneira. Não tenho a menor intenção de machucá-lo, mas se não conseguir manter a boca fechada acho que terei de amordaçá-lo. Meus homens não estão com ânimo para ouvirem a defesa daquele que fixou um preço por nossas cabeças. E vocês, Garan e Alaric, também ficarão de boca fechada; não se deve escarnecer de uma criança por causa da honra de seu pai, e temos um árduo trabalho pela frente, não podemos perder tempo discutindo com um menino!

Ele tornou a levantar os olhos, enquanto o grito estridente do pássaro-espírito soava mais uma vez, abafando suas vozes. Romilly percebeu que todo o corpo de Cario ficava tenso, no esforço de dominar o medo puramente físico que o grito criava nas mentes de todos. Ela apertou Caryl com toda força, sem saber se era para confortar o menino ou aquietar seus próprios temores, sussurrando:

— Ajude-me a aquietar os animais.

Era bom proporcionar alguma coisa para Caryl pensar que não fosse seu próprio terror. Mais uma vez, a tranqüilizante vibração espalhou-se. Romilly compreendeu que seu próprio talento, laran ou como quer que o chamassem, era reforçado pelo já poderoso dom do pequeno Hastur. Enquanto o silêncio se restabelecia, Alaric disse, com a mão na adaga:

— Já cacei pássaros-espíritos, vai dom, consegui matar muitos.

— Não duvido de sua coragem, homem, mas perdeu o juízo se pensa que pode enfrentar dois pássaros-espíritos numa passagem estreita, sem perder algum homem ou montaria — respondeu Cario.

— Não temos cães-surdos, nem redes e cordas. Talvez, se conseguirmos nos manter entre os cavalos e chervines, possamos escapar com um cavalo para cada pássaro, mas também ficaríamos a pé na pior região das Hellers. E se ficarmos aqui, deixaremos que a armadilha se feche sobre a gente.

— Melhor o bico do pássaro-espírito do que a suave misericórdia dos homens de Lyondri — comentou um dos viajantes,

adiantando-se para a vanguarda do pequeno cortejo. — Também enfrentarei o que tiver de enfrentar, milorde.

— É uma pena que sua habilidade com os pássaros não se estenda a criaturas como aquelas — disse Orain, fitando Romilly com um sorriso insinuante. — Se pudesse acalmar aqueles pássaros como faz com o falcão e o pássaro-sentinela, nada teríamos a temer de qualquer Lorde Hastur e seus leronis.

Romilly estremeceu ao pensamento... penetrar nas mentes daqueles cruéis carnívoros que vagavam pelas alturas? Ela balbuciou

— Espero que esteja brincando, vai dom.

— Por que esse laran não poderia operar contra um pássaro-espírito da mesma forma como funciona com qualquer outro pássaro? — indagou Caryl, empertigando-se na sela. — Todos são criaturas da Natureza e se Ro... se o dom de Rumai pode aquietar os pássaros-sentinelas, com a ajuda de meu laran talvez possa também atingir os pássaros-espíritos e convencê-los de que não devemos ser sua refeição.

Romilly sentiu outra vez um tremor perceptível percorrer todo seu corpo. Mas diante dos ansiosos olhos do pequeno Caryl, ficou envergonhada de confessar seu medo. Cario disse suavemente:

— Reluto em entregar nossa segurança nas mãos de duas crianças, quando homens adultos se mostram impotentes. Contudo, se puderem nos ajudar... parece não haver outro meio e acabaremos todos mortos se ficarmos aqui. Seu pai não lhe faria qualquer mal, meu jovem Carolin, mas receio que todos nós morreríamos, e não de uma maneira rápida e sem dor.

Caryl piscou com força.

— Não quero que nenhum mal lhe aconteça, senhor. Não creio que meu pai compreenda que é um bom homem; talvez Dom Rakhal tenha envenenado a mente dele contra sua pessoa. Se eu puder fazer qualquer coisa para ajudar, a fim de que ele tenha tempo para pensar mais sensatamente sobre toda essa discórdia, terei o maior prazer em contribuir com tudo o que estiver ao meu alcance.

Mas Romilly notou que ele também estava um pouco assustado. E enquanto se adiantavam, lentamente, o menino sussurrou:

— Tenho medo, Rumai.. . eles parecem tão ferozes que é difícil lembrar que também são criações de Deus. Mas tentarei recordar que o abençoado Valentim das Neves firmou um pacto de amizade com esses pássaros e chamava-os de pequenos irmãos.

Acho que eu não gostaria realmente de ser irmão de um pássaro-espírito, pensou Romilly, exortando seu cavalo a seguir em frente com um estalido da língua e a pressão dos joelhos, empenhando-se em projetar pensamentos tranquilizadores para atenuar o pavor do animal. Mas não podia pensar assim. Devia lembrar que a mesma Força que criava os cães e cavalos que tanto amava, seus adorados falcões, também criara o pássaro-espírito para seus próprios desígnios, mesmo que ela não soubesse quais eram. E os pássaros-sentinelas, que antes lhe pareceram tão ferozes, eram gentis e afetuosos como os pássaros de gaiola, depois que passara a conhecê-los; amava sinceramente Prudência e até por Temperança e Diligência sentia verdadeira afeição.

Se o pássaro-espírito é meu irmão... e por um instante ela sentiu uma alegre emoção aflorando, que reconheceu como histérica. Seu gentil irmão Ruyven, o tímido Darren, o querido Rael, na mesma posição dos horrores que gritavam no penhasco?

Ela ouviu Caryl sussurrar para si mesmo; as únicas palavras que captou foram Portador dos Fardos e Abençoado Valentim... e compreendeu que o menino estava orando. Apertou-o com força, comprimindo o rosto contra seu ombro e fechando os olhos. Seria virtude autêntica ou apenas absurda presunção pensar que de alguma forma suas mentes podiam alcançar a mente de um pássaro-espírito... se é que os pássaros-espíritos possuem algum tipo de mente, ela pensou, forçando-se a reprimir a histeria outra vez. Ninguém sabia que era mulher, não podia chorar e gritar aterrorizada! Ela refletiu, sombriamente, que tanto Orain quanto Dom Cario também pareciam assustados, não precisava se sentir envergonhada por seu medo!

Tornou a fechar os olhos e tentou formular uma oração, mas não conseguiu recordar nenhuma. Portador dos Fardos, sabe que quero rezar e agora devo tentar fazer o que puder para salvar a todos nós, ela disse num sussurro, depois suspirou.

— Vamos tentar, Caryl. E agora entre em contato comigo...

Romilly projetou sua mente, consciente de seu próprio corpo apenas o suficiente para mantê-lo empertigado na sela, acompanhando os passos inquietos do cavalo. Projetou — e sentiu os cavalos estremecendo interiormente enquanto caminhavam, lentamente, por lealdade a seus cavaleiros; sentiu os pássaros-sentinelas assustados com o barulho, mas calmos porque ela e Caryl, em cujas vozes mentais confiavam, haviam determinado que permanecessem calmos. Projetou-se ainda mais longe, sentiu alguma coisa fria e aterradora, sentiu outra vez o grito estridente, ressoando por toda a criação, mas persistiu, as mãos apertando firmemente as de Caryl, penetrou na mente estranha.

A princípio teve consciência apenas de tremendas pressões, uma fome tão intensa que lhe comprimia a barriga, um frio assustador a impeli-la para o calor, que parecia como luz, lar e satisfação, o contato do calor inundando seu corpo com uma fome quase sexual; e soube, por um fragmento mínimo, que ainda era Romilly, que alcançara a mente do pássaro-espírito. Pobre coisa faminta e fria... apenas procura calor e alimento, como toda a Criação... Seus olhos ficaram bloqueados, não podia ver, apenas sentir, ela era o pássaro-espírito e por um momento travou uma encarniçada batalha, toda a sua mente pulsando com a necessidade de se lançar sobre o calor, rasgar e estraçalhar, experimentar a sensação profundamente deliciosa do sangue quente esguichando... sentiu as próprias mãos se contraindo no calor de Caryl e depois, com uma distante lembrança de si mesma, compreendeu que era humana, mulher, com uma criança para proteger e outras pessoas dependendo de sua habilidade...

Ligada a Caryl, sentiu seu tranqüilizante contato mental, como um murmúrio suave. Irmão pássaro-espírito, você está unido a toda a vida e unido a mim. Os Deuses criaram você para estraçalhar sua presa, eu o louvo e amo como os Deuses fizeram você, mas há bestas por aqui que não conhecem o medo, porque os Deuses não lhes concederam consciência. Procurem por sua presa entre essas bestas, meus

pequenos irmãos, e me deixem passar... Em nome do abençoado Valentim, eu lhes peço que suportem seus fardos e não procurem encerrar minha vida antes do momento designado. Abençoado seja aquele que abate sua presa e abençoado seja aquele que concede a vida a outro...

Não lhes tenciono qualquer mal, Romilly acrescentou seu apelo suave ao do menino, procurem em outra parte por seu alimento.

E por um momento, no enorme fluxo de consciência em que ela, o cavalo que montava, o corpo macio da criança em seus braços e o pássaro-espírito com sua fome desvairada e em busca de calor eram uma só coisa, uma onda transcendental de alegria envolveu-a; os raios vermelhos do sol nascente encheram-na de calor e uma felicidade indescritível, o calor de Caryl contra seu peito era um fluxo de ternura e amor; e por um instante perigoso ela pensou, mesmo que o pássaro-espírito me tome como sua presa, ficarei ainda mais unida com sua maravilhosa força vital. Mas também quero viver e me regozijar com a luz do sol. Romilly jamais conhecera tanta felicidade. Sabia que havia lágrimas em seu rosto, mas não importava, era parte de tudo que vivia e respirava, parte do sol e das rochas, até mesmo o frio da geleira era de certa forma maravilhoso, porque aguçava sua percepção do calor do sol nascente.

E depois o vínculo mágico foi rompido e desapareceu. Desciam pelo outro lado do desfiladeiro e lá em cima o vulto enorme e desajeitado de um pássaro-espírito se encaminhava para a entrada de uma caverna, sem lhes prestar a menor atenção. Caryl chorava nos braços de Romilly, apertando-a com força.

— Oh, estava com fome e nós o privamos de sua refeição!

Ela afagou-o, abalada demais para falar, ainda dominada pela experiência. Cario disse, a voz rouca:

— Obrigado, rapazes. Não gostaria de ser a refeição do pássaro-espírito, mesmo que o pobre coitado estivesse faminto. Pode procurar sua comida em outra parte.

Os homens olhavam para os dois com todo respeito. Orain disse, a voz trêmula, tentando romper o encantamento:

— Você é muito grande e duro para o apetite delicado de um pássaro-espírito... tenho certeza de que ele prefere um tenro coelho-da-neve.

Todos riram. Romilly sentia-se fraca, ainda sob o encantamento profundo que haviam criado com seu laran. Dom Cario vasculhou em seus alforjes e disse bruscamente:

— Não dá para dizer o quanto devo a vocês dois. E lembro que os leroni sempre ficam com fome depois de um trabalho assim... tomem isso.

Ele estendeu carne-seca, frutas secas e bolachas de pão de viagem. Romilly começou a cravar os dentes na carne e nesse instante sentiu a náusea aflorando.

Isto era carne viva, respirando, como posso convertê-la em minha presa? Ou não sou melhor do que um pássaro-espírito? Esta carne-seca já foi a carne viva de todos os meus irmãos. Ela engasgou, desfez-se da carne, enfiou uma fruta seca na boca.

Isto também faz parte da vida de todas as coisas, mas não tinha respiração e não me repugna com o conhecimento do que foi outrora. O Portador dos Fardos criou alguma vida sem propósito que não o de renunciar à sua vida para que outros possam se alimentar... e enquanto sentia a doçura da fruta entre os dentes, o êxtase voltou por breve instante, que aquela fruta pudesse abrir mão de sua doçura para que ela não mais sentisse fome...

Caryl também mastigava vorazmente um pedaço do pão duro, mas ela notou que o menino também se absteria da carne, embora deixasse no pedaço as marcas de seus dentes afiados. Portanto, ele partilhara sua experiência. Vagamente, como algo que poderia ter sonhado há muito tempo, Romilly pensou se algum dia voltaria a comer carne.

Mesmo quando armaram acampamento, com o sol alto no céu, a fim de dar cereais aos cavalos e carne aos pássaros-sentinelas, ela comeu apenas pão e fruta, misturou um pouco de água na farinha do mingau e consumiu uma tigela cheia. Para sua surpresa, no entanto, não se incomodou quando os pássaros-sentinelas estraçalharam vorazmente a carne que carregavam para eles; era a natureza deles, eram como haviam sido criados.

Romilly percebeu que os homens ainda mantinham cautelosa distância. O que não a surpreendia. Se visse duas outras pessoas enfrentando um pássaro-espírito que atacava, também ficaria em silêncio reverente. Ela própria ainda não podia acreditar no que fizera.

Ao terminarem a refeição e selarem de novo as montarias, ela olhou para Dom Cario, alto e empertigado, parado nos limites da clareira, com uma expressão distante, à escuta. Já era agora bastante competente no uso do laran para saber que ele projetava sua percepção mental pela trilha de trás, na direção do desfiladeiro.

— Até agora não estamos sendo seguidos — ele disse finalmente. — E as trilhas são tantas que se Lyondri não estiver com uma horda de leroni não creio que consiga descobrir nossa pista. Devemos manter a cautela habitual, mas creio que agora podemos seguir para Caer Donn em segurança.

Ele estendeu os braços para Caryl e perguntou, como se falasse com um adulto e seu igual:

— Quer viajar agora atrás da minha sela, parente? Há coisas que preciso lhe dizer.

Caryl olhou para Romilly, depois se controlou e respondeu cortesmente:

— Como quiser, parente.

Ele subiu na sela. Enquanto viajavam, Romilly percebeu que os dois conversavam em voz baixa e descobriu que sentia saudade do peso quente do menino na sua frente. Houve um momento em que viu Caryl sacudir a cabeça, muito sério, umas poucas palavras alcançaram seus ouvidos:

— ... oh, não, parente, eu lhe dou minha palavra quanto a isso... Subitamente ciumenta daquela intimidade, Romilly desejou poder ouvir o que eles diziam. Seu laran se encontrava agora tão próximo da superfície que uma idéia lhe ocorreu.

Talvez eu precise apenas me projetar para saber.

E ficou chocada consigo mesma. Como podia pensar uma coisa assim? Afinal, fora criada numa Grande Casa, aprendera a cortesia devida a iguais e inferiores. Ora, isso seria tão terrível quanto

escutar atrás de portas, bisbilhotar como uma criança desagradável, o que seria totalmente indigno dela.

Ter o poder do laran certamente não significava que tinha o direito de saber o que não era da sua conta! E depois, franzindo o rosto enquanto entrava na fila, com Prudência em sua sela, para que Dom Cario pudesse levar Caryl, ela se viu refletindo sobre o comportamento apropriado com o laran. Possuía o poder e talvez o direito de impor sua vontade aos falcões que treinava, aos cavalos que montava e até mesmo, para salvar sua vida, ao pássaro-espírito nos penhascos. Mas até que ponto esse poder deveria ir? Até que ponto tinha o direito de usá-lo? Podia exortar seu cavalo a suportar sela e freio porque ele a amava e aprendera de bom grado o que o tornaria mais próximo de sua dona. Sentira o amor profundo de Preciosa, que a levava a voltar por sua livre e espontânea vontade, mesmo depois que Romilly a libertara.

E havia angustia nisso. Será que algum dia tomaria a ver Preciosa?

Mas havia limites ao poder. Talvez fosse certo aquietar os cachorros que a amavam, a fim de que não despertassem a casa para sua saída.

Mas havia problemas também, um profundo conflito. Podia pressionar a presa no bico do falcão que caçava, talvez pudesse forçar o estúpido coelho-da-neve para as bocas expectantes dos cachorros, mas certamente esse não era o desígnio, não era parte da natureza, seria uma vantagem nitidamente injusta para se ter numa caçada!

Os olhos ardendo, Romilly inclinou a cabeça e pela primeira vez na vida descobriu que orava com toda sinceridade.

Portador dos Fardos! Não pedi esse poder. Por favor, por favor, ajude-me a usá-lo, não para propósitos errados, mas apenas para tentar a união com a vida... Atordoada, ela acrescentou: Como aconteceu, por um breve momento, esta manhã, quando soube que estava unida a tudo o que vivia. Como deve ser seu caso, Ó Sagrado. Ajude-me a decidir como usar esse poder subitamente. E depois de mais um momento, ela fez outro acréscimo, num

sussurro: Pois agora eu sei que sou parte da vida... mas uma parte bem pequena!

Capítulo Cinco

O problema continuou a perturbá-la durante toda a longa viagem para Caer Donn. Quando caçava para os pássaros-sentinelas, pensava em seu laran e receava usar o poder para o mal, o que fazia com que às vezes deixasse a caça escapar, sendo censurada pelos homens. Usava sua percepção para procurar coisas mortas, na colina e na floresta, que pudesse aproveitar para alimentar os pássaros — não tinham mais uso para seus corpos, certamente não podia ser errado utilizar uma criatura morta para alimentar uma viva. Sentia como se quisesse fechar sua nova habilidade num lugar onde nunca mais pudesse ser acionada, embora tivesse de usá-la para controlar os pássaros. Não podia ser errado demonstrar a afeição que sentia por eles, não é mesmo? Ou seria errado, já que a usava para aquietá-los, por conveniência própria?

Havia ocasiões em que tentava manipulá-los sem invocar o dom MacAran, que agora sabia ser um laran; quando os pássaros gritavam e se rebelavam, Dom Cario indagava:

— O que está acontecendo com você, rapaz? Faça o trabalho para o qual está sendo pago e mantenha esses pássaros quietos!

Tinha de usar seu laran então e viver novamente o conflito se era correto ou não o que fazia.

Gostaria de poder conversar com Dom Cario; ele possuía laran e talvez tivesse sofrido as mesmas preocupações quando era da sua idade e aprendia a usá-lo. Fora isso o que Ruyven tivera de superar? Não era de admirar que ele fugisse de uma propriedade de criação de cavalos e se refugiasse por trás das paredes de uma Torre! Romilly descobriu que invejava Darren, que não possuía o dom MacAran; ele podia temer e odiar falcões e cavalos, mas pelo menos não se sentia tentado a se intrometer em suas mentes, a fim de demonstrar seu poder sobre os animais! Ela não podia conversar sobre isso com Caryl, pois ele era apenas um menino e usava seu poder com prazer; também agira assim desde que descobrira que possuía uma habilidade especial com cavalos, usando-a para treiná-los. E sempre que tentava comer a carne de uma caça recém-

abatida tinha a impressão de que podia sentir a vida e o sangue do animal morto vibrando em sua mente, engasgava e não conseguia engolir; limitava suas refeições a mingau, frutas e pão, sentia uma fome intensa no frio inclemente das trilhas na montanha. Mas mesmo quando Dom Carlo lhe ordenava que comesse não podia fazê-lo. Uma ocasião, quando ele se postou à sua frente, engoliu relutante um pedaço do lombo de um chervine selvagem que haviam abatido para a refeição, mas sentiu uma repulsa tão terrível que se afastou e vomitou tudo.

Orain viu-a voltando de trás da moita, pálida e trêmula. Romilly foi tentar cortar as vísceras e o resto da carne do chervine, com as mãos desajeitadas, ele se aproximou. Era difícil encontrar cascalho naquela região de neve e por isso ela tinha de misturar pêlos e lascas de ossos com a carne, ou os pássaros-sentinelas teriam dificuldades para digerir.

— Deixe que eu cuido disso — murmurou Orain.

Ele levou o alimento para os pássaros, presos em seus poleiros, acima da neve. Voltou, deixando-os a devorar a carne, e perguntou:

— Qual é o problema, rapaz? Não está se alimentando direito, não é mesmo? Cario quer o seu bem, apenas se preocupa por você não estar comendo o suficiente neste clima horrível.

— Sei disso — ela balbuciou, sem fitá-lo.

— O que o aflige, rapaz? Posso ajudar em alguma coisa? Romilly sacudiu a cabeça. Achava que ninguém poderia ajudá-la.

A menos que pudesse de alguma forma conversar com o pai, que devia ter travado também aquela batalha em sua juventude, pois de que outro modo poderia assumir seu Dom? Ele podia odiar a própria palavra laran e proibir que alguém a pronunciasse em sua presença, mas possuía a coisa, como quer que quisesse chamá-la ou deixar de chamar. Com uma intensidade súbita e saudosa, ela recordou o Ninho dos Falcões, o rosto do pai, afetuoso e gentil, depois o mesmo rosto contorcido pela raiva, enquanto a espancava... Romilly cobriu seu rosto com as mãos, tentando desesperadamente reprimir um acesso de soluços, que certamente revelaria sua identidade de mulher. Mas estava cansada, muito

cansada, mal conseguia conter as lágrimas... Á mão de Orain em seu ombro era gentil.”.

— Calma, calma, filho, não se preocupe... não sou daqueles que pensam que lágrimas não são coisa de homem. Está doente e cansado, isso é tudo. Chore se quiser, não vou recriiná-lo por isso.

Ele apertou o ombro de Romilly num gesto tranqüilizador e foi até o fogo. Misturou algumas de suas prezadas ervas numa caneca com água quente e pôs na mão de Romilly.

— Beba isto, vai assentar seu estômago.

A beberagem era aromática, com ténue e agradável amargo, e fez realmente com que ela se sentisse melhor.

— Se não pode comer carne agora — acrescentou Orain —, eu lhe trarei pão e fruta. Mas não pode passar fome neste frio.

Ele serviu um pedaço de pão duro, em que espalhou a gordura do chervine; Romilly sentia tanta fome que engoliu tudo e depois ainda comeu as frutas que Orain providenciou, enquanto ajeitavam os cavalos para a noite. Ele estendeu seus cobertores lado a lado. Caryl não tinha nenhum e por isso vinha dormindo no manto de Romilly, aconchegado nos braços dela. Ao tirar as botas para deitar, ela sentiu uma pontada de dor no fundo da barriga e secretamente começou a contar com os dedos; isso mesmo, já haviam decorrido quarenta dias desde que fugira da cabana de Rory, precisava esconder outra vez o incômodo periódico! Mas que droga ser mulher! Permanecendo acordada entre Caryl e Orain, ainda tremendo, ela especulou sombriamente como poderia disfarçar seu estado naquele clima. Por sorte fazia bastante frio para que ninguém se despisse por completo no acampamento; ao contrário, as pessoas dormiam com todas as roupas e cobertores que possuíam. Romilly vinha dormindo não apenas com o manto forrado de pêlo que Orain lhe dera, mas também com o que trouxera da cabana de Rory, envolvendo-se com ambos, Caryl em seus braços.

Precisava pensar. Não tinha panos de sobra ou trajes que pudesse rasgar para substituí-los. Havia uma espécie de musgo grosso que crescia em profusão pelas encostas mais altas, tanto ali quanto no Ninho dos Falcões; já o vira, mas não lhe dispensara maior atenção — embora soubesse que as mulheres mais pobres,

que não tinham panos de sobra, usavam aquele musgo como fraldas de criança e também para atender às suas necessidades sanitárias mensais. A alma escrupulosa de Romilly podia sentir certa repulsa, porém seria mais fácil enterrar o musgo na neve do que lavar panos naquele clima. Procuraria algum no dia seguinte; ali, na região da neve, pelo menos não estaria coberto de terra ou lama, não precisaria ser lavado. Como era desagradável ser mulher! O frio era tão intenso que todos deitavam juntos, como cães dormindo amontoados; quando o acampamento despertou, pela manhã, Alaric escarneceu, no momento em que Orain se levantou do lado de Caryl e Romilly:

— Ei, homem, está dirigindo um asilo para crianças?

Mas a presença de Orain era confortadora para ela e, Romilly podia sentir, para Caryl também. Era um homem gentil e paternal, Romilly não o temia. Na verdade, se surgisse a necessidade, não tinha a menor dúvida de que poderia confiar em Orain, sem qualquer perigo real; ele poderia ficar chocado ao descobrir que ela era mulher, naquela região inóspita e de clima difícil, mas não lhe criaria problemas daquele tipo, como seu pai ou irmãos. De alguma forma, ela sabia que Orain não era o tipo de homem que pudesse estuprar ou ofender alguma mulher.

Romilly afastou-se para atender suas necessidades pessoais em particular — fora o alvo de algumas zombarias por isso a princípio, comentaram que era melindroso como uma mulher. Mas ela sabia que os homens pensavam que só agia assim por ser cristoforo; eles eram conhecidos como pudicos e recatados nessas coisas. Tinha certeza que nenhum deles desconfiava e Caryl, que sabia — além de Dom Cario, que ela sentia que também sabia —, preferia não dizer nada.

Tentaria manter seu segredo por tanto tempo quanto fosse possível. Ao chegar a Caer Donn talvez não fosse tão fácil quanto em Nevarsin encontrar trabalho como guardador de falcões ou treinador de cavalos, mas certamente era possível e talvez Orain, ou o próprio Dom Cario, poderia lhe conceder boas referências, como trabalhador disposto e competente.

Ainda sentia alguma repulsa em comer carne, embora soubesse que isso era tolice. Afinal, a natureza determinava que alguns animais fossem presas de outros. Mas mesmo sabendo que a intensidade de sua repulsa começava a diminuir, ainda preferia o mingau e o pão à carne. Cario (Orain teria lhe falado a respeito?) não mais a exortava a comer, limitava-se a lhe conceder uma ração maior de mingau e frutas. Alaric escarnecera dela uma vez, mas Dom Cario ordenara que se calasse.

— Quanto menos carne para ele, homem, mais sobrará para o resto de nós. Deixe-o comer o que mais aprecia e você trate de fazer a mesma coisa! Se todos os homens fossem iguais, há muito que você teria virado comida do pássaro-espírito; o mínimo que devemos a ele é deixá-lo ser como preferir.

Viajavam há nove dias desde a partida de Nevarsin, pelos cálculos de Romilly, quando avistaram um pássaro circulando no alto, procedente das colinas distantes. Romilly alimentava os pássaros-sentinelas no momento e notou como tentavam se livrar das peias, enquanto o pequeno pássaro descia para o acampamento. Dom Cario ficou imóvel, os braços estendidos, o rosto vazio, o olhar silencioso dos pensamentos focalizados pelo laran. O pássaro foi pousar em sua mão, tremendo um pouco.

— Uma mensagem de nosso pessoal em Caer Donn — anunciou Cario.

Ele procurou a cápsula sob a asa, abriu-a e leu rapidamente. Romilly estava espantada — sabia dos pássaros-mensageiros que podiam voar de volta a suas gaiolas através de florestas desconhecidas, mas nunca ouvira falar de algum que fosse capaz de encontrar um homem em particular, cujo paradeiro era ignorado pelo remetente!

Cario levantou a cabeça, com um sorriso de satisfação.

— Devemos nos apressar para Caer Donn, homens! — ele gritou. -Daqui a dez dias vamos nos reunir abaixo de Aldaran e Carolin estará à frente de um grande exército que ali se concentra, a fim de marchar para as terras baixas. E agora vamos ver o que Rakhal será capaz de fazer!

Todos aclamaram e Romilly acompanhou-os. Apenas Caryl permaneceu em silêncio, baixando a cabeça e mordendo o lábio. Romilly já ia indagar qual era o problema, mas conteve-se a tempo. O menino não podia se regozijar por um exército reunido contra seu pai, que era o principal conselheiro de Rakhal. Seria injusto esperar isso. Contudo, ela compreendera que Caryl amava Dom Cario como um parente... e tinha certeza que eram mesmo parentes, embora talvez distantes; ouvira dizer que todos os Hastur das terras baixas eram parentes e estava convencida agora, pensando nos cabelos vermelhos de Cario, sua aparência que a fazia lembrar de Alderic, que ele era de fato um Hastur, superior em posição a qualquer outro homem que conhecia. Se Orain, que era o irmão adotivo do rei, tratava-o com tanta deferência, ele não podia deixar de ser muito importante.

Chegaram a Caer Donn ao final da tarde seguinte e Dom Cario virou-se para Orain, assim que passaram pelos portões da cidade, dizendo:

— Leve os homens e os pássaros para uma boa estalagem e peça para todos os meus fiéis servidores o melhor jantar que o dinheiro puder comprar; eles tiveram uma jornada árdua e pagaram caro seu apoio aos exilados. Você sabe para onde eu vou...

— Claro que sei.

Cario sorriu e apertou a mão de Orain, murmurando:

— Um dia virá...

— Que todos os Deuses permitam — disse Orain.

Cario afastou-se pelas ruas da cidade. Se não tivesse conhecido Nevarsin, Romilly poderia pensar que Caer Donn era uma grande cidade. No alto da encosta da montanha, acima da cidade, havia um castelo. Orain comentou, enquanto cavalgavam:

— O lar de Aldaran de Aldaran. Os Aldaran são da família Hastur dos tempos antigos, mas não se envolvem nas discórdias das terras baixas. Mas os vínculos de sangue sempre são fortes.

— O rei está lá? — perguntou Romilly.

Orain sorriu e deixou escapar um profundo suspiro de alívio.

— Está, sim. Voltamos a uma região em que Rakhal não é admirado e Carolin ainda é o verdadeiro rei. E os pássaros que

trouxemos serão entregues aos leroni do rei dentro de poucos dias. E uma pena que você não tenha o treinamento de um laranzu, rapaz, pois possui o toque. Pode estar certo de que prestou um grande serviço e o rei não será ingrato quando subir ao trono.

Ele olhou pelas ruas.

— Agora, se a memória não me falha, lembro de uma estalagem perto da muralha da cidade, onde os pássaros podem ser alojados e nossas montarias alimentadas, onde é possível obter aquela boa refeição de que Cario falou. Vamos procurá-la.

Enquanto seguiam pela rua estreita, Caryl adiantou-se.

— Lorde Oran, você... o vai dom prometeu que eu seria enviado de volta para meu pai sob uma bandeira de trégua. Ele vai cumprir essa promessa? Meu pai... — A voz do menino titubeou. — Meu pai deve estar temeroso por mim.

— Isso é demais! — explodiu Alaric. — Deixe-o sentir um pouco do que eu senti com meu filho e sua mãe mortos... às mãos de seu pai...

Caryl fitou-o com os olhos arregalados e levou algum tempo para conseguir falar.

— Não o tinha reconhecido, Mestre Alaric, mas agora eu me lembro. Está sendo injusto com meu pai, senhor. Ele não matou seu filho. O menino morreu da febre. Meu próprio irmão também morreu naquele verão e as curandeiras do rei trataram dos dois com o mesmo desvelo. Foi triste que seu filho morresse longe da mãe e do pai, mas juro por minha honra, Alaric, que meu pai não teve qualquer participação na morte do menino.

— E o que me diz da minha pobre esposa, que se jogou da janela para a morte quando soube que o filho morreria longe...

— Eu não sabia disso. — Havia lágrimas nos olhos de Caryl. — Minha própria mãe ficou fora de si com o pesar. Eu não queria deixá-la sozinha, com medo de que ela pudesse causar algum mal a si mesma de tanto sofrimento. Lamento muito... ah, como lamento, Mestre Alaric!

Ele abraçou o homem, acrescentando:

— Se meu pai soubesse disso, tenho certeza que não o perseguiria e não o culparia por sua desavença com ele!

Alaric engoliu em seco; permaneceu imóvel, abraçado pelo menino, enquanto murmurava:

— Deus me conceda que meu próprio filho também me defendesse assim. Não posso culpá-lo pela lealdade a seu pai, meu rapaz. Ajudarei Lorde Orain a providenciar para que você volte são e salvo para ele.

Orain deixou escapar um enorme suspiro de alívio.

— Não o enviaremos para o perigo nas terras baixas sem um exército por trás, Alaric. Ficará aqui com o exército. Mas nesta cidade existe um abrigo da Irmandade da Espada; minha prima é uma dessas guerreiras, e podemos contratar duas ou três para escoltarem o menino são e salvo para o sul, até Thendara. Conversarei com Dom Cario a respeito e talvez Caryl possa partir depois de amanhã. E talvez seja possível também enviar um pássaro-mensageiro para seu pai em Hali, Caryl, informando que você está bem e será escoltado ao seu encontro.

— É muito gentil comigo, Lorde Orain. Gostei da viagem, mas não me agrada pensar no sofrimento de meu pai ou de minha mãe, se ela souber que não estou a salvo em Nevarsin, onde pensa que continuo.

— Tomarei as providências necessárias assim que chegarmos à estalagem — garantiu Orain.

Ele conduziu o pequeno cortejo para um prédio comprido e baixo, com estábulos nos fundos e uma placa com um falcão pintado toscamente.

— Aqui, no Signo do Falcão, podemos jantar bem e descansar depois dessa miserável viagem pela neve. E quantos de vocês gostariam de tomar um banho também? Há fontes quentes na cidade e uma casa de banhos a menos de dez portas da estalagem.

Isso provocou outra aclamação, mas Romilly pensou sombriamente que sua situação era terrível; não podia se arriscar a entrar numa casa de banho para homens, embora se sentisse imunda e ansiosa em se banhar. Mas não havia nada que pudesse fazer. Ela foi providenciar para que os cavalos e chervines ficassem bem alojados, cuidou dos pássaros-sentinelas, depois lavou o rosto e as mãos da melhor forma possível e entrou na estalagem para a

lauta refeição que Orain encomendara. Ele reservara quartos para todos dormirem e declarou que o melhor seria para o jovem Caryl, como sua posição exigia.

— E terei o maior prazer que você partilhe meus aposentos, Rumai.

— É muita gentileza sua — respondeu Romilly, cautelosa -, mas prefiro ficar no estábulo. Os pássaros-sentinelas podem se tornar irrequietos num lugar estranho.

Orain deu de ombros.

— Como quiser. Mas terei de lhe pedir outra coisa durante o jantar.

— O que desejar, senhor.

Foram para o refeitório; havia pão fresco e raízes cozidas, roliças e douradas, além de alguns pássaros assados e um ensopado de legumes. Todos comeram muito, depois das poucas refeições na viagem. Orain também pedira muito vinho e cerveja. Mas não permitiu que Caryl tomasse vinho, e com uma advertência gentil e paternal franziu o rosto para Romilly quando ela se preparava para beber a segunda caneca.

— Sabe muito bem que não tem cabeça para isso, Rumai. Garçom! Traga uma sidra com raízes para os meninos.

— E depois Mamãe Orain vai levar seus meninos para a cama e entoar uma canção de ninar para fazê-los dormir, enquanto nós vamos nos recuperar da longa viagem na casa de banho? — zombou Alaric, bem-humorado para variar.

— Nada disso — respondeu Orain. — Também vou para os banhos com vocês.

— E para uma casa de mulheres em seguida! — gritou um dos homens, enfiando na boca uma colherada das frutas cozidas que encerraram a refeição. — Só Zandru sabe há quanto tempo não olho para uma mulher!

— Também vou e tenciono fazer mais do que olhar! — gritou outro homem.

Orain protestou:

— Façam o que quiserem, mas isso não é conversa na presença dos meninos.

— Também quero um banho — disse Caryl. Mas Orain sacudiu a cabeça.

— A casa de banho aqui na cidade não é como a do mosteiro, meu rapaz, mas sim um ponto de encontro de prostitutas e coisas assim. Posso cuidar de mim mesmo, mas não é lugar para um rapaz respeitável da sua idade. Pedirei que levem uma tina com água para o seu quarto, onde poderá se lavar, depois deitar e descansar. E você também, Rumai. É muito jovem para as pessoas rudes que encontrará na casa de banho. Cuide para que o menino aqui lave os pés direito e depois peça um banho para você. Seria presa fácil para as pessoas terríveis que freqüentam tais lugares, tanto quanto se fosse uma jovem e respeitável donzela.

— Por que mimar tanto o garoto? — indagou Alaric. — Deixe-o conhecer alguma coisa da vida, como sem dúvida você fez quando tinha a idade dele, Lorde Orain!

Orain amarrou a cara.

— O que posso ter feito não é a questão; o menino está sob meus cuidados, assim como o filho de Lyondri. Não é certo que um Hastur fique sem atendimento. Permaneça na estalagem e cuide do rapaz, Rumai, ponha-o na cama. E depois tome seu banho.

— Enfrente-o por seus direitos, rapaz, não se deixe tratar como uma criança! — gritou um dos homens, que já tomara vinho além da conta. — Não é um criado do filhote Hastur!

Romilly disse, aliviada pela solução:

— Para dizer a verdade, prefiro ficar aqui. Sou cristoforo e não sinto a menor atração por essas aventuras.

— Ah, um cristoforo preso ao Credo da Castidade! — escarneceu Alaric. — Fiz o melhor que podia por você, rapaz, mas a decisão é sua se prefere continuar escondido por trás das saias do santo Portador dos Fardos! Está na hora, pessoal! Quem vai comigo para a casa de banho?

Um após outro, os homens levantaram-se e foram para a rua, meio trôpegos. Romilly levou Caryl para cima e pediu o banho prometido; quando a criada o trouxe, ela queria tomar banho junto, como fazia com Rael, mas Caryl fitou-a com o rosto vermelho.

— Não vou dizer nada aos homens, mas sei que é mulher e já sou muito grande para que até minha mãe ou irmã me lavem... e sei tomar banho sozinho! Vá embora, ama Romilly. Mandarei que levem um banho para você também, está certo? Lorde Orain saiu e com certeza ficará nos banhos pela metade da noite, pode estar procurando também uma mulher... como pode ver, sou bastante velho para saber dessas coisas. Assim, você pode tomar banho no quarto dele e ir para sua cama depois.

Romilly não pôde deixar de rir.

— Como quiser, milorde.

— E não ria de mim!

— Eu nem sonharia com isso — respondeu Romilly, tentando manter uma expressão compenetrada. — Mas Lorde Orain incumbiu-me de cuidar para que você lave os pés direito.

— Venho tomando banho sozinho no mosteiro há mais de um ano — disse Caryl, irritado. — Saia logo, ama Romilly, antes que a água do meu banho esfrie. Mandarei levarem uma banheira para você no quarto de Lorde Orain.

Romilly sentiu-se grata por essa solução — na verdade, ansiava por um banho quente. Foi ao estábulo para pegar seus alforjes, enquanto as criadas carregavam uma tina de madeira para o quarto e despejavam água fumegante nela, além de levarem enormes toalhas felpudas e uma caixinha de madeira com erva-sabão. Uma delas demorou-se além do necessário, arregalando os olhos para Romilly e murmurando, num tom sugestivo:

— Gostaria que eu ficasse e o ajudasse, jovem senhor? Seria um prazer lavar seus pés e esfregar suas costas; e por meia moeda de prata ficarei por tanto tempo quanto quiser, e também partilharei sua cama.

Romilly teve de fazer outra vez grande esforço para dissimular um sorriso: era uma situação embaraçosa. Será que parecia mesmo um rapaz tão bonito ou a mulher queria apenas ganhar algum dinheiro? Ela sacudiu a cabeça.

— Estou cansado da viagem. Quero apenas tomar um banho e dormir.

— Quer que eu mande chamar então uma massagista, jovem senhor?

— Não, não preciso de nada... pode sair e me deixar tomar o banho. — Romilly falou com firmeza, mas deu à mulher outra moeda pequena e agradeceu por seu trabalho. — Volte dentro de uma hora para levar a tina.

Finalmente segura da privacidade, ela despiu-se e entrou na tina.

Esfregou-se vigorosamente com a erva-sabão, deitou-se na água quente com um suspiro de satisfação. Lavara-se toda pela última vez na cabana da velha, quando fingia que tencionava casar com Rory. Em Nevarsin lavara-se da melhor maneira que pôde, mas não se atrevera a usar a casa de banho do mosteiro nem ousara tentar encontrar uma casa de banho para mulheres na cidade, embora devesse haver algumas. Não podia ser vista saindo de tal lugar.

Que coisa esplêndida era um banho! Ela continuou deitada na água quente, desfrutando o prazer, até que finalmente a água esfriou. Saiu, enxugou os cabelos com todo cuidado, colocou as roupas de baixo mais limpas. Olhou ansiosa para a cama de Orain, já preparada pelas criadas; com certeza ele terminara de se lavar na casa de banho, encontrara uma mulher em algum lugar para a noite e aquela boa cama seria desperdiçada, enquanto ele dormia no leito de alguma mulher das ruas. Romilly percebeu que sentia uma pontada de ciúme — recordou o sonho em que Orain a acariciara no sono e ficara feliz porque ele a tocara —, será que realmente invejava a desconhecida em cujo leito ele passaria aquela noite?

Mas agora devia chamar a criada para levar a tina e ir para seus alojamentos no estábulo; havia bastante feno para mantê-la aquecida, cobertores em quantidade suficiente, podia até pedir mais, e também tijolos quentes, se quisesse. Ela vestiu o culote e chamou a criada, depois foi bater na porta de Caryl. O menino já estava na cama, meio adormecido, mas sentou para abraçá-la como se fosse sua irmã, desejou-lhe boa-noite e no instante seguinte voltou a se estender, dormindo. Era uma cama grande, dava para três ou quatro pessoas, Romilly sentiu-se tentada a deitar e dormir ao lado do

menino. Afinal, já haviam dormido juntos várias vezes, durante a viagem. Mas ela compreendeu que Caryl ficaria embaraçado se a encontrasse ali pela manhã — ele já tinha idade bastante para ter consciência dela como mulher. Não teria muita importância, ela pensou, bocejando e relutando em sair para o estábulo, se deitasse para dormir um pouco — com certeza Orain não voltaria à estalagem antes do amanhecer, e se aparecesse antes estaria tão bêbado que não a notaria ali, não se importaria se fosse uma mulher ou um cachorro. Ele nunca saberia que ela era mulher, se viajara em sua companhia durante todo aquele tempo e não descobrira. Além disso, Orain não possuía o inconveniente laran que a traíra para Caryl e talvez para Dom Cario.

Dormiria um pouco ali... poderia despertar e ir para o estábulo se ouvisse Orain subindo a escada. A cama era sedutora demais, depois de tanto tempo na estrada. A criada, quando fora buscar a tina, esquentara os lençóis com uma panela de carvões em brasa, que exalavam uma convidativa fragrância de frescor. Romilly não hesitou mais. Deitou-se vestida, puxou as cobertas e começou a cochilar. No fundo de sua mente, cautelosa, pensou: não devo cair em sono profundo, preciso ir para o estábulo, Orain pode voltar antes do momento que imagino... e no instante seguinte mergulhou em profundo sono.

A porta rangeu, Orain entrou no quarto sem fazer barulho, tirando as roupas e bocejando, instalando-se na beira da cama. Romilly sentou, chocada e surpresa por ter dormido tanto. Ele sorriu.

— Ora, rapaz, fique onde está — murmurou Orain, sonolento.
— A cama é bastante grande para dois.

Ele andara bebendo, Romilly percebeu, mas não estava embriagado. Estendeu a mão e passou-a de leve pelos cabelos de Romilly.

— Tão macios... deve ter tomado um bom banho.
— Vou sair agora... Orain sacudiu a cabeça.
— A porta externa da estalagem está trancada. Não pode mais sair. — A voz adquirira outra vez o sotaque suave das terras baixas.
— Fique aqui, rapaz... já estou quase dormindo.

Ele tirou as botas e os trajes externos; Romilly, afastando-se para o outro lado da cama, enfiou a cabeça sob as cobertas e adormeceu.

Ela nunca soube o que a despertou, mas teve a impressão de que foi um grito: Orain remexeu-se na cama, virou-se, soltou um grito e sentou-se, empertigado.

— Ah, Carolin... vão pegar você...

Ele olhava fixamente para o quarto vazio, a voz tão cheia de terror que Romilly compreendeu que sonhava. Puxou-o pelo braço e disse:

— acorde! E apenas um pesadelo!

— Ah... — Orain respirou fundo e a racionalidade voltou a seu rosto. — Vi meu irmão, meu amigo, nas mãos de Rakhal, Zandru lhe mandou açoites de escorpião...

Seu rosto ainda estava transtornado, mas ele tornou a deitar-se. Romilly, enroscando-se, tentou voltar a dormir. Após um momento, porém, sentiu o braço de Orain envolvê-la, puxá-la suavemente. Ela se desvencilhou, assustada. E ele murmurou, com sua voz mais gentil:

— Não sabe como me sinto, rapaz? É tão parecido com Carolin quando éramos meninos juntos... cabelos vermelhos... e tão tímido e retraído, mas tão corajoso quando há necessidade...

Romilly pensou, tremendo: Mas não há necessidade disso, sou mulher... ele não sabe, mas está tudo bem, direi a ele que está tudo bem... Ela tremia embaraçada, inibida, mas ainda assim a profunda afeição que sentia por Orain levou-a a pensar que não era como quando Dom Garris a apalpara nem quando Rory tentara possuí-la à força...

Romilly sentou na cama abruptamente, abraçou-o, encostou a cabeça em seu ombro.

— Está tudo bem, Orain, está tudo bem... — ela sussurrou, os lábios quase roçando o rosto dele. — Você sabia durante todo o tempo, não é mesmo? Eu... eu... Ela não podia dizer. Pegou a mão de Orain e conduziu-a para dentro de sua túnica, contra o seio.

Ele sentou bruscamente, desvencilhando-se, o rosto pegando fogo.

— Pelo fogo do inferno! — Orain balbuciou, num constrangimento incrédulo, chocado, com horror, uma real consternação. — Pelo fogo do inferno, você é mulher!

Ele saltou da cama e ficou parado ao lado, fitando-a fixamente, ajeitando o camisolão, atordado, logo desviou os olhos, numa reação de recato.

— Mil perdões, damisela... humildemente suplico que me perdoe... nunca, nunca... nunca imaginei por um momento sequer... pela misericórdia de Avarra, damisela, não posso acreditar! Quem é você?

Ela respondeu, sacudida por calafrios, todo o corpo tremendo com o choque da rejeição:

— Romily MacAran. E desatou a chorar.

— Oh, Deuses abençoados! — exclamou Orain, inclinando-se para envolvê-la com o cobertor. — Eu... não chore, alguém pode ouvi-la... eu não faria qualquer mal, damisela...

Ele engoliu em seco e recuou, balançando a cabeça consternado.

— Que terrível confusão e como banquei o rematado idiota! Perdoe-me, damisela, nunca lhe encostaria um dedo...

Romilly chorou ainda mais do que antes e ele tornou a se inclinar, tentando gentilmente quietá-la.

— Ah, não chore, damisela, não há motivo para chorar... fique calma... somos amigos de qualquer maneira, não é mesmo? Não me importo que seja uma garota, devia ter seus motivos...

Esforçando-se para conter as lágrimas de Romilly, ele limpou seu nariz suavemente com o lençol e sentou na cama.

— Calma, calma, seja uma boa moça, não chore... não acha que seria melhor se me contasse tudo, minha querida?

Livro Três
A Espadachim

Capítulo Um

A neve caíra perto do amanhecer e as ruas de Caer Donn estavam cobertas por um lençol branco. Mesmo assim, havia uma suavidade no ar que revelava a Romilly, criada no campo, que o degelo da primavera se aproximava e aquele era o último sopro do inverno.

O pai sempre disse que apenas o louco ou o desesperado viaja no inverno; e agora já atravessei o pior das Hellers depois da noite do Solstício do Inverno. Por que estou pensando nisso agora?

Orain afagou seu ombro com a mesma deferência desajeitada que demonstrava desde a noite anterior. E que a deixava com vontade de chorar pelo antigo e descontraído companheirismo perdido. Deveria saber que ele não gostaria tanto dela como mulher; quando pensava melhor sobre o assunto, podia perceber que estava escrito nele e devia ser evidente para todos no grupo, menos para ela.

— Aqui estamos, damisela. Ela reagiu com irritação:

— Meu nome é Romilly, Orain, e não mudei tanto assim.

Os olhos de Orain, ela pensou, pareciam os de um cachorro escorraçado. Ele murmurou:

— Aqui é o abrigo da Irmandade.

Ele subiu os degraus, esperando que Romilly o seguisse. A partir do momento em que sabia... é claro que não podia permitir que ela enfrentasse os perigos da vida no acampamento e nas trilhas pela floresta. Sempre estaria consciente agora de seu sexo indesejável. E, afinal, aquela era a melhor solução.

Uma mulher de rosto duro, com mãos fortes e calejadas, que pareciam mais apropriadas para empunhar um forcado, recebeu-os na sala da frente... ou, pensou Romilly, recebeu-os não era a palavra adequada, mas pelo menos deixou-os entrar. Orain disse:

— Por gentileza, informe a Ama Jandria que o primo dela veio visitá-la.

Sua voz era outra vez impecavelmente cortês, a voz refinada do cortesão, com o último vestígio do sotaque rural oculto com o

maior cuidado. A mulher fitou-os desconfiada e disse:

— Sentem ali.

Ela apontou para um banco como se os dois fossem moleques das ruas que vinham esmolar. Saiu por um corredor. Romilly podia ouvir vozes de mulheres na outra extremidade do prédio. Em algum lugar um martelo batia numa bigorna — pelo menos era o que parecia — e o som familiar e amistoso reduziu um pouco a apreensão de Romilly. Todas as portas da sala da frente estavam fechadas, mas enquanto eles se encontravam ali, duas jovens, usando túnicas escarlates, os cabelos metidos sob gorros vermelhos, passaram de braços dados. Não eram obviamente o que a madrasta de Romilly chamaria de damas: uma possuía enormes mãos vermelhas, como as de uma leiteira, usava uma calça comprida e larga, por cima das botas.

No fundo da sala outra mulher apareceu. Era esguia e bonita, Romilly calculou que tinha mais ou menos a idade de Orain, quarenta anos, ou por aí, os cabelos escuros e rentes, com fios brancos nas têmporas.

— E então, parente, o que quer conosco? — Ela tinha o sotaque rural que Orain aprendera a ocultar. — E o que o traz aqui no inverno? Negócios do rei, pelo que ouvi dizer... e como ele está?

Ela se aproximou e deu-lhe um abraço rápido e jovial, “um beijo casual em algum lugar da face dele”.

— O rei está bem, Aldones seja louvado, com os Aldaran no momento — respondeu Orain suavemente. — Mas tenho dois pupilos para entregar aos seus cuidados, Janni.

— Dois? — As sobrancelhas grisalhas se altearam numa careta cômica. — Em primeiro lugar, o que é isso, rapaz ou moça... ou ainda não se decidiu?

Romilly, com um rubor escaldante, baixou os olhos para o chão; a zombaria jovial da mulher parecia descartá-la como coisa inútil.

— Seu nome é Romilly MacAran — informou Orain. — E não zombe dela, Janni. Viajou conosco pelo pior clima e região das Hellers e nenhum de nós, nem mesmo eu, percebeu que era mulher. Cumpru toda a sua parte e cuidou de nossos pássaros-sentinelas, o

que eu nunca soube que uma mulher podia fazer. Trouxe-os vivos e em boas condições, assim como os cavalos. Achei que ela era um rapaz competente, mas a situação é ainda mais extraordinária do que imaginei. Por isso eu a trouxe para você...

— Já que não tinha uso para ela depois que descobriu que não era um dos seus rapazes — comentou Jandria, com um sorriso irônico.

Ela fez uma pausa, fitando Romilly.

— Não pode falar por si mesma, menina? O que a levou para as montanhas em roupas de homem? Se foi para melhor procurar um homem, então pode sair, pois não queremos entre nós mulheres que possam nos trazer a alcunha de meretrizes disfarçadas. Viajamos com os exércitos, mas não somos vivandeiras, que isso fique bem claro! Por que deixou sua casa?

O tom ríspido pôs Romilly na defensiva.

— Saí de casa porque meu pai pegou o falcão que treinei pessoalmente, com minhas próprias mãos, e deu-o a meu irmão; e achei que isso não era justo. Também não queria casar com o Herdeiro de Scathfell, que me obrigaria a ficar sentada dentro de casa, bordando almofadas e criando seus horríveis filhos!

Os olhos de Jandria pareciam penetrar no seu interior.

— Tem medo do casamento e parto, hem?

— Não, não é isso — respondeu Romilly bruscamente. — Mas gosto de cavalos, cachorros e falcões, e se algum dia me casar... — Ela não sabia o que ia dizer até que falou. — ... gostaria de casar com um homem que me queira como sou, não como uma boneca pintada que ele possa chamar de esposa sem pensar no que ou quem ela é! E prefiro casar com um homem que não pense que sua masculinidade está ameaçada se a esposa for capaz de sentar numa sela e carregar um falcão! Mas não desejo casar, ou pelo menos não agora. Quero viajar, conhecer o mundo, fazer coisas...

Ela parou. Estava se saindo muito mal. Parecia uma filha descontente e desobediente, não mais do que isso. Mas era assim e não de outra forma, se Ama Jandria não gostasse... Ora, já vivera como homem em segredo antes e poderia muito bem fazê-lo de novo, se fosse preciso!

— Não estou pedindo sua caridade, Ama Jandria, e Orain me conhece melhor do que isso!

Jandria riu.

— Meu nome é Janni, Romilly. E Orain não sabe nada sobre as mulheres.

— Ele gostou muito de mim até descobrir que eu era mulher — comentou Romilly, espicaçada outra vez pela lembrança.

Janni riu de novo.

— É isso o que eu estava querendo dizer. Agora que ele sabe, nunca mais a verá da mesma maneira. Sempre achará que deveria estar usando saias e fazendo coisas de mulher, a fim de não ser levado a confiar contra a vontade. Baixou a guarda para você antes, não duvido, pensando que era seguro, agora nunca a perdoará por isso... não é mesmo?

— Está sendo muito dura comigo, Janni — murmurou Orain, contrafeito. — Mas tenho certeza que pode compreender que Ama MacAran não tem condições de continuar a viajar com homens e levar uma vida árdua de acampamento, ainda mais com os homens rudes que eu comando.

— Apesar de ela ter feito isso durante dez dias — comentou Jandria, com a insinuação de um sorriso irônico. — Mas tem razão, este é o lugar para ela; e se é mesmo competente com cavalos e pássaros, sempre podemos aproveitá-la, se estiver disposta a viver conforme nossas regras.

— Como posso saber enquanto não conhecê-las? — indagou Romilly.

Jandria soltou uma risada.

— Gosto dela, primo. Pode deixá-la comigo, não vou mordê-la. Mas espere um pouco... disse que tinha dois pupilos para mim...

— Isso mesmo. O outro é o filho de Lyondri Hastur, Carolin. Ele era estudante no mosteiro em Nevarsin e caiu em nossas mãos como refém... não importa como aconteceu, é melhor se você não souber. Mas dei minha palavra de que o menino será enviado para Thendara sob uma bandeira de trégua, ileso, assim que as passagens estiverem abertas. Não posso acompanhá-lo pessoalmente...

— Não, claro que não pode. Por mais que sua cabeça esteja recheada de besteiras e seja feia como o pecado, ainda adorna seus ombros melhor do que adornaria a ponta de uma lança nos portões do covil de Lyondri. Está certo, levaremos o rapaz para Thendara por você; eu mesma posso ir. Lyondri não vê meu rosto desde que dançávamos juntos em festas de crianças e não lembraria dele sem os cachos compridos e as fitas nos cabelos. — Ela riu, como se fosse uma piada particular. — Qual é a idade do jovem Carolin agora? Deve ter oito ou nove...

— Acho que doze anos, e é um bom menino — disse Orain. — É uma pena que tenha se envolvido em tudo isso, mas salvou meu pescoço e os de meus homens. Carolin tem todos os motivos para ser grato a seu afilhado. Por isso, Janni, guarde-o bem.

Ela assentiu.

— Eu o levarei para o sul assim que as passagens estiverem abertas; pode mandá-lo para cá. — Jandria riu mais uma vez e tornou a abraçar Orain. — E agora deve ir embora, parente... o que será da minha reputação se souberem que recebi um homem aqui? Ou, pior ainda, o que dirão de você se se espalhar a notícia de que é capaz de falar cortesmente com uma mulher?

— Ora, Janni, pare com isso... — Mas Orain levantou-se para partir. Olhou embaraçado para Romilly, estendeu a mão. — Desejo-lhe boa sorte, damisela.

Desta vez ela não se deu ao trabalho de corrigi-lo. Se Orain não podia perceber que ela era a mesma, estivesse com as roupas de um homem ou assumindo o nome de uma Grande Casa, tanto pior para ele; não parecia mais o seu amigo Orain. Romilly sentiu vontade de chorar de novo, mas não o fez, pois Janni a observava, como se a avaliasse. Depois que Orain se retirou e a porta estava fechada, ela indagou:

— O que aconteceu? Ele tentou atraí-la para a cama e recuou horrorizado quando descobriu que você era mulher?

— Não foi exatamente assim — protestou Romilly, saindo em defesa de Orain, sem saber por quê. — Foi... ele me tratou muito bem, pensei que sabia que eu era mulher e me queria assim... Não

sou uma vagabunda. Uma vez quase matei um homem que queria me possuir contra a minha vontade.

Ela estremeceu e fechou os olhos; pensara que estava livre do horror angustiante da tentativa de estupro de Rory, mas isso não ocorrera.

— Mas Orain foi bom e eu... eu gostava muito dele, apenas pensei em ser gentil, se era o que ele queria tanto.

Janni sorriu e Romilly se perguntou, na defensiva, o que podia ser tão engraçado. Mas a mulher mais velha limitou-se a dizer, suavemente:

— E você ainda é donzela, não duvido.

— Não me envergonho por isso!

— Como você é melindrosa! Vai viver de acordo com nossos regulamentos?

— Só poderei responder se me explicar quais são. Janni tornou a sorrir.

— Muito bem. Será irmã de todas nós, qualquer que seja a posição que cada uma possa ter? Pois deixamos as posições para trás quando ingressamos na Irmandade; não será Dama ou damisela aqui, e ninguém saberá que nasceu numa Grande Casa, ou se importará com isso. Deve realizar sua parte de qualquer trabalho que tivermos e nunca pedir clemência ou consideração especial porque é mulher. E se tiver ligações amorosas com homens, deve conduzi-las numa decente privacidade, para que nenhum homem jamais possa dizer que a Irmandade é uma companhia de vivandeiras. A maioria jurou viver em celibato enquanto seguirmos os exércitos e a espada, embora seja uma coisa que não impomos a ninguém.

Parecia exatamente o que Romilly desejava. E foi o que ela disse.

— Mas é capaz de jurar?

— Com o maior prazer.

— Deve jurar então que sua espada estará sempre pronta para defender qualquer uma de nossas irmãs, na paz ou na guerra, caso algum homem ponha as mãos em uma que não o deseje.

— Eu teria o maior prazer em jurar isso, mas não creio que minha espada seria de alguma utilidade, pois nada sei de esgrima.

Janni sorriu e abraçou-a.

— Nós lhe ensinaremos. E agora pegue suas coisas e vamos para a sala interna. O tolo do Orain lembrou-se de lhe servir um desjejum ou estava com tanta pressa de livrar-se de você que esqueceu que as mulheres também sentem fome?

Romilly, ainda magoada com a rejeição e a angústia, não queria acompanhar Janni na diversão à custa de Orain, mas era tão próximo ao que de fato acontecera que não pôde deixar de rir.

— Estou mesmo com fome — ela confessou. Janni pegou um dos seus fardos.

— Tenho um cavalo no estábulo da estalagem — informou Romilly.

— Mandarei uma das irmãs buscá-lo, em seu nome. Vamos para a cozinha, o desjejum foi servido há muito tempo, mas sempre podemos conseguir algum pão e mel... E depois furaremos suas orelhas para que possa usar nosso símbolo, e as outras mulheres saberão que é uma de nós. Poderá prestar o juramento esta noite. Apenas por um ano, a princípio, mas depois, se gostar da vida, por três anos. E quando tiver vivido entre nós por quatro anos, pode decidir se deseja assumir um compromisso pela vida inteira, se prefere continuar sozinha ou voltar para sua família e casar.

— Nunca! — exclamou Romilly, com a maior veemência.

— Treinaremos esse falcão quando as penas de suas asas estiverem crescidas. Por enquanto, pode tomar a espada conosco e se tiver alguma habilidade com falcões e cavalos será ainda mais bem acolhida. Nossa velha treinadora de cavalos, Mhari, morreu da febre dos pulmões neste inverno e as mulheres que trabalhavam com ela estão com os exércitos no sul. Nenhuma das mulheres no abrigo neste momento sabe sequer montar direito, muito menos domar os cavalos para a sela. Pode fazer isso? Temos quatro potros prontos para serem domados e muitos mais em nosso abrigo próximo a Thendara.

— Fui criada no Ninho dos Falcões — disse Romilly. Mas Janni levantou a mão em advertência.

— Nenhuma de nós tem família ou passado além de nossos nomes. Devo avisá-la de novo que não é dama ou damisela MacAran entre nós.

Censurada, Romilly ficou calada.

Mas não importa qual o nome que eu me dê, ainda sou Romilly MacAran, do Ninho dos Falcões. Não estava me gabando de minha linhagem, apenas explicando como pude ser treinada — dificilmente aprenderia essas coisas em qualquer lugar nas colinas! Mas se ela prefere pensar que eu queria me gabar, nada do que eu disser poderá mudar essa opinião, e ela deve pensar o que quiser. Romilly sentia-se como se fosse velha, cética e experiente, tendo obtido grande sabedoria. Seguiu Janni em silêncio pelo corredor e através das grandes portas no final dele.

Sua linhagem também deve ser boa, apesar de toda sua recusa em falar a respeito, já que falou em ter dançado com Lyondri Hastur em festas de crianças. Talvez ela também tenha sido advertida para não comentar seu passado.

Foi um dia longo e movimentado. Romilly comeu pão, queijo e mel na cozinha, foi enviada para praticar combate desarmado com um grupo de moças, todas mais competentes do que ela — não entendia um único dos movimentos que tentavam lhe ensinar, sentiu-se desajeitada e tola. Mais tarde, ainda naquele mesmo dia, uma mulher de rosto duro, na casa dos sessenta anos, deu-lhe uma espada de madeira, como as que ela e Ruyven brincavam quando eram crianças, tentou ensinar-lhe os movimentos defensivos básicos, mas Romilly sentiu-se completamente perdida nisso também. Havia tantas mulheres — ou pelo menos pareciam muitas, embora descobrisse na hora do jantar que havia apenas dezenove mulheres no abrigo — que ela não podia sequer recordar seus nomes. Posteriormente ela pôde fazer amizade com os cavalos no estábulo, para onde o seu fora levado — descobriu ser mais fácil lembrar os nomes dos animais —, e havia também uns poucos chervines. E depois Janni furou suas orelhas e pendurou pequenas argolas de ouro.

— Apenas enquanto os furos estiverem cicatrizando — ela explicou. — Depois terá o emblema da Irmandade. Por enquanto,

deve ficar girando as argolas para que os furos cicatrizem sem infecção e lavá-los três vezes por dia com água quente e folha de espinheiro.

Depois, na presença das mulheres reunidas, apenas rostos indefinidos para os olhos cansados de Romilly, Janni conduziu-a no juramento da Irmandade. Até o degelo da primavera do ano seguinte Romilly estava presa por juramento à Irmandade da Espada. Isso feito, as mulheres começaram a lhe fazer perguntas, que ela hesitou em responder, diante da proibição de Janni de fazer comentários sobre sua vida passada. Deram-lhe uma camisola bastante usada e remendada, e ela foi para um quarto comprido, com meia dúzia de camas, ocupadas por moças de sua idade, ou mais jovens. Teve a impressão de que mal adormecera quando foi despertada pelo som de uma sineta, estava lavando o rosto e se vestindo num quarto com meia dúzia de moças, todas correndo de um lado para outro semidespidas e brigando por causa das bacias com água.

Durante os primeiros dias Romilly experimentou a sensação de que estava sempre ofegante atrás de um grupo de mulheres correndo para algum lugar e que precisava acompanhar de qualquer maneira. As aulas de combate desarmado assustavam-na e confundiam-na... e a instrutora tinha uma voz ríspida e furiosa. Uma tarde, porém, quando foi mandada para auxiliar na cozinha, onde se sentia mais à vontade, a instrutora, Merinna, apareceu e pediu uma xícara de chá, pôs-se a conversar cordialmente depois de servida, o que levou Romilly a desconfiar que seu rigor nas aulas era uma atitude assumida para forçar todas a prestarem absoluta atenção no que faziam. As aulas de esgrima eram mais fáceis, pois ela algumas vezes tivera permissão para assistir às lições de Ruyven e chegara a praticar com ele — quando tinha oito ou nove anos o pai achava engraçado vê-la empunhando uma espada, embora quando ficara mais velha ele a proibira de assistir às aulas ou sequer tocar numa espada de brinquedo. Pouco a pouco ela se recordou daquelas antigas lições e começou a se sentir bastante confiante, pelo menos com os bastões de madeira usados nos exercícios.

Onde Romilly se sentia mesmo completamente à vontade era com os cavalos no estábulo. Realizava aquele trabalho desde que tinha idade suficiente para esfregar erva-sabão numa sela e poli-la com óleo.

Polia arreios um dia quando ouviu uma algazarra na rua e logo depois uma das moças mais jovens entrou correndo para chamá-la.

— O, Romy, venha... o exército do rei está passando pelo final da rua e Merinna nos deixou sair para olhar! Carolin marchará para o sul assim que as passagens estiverem abertas...

Romilly largou o pano oleoso e correu para a rua, acompanhando Lillia e Marga. Elas se postaram numa porta e ficaram assistindo. A rua estava repleta de cavalos e homens, a multidão de espectadores aclamava Carolin.

— Olhem, olhem, lá vai ele, sob a bandeira prateada com o pinheiro azul dos Hastur... Carolin, o rei! — gritou alguém.

Romilly esticou o pescoço para ver, mas só conseguiu vislumbrar um homem alto, com um perfil forte e ascético, não muito diferente de Cario, um momento antes do manto se levantar, deixando à mostra apenas os cabelos avermelhados.

— Quem é aquele homem alto e magro que está logo atrás do rei? — indagou alguém.

Romilly, que o teria reconhecido mesmo no escuro e com o rosto escondido, respondeu:

— Seu nome é Orain, e ouvi dizer que é um dos irmãos adotivos de Carolin.

— Eu o conheço — disse uma das moças. — Ele foi visitar Jandria, alguém me contou que era parente dela, mas fiquei sem saber se devia ou não acreditar.

Romilly observou os cavalos, homens e bandeiras passando, com desprendimento e pesar. Poderia estar ainda cavalgando com eles, se fosse para sua cama no estábulo naquela noite; ainda estaria ao lado de Orain, ainda seria tratada como seu amigo e igual. Mas era tarde demais para isso agora. Ela virou-se abruptamente e disse:

— Vamos entrar e terminar nosso trabalho... já vi muitos cavalos antes e um rei é um homem como os outros, Hastur ou não!

Os exércitos, ela fora informada, estavam se deslocando para uma vasta planície nos arredores de Caer Donn. Poucos dias depois ela foi chamada por Janni. Quando entrou na sala de frente, onde se encontrara com Janni pela primeira vez, deparou com Orain e Caryl.

Orain cumprimentou-a com algum constrangimento, mas Caryl correu para seus braços no mesmo instante.

— Oh, Romilly, como tenho sentido saudades de você! Ora, está vestida de mulher, isso é ótimo, agora não preciso estar sempre me lembrando que devo lhe tratar como se fosse um homem!

— Dom Carolin — disse Janni formalmente, atraindo a atenção do menino.

— Estou escutando, mestra — murmurou Caryl, usando o mais polido dos termos para uma mulher inferior em posição.

— Lorde Orain incumbiu-me de escoltá-lo até Hali e devolvê-lo a seu pai, sob salvo-conduto. Há duas opções: estou disposta a tratá-lo como um homem de honra e indagar suas preferências, em vez de tomar as decisões por você. Tem idade bastante para me escutar a sério, responder com sensatez e manter sua palavra?

O rostinho de Caryl estava tão sério quanto nos momentos em que ele cantava na capela em Nevarsin.

— Tenho, sim, mestra Jandria.

— A situação é simples. A outra opção será tratá-lo como prisioneiro e mantê-lo constantemente vigiado... e não se engane, somos mulheres, mas não seremos negligentes com você, não permitiremos que escape.

— Sei disso, mestra — ele respondeu polidamente. — Tive uma governanta que era muito mais rigorosa comigo do que qualquer dos mestres e irmãos no mosteiro.

— Pois então pode responder agora. Será nosso prisioneiro ou nos dará sua palavra de que não tentará fugir, a fim de que possa cavalgar ao nosso lado e desfrutar a viagem na medida do possível? Será uma viagem árdua e tudo se tornará mais simples se pudermos permitir que siga sem ser vigiado a cada momento do dia e da noite, sem precisar amarrá-lo à noite. Não hesitarei em aceitar o compromisso de um Hastur, se me der sua palavra de honra.

Caryl não respondeu imediatamente, indagando primeiro:

— São inimigas de meu pai?

— Não particularmente — respondeu Janni. — De seu pai, meu rapaz, sei apenas o que me contaram. Mas sou inimiga de Rakhal, de quem seu pai é amigo; portanto, não confio nele. Mas também não foi a ele que pedi a palavra de honra. Estou tratando com você, Dom Carolin, não com seu pai.

— Romilly irá conosco?

— Pensei em entregá-lo aos cuidados de Romilly, já que ela viajou com você antes, se isso for do seu agrado.

Ele sorriu.

— Eu gostaria muito de viajar com Romilly. E com o maior prazer darei minha palavra de honra de que não tentarei escapar. O que quer que aconteça, não poderia viajar sozinho pelas Hellers. Prometo que acatarei suas ordens até ser devolvido às mãos de meu pai, mestra.

— Muito bem — disse Janni. — Aceito sua palavra, assim como deve aceitar a minha de que o tratarei como a uma das minhas irmãs e não lhe imporei qualquer indignidade. Quer me dar a sua mão para selar o acordo, Dom Carolin?

Ele estendeu a mão e trocaram um aperto. Depois, Caryl disse:

— Não precisa me chamar de Dom Carolin, mestra. Esse é o nome do antigo rei, que é inimigo de meu pai, embora não seja meu. Sou chamado de Caryl.

— E você deve me chamar de Janni, Caryl. — Ela sorriu finalmente. — Será nosso hóspede, não um prisioneiro. Romy, leve-o para o quarto de hóspedes e providencie tudo o que ele precisar. Orain, partiremos amanhã, se o tempo permitir.

— Eu lhe agradeço, prima. E a você também — acrescentou Orain, virando-se para Romilly e inclinando-se cerimonioso sobre sua mão como um cortesão, ela pensou.

Magoada, ela refletiu que poucos dias antes Orain a teria envolvido com um rude abraço. E torceu, de forma súbita e intensa, para que nunca mais se encontrassem.

Deixaram Caer Donn na manhã seguinte, bem cedo, é já estavam há uma hora na estrada quando o sol vermelho surgiu, enorme e gotejante com a neblina. Caryl cavalgava no pônei que

Jandria preparara para ele, ao lado do cavalo de Romilly; atrás, seguiam seis mulheres da Irmandade, conduzindo uma dúzia de bons cavalos para os exércitos no sul, segundo informaram. Não explicaram que exércitos e Romilly teve a precaução de não perguntar.

Era bom viajar outra vez ao sol, sem o frio e as tempestades do início da jornada através das Hellers. Pararam ao meio-dia para alimentar os cavalos e descansá-los um pouco; depois, seguiram em frente. Armaram acampamento ao final da tarde e, por ordem de Jandria, um dos cavalos de carga foi descarregado. Enquanto duas mulheres acendiam o fogo, Janni chamou Romilly.

— Venha até aqui me ajudar a montar esta tenda, Romy... Romilly não tinha a menor idéia de como se montava uma tenda, mas obedientemente esticou cordas e cravou pinos onde Janni mandava; não demorou muito para que uma lona grande impermeável estivesse pronta para ser usada. Os cobertores foram estendidos no interior da tenda. A chuva fina do anoitecer não afetou o fogo do jantar sob a cobertura de lona. Logo o caldo estava pronto, quente e saboroso, com fatias de cebola fritas na gordura de uma ave assada. As mulheres sentaram de pernas cruzadas em seus cobertores, comendo em tigelas de madeira.

— Está tudo ótimo — comentou Caryl, com admiração. — Os homens nunca armam um acampamento tão confortável.

Janni riu.

— São tão bons para cozinhar e caçar quanto as mulheres e lhe diriam isso, se perguntasse; mas talvez pensem que não é viril procurar o conforto nos acampamentos e prefiram condições difíceis, porque isso faz com que se sintam duros e fortes. Quanto a mim, não me agrada dormir na chuva, e não sinto a menor vergonha em admitir que gosto de conforto.

— Eu também gosto — concordou Caryl, roendo uma das pontas de seu osso. — Assim é melhor, Janni. Obrigado.

Uma das mulheres, Lauria, que Romilly não conhecia muito bem, pegou uma harpa e começou a tocar. Sentaram em torno da fogueira, cantando baladas das montanhas, por cerca de meia hora. Caryl ficou escutando, os olhos brilhando, mas acabou recostando-

se, sonolento, meio adormecido. Janni gesticulou para Romilly e disse:

— Pode tirar as botas do rapaz e ajeitá-lo no cobertor?

— Claro.

Romilly começou a remover as botas de Caryl, mas ele sentou no mesmo instante e protestou, sonolento. Lauria interveio, irritada:

— Deixe que o menino cuide de si mesmo, Romy! Janni, por que uma de nossas irmãs deveria servir ao rapaz, que é nosso prisioneiro? Não somos súditas nem servas dos Hastur!

— Ele é apenas um menino — respondeu Janni, apaziguadora.
— E estamos sendo bem pagas para cuidar dele.

— Ainda assim, a Irmandade não tem escravas para um desses homens — insistiu Lauria. — Fico espantada, Janni, que por dinheiro você aceitasse a missão de escoltar um menino pelas montanhas...

— Menino ou menina, ele não pode viajar sozinho e não precisa ser envolvido nas desavenças dos adultos! — respondeu Janni. — Além do mais, Romilly está disposta a cuidar dele...

— Não duvido — comentou uma das estranhas, com uma risada desdenhosa. — Uma dessas mulheres que ainda pensam que seu dever na vida é servir algum homem... ela desgraçaria seu brinco...

— Cuido do menino porque ele está com sono demais para cuidar de si mesmo! — explodiu Romilly. — E porque ele tem mais ou menos a idade do meu irmão menor! Não cuidaria de seu irmãozinho, se o tivesse... ou se considera superior demais para cuidar de alguém que não seja você mesma? Se o Sagrado Portador dos Fardos pôde carregar o Mundo-criança em seus ombros através do Rio da Vida, por que não posso cuidar de qualquer criança que caia em minhas mãos?

— Ah, uma cristoforo! — escarneceu uma das mulheres mais jovens. — Recita o Credo de Castidade antes de dormir, Romy?

Romilly já ia dar uma resposta furiosa — não fazia comentários grosseiros sobre os Deuses das outras, era melhor que não falassem de sua religião -, mas percebeu que Janni franzia o rosto e limitou-se a comentar, suavemente:

— Posso pensar em coisas piores para dizer em vez disso.

Ela virou as costas à jovem irada e foi estender o cobertor de Caryl ao lado do seu.

— Vamos deixar que um macho durma em nossa tenda? — indagou a moça que protestara antes, furiosa. — Essa é uma tenda só para mulheres!

— Cale-se, Mhari! — respondeu Janni, irritada. — O menino não pode dormir na chuva, junto com os cavalos. Os regulamentos da Irmandade visam o bom senso e ele é pouco mais que um bebê! É bastante tola para pensar que ele será capaz de estuprar uma de nós?

— É uma questão de princípio — insistiu Mhari. — Porque o pirralho é um Hastur vamos permitir que se intrometa num lugar da Irmandade? Eu sentiria a mesma coisa se ele não tivesse mais que dois anos!

— Espero que você nunca tenha o mau gosto de gerar um filho em vez de uma filha — disse Janni, irônica. — Por uma questão de princípio, iria se recusar a amamentá-lo no seio? Vá dormir, Mhari; o menino ficará deitado entre Romilly e eu, e protegeremos sua virtude.

Caryl abriu a boca para falar, mas Romilly cutucou-o nas costelas e ele não disse nada. Ela percebeu que o menino fazia um esforço para não rir. Parecia tolice, mas ela calculou que as irmãs tinham regras e princípios, da mesma forma que os irmãos em Nevarsin. Deitou ao lado de Caryl e dormiu.

Descobriu-se sonhando, sonhos bem nítidos, como se estivesse voando, ligada mentalmente a Preciosa, sobrevoando as colinas verdes e ondulantes de sua terra. Despertou com um aperto na garganta, recordando a paisagem do longo vale dos penhascos do Ninho dos Falcões. Algum dia tornaria a ver seu lar, a irmã e os irmãos? Os furos nas orelhas doíam. Sentia saudades de Orain e Cario, até mesmo do rude Alaric. E ainda não fizera amizade entre aquelas estranhas mulheres. Mas estava ligada a elas por um ano pelo menos, não havia como evitá-lo. Prestou atenção a Caryl, serenamente dormindo a seu lado, escutou a respiração das mulheres na tenda. Nunca se sentira tão sozinha em toda a sua vida, nem mesmo quando fugira da cabana de Rory na montanha.

Seguiram para o sul por cinco dias e chegaram ao rio Kadarin, a tradicional barreira entre os Domínios das terras baixas e os contrafortes das Hellers. Parecia a Romilly que deviam dar mais importância ao ingresso em território estranho, mas para Janni era apenas a travessia de outro rio. Cruzaram-no sem problemas, num vau em que a água mal alcançava os boletos dos cavalos. As colinas não eram mais tão altas e pouco depois alcançaram um platô ondulante. Caryl ficou radiante; mantivera-se animado durante toda a viagem e agora estava exultante. Romilly imaginou que ele se sentia contente por estar perto de casa e porque a aventura interrompera seus estudos.

Contudo, ela estava apreensiva sem montanhas ao redor; experimentava a sensação, enquanto cavalgava pela terra plana, sob o céu aberto, de que era alguma coisa pequena, exposta; a todo instante esquadrihava os ares, assustada, como se temesse que alguma ave de rapina pudesse de repente baixar e arrebatá-la em suas garras poderosas. Sabia que era ridículo, mas mesmo assim continuou a examinar o céu pálido, povoado por nuvens violetas, como se alguma coisa a vigiasse. Caryl, viajando a seu lado, finalmente percebeu o ânimo dela, com seu laran sensível.

— Qual é o problema, Romy? Por que fica olhando para o céu desse jeito?

Ela não tinha uma resposta objetiva e tentou explicar com uma evasiva.

— Eu fico apreensiva sem montanhas ao redor... sempre vivi nas colinas e me sinto exposta aqui.

Romilly fez um esforço para soltar uma risada, tornando a contemplar o céu desconhecido. Lá no alto, uma pequena mancha pairava, nos limites de seu campo de visão. Tentando ignorá-la, ela baixou os olhos para a relva, coberta apenas por uma camada mínima de geada.

— Sabe que espécie de falcoagem existe aqui nas planícies?

— Meu pai e seus amigos têm falcões verrin. Sabe alguma coisa sobre eles, Romy? Existem falcões verrin no outro lado do rio ou apenas aqueles enormes e feios pássaros-sentinelas?

— Eu sei caçar com um falcão verrin, que treinei pessoalmente... Romilly tornou a olhar ao redor, apreensiva, sentindo a pele arrepiar.

— Você mesma? Uma mulher?

A pergunta inocente reabriu um ferimento antigo e ela respondeu bruscamente:

— Por que não deveria? Fala da mesma forma que meu pai, como se eu não tivesse inteligência ou espírito só porque nasci para usar uma saia em volta das pernas!

— Não tive a intenção de ofendê-la, Romy — murmurou Caryl, com uma gentileza que o fazia parecer muito mais velho do que era.

— Acontece apenas que não tenho muito contato com moças, a não ser minha irmã, que ficaria apavorada se tivesse de tocar num falcão. Mas se você é capaz de controlar um pássaro-sentinela e acalmar um pássaro-espírito, como fizemos juntos, então certamente não teria dificuldades para treinar um falcão.

Ele virou-se para fitá-la, observando com a cabeça um pouco inclinada para o lado, semelhante a um pássaro, os olhos brilhantes e inquisitivos.

— De que tem medo, Romy?

— Não tenho medo de nada — ela respondeu, apreensiva sob o olhar do menino. — Apenas... tenho a sensação de que alguém me vigia.

Ela não sabia o que ia dizer até ouvir suas próprias palavras. Compreendendo agora como era absurdo, tratou de acrescentar, na defensiva:

— Talvez seja apenas porque... a terra é muito plana.. . eu me sinto... completamente exposta.. .

E seus olhos tornaram a esquadrihar o céu, ofuscados pelo sol, onde ainda pairava uma pequena mancha, nos limites entre o visível e o invisível... Estou mesmo sendo observada!

— Isso não é incomum — comentou Janni, aproximando-se. — Na primeira vez em que fui às montanhas tive a sensação de que estavam se fechando, que podiam se aproximar e tocar minhas saias enquanto eu dormisse. Agora estou acostumada, mas ainda assim quando desço para as planícies tenho a impressão de que um

enorme peso foi removido, e posso respirar mais facilmente. Acho que é isso, mais do que todos os reis ou costumes, o que separa os habitantes das colinas dos moradores das terras baixas. Ouvi Orain dizer a mesma coisa, que sempre que se afasta de suas montanhas sente-se nu e com medo sob o céu aberto...

Romilly quase podia ouvi-lo fazendo o comentário, no seu tom gentil, meio irônico. Ainda sentia saudades de Orain, seu companheirismo descontraído, ela parecia como um peixe numa árvore entre todas aquelas mulheres. Suas vozes a irritavam e às vezes pensava que, apesar de toda a habilidade com a espada e o cavalo, pareciam muito com sua irmã Mallina, tolas e tacanhas. Apenas Janni dava a impressão de estar livre da mesquinhez que sempre encontrara nas mulheres. Mas isso só ocorria porque Janni era como Orain e não como uma mulher típica? Ela não sabia e ainda se sentia muito magoada para pensar sobre o assunto agora.

Contudo, ela pensou, contrariada consigo mesma: há quarenta dias eu cheguei à conclusão que gostava da companhia dos homens ainda menos do que da companhia das mulheres. Não estou contente em parte alguma? Por que não posso ficar satisfeita com o que tenho? Se estarei sempre descontente, poderia muito bem ter permanecido em casa e me casado com Dom Garris; e seria descontente no conforto, entre coisas familiares!

Sentiu o contato suave e inquisitivo do laran do menino em sua mente; como se lhe perguntasse qual era o problema. Ela suspirou e sorriu, fez uma sugestão:

— Vamos apostar uma corrida pela campina? Nossos cavalos são iguais e assim o resultado indicará quem monta melhor.

Os dois partiram, lado a lado, tão depressa que Romilly teve de concentrar toda a sua atenção em não cair, parando de pensar no que a perturbava. Alcançou o objetivo determinado um corpo inteiro à frente de Caryl, mas Janni, aproximando-se mais devagar, censurou os dois imparcialmente — não conheciam o terreno, poderiam machucar os cavalos em alguma pedra invisível ou num buraco de animal escondido na relva!

Mas naquela noite, ao armarem o acampamento — os dias eram mais longos agora, de forma perceptível, ainda estava claro

quando jantaram —, Romilly experimentou outra vez a nítida sensação de que era observada, como se fosse algum pequeno animal, uma presa se encolhendo sob os penetrantes olhos de um falcão. Esquadrinhou o céu que escurecia, mas nada avistou. E depois, para sua incredulidade, surgiu uma sensação familiar de contato, delirante, fugaz. .. e mal pensando no que fazia, ela levantou a mão, sentiu o bater de asas e a pressão das garras.

— Preciosa! — ela gritou, enquanto as garras se fechavam em seu pulso nu.

Abriu os olhos para contemplar o brilho preto-azulado das asas, os penetrantes olhos, foi envolvida pela velha sensação de intimidade. Contra toda e qualquer esperança, além de tudo que se podia acreditar, Preciosa de alguma forma a encontrara depois que saíra da região de geleira, seguira-a pelas colinas desconhecidas até as planícies.

Ela estava em boas condições, esguia, brilhante, bem alimentada. Havia mais caça naquelas planícies do que nas Colinas Kilghard, onde ela fora criada. Uma satisfação sem palavras fluiu entre as duas por longo tempo, Romilly permanecendo sentada, com o falcão na mão.

— Ei, olhem só para isso! — gritou uma das moças, sua voz interrompendo a mútua abstração. — De onde veio o falcão? Ela está enfeitiçada!

Romilly respirou fundo. E disse a Caryl, que a observava em silêncio, extasiado:

— É meu falcão. De alguma forma, ela me seguiu até aqui, tão longe de casa, tão longe...

E parou de falar, chorando tanto que não podia continuar. Perturbada pela emoção, Preciosa bateu as asas, tentando se equilibrar no pulso de Romilly; depois voou para os galhos de uma árvore próxima, onde pousou, olhando para as pessoas sem qualquer indício de medo. Mhari perguntou:

— É seu próprio falcão... o que treinou? E Janni disse, em voz suave:

— Tinha me contado que seu pai a tirou de você, deu a seu irmão...

Romilly teve de fazer um esforço para controlar a voz.

— Acho que Darren descobriu que Preciosa não era de meu pai para que ele pudesse dá-la.

Através das lágrimas, ela olhou para o galho em que Preciosa estava pousada e outra vez o contato se estabeleceu em sua mente. Ali, entre mulheres estranhas, em terra estranha, com tudo o que já conhecera para trás, e além da fronteira de um rio estranho, olhou para Preciosa e experimentou o familiar contato mental, compreendendo que não estava mais sozinha.

Capítulo Dois

Viajaram por mais três dias e entraram numa região quente, de verdejantes e ondulantes colinas, ar suave, apenas com a mais tênue precipitação de geada. Até o final de sua vida Romilly iria se lembrar daquela primeira incursão pelas Planícies de Valeron — pois Caryl dissera que assim eram chamadas -, verdes e férteis, as colheitas desabrochando pelos campos e árvores, sem sequer as ervilhas-de-neve como flores noturnas. Ao longo da estrada havia uma profusão de flores, vermelhas, azuis e prateadas-douradas. O sol vermelho, quente e enorme, naquele céu meridional, projetava sombras púrpuras pela estrada. O próprio ar parecia doce, eufórico. Caryl estava extasiado, apontando pontos de referência para Romilly a todo instante.

— Eu não esperava voltar para casa antes do próximo Solstício do Verão. Ah, como estou contente por voltar...

— E seu pai mandou-o desta região quente e acolhedora para as neves de Nevarsin? Ele deve ser mesmo um bom cristoforo.

Caryl sacudiu a cabeça e naquele momento seu rosto parecia distante, fechado, quase adulto. E ele murmurou:

— Sirvo ao Senhor da Luz, como melhor convém a um Hastur. Então por que... Romilly quase fez a pergunta, mas aprendera que era melhor não interrogar o menino sobre o pai dele. Mas Caryl captou a indagação em sua mente e acabou explicando:

— Os cristoforos em Nevarsin são sábios e homens de bem. Desde que os Cem Reinos foram criados que há guerra e caos nas terras baixas, e os conhecimentos que se pode adquirir são mínimos; meu pai desejava que eu aprendesse em paz, longe das guerras e a salvo das hostilidades entre os Hastur. Ele não partilha o culto dos Irmãos, mas respeita a religião deles e o conhecimento de que são homens de paz.

Ele se calou e Romilly, respeitando esse silêncio — que cenas de guerra e pilhagem aquele menino testemunhara, longe das colinas protetoras que mantinham os homens a salvo em suas casas-fortalezas? —, seguiu em frente pensativa. Ouvira histórias de

guerra, à distância, em suas montanhas pacíficas. Recordou que aquela região verde e tranqüila fora devastada. Parecia agora, para sua percepção hipersensível, manchada com o preto do sangue sob o sol vermelho, tudo escuro, o próprio solo chorando pelo massacre dos inocentes e os horrores de exércitos pisoteando as plantações. Ela estremeceu e abruptamente a cena desapareceu. Romilly compreendeu que estivera partilhando a consciência do menino.

O pai fez muito bem em enviar o filho para a segurança entre os penhascos frios e imperturbáveis da Cidade das Neves; um tempo de descanso, um tempo de curar as feridas de uma criança com laran, sensível e consciente de todos os horrores da guerra. Com súbita e intensa saudade, Romilly sentiu-se grata por sua infância de paz e pela obstinação que mantivera O MacAran como um homem independente, sem aderir a qualquer das facções que arrasavam a terra em sua ânsia de conquista. O que era mesmo que ele costumava dizer? Às forjas mais profundas de seu Deus Zandru com as duas famílias...

Oh, pai, será que algum dia voltarei a vê-lo?

Ela olhou para Caryl, mas ele continuava a avançar em silêncio ao seu lado, sem ver. Romilly compreendeu que ele se encontrava envolto por sua própria angústia, sem perceber a dela ou pelo menos cego no esforço para criar um bloqueio. Como pude chegar a esse ponto, ter de recorrer a um menino de doze anos, não muito mais velho do que meu próprio irmão caçula, em busca de conforto, quando não consigo suportar o destino que eu mesma escolhi? Viajava entre pessoas estranhas e especulou por um momento se cada uma das mulheres ao redor se sentia assim, vergada ao próprio peso extenuante, sustentando sua quota dos fardos impostos à humanidade. É por isso que os homens invocam o Portador dos Fardos como se ele fosse não apenas um mestre de sabedoria, mas também um Deus... para que possamos ter Deuses que suportem nossos fardos, porque de outra forma são pesados demais para a humanidade agüentar?

Ela não podia suportar a tristeza no rosto de Caryl. Pelo menos era uma mulher adulta, podia arcar com seu fardo, enquanto ele não

passava de uma criança. E interrompeu o devaneio de Caryl, indagando gentilmente:

— Devo chamar Preciosa do céu para viajar com você? Acho que ela se sente solitária...

Assoviano para Preciosa e ajeitando-a na sela de Caryl, ela foi recompensada quando o peso adulto desapareceu do rosto infantil e ele voltou a ser apenas um menino, observando alegremente um falcão voar para sua sela.

— Quando essa guerra acabar, Romy, quando a terra estiver em paz outra vez, poderei ter você como meu mestre falcoeiro e me ensinará tudo sobre o treinamento de falcões? Ou será que uma moça não pode ser mestre falcoeiro? Então você será minha mestra falcoeira um dia, está bem?

Ela respondeu suavemente:

— Não sei onde qualquer de nós estará quando a guerra terminar, Caryl. Seria um prazer ensinar a você tudo o que sei sobre falcões. Mas lembre-se de que muito do que sei não pode ser ensinado. Você deve descobrir em algum lugar no seu íntimo, em seu coração e no seu laran... — A beira da consciência, Romilly compreendeu que agora se sentia inteiramente à vontade com aquela palavra estranha. — ... para conhecer os pássaros e amá-los, ter noção de seus hábitos.

E ela descobriu que era fácil acreditar que aquele menino tão sensato, com sua percepção sensível de homens e animais, com a seriedade dos monges entre os quais fora criado e a sedução dos Hastur, talvez um dia se tornasse rei. Pareceu por um instante que ela podia ver o brilho luminoso de uma coroa sobre os cachos avermelhados... e depois eliminou a visão indesejável. Estava aprendendo depressa, refletiu, a manipular o dom que lhe fora concedido, e suspendê-lo quando quera.

Fora assim que seu pai aprendera a sobreviver, fora de uma Torre, ela especulou, bloqueando todo o laran que não podia usar em seu trabalho de treinamento de cavalos? E ela teria capacidade de bloquear toda essa nova parte de si mesma? Suportaria tê-la... ou não tê-la? Era um dom aterrador e acarretava algumas penalidades. Não era de admirar, agora, as velhas histórias que

circulavam nas montanhas de homens levados à loucura quando seu laran aflorava...

E como Caryl poderia se tornar rei? Seu pai não era rei, mas um vassalo sob juramento de Dom Rakhal; não importava quem ganhasse aquela guerra, Rakhal ou Carolin, Lyondri Hastur não seria rei. Ou será que ele se mostraria falso para Rakhal, como fizera com Carolin, na ambição de criar uma dinastia de seu próprio sangue?

— Romilly... Romy! Está dormindo na sela? — A voz alegre de Caryl interrompeu o devaneio dela. — Posso ver se Preciosa caçará para mim? Precisamos de algumas aves para o jantar, não é mesmo?

Ela sorriu para o menino.

— Se ela quiser caçar para você, então caçará, mas não posso prometer que caçará para qualquer outra pessoa além de mim. Mas primeiro deve perguntar a Dama Jandria se precisaremos de aves para o jantar; é ela quem está no comando desta expedição, não eu.

— Desculpe — disse Caryl, sem qualquer arrependimento, a palavra uma mera formalidade. — Mas é difícil lembrar que ela é uma nobre e não me ocorre naturalmente lembrar de lhe pedir, enquanto com você sempre estou consciente que tem o sangue dos Hastur.

— Acontece que eu não tenho — respondeu Romilly. — E Janni, caso não saiba, é prima de Lorde Orain; portanto, o sangue dela é no mínimo tão bom quanto o meu.

Caryl ficou subitamente assustado.

— Gostaria que não tivesse me falado, pois isso a torna uma das maiores inimigas de meu pai e não quero que ele a odeie...

Romilly censurou-se por sua imprudência; o menino estava abalado. Ela se apressou em dizer:

— A posição não tem o menor significado na Irmandade e Jandria renunciou aos privilégios proporcionados pelo nascimento nobre. E eu também, Caryl.

E ela percebeu que o menino parecia aliviado, embora não entendesse o motivo.

— Perguntarei a Jandria se vamos precisar de caça para o jantar -acrescentou Romilly. — E você voará Preciosa, se ela obedecer ao seu comando. Tenho certeza de que Jandria não vai

objetar se você quiser uma ave para seu jantar... a menos que tente fazer com que uma de nós a depene e cozinhe para você.

— Posso fazer isso pessoalmente — declarou Caryl, orgulhoso, depois sorriu e baixou os olhos. — Se me ensinar como se faz...

Romilly riu e Caryl a acompanhou.

— Eu o ajudarei a cozinhar a ave em troca de um pedaço... combinado?

Três noites depois começaram a percorrer a margem de um lago entre as colinas. Caryl apontou para uma casa grande, que não chegava a ser um castelo, situada na cabeceira do longo vale.

— Ali fica Hali e o castelo de meu pai.

Romilly achou que parecia mais um palácio do que uma fortaleza, mas não fez qualquer comentário. Caryl acrescentou:

— Ficarei contente em rever meu pai e minha mãe.

Romilly especulou: até que ponto o pai poderia se sentir contente por ver um filho mantido como refém pelos homens de seu pior inimigo, tirado da segurança de Nevarsin, para onde o mandara? Mas ela não fez qualquer comentário. Naquela manhã, voando através dos olhos de Preciosa, esquadrinhara toda a vasta extensão das Planícies de Valeron, com exércitos se concentrando e movimentando nas fronteiras. A guerra em breve estaria nas terras baixas, mais uma vez.

E durante todo aquele dia viajaram por uma terra devastada pela guerra; fazendas em ruínas, enormes torres de pedras em que não restava uma pedra sobre outra, apenas escombros diversos, como se algum movimento monstruoso, talvez um terremoto, as tivessem arrancado de suas próprias fundações; que exército, que arma terrível fizera aquilo? Houve um momento em que precisaram fazer um desvio, pois ao chegarem ao topo de uma elevação depararam com uma aldeia em ruínas no vale em frente. Um estranho silêncio pairava sobre as terras, embora as casas permanecessem intactas, serenas e pacíficas, sem fumaça se elevando nas chaminés, sem o barulho de cascos de cavalos, crianças brincando, martelos batendo em bigornas ou as canções de trabalho das mulheres enquanto fiavam. Um silêncio assustador envolvia a aldeia e agora Romilly pôde divisar um tênue brilho

esverdeado, como se as casas estivessem banhadas em algum miasma terrível, um trágico nevoeiro quase concreto. Ela compreendeu subitamente que, no momento em que a noite caísse, a rua e as casas brilhariam na escuridão com uma estranha luminescência.

E mesmo enquanto olhava, avistou o vulto esguio e faminto de um predador se esgueirando silenciosamente pela rua; e passou a se movimentar mais devagar, caiu, ficou estendido na terra, ainda se mexendo debilmente, sem qualquer grito. Jandria disse bruscamente:

— Pó-da-morte. Onde a substância foi lançada, do ar, a terra morre, as próprias casas morrem; se passássemos por ali, não estaríamos em situação melhor do que aquele gato-da-floresta em poucas noites. Vamos sair daqui... é melhor nem ficar perto. Esta estrada se encontra fechada como se um ninho de dragões a guardasse; ou pior ainda, pois sempre podemos de alguma forma lutar até com os dragões, mas contra isso não há como combater. Durante dez anos ou mais esta terra ficará amaldiçoada e os próprios animais da floresta nascerão disformes. Já vi um gato-das-montanhas com quatro olhos e um chervine das planícies que tinha dedos no lugar dos cascos. Horrível! — Ela estremeceu, fazendo uma volta com seu cavalo. — Vamos passar o mais longe possível deste lugar. Não tenho o menor desejo de ver meus cabelos e dentes caindo e meu sangue se transformar em água nas veias.

O amplo desvio acrescentou dois ou três dias à viagem, e Janni advertiu Romilly para que não deixasse Preciosa caçar.

— Ela morreria se comesse alguma caça contaminada por essa substância usada na guerra, mas não tão depressa para poupá-la de grande sofrimento; e se nós comêssemos, também poderíamos perder os cabelos e dentes, se não nos acontecesse coisas piores ainda. A contaminação perdura por muito tempo em toda a região ao redor, espalha-se nos corpos de predadores e animais inofensivos que vagueiam pela terra empestada. Ela pode jejuar por mais um ou dois dias, é mais seguro do que se arriscar a caçar muito perto desse lugar.

E assim, por dois dias, Romilly manteve Preciosa em sua sela; embora tivesse jurado a si mesma que nunca mais confinaria seu falcão liberto, cedeu ao medo finalmente e amarrou peias em suas pernas.

Não ousei deixar você voar pois comeria uma caça que a mataria, foi a mensagem que ela tentou transmitir, formando em sua mente, para que Preciosa pudesse compreender claramente, uma imagem da caça luzindo com um brilho insalubre e venenoso. Não teve certeza se fez contato com a mente do falcão, que se manteve na sela numa atitude soturna e retraída, mas pelo menos não lutou contra as peias, viajando com a cabeça enfiada sob a asa. Romilly podia sentir a intensa fome que Preciosa experimentava, mas ela parecia disposta a permanecer presa daquele jeito, para sua própria proteção.

Finalmente parecia que estavam fora de perigo, embora Janni advertisse a todas as mulheres que se punhados de cabelos começassem a cair ou dentes se tornassem frouxos deveriam avisá-la imediatamente; achava que haviam feito um círculo bastante amplo em torno da terra contaminada, mas...

— Nunca se pode ter certeza com essa substância mortífera.

Janni mantinha uma expressão determinada e furiosa e houve um momento em que comentou para Romilly, com a expressão sortuna e os olhos rápidos que fizeram-na lembrar de Preciosa:

— Orain foi criado naquela aldeia. E agora nenhum homem poderá viver ali por vários anos. Que todos os Deuses amaldiçoem Lyondri e suas armas diabólicas!

Romilly lançou um olhar rápido para Caryl, mas o menino não ouvira ou então soube disfarçar bem. Como devia ser pesado o fardo que ele carregava!

Acamparam um pouco cedo naquela noite. Enquanto as mulheres armavam a tenda, Janni chamou Romilly para se afastarem um pouco do acampamento.

— Venha comigo. Preciso conversar com você. Não, Caryl, você não.

O menino ficou para trás, como um filhote de cachorro escorraçado. Janni afastou-se com Romilly e fez sinal para que ela se

sentasse, depois também se acomodou, de pernas cruzadas, na relva macia.

— Algum sinal de dentes afrouxando e cabelos caindo?

Romilly exibiu os dentes num sorriso, levantou a mão e deu um puxão nos cabelos curtos.

— Nem um pouco, Janni.

A mulher mais velha deixou escapar um suspiro de alívio.

— Evanda seja louvada por proteger suas donzelas! Descobri alguns fios soltos esta manhã quando escovei os cabelos, mas estou ficando velha e isso pode acontecer com a idade. Ainda assim, não pude deixar de temer que não tivéssemos nos desviado o suficiente daquele lugar amaldiçoado. Que louco destruiria a própria terra de seus vassalos? Claro que já lutei na guerra, posso aceitar o incêndio de uma fazenda, embora não me agrade matar os humildes por causa das guerras dos grandes e poderosos, mas uma fazenda queimada pode ser reconstruída, as plantações arrasadas podem ser novamente cultivadas quando a paz se restabelece. Mas destruir a própria terra para que nenhuma planta nasça ali durante uma geração? Talvez eu seja escrupulosa demais para uma guerreira.

Ela ficou em silêncio por um momento, antes de indagar:

— Teve algum problema com seu prisioneiro?

— Não — respondeu Romilly. — Ele está contente por voltar para casa, mas tem cumprido sua palavra.

— Foi o que pensei, mas fico satisfeita por ouvir você confirmar.

Ela afrouxou os fechos de prata do manto e abriu-o, suspirando enquanto o vento desmanchava os abundantes cabelos. O rosto estava vincado e cansado. Romilly murmurou, com súbita compaixão:

— Está exausta, Jandria. Deixe-me assumir sua parte do trabalho no acampamento esta noite, vá para a tenda e descanse. Levarei seu jantar assim que ficar pronto.

Janni sorriu.

— Não é o cansaço que me aflige, Romilly. Sou veterana e calejada para viajar e acampar, já dormi em lugares muito mais

desconfortáveis sem a menor lamúria. Estou perturbada, isso é tudo, pois o bom senso me diz uma coisa e a honra me diz outra.

Romilly especulou qual poderia ser o problema que atormentava Janni. A mulher sorriu e pegou sua mão.

— O jovem Carolin está sob meus cuidados e a honra determina que seja eu quem o entregue ao pai. Mas pensei que poderia mandar você escoltá-lo pelas muralhas da cidade de Hali e entregá-lo nas mãos de Lorde Hastur.

O primeiro pensamento de Romilly foi o de que assim teria a oportunidade de conhecer a grande cidade das terras baixas; o seguinte, de que lamentaria muito se separar de Caryl. Só depois é que compreendeu que também teria de se encontrar com o grande vilão que era Lyondri Hastur.

— Por que eu, Janni?

Jandria suspirou profundamente.

— Por um lado, você conhece a etiqueta e os costumes de uma Grande Casa. Sinto-me uma traidora da Irmandade ao dizer isso, pois jurei que deixaria para trás as posições sociais. Mhari, Reba, Shaya... todas são boas mulheres, mas conhecem apenas os modos rudes das fazendas de seus pais e não posso enviá-las nessa missão de diplomacia. E mais do que isso, pela segurança de todas nós.

Ela fez uma pausa, com um sorriso tenso, pouco mais que uma careta.

— Não importa o que eu disse a Orain, Lyondri Hastur me reconheceria mesmo que eu usasse as penas do pássaro-espírito e fizesse a dança do Ya num Vento Fantasma! Não tenho o menor desejo de ser pendurada na forca de um traidor. Carolin e Orain também estavam entre os que Lyondri mais amava e agora figuram entre os que ele persegue com a maior fúria. Carolin, Orain, Lyondri e eu... nós quatro fomos criados juntos.

Janni hesitou, suspirou de novo e acrescentou:

— Orain não sabe disso; nunca desejou conhecer o que acontece entre homem e mulher. . . ora, pelo fogo do inferno! Por que me envergonha dizer que Lyondri e eu deitamos juntos mais de uma vez, antes mesmo de eu me tornar uma mulher completa? Agora que me afastei dele, acho que Lyondri teria o maior prazer em

me enforçar, se minha morte causasse angústia a Carolin. Também não suporto a perspectiva de encontrá-lo... que Avarra me ajude, mas não consigo deixar de amá-lo, quase tanto quanto o odeio!

Ela fez uma pausa, engolindo em seco, olhando para o chão e apertando ainda mais a mão de Romilly.

— Sabe agora por que me sinto tão covarde com a possibilidade de encontrá-lo, por mais que ele jure que aceitará a bandeira de trégua... ele pode me poupar por causa do nosso amor antigo, mas não tenho certeza...

— Não precisa se preocupar, Janni — murmurou Romilly, percebendo a angústia da mulher mais velha. — Terei o maior prazer em ir. Você não deve se arriscar.

— Vendo você, pode compreender isso, Romilly?, Lyondri e Rakhal verão apenas uma estranha e, mais do que isso, uma estranha que Caryl ama muito, alguém que foi gentil com seu filho; e sabem apenas que você é uma enviada da Irmandade, não uma rebelde ou alguém que jurou fidelidade a Carolin. Falando claramente, Romilly, estou mandando-a para o perigo... é possível que Lyondri não honre sua promessa de segurança para a pessoa que lhe levar seu filho; mas você pode se arriscar a algo pior do que a prisão. Lyondri é capaz de matá-la; tenho certeza de que não perderia uma oportunidade de se vingar de mim.

O perigo, para ela, contra a morte certa para Janni? Romilly hesitou apenas um instante e Janni acrescentou, cansada:

— Não posso lhe ordenar que assuma esse risco, Romilly. Só posso pedir. Não é possível enviar Caryl sozinho para a cidade; jurei que ele seria entregue são e salvo nas mãos do pai.

— Pensei que ele tivesse jurado que daria salvo -conduto...

— E jurou mesmo, mas não confio em Lyondri. Assim que ele percebe que pode tirar proveito de uma situação, como sempre fez...

Ela cobriu o rosto com as mãos. Romilly sentia-se fraca e assustada. Mas a Irmandade a aceitara quando estava sozinha, abrigara-a e alimentara-a, acolhera-a com amizade. Devia isso a elas. E prestara um juramento. Apertando a mão de Janni, ela murmurou:

— Eu irei, minha irmã. Confie em mim.

Antes de partirem para a cidade, Caryl lavou-se com o maior cuidado num córrego, pediu um pente a uma das mulheres e ajeitou os cabelos, depois cortou as linhas. Tirou de um alforje suas roupas, um pouco esfarrapadas — durante os últimos dias usara refugos das mulheres, a fim de poder lavar seus trajes e se apresentar limpo no retorno à corte, embora nada pudesse fazer para que se tornassem uma vestimenta adequada a um príncipe.

Ele comentou, pesaroso:

— O pai me mandou um traje novo para o Festival antes da noite do Solstício do Inverno e tive de deixá-lo no mosteiro por ter partido abruptamente. Porém não se pode fazer mais nada agora, isto é o melhor que tenho.

— Cortarei seus cabelos, se quiser — propôs Romilly.

Ela aparou seus cabelos encaracolados num comprimento normal e escovou-os até brilharem. Caryl riu e disse que não era um cavalo para ser tão escovado, mas contemplou-se com satisfação no córrego.

— Pelo menos pareço outra vez um cavalheiro: detesto me apresentar esmolambado como um vagabundo. Mestra Jandria não vai conosco? Meu pai não poderia ficar zangado com uma pessoa que foi tão gentil com seu filho.

Jandria sacudiu a cabeça.

— Houve desavenças antigas entre Lyondri e eu antes de você ser concebido ou Rakhall procurar o trono de Carolin, meu caro rapaz; por isso, prefiro não me encontrar com seu pai. Romilly o levará.

— Ficarei contente por seguir com Romilly e tenho certeza de que meu pai se mostrará grato a ela.

— Em nome de todos os Deuses dos Hastur, meu rapaz, espero que assim seja. — Quando Caryl inclinou-se sobre sua mão de uma maneira cortês, ela acrescentou, como as mulheres das colinas: — Adelandeyo. Viaje com os Deuses, meu rapaz, que todos o acompanhem, e a Romilly.

Apenas Romilly, observando a tensão no queixo de Janni, o tremor em seus olhos, sabia o que ela estava pensando: Que os

Deuses a protejam, menina, e cuidem para que escape sã e salva das mãos de Lyondri Hastur.

Romilly subiu na sela. Com uma clareza que não lhe era habitual, a não ser quando se encontrava em contato com seu falcão, vendo tudo através de seu laran e não dos olhos, contemplou o céu pálido, a tenda da Irmandade; ouviu as pancadas fortes do lugar em que Mhari e Lauria praticavam com os bastões de madeira que usavam como espadas, viu duas outras mulheres empenhadas no treinamento dos movimentos defensivos do combate desarmado, um ritual semelhante a uma dança que condicionava os músculos a reagirem sem pensamento. Ainda podia ver a fumaça da fogueira do desjejum, sentiu-se alerta e assustada — cheiro de fumaça quando não havia comida cozinhando? — antes de se lembrar que não estavam mais na floresta e que não havia ali, na campina verdejante, a menor possibilidade de fogo no mato.

Vestira-se de modo tão impecável quanto podia, com seu melhor manto, o que Orain lhe comprara no mercado em Nevarsin — embora agora se sentisse contrafeita com o presente, mas não tinha mais nada tão bom e tão quente -, e tomara emprestada a túnica mais limpa que conseguira encontrar no acampamento. Estava consciente dos brincos que ainda ardiam nas orelhas, revelados pelos cabelos curtos. Ora, ela disse a si mesma, na defensiva, eu sou o que sou, uma mulher da Irmandade da Espada — embora ainda não seja capaz de usá-la com eficiência —, e Lyondri Hastur pode muito bem me aceitar como uma emissária com salvo-conduto; por que deveria me preocupar se pareço uma dama? O que Lyondri significa para mim? E, no entanto, uma vozinha que parecia com a de Luciella dizia em sua mente, com uma censura afetada: Romy, que vergonha, botas e culote, montada como um homem, o que diria seu pai? Ela ordenou bruscamente que a voz se calasse.

Murmurou para seu cavalo e acenou com a cabeça para Caryl, que conduziu sua montaria para um trote leve ao lado de Romilly.

Hali era uma cidade sem muralhas, com ruas largas que pareciam estranhamente macias sob os pés; à sua expressão de perplexidade, Caryl sorriu e explicou que haviam sido feitas pela

tecnologia de matriz, sem o trabalho de mãos humanas. Romilly assumiu uma expressão cética e ele acrescentou:

— É verdade, Romy. O pai me mostrou uma vez como pode ser feita, a fixação das pedras com as redes de matriz, operadas por dez ou doze leroni ou laranzu'in. Um dia serei também um bruxo e trabalharei entre os transmissores e telas!

Romilly permaneceu cética, mas não havia o menor sentido em contestar o que um menino ouvira do pai, e por isso se manteve calada.

Caryl orientou-a pelas ruas e ela teve de fazer o maior esforço para não olhar ao redor a todo instante, como uma caipira; Nevarsin era uma boa cidade e Caer Donn também, mas Hali era completamente diferente. Em vez das ladeiras calçadas com pedras e das casas de pedra bem juntas como se estivessem se comprimindo sob os penhascos das Hellers ou do Castelo de Aldaran, havia ruas largas e habitações baixas e abertas. Romilly nunca vira uma casa que não fosse construída como uma fortaleza para ser defendida e imaginou como os cidadãos podiam dormir seguros em suas camas à noite; a cidade nem ao menos era murada.

E as pessoas que andavam pelas ruas pareciam de uma raça diferente dos habitantes das montanhas, que eram corpulentas, envoltas por pele e couro contra o frio intenso, pareciam duras e ferozes; ali, naquela aprazível cidade das terras baixas, homens e mulheres bem vestidos circulavam pelas ruas largas em trajes coloridos: túnicas bordadas, saias pintadas e véus para as mulheres; casacos compridos e calças para os homens, mantos finos de cores brilhantes, mais para adorno do que proteção.

Uma ou outra pessoa nas ruas parava e olhava para a cabeça vermelha flamejante do menino e para a mulher esguia, de calça comprida e brincos nas orelhas que cavalgava a seu lado, exibindo o escarlate da Irmandade e usando um antiquado manto de pele das montanhas, de fabricação doméstica. Caryl murmurou:

— Eles me reconhecem. E acham que você também é da família Hastur, por causa dos cabelos vermelhos. O pai pode pensar

a mesma coisa. E você deve ser dos nossos, Romilly, com seus cabelos vermelhos e o laran também.

— Não penso assim. Acho que cabeças vermelhas nascem em famílias nas quais nunca apareceram antes, assim como às vezes também surge um sangrador ou um albino marcado desde o útero, sem qualquer precedente na história da família. Os MacAran têm sido ruivos desde quando posso me lembrar... lembro que os cabelos de minha bisavó, que morreu antes que eu aprendesse a montar, embora claros por cima pela idade, eram mais vermelhos do que os meus nas raízes.

— O que prova que devem ter sido outrora parentes dos filhos de Hastur e Cassilda — insistiu o menino.

Mas Romilly sacudiu a cabeça.

— Acho que não prova nada disso. Sei pouco sobre os seus Hastur...

Com o maior tato, ela reprimiu as palavras seguintes que afluíam à sua língua: e o pouco que sei não me agrada muito. Mas sabia que o menino ouvia as palavras não pronunciadas tão bem quanto escutava as enunciadas; ele baixou os olhos para sua sela e não disse nada.

E agora, ao se encaminharem para uma Grande Casa no centro da cidade, Romilly começou a se sentir um pouco assustada. Afinal, ia se encontrar com a besta que era Lyondri Hastur, o homem que seguira o usurpador Rakhal e exilara Carolin, matara e expulsara de suas terras muitos dos partidários do rei deposto.

— Não precisa se assustar — disse Caryl, estendendo a mão entre os cavalos. — Meu pai ficará grato a você porque me trouxe de volta. Eu lhe garanto, Romy, que ele é um homem generoso. E soube que prometeu uma recompensa quando a mensageira da Irmandade me levasse à sua presença.

Não quero recompensa, pensou Romilly, exceto a de escapar sã e salva, com a pele inteira. Contudo, como a maioria dos jovens, ela era incapaz de conceber que daí a uma hora poderia muito bem estar morta.

Diante das enormes portas um guarda saudou Caryl com surpresa e satisfação.

— Dom Caryl! Fui informado de que seria devolvido hoje! Então viu a guerra e tudo o mais! É um prazer tê-lo de volta em casa, meu rapaz!

— Olá, Harryn. Também estou contente por vê-lo. — Caryl sorriu. -E esta é minha amiga Romilly, que me trouxe de volta...

Romilly sentiu os olhos do homem percorrerem seu corpo de alto a baixo, da pena no gorro de tricô às botas, mas tudo o que ele disse foi:

— Seu pai está à sua espera, jovem amo; eu o levarei a ele imediatamente.

Romilly sentiu que era a oportunidade de escapar sem mais delongas, e se apressou em dizer:

— Vou deixá-lo nas mãos do guarda de seu pai...

— Essa não, Romilly! — protestou Caryl. — Deve entrar e conhecer meu pai, tenho certeza de que ele está ansioso em recompensá-la...

Posso imaginar, pensou Romilly; mas Janni estava certa. Não havia motivo concreto para que Lyondri Hastur quebrasse a palavra empenhada e aprisionasse uma espadachim anônima e desconhecida, contra quem não tinha qualquer ressentimento pessoal. Ela desmontou, viu seu cavalo ser levado, e acompanhou Caryl pelo interior da Grande Casa.

Lá dentro, uma espécie de funcionário de voz suave — tão elegantemente vestido, tão afável, que chamá-lo de servo parecia inadmissível para Romilly — informou a Caryl que o pai o esperava na sala de música. Caryl disparou por uma porta, deixando Romilly para segui-lo mais devagar.

Então este é o Lorde Hastur, a besta cruel de quem Orain falou. Não devo pensar isso; como Caryl, ele também deve ter o laran, é capaz de ler minha mente.

Um homem alto e esguio ergueu-se das profundezas de uma poltrona, onde mantinha uma pequena harpa nos joelhos; largou-a, inclinou-se para a frente, na direção de Caryl, pegou suas mãos.

— Está de volta, Carolin? — Ele puxou o menino, beijou-o na face; parecia ter tido de se abaixar muito para fazê-lo. — E está

bem, meu filho? Parece bastante saudável; pelo menos a Irmandade não o deixou com fome.

— Ao contrário — declarou Caryl. — Alimentaram-me muito bem e trataram-me com a maior gentileza; quando passávamos por uma aldeia, uma delas sempre me comprava bolos e doces, enquanto outra me emprestava um falcão para caçar se queria aves frescas no jantar. Esta é a que tinha o falcão.

Ele soltou as mãos do pai e pegou Romilly, puxando-a para a frente, antes de acrescentar:

— Ela é minha amiga. Seu nome é Romilly.

E, assim, finalmente, Romilly se encontrava frente a frente com o Lorde Hastur; era um homem esguio, de feições contraídas, dando a impressão de que não relaxava um instante sequer. Sua boca estava cerrada e os olhos, cinzentos, sob as pestanas claras, pareciam com os de um falcão.

— Fico agradecido por ter sido boa com meu filho — disse Lyondri Hastur, a voz controlada, neutra, indiferente. — Pensei que em Nevarsin ele estaria fora do alcance da guerra, mas os homens de Carolin, não tenho a menor dúvida, julgaram que tê-lo como refém era uma boa idéia.

— Não foi idéia de Romilly, pai — interveio Caryl.

Romilly compreendeu que o menino pensara a respeito e rejeitara a possibilidade de comunicar ao pai que Orain ficara furioso com sua detenção; não era o momento oportuno para mencionar o nome de Orain. E Romilly compreendeu também, pela maneira quase imperceptível, com que Lorde Hastur cerrou os dentes, que ele ouvira perfeitamente o que o filho não dissera; e parecia que uma sombra de sua voz, distante e fantástica, dizia quase alto na mente de Romilly: Outra conta a acertar com Orain, que foi meu partidário sob juramento antes de passar para o lado de Carolin.

Eu deveria manter esta mulher como refém; ela pode saber alguma coisa do paradeiro de Orain... e onde Orain estiver, Carolin não pode estar longe.

Mas àquela altura o menino era capaz de ler o pensamento não enunciado e fitou o pai com profundo horror. E disse, num sussurro:

— Deu sua palavra... a palavra de um Hastur.

Romilly quase que pôde ver a brilhante imagem que o menino tinha do pai romper-se e desmoronar diante de seus olhos. Lyondri Hastur olhou do filho para a mulher e declarou, em voz seca:

— Espadachim, sabe onde Orain está neste momento?

Ela sabia que não poderia mentir com os olhos implacáveis de Lyondri observando-a, pois ele lhe arrancaria a verdade em poucos momentos. E foi com imenso alívio que compreendeu que não precisava mentir.

— Vi Orain pela última vez em Caer Donn, quando ele levou Caryl... Dom Carolin. ao abrigo da Irmandade. E isso aconteceu há mais de dez dias. Imagino que agora ele está com o exército.

Embora tentasse, ela não pôde evitar em sua mente a imagem do exército passando pela rua, com a bandeira dos Hastur, azul e prateada, Orain cavalgando ao lado do rei invisível. Lyondri não o consideraria rei, mas um usurpador. ..

Fiz promessas que não podia cumprir — nada sabia do homem a quem servia, acabei me tornando o carrasco e opressor de Rakhal -, e foi com um choque que Romilly compreendeu que estava mesmo recebendo tais pensamentos do homem à sua frente; ou não seria absolutamente isso, apenas o interpretava como fazia com os animais, pelos movimentos mínimos dos olhos e corpo, coordenando-os de alguma forma com seus pensamentos? Sentiu-se profundamente contrafeita com o contato e aliviada quando cessou de repente, como se Lyondri Hastur percebesse o que acontecia e tratasse de bloquear.

Tenho lido pensamentos, mais ou menos, durante a maior parte da minha vida, por que isso deveria me perturbar e confundir agora?

Lorde Hastur declarou com suave formalidade:

— Devo-lhe uma recompensa pelos cuidados que dispensou a meu filho. Concederei qualquer coisa, exceto armas que possam ser usadas contra mim nesta guerra injusta. Declare o que deseja como resgate por meu filho, com essa única exceção.

Jandria a preparara para isso e Romilly respondeu com firmeza:

— Devo pedir três sacos com suprimentos médicos para os abrigos da Irmandade, ataduras, a geléia que ajuda a coagular o

sangue e o pó karalla.

— Creio que se pode chamar tais coisas de armas, pois sem dúvida serão usadas para ajudar a curar os feridos na rebelião contra seu rei. — Mas Lyondri Hastur deu de ombros e acrescentou: — Terá o que pede. Darei ordens a meu intendente para que providencie tudo, e terá ainda um animal de carga para transporte até seu acampamento.

Romilly deixou escapar um suave suspiro de alívio. Não seria aprisionada, não ficaria ali como refém.

— Acreditou que eu poderia fazer isso? — indagou Lyondri Hastur em voz alta, secamente, depois soltou uma risada curta.

Romilly tornou a ler sua mente, dois telepatas não podiam mentir um para o outro. Ela era afortunada porque Lyondri não queria desiludir o filho em relação a sua honra.

Romilly subitamente descobriu estar grata por não ter se encontrado com Lyondri Hastur sem a presença de Caryl ou num momento em que ele não se interessasse em manter a admiração do filho.

— Pai, esta é a mulher do falcão, que me deixou caçar com seu animal... posso ter meu próprio falcão? E gostaria que um dia Ama Romilly fosse minha mestra falcoeira...

Lyondri Hastur sorriu; era um sorriso seco, distante, mas mesmo assim um sorriso, e ainda mais assustador do que sua risada.

— Muito bem, Espadachim, meu filho gostou de você. Há integrantes da Irmandade a meu serviço. Se quiser ficar aqui e instruir Carolin na arte da falcoaria...

Romilly queria apenas fugir. Por mais que gostasse de Caryl, jamais conhecera alguém que a aterrorizasse tanto quanto aquele homem seco e ríspido, com uma risada gelada e os olhos empapuçados. Procurando uma desculpa honrosa, ela balbuciou:

— Eu... eu já assumi outros compromissos, vai dom.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça, aceitando a desculpa. Sabia que era uma desculpa, sabia o que Romilly pensava a seu respeito e sabia que ela sabia.

— Como quiser, mestra. Carolin, despeça-se de sua amiga e vá cumprimentar sua mãe.

O menino se adiantou e estendeu a mão, da maneira mais formal. E depois, impulsivamente, abraçou Romilly, fitando-a com olhos ansiosos.

— Talvez, quando esta guerra acabar, eu possa tornar a vê-la, Romilly... e a seu falcão. Dê minhas lembranças a Preciosa.

Caryl fez uma reverência, como se estivesse diante de uma dama da corte, e retirou-se apressado, mas não antes que Romilly percebesse o surgimento de lágrimas em seus olhos. Ele não queria chorar na frente do pai; ela sabia disso. Lyondri Hastur tossiu e disse:

— O animal de carga e os suprimentos médicos serão levados para a porta lateral, perto do estábulo. O intendente mostrará o caminho.

Romilly sabia que a audiência com Lorde Hastur estava encerrada. Ele gesticulou para o funcionário, que se aproximou e disse suavemente:

— Por aqui, mestra. Romilly fez uma reverência.

— Obrigada, senhor.

Ela virou-se e já começava a seguir o intendente quando Lyondri Hastur tossiu novamente.

— Ama Romilly...

— Pois não, vai dom!

— Diga a Jandria que não sou o monstro que ela pensa. De jeito nenhum. Isso é tudo.

E enquanto deixava a sala, Romilly especulou, tremendo da cabeça aos pés: O que mais esse homem sabe?

Capítulo Três

Quando Romilly transmitiu a mensagem de Lyondri Hasiur — "Diga a ela que não sou o monstro que ela pensa" -, Jandria não disse nada por um longo tempo. Romilly sentiu, por seu silêncio (embora fizesse um esforço deliberado, o primeiro que fazia, para não usar o laran), que Jandria tinha várias coisas que gostaria de dizer, mas não para ela. E, finalmente, Janni indagou:

— E ele entregou os suprimentos médicos?

— Entregou; e também um animal de carga para transportá-los.

Janni foi examiná-los e depois comentou, com os lábios contraídos:

— Ele foi generoso. Quaisquer que sejam os defeitos de Lyondri Hastur, a avareza nunca foi um deles. Eu deveria devolver o animal de carga, não quero favores de Lyondri, mas a verdade objetiva é que vamos precisar dele. E custa menos para ele do que comprar um saco de balas no mercado para o filho; não preciso ter problemas de consciência por isso.

Ela mandou três das mulheres cuidarem dos suprimentos médicos e disse a Romilly que poderia voltar a seus cavalos. Como um pensamento posterior, quando Romilly já passava pela porta, pediu-lhe que voltasse por um instante e acrescentou:

— Obrigada, chiya. Eu a enviei numa missão difícil e perigosa, para a qual não tinha o direito de despachá-la, você a cumpriu tão bem quanto qualquer diplomata poderia fazer. Talvez eu devesse encontrar

um trabalho mais apropriado para você do que trabalhar com animais irracionais.

Romilly pensou: prefiro trabalhar com cavalos do que partir em qualquer missão diplomática! Ela assim falou e Jandria, sorrindo, murmurou:

— Então não a afastarei do trabalho que sei que você ama. Volte para os cavalos, minha cara. Mas com meus agradecimentos.

Romilly foi para o curral e pegou o cavalo que começava a domar para a sela. Não estava trabalhando há muito tempo quando Mhari apareceu e disse:

— Romy, sele seu cavalo e apronte dois animais de carga, imediatamente. Sele também o cavalo de Jandria. Ela deixará o abrigo esta noite e disse que você deve acompanhá-la.

Romilly ficou olhando fixamente, com uma das mãos aquietando o cavalo nervoso, que não gostava da manta já atada a seu lombo.

— Partir esta noite? Por quê?

— Quanto a isso deve perguntar diretamente a Janni — respondeu Mhari, um pouco irritada. — Eu teria o maior prazer em ir a qualquer lugar que Janni quisesse me levar, mas ela escolheu você e me mandou providenciar um fardo com suas roupas e rações de viagem para quatro dias.

Romilly franziu o rosto um pouco contrariada; começava a obter algum progresso em amansar aquele cavalo e já tinha de interromper seu trabalho? Fizera um juramento na Irmandade, mas isso a deixava à mercê do capricho de uma mulher? De qualquer forma, ela gostava muito de Jandria e não se sentia propensa a contestar suas decisões. Deu de ombros, trocou a guia comprida de treinamento por uma rédea curta de comando e levou o cavalo de volta ao estábulo.

Acabara de selar o cavalo de Jandria e ajeitava uma manta de montaria no seu quando Janni, com um manto e botas de viagem, entrou no estábulo. Romilly notou, chocada, que seu olhos estavam avermelhados, como se ela tivesse chorado, mas limitou-se a perguntar:

— Para onde vamos, Janni? E por quê?

— O que Lyondri lhe disse, Romy, era uma mensagem; ele sabe que estou aqui, com certeza mandou segui-la para descobrir onde fica o abrigo da Irmandade nos arredores de Hali. Pela minha simples presença aqui, ponho em risco a Irmandade, que não teve participação nesta guerra. Mas sou parente de Orain e ele pode pensar que de alguma forma será possível descobri-lo por meu intermédio. Também pode pensar que sei mais dos planos de Orain,

ou de Carolin, do que na realidade. Devo partir imediatamente. Assim, se os homens de Rakhal, sob o comando de Lyondri, vierem me procurar aqui, elas poderão dizer a verdade e sustentar, mesmo que sejam interrogadas por uma leronis capaz de ler seus pensamentos, que não têm o menor conhecimento do lugar para onde fui ou do lugar em que os homens de Carolin e Orain possam estar reunidos. E levarei você comigo, por receio de que Lyondri possa pegá-la também. As outras mulheres, bem, ele nada sabe sobre elas e se importa ainda menos; mas você já atraiu sua atenção e acho melhor que permaneça longe de seu alcance — prefiro que não continue tão perto dos portões de Hali. Além do mais... — O sorriso era ténue. — Ainda não sabe? Uma mulher da Irmandade não viaja sozinha, deve ter sempre a companhia de pelo menos uma de suas irmãs,

Romilly não pensara nisso — Jandria era parente de Orain e Lyondri Hastur poderia tomá-la como refém também, mesmo que não tencionasse, como ela temia, promover sua morte.

— A ves ordres, mestra — ela disse formalmente, acabando de selar seu cavalo.

— Entre no abrigo, pegue um pouco de pão e queijo, Romy. Poderemos comer enquanto viajamos. Mas trate de se apressar, irmãzinha.

Há necessidade de tanta pressa ou Jandria está com medo sem razão? Mas Romilly não questionou; fez o que lhe fora ordenado e voltou com um pão grande e um enorme pedaço de queijo branco, que guardou no alforje — não estava com fome agora, a mensagem de Jandria acabara com seu apetite, mas sabia que mais tarde ficaria contente em ter o alimento. Também levava um saco de maçãs que a cozinheira lhe entregara. E perguntou, enquanto tiravam os cavalos do estábulo para montá-los:

— Para onde vamos, Janni?

— Acho que será mais seguro se você não souber disso, pelo menos por enquanto. — Romilly percebeu um medo real em seus olhos, enquanto Jandria acrescentava: — Vamos logo, irmãzinha.

Romilly registrou que se afastaram da cidade seguindo para o norte, mas o caminho logo fez uma curva e Jandria enveredou por

uma estrada pequena e pouco usada, quase que uma trilha deixada pelos chervines das montanhas, que subia cada vez mais pelas colinas, em espiral. Não demorou muito para que Romilly perdesse toda e qualquer noção de direção, mas Jandria parecia nunca hesitar, como se soubesse exatamente para onde seguiam.

Logo começaram a viajar sob a cobertura da floresta nas encostas e Jandria pareceu relaxar um pouco; depois de uma hora mais ou menos, ela pediu um pedaço de pão e queijo, comeu com o maior apetite. Romilly, mastigando o pão, recomeçou a especular, mas não fez qualquer pergunta. Finalmente, tornando a montar e pegando a guia do animal de carga, Jandria disse:

— Nem mesmo um pássaro -sentinela pode nos espionar aqui. Não sei se Lyondri tem esses pássaros treinados para seu uso — afinal, não são tão comuns assim -, mas achei melhor nos mantermos sob cobertura até nos distanciarmos bastante e não ser mais possível nos descobrirem. Que todos os Deuses me guardem de levá-lo direto aos exércitos de Carolin!

— É para lá que estamos indo?

— A Irmandade tem uma corte de soldados ali e sua habilidade pode ser necessária no treinamento de cavalos para o exército. E não duvido que a Irmandade com o exército de Carolin possa me aproveitar, de um jeito ou de outro. Se Lyondri sabia que eu me encontrava no abrigo, e devia saber ou não teria enviado aquela mensagem, então pode chegar à conclusão — ou Rakhal chegar por ele — que se me vigiasse eu acabaria levando-o ao encontro de Carolin; mesmo que ele não pudesse arrancar a informação sobre o ponto de encontro de minha mente sem uma leronis para ajudá-lo. Por isso, apressei-me em sair de lá e entrar na cobertura da floresta, antes que ele mandasse vigiar o abrigo e desse ordens para me seguir. É possível que eu tenha agido mais depressa do que ele, pelo menos uma vez; e talvez já estejamos seguras.

Mas ela olhou apreensiva pela trilha por onde haviam subido e depois, ainda mais apreensiva, para o céu, como se mesmo agora os pássaros-sentinelas de Lyondri pudessem estar pairando lá no alto para espioná-las. E seu medo também deixou Romilly assustada.

Naquela noite elas acamparam ainda ao abrigo da floresta e Jandria proibiu até fogueira para cozinhar; comeram pão e queijo, amarraram os animais sob uma enorme árvore. Estenderam os cobertores sob outra árvore, dois cada uma para ficarem bem agasalhadas (embora Romilly, criada nas montanhas, achasse que estava relativamente quente). Romilly dormiu depressa, cansada da viagem. Despertou uma vez durante a noite, ouvindo ruídos suaves, como se Jandria chorasse. Desejou, desconsolada, poder dizer alguma coisa para confortar a companheira, mas era um problema muito além de sua compreensão. Acabou tornando a dormir, mas acordou cedo para descobrir Jandria já de pé e selando os cavalos. Seus olhos estavam secos, sem lágrimas, o rosto era uma barreira impenetrável, mas suas pálpebras estavam vermelhas e inchadas.

— Acha que podemos nos arriscar a uma fogueira esta manhã?
— perguntou Romilly. — Eu gostaria de comer alguma coisa quente, e se não estamos sendo perseguidas a esta altura é porque já devemos ter escapado.

Jandria deu de ombros.

— Acho que não faz a menor diferença. Se Lyondri quer mesmo me encontrar, tenho certeza de que não precisaria de batedores, já que foi capaz de ler meus pensamentos à distância. De qualquer forma, não seria Lyondri quem nos perseguiria, mas Rakhal.

Ela ficou em silêncio por um momento, depois suspirou.

— Muito bem, acenda uma fogueira e farei um caldo quente, irmãzinha. Não tenho o direito de tornar a viagem ainda mais árdua para você por causa de meus medos e apreensões infundados. Já viajou muito, enfrentando as maiores dificuldades, Romy, e eu lhe pedi que partisse de novo quando pensava ter encontrado um lugar para descansar.

— Não tem problema — murmurou Romilly, sem saber o que dizer. Ela preferia viajar com Jandria do que permanecer no abrigo com as estranhas entre as quais ainda não fizera nenhuma amiga. Ajoelhou-se para acender o fogo. Enquanto comiam o caldo quente e os cavalos pastavam na relva à vontade, ela indagou, hesitante:

— Lamenta por... por Lyondri?

O que Romilly especulava era o seguinte: Lyondri fora seu amante e ela ainda estaria apaixonada? Jandria pareceu perceber o que ela queria saber e suspirou, com um sorriso triste.

— Creio que lamento apenas por mim mesma. E pelo homem que pensei que Lyondri era... o homem que ele poderia ter sido, se Rakhal não o seduzisse com a idéia do poder. Aquele homem, o homem que eu amava, está morto... morto há tanto tempo que nem mesmo os Deuses puderam chamá-lo do lugar para onde vão nossas esperanças perdidas, qualquer que seja. Ele ainda deseja minha admiração, esse é o sentido da mensagem ou advertência, mas talvez não seja mais do que vaidade, que sempre foi forte nele. Não creio que ele seja... completamente mau.

Jandria hesitou um momento, antes de continuar.

— A culpa é de Rakhal. Mas a esta altura ele já deve saber o que Rakhal é, e ainda o segue. Por isso não o considero inocente de todas as atrocidades cometidas em nome de Rakhal. Romilly perguntou, timidamente:

— Conheceu os dois... Carolin e Rakhal? Como Rakhal pôde conquistar o trono?

Mas Jandria sacudiu a cabeça.

— Não sei. Deixei a corte quando Rakhal ainda se declarava o súdito mais leal de Carolin, aceitando todos os favores que lhe eram concedidos pelo rei, como o primo mais querido com quem fora criado.

— Carolin deve ser um homem de bem para inspirar tanta devoção a Orain. E... — Romilly hesitou. — ... em você.

— Não conheceu Carolin quando estava com Orain? — perguntou Jandria.

Foi a vez de Romilly sacudir a cabeça.

— Soube que o rei se encontrava em Nevarsin, mas não o encontrei.

Jandria alteou as sobrancelhas, mas limitou-se a dizer:

— Acabe o caldo, criança, depois lave os pratos no córrego e vamos partir.

Em silêncio, Romilly cumpriu suas tarefas, aprontando os cavalos, guardando o que restava dos alimentos. Mas quando

montaram, Jandria comentou, muito depois de Romilly ter quase esquecido o que perguntara:

— Carolin é um homem de bem. Seu único defeito é confiar na honra dos Hastur sem razão; e cometeu o erro de confiar em Rakhal. Nem mesmo Orain podia dizer a ele o que era Rakhal; nem eu. Carolin achava que Orain estava apenas com ciúme... Orain com ciúme!

— E como é Rakhal?

Mas Jandria apenas, balançou a cabeça.

— Não posso falar a seu respeito com justiça, pois o ódio me deixa cega. Mas enquanto Carolin ama a honra acima de todas as coisas e depois ama o saber e ama seu povo, Rakhal ama somente o sabor do poder. É como um gato-das-montanhas que experimentou o gosto de sangue. — Ela subiu na sela e acrescentou: — Hoje você puxará a guia do animal de carga e eu seguirei na frente, já que sei para onde estamos indo.

Depois que saíram da proteção da floresta, Romilly experimentou outra vez a sensação de que era vigiada; um fio de percepção em sua mente dizia-lhe que Preciosa a observava. Não desceu para sua mão, mas uma ou outra vez ela vislumbrou Preciosa pairando alto no céu e compreendeu que não estava sozinha. O pensamento animou-a de tal forma que não mais sentiu qualquer medo ou apreensão.

Ela e eu somos uma única coisa; Preciosa juntou sua vida à minha. Romilly tinha uma noção vaga de que o casamento devia ser assim, indissolúvel, um vínculo que penetrava fundo no corpo e no espírito. Não tinha um vínculo assim com seu atual cavalo, por exemplo, embora ele a transportasse fielmente e ela lhe desejasse o melhor e pensasse com freqüência em seu bem-estar.

O cavalo é meu amigo. Preciosa é algo mais, quase como uma amante.

E isso a levou a pensar, timidamente e quase que pela primeira vez, em como seria ter um amante, ter um vínculo com alguém tão profundo quanto tinha com Preciosa, uma ligação de mente, espírito e até corpo, mas alguém com quem pudesse se comunicar, não como os MacAran faziam com seus cavalos, cães e falcões, através

do vasto abismo que havia entre homem e cavalo, mulher e falcão, criação e cachorro, mas com o vínculo íntimo da mesma espécie. Dom Garris a desejara, mas seus olhares lúbricos nada lhe haviam despertado além de repulsa; e a repulsa dobrara com Rory, que poderia ter cortado sua garganta pelo cavalo, manto e algumas peças de cobre, mas depois quisera também levá-la para a cama.

Orain a desejara, pelo menos enquanto ainda acreditava que era um rapaz. E enfrentando deliberadamente algo que não compreendera com clareza na ocasião, ela o desejara. Embora, quando acontecia, não percebesse o que significavam seus estranhos sentimentos. Mesmo assim, preferia ter Orain como amigo do que como amante; estivera disposta a aceitá-lo como amante quando pensava que ele a reconhecia como mulher e a desejava assim, a fim de mantê-lo como amigo. Mas nunca pensara a sério em qualquer homem nesses termos? Certamente com nenhum dos meninos com os quais fora criada, os amigos de seus irmãos — não podia imaginá-los como amantes nem como maridos, e um marido era a última coisa que poderia querer.

Acho que eu poderia ter casado com alguém como Alderic. Ele me falou como um ser humano, não apenas como a tola irmã mais moça de seu amigo Darren. Também não se mostrou como o tipo de homem que se sentiria na obrigação de me controlar a cada momento, temendo que eu voasse para longe como um falcão selvagem se me tirasse das peias por um momento.

Não que eu o quisesse tanto como marido. Mas talvez pudesse tomar a decisão de casar se o marido tivesse sido primeiro meu amigo.

Durante todo aquele dia, e o seguinte, sempre que desviava os olhos da trilha Romilly podia avistar, no ponto mais distante de seu campo de visão, que Preciosa continuava por lá. Sentia o precário vínculo de comunicação do falcão, a estranha visão dividida, contemplando a trilha em frente, consciente de seu corpo na sela, mas alguma parte indefinível de seu ser voando livre com o falcão, muito acima do solo e das encostas. Jandria dissera-lhe que viajavam agora pela região conhecida como Colinas Kilghard.

Não eram como as colinas do lugar onde ela nascera — desoladas e áridas, com enormes penhascos rochosos e solo pobre, cada trecho cultivável sendo aproveitado com o maior empenho para a produção de alimentos; e pareciam ainda menos com as amplas e férteis Planícies de Valeron, que haviam cruzado a caminho de Hali. Aquelas colinas altas e escarpadas eram ocupadas pela floresta virgem, às vezes com moitas emaranhadas tão densas que precisavam voltar atrás e dar enormes voltas. Mas não faltava caça. Havia ocasiões, antes do pôr-do-sol, em que Romilly, cochilando na sela, sentia parte dela voando livre com o falcão, descendo velozmente, partilhando com Preciosa o sobressalto da vítima, o golpe rápido e fatal, o ímpeto do sangue fresco em suas veias... Cada vez, porém, era como uma nova experiência, excepcionalmente satisfatória.

Uma ocasião, ela calculou que no sexto dia de viagem, voava na mente com Preciosa quando o cavalo pisou numa toca de coelho-da-lama, tropeçou e caiu, ficou se contorcendo e relinchando. Romilly, projetada dos estribos, permaneceu estendida no chão, ofegante, machucada e abalada. Quando recuperou a consciência o suficiente para sentar, Jandria já desmontara e ajudou-a a levantar.

— Em nome dos infernos congelados de Zandru, onde estava com a cabeça, você que é tão boa num cavalo, para não ver o buraco? — ela indagou, irritada.

Romilly, chocada pelos relinchos do cavalo, foi se ajoelhar ao lado dele. O animal tinha os olhos vermelhos, a boca manchada pela espuma da agonia. Entrando em contato com ele, Romilly sentiu a dor lancinante em sua própria perna, viu o osso branco e fraturado projetando-se através da pele. Não havia nada que se pudesse fazer; chorando de horror e dor, ela tateou no cinto à procura da faca e encontrou num instante o ponto em que a grande artéria passava logo abaixo da pele; cortou-a com um golpe rápido e profundo. Um estremecimento final e convulsivo, um momento de dor total e medo... e depois tudo ficou quieto, atordoadado, o cavalo com seu medo desapareceu, deixando-a vazia e fria.

Atordoadada, Romilly limpou a faca na relva e tornou a guardá-la na bainha. Não era capaz de levantar o rosto e enfrentar os olhos de

Jandria. Seu maldito laran custara a vida do cavalo, pois se estivesse atenta ao caminho certamente teria visto o buraco. Jandria perguntou:

— Era necessário?

— Era.

Romilly não deu detalhes. Jandria não possuía laran suficiente para compreender e não havia motivo para onerá-la com os sentimentos de culpa da própria Romilly, a raiva contra seu dom que a levara a esquecer o cavalo e procurar o falcão lá no alto. Engolindo em seco para reprimir as lágrimas e dissolver o caroço na garganta, ela amaldiçoou seu dom.

— Sinto muito, Janni. Eu... eu deveria ter sido mais cuidadosa.

Jandria suspirou. — Eu não estava censurando, chiya; é um infortúnio, mais nada. Aqui estamos com um cavalo a menos, na parte mais profunda das colinas, e eu esperava podermos alcançar Serrais amanhã, ao cair da noite.

— É para lá que estamos indo? Por quê?

— Não lhe falei pois podíamos estar sendo seguidas; o que você não sabia, não seria capaz de revelar.

Então Jandria não confia em mim. Nada mais justo; parece mesmo que não mereço confiança... e com certeza meu pobre cavalo não me achou tão... Mesmo assim, ela protestou:

— Eu não a trairia... Jandria respondeu, gentilmente:

— Nunca pensei nisso, querida. Quis dizer apenas... o que você não sabia não poderia ser arrancado pela tortura ou descoberto em sua mente por uma leronis armada com uma pedra-da-estrela. Compreenderiam num instante que você não sabia de nada. Mas agora, de qualquer maneira, você ficaria sabendo de tudo dentro de mais um ou dois dias.

Ela ajoelhou-se ao lado de Romilly e começou a puxar as correias da sela.

— Pode continuar a viagem num dos chervines de carga; eles não podem viajar com a mesma rapidez de seu cavalo, mas o outro pode suportar toda a bagagem. Viajaremos mais devagar, no ritmo dos chervines, do que com dois bons cavalos, mas não se pode fazer nada.

Ela começou a descarregar o chervine mais próximo, viu que Romilly permanecia imóvel e acrescentou bruscamente:

— Venha me ajudar com isto!

Romilly olhava para o cavalo morto. Insetos já começavam a zumbir sobre o sangue coagulado em torno da perna quebrada.

— Não podemos enterrá-lo? Jandria sacudiu a cabeça.

— Não há tempo, não temos ferramentas. Deixe-o para alimentar as coisas selvagens. — À expressão chocada de Romilly, ela acrescentou, num tom mais brando: — Cara criança, sei o que esse cavalo significa para você...

Não, não sabe, pensou Romilly, com veemência, nunca poderia saber.

— Acha que tem alguma importância para ele se o corpo é deixado para alimentar outras coisas selvagens ou se tem um funeral digno de um Hastur? Afinal, ele não está mais em seu corpo.

Romilly engoliu em seco.

— Sei disso... Faz sentido quando você fala assim, mas...

Ela parou de falar, engolindo em seco outra vez. Jandria pôs a mão em seu braço, gentilmente.

— Há animais nesta floresta que dependem dos corpos das coisas mortas para sua alimentação. Deveriam ficar com fome, Romy? Isso é apenas sentimento. Não sente angústia quando seu falcão mata para comer...

Para os sentimentos melindrados de Romilly, parecia que Jandria a censurava por sua desatenção, que a acusava por estar longe, partilhando a caça com seu falcão e assim provocando a morte do cavalo. Desvencilhou o braço de Jandria e murmurou, amargurada:

— Não tenho opção, não é mesmo? A ves ordres, mestra.

Ela começou a transferir a carga de um chervine, para outro. Em sua mente, angustiante, acusadora, havia a lembrança dos pássaros-sentinelas, para os quais procurara carniça. Agora seu cavalo se tornaria presa do Kyorebni e talvez devesse mesmo ser assim, mas ela sentia que não suportaria a cena, sabendo que sua negligência custara a vida da fiel criatura.

Como se em busca de conforto, ela olhou para o céu, mas Preciosa não se encontrava em parte alguma.

Talvez ela também tenha me deixado...

Próximo do anoitecer a terra mudou; os campos verdes foram substituídos por platôs arenosos e as estradas se tornaram de argila socada. Os chervines eram criaturas das florestas e colinas e avançavam lentamente, filetes de suor traçando linhas verticais nas densas pelagens. Romilly enxugou o suor de sua testa com a manga, tirou o manto grosso e amarrou numa trouxa na sela. O sol era mais forte ali, ao que parecia, ardia na intensidade sem nuvens de um céu pálido. O crepúsculo começava a cair quando Jandria apontou.

— Ali está Serrais e o abrigo da Irmandade em que dormiremos esta noite, e talvez por mais dez dias. Ficarei contente por dormir outra vez numa cama decente... e você?

Romilly concordou, mas secretamente lamentou que a longa viagem chegasse ao fim. Passara a gostar cada vez mais de Jandria e a perspectiva de dormir com uma porção de estranhas deixava-a assustada. Além disso, ela refletiu, agora que se encontrava numa das sedes regulares da Irmandade teria de voltar às terríveis aulas de esgrima e combate desarmado.

Mas fora sua opção o juramento à Irmandade, devia fazer o melhor possível para atender a essa posição na vida, a que fora levada pela providência. Portador dos Fardos, ajude-me a suportar os meus como você agüenta o peso do mundo! E ela ficou surpresa consigo mesma. Não podia se lembrar, antes daquele tempo, de pensar tanto em orações, mas agora parecia estar sempre recorrendo a uma ou outra. É isso o que o Livro dos Fardos chama de Dhe shaya, uma graça de Deus, ou é apenas uma espécie de fraqueza, um sentimento nascido da solidão, por não ter mais ninguém a quem recorrer? Jandria era sua amiga, ela pensou, mas não partilharia seus medos. Janni gostava da vida da Irmandade e não se sentia aterrorizada ao mero pensamento de guerras e batalhas; coisas como a aldeia devastada pelo pó-da-morte a enfureciam e horrorizavam, mas não a enchiam com aquele tipo de terror. Janni parecia completamente livre desse medo pessoal!

Entraram na cidade quando o crepúsculo já caíra, e avançaram pela rua larga e estranha, as casas antigas de pedra esbranquiçada, brilhando com uma pálida luminosidade ao luar. Romilly estava quase dormindo na sela, confiando que o caminho seria bastante firme sob as patas de seu chervine. Despertou um pouco quando Jandria parou diante de um grande portão em arcada do qual pendiam um sino e uma corda, que ela puxou. Após algum tempo uma voz sonolenta indagou:

— Quem está aí?

— Duas mulheres da Irmandade chegando de Hali — respondeu Janni. — Jandria, Espadachim, e Romilly, aprendiz de Espadachim, unidas pelo juramento e aqui procurando abrigo.

A porta se abriu com um rangido e uma mulher espiou para a rua.

— Entrem, Irmãs. Deixem os animais no estábulo, ali; podem lhes servir um pouco de forragem, se quiserem. Estamos todas no jantar.

Ela apontou para uma mesa na área coberta. Romilly e Jandria desmontaram, levaram os exaustos animais para o estábulo. Romilly piscou aturdida ao contemplar o lugar à fraca luz da lanterna; não era grande, mas em algumas baias no fundo ela avistou vários cavalos, alguns dos melhores que já vira. Que lugar era aquele e por que deixavam tantos cavalos em um estábulo tão pequeno? Transbordava de perguntas, mas era tímida demais para formular qualquer uma. Pôs seu chervine numa das baias menores, levou o cavalo de Jandria para outra, pegou sua bagagem e acompanhou a mulher para a casa.

Havia um agradável odor de pão fresco e os aromas fortes e desconhecidos de algum alimento sendo preparado. Numa sala comprida, ao lado do vestíbulo em que deixaram a bagagem, havia duas mesas longas, em que quatro ou cinco dúzias de mulheres estavam instaladas, tomando sopa em tigelas de madeira. Havia tanto barulho de louça, tantas conversas gritadas de uma extremidade para outra, e de uma mesa para outra, que Romilly involuntariamente se encolheu... depois do silêncio pelos caminhos da floresta e deserto, o barulho era quase ensurdecedor.

— Há dois lugares ali — disse a mulher que abrira o portão. — Sou Tina. Depois do jantar eu as levarei à presença da diretora, a fim de que ela possa lhes providenciar camas em algum lugar. Estamos lotadas aqui, como podem perceber. Parece que alojaram metade da Irmandade conosco, embora eu deva ressaltar que não esquecem de mandar rações do exército para alimentá-las. Não fosse por isso, todas estaríamos vivendo das nozes do ano passado! Podem sentar ali e comer... é o que devem estar querendo, após uma viagem tão longa.

Parecia não haver qualquer espaço na mesa que ela indicara, mas Jandria conseguiu encontrar um lugar em que o aglomerado era um pouco menos intenso e com a ajuda de alguns empurrões e apertos joviais elas conseguiram se espremer no banco. Uma mulher, circulando pelas mesas com um caldeirão e uma concha, despejou sopa em suas tigelas e indicou duas fatias de pão. Romilly tirou sua faca do cinto e cortou dois pedaços. A mulher espremida ao seu lado, risonha e jovial, sardenta, os cabelos escuros presos nas costas, quase na cintura, empurrou um pote de pasta de fruta na direção dela.

— Estamos sem manteiga agora, mas isso fica ótimo no pão. Deixe a colher no pote.

A pasta parecia de maçãs temperadas, cozidas até se dissolverem. A sopa estava cheia de nacos de carne impossíveis de serem identificados, e estranhos legumes, mas Romilly, faminta, comeu sem se importar de que era feita. Ao terminar a sopa, a mulher ao seu lado disse:

— Meu nome é Ysabet, mas a maioria das pessoas me chama de Betta. Vim para cá do abrigo de Thendara. E você?

— Estivemos em Hali e antes disso em Caer Donn — respondeu Romilly.

Os olhos de Betta se arregalaram.

— Para onde o rei fugiu? Viu seu exército ali?

Romilly assentiu, recordando Orain e uma bandeira, numa rua estranha.

— Ouvi dizer que Carolin acampou ao norte de Serrais e que marchará para Hali outra vez, antes das neves caírem — comentou

Betta. -O acampamento fervilha com rumores, mas esse é mais forte do que a maioria. Qual é sua habilidade?

Romilly balançou a cabeça.

— Nada de especial. Treino cavalos e às vezes falcões, já cuidei de pássaros-sentinelas.

— Disseram-nos que uma especialista em treinamento de cavalos estava para chegar de Hali! — exclamou Betta. — Deve ser você, a menos que seja sua amiga ali... qual é o nome dela?

— Jandria — respondeu Romilly.

Os olhos de Betta tornaram a se arregalar.

— Dama Jandria! Já ouvi falar a respeito dela, se é a mesma, disseram que é prima do próprio Carolin. Sei que não devemos falar em posições sociais, mas vejo que ela tem cabelos vermelhos e a aparência dos Hastur... Disseram que mandariam uma Espadachim de Hali e também uma mulher competente no treinamento de cavalos. Vamos precisar. Já viu os cavalos no estábulo? E há muitos mais no curral. Foram trazidos como uma contribuição da terra de Alton, nas Colinas Kilghard, e agora precisam ser domados para os exércitos de Carolin para que a Irmandade cavalgue para a batalha por Carolin, nosso verdadeiro rei... — Ela fez uma pausa, olhando desconfiada para Romilly. — Você é a favor ou não de Carolin?

— Viajei desde antes do amanhecer e até depois do anoitecer, hoje e pelos últimos sete dias — disse Romilly. — A esta altura, mal sei meu próprio nome, muito menos o do rei.

Parecia que o calor era intenso na sala e ela mal conseguia manter os olhos abertos. Mas depois, lembrando que haviam escapado da possibilidade de serem seguidas por Lyondri Hastur, ela acrescentou:

— Mas somos a favor de Carolin.

— Como eu disse, metade da Irmandade parece estar alojada conosco aqui — comentou Betta. — E há muitos rumores. Há duas noites tínhamos aqui mulheres dormindo em cima das mesas e até por baixo, mesmo com aquelas que vivem no abrigo dormindo duas em cada cama e entregando as camas desocupadas às recém-chegadas.

— Já dormi no chão muitas vezes — disse Romilly. — Também posso dormir no chão aqui.

Pelo menos estaria livre da chuva, sob um teto.

— Mas tenho certeza que arrumarão uma cama para Dama Jandria em algum lugar — garantiu Betta. — Você é amante dela? .

Romilly estava muito cansada e confusa até para compreender direito o que Betta indagava.

— Não, claro que não.

A pergunta, ela refletiu, até que era razoável. Por que uma mulher haveria de procurar a vida de uma Espadachim, quando podia muito bem se casar? Houvera uma outra ocasião, desde que ingressara na Irmandade, em que começara a especular se sua constante rejeição à idéia de casamento não significaria que no fundo era amante de mulheres. Não sentia qualquer repulsa particular à possibilidade, mas também não experimentava a menor atração. Por mais que passasse a sentir afeição por Jandria durante os últimos dias, nunca lhe ocorreria procurá-la como fizera com Orain. Mas agora que sua atenção fora levada de volta ao assunto, ela não pôde deixar de especular outra vez: É por isso que nunca desejei realmente um homem e mesmo com Orain foi apenas uma questão de simpatia e gentileza, não de desejo concreto?

Estou cansada demais para pensar claramente sobre qualquer coisa, muito menos algo tão importante quanto isso! Mas sabia que deveria refletir sobre isso algum dia, especialmente se pretendia passar o resto da vida na Irmandade.

Uma a uma, ou em pequenos grupos de três e quatro, as mulheres da Irmandade deixavam as mesas e iam se deitar. Cobertores guardados num canto da sala grande foram desenrolados no chão, com alegres disputas pelos melhores lugares, perto do fogo. Tina veio chamá-las e levou-as para um quarto com três camas, duas já ocupadas.

— Podem dormir ali — ela comunicou. — E a diretora quer lhe falar, Dama Jandria.

Janni disse a Romilly:

— Vá se deitar e trate de dormir. Só virei mais tarde.

Romilly sentia-se tão cansada que, embora dissesse a si mesma que seria difícil dormir num quarto com quatro outras mulheres, algumas das quais certamente roncavam, pegou no sono antes mesmo que a cabeça batesse no travesseiro. Não se lembrou depois a que horas Jandria veio para a cama.

Na manhã seguinte, quando estavam se vestindo, ela disse a Jandria:

— Elas pareciam saber quem você era e estavam nos esperando. Como pôde enviar uma mensagem que chegou mais depressa do que nós?

Jandria levantou os olhos, com uma meia na mão.

— Há uma leronis minha conhecida no exército de Carolin; por isso é que eu não podia cair nas mãos de Lyondri. Sei demais. Transmisti o aviso e pedi que a notícia fosse encaminhada ao abrigo da Irmandade, a fim de que ficassem à nossa espera. Acha mesmo que abririam os portões após o anoitecer numa cidade cheia de soldados se aprontando para a guerra?

Parecia a Romilly que todos os dias aprendia alguma coisa nova em relação a Jandria. Então ela também tinha laran? E um laran daquele tipo insólito, que podia transmitir mensagens através de léguas? Sentiu-se inibida e confusa outra vez... Janni poderia ler o que ela estava pensando, conhecer toda a sua rebelião, seus medos? Manteve a mente afastada das possíveis implicações.

— Se tenho de domar cavalos aqui — ela murmurou —, acho que é melhor ir imediatamente para o estábulo e começar.

Jandria soltou uma risada.

— Acho que haverá tempo para fazer o desjejum antes. A diretora me disse para dormir tanto quanto quisesse depois da longa viagem. Creio que dormimos bastante tempo para encontrar algum lugar nas mesas do refeitório para comer sem derrubar as dorminhocas. Esse foi o único motivo para eu não querer dormir no chão lá... sabia que as cozinheiras e ajudantes do turno de dez dias entrariam para acordar todo mundo ao romper do dia, a fim de começarem a preparar o desjejum!

E, de fato, quando elas terminaram de se vestir, o refeitório já se esvaziara, apenas umas poucas velhas ainda permaneciam,

tomando leite quente com pedaços de pão encharcados. Elas serviram-se de mingau do caldeirão e comeram, pouco depois Betta apareceu procurando-as.

— A diretora está à sua espera, Dama Jandria — ela avisou. — E Ama Romilly deve ir para o estábulo...

Jandria soltou uma risada alegre.

— Chame-me apenas de Jandria, ou Janni. Esqueceu os regulamentos da Irmandade?

— Está certo, Janni — respondeu Betta, mas ainda falando com alguma deferência. — A prática de combate desarmado será ao meio-dia, na quadra de grama; e o exercício de esgrima na quarta hora depois. Tornaremos a nos encontrar lá.

No estábulo e curral Romilly encontrou diversos cavalos; cavalos negros das Colinas Kilghard, os melhores que ela já vira. Seria um prazer e um privilégio treinar aqueles cavalos para a sela, ela pensou.

— São necessários para o exército, o mais depressa possível — disse Tina, que a levava até o local — E devem ser treinados para a sela, para um ritmo firme, e para suportar os mais altos ruídos. Posso lhe conseguir tantas ajudantes quantas quiser, mas não temos nenhuma experiente e Dama Jandria nos informou que você possui o dom MacAran. Por isso estará no comando do treinamento.

Romilly olhou para os cavalos; havia pelo menos duas dúzias.

— Algum deles já foi domado para andar na guia de treinamento?

— Cerca de uma dúzia — respondeu Tina. Romilly balançou a cabeça.

— Ótimo. Providencie doze mulheres que possam treiná-los com a guia e mande-as para o curral. Enquanto isso, começarei a conhecer os outros.

Quando as mulheres chegaram, ela observou que Betta era uma delas, cumprimentou-a com um aceno de cabeça e um sorriso. Mandou-as trabalharem por alguns minutos fazendo os cavalos correrem em círculos nas guias, firmando seus ritmos; depois, foi ao estábulo para escolher o cavalo com que trabalharia pessoalmente.

Resolveu entregar cada cavalo aos cuidados da mulher que o exercitara naquele dia; seria mais fácil se formassem um vínculo íntimo com o cavalo.

— Assim o animal confiará em cada uma de vocês e fará as coisas para agradá-la — ela declarou às mulheres. — Mas não pode ser uma ligação unilateral. Enquanto o cavalo ama e confia, cada uma deve amá-lo também. E preciso haver confiança absoluta, pois o cavalo pode perceber o amor em sua mente; e não se pode fingir, pois ele sentirá a mentira num instante. Devem também se abrir aos sentimentos do cavalo. E outra coisa...

Romilly gesticulou para os chicotes curtos de treinamento que as mulheres seguravam.

— Podem estalar os chicotes, se quiserem, a fim de atrair a atenção dos cavalos. Mas se atingirem os animais com força suficiente para marcar, então não são treinadoras; se eu deparar com um chicote sendo usado para valer, a responsável pode cair fora e ir praticar esgrima!

Ela ordenou às mulheres que dessem início ao trabalho e por um momento escutou seus comentários enquanto saíam.

— Não usar os chicotes? Para que servem, então?

— Não compreendo essa mulher. De onde ela é? Das montanhas distantes? Fala de uma maneira estranha.. .

Romilly pensava que a fala delas é que era estranha, lenta e ponderada, como se mastigassem cada palavra uma dúzia de vezes antes de pronunciá-la; por outro lado, parecia-lhe que sua fala era absolutamente natural. Mesmo assim, após ouvir os comentários de cerca de doze mulheres, alegando que não conseguiam entender o que dizia, ela resolveu falar mais devagar, com o que lhe parecia uma lentidão afetada e antinatural.

Se elas estivessem no Ninho dos Falcões, todos achariam, sua fala tola, estranha, afetada. Suponho que é tudo uma questão de costume.

Romilly concentrou-se nos cavalos com incontestável alívio. Com eles, podia pelo menos ser ela própria; além disso, não criticariam sua fala, ou suas maneiras.

Os cavalos falam minha língua, ela refletiu, com satisfação.

Havia muitos e de todos os tipos, dos vigorosos pôneis peludos das montanhas, como o que ela matara na viagem, aos pretos iguais ao que seu pai criava. Entrou na baia e circulou entre os cavalos (para intenso horror de Betta, que parecia tão transtornada como se ela estivesse numa jaula com carnívoros gatos-das-montanhas), procurando o animal certo para começar. Tinha de fazer um esplêndido trabalho de treinamento, porque sabia ter havido alguns protestos — ela era jovem demais, alegavam algumas mulheres, que ficariam atentas para registrar o menor erro.

Não sou tão jovem e venho trabalhando com cavalos desde os nove anos de idade; mas elas não sabem disso!

Enquanto ela caminhava pela baia, um cavalo recuou contra a cerca de tábuas e se pôs a escoicear; Romilly notou que os olhos dele reviravam e os beiços se repuxavam sobre os dentes.

— Saia daí e fique longe desse cavalo, Romilly! — gritou Tina, ansiosa. — Ele é um matador... estamos pensando em devolvê-lo ao exército, a fim de ser levado para o pasto e usado na reprodução. Ninguém conseguirá montar esse aí.. . É velho demais para ser domado para a sela!

Mas Romilly, concentrada e absorta, sacudiu a cabeça. Ele está assustado quase até a morte, nada mais do que isso. Não vai me machucar.

— Traga-me uma guia e um freio, Tina. Não precisa entrar na baia, se está com medo, pode me entregar por entre as tábuas.

Tina assim procedeu, o rosto pálido, apreensivo. Romilly, com a corda na mão, manteve os olhos fixos no cavalo negro.

E então, meu belo, não acha que podemos nos tornar amigos?

O cavalo recuou nervosamente, mas parou de escoicear. Mas que idiota o meteu nesta sala apinhada? Calma, Negrinho, calma, não vou machucá-lo; não quer ir para o sol? Ela projetou uma imagem nítida do que pretendia fazer e o cavalo, bufando indócil, deixou-a puxar sua cabeça, colocar o freio e a corda guia. Ouviu Tina prender a respiração, espantada, mas estava agora tão profundamente absorvida com o cavalo que não podia dispensar qualquer pensamento à mulher.

— Abram o portão — ela ordenou, mantendo contato permanente com a mente do garanhão. — Já é o suficiente. Venha agora, meu negrinho lindo... Estão vendo? Quando se trabalha direito, nenhum cavalo é feroz; apenas sentem medo, e não sabem o que se espera deles.

— Mas você tem laran — disse uma das mulheres, de má vontade. — Nós não temos; como podemos fazer a mesma coisa que você?

— Com ou sem laran, se todo seu corpo e cada pensamento estiverem impregnados de medo, como esperar que o cavalo não perceba, não fareje? É preciso agir como se confiasse no animal, falar com ele, projetar em sua mente uma nítida imagem do que se deseja fazer... Quem sabe, talvez os cavalos tenham alguma espécie de laran próprio. E, acima de tudo, é preciso fazer com que o cavalo saiba com certeza absoluta que você não tenciona machucá-lo. Ele sentirá e verá isso em cada movimento que se fizer, em cada respiração, se a pessoa está com medo ou lhe deseja algum mal.

Romilly tornou a concentrar sua atenção no cavalo.

— E agora, meu querido amigo, vamos para o sol, dar um pulo no curral. Venha comigo. Não, não assim, tolinho, não vai querer voltar ao estábulo...

Ela falou em voz meio alta, dando um puxão nas cordas. No curral, meia dúzia de mulheres faziam cavalos correr em círculos nas guias, falando com eles e de um modo geral mantendo um ritmo suave. Romilly fez uma rápida verificação do que estava acontecendo — nenhuma estava se saindo muito mal, mas também com certeza haviam escolhido os animais mais dóceis para treinarem primeiro —, e foi para um canto relativamente isolado; uma égua ou mais de uma, podiam estar no cio, e ela não queria que seu garanhão fosse distraído. Ela recuou, segurando a guia, falou com o cavalo.

Era um animal forte, grande e pesado; por um instante Romilly quase foi derrubada quando ele começou a galopar, descobriu a corda que restringia seus movimentos, explorou seus limites, pôs-se a correr no círculo mais amplo. Ela puxou com força e o cavalo reduziu o galope para um ritmo constante, dando voltas e mais

voltas. Após algum tempo, quando tinha certeza de que o animal captara a idéia, deixou-o movimentar-se um pouco mais depressa.

Seus passos são sensacionais; um cavalo feito para o próprio Carolin. Ah, que animal glorioso!

Ela deixou o cavalo correr quase uma hora, habituando-o à sensação do freio, depois deu um puxão. Ele resistiu um pouco, surpreso, e Romilly podia compreendê-lo; não o culpava, pois refletiu que também não gostaria de ter uma coisa fria, de metal, colocada em sua boca.

Mas é assim que tem de ser, meu belo, vai acabar se acostumando, e depois poderá andar com seu dono...

Ao meio-dia ela levou o cavalo de volta ao estábulo, sugerindo a uma das mulheres que pusesse seu cavalo mais dócil na baia maior, com os outros animais, deixando a baia menor para o garanhão negro. Já podia ver a nebulosa figura do Rei Carolin entrando em Hali naquele esplêndido cavalo.

De seu trabalho, que achou fácil — isto é, não exatamente fácil, mas familiar e agradável -, ela foi despachada para o combate desarmado. Não se importava muito de ter de aprender a cair sem se machucar — afinal, caíra de um cavalo mais vezes do que podia se lembrar, enquanto aprendia a montar, e calculava que a habilidade necessária era similar -, mas a série de chaves, socos e projeções parecia excessivamente complexa, e a impressão era a de que todas as mulheres ali, inclusive as principiantes com que tinha de praticar os movimentos básicos, sabiam mais do que ela. Uma das mulheres mais velhas, observando-a por um momento, acabou gesticulando para que ela se retirasse do exercício, mandou que as outras continuassem, e perguntou:

— Há quanto tempo está na Irmandade, menina?

Romilly tentou se lembrar. As coisas haviam acontecido tão depressa nas últimas luas que não tinha realmente uma noção precisa. Deu de ombros, desolada.

— Não sei direito. Algumas dezenas de dias...

— E não percebe muito motivo para esse tipo de treinamento, não é mesmo?

Romilly procurou responder com o maior tato:

— Tenho certeza de que deve haver algum motivo, pois é ensinado em todos os abrigos da Irmandade.

— Onde você foi criada, e qual é o seu nome?

— Romilly. E às vezes sou chamada de Romy. Fui criada nos contrafortes das Hellers, próximo ao Ninho dos Falcões.

A mulher balançou a cabeça.

— Dava para adivinhar, por sua maneira de falar. Mas quer dizer que foi criada no campo, nunca viveu perto de uma cidade grande, nunca se encontrou com um estranho?

— Isso mesmo.

— Pois vamos supor que está andando por uma rua de cidade grande, num dos distritos mais apinhados e sujos.

Ela fez um sinal e Betta, a moça que sentara ao lado de Romilly no jantar na noite anterior, aproximou-se.

— Está andando por uma rua cheia de ladrões, num lugar em que os homens pensam que todas as mulheres são como as vagabundas das tavernas — disse a mulher mais velha.

Betta deu de ombros e começou a andar junto do muro, a mulher mais velha atacou-a subitamente, apertando-a pela garganta. Romilly ficou aturdida quanto Betta girou a parte superior do corpo, jogou a mulher para a frente e a fez cair de joelhos, imobilizando seu braço nas costas.

— Ai! Você exagerou um pouco, Betta, mas creio que Romy compreende agora qual é a intenção. E agora me ataque com uma faca.

Betta pegou um pequeno bastão de madeira, mais ou menos do tamanho de um canivete. Avançou para a mulher, com a "faca" em posição para o golpe fatal. Tão depressa que Romilly nem pôde perceber o que acontecera: a "faca" estava nas mãos da outra mulher e Betta caída de costas no chão, com a outra fingindo chutá-la.

— Cuidado, Cléa — advertiu Betta, rindo e se desviando, depois agarrando subitamente o pé da mulher e derrubando-a.

Rindo também, Cléa levantou-se e disse a Romilly:

— Compreende agora como isso pode lhe ser útil? Ainda mais numa cidade como esta, em que estamos à beira das Terras Secas e

provavelmente existem homens que pensam nas mulheres como objetos que podem ser acorrentados e aprisionados. Mas mesmo numa cidade civilizada como Thendara você pode encontrar quem não tenha respeito nem cortesia por homem ou mulher. Todas as mulheres que ingressam na Irmandade devem aprender a se defender e. .. — O rosto risonho tornou-se de repente muito sério. — ... quando você assumir um compromisso com a Irmandade por toda a vida, como eu, usará isto.

Ela pôs a mão na adaga em sua garganta e acrescentou:

— Tenho a obrigação de matar antes de me deixar ser possuída pela força; matar o homem, se puder; a mim mesma, se não puder!

Um calafrio percorreu a espinha de Romilly. Não sabia se seria capaz de fazer isso. Estava disposta a ferir Rory gravemente, se fosse preciso, mas matá-lo? Isso não a tornaria tão ruim quanto ele?

Enfrentarei o problema se e quando fizer o juramento pelo resto da vida com a Irmandade. A esta altura talvez eu já saiba o que posso ou não posso fazer.

Cléa percebeu sua expressão perturbada e afagou seu ombro.

— Não se preocupe, você aprenderá. E agora trate de praticar. Betta, leve-a e ensine os primeiros movimentos, a fim de que ela não fique confusa; haverá tempo suficiente depois para incluí-la num grupo de principiantes.

Agora que alguém se dera ao trabalho de informar a Romilly o que estavam fazendo, e por quê, tudo correu melhor. Ela começou a perceber, naquele dia e nos subseqüentes, que ao enfrentar outra mulher nas sessões podia ler, pelos movimentos do corpo e dos olhos, o que a oponente ia fazer, tirando proveito da informação. Mas saber isso não era suficiente; também tinha de aprender os movimentos precisos, todos os golpes usados, a força certa para usar sem chegar a machucar ninguém.

E no entanto, em roupas de homem, viajei pelas Hellers. Prefiro viver assim, sem me preocupar com a possibilidade de me tornar presa de algum homem.

Mas havia orgulho também em saber que era capaz de se defender e nunca precisar pedir misericórdia a ninguém. Mais tarde,

as aulas de esgrima também pareceram mais fáceis, mas fizeram com que outro medo aflorasse à superfície de sua mente.

Não havia problemas em praticar com bastões de madeira, quando a única penalidade para um golpe falho era uma dolorosa equimose. Mas poderia enfrentar as armas afiadas sem terror, seria mesmo capaz de golpear alguém com uma espada de verdade? O simples pensamento de cortar carne humana deixava-a angustiada.

— Não sou uma Espadachim, não importa o que me chamam. Sou uma treinadora de cavalos, uma pessoa que lida com pássaros... lutar não é meu ofício.

Os dias foram passando, ocupados pelas aulas e pelo trabalho árduo. Quando já estava ali há quarenta dias, ela percebeu que o Solstício do Verão se aproximava. Dentro em pouco faria um ano inteiro que estava ausente de casa. Sem dúvida o pai e a madrasta julgavam-na morta há muito tempo e Darren era forçado a tomar seu lugar como Herdeiro do Ninho dos Falcões. Pobre Darren, como ele odiava tudo aquilo! Ela torcia, pelo bem do pai, que o pequeno Rael se mostrasse capaz de substituí-la, de aprender alguns dos dons dos MacAran... Se Rael fosse o que o pai chamaria de "um verdadeiro MacAran", talvez Darren tivesse permissão para voltar ao mosteiro. Ou talvez ele fosse embora como ela fizera, sem permissão.

Um ano antes o pai a prometera a Dom Garris. Quantas mudanças em um ano! Romilly sabia que se tornara mais alta — tivera de jogar todas as roupas que usava ao chegar ali na caixa de refugos e descobrir outras que se ajustassem melhor a seu corpo. Os ombros estavam mais largos e, por causa dos exercícios constantes de esgrima e do trabalho com os cavalos, os músculos nas partes superiores dos braços e das pernas haviam se tornado duros e marcados. Como Mallina escarneceria, como a madrasta deploraria... Você não parece uma dama, Romilly. E não sou mesmo uma dama, mas sim uma Espadachim, Romilly respondeu silenciosamente à voz da madrasta.

Mas todos os seus problemas desapareciam a cada dia quando trabalhava com os cavalos, em particular com o garanhão negro. Nenhuma outra mão além da sua o tocava, pois sabia que seria um

dia uma montaria digna do próprio rei. Um dia se seguia a outro, uma lua a outra, uma estação a outra; o inverno chegou e havia dias em que ela não podia trabalhar nem mesmo com o garanhão negro, muito menos com os outros cavalos. Mesmo assim, orientava os cuidados necessários. O tempo e a convivência haviam convertido os rostos estranhos do abrigo em amigas. O Solstício do Inverno chegou, com pão condimentado e presentes trocados entre as mulheres da Irmandade. Algumas poucas tinham famílias, e foram visitá-las; mas quando perguntaram a Romilly se não desejava partir para visitar sua casa, ela respondeu com firmeza que não tinha família. Era mais simples assim. Mas não pôde deixar de pensar: como o pai a receberia, se aparecesse em casa para uma visita, sem pedir nada, uma Espadachim profissional em sua túnica escarlate e o símbolo da Irmandade na orelha furada? Ele a repeliria, diria que não era sua filha, que nenhuma filha sua podia ser uma daquelas mulheres assexuadas da Irmandade? Ou a acolheria com orgulho, sorriria em boas-vindas e até aprovaria sua independência e a força que demonstrara ao construir uma vida longe do Ninho dos Falcões?

Não sabia. Não podia sequer adivinhar. Talvez um dia, dali a anos, se arriscaria a tentar descobrir. Mas, de qualquer forma, não podia viajar pelas profundezas das Hellers em pleno inverno: a maioria das mulheres que pediram licença para visitas tinha famílias que não viviam mais distante do que Thendara ou Hali, o que representava no máximo sete dias de viagem.

Naquela região desértica havia poucos sinais da primavera. Num dia estava frio, ventos gelados sopravam e a chuva caía pelas planícies; no dia seguinte, ao que parecia, o sol brilhava, quente. Romilly refletiu que lá longe, nas Hellers, os caminhos estavam sendo inundados pelo degelo da primavera. Quando pôde voltar a trabalhar com os cavalos, tirava o manto e os treinava de culote e com uma túnica toda remedada.

Com a primavera surgiram rumores de exércitos na estrada, de uma batalha distante entre forças de Carolin e as tropas de Lyondri Hastur.

Depois souberam que Carolin fizera um acordo de paz com a Grande Casa de Serrais, e que seus exércitos se concentravam outra

vez nas planícies. Romilly prestava pouca atenção a tudo isso. Todos os seus dias eram ocupados pelos novos cavalos que haviam sido trazidos no início da primavera; improvisaram um abrigo para esses animais e alugaram um novo curral, fora dos muros da propriedade da Irmandade, para onde Romilly ia todas as tardes, com as mulheres que estava treinando. Seu mundo se reduzira a estábulos e currais, à planície fora da cidade para onde seguiam, dois ou três dias em cada dez, a fim de trabalhar e exercitar os cavalos. Uma tarde, quando passavam pelos portões, deixando a cidade, Romilly deparou com tendas, homens e cavalos, uma multidão atordoante.

— O que é isso? — ela perguntou.

Uma das mulheres, que saía todas as manhãs para comprar leite e frutas frescas, respondeu:

— É a guarda avançada do exército de Carolin; vão instalar seu acampamento aqui, de onde partirão outra vez pelas Planícies de Valeron, a fim de dar combate ao Rei Rakhal... — O rosto da mulher contraiu-se em aversão e ela cuspiu.

— Quer dizer que você é partidária de Carolin? — indagou Romilly.

— Se sou partidária de Carolin? Mas claro que sou! — A veemência da mulher era intensa. — Rakhal expulsou meu pai de sua pequena propriedade nas Colinas Venza e entregou suas terras a um acólito daquele demônio ganancioso chamado Lyondri Hastur! A mãe morreu pouco depois de deixarmos nossas terras e o pai está com o exército de Carolin... Partirei amanhã, se Cléa me conceder permissão, tentarei descobrir meu pai, pedirei notícias de meus irmãos, que fugiram quando fomos expulsos de nossas terras. Estou aqui com a Irmandade porque meus irmãos foram para os exércitos e não podiam mais me proporcionar um lar. Arrumaram-me um homem para casar, mas o homem escolhido fora deixado em paz por Lyondri e seu amo Rakhal, e eu jamais casaria com qualquer homem que ficasse no conforto de sua casa enquanto meu pai era exilado!

— Ninguém pode culpá-la por isso, Marelie — comentou Romilly. Ela pensou em suas viagens pelas Hellens com Orain e Cario e os outros exilados, como Alaric, que sofrerá ainda mais de Lyondri Hastur do que a família de Marelie.

— Também sou partidária de Carolin, embora nada saiba a respeito dele, exceto que homens em cujo julgamento confio sempre o considerara num homem de bem e um bom rei.

Ela pensou se Orain e Dom Cario estariam no acampamento. Poderia acompanhar Marelle, quando ela fosse procurar o pai no acampamento. Orain fora seu amigo; mesmo ela sendo mulher, esperava que ele tivesse passado são e salvo pelo inverno de guerra.

— Olhem! — exclamou Cléa, apontando. — Lá está a bandeira Hastur, azul com o pinheiro prateado! O Rei Carolin está no acampamento... O próprio rei!

E onde Orain está, Carolin não está muito longe,- lembrou Romilly. Naquela noite na taverna, quando Orain quis que ela distraísse os outros fregueses, o vulto furtivo com quem ele conversara teria sido o próprio Carolin?

E Orain ficaria satisfeito com sua visita? Ou apenas a acharia embaraçosa? Romilly decidiu que assim que Jandria voltasse ao abrigo -ela passara o ano inteiro viajando, no serviço de mensageira entre Serrais, Dalereuth e Temora, as cidades ao sul — pediria a opinião dela.

Deveria ter se lembrado que quando a mente de um telepata era atraída de forma inesperada para alguém que não via há algum tempo não se tratava provavelmente de coincidência. No dia seguinte, quando terminava seu trabalho com o garanhão negro e o levava de volta ao estábulo — após um ano de trabalho ele estava perfeitamente treinado, dócil como uma criança; ela conversara com a diretora sobre a possibilidade de oferecê-lo ao próprio rei — Romilly deparou com Jandria na entrada da baía.

— Romy! Eu tinha certeza de que a encontraria aqui! Ele percorreu um longo caminho desde aquele primeiro dia em que a vi pegá-lo e todas estávamos convencidas de que a mataria.

Jandria vestia-se como se tivesse acabado de chegar de uma longa viagem: botas empoeiradas, máscara contra a poeira como as que eram usadas pelos habitantes das Terras Secas, pendurada no lado do rosto. Romilly correu para abraçá-la.

— Janni! Não sabia que você voltara!

— Não estou aqui há muito tempo, irmãzinha.

Jandria retribuiu ao abraço com entusiasmo. Romilly alisou seus cabelos suavemente com as mãos encardidas e disse:

— Deixe-me desencilhá-lo e depois teremos algum tempo para conversar antes do jantar. Ele não é maravilhoso? Dei-lhe o nome de Estrela-Sol... É assim que ele pensa de si mesmo, como me disse.

— Ele é mesmo lindo — concordou Jandria. — Mas não devia dar a cavalos nomes tão sofisticados nem tratá-los com tanto cuidado. Irão para soldados e devem ter nomes simples, fáceis de lembrar. E acima de tudo, não deve se afeiçoar tanto aos cavalos, pois lhe serão tirados muito em breve. São para o exército, embora alguns devam ser montados por mulheres da Irmandade, se acompanharem os homens de Carolin, quando levantarem acampamento. Já viu o acampamento? Sabe que está próximo o momento em que todos esses cavalos irão para o exército. Não deve se envolver tão profundamente com eles.

— Não posso deixar de me afeiçoar — respondeu Romilly. — E assim que os treino; conquisto seu amor e confiança, eles fazem o que eu quero.

Jandria suspirou.

— Precisamos desse seu laran, mas detesto ter de usá-lo assim, criança. — Ela afagou os cabelos macios de Romilly. — Orain me contou, quando a levou para nós, que você tem conhecimento dos pássaros-sentinelas. Devo levá-la ao acampamento de Carolin, a fim de que você ensine a um novo operador como deve tratá-los. Vá se aprontar para a montaria, minha cara.

— Vestir-me para a montaria? O que acha que estive fazendo durante toda a manhã?

— Mas não fora do nosso abrigo — respondeu Jandria, com severidade.

Romilly viu-se subitamente através dos olhos de Janni: os cabelos emaranhados e com pedaços de palha, a túnica larga desabotoada porque fazia calor e ela suava, deixando à mostra a curva dos seios. E ela pusera um culote velho e remendado, muito justo, que encontrara na caixa de refugos que a Irmandade mantinha para os trabalhos internos. Romilly corou e soltou uma risadinha.

— Está certo, vou trocar a roupa. E voltarei em um minuto.

Ela se lavou rapidamente na bomba, correu para o quarto que agora partilhava com Cléa e Betta, penteou os cabelos desgrenhados. E depois vestiu seu próprio culote e uma camisa de baixo limpa. Enfiou pela cabeça a túnica escarlate da Irmandade, pôs o cinto com a adaga. Sabia que agora não parecia com uma mulher em roupas de homem, nem mesmo como um rapaz ou uma criança das ruas, mas como membro da Irmandade, uma Espadachim profissional, soldado dos exércitos de Carolin. Não podia acreditar totalmente que era ela própria naquele traje formal. Mas era o que ela era.

Jandria sorriu aprovadora quando ela apareceu. Janni também usava a túnica escarlate formal de Espadachim, uma espada no cinto, uma adaga na garganta, o pequeno símbolo faiscando na orelha esquerda. Lado a lado, as duas atravessaram os portões do abrigo e encaminharam-se para a cidade murada de Serrais.

Capítulo Quatro

Romilly pôde agora examinar mais atentamente o acampamento dos homens de Carolin, a bandeira prateada com o pinheiro azul dos Hastur tremulando sobre a tenda central, que ela calculou que devia ser o alojamento pessoal do rei ou o quartel-general de seu estado-maior. Avançaram pelo acampamento, passando por estábulos bem organizados, uma cozinha onde caldeirões do exército borbulhavam com alguma coisa que exalava um apetitoso aroma, e um campo cercado por uma corda em que uma Espadachim que Romilly conhecia apenas ligeiramente dava aulas de combate desarmado a um grupo de recrutas com a barba por fazer; alguns pareciam irritados e descontentes, e Romilly desconfiou que não gostavam de receber instruções de uma mulher; outros, esfregando equimoses nos pontos com que haviam caído no chão, derrubados por ela, observavam com a maior atenção.

Um guarda estava postado perto da parte central do acampamento e mandou que elas parassem. Jandria fez uma saudação formal e disse:

— Espadachim Jandria e Aprendiz Romilly, procuro Lorde Orain, que mandou me chamar.

Romilly tentou se fazer pequena, supondo que o guarda diria alguma coisa desdenhosa ou descortês, mas o homem se limitou a retribuir a saudação e chamou um mensageiro, um rapaz mais ou menos da idade de Romilly, pedindo-lhe que fosse avisar Lorde Orain.

Ela reconheceria o vulto alto e magro, com o queixo fino e comprido, em qualquer lugar; mas agora ele vestia as elegantes cores dos Hastur, usava um pingente de pedras preciosas e uma boa espada. Romilly compreendeu que se o visse assim ao conhecê-lo ficaria impressionada demais para falar. Ele fez uma reverência formal para as mulheres e sua voz tinha o refinado sotaque do nobre, sem qualquer vestígio do rude dialeto camponês, quando disse:

— Mestra'in, é muita gentileza atenderem à minha convocação tão depressa.

Jandria respondeu, do mesmo jeito formal, que era um prazer e um dever servir ao rei. Um pouco menos formalmente, Orain acrescentou:

— Lembrei que Romilly tem experiência de treinamento não apenas de falcões, mas também de pássaros-sentinelas. Temos um laranzu que veio conosco de Tramontana, mas ele não teve qualquer experiência com pássaros-sentinelas. E os que temos são seus conhecidos, damisela. Poderia fazer o favor de instruir nosso laranzu nas habilidades para manipulá-los?

— Terei o maior prazer, Lorde Orain... — Romilly hesitou por um instante e depois explodiu: — ... mas apenas se parar de me chamar de damisela nesse tom!

Um rubor irregular espalhou-se pelo comprido rosto de Orain. Ele não a fitou nos olhos.

— Desculpe... Romilly. Quer me acompanhar?

Ela seguiu Jandria e Orain, que foram andando de braços dados. Jandria perguntou:

— Como ele está? Orain deu de ombros.

— Muito melhor pelas notícias que você mandou, querida. Mas esteve frente a frente com Lyondri?

Romilly viu o movimento negativo da cabeça da mulher mais velha.

— No final, fui covarde demais; mandei Romilly em meu lugar. Se o confrontasse naquele momento... — Ela hesitou. — Não sei se você viu aquelas aldeias ano passado, ao longo da estrada do norte. Ainda empestadas, todas elas...

Jandria fez uma pausa, estremeando; mesmo à distância, Romilly pôde percebê-lo.

— Fico contente por ser uma honesta Espadachim e não uma leronis.' Se tivesse participado da devastação daquela boa terra, não sei como poderia outra vez levantar os olhos para o dia claro!

Seria esse, especulou Romilly, o motivo pelo qual O MacAran brigara com as Torres, por que Ruyven tivera de fugir e o pai expulsara a leronis de sua casa sem permitir que testasse Romilly e

Mallina para determinar seu laran? A guerra de laran, mesmo o pouco que ela pudera observar, era terrível. Orain comentou, muito sóbrio:

— Carolin já declarou que não travará esse tipo de guerra, a menos que seja usado contra ele. Mas se Rakhal tiver laranzu'in para lançar contra seus exércitos, então ele terá de fazer o que for necessário. Sabe disso tão bem quanto eu, Janni. — Orain suspirou. — Seria melhor você contar a ele pessoalmente o que descobriu em Hali, mesmo que as notícias o deixem pesaroso. Quanto a Romilly...

Orain virou-se e contemplou-a por um momento em silêncio, antes de acrescentar, apontando:

— Os alojamentos dos treinadores de pássaros ficam ali. O mestre treinador e seu aprendiz ocupam aquela tenda e sem dúvida encontrará os dois na parte de trás. Vamos embora, Janni.

Jandria e Orain afastaram-se de braços dados na direção da tenda central, onde a bandeira estava hasteada, e Romilly seguiu para a tenda indicada, sentindo-se inibida e apreensiva. Como falaria com um laranzu estranho? Mas ela logo se empertigou, orgulhosa. Era uma MacAran, Espadachim e mestre falcoeira; não precisava ter medo de ninguém. Haviam-na chamado para ajudar, não o inverso. Avistou atrás da tenda um rapaz grosseiramente vestido, com cerca de treze anos, carregando um enorme cesto; e mesmo que não o visse, poderia sentir o cheiro, pois recendia a carniça. E divisou em poleiros as três formas familiares, belas-feias, saiu correndo, rindo.

— Diligência! Prudência, querida!

Ela estendeu as mãos e os pássaros inclinaram um pouco a cabeça; reconheciam-na e o antigo e familiar contato restabeleceu-se, persistiu.

— E onde está Temperança? Ah, aí está você, minha beleza!

— Não chegue muito perto desses pássaros — disse uma voz que parecia familiar por trás de Romilly. — Essas criaturas podem arrancar seus olhos a bicadas; meu aprendiz perdeu a unha de um dedo anteontem.

Ela virou-se e deparou com um homem franzino e barbudo, metido em uma túnica escura, não muito diferente da que era usada por um monge em Nevarsin, fitando-a com uma expressão

carrancuda; e depois pareceu que o rosto barbudo estranho se dissolveu, ela reconheceu a voz e gritou, incrédula:

— Ruyven! Oh, eu deveria ter imaginado quando me disseram que era um laranzu de Tramontana. Ruyven, não me reconhece?

Ela ria e chorava ao mesmo tempo, enquanto Ruyven a fitava fixamente, a boca entreaberta.

— Romy! — ele exclamou finalmente. — Irmã, é a última pessoa do mundo que eu esperaria encontrar aqui! Ainda mais nesse traje. — Ruyven fitou-a de alto a baixo, corando por trás da barba estranha. — O que esta fazendo aqui? Como veio...

— Fui mandada para cuidar dos pássaros, seu tolo. Fui eu quem os levou dos contrafortes das Hellers para Nevarsin e de lá para Caer Donn. Veja, eles me reconhecem... — Romilly gesticulou e os pássaros responderam por prazer e reconhecimento. — Mas o que você está fazendo aqui, Ruyven?

— A mesma coisa que você. O filho de Lorde Orain e eu somos bredin; ele me enviou um aviso e vim me encontrar com o exército de Carolin. Mas você... — Ele tornou a contemplar o traje da Irmandade, com surpresa e aversão. — O pai sabe que está aqui? Como obteve seu consentimento?

— Da mesma maneira que você obteve o consentimento dele para treinar seu laran na Torre Tramontana — respondeu Romilly, fazendo uma careta.

Ruyven suspirou.

— Pobre pai! Ele perdeu nós dois e Darren. — Ruyven tornou a suspirar. — Mas o que está feito, está feito. Agora você usa o brinco da Irmandade e eu a túnica da Torre, e ambos seguimos Carolin... Por falar nisso, já viu o rei?

Romilly sacudiu a cabeça.

— Não, mas viajei durante algum tempo com seus seguidores, Orain e Dom Cario do Lago Azul.

— Não conheço esse Cario. Mas você cuida de pássaros-sentine-las? Lembro que sempre teve boa mão com cavalos e cachorros, e suponho que com falcões também; por isso, deve possuir o dom MacAran para cuidar desses pássaros. Teve algum treinamento de laran, irmã?

— Nenhum; desenvolvi-o pelo trabalho com animais de terra e pássaros.

Ruyven balançou a cabeça, consternado.

— O laran destreinado é uma coisa perigosa, Romy. Depois que tudo isso terminar, providenciarei um lugar para você numa Torre. E quer saber de mais uma coisa? Ainda não me cumprimentou direito!

— Ele abraçou-a e beijou-a na face. — Conhece esses pássaros? Até agora, excetuando Lorde Orain, não vi ninguém que pudesse controlá-los...

— Ensinei tudo o que ele sabe sobre os pássaros-sentinelas — declarou Romilly.

Ela se aproximou dos poleiros e estendeu uma das mãos; com a outra, desfez o nó. Prudência deu um pulo rápido para se acomodar no pulso dela. Deveria ter trazido uma luva apropriada, mas em algum lugar do acampamento de Carolin tinha de haver uma luva de falcoeiro.

E isso a fez pensar, com súbita angústia, em Preciosa. Não a via desde que haviam entrado naquela região das Terras Secas. Mas também Preciosa já a deixara antes, quando atravessara as geleiras, e voltara a procurá-la quando se encontrava outra vez nas colinas verdes. Era bem possível que Preciosa retornasse outra vez para ela algum dia...

...e se isso não acontecer, ela é livre... uma coisa livre e selvagem, pertencendo aos ventos do céu e a si mesma...

— Pode me arrumar uma luva, Ruyven? Se for preciso, posso cuidar de Prudência com as mãos nuas, porque ela é pequena e gentil, mas os outros dois pássaros são mais pesados e não têm um toque tão delicado.

— Pode haver alguma coisa de delicada nessas criaturas? — Ruyven riu, mas parou ao perceber que ela permanecia séria. — Chamou-a de Prudência, não é mesmo? Muito bem, mandarei meu ajudante buscar uma luva para você e depois deve me dizer seus nomes e explicar como os distingue.

A manhã passou depressa, mas falaram apenas de pássaros; não houve qualquer menção ao passado partilhado ou ao Ninho dos Falcões. Ao meio-dia um sino repicou e Ruyven, anunciando que era

a hora do almoço, convidou-a a acompanhá-lo ao rancho do acampamento.

— Há outras mulheres da Irmandade aqui no acampamento — ele informou. — Elas dormem em seu abrigo na cidade, mas tenho a impressão de que você sabe mais sobre isso do que eu. Pode comer na mesa delas, se quiser, e creio que seria melhor, pois elas não se misturam com os soldados regulares, a não ser quando é necessário, e você não pode explicar a todo o exército que é minha irmã.

Romilly entrou numa das longas filas do rancho, levou seu pão e ensopado para a mesa separada onde estavam as sete ou oito mulheres da Irmandade que trabalhavam com o exército — como mensageiras, treinadoras de cavalos e instrutoras de combate desarmado; uma até como instrutora de esgrima! Conhecera algumas no abrigo e nenhuma se mostrou surpresa em vê-la ali. Jandria não apareceu. Romilly calculou que ela ficara com Lorde Orain e os oficiais superiores, que obviamente tinham um rancho separado.

— O que está fazendo aqui? — perguntou uma das mulheres. Romilly respondeu em poucas palavras que fora enviada para trabalhar com os pássaros-sentinelas.

— Pensei que isso era trabalho de leronyn — comentou outra mulher. — Mas você tem cabelos vermelhos, também possui Iaran?

— Tenho jeito para trabalhar com animais. Não sei se é laran ou outra coisa.

Romilly não queria ser tratada com a distante reverência que era dispensada a uma leroni. Após acabar a refeição, ela voltou a se encontrar com Ruyven nos alojamentos dos responsáveis pelos pássaros. Ao final do dia o irmão cuidava dos pássaros com a mesma facilidade que ela.

O crepúsculo estava terminando e eles acomodaram os pássaros nos poleiros, preparando-os para serem levados para dentro da tenda. Ruyven levantou os olhos subitamente e anunciou:

— Lá vem o braço-direito de Carolin. Raramente vemos o rei; as ordens são sempre transmitidas por Lorde Orain. Creio que você o conhece.

— Viajei meses com ele, mas todos pensavam que eu era um rapaz — respondeu Romilly, sem explicar.

Orain aproximou-se e disse a Ruyven, ignorando Romilly:

— Quando os pássaros estarão prontos para serem usados?

— Talvez em dez dias.

— E Derek ainda não chegou — murmurou Orain, franzindo o rosto.

— Acha que poderia persuadir a Ieronis...

Ruyven declarou bruscamente:

— O campo de batalha não é lugar para Dama Maura. Além do mais, Lyondri é seu parente; ela disse que cuidaria dos pássaros, mas me fez prometer que não lhe pediria para lutar contra ele. Não a culpo; esta guerra que lança irmão contra irmão, pai contra filho, não é lugar para mulher.

Orain exibiu um sorriso seco.

— Nem para homem; o mundo continua como quer e não como você ou eu gostaríamos que fosse. Esta guerra não foi obra minha nem de Carolin. De qualquer maneira, respeito os sentimentos de Dama Maura. Por isso, devemos procurar outra pessoa para treinar os pássaros-sentinelas. Romilly... — Ele a fitou por um momento e havia um vestígio da antiga afeição em sua voz quando acrescentou: — Você poderia treiná-los por Carolin, menina?

Então quando quer alguma coisa de mim ele pode ser um pouco cortês, até mesmo com uma mulher? A ira fez com que sua voz soasse fria:

— Deve perguntar às minhas superiores na Irmandade, vai dom; sou uma aprendiz e minha vontade não decide o que devo fazer.

— Creio que Jandria não criará dificuldades — comentou Orain, sorrindo. — A Irmandade a emprestará a nós, não tenho a menor dúvida.

Romilly inclinou a cabeça, sem responder. Mas pensou: Não se eu tiver alguma influência nessa decisão.

Elas voltaram para o abrigo ao sol poente, o céu claro e sem nuvens; Romilly nunca deixara de sentir saudades da chuva vespertina ou da neve nas colinas. Ainda lhe parecia que aquela

região era seca demais, inóspita. Jandria tentou puxar conversa sobre o exército, a região, apontou a Grande Casa de Serrais, empoleirada na encosta baixa, onde os Hastur haviam se instalado, como em Thendara, Hali, Aldaran e Carcosa; mas Romilly manteve-se calada, pouco falando, perdida em pensamentos.

Ruyven não é mais o irmão que eu conhecia; podemos ser amigos agora, mas a intimidade desapareceu para sempre. Eu esperava que ele me compreendesse, os conflitos que me afastaram do Ninho dos Falcões... São iguais aos que ele também teve. Houve época em que ele podia me ver apenas como Romilly, não como sua irmãzinha. Agora... agora tudo o que ele vê é que me tornei uma Espadachim, mestre falcoeira, nada mais do que isso.

Mesmo depois que perdi o Ninho dos Falcões, pai, mãe, lar... pensei que ao reencontrar Ruyven seríamos como no tempo em que éramos crianças. Agora também perdi Ruyven, para sempre.

Nada mais me resta, somente um falcão e minha habilidade com a espada e com os animais. Elas chegaram ao abrigo, onde o jantar há muito terminara, mas uma das mulheres providenciou-lhes um pouco de comida na cozinha. Foram deitar em silêncio; Jandria também estava absorta em seus pensamentos, que Romilly imaginou que deviam ser tão amargos quanto os dela.

Maldita guerra! Isso mesmo, é o que Ruyven disse e Orain também. É possível que o pai estivesse certo... Que importância tem qual o grande patife que está no trono ou que patife ainda maior que tenta derrubá-lo?

Todos os dias Romilly trabalhava primeiro com os outros cavalos, mais simples de controlar por serem menos inteligentes; pareciam ter menos iniciativa. Reservava Estrela-Sol como recompensa para si mesma ao final de uma longa manhã de exercícios com os outros cavalos, orientando suas ajudantes no treinamento e supervisionando pessoalmente a andadura e a velocidade com que podiam ser domados para a sela e arreios. Sabia que era apenas mais um entre os treinadores de cavalos em Serrais que Carolin usava no preparo da cavalaria para seu exército — havia ocasiões em que via alguns dos outros deixando a cidade de Serrais para trabalhar nas planícies próximas. Mas seria uma tola se não

soubesse que seus cavalos eram mais bem treinados e mais depressa.

Agora, quase ao final de uma longa manhã, ela circulou por seu pequeno domínio, fazendo um afago no focinho de cada um dos seus cavalos, num momento de longo e feliz contato emocional. Amava cada um, experimentava a certeza, entre amarga e doce, de que em breve teriam de se separar; mas cada um levaria um pouco dela para onde os exércitos de Carolin pudessem ir. Contato após contato, um abraço num pescoço comprido ou um afago num focinho aveludado, cada momento aumentava sua percepção mais e mais, até que se sentiu tonta, com a sensação de correr ao sol, galopar sobre quatro patas, o controle do cavaleiro, que era um fardo, proporcionando uma satisfação particular. No fundo de sua mente, Romilly sentiu que cada um daqueles cavalos sustentando seu cavaleiro conhecia alguma coisa da profunda justiça do Portador dos Fardos, que suportava sozinho o peso do mundo, como constava dos escritos do santificado Valentim. Ela foi cada cavalo, conhecendo sua rebeldia, sua disciplina e submissão, o sentimento de trabalhar em perfeita união com o que lhe era concedido.

Um tanto vagamente, ela pensou: Talvez apenas os cavalos saibam o que a verdadeira fé pode ser ao partilharem com o Portador dos Fardos... E no entanto, eu, apenas humana, fui escolhida para partilhar e conhecer isso. Era mais fácil se deixar levar em união e contato com os cavalos do que com falcões, ou mesmo mais que os brilhantes pássaros-sentinelas, porque os cavalos, ela refletiu, possuíam uma inteligência mais aguçada. Os pássaros, sensíveis como eram, felizes por partilharem o êxtase do vôo, ainda assim só tinham uma percepção limitada, em grande parte concentrada na visão. A percepção sensual era mais intensa nos cavalos porque eram mais organizados, mais inteligentes, um estilo humano de percepção, ao mesmo tempo em que não chegava a ser humano.

E agora, ao final da manhã, depois que os outros cavalos haviam sido recolhidos, ela tirou Estrela-Sol de sua baia. O cavalo trabalhava agora em tamanha união com ela que uma única palavra o convocava. Uma parte de Romilly se projetava em amor, ela era o

cavalo, sentia a sela deslizar em suas próprias costas, enquanto ajeitava as correias de couro, numa estranha percepção duas vezes mais ampla.

Ela não sabia se subira na sela ou aceitara o peso estimado em suas próprias costas. Parte dela foi absorvida alegremente na percepção do próprio corpo, mas tudo isso era engolfado na percepção maior de cavalgar livre, correr com o vento... tão equilibrada, tão unida ao cavalo que por longo tempo mal percebia o que era ela própria, o que era Estrela-Sol. Apesar de tudo isso, porém, sentia que nunca fora com tanta precisão e intensidade ela própria, dominada por uma espécie de realidade que jamais conhecera antes. O calor do sol, o suor escorrendo por seus flancos, a delicada inclinação para equilibrar de cima o peso que sentia por baixo, por dentro. O tempo parecia dividido em infinitesimais fragmentos; a cada um ela concedia seu verdadeiro peso, sem pensar no passado ou no futuro, tudo se unindo no presente absoluto.

E depois, pesarosa, ela voltou e separou-se de Estrela-Sol, descendo na cerca do curral, caindo contra ele e passando os braços por seu pescoço lustroso, num êxtase absoluto de amor, entregando-se completamente, com toda a consciência. Não havia necessidade de palavras. Ela era dele; ele era dela; mesmo que nunca mais experimentassem aquele êxtase de consumação mútua, aquele prazer total e delicioso; mesmo que ela nunca mais o montasse nem ele corresse com ela para uma planície sem fim, do prazer alheio a tudo; estariam sempre, em alguma parte de seus seres, unidos integralmente; aquele momento era eterno, e continuaria a ocorrer para sempre.

E depois, com ligeiro pesar — mas apenas tênue, pois em seu estado de exaltação ela sabia que todas as coisas tinham seu momento oportuno e que aquele não podia ser prolongado demais —, ela se deixou resvalar para outro nível de consciência, e era Romilly outra vez, oferecendo aos macios flancos do cavalo uma última carícia de amor e conduzindo-o, separado agora, mas nunca longe, para sua baía. Romilly mal podia sentir os pés sob o corpo ao

voltar para o abrigo, mas experimentou uma nítida contrariedade pela voz amistosa de Cléa.

— Como ele é lindo.. . É esse o garanhão negro de que me falaram? Ele é feroz demais, terão de usá-lo apenas na reprodução?

— Alertada por alguma coisa na expressão de Romilly, ela acrescentou: — Você, você estava montando-o?

— Ele é calmo como uma criança — murmurou Romilly, distraída. -Ele me ama, mas uma criança poderia montá-lo agora.

De modo absurdo, ela desejou poder entregar aquele cavalo a Caryl, que certamente o amaria tanto quanto ela, pois ele tinha mais do que apenas um vestígio do mesmo laran. Como não podia ficar pessoalmente com aquela criatura imperial, seria melhor que ele fosse para tão sensível menino. Que era, ela lembrou a si mesma, voltando à realidade com uma pontada de angústia, o filho de Lyondri Hastur, seu inimigo declarado.

— O que você queria, Cléa?

— Eu vinha falar com você sobre sua aula de combate desarmado, mas no caminho encontrei Jandria, que disse que você deve ir de novo ao acampamento do rei. Vai trabalhar com os pássaros-sentinelas, pelo que sei. Leve todas as suas coisas, pois parece que não voltará para cá.

Não voltaria! Então deveria se despedir de Estrela-Sol ainda mais cedo do que imaginara. Mas em seu estado de percepção intensa Romilly sabia que isso não importava realmente. Sempre seriam parte um do outro. Pois agora seria a mestra dos falcões dos exércitos de Carolin — não se deteve a pensar como sabia disso -, e ela, como Estrela-Sol, devia arcar com sua parte específica do peso do mundo.

— Obrigada, Cléa. E obrigada também por tudo o que me ensinou.

— Romy, como seus olhos brilham! Foi um prazer ensinar a você; é sempre um prazer ensinar a alguém que se mostra tão propensa a aprender, e tão rapidamente. — Cléa abraçou-a com uma afeição espontânea. — Lamento perdê-la. Espero que volte ao abrigo algum dia, mas mesmo que isso não aconteça, voltaremos a nos encontrar. As Espadachins estão sempre viajando e

invariavelmente acabamos nos encontrando em algum lugar das estradas dos Cem Reinos.

Romilly beijou-a com real afeição, e foi para o quarto recolher seus poucos pertences.

Quando acabou, encontrou Jandria no vestíbulo, vestida para montaria e também com um embrulho, onde estavam todos os seus bens.

— Mandei aprontar Estrela-Sol — disse Jandria. — Os outros cavalos serão levados depois, ainda hoje, mas você investiu tanto tempo e tanto amor neste animal que achei que deveria ter o privilégio de entregá-lo pessoalmente ao Rei Carolin.

Então o momento chegou mais depressa do que eu previa. Mas depois desta manhã Estrela-Sol e eu estaremos sempre unidos.

Ele não aceitou calmamente a rédea de condução. Romilly desejou poder montá-lo, mas não seria correto para um cavalo que ia ser presenteado ao rei. Tratou de acalmá-lo com palavras suaves e, ainda mais, com o contato da mente. Guiado pelo fluxo tranqüilizante de ternura e segurança que Romilly irradiava, ele seguiu dócil, sentindo a solicitude dela conduzindo-o.

Você vai se tornar a montaria de um rei, sabia disso, meu lindo?

O contato entre eles não necessitava de palavras; aquilo não significava coisa alguma para Estrela-Sol, que nada sabia de reis. Romilly, por sua vez, sabia que ele poderia e provavelmente viria a amar Carolin, e a confiar nele, mas nenhuma outra pessoa jamais o montaria com o mesmo sentido de união que ela experimentara. E, subitamente, ela sentiu pena de Carolin. O lindo garanhão negro podia pertencer ao rei, mas ela, Romilly, haveria de possuí-lo para sempre, nos corações de ambos.

Capítulo Cinco

Havia uma impressão sutilmente diferente no acampamento do exército hoje. A grande tenda central onde antes tremulava a bandeira dos Hastur estava sendo desmontada pelo que parecia ser uma horda de trabalhadores, havia movimento e confusão por todo o acampamento. Deixando Estrela-Sol com Jandria e as outras que tinham vindo ajudá-la com o garanhão, Romilly seguiu apressada para os alojamentos dos treinadores de pássaros. Encontrou Ruyven lá, arrumando os poleiros instalados nos lombos de animais de carga para os pássaros-sentinelas. Os chervines, detestando o cheiro de carniça que aderira aos pássaros, remexiam-se inquietos, resfolegavam, escarvavam a terra.

— Imagino que tudo isso significa que o exército está prestes a se deslocar para o sul e que eu irei com você — comentou Romilly.

Ruyven confirmou com um aceno de cabeça.

— Não posso treinar ou cuidar de três pássaros sozinho e não há outra pessoa qualificada para controlar esses pássaros-sentinelas num raio de cem léguas, a não ser, que Deus nos ajude, as que podem estar entre os batedores e a guarda avançada de Rakhal. Recebemos informações de Hali de que Rakhal está concentrando seus exércitos, sob o comando de Lyondri Hastur. Se ele avançar, como pensamos — e a confirmação dependerá da competência com que você e eu conseguirmos usar os olhos de nossos pássaros -, vamos encontrá-lo perto de Neskaya, nas Colinas Kilghard. Lorde Orain até perguntou se podemos fazer voar os pássaros hoje e descobrir o que podemos espionar.

— E quando Orain fala, é claro que todo o exército assume posição de sentido — disse Romilly, secamente.

Ruyven ficou aturdido.

— O que há com você, Romy? Lorde Orain é um homem bom e gentil, o principal conselheiro e amigo de Carolin. Não gosta dele? E por quê?

Isso fez Romilly se controlar. Era apenas vaidade ferida; enquanto pensara que ela era um rapaz, Orain a admirara e confiara

nela; mas quando soube que era mulher, tudo fora descartado e ela passara a ser apenas outro não-ser, outra mulher, talvez um perigo para ele. Mas isso era problema de Orain, não dela; nada fizera para merecer aquela implacável rejeição de seus afetos. E é ele quem perde com isso, não eu!

— Prezo as qualidades de Orain mais do que você imagina; viajei com ele e trabalhamos juntos por muitas luas. Mas acho que ele não tem o direito de me desprezar só porque sou mulher. Já demonstrei que posso fazer meu trabalho tão bem quanto qualquer homem.

— Ninguém duvida disso, Romy — respondeu Ruyven, num tom tão conciliador que Romilly se perguntou o quanto de sua raiva oculta transparecera no rosto dela. — Mas Orain não ama as mulheres e não recebeu os ensinamentos da Torre... Sabemos em Tramontana que as forças dos homens e das mulheres não são tão diferentes, afinal de contas. Somos a primeira Torre que experimentou uma mulher como Guardiã em um de nossos círculos, e ela é tão eficiente no trabalho quanto qualquer homem, até mesmo um Hastur. Acho que você também pode se beneficiar desse treinamento.

— Eu costumava pensar isso, mas agora sei qual é o meu laran e meu dom. O pai também deve ter um pouco desse dom, ou não seria capaz de treinar cavalos como faz; e tenho certeza agora de que o herdei.

— Eu não me precipitaria tanto a decidir contra o treinamento da Torre, Romy. Também pensava que dominava meu laran, mesmo em Nevarsin, mas descobri que enquanto defendia muito bem a linha de frente da guerra com o mesmo, deixava desguarnecida a fortaleza na retaguarda, por onde quase fui conquistado.

Romilly fez um gesto impaciente; o simbolismo do guerreiro parecia-lhe forçado e desnecessário.

— Se temos de levar os pássaros e fazê-los voar, então é melhor começarmos logo. Afinal, se Orain deu ordens, não podemos deixar à espera o principal conselheiro de Carolin.

Ruyven parecia prestes a protestar contra o sarcasmo, mas acabou suspirando e ficou calado. Em sua túnica preta, parecia

muito com um monge, o rosto fino possuía a expressão desligada e impassível que ela associava aos irmãos de Nevarsin.

— Eles virão nos avisar quando quiserem. Pode verificar se as peias de Temperança não estão muito apertadas? Tive receio de que abrissem uma cicatriz antiga na perna dela. Orain disse que ela sofreu alguns ferimentos antes de você aparecer. Acho que seus olhos são mais aguçados do que os meus.

Romilly foi examinar a perna de Temperança, acalmando-a com pensamentos apropriados. Não encontrou nenhum problema mais grave, mas mudou a posição das peias, pois a antiga cicatriz estava avermelhada. Passou no local uma solução de pó de karalla como precaução, depois virou pelo avesso os três capuzes e salpicou de leve o interior com o mesmo pó, como preventivo contra qualquer umidade ou infecção, ou os minúsculos parasitas que às vezes atacavam os pássaros e causavam problemas na muda. Ruyven finalmente disse:

— Lamento usar meus talentos assim, na guerra, quando preferia permanecer em paz na Torre e trabalhar por nosso povo nas colinas. Mas, caso contrário, todos os Reinos podem cair, um a um, à tirania de Lyondri Hastur e do miserável Rakhhal, que não tem honra, laran ou qualquer noção de justiça, mas apenas uma implacável sede de poder. Carolin, pelo menos, é um homem honrado.

— É o que você diz, e Orain também. Mas eu não o conheço.

— Pois vai conhecê-lo agora — disse Orain, parado à entrada do alojamento; era evidente que ouvira a conversa. — Jandria me falou de seu presente para o rei e achou que era direito, Ama Romilly, que você o entregasse pessoalmente. Assim, peço que me acompanhe.

Romilly olhou para Ruyven, que disse:

— Irei também.

Tirando a luva, ele foi atrás dos dois.

Por que Ruyven é o mestre falcoeiro do rei e eu considerada apenas como sua ajudante? Sou uma Espadachim profissional e tenho mais competência. Ruyven preferia estar em sua Torre e este trabalho é a vida para mim. Ele próprio diz que na Torre as mulheres têm permissão para ocuparem altos cargos, mas parece que nunca

Ihe ocorre que eu, sua irmã menor, devo ser tratada com a mesma justiça. E os exércitos de Carolin são dominados pelo antigo preconceito de que um homem deve sempre fazer qualquer trabalho melhor do que as mulheres mais competentes?

Os pensamentos rebeldes foram interrompidos pela visão de Jandria, que segurava Estrela-Sol pela rédea. Ele estava selado, levantou o focinho sedoso e relinchou baixinho reconhecendo Romilly. Ela se projetou outra vez para fazer contato com a mente do cavalo em saudação e amor. Jandria disse:

— É uma honra para a Irmandade poder oferecer este esplêndido presente ao rei, e agradeço a você por isso, em nome de todas nós.

— Eu é que me sinto honrada — respondeu Romilly, em voz baixa.

— Foi um prazer trabalhar com Estrela-Sol.

— Lá vem ele, com Lorde Orain — anunciou Jandria.

Romilly viu Orain, vestido para a montaria, aproximando-se em companhia de um homem encapuzado e coberto por um manto. Apertou a rédea de Estrela-Sol, excitada.

— Senhor, concede-nos uma grande honra — murmurou Jandria, com profunda reverência. — A Irmandade da Espada tem o prazer de lhe oferecer este magnífico cavalo, preparado por nossa melhor treinadora, Romilly.

Romilly não levantou os olhos para o rei, mas sentiu que Orain a observava atentamente. E disse, fitando apenas o focinho lustroso do cavalo:

— Seu nome é Estrela-Sol, Majestade, foi treinado para todos os ritmos e andaduras. Ele o levará por amor, jamais experimentou chicote ou espora.

— Se recebeu seu treinamento, Ama Romilly, tenho certeza de que está muito bem preparado — respondeu uma voz familiar.

Ela ergueu os olhos para o rosto encapuzado do rei e deparou com os olhos de Dom Cario do Lago Azul. Ele sorriu de sua surpresa e acrescentou:

— Desculpe ter levado uma vantagem sobre você, Ama MacAran; sabia quem era há muito tempo...

Romilly recordou o momento em que sentira o contato do laran do rei.

— Eu gostaria que tivesse me contado, vai dom — interveio Orain. — Não tinha a menor idéia de que ela era mulher e acabei bancando o tolo.

Dom Cario — não, Romilly lembrou a si mesma, Rei Carolin, Hastur de Hastur, Senhor de Thendara e Hali — fitou Orain com inequívoca afeição.

— Você vê apenas o que quer ver, bredu. — Ele afagou o ombro de Orain e depois acrescentou, para Romilly: — Eu agradeço a você, e à Irmandade, por este magnífico presente e pela lealdade a mim. Pode estar certa de que as duas coisas são muito preciosas para mim. E já soube também que vai continuar a cuidar dos pássaros-sentinelas, cujas vidas salvou quando a encontramos no caminho para Nevarsin. Nunca esquecerei, minha... — Ele hesitou um instante, sorriu e arrematou: — ... Espadachim. Obrigado. Obrigado a todas.

Romilly tornou a tocar em Estrela-Sol, num gesto afetuoso e final de despedida.

— Sirva-o bem — ela sussurrou para o cavalo. — Leve-o fielmente, ame-o tanto quanto eu... quanto eu amo você.

Ela se afastou do animal, observando enquanto o rei pegava as rédeas e montava.

Ele também possui um pouco desse dom. Lembro muito bem. O que significa que Estrela-Sol não vai para um homem brutal ou insensível, mas para alguém que reconhecerá seu verdadeiro valor.

Romilly ainda se sentia perturbada. Dom Cario descobrira que ela era mulher e não a traíra com os homens; mas podia também tê-la poupado da humilhação nas mãos de Orain, advertindo o amigo. Mas depois, refletindo que tinha de ser justa, lembrou a si mesma que ele podia não ter noção de seus sentimentos por Orain, muito menos adivinharia que ela se colocaria daquele jeito à mercê de Orain, na cama dele.

Ora, não tinha mais importância; o que estava feito, estava feito. Ruyven aproximou-se e ela apresentou-o a Jandria.

— Meu irmão Ruyven; Dama Jandria.

— Espadachim Jandria — corrigiu a mulher mais velha, rindo.
— Já lhe disse, deixamos as posições sociais para trás quando assumimos a espada. E seu irmão é...

— Ruyven MacAran, Quarto em Tramontana, Segundo Círculo.
Já acabou com minha irmã, domna ?

Romilly registrou, automaticamente, que ele tratava Jandria pelo título formal concedido a uma igual ou superior, domna — Dama -, em vez de termo mais simples, mestra, que teria usado com uma inferior social.

— Ela pode se retirar — respondeu Jandria.

Romilly, de rosto contraído, acompanhou o irmão. Acalentara a esperança de que em algum momento daquele dia pareceria natural conversar com Ruyven sobre sua partida do Ninho dos Falcões. Sua intenção inicial — quanto tempo parecia ter passado! — fora a de procurar a Torre em que ele se refugiara. Imaginara que ele a acolheria lá com a maior satisfação. Mas aquele estranho retraído e monacal parecia não ter qualquer relação com o irmão de quem ela fora tão íntima na infância. Não podia se imaginar a lhe fazer confidências. Sentia-se mais íntima de Jandria agora, ou até mesmo de Orain, por mais distante que ele tivesse se tornado.

Ela olhou um instante para Estrela-Sol, trotando imponente com Dom Cario, não, ela precisava recordar, Rei Carolin, na sela. Um breve contato mental renovou a comunicação e Romilly sentiu que sorria.

Estou mais próxima daquele cavalo do que de qualquer ser humano; tenho mais intimidade com ele do que jamais tive com qualquer ser humano.

Depois que os trabalhos do dia estavam encerrados, Jandria apareceu à sua procura.

— Na orla do acampamento há uma tenda onde dormem as Espadachins que acompanham Carolin — ela comunicou. — Venha comigo e lhe mostrarei onde fica, Romilly.

— Devo dormir aqui com os pássaros — respondeu Romilly, dando de ombros. — Nenhum mestre falcoeiro fica longe de seus pássaros o suficiente para não poder ouvi-los. Dormirei aqui em meu manto, não preciso de tenda.

— Não pode dormir entre os homens, e sequer deve pensar nisso — protestou Jandria.

— O mestre falcoeiro do rei é meu próprio irmão — lembrou Romilly, impaciente agora. — Está insinuando que ele pode causar algum dano à minha virtude? E tenho certeza de que a presença de meu irmão mais velho é proteção suficiente.

Jandria declarou com alguma aspereza:

— Conhece as regras para as Espadachins fora dos nossos abrigos! Não podemos avisar a todos no exército que ele é seu irmão, e se por acaso se espalhar a notícia de que uma Espadachim jurada dormiu sozinha com um homem numa tenda. ..

— Suas mentes devem ser como os esgotos de Thendara! — exclamou Romilly, furiosa. — Devo deixar meus pássaros por causa das mentes sujas de alguns soldados que nem sequer conheço?

— Lamento, mas não fui eu quem fez as regras e não posso revogá-las — insistiu Jandria. — E você deve lembrar que jurou obedecê-las.

Espumando de raiva, Romilly acompanhou Jandria para o jantar e depois para dormir na tenda ocupada pela dúzia de mulheres da Irmandade que serviam no exército de Carolin. Encontrou Cléa lá, com uma estranha de outro abrigo; a função das duas era treinar os homens de Carolin em combate desarmado. Romilly não conhecia muito as outras; estavam antes alojadas no abrigo, mas não pertenciam ao mesmo. Eram tratadoras de cavalos, intendentas e conferentes de suprimentos. Uma delas, baixa, morena, forte, falando com o familiar sotaque montanhês das Hellers, era ferreira, com braços grossos e músculos enormes nas costas e nos ombros, o que fazia com que quase parecesse um homem.

Não posso acreditar que a virtude de uma mulher corresse perigo mesmo que ela dormisse nua entre uma centena de soldados estranhos... E ela dá a impressão de que saberia se defender, como os Hali'imyn por aqui dizem, até mesmo contra todos os ferreiros das forjas de Zandru!

E depois ela refletiu, ressentida, que fora mais livre quando viajara em roupas masculinas pelas Hellers, com Orain e Cario —

Carolin — e seu pequeno bando de exilados. Trabalhara com os homens, andara sozinha pela cidade, bebera em tavernas. Agora seus movimentos eram limitados ao que as regras da Irmandade julgavam apropriado para evitar problemas ou comentários. Mesmo como uma Espadachim livre, ela não era livre.

Ainda um pouco contrariada, ela se preparou para deitar. Ocorreu-lhe outra vez: mesmo aquelas mulheres livres, como suas vidas pareciam mesquinhas! Amava Jandria, podia lhe falar livremente sem a preocupação de censurar seus pensamentos; mas até mesmo Jandria sentia-se reprimida pela perspectiva do que poderiam pensar os homens do exército se as Espadachins não se mantivessem nos limites de suas regras e não se comportassem como damas, iguais a qualquer donzela casadoura das Hellers! Também respeitava Cléa, por quem sentia sincera afeição, mas ainda assim tinha bem poucas amigas na Irmandade. Mas quando ingressei na Irmandade pensei ter finalmente encontrado a liberdade de ser eu mesma, deixando todos saberem que sou mulher, sem necessidade de me disfarçar de homem.

Não quero ser um homem entre homens e esconder o que sou. Mas também, não aprecio muito a sociedade das mulheres... nem mesmo entre as Espadachins. Por que nunca posso me sentir satisfeita, onde quer que esteja?

Apesar de tudo, porém, ela finalmente realizava o trabalho para o qual fora criada, e se algum homem a insultasse não precisaria temê-lo, como acontecera com Rory. E o próprio rei elogiara seu trabalho com os cavalos. Antes de se acomodar entre os cobertores, ela se projetou, sonolenta, como fizera em todas as noites do ano no abrigo, procurou o contato com Estrela-Sol. Lá estava ele, e satisfeito. O Rei Carolin o trataria bem, com certeza, apreciaria sua inteligência, incrível velocidade, e beleza. Ela se projetou de novo, um pouco mais longe, procurando pelos pássaros-sentinelas em seus poleiros. Todos também estavam bem; e se não estivessem, pelo menos Ruyven dormia por perto, como um bom mestre falcoeiro deve fazer. Suspirando, Romilly mergulhou no sono.

Ela voltou à tenda dos pássaros na manhã seguinte e começou a aumentá-los, com a ajuda do aprendiz de Ruyven, um garoto de

cerca de quatorze anos, chamado Garen. Enquanto examinava o ponto enfaixado na perna de Temperança sentiu a presença de um estranho; e no instante seguinte, confirmando-o, os pássaros soltaram estridentes gritos, que indicavam sua inquietação diante de uma pessoa que não conheciam.

Era um jovem oficial, com um manto verde-dourado; os cabelos eram louros, o rosto estreito e sensível.

— Você é o mestre falcoeiro?

— E o que pareço? — reagiu Romilly bruscamente. — Espadachim Romilly, para servir-te. Mestre Falcoeira de Carolin.

— Perdoe-me, mestra, não tive a intenção de insultá-la. Sou Ranald Ridenow e vim aqui por ordem de Sua Majestade; comandarei o destacamento que partirá na frente do corpo principal do exército esta manhã. — A voz era incisiva, mas sem arrogância, o sorriso um pouco nervoso. — Também estou à procura de minha parenta, Domna Maura Elhalyn.

Ele teve de altear a voz acima dos estridentes ruídos que os pássaros-sentinelas faziam.

— Como pode perceber, a dama não está em meu bolso — respondeu Romilly rispidamente. — E também não está, pelo que sei, na cama com meu irmão, mas de qualquer modo você pode perguntar a ele. E agora, Dom Ranald, queira fazer a gentileza de se afastar dos pássaros, já que eles continuarão a fazer esse barulho infernal até você desaparecer...

O jovem não se mexeu.

— Seu irmão, mestra! Onde posso encontrá-lo?

Ele deu um jeito de parecer ansioso, embora estivesse berrando para se fazer ouvir por cima do estardalhaço dos nervosos pássaros. Romilly aproximou-se e empurrou-o para longe. Os sons diminuíram lentamente para arrulhos, em seguida houve silêncio.

— Agora que podemos nos ouvir: nada sei sobre sua parenta — disse Romilly. — Mas lembro agora que meu irmão, o mestre falcoeiro, falou sobre uma certa Dama Maura. Vou chamá-lo e... não, não é preciso, pois ei-lo aí.

— Romy? Ouvi os pássaros... Alguém os está incomodando? Ruyven avistou subitamente o oficial Ridenow.

— Su serva, Dom... Em que posso ajudá-lo?

— Dama Maura...

— A dama dorme naquela tenda ali — informou Ruyven, indicando um pavilhão próximo.

— Sozinha? Entre os soldados?

As narinas de Ranald Ridenow contraíram-se demonstrando contrariedade, e Ruyven sorriu.

— Senhor, a dama está mais bem guardada por estes pássaros do que por todo um bando de acompanhantes e governantas. Ouviu pessoalmente o barulho que eles fazem à aproximação de qualquer entranho; eu poderia ir em socorro de Dama Maura e despertaria todo o acampamento, se houvesse perigo.

Ranald Ridenow examinou o jovem com a ascética túnica preta e balançou a cabeça em aprovação.

— É um monge cristoforo?

— Não tenho essa graça, senhor. Sou Ruyven MacAran, Quarto em Tramontana, Segundo Círculo.

O jovem oficial com o manto verde e dourado cumprimentou-o com outro aceno de cabeça.

— Então minha prima está em segurança nas suas mãos, laranzu. Perdoe-me pela pergunta. Sabe se a dama já está desperta?

— Eu ia acordá-la, senhor, como ela me pediu... Ou melhor, mandaria minha irmã acordá-la. Romy, pode fazer o favor de avisar a Dama Maura que seu parente a procura?

— Não é urgente, ou pelo menos não neste momento — disse Ridenow. — Mas seria melhor se a despertasse agora. Carolin determinou que partíssemos o mais cedo possível. Tenho ordens...

— Não precisarei de mais de trinta minutos para me aprontar — declarou Ruyven. — Romy, está pronta para montar? Acorde Dama Maura e avise-a...

A presunção de autoridade do irmão deixou Romilly irritada; por causa daquele arrogante nobrezinho das terras baixas deveria se tornar a menina de recados para alguma dama das planícies?

— Não é tão fácil assim — ela protestou bruscamente. — Os pássaros devem ser alimentados e não sou criada da dama; se quer

que ela seja acordada e carregada, meu senhor, pode cuidar disso pessoalmente.

Romilly percebeu, horrorizada, que seu forte sotaque das montanhas estava de volta, mesmo depois que um ano inteiro nas planícies parecera quase dissipá-lo. Ora, mas era mesmo montanha, que ele pensasse o que quisesse! Era uma Espadachim e não uma mulher das terras baixas para se curvar e balançar a cabeça diante dos Hali'imyn! Ruyven parecia escandalizado, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa uma voz suave interveio:

— Muito bem dito, Espadachim; eu, assim como você, sou uma servidora de Carolin e de seus pássaros.

Uma jovem estava parada na entrada da pequena tenda, coberta da cabeça aos tornozelos por uma grossa camisola, os cabelos vermelhos descendo quase até a cintura.

— Não tive o prazer de conhecê-la ontem, Espadachim; então você é nossa treinadora dos pássaros? — Ela inclinou um pouco a cabeça para Ranald. — Agradeço sua preocupação, primo, mas não preciso de nada, a menos que Carolin tenha me chamado... Não? Nesse caso, se não deseja fazer os laços na camisola para mim, como fazíamos quando tínhamos nove anos de idade, pode avisar a Carolin que estaremos prontos para partir dentro de uma hora, assim que os pássaros forem devidamente alimentados e cuidados. Tornaremos a nos encontrar quando chegar o momento, parente.

Ela acenou com a cabeça, dispensando-o; Ranald se afastou. Dama Maura soltou uma risada jovial.

— Então você é Romy, hem? Ruyven me falou de você no caminho para cá, mas não tínhamos idéia de que iria se tornar nossa tratadora. Enquanto estivermos viajando, não poderia deixar sua companhia de Espadachins e partilhar minha tenda, a fim de ficarmos ambas perto dos pássaros à noite? Sou Maura Elhaly, leronis, monitora em Tramontana no Terceiro Círculo. Minha mãe era uma Ridenow, por isso tenho um pouco do dom Serrais... conhece esse laran?

— Não — respondeu Romilly. — Conheço pouca coisa de laran.

— Mas deve tê-lo, se é capaz de cuidar dos pássaros-sentinelas, pois eles só podem ser controlados com laran; de outra

forma é praticamente impossível trabalhar com esses pássaros. Quer dizer que tem o antigo dom MacAran? Em que Torre foi treinada, mestra! Quem é seu Guardiã?

Romilly sacudiu a cabeça.

— Nunca estive numa Torre, domna.

Maura ficou surpresa, mas suas maneiras eram boas demais para deixar transparecer.

— Se me der licença por cinco minutos, vou me vestir... Estava apenas zombando de meu primo Ranald, posso perfeitamente me vestir sozinha... E farei minha parte nos cuidados com os pássaros, como devo. Nunca tive a menor intenção de deixar todo o trabalho para você, Espadachim.

Ela tornou a entrar na tenda, os dedos já ocupados em desatar a camisola. Romilly foi examinar as bandagens na perna de Temperança, constatando com prazer que o ponto machucado estava liso, não havendo qualquer indício de infecção. Enquanto Ruyven ia cuidar de Diligência, ela perguntou, o rosto contraído:

— Teremos de aturar essa dama mandando em nós?

— A Ieronis sabe o que deve fazer, Romilly. Não está familiarizada com os pássaros-sentinelas, pelo que me disse; mesmo assim, você reparou que eles não gritaram quando ela se aproximou. Ela ajudou a cuidar deles na viagem desde as montanhas. Não pensou que eu pudesse cuidar de três pássaros sozinho, não é mesmo?

— Por que não? Eu cuidei. — Mas a franca cordialidade de Maura desarmara Romilly. — O que é esse Iaran Serrais de que ela falou?

— Sei muito pouco a respeito. Não é comum nem mesmo nas Torres. O pessoal de Serrais se destacou, no tempo do programa de reprodução entre as Grandes Casas dos Hastur, porque desenvolveu um Iaran que permitia a comunicação com aqueles que não são humanos -talvez com os homens-gatos, por exemplo, ou... outros além, convocados de dimensões diferentes por suas pedras-estrelas. Se são capazes de fazer isso, a comunicação com os pássaros-sentinelas não deve ser problema. Ela uma vez me disse que era parecido com o dom MacAran, do qual talvez tenha derivado.

— Conheceu-a muito bem na Torre? — indagou Romilly, com uma pontada de ciúme.

Mas Ruyven balançou a cabeça.

— Sou um cristoforo e ela é virgem prometida. Apenas uma mulher assim pode conviver com soldados sem maiores problemas.

Ele poderia contar mais, só que Dama Maura saiu de sua tenda nesse momento, metida num vestido simples, as mangas enroladas. Sem um momento de hesitação, foi até o cesto com o malcheiroso alimento dos pássaros, pegou um punhado, sem qualquer sinal de aversão, e estendeu para Prudência, arrumando suavemente.

— Aqui está seu desjejum, minha bela... Por falar nisso, Romilly, você já comeu alguma coisa? Não, não comeu, como boa tratadora cuida primeiro dos animais, não é mesmo? Não precisamos exercitá-los agora. Terão bastante exercício mais tarde, ainda hoje. Ruyven, seria bom se você pudesse mandar alguém ao rancho para buscar alguma coisa para nós. É melhor comermos aqui, se devemos partir tão cedo.

Enquanto falava, ela dava ao pássaro pequenos pedaços de carniça, sorrindo como se fossem flores fragrantas. Prudência arrulhava de prazer.

Pelo menos ela não é melindrosa, não se importa de ficar com as mãos sujas. Ruyven captou o pensamento e sussurrou para Romilly:

— Foi o que falei. Em Tramontana ela faz voar um falcão verrin que treinou pessoalmente. Para grande consternação, devo acrescentar, de Dama Liriel Hastur, que ocupa a posição mais alta lá, e de seu Guardião, Lorde Doran, que amam os falcões, mas acham que seu treinamento deve caber a um falcoeiro profissional.

— Então ela não é uma dessas damas de mãos macias que desejam ser servidas em tudo — comentou Romilly, com relutante aprovação.

Ela foi concluir o trabalho com Temperança e depois um ordenança trouxe comida do rancho; elas sentaram-se no chão e comeram, Dama Maura sem qualquer melindre, ajeitando a saia por baixo do corpo e usando os dedos para pegar o alimento.

Assim que terminaram, Ranald Ridenow apareceu com meia dúzia de homens e três deles instalaram os pássaros-sentinelas em poleiros nos seus cavalos; o pequeno destacamento atravessou o acampamento que começava a despertar e pegou a estrada para leste, através das terras desérticas, na direção das Planícies de Valeron.

Lorde Ridenow impôs um ritmo acelerado ao destacamento, mas Romilly, Ruyven e os soldados não tiveram qualquer dificuldade para acompanhá-lo. Dama Maura montava uma sela feminina, mas não se queixou e também manteve o ritmo. Porém comentou com Romilly, numa parada para descanso dos cavalos:

— Eu gostaria de poder usar um culote como você, Espadachim. Mas já escandalizei meus amigos e meu próprio Guardião, provavelmente não lhes devo proporcionar mais um motivo para protestos.

— Ruyven me contou que você treinou um falcão verrin — disse Romilly.

— É verdade... E todo mundo ficou furioso. — Maura soltou uma risada. — Mas agora, conhecendo-a, Espadachim, sei que não sou a primeira e não serei a última a fazê-lo. Preferi treiná-la com minha própria mão, em vez de entregá-la a um falcoeiro estranho e depois tentar transferir sua lealdade para mim. Às vezes tenho a impressão de que estou voando com o pássaro, mas talvez seja minha imaginação.

— E talvez não seja — disse Romilly -, pois também tive essa experiência.

Subitamente, com pungente pesar, ela se lembrou de Preciosa. Há mais de um ano que vivia naquela maldita cidade no deserto e Preciosa, sem dúvida, voltara às florestas, acabara por esquecê-la.

Contudo, mesmo que eu nunca mais a veja, pelo resto da vida, os momentos de intimidade que tivemos são tanto parte de mim agora quanto naquela ocasião, e não existe futuro ou passado... Por um momento sua cabeça entrou em vertigem, confundiu o momento de êxtase com o vôo de Preciosa com o momento absorvente em que cavalgara em Estrela-Sol, em união absoluta com o cavalo, voava, corria, estava unida ao céu, terra, estrelas...

— Espadachim...?

Dama Maura fitava-a, perturbada, Romilly retornou à consciência no mesmo instante. E disse a primeira coisa que lhe surgiu na cabeça:

— Meu nome é Romilly e se vamos trabalhar juntas não precisa delir Espadachim tão formalmente, cada vez...

— Romilly — disse Maura, sorrindo. — E eu sou Maura; na Torre não pensamos em posições sociais separando amigos... E se você é amiga desses pássaros, então sou sua amiga também.

Então as Torres têm alguma coisa em comum com a Irmandade, pensou Romilly. Nesse momento Ranald ordenou que os homens se reagrupassem e elas se levantaram para montar. Romilly especulou por que seguiam tão à frente do exército.

Viajaram durante o dia inteiro e à noite armaram acampamento; os homens dormiram sob as estrelas, mas havia uma pequena tenda para Dama Maura, que insistiu que Romilly a partilhasse com ela. Estavam exaustas da viagem em ritmo acelerado durante o dia inteiro, mas Dama Maura perguntou baixinho, antes de dormirem:

— Por que você nunca foi a uma Torre para treinamento, Romilly? Afinal, tem laran suficiente...

— Se conhece Ruyven e sabe como ele foi para a Torre, então já sabe por que eu não fui.

— Mas saiu de casa, brigou com a família — insistiu Maura. — Depois, eu imaginava que iria imediatamente...

E essa era minha intenção, pensou Romilly. Mas abri meu caminho sozinha e agora não preciso do treinamento que a leronis disse que eu deveria receber. Sei mais do meu próprio laran que qualquer pessoa estranha. Ela se manteve num silêncio obstinado e Dama Maura absteve-se de continuar a interrogá-la.

Viajaram por dois dias e saíram das terras desérticas para uma região verdejante; Romilly soltou um suspiro de alívio quando puderam divisar colinas à distância e sentir a chuva fria ao anoitecer. Era pleno verão, mas naquela época havia geada no chão pela manhã e ela se sentiu feliz por ter seu casaco de pele à noite. No terceiro dia, quando a estrada passava por uma alta colina, de onde

se podia descortinar a região por muitas léguas ao redor, Ranald Ridenow ordenou uma parada.

— Este é o lugar certo — ele anunciou. — Estão prontos com os pássaros?

Era evidente que Maura sabia o que ele queria, pois acenou com a cabeça e perguntou:

— Com quem você vai fazer a ligação? Orain?

— Com o próprio Carolin — respondeu Ridenow. — Orain não é cego mental, mas não tem laran suficiente para isso. E as tropas são de Carolin.

Maura piscou rapidamente, dando a impressão de que estava prestes a chorar. E murmurou, mais para si mesma do que para Romilly:

— Não me agrada a situação, espionar os movimentos de Rakhal. Eu... eu jurei que não lutaria contra ele. Mas Lyondri atraiu tudo isso para si mesmo, pois também repudiou seu juramento! Depois do que ele fez, parente ou não...

Ela parou de falar, comprimindo os lábios com força. Depois de breve pausa, acrescentou para Romilly:

— Quer fazer voar primeiro, Romy?

— Mas não sei o que fazer! — protestou Romilly.

— É uma mestra falcoeira...

— Conheço os pássaros-sentinelas, hábitos, dieta e saúde. Mas não aprendi a usá-los na guerra. Não sei...

Maura parecia surpresa, mas apressou-se em disfarçar e Romilly ficou aturdida; ela está senão polida comigo?

— Precisa apenas fazer voar o pássaro, Romy, permanecer em contato, vendo através de seus olhos. Ranald fará uma ligação com você e transmitirá tudo o que avistar a Carolin, a fim de que ele possa espionar o território à frente e saber quais são os movimentos de Rakhal.

O nome pássaros-sentinelas subitamente fez sentido para Romilly; nunca se detivera para pensar sobre isso antes. Ela tirou Prudência do poleiro, soltando com uma das mãos os nós que seguravam as peias e deixando-a livre; observou-a subir pelo céu. Acomodou o corpo na sela com todo cuidado, reservando uma parte

de sua consciência, uma parte bem pequena, para evitar uma queda do cavalo. E depois...

... bem alto no céu, em ventos fortes, subindo cada vez mais...

Toda a terra estendendo-se lá embaixo, como um mapa. Podia avistar a curva da água lá embaixo, estava vagamente consciente de uma presença em sua mente, vendo o que ela via através de seu vínculo com o pássaro. Através dessa mente, que ela reconheceu como sendo de Carolin, começou a perceber o sentido do que via, embora aquilo fosse muito distante e quase inconsciente... A maior parte dela subia com o pássaro, contemplando com aguçada nitidez tudo o que havia lá embaixo.

... Ali as praias do Lago Mirin, e mais além, para o norte, Neskaya, à beira das Colinas Kilghard. E ali... ah, Deuses, outro círculo negro, não a cicatriz de incêndio na floresta, mas o lugar em que os homens de Rakhal fizeram chover o fogo-aderente, lançando-o do céu com suas infernais máquinas voadoras! Meu povo, e ele queima e morre sob os fogos de Rakhal, quando foi dado a mim e jurei com a mão no fogo de Hali que o protegeria contra toda pilhagem e rapina, enquanto me fosse leal... e por essa lealdade as pessoas ardem...

... Rakhal, juro que tanto quanto Aldones vive, queimarei essa mão com que você semeou desgraça e morte sobre meu povo... E Lyondri, será enforcado como um criminoso comum, pois ele perdeu o direito a uma morte nobre; a vida que ele agora leva com Rakhal, o semeador da morte e sofrimento, é mais ignóbil do que a morte nas mãos do carrasco comum...

Sobre as Colinas Kilghard agora, onde as colinas florescem verdes com o verão, as árvores-de-resina ardem ao sol... Lá se ergue outra Torre... Depressa, voe para o norte, pequeno pássaro, para longe dos laranzu'in renegados de Lyondri...

E lá estão os exércitos de Rakhal, onde posso marchar para o leste e surpreendê-los, a menos que possam espionar com olhos como os meus... E creio que não existem mais pássaros-sentinelas, a não ser nas distantes Hellers...

Romilly ouviu o estridente grito do pássaro como se saísse de sua própria garganta; o contato rompeu-se e um momento depois

ela estava sentada outra vez em seu cavalo, Carolin desaparecera de sua mente, Ranald Ridenow fora arrancado abruptamente da ligação, fitando-a fixamente. Romilly inclinou-se na sela, balançou, enquanto Maura murmurava:

— Já chega. Ruyven, sua vez, eu acho...

Romilly não percebera, Ruyven soltara Temperança ao mesmo tempo que Prudência. Diligência também desaparecera da sela de Maura. Ela viu Ruyven se curvar — como ela fizera? -, e por um instante era parte de Ruyven/Ranald/Carolin, voando em contato com o pássaro, sobrevoando o exército, alguma coisa dentro dela contando...

Cavaleiros e infantes, tantos... Carroças de suprimentos e arqueiros e... oh, Deuses... que Evanda nos proteja, esse cheiro eu conheço, em algum lugar de suas fileiras estão preparando outra vez o fogo-aderente...

Por pura força de vontade Romilly rompeu o contato, exausta. Não estava interessada nos detalhes dos exércitos de Rakhal. Preferia não saber; o horror que sentira na mente de Ruyven — ou seria de Carolin? — deixara-a tonta e passando mal. Esgotada, arriou na sela, quase dormindo ali, fraca, a cabeça girando. Notou nos limites da consciência que o sol baixara de maneira considerável, quase alcançando a linha do horizonte; a claridade diminuía o suficiente para que se pudesse avistar o enorme disco violeta de Liriel, elevando-se do horizonte a leste, poucas noites antes de ficar cheio por completo. Sentia a garganta ressequida, a cabeça doía e latejava como se uma dúzia de pequenos ferreiros batessem bigornas lá no interior dela.

A escuridão instalou-se tão depressa que Romilly especulou se adormecera na sela: parecia-lhe que num momento contemplava o pôr-do-sol e no seguinte o luar violeta, com Liriel flutuando no céu. Ao recuperar a percepção, descobriu que Ruyven a observava com expressão ansiosa.

— Você está de volta?

— Há algum tempo — ele respondeu, surpreso. — Tome aqui. Os soldados prepararam comida para você.

Ele gesticulou e Romilly desceu do cavalo, cada músculo dolorido, a cabeça latejando. Não viu Maura. Randal Ridenow aproximou-se e disse:

— Apoie-se em mim, se desejar, Espadachim. Mas ela se empertigou, orgulhosa.

— Obrigada, mas posso andar sozinha.

Ruyven fez sinal para que ela sentasse na relva e Romilly protestou:

— Os pássaros...

— Já foram cuidados. Maura providenciou tudo ao verificar o estado em que você se encontrava.

— Não estou com fome. — Romilly levantou-se. — É melhor eu ver Prudência...

— Já falei que Maura cuidou dos pássaros e estão muito bem — disse Ruyven, impaciente, pondo uma fruta seca na mão dela. — Trate de comer isto.

Romilly deu uma mordida e largou, com uma careta. Sabia que vomitaria se engolisse alguma coisa. A pequena tenda fora armada, a tenda que partilhava com Maura; ela foi para lá e entrou, consciente em algum lugar do rosto de Randal Ridenow, pálido, transtornado. Por que ele se preocupava tanto? Romilly jogou-se em sua cama de campanha e caiu pela beira de um penhasco escuro de sono.

Sabia que não despertara realmente porque podia de alguma forma ver através das paredes da tenda, contemplando seu corpo adormecido, transparente como gaze, deixando entrever o coração batendo, as veias pulsando. Acenou com uma das mãos e o coração acelerou um pouco as batidas, as veias se tornaram círculos turbilhonantes. E depois ela se afastou, deixou o corpo para trás, elevando-se sobre planícies e colinas, voando para muito longe, nos ventos fortes, na direção das Hellers. Penhascos gelados elevavam-se à sua frente, e mais além podia avistar as muralhas de uma cidade, uma mulher numa ameia alta, chamando-a.

Seja bem-vinda ao lar, querida irmã, venha para nós, venha para o seu lar...

Mas ela deu as costas a isso também e continuou a voar, sempre para a frente, cada vez mais alto, os picos das montanhas indo lá para baixo, enquanto ela voava além do disco violeta... Não, era uma bola redonda, uma esfera, um pequeno mundo por si mesmo, nunca pensara na lua como um mundo. E depois havia um verde por baixo, o crescente de Kyrrdis, escuro, iluminado apenas na beirada pelo sol vermelho, que de alguma forma ainda brilhava à meia-noite. E ela continuou voando, até que deixou o sol ardente para trás, que se tornou apenas uma estrela entre outras estrelas; estava olhando de algum lugar para o mundo lá embaixo com quatro luas, como um colar de pedras preciosas; alguém disse em sua mente: Hali é a constelação de Taurus e Hali é a antiga palavra terrestre para colar na língua árabe; mas as palavras e os mundos não tinham sentido para ela; baixou de novo, lentamente; a enorme nave estava destrocada contra os picos inferiores das Colinas Kilghard e um vento Espírito soprava pelos picos... e uma voz suave comentava em sua mente: a memória racial nunca foi comprovada, pois há partes do cérebro que ainda são inacessíveis à ciência... E depois ela começou a voar ao longo da beirada das Hellers. Mas as geleiras exalavam seu sopro gelado e suas asas começavam a congelar, o frio terrível comprimia seu coração, reduzindo os movimentos; depois uma asa dura como gelo quebrou-se e se estilhaçou, com um terrível choque de dor em sua cabeça e no seu coração; a outra asa, branca, congelada, rígida, não batia mais; ela caiu, e caiu, gritando...

— Romilly! Romilly! — Dama Maura batia de leve em suas faces. -Acorde! Acorde!

Romilly abriu os olhos; havia uma suave luz de lanterna na tenda, mas ela ainda congelava entre as geleiras, suas asas estavam partidas... Podia sentir as pontas irregulares e pontiagudas perto de seu coração, onde haviam quebrado com o frio e se estilhaçado...

Maura pegou suas mãos, irradiando para elas seu próprio calor. Romilly, confusa, voltou à percepção do seu próprio corpo. Sentiu o contato desconhecido, intrusivo... De alguma forma, Maura estava dentro de seu corpo, tocando com dedos mentais, verificando

coração e respiração... Ela fez um gesto de recusa e Maura murmurou:

— Fique quieta, deixe-me monitorá-la. Já teve muitos ataques desse tipo de doença do limiar?

Romilly repeliu-a.

— Não sei do que você está falando; tive um pesadelo, mais nada. Devo estar muito cansada. Nunca tinha feito isso antes com os pássaros, e foi extenuante. Acho que as leroni estão acostumadas.

— Gostaria que me deixasse monitorá-la para ter certeza...

— Não precisa, estou bem.

Romilly deu as costas à outra mulher e ficou imóvel. Um momento depois Maura suspirou e apagou a lanterna. Romilly captou um fragmento de seu pensamento — teimosa, mas não devo me intrometer, ela não é mais uma criança, talvez seu irmão —, antes de adormecer de novo, desta vez sem sonhos.

Pela manhã Romilly ainda sentia dor de cabeça e o cheiro da carniça para alimentar os pássaros deixou-a nauseada — ela disse a si mesma, impaciente: — como se estivesse grávida de quatro meses! Mas o que quer que a afligia, com toda certeza não era isso, pois continuava virgem como qualquer leroni jurada. Talvez fosse a iminência dos ciclos femininos — perdera a noção, com a chegada do exército e seu trabalho intenso com Estrela-Sol. Ou talvez tivesse comido algo que não lhe fizera bem; não tinha o menor apetite para o desjejum. Depois de cuidar dos pássaros, subiu na sela sem o menor entusiasmo; pela primeira vez em sua vida pensou que poderia ser mais agradável sentar dentro de casa e costurar, cerzir ou até mesmo bordar.

— Mas você não comeu nada, Romilly! — protestou Ruyven. Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que peguei um resfriado ontem, sentada tão imóvel na sela depois do pôr-do-sol. Não quero nada.

Ele contemplou-a, pensou Romilly, como se ela tivesse a idade de Rael e disse:

— Não sabe o que significa quando não é capaz de comer? Dama Maura a monitorou?

Não valia à pena discutir a questão e Romilly respondeu bruscamente:

— Comerei um pedaço de pão na sela, enquanto viajamos.

Ela aceitou o pedaço de pão com mel que Ruyven lhe estendeu. Deu algumas mordidas pequenas e depois se livrou dele furtivamente.

Ranald montava com a expressão vazia que Romilly agora conhecia bastante para associar com um telepata cuja mente se encontrava em outro lugar. Finalmente ele voltou e disse:

— Preciso saber qual a distância do corpo principal dos exércitos; Carolin se encontrará conosco em algum momento hoje, embora eles estejam bem para trás. Romilly, pode fazer voar seu pássaro e verificar se consegue espiar os exércitos de Carolin, determinar a que distância estão de nós?

Ela sentia alguma relutância após sua última experiência de vôo com os pássaros. Contudo, quando lançou o pássaro no ar e foi atrás com a mente em contato, descobriu que não havia nenhuma desorientação inquietante; para seu profundo alívio, era apenas como fazer voar Preciosa; podia ver com uma estranha visão dupla, mas isso era tudo. O olho do pássaro, mais aguçado do que o seu cem vezes, informou que os exércitos de Carolin se encontravam a meio dia de viagem para trás do lugar em que cavalgava com o pequeno grupo avançado. Pôde sentir, mas sem qualquer sensação de intromissão, que Ranald captara sua posição e a transmitia ao próprio Carolin.

— Acamparemos e esperaremos por ele — anunciou Maura, com autoridade. — Estamos todos exaustos e nossa mestra falcoeira precisa de repouso.

Eu não deveria permitir que me mimasse. Não quero que Ruyven, Orain ou o próprio Carolin pensem que devo ser privilegiada só porque sou mulher. Orain me respeitará se eu me mostrar tão competente quanto um homem...

Lorde Ranald bocejou e disse:

— Também sinto como se tivesse sido arrastado por uma cachoeira, depois de tantos dias de viagem árdua. Ficarei contente pelo descanso. E não precisamos mais deslocar os pássaros.

E ele gesticulou para que os soldados armassem o acampamento.

Capítulo Seis

Romilly sabia que o exército principal se aproximava, não pelo que ouvia — embora, ao prestar bastante atenção, deitada na tenda que partilhava com Domna Maura, pudesse escutar um murmúrio distante na própria terra, que sabia ser o ruído da grande coluna em marcha. Mas o que realmente a informava da aproximação de Carolin era uma crescente sensação em sua mente, um sentido de união, um contato que ela conhecia...

Estrela-Sol. Sua mente acompanhava e envolvia o garanhão negro, parecia ser em suas costas que o rei galopava, cercado por seus homens; e por um momento a mente de Romilly se desviou para fazer contato com a de Carolin também, vendo Orain através de seus olhos, com amor e afeição. Depois de observá-los juntos, desejou ter também um amigo assim. Partilhou agora, por um instante, o rápido contato inconsciente entre o rei e seu fiel seguidor, algo sem ser sexual, mais profundo do que isso, uma intimidade que se estendia por todas as suas vidas, uma intimidade de mente e coração, incluindo até uma imagem do primeiro encontro quando crianças, antes dos quatro anos... todas as três dimensões do tempo, assim como teve também uma percepção de Estrela-Sol como um potro, correndo livre pelas colinas do local onde nascera...

Romilly desvencilhou-se abruptamente do contato prolongado e retornou a seu próprio corpo, chocada e aturdida. Não sabia o que estava acontecendo, mas calculou que fosse alguma nova dimensão de seu laran, desenvolvendo-se por si mesma... Para que ela precisa, afinal de contas, de uma Torre?

Mas a primeira pessoa que a procurou, quando trabalhava com os pássaros e analisava fragmentos da percepção visual que conhecera no dia anterior, ao voar com eles, foi Jandria. Depois que as duas Espadachins se cumprimentaram com um abraço, Jandria disse:

— Recebemos sua mensagem através dos pássaros; foi Ele Próprio quem me contou.

Romilly lembrou que era assim que ela sempre se referia ao Rei Carolin quando ele não estava presente.

— Está indo muito bem, Romy. E tenho a permissão das Espadachins no exército para que você partilhe a tenda de Dama Maura, se quiser. E agora vou conversar com ela; fomos criadas juntas.

Romilly nada lhe perguntou; há muito que compreendera que Jandria era de uma posição social muito superior ao que julgara inicialmente, embora houvesse deixado tudo para trás ao prestar o juramento para a Irmandade. Concentrou sua atenção nos pássaros, apesar de poder ouvir, com uma pontada de ciúme, as duas mulheres conversando em algum lugar.

E eu não tenho amiga, não tenho amante, estou sozinha, sozinha como qualquer monge em sua cela solitária nas cavernas isoladas de Nevarsin... E se perguntou por que estava pensando assim, pois naquele instante mesmo sua mente se encontrava povoada pela percepção do grande garanhão negro correndo ao sol, com Carolin montando-o...

Ela fez uma reverência antes de levantar os olhos para o rosto do rei, e não teve certeza se se curvara a Carolin ou a Estrela-Sol, a crina preta agitada pelo vento da colina. Carolin desmontou e cumprimentou-a jovialmente.

— Espadachim Romilly, vim lhe agradecer pessoalmente por sua mensagem, a você e seus companheiros com os pássaros-sentinelas. Devemos marchar amanhã contra os exércitos de Rakhal, e você e o laranzu precisam cuidar de tudo agora, pois prometi à minha parenta Maura que ela não teria de participar em qualquer batalha contra seu parente. — Ele sorriu e acrescentou: — Vamos, criança, não tinha a língua presa quando viajou comigo para Nevarsin. Chamava-me de "Tio" naquela época.

— Fazia isso na ignorância, senhor — balbuciou Romilly. — Não tinha a intenção de qualquer desrespeito, pensava que era apenas Cario do Lago Azul...

— E é o que sou — disse Carolin gentilmente. — Cario era meu apelido na infância, da mesma forma que meu pequeno primo é chamado de Caryl. E minha mãe me deu a propriedade rural

conhecida como Lago Azul quando eu tinha quinze anos. E se eu não era o que você me considerava, o mesmo se pode dizer a seu respeito, pois julguei que fosse um cavaliço, um bastardo do MacAran, não uma leronis, como agora sei que é.

Romilly lembrou que ele a vira em roupas masculinas; sentira que Carolin não demorara a perceber que era mulher, mas se mantivera em silêncio, por suas próprias razões. Esse silêncio permitira que Orain se tornasse seu amigo, pelo que se sentia grata.

— Majestade. ..

O rei acenou com a mão.

— Não aceito cerimônia com os amigos, Romilly; e não esqueci que eu me tornaria refeição do pássaro-espírito se não fosse por você. E agora me diga: fará com que voem os pássaros-sentinelas para que meus conselheiros possam se antecipar aos movimentos de Rakhal, ou de Lyondri, na batalha?

— Será uma honra, senhor.

— Obrigado. E agora preciso falar com minha parenta e dissipar seus temores. E Dama Jandria também, eu acho, ainda tem bastante amor por Lyondri...

— Pelo que ele foi — interveio Jandria, parada à entrada da tenda de Maura -, não pelo que ele é, Cario. Não posso levantar a mão contra ele, mas também não levantarei um único dedo para impedir seu destino. Se eu tivesse bastante laran estaria entre suas leroni hoje, para reprimir o que ele se tornou. Se Lyondri ainda conserva o suficiente do que foi para saber o que é agora, tenho certeza de que ele rezaria por uma morte limpa.

Os olhos de Maura brilhavam com lágrimas.

— Cario, jurei que nunca levantaria a mão ou lançaria meu laran contra meu parente Hastur. Sou Elhalyn e eles são sangue do meu sangue. Mas, como Jandria, também não o impedirei de fazer o que deve.

Ela se aproximou do poleiro em que estava Temperança e baixou a cabeça diante do pássaro; Romilly compreendeu que Maura agia assim por estar chorando.

Esta guerra que lança irmão contra irmã e pai contra filho... Que importância tem qual é o patife que está no trono ou o patife

ainda maior que tenta derrubá-lo...? Romilly não tinha certeza se era o pensamento de Ruyven que ouvia ou se o pai falava em sua memória, pois parecia que o tempo não tinha mais existência... Carolin disse, fitando-as com uma expressão de tristeza:

— Ainda assim, jurei proteger meu povo, mesmo que deva protegê-lo dos Hastur que repudiaram esse juramento. Gostaria que vocês pudessem compreender quão pouco desejo o trono de Rakhal, o prazer que teria em cedê-lo, se ao menos ele tratasse meu povo como um rei deve fazer, respeitando-o e protegendo-o...

Mas parecia que ele falava para si mesmo, e depois Romilly não teve certeza se Carolin falara mesmo em voz alta ou se apenas ela imaginara tudo. Seu laran, ao que tudo indicava, começava a fazer coisas estranhas, como se sua mente fosse muito pequena para absorver tudo o que queria se concentrar ali. Sentia-se de certa forma invadida, violada, cheia de coisas estranhas, a impressão de que sua cabeça estava prestes a explodir com tudo isso.

— Posso cumprimentar meu bom amigo, seu cavalo, milorde?

— Claro que pode. Acho até que ele sente saudade de você. Romilly aproximou-se de Estrela-Sol, cujas rédeas Carolin passara em torno de um poste ao desmontar, passou os braços peço pescoço lustroso dele.

Você pode ser agora a montaria de um rei, mas ainda é meu, ela disse, não em palavras. Sentiu Estrela-Sol em sua mente, projetando-se: meu, amor, juntos, luz-sol/estrela-sol/ sempre juntos no mundo...

E um momento depois descobriu que estava apoiada no poste sozinha; Estrela-Sol desaparecera e Ruyven a tocava, hesitante.

— O que a aflige, Romy? Está doente?

— Não — ela respondeu bruscamente.

E foi cuidar dos pássaros. Mais uma vez, ao que parecia, perdera a noção do tempo. Seria uma nova propriedade de seu laran que não compreendia? Talvez devesse conversar com Maura sobre isso. Ela era uma leronis e com certeza se mostraria disposta a ajudar. Mas podia ouvir Maura em sua mente agora, chorando por Rakhal, que outrora tentara conquistar sua mão; e depois Maura se tornara leronis e uma virgem jurada... lamentava por Rakhal, como

Jandria lamentava por Lyondri... e ela pela camaradagem antiga com Orain... não, isso acabara, o que havia de errado com sua mente agora?

Não havia necessidade de usar os pássaros-sentinelas naquele dia e Romilly, ainda fraca e confusa depois dos intensos esforços do dia anterior e dos terríveis sonhos da noite, sentiu-se contente por isso. Contudo, enquanto cavalgava, em posição privilegiada, perto de Carolin e seus conselheiros, ela não estava consciente de si mesma ou de seu próprio cavalo, pois seguia com Estrela-Sol, à frente das tropas. Orain mantinha-se próximo e ela pôde ouvi-lo conversando descontraído e como iguais com Dama Maura e Lorde Ranald.

— Você possui o laran Serrais, Ranald, creio que não teria qualquer dificuldade para aprender a cuidar dos pássaros; é bastante parecido com o dom MacAran, que vi em Ama Romilly durante todas as semanas em que viajamos juntos.

À distância, Romilly recordou como Orain a observava, com ternura, mesclada com algo mais, próximo do amor. Compreendia agora por que Orain a evitava: não podia ver Romilly sem a lembrança angustiada do jovem Rumai que ele pensava conhecer. Orain sentia-se como um tolo, camadas de percepção se sobrepondo e confundindo. Ranald declarou:

— Estou disposto a tentar. E talvez Ama Romilly queira me ensinar. Embora ela seja, como todas as Espadachins, arrogante e de língua ferina...

Maura soltou uma risada jovial e comentou que ele não estava acostumado a mulheres que não o consideravam, logo a ele, um Lorde Ridenow, como uma criação especial para lhes proporcionar satisfação.

— Ora, Maura, não sou tão conquistador assim... Mas se as mulheres foram criadas pela Deusa Evanda para o prazer dos homens, por que eu deveria recusar à Dama da Luz o que lhe é devido, deixando de cultuá-la em sua criação: a beleza das mulheres? — Ranald riu também. — Tenho certeza de que Ela punirá você um dia, Orain, por negar o que lhe é devido.

Orain soltou uma risada jovial e Romilly compreendeu que escutava uma conversa que não se destinava a seus ouvidos. Tentou evitar que isso acontecesse, mas não sabia como, a não ser desviando sua atenção para outra coisa... E estava outra vez cavalcando com Estrela-Sol e consciente da presença de Carolin. Não foi um dia dos mais agradáveis. Ao anoitecer, quando Ranald se aproximou e indagou se podia ajudá-la a desmontar, anunciou que desejava aprender os hábitos dos pássaros para poder fazer voá-los, pois Dama Maura se encontrava impedida de fazê-lo por seu juramento, Romilly tratou-o bruscamente.

— Não é tão simples assim. Mas pode tentar abordá-los; contudo, não venha se queixar a mim se acabar perdendo uma unha ou mesmo um olho!

Ela não gostava do jeito como Ranald a olhava. Lembrava demais Dom Garris, e até mesmo Rory, como se ele apalpasse fisicamente seus seios jovens com as mãos rudes. Sentia-se angustiadamente consciente de seu olhar — nunca me senti assim antes — e do desejo intenso que expressava. Mas Ranald nada fizera, nada dissera, como podia formular algum protesto? Romilly aconchegou-se no manto, como se estivesse com frio, gesticulou na direção dos pássaros.

Ranald baixou os olhos e Romilly compreendeu que ele captara alguma coisa de sua agitação.

— Perdoe-me, mestra, não tive a intenção de ofendê-la.

Da mesma forma que Carolin, ele não podia tentar impor suas atenções a uma mulher relutante, pois partilharia o choque e a aflição da vítima, seu sentido de violação até mesmo por um olhar grosseiro. Mas Ranald não estava acostumado a mulheres que não eram Hastur mas possuíam essa sensibilidade.

Mas uma mulher que não tem laran... É como acasalar-se com um animal irracional, uma coisa que mal está viva... E Romilly percebeu o vermelho escaldante na parte de trás do pescoço de Ranald, desejou saber como dizer a ele que estava tudo bem. Ranald aproximou-se dos pássaros; ela sentiu a maneira como ele procurou alcançá-los, tentando fazer ecoar o senso de

inofensividade, projetar seus sentidos apenas com transmissões amistosas. Romilly esperou um momento... e depois Temperança baixou a cabeça e esfregou-a contra o bastão de coçar que estava na mão de Lorde Ridenow.

Ele fará voar os pássaros e estará unido a nós, como Maura esteve... Romilly não sabia por que essa possibilidade a deixava tão perturbada.

Maura devia estar ainda com o exército, refletiu Romilly, não era possível que a tivessem deixado para trás com toda a região assolada pela guerra; mas não a vira naquele dia. Quando se adiantaram com os pássaros, foi Lorde Ranald quem os acompanhou, Temperança em sua sela. Romilly cedera sua predileta, Prudência, a Ruyven, a fim de poder cuidar de Diligência, sempre mais difícil de controlar. Diligência se remexia na maior inquietação, soltava gritos estridentes, mas aquietou-se quando Romilly fez contato com sua mente.

Você também é uma beleza, disse Romilly ao pássaro, sem perceber nada de incongruente em se dirigir assim à enorme e feia criatura.

Mas não houve chamado para seus serviços naquele dia e Romilly sentiu-se contente, pois assim Lorde Ranald teria mais algum tempo para se acostumar com seu pássaro, aprofundar o contato. Depois de uma hora mais ou menos, quando tinha certeza de que não haveria problemas nem necessidade de seus serviços, Romilly deixou que a mente vagueasse outra vez para o contato com Estrela-Sol, avançando com Carolin na vanguarda do exército.

Parecia agora que a região estava deserta, com vastas planícies vazias, apenas uma ou outra fazenda abandonada, poços desmoronados, casas queimadas ou que desabaram pelo tempo. Cavalgando com Estrela-Sol, Romilly não estava realmente consciente de que escutava Carolin e Orain, seguindo juntos, com Dama Maura bem perto. Maura estava envolta por seu manto e falava pouco, mas Carolin comentou, contemplando a região deserta:

— Passei por aqui quando era criança e toda esta região era ocupada por fazendas e plantações. Agora é uma terra devastada.

— A guerra? — indagou Maura.

— A guerra no tempo de meu pai, antes de eu ter idade suficiente para empunhar uma espada... Ainda me lembro como esta terra era verde e fértil. E agora as áreas povoadas estão mais próximas da beira das colinas. Na esteira da guerra sempre há bandidos, homens que ficaram sem casa por causa dos combates e sem consciência por causa dos horrores que testemunharam; devastaram esta região, o que sobrara da guerra, até que os habitantes se deslocaram para mais perto da proteção dos fortes e soldados nas proximidades de Neskaya.

Mas Romilly, a mente absorvida em Estrela-Sol, pensou apenas: como eram verdes e férteis os campos, como eram lindas as pastagens. Acamparam naquela noite junto a um córrego estreito que cascadeava por pedras empilhadas e depois fluía tranqüilo e aprazível por uma campina fértil, enfeitada por pequenas flores azuis e douradas.

— Será uma noite perfeita de Alto Verão — comentou Carolin, in-dolente. — Três das luas aparecerão no céu antes da noite terminar e duas estarão quase cheias.

— É uma pena que não teremos aqui o Festival do Solstício do Verão — disse Maura, rindo.

E Carolin declarou, subitamente sério:

— Prometo a você, Maura... e a você, bredu — ele acrescentou, vi-rando-se para Orain -, que realizaremos nosso Festival do Solstício do Verão dentro das muralhas de Hali, em casa. O que acham, primos?

— Que Evanda conceda — murmurou Maura, também séria agora. -Tenho saudades de casa...

— Nenhum dos jovens naquela torre distante além das montanhas... — Jovialmente, Carolin fez um trocadilho com o nome de Tramontana. — ... conseguiu abalar sua determinação de permanecer virgem para a Visão, Maura?

Maura riu, embora fosse uma risada tensa.

— No dia em que me convidar para ser rainha ao seu lado, Carolin, não terei de despachá-lo desapontado.

Estrela-Sol deu um passo para o lado, irrequieto, enquanto Carolin inclinava-se na sela para roçar o rosto de Maura com os lábios.

— Se o Conselho permitir, Maura, assim será. Temia que seu coração tivesse morrido quando Rakhall a deixou...

— Apenas meu orgulho ficou ferido. Eu o amava, é verdade, como primo, como irmão adotivo; mas sua crueldade me cortou o coração. Ele pensava que podia me conquistar sobre os corpos de minha família e eu o perdoaria por tudo quando visse a coroa que me oferecia, da mesma forma que uma criança esquece um machucado quando ganha um doce. E não podia permitir que dissessem que me afastei de Rakhall e me aproximei de você só porque seria o homem que poderia me oferecer a coroa...

A voz de Maura titubeou e Estrela-Sol sacudiu a cabeça indignado com o puxão nas rédeas que o fez parar, para que Carolin pudesse de novo inclinar-se para Maura; mas desta vez ele sentiu quando seu cavaleiro pegou o corpo esguio da leronis e trouxe para sua sela, mantendo-a ali. Não houve mais palavras, mas Estrela-Sol, assim como Romilly, sentiu um fluxo e transbordamento de emoção, tornando-se ainda mais irrequieto, agitado, até que Carolin censurou-o com um novo puxão nas rédeas. Na mente de Romilly fluíam imagens de flancos lustrosos e corpos sedosos, de uma corrida ao luar que a levou a esfregar a cabeça, como se estivesse febril, as sensações desconhecidas envolvendo todo o seu corpo, a tal ponto que se retirou abruptamente para seu próprio corpo, rompendo o contato para se livrar das estranhas emoções do garanhão.

O que aconteceu comigo, que me sinto tão repleta de emoção, que rio e choro sem uma palavra pronunciada ou um contato?

Carolin falou em sua mente e não estava consciente de que ele não se encontrava ao seu lado: Podemos deixar os cavalos pastar neste campo; você é uma leronis, é capaz de mantê-los aqui sem cerca, que não temos tempo de armar? E Romilly já ia responder quando ouviu a voz de Maura, tão nítida como se ela falasse em voz alta à sua frente:

— Não tenho o dom de Romilly, mas farei o que puder, se quiser chamá-la para me ajudar.

Romilly puxou as rédeas e fez seu cavalo parar. Ruyven virou-se para fitá-la, surpreso, mas ela disse:

— Vamos passar a noite aqui e estou sendo chamada pelo rei e pela Ieronis.

Foi Orain quem trouxe o aviso, avançando pela massa de homens, cavalos e equipamentos na estrada e gritando:

— Quer me acompanhar, Romilly? O vai dom solicita seus serviços.

— Eu já sabia.

Romilly encaminhou-se para o rei, deixando Orain parado lá atrás, a observá-la, aturdido. Carolin estendeu o braço na direção do vasto campo.

— Vamos armar o acampamento aqui por esta noite. Pode ajudar Maura a pôr os cavalos naquele pasto, impedindo que se desgarrarem?

— Claro.

Os homens começaram a armar o acampamento, levando os melhores cavalos para o pasto, inclusive Estrela-Sol. Depois que todos estavam reunidos, Maura disse:

— Agora vamos projetar um abismo que os cavalos verão, embora nós não possamos divisar coisa alguma. Os cavalos têm medo das alturas, e assim não escaparão.

Romilly ligou sua mente com a jovem Ieronis e juntas criaram uma ilusão, um enorme abismo entre cavalos e homens, cercando o pasto... Romilly, ainda parcialmente ligada na mente com Estrela-Sol, seus sentidos se projetando para seu próprio cavalo e os outros no campo -consciente com eles da presença do enorme garanhão negro — viu, encolhendo-se fisicamente, o vasto abismo pelo qual poderia cair, recuando nervosamente...

— Romilly... — murmurou Maura, muito séria, rompendo o contato. — Você é o que chamamos de telepata selvagem, não é mesmo?

Ela virou-se, irritada com o tom crítico da voz de Maura, e disse bruscamente:

— Não sei o que isso significa.

— O que estou querendo dizer é que você é uma dessas pessoas cujo laran desenvolveu-se por si mesmo, sem a disciplina de uma Torre — explicou Maura. — Sabe que isso pode ser perigoso? Eu gostaria que me deixasse monitorá-la para me certificar de que está sob controle. O laran não é uma coisa simples...

Romilly respondeu ainda mais bruscamente:

— Os MacAran são treinadores de animais, trabalhando com pássaros, cavalos e cães desde o tempo desconhecido; e nenhum deles foi supervisionado pelas Torres.

Um vestígio do sotaque das montanhas retornou à sua voz, como se fosse o eco de seu pai dizendo:

— Os Hali'imyn querem que a própria mente de um homem seja controlada por seus leronyn e suas Torres!

Maura disse, apaziguadora:

— Não tenho o menor desejo de supervisioná-la, Romilly, mas você parece febril e ainda está numa idade em que pode ser sujeita a... a alguns dos perigos do laran sem o treinamento e desenvolvimento apropriados. Se não pode permitir que eu a monitore e descubra o que aconteceu com você, então seu irmão...

Muito menos Ruyven, pensou Romilly; não podia permitir de jeito nenhum que o irmão rigoroso e ascético, tão parecido com um monge cristoforo, lesse os pensamentos que ela mal se atrevia a reconhecer para si mesma. Remexeu-se impaciente, levantando uma barreira contra Maura.

— É muita generosidade de sua parte, vai domna, mas não precisa se preocupar comigo.

Maura contraiu um pouco o rosto e Romilly compreendeu que ela avaliava a ética de uma telepata treinada pela Torre, de jamais se intrometer, em comparação com a real preocupação pela moça. O que deixou Romilly irritada. Afinal Maura não era tão mais velha assim, por que pensava que precisava equilibrar o laran de Romilly?

Deixaram-me por conta própria e agora, quando não mais preciso, mostram-se ansiosos em me oferecer ajuda! Não me ofereceram ajuda quando meu pai queria me vender para Dom Garris, e também não houve ajuda quando quase fui estuprada por

Rory ou quando banquei a idiota na cama de Orain. Venci essas batalhas sozinha, sem qualquer ajuda; o que os leva a pensar que preciso de sua maldita condescendência agora?

Maura ainda a fitava, apreensiva, mas finalmente, para alívio de Romilly, suspirou e virou-se.

— Olhem! — disse Carolin, apontando. — Vocês têm certeza de que a ilusão funciona?

Romilly levantou os olhos e sua respiração quase parou: Estrela-Sol aproximava-se a galope, a cabeça erguida, as patas mal parecendo tocar o chão. Maura estendeu a mão e disse:

— Esperem!

Estrela-Sol estacou abruptamente ao chegar nos limites da campina, as quatro patas quase juntas, como se estivesse de fato à beira de um penhasco, a cabeça abaixada, espuma pingando da boca, como se em terror mortal. Estremeceu de medo, depois relinchou, recuou, sacudiu a cabeça e disparou para o outro lado.

— A ilusão os manterá no campo, pelo menos por esta noite — garantiu Maura.

— Mas ele está assustado demais! — protestou Romilly, pingando com o suor de medo do garanhão.

— Não há memória nem imaginação — lembrou Maura, suavemente. — Você tem as duas coisas, Romilly, mas olhe para ele agora.

E Estrela-Sol pastava calmamente; parou de repente, farejou o vento, aproximou-se de um grupo de éguas que também pastava na campina, em silêncio.

— Ele vai melhorar a qualidade dos estábulos reais — comentou Orain, jovialmente. — Qualquer égua que cobrir esta noite terá uma cria digna desses estábulos, não tenho a menor dúvida.

Carolin soltou uma risada.

— Que ele se divirta em seu esporte, velho amigo. Nós, que somos responsáveis por esta guerra — ele tocou gentilmente em Maura, apenas no ombro, mas a expressão que os dois trocaram deixou Romilly corada -, devemos esperar um pouco por nossas satisfações; mas serão ainda melhores por isso, não concorda, meu amor?

Maura limitou-se a sorrir, mas Romilly desviou os olhos fisicamente da intensidade daquele sorriso.

Jandria apareceu naquela noite e perguntou a Romilly se não desejava partilhar de novo o rancho das Espadachins, agora que não seguia à frente com o destacamento especial, levando os pássaros. Era evidente pelo tom de voz que Jandria esperava que Romilly demonstrasse a maior alegria pela oportunidade de se juntar outra vez às suas irmãs. Mas Romilly sentia-se muito cansada e com os nervos à flor da pele para conversar, agüentar o barulho e as risadas das moças da Irmandade. Preferia dormir longe da tenda comunitária e alegou que ainda era necessária entre os pássaros.

— E não precisa recear que eu não seja devidamente protegida -ela acrescentou, em tom azedo. — Entre Dama Maura e meu irmão que parece um monge, estou na mesma situação de uma sacerdotisa de Avarra em sua ilha protegida, que nenhum homem pode alcançar sem a maldição fatal da Mãe das Trevas!

Ela percebeu que Jandria ainda estava perturbada, mas limitou-se a abraçá-la e murmurou:

— Então descanse bem, irmãzinha. Parece cansada demais; exigiram muito de você em bem pouco tempo, e ainda é jovem. Não deixe de comer bem no jantar; já conheci várias leroni, e para reabastecer suas energias após o trabalho, uma jovem pequena e frágil é capaz de comer o suficiente para satisfazer três lenhadores! E tenha um sono longo e profundo, minha cara.

Ela foi embora. Romilly alimentou os pássaros, com a ajuda de Ruyven; até mesmo Lorde Ranald, ela notou com satisfação, não se esquivou à sua parte no trabalho. Mas o cheiro da carniça trazida pelos caçadores do exército deixou-a enjoada outra vez; e embora Carolin enviasse um bom pernil assado de chervine de sua própria mesa, com seus cumprimentos, para os tratadores dos pássaros, ela mal conseguiu comer e limitou-se a empurrar a comida de um lado para o outro do prato.

Já passava em muito do pôr-do-sol quando o acampamento assentou por completo para a noite, iluminada por três luas cheias e a quarta por um crescente pela metade.

— Quatro luas — comentou Lorde Ranald, rindo. — Que loucura faremos? Dizem em Thendara: O que efeito sob quatro luas não precisa ser lembrado ou lamentado...

— As noites assim são sagradas, amigo — disse Ruyven, com fria cortesia. — Passarei a maior parte da minha em sagrado silêncio, meditando. Se os soldados de Carolin...

Ele gesticulou para o lugar em que se podia ouvir o som de uma rryl e vozes altas e desafinadas entoando o coro de uma canção popular de bebida, antes de arrematar:

— ... me concederem um pouco de paz.

— O intendente do rei distribuiu aos soldados uma ração extra de vinho — explicou Ranald -, mas não o suficiente para deixá-los embriagados; ficarão sentados à volta de suas fogueiras e cantarão ao luar, mais nada.

Ele fez uma pausa, depois ofereceu o braço a Romilly e sugeriu:

— Vamos nos juntar a eles em suas fogueiras? Há três ou quatro homens em minha antiga unidade que possuem vozes excelentes e cantam juntos em tavernas. E cantam bastante bem para ganharem toda cerveja que quiserem, e mais ainda. E pode estar certa de que não farão qualquer descortesia com uma Espadachim; ao contrário, ficarão na maior satisfação por saber que está interessada em ouvir sua música.

— As vozes não parecem tão boas assim — comentou Romilly, escutando a dissonância na distante canção.

Ranald soltou uma risada.

— Eles estão apenas se divertindo; os Irmãos Canção do Vento — pois é assim que se intitulam, embora não sejam irmãos, mas quatro primos — não se dão ao trabalho de cantar direito antes que todos estejam reunidos e prestando atenção. Chegaremos lá muito antes de começarem a cantar para valer e os soldados gostam quando os nobres vão até suas fogueiras para participarem das mesmas diversões.

Romilly não podia recusar o convite formulado daquele jeito, embora se sentisse cansada e com dor de cabeça, preferindo ir logo para a cama. Mas sabia que, de qualquer forma, não conseguiria

dormir, com as canções e risadas ressoando pelo acampamento; talvez Ruyven tivesse a disciplina necessária para a meditação tranqüila naquela balbúrdia, mas não era o seu caso. E ela aceitou o braço oferecido.

O luar fazia com que a noite fosse quase tão clara quanto o dia, isto é, pelo menos um dia cinzento e chuvoso; Romilly achava que não poderia ler qualquer coisa escrita, e as cores do manto vistoso de Ranald e de sua túnica escarlata eram indistintas, mas havia claridade suficiente para verem por onde iam. Uma parte de Romilly, inconsciente, pastava na campina com Estrela-Sol, mas ainda assim ela se sentia dominada por estranha inquietação. Ao se aproximarem das fogueiras puderam ouvir os soldados entoando uma canção, cuja letra estava longe de ser decorosa, que falava sobre acontecimentos escandalosos entre os nobres.

"Meu pai foi Guardião da Torre Arilinn, Uma chieri seduziu com a flor kireseth; E três nasceram dessa união; Dois eram emmasca e o outro fui eu..."

— Essa canção faria com que fossem esquartejados se a cantassem em qualquer lugar das Planícies de Arilinn — comentou Ranald. — Mas aqui é diferente, existe antiga rivalidade entre as Torres de Arilinn e Neskaya...

— Acontecimentos curiosos para uma Torre — disse Romilly, cuja imagem de uma Torre ainda era influenciada pelo que vira nos pensamentos disciplinados e austeros de Ruyven. Ranald riu.

— Passei alguns anos numa Torre... apenas o suficiente para aprender a controlar meu laran. Você deve saber como é. Eu tinha treze anos quando começou, às vezes mal conseguia me distinguir de um cralmac na toca, ou entrava no cio com cada cadela da fazenda! Era desconcertante para minha governanta... Eu ainda estudava na época. É verdade que ela era uma víbora velha e de rosto frio. Não vou insultar meu cachorro predileto ao chamar aquela mulher de cadela! Tenho certeza de que muitas vezes ela desejou poder me castrar como os chervines de carga, a fim de poder me dar as aulas!

Romilly riu, apreensiva. Ranald percebeu sua inquietação e tratou de acrescentar, gentilmente:

— Desculpe, tinha esquecido que você é cristoforo e foi criada de acordo com seus costumes. Pensava quando era pequeno que as meninas eram diferentes. Mas tive quatro irmãs e logo descartei as idéias de que as meninas eram diferentes, mais delicadas... E acho que não preciso me desculpar por isso, você é uma mulher das montanhas e sei por seu trabalho com os pássaros que convive com animais há bastante tempo para compreender o que estou falando.

Romilly corou, mas o sentimento não era desagradável. Recordou o verão alto em suas próprias colinas, perto do Ninho dos Falcões, o mundo fervilhando de vida, gado e cavalos se acasalando, a tal ponto que também partilhara desinibida o fluxo da natureza ao redor, embora fosse, com seu corpo de criança, uma percepção indiferenciada, sensual mas nunca pessoal. Sabia que Ranald estava agora zombando, mas não se importava.

— Lá estão os soldados, Romilly!

Todos vestiam uniformes de soldados comuns; quatro homens: um alto e corpulento; outro com cabelos vermelhos-amarronzados, revoltos, e de barba desgrenhada; um baixo e gordo, com rosto rosado e redondo, sorriso torto; o quarto, alto e muito magro, rosto esquelético e mãos vermelhas e enormes — mas de sua garganta saía a mais educada voz de tenor que Romilly já ouvira. Cantarolaram juntos por um momento, para determinar o tom, depois deram início a uma canção popular, que Romilly sabia ser muito antiga.

“Aldones, abençoe o cotovelo humano”.

E abençoe onde se dobra;

Se pouco, secos ficaríamos,

Se demais, no ouvido beberíamos.

Eles arremataram virando as canecas para mostrarem que estavam vazias, e os soldados explodiram em aplausos, encheram as canecas, que os quatro beberam, antes de iniciarem outra canção.

As canções eram rudes, mas não grosseiras, a maioria dissertava sobre os prazeres da bebida e mulheres, as vozes eram esplêndidas; como os demais, Romilly aplaudiu e cantou junto nos coros, até ficar rouca. Isso a fez esquecer seus estranhos sentimentos e sentiu-se grata a Lorde Ranald pela sugestão. Em

determinado momento alguém pôs uma caneca em sua mão — era a cerveja forte e fragrante das terras baixas, e ela sentiu-se um pouco tonta após beber; mas sua voz passou a soar bastante boa nos próprios ouvidos — de modo geral, não era capaz de cantar. Sentia-se apenas agradavelmente inebriada, não embriagada a ponto de baixar a guarda. Finalmente, já bem tarde, os homens começaram a se retirar para suas camas e os Irmãos Canção do Vento, cheios de vinho mas ainda com os pés firmes, entoaram a última canção, sob aclamações e aplausos. Romilly teve de apoiar-se em Ranald ao procurar sua tenda. Ele a puxou para si ao luar claro e sussurrou:

— Romy, o que é feito sob as quatro luas não precisa ser lembrado ou lamentado.. .

Ela empurrou-o sem muita veemência.

— Sou uma Espadachim. Não quero desgrçar meu brinco. Pensa que sou uma vagabunda só porque nasci nas montanhas? Além do mais, Dama Maura partilha minha tenda.

— Maura não deixará Carolin esta noite — declarou Ranald, muito sério. — Eles não podem casar até o Conselho concordar, e isso não acontecerá enquanto ela for necessária como sua leronis, mas terão o que puderem; acha que ela a culparia? Ou acha que sou bastante egoísta para engravidá-la, enquanto estamos no meio desta guerra e suas habilidades são tão valiosas quanto as minhas?

Ranald tentou puxá-la de novo para seus braços, mas Romilly sacudiu a cabeça e ele largou-a.

— Eu quero... mas não haveria prazer para mim se não houvesse também para você — ele murmurou, beijando a palma da mão de Romilly. — Talvez... ora, não importa. Durma bem, Romilly.

Ele fez uma reverência e foi embora. Romilly sentia-se vazia e fria, quase desejou não tê-lo rejeitado...

Não sei o que quero. Mas não creio que seja isso.

Mesmo dentro da tenda — e Ranald estava certo, Dama Maura não se encontrava ali, seu cobertor continuava enrolado no chão —, ela sentiu que o luar inundava todo o seu corpo. Meteu-se sob as cobertas, tirou as roupas; geralmente ficava com a camisa à noite, mas agora sentia-se tão acalorada ao luar que mal podia suportar o

contato do tecido na pele febril. A música e a cerveja ainda faziam sua cabeça vibrar, mas no escuro e no silêncio, a sensação era de que se encontrava lá fora, ao luar, que escarvava a relva em algum lugar, cheiro doce e inebriante elevando-se da terra, uma frenética inquietação aflorando por toda parte de seu ser.

Estrela-Sol também parecia dominado pela inquietação das quatro luas e sua claridade. Agora ela estava ligada no contato mais profundo com o garanhão. Aquilo não era novidade para ela, já sentira antes, em verões passados, mas nunca com toda a intensidade de seu laran despertado, o corpo subitamente alerta... A fragrância da relva, o fluxo de vida através de suas veias, até que era toda uma enorme e ansiosa tensão... doces fragrâncias, com um indício do que lhe parecia sentidos partilhados e dobrados, um cheiro de flores de verão e alguma coisa que nem sequer reconheceu, uma parte arraigada de si mesma, profundamente sexual, derrubando barreiras de pensamento e compreensão... a um só e mesmo tempo estava unida ao grande garanhão no cio e era Romilly, assustada, esforçando-se para romper o contato que partilhara, antes disso, sem pensar; era demais para ela agora, não podia reprimi-lo, estava estourando com a pressão, com a sexualidade pura, animal, sob a estimulante claridade das luas... Sentia seu próprio corpo se contorcendo e revirando, enquanto lutava para escapar, mal sabendo o que tanto temia, mas estava aterrorizada que acontecesse, não suportaria se fosse arrastada para sempre e nunca mais voltasse a seu próprio corpo, que corpo não tinha a menor idéia, era insuportável demais... PAIXÃO, TERROR, CIO... NÃO, NÃO...

Um luar azul inundou a tenda quando a entrada foi aberta... mas ela não viu, estava além da condição de ver, apenas o luar alcançou seu corpo que se debatia, a cabeça balançando.. .

Ela foi envolta suavemente por braços gentis; uma voz chamava seu nome com suavidade. Mãos gentis a tocavam.

— Romilly, Romy... Romy, volte, volte... aqui, deixe-me segurá-la assim, minha pobre criança... Volte para mim, volte para cá...

E ela viu o rosto de Ranald, ouviu sua voz, chamando-a suavemente; sentiu como se estivesse se afogando no fluxo do que

não era, retornou agradecida à percepção do próprio corpo, aconchegou-se nos braços de Ranald. E os lábios de Ranald cobriram os seus; ela estendeu os braços e puxou-o para baixo freneticamente, qualquer coisa agora, qualquer coisa para mantê-la aqui, sã e salva em seu próprio corpo, excluída da insuportável sobrecarga de emoção e sensação física; Ranald envolvia-a com seus braços, Ranald acariciava-a, era ela própria, era Romilly outra vez, mal sabia se era medo, gratidão ou desejo real que levou seus lábios a se comprimirem contra os de Ranald, refugiar-se em seus braços, isolar-se de todo contato indesejável com o garanhão, lembrando-a de que era humana, humana, era real e aquilo... aquilo era o que queria... Podia ler na mente de Ranald que ele estava surpreso e deliciado, mesmo que um pouco atordoado, por sua violenta aceitação, mais espantado ainda por descobri-la virgem, isso porém não tinha importância, naquela violência partilhada do momento, não fazia diferença para qualquer do dois.

— Eu sabia — ele murmurou depois. — Eu sabia que seria demais para você. Não creio que era a mim que você chamava, mas eu estava aqui e sabia.. .

Romilly beijou-o agradecida, atônita e satisfeita. Acontecera de forma tão natural que agora lhe parecia doce e certo. Um pensamento vago, enquanto resvalava para o sono, levou sua mente à beira do riso.

Nunca teria sido assim com Dom Garris! Eu estava absolutamente certa ao não casar com ele!

Capítulo Sete

O exército de Carolin permaneceu acampado à margem do córrego por três dias. No terceiro dia Romilly saiu para fazer com que os pássaros-sentinelas voassem outra vez, acompanhada por Ranald. Estava consciente de que precisava de alguma forma resguardar seus pensamentos de Ruyven; ele não compreenderia absolutamente o que acontecera. Veria apenas que sua jovem e inocente irmã partilhara sua cama com um Ridenow; e para se fazer justiça, Romilly estava mais preocupada que isso pudesse prejudicar a capacidade dos três de trabalharem juntos do que perturbada por qualquer sentimento de vergonha ou arrependimento pelo que fizera. Ruyven certamente pensaria que Ranald assumira o papel de sedutor, e não fora assim de jeito nenhum; ele simplesmente a libertara de uma coisa que Romilly descobrira ser incapaz de suportar. Mesmo agora, ela não sabia por que achara tão insuportável.

— Lembre-me de não olhar para você e sorrir assim — murmurou Ranald, captando sua preocupação de Ruyven descobrir.

Romilly sorriu em resposta. Sentia-se aliviada e feliz, capaz de olhar para o campo à beira do córrego onde Estrela-Sol e os outros cavalos pastavam e restabelecer a antiga e profunda comunhão com o garanhão, sem qualquer sentimento de aversão ou inquietação, sem se desequilibrar com a sensação de união com o animal.

Ranald tornou tudo mais fácil para mim.

Maura me falou alguma coisa a respeito: cavalos não têm memória nem imaginação. É por isso que posso retomar no ponto em que deixei.

Duas vezes, durante aqueles dias, ela foi ao rancho das Espadachins, partilhando a refeição com as mulheres da Irmandade. Cléa zombou um pouco.

— Ainda é uma de nós, apesar da convivência com a nobreza e tudo o mais?

— Seja justa — interveio Jandria. — Ela tem seu trabalho a realizar, da mesma forma que nós, e Dama Maura é uma

acompanhante tão boa quanto um abrigo inteiro de nossas irmãs. E além disso, um dos tratadores é o próprio irmão dela. E se os rumores são procedentes... — Jandria fez uma pausa, lançando um olhar inquisitivo para Romilly. — ... essa mesma Dama Maura será um dia nossa rainha. O que sabe a respeito, Romy?

— Não sei mais do que você. E o Rei Carolin não pode casar enquanto o Conselho não der permissão. E uma nobre como Dama Maura não pode casar sem o consentimento paterno. Mas, com toda certeza, se eles puderem impor sua vontade, haverá casamento.

— E se não houver, o rei providenciará um bastardo para criar tantos problemas no reino quanto aquele gre'zuin do Rakhal — comentou Tina, com desdém. — Um belo comportamento para uma leronis... Soube por sua criada que ela passou duas noites na tenda do rei. Que espécie de acompanhante para Romy é essa?

Ranald ensinara-a a se resguardar um pouco; assim, Romilly conseguiu não corar nem desviar os olhos.

— Entre três pássaros feios e meu irmão, acha mesmo que preciso de acompanhante, Tina? Quanto a Maura, ouvi dizer que ela se mantém virgem para a Visão, e não posso acreditar que arrisque isso, nem mesmo na cama de um rei, enquanto a guerra continua. Mas não sou guardiã da consciência dela; ela é uma mulher adulta e uma leronis, não precisa dar satisfações a homem algum.

Cléa soltou um grunhido desdenhoso.

— Então ela pode vender sua virgindade por uma coroa, mas não por amor? Bravo, leronis! — Ela fez o gesto de aplauso. — Aproveite o exemplo, Romy!

Romilly pensara que entre aquelas mulheres, que eram livres para seguir a própria vontade, poderia conversar sobre tudo o que lhe acontecera; mesmo agora, se pudesse falar com Jandria a sós, gostaria de lhe contar... Mas Jandria já se levantava para atender aos conselheiros do rei, e não havia nenhuma outra, nem mesmo Cléa, que julgara sua amiga, com quem sentisse que poderia falar livremente. Não depois de suas palavras desdenhosas. Não, não falaria de Ranald. Elas não compreenderiam.

Romilly sabia que não desgraçara seu brinco nem arrastara a Irmandade ao escárnio. Seu juramento não lhe exigia nada mais

além disso; e pelo menos não se vendera a um devasso mais velho como Dom Garris em troca de riquezas e da prosperidade dos negócios de cavalos de seu pai com Scathfell!

Assim, no terceiro dia, quando saiu para fazer voar os pássaros, com Ruyven e Ranald, ela estava animada. O dia era cinzento, caía uma chuva fina, com pancadas mais fortes e esparsas atravessando as planícies; e mesmo quando ocorria uma rara abertura nas nuvens, o vento continuava a soprar forte. Os pássaros-sentinelas encolhiam-se em seus poleiros e guincharam em protesto quando foram levados; não gostavam daquele tempo, mas precisavam de exercício, depois de dois dias de boa alimentação e repouso. Além disso, Carolin tinha de saber para onde se deslocavam os exércitos de Rakhal.

— Precisamos de alguma forma mantê-los bastante baixo para espiarem através da neblina — disse Ranald.

— Eles não vão gostar — protestou Romilly.

— Não estou preocupado com o que eles possam ou não gostar -declarou Ranald, bruscamente. — Não estamos fazendo com que os pássaros voem para nosso próprio prazer, nem para o deles, por enquanto... Esqueceu isso, Romilly?

Ela esquecera, por um momento, de tão ligada que se sentia aos enormes pássaros. Lançou Diligência de sua mão enluvada, entrou em contato com a criatura alada, voando com as asas vigorosas, muito acima das colinas, depois se lembrou, forçou um vôo mais baixo, orientando o pássaro para leste, onde haviam avistado pela última vez os exércitos de Rakhal.

Mesmo assim, e com a visão aguçada extra do pássaro, não podia ver muito longe; a chuva fina reduzia a visibilidade e precisava fazer com que o pássaro voasse bastante baixo para divisar o solo. Aquele tipo de vôo não tinha qualquer relação com o que experimentara na última vez, elevando-se bem alto, circulando, deixando que a imagem lá embaixo fosse transmitida para Carolin, através de Ranald. Agora era um esforço lento e árduo, forçando a vontade do pássaro, contra o desejo obstinado de voltar e se aconchegar no poleiro até o tempo melhorar, forçando contra seu instinto de voar acima das nuvens.

Pássaros-sentinelas; pássaros-espiões. Como todos nós, sou um instrumento para o exército de Carolin atacar. Como o pai dela ficaria furioso! Não apenas o filho fugitivo que ele repudiara, mas também a filha, que julgara uma compensação por um filho fugitivo e outro que só gostava de livros inúteis.. . Como estaria Darren, ela especulou, teria se resignado a cuidar de falcões e cavalos?

Romilly perdera a trajetória do pássaro e uma intensa sensação de dúvida por parte de Ruyven levou-a de volta ao vôo na chuva, enregelada e machucada pelas geladas rajadas de granizo que a atingiam... ou a Diligência? Devia se arriscar a voar mais baixo, pois nada podiam divisar através da densa cortina de chuva. Estavam ligados pelos três lados e agora ela se empenhou em seguir Temperança, voando à frente, mais forte, na direção de uma abertura nas nuvens. Lá embaixo a terra estava deserta, mas no horizonte Romilly avistou fumaça, que sabia ser do exército de Rakhal, esperando ao abrigo da chuva. Podia sentir por trás o deslocamento de ar, onde Prudência voava em sua esteira. Ao mesmo tempo, uma parte dela era Romilly, equilibrada na sela com o maior cuidado, e uma parte era Carolin, aguardando informações através das mentes dos operadores e seus pássaros.

Um ponto em seu campo de visão rapidamente se torna cada vez maior... Claro, ela deveria ter imaginado que eles também lançariam pássaros-espiões com aquele tempo! Ela — ou seria Diligência? — mudou um pouco o curso, na esperança de passar despercebida do pássaro que se aproximava. Seria o próprio Rakhal ou um de seus conselheiros quem estaria por trás das asas daquele pássaro, preparando-se para interceptar...

Haveria luta? Não podia ter a esperança de controlar o pássaro se o instinto puro prevalecesse; não havia muita dificuldade em controlar a mente do pássaro se tudo corria bem, mas no perigo o instinto predominaria sobre a consciência partilhada. Temperança ainda voava bem à frente, e por intermédio do vínculo com a mente de Ruyven ela também pôde ver os arredores do acampamento inimigo, uma carroça sobre a qual havia algo preto e sinistro.. . Não tinha certeza se via com seus olhos; estaria percebendo alguma coisa através da mente de Ruyven ou do pássaro? Os pássaros — a

frase de Maura, ecoando em sua mente, não têm memória nem imaginação — podiam ver apenas com sua visão física e não podiam interpretar o que viam, a menos que os envolvesse diretamente, como alimento ou ameaça.

Necessitava agora de toda a sua força para manter Diligência no curso. A carroça estava ali, um cheiro estranho e acre parecia arder em seu nariz, ou no do pássaro, não tinha certeza; mas a escuridão era algo que devia estar percebendo através de uma das mentes ligadas no contato com os pássaros-sentinelas. Sentiu-se vagamente curiosa, mas tão absorvida na consciência do pássaro que se contentou em deixar tudo para Carolin interpretar.

Havia alguma coisa no ar agora — perigo, perigo, —, como se um ferro em brasa penetrasse em seu cérebro. Ela desviou-se, gritando, depois sentiu uma lancinante dor no coração. Romilly saiu com um grito do contato, lutando para mantê-lo — dor... medo — em algum lugar; ela sabia, Diligência estava caindo como uma pedra, atordoada, a consciência se desvanecendo, morrendo... Romilly, sentada em seu cavalo, fisicamente comprimiu o peito, como se a flecha que abatera o pássaro-sentinela tivesse penetrado seu corpo também. Era uma dor de pesadelo, aterradora, ela olhou freneticamente ao redor, numa angustiante desorientação. E depois compreendeu o que devia ter acontecido.

Diligência! Ela fizera seu pássaro voar deliberadamente para o perigo daquelas flechas, prevalecendo sobre a própria noção de cautela do pássaro, seu instinto de voar alto e distante do perigo. Culpa e dor disputaram o domínio sobre ela.

Alguém muito longe parecia estar chamando seu nome, e ela saiu do cinzento nevoeiro para deparar com Randal fitando-a, exibindo no rosto uma expressão perturbada. E Romilly balbuciou, a voz meio estrangulada:

— Prudência. .. Temperança... tragam-nas de volta... Ele respirou fundo.

— Elas se afastaram dos soldados; mandei que subissem, fora do alcance... Sinto muito, Romy; você a amava...

— E ela amava a vida! — berrou Romilly, desesperada. — E morreu por sua causa e de Carolin... Ah, como odeio todos vocês,

todos os homens e reis, e suas malditas guerras, nenhuma das quais vale uma pena das asas delas...

Ela colocou a cabeça entre as mãos e desatou em soluços incontroláveis. A cabeça de Ruyven ainda estava inclinada para trás, o rosto imóvel no esforço concentrado; ele continuou assim até que uma forma escura saiu das nuvens e baixou para sua mão enluvada.

— Temperança... — sussurrou Romilly, aliviada. — Mas onde está Prudência?

Como se em resposta, um grito estridente soou nas nuvens, respondido por outro; duas formas escuras se projetaram através da neblina e chuva, engalfinhadas, caindo juntas em combate; penas se soltaram, os gritos estridentes cessaram. Um corpo pequeno e escuro caiu inerte perto das patas dos cavalos; outro se afastou em alta velocidade, gritando em triunfo...

— Não olhe! — disse Ruyven. — Ranald, segure-a...

Mas Romilly já saltara de seu cavalo, chorando desesperada, recolhendo o pequeno e ensangüentado corpo de Prudência, ainda inerte e quente da vida que acabara de perder. Comprimiu-o contra o peito, o rosto molhado e furioso.

— Prudência! Ah, Prudência, querida, não você também...

O sangue do pássaro espalhou-se por suas mãos e pela túnica. Ranald desmontou, aproximou-se e suavemente retirou o pássaro de seus braços.

— Não adianta, Romilly, ela está morta. — Ele abraçou-a. — Meu pobre e querido amor, não chore... Não se pode fazer nada, é a guerra.

E isso deve ser uma desculpa para tudo! Romilly sentia que a fúria a dominava. Brincam com as vidas das coisas selvagens e se consideram inofensivos, dizendo que é a guerra... Não questiono o direito de se matarem uns aos outros, mas o que um pássaro inocente sabe ou se importa com um rei ou outro?

Ruyven estava acalmando Temperança em seu pulso, enfiando o capuz em sua cabeça irrequieta. E disse:

— Tente se manter calma, Romilly, ainda temos trabalho a fazer. Ranald, você viu...

— Claro que vi! Em algum lugar do acampamento de Rakhal há fogo-aderente. Não sei onde ele pretende usá-lo, mas Carolin precisa ser avisado imediatamente. O tempo pode ser curto, a menos que queiramos queimar sob aquela coisa... E eu, pessoalmente, não quero que seja usada contra mim ou nas terras por aqui...

— Nem eu — murmurou Ruyven. — Vi o que o fogo-aderente é capaz de fazer, em Tramontana, embora não na guerra. Carolin prometeu que não o usaria contra pessoas que devem viver em suas terras. Mas se for usado contra nós, não sei como ele poderá combatê-lo.

Romilly, ainda de pé, em silêncio, indagou nesse momento:

— O que é fogo-aderente?

— O próprio bafo das forjas de Zandru — respondeu Ranald. — Um fogo que queima e continua queimando enquanto houver alguma coisa para alimentá-lo, através da pele e osso, até a própria pedra... um fogo feito por bruxaria e laran.

Não duvido. Quem é capaz de matar um pássaro inocente pelo simples desejo de algum rei, por que haveria de hesitar em matar pessoas também?

— Você deve ir conosco. — Ranald conduziu-a gentilmente para a sela. — Carolin precisa saber disso e vai precisar de todos os seus leronyn... Maura jurou que não lutaria contra Rakhal, mas tenho certeza de que ela não hesitará em impedir o uso do fogo-aderente contra seu próprio povo, não importa o que ainda possa sentir pelo usurpador!

Romilly seguiu às cegas, as lágrimas ainda escorrendo de seus olhos. Nada sabia, nem desejava saber, das armas usadas por aqueles homens, seus reis e leroni. Percebeu vagamente que Ranald cavalgava a alguma distância, mas se projetou cegamente para o contato com Estrela-Sol, sentindo, na força tranqüilizadora do grande garanhão, afeição e profunda união. Ele era seu e ela estava nele, arrastada para o presente, sem memória nem expectativa, sem imaginação ou emoção, exceto pelos estímulos imediatos; a relva verde, a estrada sob as patas, o peso de Carolin, já amado, na sela. Ela seguiu sem ver porque sua melhor parte se encontrava com

Estrela-Sol, a perda e o sofrimento eliminados no momento presente, interminável, intemporal.

Finalmente, um pouco reconfortada, ela saiu do mergulho no mundo do cavalo, meio consciente de que em algum lugar falavam a seu respeito.

Ela gostava muito dos pássaros-sentinelas, era muito ligada a eles. Assim aconteceu desde o momento em que a vimos pela primeira vez, comentamos como eram feios e foi ela quem nos mostrou que possuíam seu próprio tipo de beleza...

— ... sua primeira experiência com esse tipo de perda; ela deve aprender como se manter um pouco separada...

... o que se pode esperar de uma telepata selvagem, alguém que tentou aprender sem a disciplina das Torres...

Romilly pensou, ressentida, se o que ensinavam nas Torres faria com que se mostrasse complacente com as mortes de animais inocentes, que nada tinham a ver com os homens e suas guerras, então estava contente por não ter aprendido coisa alguma!

— Compreendam, por favor — disse Carolin, fitando seus três operadores de pássaros. — Não se pode atribuir culpa a qualquer de vocês, mas perdemos dois dos nossos três pássaros-sentinelas e o que resta deve ser enviado imediatamente, com ou sem perigo. Qual de vocês a voará?

— Eu estou pronto — respondeu Ruyven. — Minha irmã é nova nesse trabalho e está profundamente sensibilizada... Cuidava desses pássaros desde que eram jovens, estava muito ligada a eles. Não creio que esteja em condições agora de trabalhar ainda mais, senhor.

Carolin olhou para Ranald.

— Precisarei de todos os meus leronyn se queremos destruir o fogo-aderente em poder de Rakhal antes que ele consiga usá-lo. Quanto a Romilly...

Ele fitou-a, compadecido, mas ela se eriçou sob sua compaixão e declarou:

— Ninguém mais guiará Temperança, só eu. Sei o bastante agora para não expô-la ao perigo...

— Romilly... — o Rei Carolin desmontou e aproximou-se da jovem, muito sério. — Também lamento pelos pássaros. Mas não pode também ver a situação pelo meu ponto de vista? Arriscamos pássaros e outros animais para salvar a vida de homens. Sei que os pássaros significam mais para você do que jamais poderiam representar para mim, mas devo lhe perguntar uma coisa: preferia que eu morresse em vez dos pássaros-sentinelas? Arriscaria as vidas dos pássaros para salvar suas Espadachins?

A primeira reação emocional de Romilly foi: Os pássaros pelo menos não fizeram qualquer mal a Rakhal; por que os homens não podem travar suas batalhas sem arriscarem os inocentes? Mas sabia que isso era irracional. Ela era humana, sacrificaria pássaros ou até mesmo cavalo para salvar Ranald, Orain, o próprio Carolin ou seu irmão... E ela disse finalmente:

— As vidas deles lhe pertencem, Majestade, para poupá-las ou consumi-las como quiser. Mas também não os levarei de maneira insensata para o perigo sem um bom motivo.

Ela percebeu e especulou por que Carolin parecia tão triste.

— Romilly, criança. .. — Ele parou e só continuou depois de uma longa pausa. — E isso o que cada comandante de homens e animais deve enfrentar, avaliar as vidas de alguns contra as vidas de todos. Eu gostaria muito mais se jamais precisasse testemunhar a morte de qualquer daqueles que têm me seguido... — Um suspiro. — Mas devo minha vida àqueles que jurei governar. Na verdade às vezes penso que o termo não é governar, mas servir. Vá, conduza seu pássaro.

Após um momento, Romilly compreendeu, chocada, que só as últimas quatro palavras haviam sido pronunciadas em voz alta.

Li seus pensamentos e ele sabia que eu os leria... Não teria falado essas coisas em voz alta na presença de seus exércitos, mas não pode esconder os pensamentos de alguém com laran...

Já era bastante terrível que um rei assim tivesse de levar seu povo à guerra. Ela deveria saber que Carolin não desperdiçaria vidas desnecessariamente. E se pudesse poupar as vidas de alguns de seus partidários enviando os pássaros-sentinelas para o perigo, ele não hesitaria em fazê-lo, devia ser a opção responsável; como o

momento em que ela optara por deixar o pássaro-espírito com fome, porque alimentá-lo implicaria a morte para todos. Ela era humana; sua primeira lealdade deveria ser sempre com seus semelhantes. Romilly inclinou a cabeça, afastou-se um pouco de Carolin com Temperança em sua sela e ergueu o pulso enluvado para enviar o pássaro outra vez ao céu nublado.

Ela estava voando, circulando sobre o campo, e não muito longe ouviu o troar de cavalos arremetendo, com o exército de Rakhal descendo do cume da colina, as tropas atacando uma à outra. Houve um tremendo choque e Romilly viu através dos olhos do pássaro...

Cavalos, caindo e gritando, cortados por espadas e lanças... homens estendidos no chão, morrendo... Não podia distinguir se eram homens de Carolin ou de Rakhal, e não tinha importância... e parte dela avançou com o grande garanhão negro, levando o rei. Alguns homens avançaram para o lugar em que tremulava a bandeira azul do pinheiro... Estrela-Sol, leve meu rei para a segurança... E o cavalo se afastou, para um novo grupo compacto, aguardando a carga seguinte.

Chamas pareciam cortar o ar, que ficou impregnado pelo cheiro acre de carne queimando, homens e cavalos gritando, a morte, a morte por toda parte...

Contudo, em meio a tudo isso, Romilly manteve-se imóvel, pairando sobre o campo, levando a imagem dos olhos do pássaro da batalha para os olhos de Carolin, a fim de que ele pudesse orientar seus homens para onde eram mais necessários. Horas, ao que parecia, arrastaram-se, enquanto ela sobrevoava o campo, cansada de tantos horrores, nauseada com cheiro de carne queimando...

E depois os homens de Rakhal desapareceram, deixando apenas os mortos e os agonizantes no campo. Romilly, que permanecera em contato com o pássaro-sentinela restante (sabia agora que fora Ruyven quem pegara as rédeas e levava seu cavalo para um lugar seguro, no topo de uma pequena colina, de onde se podia observar o campo, enquanto ela permanecia em transe no contato com o pássaro), retornou à sua própria consciência, atordoada, chocada.

Cavalos agonizantes. Sete ela treinara, com suas próprias mãos, no abrigo da Irmandade... mortos ou agonizando, e Cléa, a alegre Cléa, que falava tão despreocupada da morte, estendida inerte no campo, o sangue invisível na túnica escarlate de Espadachim... Cléa, morrendo nos braços de Jandria, um lugar vazio, um enorme silêncio onde antes existira um ser humano vivo, respirando, amado e real...

Não havia regozijo no campo de batalha; Carolin sentira perdas demais naquele dia. Silenciosamente os homens sepultaram os mortos, concederam aos cavalos agonizantes o golpe de misericórdia. Ruyven acompanhou os curandeiros no tratamento dos feridos. Romilly, tão chocada que não conseguia falar, armou a tenda auxiliada apenas pelo jovem aprendiz de Ruyven, que sofrerá enorme queimadura no braço do fogo-aderente que chovera sobre o exército. Havia três poleiros na bagagem, mas apenas um pássaro se acomodou em um; Romilly sentiu-se nauseada enquanto o alimentava... o cheiro de carniça agora os envolvia completamente. Não conseguiu dormir na pequena tenda que partilhara com Dama Maura; procurou pelo acampamento na orla do campo de batalha até encontrar o remanescente da Irmandade, e em silêncio juntou-se a elas. Tantos mortos! Cavalos e pássaros que haviam sido parte de sua vida, em cujo treinamento dedicara tanto tempo, força e amor... A Irmandade a incumbira de treinar aqueles cavalos não para que pudessem viver e servir, mas para que pudessem morrer naquela carnificina sem sentido. E Cléa, a quem Jandria carregara morta do campo de batalha! Duas mulheres da Irmandade chamaram Romilly.

— Irmã, você está ferida?

— Não — balbuciou Romilly, atordoada.

Ela mal sabia; seu corpo ainda se encontrava entorpecido pelas muitas mortes que a invadiram através da mente aberta, que sentira em sua própria carne, para perceber qualquer outra coisa; mas agora constatou que não sofrerá qualquer ferimento, que não havia uma única marca em qualquer parte de sua carne.

— Você possui habilidades curativas?

E quando Romilly disse que não, elas a chamaram para ajudar a fazer uma cova para Cléa.

— Uma Espadachim não pode ficar entre os soldados. Como ela era em vida, também na morte deve ser enterrada em separado.

Romilly se perguntou, com uma dor difusa na cabeça, que importância teria agora para Cléa o lugar onde seria enterrada? Ela se defendera bem, ensinara muitas de suas irmãs a se defenderem, mas o estupro final da morte a pegara desprevenida: estava fria e rígida, parecendo muito surpresa, sem qualquer marca no rosto. Romilly mal podia acreditar que ela não ia rir e se levantar de um pulo, pegando a todas de surpresa, como fizera tantas vezes antes. Ela apanhou uma das pás que uma das Espadachins lhe estendeu. O trabalho físico árduo de fazer a cova era bem-vindo; não fosse assim, sufocaria por tanto sofrimento, tantos homens feridos, gritando, desesperados em silêncio ou em gemidos, a angústia deles abalando-a. Tentou excluir tudo, como Ranald ensinara, mas havia demais, demais...

No campo, vultos negros pairavam no céu batendo asas, esperando. Em seguida um deles sobrevoou o local em que se encontrava um cavalo morto, já inchado, desferindo uma bicada com estridente grito de alegria. Outro desceu, e mais outro, depois dezenas, centenas... banqueteadando-se, gritando alegremente uns para os outros. Romilly captou um pensamento em algum lugar, não sabia se de uma das Espadachins ao seu lado junto da cova ou se de alguém fora de vista no acampamento escuro: a derrota dos homens é a alegria para a ave de carniça, onde os homens lamentam o kyorebni faz a festa... e largou sua pá, nauseada. Tentou pegá-la de novo, mas dobrou-se subitamente, vomitando. Nada comera desde aquela manhã; nada subiu além de um pouco de bílis verde, mas ela permaneceu daquele jeito, dobrada, doente e exausta, nauseada demais até para chorar.

Jandria aproximou-se e levou-a para a tenda sem dizer nada. Duas Espadachins cuidavam dos ferimentos de três outras: uma mulher com uma queimadura de fogo-aderente na mão que ainda ardia lá dentro; outra, inconsciente de um talho de espada na cabeça; a terceira, com a perna quebrada quando seu cavalo caíra e

rolara sobre ela. Uma levantou os olhos, franzindo o rosto, quando Jandria entrou com Romilly e colocou-a em um cobertor.

— Ela não está ferida... Deveria ajudar a enterrar nossas mortas! Jandria respondeu bruscamente:

— Há mais de um tipo de ferimento!

Ela abraçou Romilly, embalando-a, afagando seus cabelos, mas a jovem estava alheia ao contato, perdida numa solidão desesperada, onde procurava e procurava pelos mortos...

Romilly vagueava num sonho muito sombrio, como se estivesse numa vasta planície cinzenta, onde via Cléa à sua frente, rindo, cavalgando um dos cavalos mortos, Prudência empoleirada em seu pulso... mas estavam muito à frente, não importava quanto Romilly corresse, seus pés pareciam grudados como se vadesse em uma calda grossa, não podia alcançá-las, nunca, nunca...

Romilly ouviu uma voz em algum lugar, sentiu que devia conhecer aquela voz, mas não conhecia, dizendo: Ela nunca aprendeu a se fechar. Agora talvez eu consiga lhe proporcionar barreiras, mas realmente não há solução. É uma telepata selvagem e não tem proteção.

Romilly apenas sabia que alguém — Carolin? Dama Maura? — tocava em sua testa de leve, e estava de volta à tenda das Espadachins, a vasta e desolada planície cinzenta da morte desaparecera. Agarrou-se a Jandria, tremendo e chorando.

— Cléa está morta. E meus cavalos, todos os meus cavalos... e os pássaros... — ela soluçou.

Jandria embalava-a.

— Eu sei, minha cara, eu sei... Está tudo bem, pode chorar por eles se quiser, chore, chore, estamos todas aqui com você.

E Romilly pensou, num espanto atordoado: Ela está chorando também.

E não sabia por que isso devia lhe parecer tão estranho.

Capítulo Oito

Romilly despertou na manhã seguinte à batalha para um dia cinzento e desolado de chuva forte. Nada se movia no campo, a não ser as onipresentes aves de carniça, indiferentes ao aguaceiro, alimentando-se com os corpos de homens e cavalos.

Não faz diferença para ela agora, pensou Romilly, mas mesmo assim sentiu-se grata por Cléa estar debaixo da terra, o corpo resguardado dos implacáveis bicos dos kyorebni. Contudo, de um jeito ou de outro, o corpo de Cléa voltaria a seus elementos naturais, alimento das pequenas criaturas que rastejavam pela terra, nutrindo relva e árvores. Ela se tornara parte do longo e interminável ciclo da vida, em que aqueles que se alimentavam da terra acabavam se tornando alimento para a terra. Por que, então, devo lamentar? Romilly se perguntou. A resposta veio sem pensar.

Sua morte não ocorreu no momento oportuno, depois que ela esgotasse o curso de seus dias. Ela morreu numa desavença entre reis pela qual não teve a menor responsabilidade. E, no entanto, perturbada, Romilly não pôde deixar de recordar como conhecera Lyondri Hastur. As crueldades de Lyondri eram muitas, enquanto Carolin pelo menos parecia pensar que era seu dever servir e proteger aqueles que viviam nas terras sobre as quais nascera para reinar.

Carolin é como um cavalo — com seu amor a Estrela-Sol e aos outros cavalos, nunca ocorreu a Romilly que estava sendo ofensiva ao rei —, enquanto Rakhal e Lyondri são como pássaros-espíritos, que se lançam contra os vivos. Subitamente, pela primeira vez no ano em que convivia com as Espadachins, Romilly sentiu-se contente por Preciosa tê-la abandonado.

Ela também se lança contra coisas vivas. É sua natureza, e eu a amo, mas não poderia suportar o espetáculo, ser parte dele!

Ela vestiu-se, puxou o capuz do manto grosso e saiu para cuidar de Temperança. Seu primeiro impulso fora deixá-la aos cuidados de Ruyven; sentia que a visão dos poleiros vazios de Prudência e Diligência ressuscitaria todo o horror e medo de suas

mortes. Mas jurara cuidar dos pássaros, era a mestra falcoeira do rei, e Ruyven, embora cuidasse com dedicação, não os amava, como ela.

Temperança estava solitária em seu poleiro, encolhida contra a umidade e o frio; os poleiros eram protegidos, mas não havia como evitar o vento, e Romilly decidiu transferir o pássaro para o interior da tenda, onde ela e Maura não dormiam há várias noites. Temperança era o único pássaro-sentinela restante nos exércitos de Carolin, e não poderia voar se pegasse um resfriado com aquela chuva e umidade. Romilly queria evitar a lembrança de seu último vôo, mas sabia que, como seu de ver determinava, tornaria a fazer voar o pássaro, mesmo que para o perigo. Não teria satisfação; a alegria anterior fora parte da inocência e desaparecera para sempre. Mas ela o fazia, cumprindo seu dever, porque testemunhara a guerra e tivera uma amostra do que aconteceria aos habitantes daquelas colinas sob o severo regime de Lyondri Hastur.

Lyondri não desejava — ela sabia disso pelo breve contato que tivera com ele — ser apenas o carrasco de Rakhal. Avise a Jandria que não sou o monstro que ela me julga, ele dissera. Mas também acreditava que aquele era o único caminho para o poder e, portanto, era tão culpado quanto Rakhal.

Ele é parente de Carolin. Como podem ser tão diferentes?

Enquanto cuidava de Temperança, ela ouviu passos fora da tenda e virou-se para deparar com um rosto familiar.

— Dom Alderic!

Antes que ele tivesse mais do que um momento para fitá-la surpresa, Ruyven correu para cumprimentar Alderic com um entusiasmado abraço de parente.

— Bredú! Eu deveria saber que você se apressaria para nos encontrar aqui... Seu pai sabe?

Alderic Castamir sacudiu a cabeça e sorriu para o amigo.

— Estou vindo do Ninho dos Falcões. Seu pai me deu permissão para partir, embora não de bom grado. Deve saber que Darren retornou ao mosteiro.

Ruyven suspirou e balançou a cabeça.

— Eu cederia meu lugar de herdeiro do pai a Darren com o maior prazer. Esperava que o pai, quando ele não estivesse mais à minha sombra, percebesse seu verdadeiro valor...

— Seu valor pessoal — murmurou Alderic. — Darren não tem muito amor por cavalos ou falcões, não tem nenhum vestígio do dom MacAran. Não pode ser culpado pelo que não é, assim como você também não pode ser pelo que é, bredu. E acho que O MacAran tem de admitir que não se pode forjar um malho de plumas, assim como não se pode fiar seda do precioso cobre. As habilidades de Darren são outras, e O MacAran mandou-o de volta a Nevarsin para concluir seus estudos; um dia ele será o intendente no Ninho dos Falcões, enquanto Rael... já comecei a ensiná-lo a trabalhar com cavalos e falcões.

— O pequeno Rael! — exclamou Ruyven, espantado. — Quando deixei o Ninho dos Falcões ele ainda estava no colo de Luciella, ao que parecia! Mas eu sabia que ele teria o dom MacAran. Creio que fiquei cego em relação a Darren porque o amo e queria muito que ele possuísse o dom, a fim de me deixar livre. Pois agora Darren encontrou seu lugar, como eu descobri o meu.

Alderic aproximou-se e inclinou-se sobre a mão de Romilly.

— Ama Romilly... — ele murmurou, gentilmente. Ela corrigiu-o:

— Espadachim Romilly... E sei o que meu pai diria a respeito; ele não terá essa oportunidade!

— Por favor, Romy — disse Alderic, fitando-a nos olhos. — Seu pai a ama e a lamenta como morta; o mesmo ocorre com sua madrasta. Posso lhe suplicar como seu amigo — e também amigo deles, pois seu pai foi mais do que gentil comigo — que lhes envie o aviso de que está viva?

Ela sorriu, amargurada.

— É melhor não. Tenho certeza de que meu pai preferiria que eu estivesse morta estar a ganhando o pão com a espada ou usando o brinco da Irmandade.

— Eu não teria tanta certeza. Acho que ele mudou depois que você deixou o Ninho dos Falcões; não muito depois curvou a cabeça à verdade e concedeu permissão a Darren para voltar ao lugar em que se sentia feliz. Você deveria ser cega, surda e muda, Romilly, se

não sabia que era a predileta entre os filhos, embora ele amasse todos.

— Eu sabia disso — interveio Ruyven, baixando os olhos, a voz estrangulada e áspera. — Nunca pensei que ele se dobraria tanto. Também tenho sido duro e obstinado. Se sairmos vivos desta guerra — Portador dos Fardos, conceda isso! -, voltarei ao Ninho dos Falcões e me reconciliarei com o pai, pedirei que faça a paz com as Torres, a fim de que Rael possa receber treinamento para seu laran, antes que seja tarde demais. E se tiver de me rebaixar para ele, assim farei. Tenho sido orgulhoso demais.

— E você, Romilly? — indagou Alderic. — Ele a tem lamentado tão profundamente que se tornou um velho neste ano.

Ela piscou para reprimir as lágrimas. Dilacerava seu coração pensar no pai envelhecido. Mas insistiu:

— E melhor ele me julgar morta do que pensar numa filha sua a desgraçá-lo ao ponto de usar o brinco...

Alderic sacudiu a cabeça.

— Não posso persuadi-la, mas aliviaria seu coração saber que Mallina casou com Dom Garris no Solstício do Inverno?

— Mallina? Minha irmãzinha? Com aquele... aquele devasso repulsivo? E ainda diz que meu pai mudou?

— Não se precipite no julgamento — advertiu Alderic. — Garris a adora e ela, por todas as aparências, retribuiu... Mesmo antes do casamento, ela me confidenciou que Garris não era tão ruim assim, quando se aprendia a compreendê-lo. Ela disse: "O pobre coitado tem sido tão solitário e infeliz que sua desgraça levou-o a todos os tipos de coisas, mas mudou completamente agora que tem alguém que o ama e cuidará dele!" Devia vê-los juntos.

— Deus me livre! — exclamou Romilly, balançando a cabeça. - Mas se isso torna Mallina feliz, melhor ela do que eu!

Ela não podia conceber como alguém era capaz de suportar aquele homem, mas Mallina sempre fora uma tola, talvez merecessem um ao outro!

— Seja como for, Mallina seria o tipo de esposa dócil e obediente que Garris queria.

— Você diz que gosta muito de meu pai, bredu — interveio Ruyven —, mas por acaso já foi cumprimentar o seu?

— Meu pai pode dispensar minha companhia com a maior satisfação — respondeu Alderic, franzindo o rosto, obstinado. — Ele nunca a procurou; vê apenas a mãe em meu rosto.

Romilly lembrou o que adivinhara antes de deixar o Ninho dos Falcões: Alderic era filho de Carolin! E, portanto, o herdeiro legítimo de todas aquelas terras... Ela inclinou a cabeça e disse:

— Deixe-me levá-lo para seu pai, meu príncipe. Alderic fitou-a aturdido e depois soltou uma risada.

— Romilly, Romilly, minha jovem amiga, se pensou que eu era o filho do rei, então é melhor saber agora como me julgou errado! Os filhos de Carolin estão sãos e salvos aos cuidados do Hastur de Carcosa. Além disso, ouvi rumores de que Carolin anda cortejando uma certa Ieronis de Tramontana...

Ele sorriu para Ruyven e acrescentou:

— Isso já estava no ar antes mesmo de você deixar a Torre, meu amigo.

— E Domna Maura prometeu casar com ele, se o Conselho der permissão — confirmou Ruyven. — Isto é, desde que qualquer um de nós escape desta guerra. Rakhal atacou-nos com flechas de fogo-aderente; conseguimos rechaçá-lo, mas ele vai se reorganizar e atacar de novo, só o Portador dos Fardos sabe que arma diabólica de laran ele usará na próxima vez! Por isso, Deric, você deve se apressar a cumprimentar seu pai, pois esta é apenas a calmaria antes da tempestade, e amanhã, a esta altura, poderemos estar lutando por nossas vidas! Saudaria seus Deuses depois da morte com a mácula da desavença familiar? Pois é bem provável que tenha vindo apenas para morrer ao lado de seu pai.

A situação é tão ruim assim? — indagou Alderic, observando atentamente o rosto do amigo.

Ruyven assentiu, com uma expressão solene.

— Como eu disse, estamos no centro da tempestade; em paz por um momento, não mais do que isso. Carolin precisa de todos os Ieronyn que puder reunir, Deric.

Romilly interveio:

— Mas o que é, afinal? Se você não é filho de Carolin...

— Meu pai se chama Orain e é irmão adotivo e amigo de Carolin. Fui criado na corte de Carolin.

Ela procurou pela mão de Alderic com súbita confiança. Deveria ter adivinhado, quando ele falara que o pai não suportava vê-lo. Carolin, mesmo num casamento dinástico indesejável, poderia demonstrar cortesia e gentileza com uma mulher; mas, como recompensa por seu momento de tolice, contemplara direto o coração de Orain. Lamentava por Alderic, que não conhecera o amor de um pai; pois agora ela sabia como fora abençoada com esse amor.

— Sou a mestra falcoeira do rei e ele terá necessidade do meu pássaro em breve, se vamos enfrentar Rakhal de novo no campo de guerra. E não duvido que seu pai está com ele.

— Também não duvido — concordou Alderic. — Ele nunca está longe do rei. Quando eu era mais jovem, odiava-o por isso, ressentia-me porque ele gostava mais dos filhos de Carolin e até do filho pequeno de Lyondri Hastur do que de mim. — Alderic deu de ombros e suspirou. — O mundo segue como é, o amor não pode ser forçado, mesmo na família; e para um homem como meu pai, minha própria existência deve ser uma angustiante recordação de um infeliz período de sua vida. Devo a Orain o dever de um filho, e rezo para nunca faltar nisso, porém nada mais. O parentesco, eu penso às vezes, é uma brincadeira que os deuses fazem para nos prender aos que não amamos, na esperança de que possamos algum dia nos reconciliar com eles; mas amigos são uma dádiva e seu pai foi um amigo, quase um pai adotivo para mim. Quando estivermos livres desta guerra... — Ele tocou de leve a mão de Romilly. — Não precisamos falar disso agora. Mas creio que você sabe o que eu diria.

Ela não o fitou. Houve um tempo, é verdade, em que pensara que casaria de bom grado com aquele homem. Mas muita coisa lhe acontecera desde então. Ela desejara o próprio Orain, embora ele não a quisesse. E Ranald... O que acontecera com Ranald não era o tipo de coisa que levava ao casamento, e também era pouco provável que um nobre das Terras Secas casasse com uma

Espadachim das montanhas; na verdade ela achava que não casaria com Ranald mesmo que ele a pedisse, e não havia motivo para que ele assim procedesse. Seus corpos haviam aceitado um ao outro com alegria, mas isso ocorrera sob condições excepcionais; ela imaginava que aceitaria qualquer homem que surgisse e lhe oferecesse a salvação do tumulto que a dominava. Mas, além disso, pouco conheciam um do outro. E se Alderic soubesse que ela não era mais a donzela virtuosa que ele conhecera no Ninho dos Falcões, ainda haveria de querê-la?

— Depois que a guerra acabar, Lorde Alderic...

— Pode me chamar de Deric, como faz seu irmão. Ruyven e eu somos bredin e como amigo de seus dois irmãos eu lhe devo sempre uma proteção de irmão, mesmo que nada mais.

— Sou uma Espadachim... Deric. Não preciso da proteção de nenhum homem, mas ficarei satisfeita por sua amizade. E isso, eu acho, já tinha mesmo no Ninho dos Falcões. Quanto a qualquer outra coisa além de amizade, eu penso... — Sua voz, incontrolável, estava tremendo. — Não devemos sequer falar sobre isso até estarmos livres dessa maldita guerra!

— Agradeço sua honestidade, Romilly. Eu não haveria de querer uma mulher que casasse comigo só porque sou filho do principal conselheiro e maior amigo de Carolin. Meu pai casou porque o velho rei queria homenagear o irmão adotivo de seu filho ao casá-lo com uma dama da alta nobreza, mas eles desprezavam-se um ao outro e sofri por isso. Não gostaria que meus filhos fossem atormentados pelo ódio entre os pais e sempre jurei que não casaria com nenhuma mulher se não fôssemos pelo menos amigos.

Os olhos de Alderic, tranquilos e gentis, encontraram-se com os de Romilly; por algum motivo, a bondade naqueles olhos deixou-a com vontade de chorar.

— Para qualquer outra coisa mais, podemos esperar... Espadachim.

Romilly limitou-se a acenar com a cabeça e murmurar:

— Vamos embora agora para cumprimentar seu pai.

Antes de chegarem à tenda de Carolin, porém, encontraram Orain no caminho, seguindo apressado para o lugar onde os

pássaros eram mantidos.

— Ama Romilly, seu pássaro-sentinela é necessário...

Ele parou de falar abruptamente, piscando os olhos, aturdido, à visão do jovem que acompanhava Romilly.

— Pai... — murmurou Alderic, inclinando a cabeça.

Orain envolveu-o por um instante, num abraço rápido e formal. A cena angustiou Romilly, acostumada à afeição rude de Orain. Ela pensou: ele teria me cumprimentado com mais gentileza do que isso!

— Não sabia que estava aqui, meu rapaz — disse Orain. — Carolin precisa agora de todas as pessoas que são hábeis com laran; talvez já saiba que ele nos atacou com fogo-aderente.

— Fui informado assim que cheguei ao acampamento, pai, e já ia oferecer a pouca habilidade de que disponho, pondo-me a serviço de Carolin. Mas primeiro queria cumprimentá-lo, senhor.

— Agradeço sua atitude em nome do rei. Os leronyn do rei estão se reunindo ali... — Orain apontou. — Ama Romilly, pegue seu pássaro, precisamos saber quanto tempo temos antes que Rakhal torne a nos atacar.

— Quer dizer que vamos marchar contra Rakhal? — indagou Alderic. Orain respondeu com uma expressão vaga:

— Apenas para nos livrarmos dos corpos aqui, a fim de podermos manobrar, se houver necessidade. Se Rakhal tem fogo-aderente à sua disposição, não podemos enfrentá-lo nos bosques, ou todo este território, daqui a Neskaya, será destruído.

Romilly olhou para o quartel-general de Carolin e percebeu que a tenda estava sendo desmontada, a bandeira Hastur recolhida por seus guardas. Alderic lançou um olhar rápido para Romilly, mas disse apenas:

— Preciso me juntar aos outros. Cuide-se bem, Romilly.

Ele se afastou apressado. Ela foi se preparar para a partida. Pôs Temperança na sela, deixando para o jovem assistente de Ruyven o trabalho de desarmar a tenda e arrumar as coisas para o deslocamento com o exército. Será que Rakhal seria tão insensato a ponto de disparar flechas incendiárias para os bosques, naquela estação, arriscando um grande incêndio? Era bem possível, pelo que

ouvira do homem. Por esse motivo, mesmo que não houvesse qualquer outro, precisavam derrotar aquele inescrupuloso homem que se intitulava rei!

Agora que sabia o que estava procurando, Romilly descobriu que era muito mais fácil enviar o pássaro-sentinela. Por causa da chuva, Temperança relutava em voar, mas desta vez Romilly não hesitou em fazê-la alçar vôo, quase para o fundo das nuvens baixas. Guiou-a lentamente em círculos, gradativamente alargando-os, a fim de poder observar o exército de Rakhhal em movimento. Enquanto cavalgava, metade da mente no pássaro, ela se juntou a Carolin e seu grupo de competentes leronyn, homens e mulheres; passou por sua mente, rapidamente, que era um deles, que talvez tivesse afinal encontrado seu verdadeiro lugar.

Ainda sou uma Espadachim. Mas estou grata porque não preciso empunhar uma espada neste combate. Se fosse necessário, acho que poderia fazê-lo, mas estou satisfeita porque minhas habilidades me levam a outras funções. Não quero matar... E depois, sombriamente, ela se forçou a ser realista. Era parte daquela matança, da mesma forma que se empunhasse espada ou arco no campo de batalha; talvez mais, porque os olhos de seu pássaro-sentinela orientavam a matança. Ela ocupou seu lugar, decidida, entre Dama Maura e Ranald. Um ou os dois permaneceram em contato com ela, transmitindo as informações para Carolin e seus conselheiros.

Não deve ser fácil para Jandria lançar-se contra Lyondri desse jeito, sabendo que será um dos instrumentos para sua morte... E agora não há saída para ele, além da morte. Ela não teve certeza naquele momento se o pensamento era seu, de Dama Maura ou até mesmo de Lorde Orain. Estavam todos no pequeno e compacto grupo, em torno de Carolin, inclusive Alderic. No limite de sua percepção, viu Alderic cumprimentar Jandria gentilmente e chamá-la de "Minha tia". Como se fosse algo que sonhara há muito tempo, ocorreu-lhe que se tornaria parenta de Jandria se casasse com Alderic.

Mas, de qualquer maneira, estamos ligadas pelo juramento à Irmandade, não preciso ser sua parenta. Foi Alderic quem disse:

parentes nascem, mas amizade é uma dádiva dos Deuses...

Maura fitou-a com uma expressão sugestiva e Romilly lembrou-se de seu trabalho; restabeleceu no mesmo instante o contato com Temperança, que ainda voava em círculos largos sobre a vasta planície. Finalmente avistou, através dos aguçados olhos do pássaro, uma nuvem escura de poeira no horizonte...

O exército de Rakhal, em movimento, avançando rapidamente para a cobertura de floresta das colinas. Enquanto observava, a informação foi logo transmitida para Carolin, e ela captou o pensamento do rei: Então ele pretende se esconder sob a cobertura das árvores, pois sabe que relutarei em usar o fogo-aderente ou mesmo flechas incendiárias comuns onde há perigo de que as árvores-de-resina provoquem um grande incêndio na floresta. Precisamos alcançá-lo antes que chegue à floresta e travar a batalha num terreno por mim escolhido, não por ele. E Romilly sentiu ainda o contato da mente do rei na de Estrela-Sol.

Conduza meus homens, grande cavalo...

Ela viu com uma percepção que se alargava estranhamente, ligada a Carolin, a Estrela-Sol, a todos os homens ao seu redor. Sabia que Ranald pegara as rédeas de seu cavalo e o guiava, a fim de que ela pudesse cavalgar em segurança enquanto se mantinha em contato com o pássaro-sentinela; dispensou-lhe um rápido pensamento de agradecimento. A chuva diminuía e algum tempo depois a claridade do sol, estranha, baixa, difusa, atravessou as nuvens. Ela fez Temperança voar mais baixo, sobre os exércitos, tentando se manter a uma altura suficiente para não ser vista, mas ao mesmo tempo mergulhando e espiando...

Os exércitos de Rakhal pareciam ter encolhido no tamanho, e ao norte ela avistou outra massa de homens e cavalos. Estariam vindo em socorro de Rakhal, agora que a primeira batalha reduzira suas fileiras?

Não, pois partiam do corpo principal do exército de Carolin, tão depressa quanto podiam. E os pensamentos de Carolin eram exultantes.

Os homens de Rakhal estão abandonando-o, agora que sabem o que ele é. Não podem aceitar esse tipo de guerra, da mesma

forma que eu...

Mas o exército de Rakhal ainda era formidável; parou na crista de uma pequena colina e Romilly compreendeu, pelo comunicação com as mentes dos homens de Carolin, que Rakhal escolhera o terreno mais vantajoso e ali ficaria para se defender.

Portanto, aquela seria a batalha decisiva. Sob a exortação de Carolin, ela fez o pássaro voar ainda mais baixo; assim, através de seus olhos, os conselheiros de Carolin poderiam avaliar a magnitude das forças que teriam de enfrentar. Rakhal tinha a vantagem, ao que parecia, em números e no terreno.

Precisamos de alguma forma atrair Rakhal para longe daquela colina...

Alderic aproximou-se do pai e lhe falou em tom de urgência por alguns minutos. Romilly, com a pequena parte de sua mente que não se encontrava com o pássaro, ouviu Orain dizer a Carolin:

— Com sua permissão, milorde. Meu filho falou-me de um velho truque usado nas montanhas e temos leronyn em quantidade suficiente para executá-lo. Deixe-me levar uma ou duas dúzias de seus homens, junto com os leronyn, para projetar uma ilusão de que somos quatro vezes mais numerosos, forçando Rakhal a descer para investir contra nós; poderá então aproveitar para atacá-lo pelo flanco.

Carolin pensou por um momento.

— Pode dar certo — ele acabou dizendo. — Mas não enviarei seus leronyn ao perigo; a maioria não sabe sequer manejar uma espada.

Ranald Ridenow interveio:

— Meu laran e minha espada estão a seu serviço, meu rei. Deixe-me comandar esses homens.

— Está certo, escolha os homens... e que Aldones os acompanhe, a todos vocês! Mas é preciso ser cauteloso com o momento oportuno...

— Ama Romilly indicará esse momento para nós — disse Ranald, ainda segurando as rédeas do cavalo de Romilly.

—. Levaria uma mulher para a batalha? — indagou Orain. Romilly, desligando-se por um instante da mente do pássaro,

declarou:

— Lorde Orain, sou uma Espadachim! Para onde for meu irmão, irei com ele!

Ruyven não falou nada, mas ela sentiu a efusão que ele transmitia, não em palavras: Bravo, irmã! Sentiu também um contato de apoio de Alderic. O que a fez lembrar, por algum motivo, do dia em que haviam feito voar falcões, no Ninho dos Falcões, no Festival do Solstício do Verão.

Quando eu estiver livre desta guerra, nunca mais tornarei a caçar por prazer, pois sei agora o que é ser caçada... E foi com surpresa que ela compreendeu que a mente que formulava esse pensamento era a de Orain.

Como está próximo do meu próprio pensamento! Romilly experimentou outra vez o amargo pesar pela distância que a separara de Orain. Éramos tão íntimos, em tantas coisas, tão parecidos! Mas o mundo continuaria como tinha de continuar, Orain era como era e não como ela gostaria que fosse. Romilly retornou ao pleno contato com o pássaro-sentinela, deixando Ranald ver através de sua mente e transmitir a Orain e Alderic o que ela via no exército de Rakhal.

Os cavaleiros estavam postados no perímetro do exército, cercando infantes e arqueiros; no centro havia um grande número de carroças, com o cheiro acre que ela sabia agora ser o odor químico do fogo-aderente. Cercavam por completo o topo da pequena colina e seria impossível romper as defesas enquanto eles ali permanecessem.

Mas é exatamente o que devemos fazer, foi o pensamento de Alderic, acompanhando a companhia de duas dúzias de homens, seguidos pelo pequeno bando de Ieronyn, numa velocidade vertiginosa, na direção da colina; e, subitamente, eles pararam. Agora!

E pareceu de repente a Romilly que uma enorme nuvem de fumaça e poeira avançava para a colina, o troar de cascos em disparada, gritos... que soldados são esses? E depois ela compreendeu que já vira aqueles homens, os homens que haviam abandonado Rakhal e se afastavam... Era como um grande espelho,

como se a imagem daquele exército separado fosse lançada diretamente para cima dos homens de Rakhal. Por algum tempo eles se mantiveram firmes, enquanto uma nuvem de flechas caía sobre o bando de soldados e Ieronyl na base da colina... Mas estavam disparando muito curto, para a imagem dos soldados em disparada.

Juntem-se a nós! Em nome dos Deuses, todos que têm laran, juntem-se a nós para manter essa imagem. E a nuvem de poeira em disparada continuou a avançar, Romilly podia divisar apenas formas indistintas, cabeças de cavalos, como enormes crânios cinzentos, ardentes semblantes de esqueletos, luzindo com o fogo do demônio, dentro da nuvem oculta de poeira e magia...

Ela ouviu uma voz que jamais escutara antes, reverberando no interior de sua mente, bradando:

— Agüentem firmes! Agüentem firmes!

Mas isso não era suficiente diante da investida do exército fantasma; os homens de Rakhal romperam as fileiras e desceram pela colina, avançando direto para a nuvem de imagens mágicas, gritando em terror, depois a linha vacilou, abriu-se em uma dúzia de lugares. O fogo espalhou-se pelo solo, lambendo, enroscando-se, chamas verdes e azuis se elevando... e depois foi como se um rio de sangue subisse pela colina, através das patas dos cavalos, que estacaram abruptamente, relinchando apavorados, empinando. Alguns cavaleiros caíram, alguns poucos homens mantiveram suas posições, gritando:

— Não há cheiro de sangue! Não há cheiro de carne queimando! É um truque! É um truque!

Mas a linha estava rompida; cavalos debandaram em pânico, esbarrando uns nos outros, pisoteando cavaleiros, os oficiais tentando freneticamente recompor a linha rompida, reagrupar os homens em algum arremedo de ordem.

— Agora! Carolin!

— Um Hastur! Um Hastur!

Os homens de Carolin atacaram, o corpo principal do exército, fluindo como água, investindo encosta acima contra as fileiras rompidas de cavaleiros. Passaram direto pelas defesas externas de Rakhal e depois lutavam corpo-a-corpo. Ranald e Alderic avançaram

pelo centro dos exércitos, onde se encontrava a protegida carroça de fogo-aderente. Homens se agruparam, rapidamente mergulhando as flechas na substância, mas Alderic, Orain e seu pequeno bando atacaram-nos e se aproximaram da carroça. Rapidamente, como uma maré de energia, eles ligaram as mentes, uma faixa de fogo azul rolou para a carroça que continha o fogo-aderente. Alcançou-a, subiu e depois uma estrondosa coluna de chamas projetou-se para o céu, ardendo tão intensamente que os homens de Rakhal se espalharam e correram para salvar suas vidas. Gotas ardentes caíram em alguns, eles pegaram fogo como tochas vivas, morreram gritando; o fogo espalhou-se pelo exército de Rakhal e os soldados entraram em pânico, debandaram, correram direto para as lanças e espadas de Carolin.

Parte de Romilly ainda se encontrava ligada ao pássaro, mas ela sabia que não havia mais necessidade disso. Descobriu que estava ligada profundamente a Estrela-Sol, enquanto Carolin o incitava a avançar; conheceu o terror do fogo, estremecendo com o cheiro de relva queimada e carne ardendo; mesmo na chuva, que recomeçara a cair na tênue claridade, o fogo-aderente continuava a arder. Mas o grande garanhão, superando bravamente o medo inato, conduziu seu cavaleiro para a frente... ou era a própria Romilly carregando o rei para o meio do inimigo em fuga?

— Descubram para onde Rakhal foge com seus feiticeiros! — gritou Orain. — Atrás deles, homens! Vamos pegá-los agora!

Romilly deixou Temperança voar mais alto, fora do alcance do fogo; ardia para dentro agora, com um círculo onde nada mais havia para queimar — um sucesso absoluto dos leronyn do exército de Carolin; mas ela, com Carolin, estava longe com o garanhão Estrela-Sol, avançando pela colina, onde os últimos remanescentes dos homens de Rakhal, isolados entre o resto do fogo-aderente e Carolin, lutavam de costas para as chamas. Estrela-Sol parecia voar com a vontade de Carolin para ievá-lo ao topo, e Romilly sentiu que era ela própria que o carregava para a vitória final...

E de repente ela tropeçou — por um momento Romilly não tinha certeza se não fora ela própria quem tropeçara —, recuperou-se e empinou, a mão de Carolin a conduzi-lo, depois desceu para

pisotear o homem que surgira à sua frente, empunhando uma espada. Os grandes cascos eram como malhos golpeando o homem no chão. Romilly sentiu o homem cair, a cabeça partindo como uma fruta madura sob os cascos dela — os cascos de Estrela-Sol -, sentiu Carolin lutar para manter o equilíbrio na sela. E depois outro homem se ergueu com um brilho de aço, ela sentiu Carolin resvalar na sela e cair, e nesse instante Romilly sentiu uma pontada de dor lancinante, enquanto a espada cortava pescoço, garganta e coração, o sangue e a vida se esvaindo...

Ela nunca sentiu a queda no chão.

... a chuva caía, uma chuva forte e fria, ruidosa; o chão estava encharcado e até o cheiro do fogo-aderente se dissipara. O céu estava escuro; era quase o anoitecer. Romilly sentou, tonta, atordoada, nem mesmo agora plenamente consciente de que não fora ela que a espada abatera.

Estrela-Sol! Ela se projetou automaticamente em busca de sua mente, encontrou...

Encontrou o nada! Apenas uma enorme sensação de vazio, o nada onde ele antes estivera. Desvairada, ela olhou ao redor e avistou, caído não muito longe, o corpo do garanhão, a cabeça quase decepada, o homem que o matara por baixo de sua massa. A chuva lavara o sangue e agora havia apenas o enorme ferimento aberto em seu pescoço, pelo qual o sangue se esvaíra e encharcara a terra. Estrela-Sol, Estrela-Sol... morto, morto, morto! Romilly se projetou outra vez, confusa, para o nada. Estrela-Sol, cuja vida ela partilhara por tanto tempo...

E a quem traíra ao levá-lo para a morte numa guerra entre dois reis — nenhum dos quais vale um fio de sua crina preta... Ah, Estrela-Sol... e eu morri com você... Romilly sentia-se tão vazia e fria que não tinha certeza de ainda estar viva. Ouvira histórias de homens que não sabiam se haviam morrido e continuavam a tentar se comunicar com os vivos. Atordoada, isolada de qualquer emoção que não fosse fúria e dor, ela conseguiu sentar.

Ao seu redor havia cadáveres, de homens de Rakhal e de Carolin, mas não havia o menor sinal do próprio Carolin. Apenas o corpo de Estrela-Sol indicava onde Carolin se encontrara antes.

Vagamente, sem se importar, ela especulou se todos os homens de Carolin estariam mortos e Rakhal era o vitorioso. Ou será que o grupo de Orain capturara ou matara Rakhal? Que importância tinha?

Que importância tem qual o grande patife que está no trono...

Ela começou a se orientar um pouco. Como antes da batalha, o campo estava coberto pelas formas escuras dos kyorebni, circulando. Um pousou, com estridente grito, na cabeça de Estrela-Sol, Romilly correu em sua direção, agitando os braços e gritando. O pássaro foi embora, mas voltaria.

Estrela-Sol está morto. E eu o treinei com minhas próprias mãos para esta guerra, entregando-o àquele que o montaria para a morte; o nobre cavalo nunca vacilou, trouxe Carolin para este lugar e encontrou a morte! Faria melhor se o matasse pessoalmente, quando ele correu alegremente pelo curral verde por trás do abrigo da Irmandade. Então ele nunca conheceria o fogo, o medo e uma espada em seu coração.

A escuridão caía, mas à distância, na beirada do campo de batalha, uma lanterna balançava, um pouco de luz vagueando pela planície. Ladrões de cadáveres? Carpideiras procurando pelos mortos? Não; intuitivamente Romilly soube quem eram: as mulheres da Irmandade, procurando suas companheiras caídas, que não deviam ficar na cova comum dos soldados de Carolin.

Como se importasse para os mortos onde ficam seus corpos...

Chegariam ali em breve, julgando-a morta... Quando caíra de seu cavalo, atordoada pela morte de Estrela-Sol, sem dúvida haviam pensado que morreria. Agora viriam sepultá-la e a encontrariam viva, haveriam de se regozijar...

E Romilly foi dominada pela dor e pela raiva. Iriam levá-la de volta, reclamá-la como guerreira. Fugira da companhia dos homens, ingressara na Irmandade e o que lhe haviam feito? Puseram-na para treinar cavalos, não para seu próprio bem ou para o serviço dos homens, mas para serem massacrados, abatidos insensatamente naquela discórdia dos homens, que não eram capazes de limitar suas lutas a si mesmos e envolviam pássaros e cavalos inocentes em suas guerras e massacres...

E eu devo voltar para isso? Não, não, nunca!

Com as mãos trêmulas, ela arrancou da orelha o brinco da Irmandade; o fio prendeu e rasgou sua orelha, mas estava inconsciente da dor. Jogou-o no chão. Uma oferenda a Estrela-Sol, um sacrifício oferecido aos mortos! Mal conseguia ficar de pé. Olhou ao redor e viu que cavalos sem cavaleiros vagueavam pelo campo de batalha. Foi preciso apenas um ligeiro contato de seu laran para atrair um cavalo, a cabeça abaixada em submissão. Estava escuro demais agora para verificar se era égua ou castrado, cinzento, preto ou ruão. Subiu na sela e se encolheu, deixando que o cavalo escolhesse o caminho... Para onde? Não importa. Para longe daquele lugar de morte, para longe, amigo. Não servirei mais, nem como soldado nem como Espadachim nem como leronis. Aqui por diante não servirei a nenhum homem ou mulher. Cegamente, os olhos fechados contra as lágrimas quentes, Romilly deixou sozinha o campo de batalha e se afastou pela noite chuvosa.

Durante toda aquela noite ela cavalgou, deixando que o cavalo a levasse para onde quisesse; nunca soube para que rumo seguiu! O sol surgiu e ela continuava inconsciente, sentada no cavalo como se não tivesse vida, balançando de vez em quando, mas sempre se recuperando antes de cair. Não tinha a menor importância. Estrela-Sol estava morto. Não sabia onde se encontravam Carolin e Orain, mas isso também não importava. Orain nada queria dela... Ela não passava de uma mulher. Carolin, com a Irmandade, queria apenas que ela usasse seu laran para trair outros animais inocentes e levá-los à morte! Ruyven...

Ruyven pouco se importava com ela, era como um monge da amaldiçoada Torre em que aprendiam feitiçaria como fogo-aderente...

Não há ser humano que possa significar alguma coisa para mim agora.

Ela continuou a andar, durante o dia inteiro, através de uma região devastada e deserta, que fora assolada pela guerra. À beira da floresta desceu do cavalo e libertou-o.

— Vá, meu irmão — ela sussurrou. — Não sirva a qualquer homem ou mulher, pois eles só o levarão à morte. Viva livre pelos campos e siga seu próprio caminho.

O cavalo fitou-a por um momento; Romilly fez um afago final e empurrou-o. Imóvel por mais um instante, surpreso, o cavalo logo se virou e galopou para longe, meio desajeitado. Romilly embrenhou-se em silêncio pela escuridão da floresta. Estava encharcada, mas não se importava, assim como o cavalo não se preocupara com a pelagem molhada. Encontrou uma pequena cavidade entre as raízes de uma árvore, meteu-se ali, aconchegou-se com o manto, cobrindo o rosto; enroscou-se como um feto e dormiu como os mortos.

Despertou ao amanhecer ouvindo pássaros chamando e teve a impressão de que podia escutar também, misturado com o canto, os gritos estridentes dos kyorebni, ainda se alimentando com os cadáveres no campo de batalha. Não sabia para onde seguia; para algum lugar longe daqueles gritos. Levantou-se entorpecida e foi andando, sem pensar na direção, embrenhando-se na floresta.

Caminhou durante a maior parte do dia. Não estava consciente da fome; movia-se como uma coisa selvagem, silenciosamente, evitando o que havia em seu caminho e parando sem fazer barulho sempre que ouvia algum ruído. Mais tarde, ainda naquele mesmo dia, quase tropeçou num pequeno córrego, baixou as mãos em concha, recolheu um pouco da água cristalina e bebeu. Deitou-se aos raios de sol que atravessavam a folhagem e deixou secar a umidade remanescente das roupas. Ainda se sentia entorpecida. Enquanto a escuridão caía, enroscou-se sob uma moita e dormiu. Alguma coisa pequena na relva roçou nela e não se virou para ver o que era.

Dormiu até tarde na manhã seguinte e despertou com o calor do sol em suas costas. À sua frente, uma aranha tecera sua teia, faiscando como pedras preciosas com o orvalho; contemplou a maravilhosa complexidade e experimentou o primeiro prazer que sentira em muitos dias. O sol brilhava nas folhas; um saltador-domato elevou-se de repente à sua frente, impulsionado pelas pernas compridas, acompanhado por quatro filhotes, as caudas peludas levantadas como pequenas bandeiras azuladas. Romilly ouviu o som de sua risada, e eles pararam, as caudas tremendo, num silêncio total; e depois, como não houvesse mais qualquer ruído, com uma

explosão de velocidade as quatro bandeirinhas desapareceram por um buraco na relva.

Como estava tudo quieto ali, no interior da floresta! Não podia haver, com certeza, nenhuma habitação humana nas proximidades, ou o local não seria tão pacífico, as coisas selvagens tão despreocupadas e destemidas.

Romilly esticou indolentemente os braços e as pernas. Estava com sede, mas não havia nenhum córrego por perto; lambeu o orvalho das folhas baixas da árvore sob a qual se encontrava. Num tronco caído encontrou alguns cogumelos e comeu-os, depois descobriu amoras secas em um galho e comeu-as também. Não demorou muito, enquanto vagueava a esmo pela floresta, para descobrir as hastes verdes de uma raiz que sabia ser comestível; arrancou-a com a ajuda de um graveto, limpou a terra na beira da túnica, mastigou devagar. Era fibrosa e dura, o sabor bastante acre para deixar seus olhos marejados, mas aplacou sua fome.

Perdera o ímpeto que a mantivera em irrequieto movimento de um lugar para outro; sentou na clareira do tronco caído durante a maior parte do dia, e quando a noite caiu tornou a dormir ali.

Durante o sono ouviu alguém, chamando seu nome; mas parecia não reconhecer a voz. Orain? Não, ele não a chamaria; quisera-a quando pensara que ela era um menino, mas não tinha uso para uma mulher. Seu pai? Estava longe, além do Kadarin, são e salvo em casa. Ela pensou com angústia nas pacíficas colinas do Ninho dos Falcões. Mas fora ali que aprendera a diabólica arte do treinamento de cavalos pelo qual traía o amado, levando-o à morte. Em seu sonho, parecia sentar no lombo de Estrela-Sol, cavalgar como o vento através da planície cinzenta que vira uma vez, e despertou com o rosto molhado de lágrimas.

Um ou dois dias depois percebeu que perdera os sapatos e as meias, não se lembrava onde, que os pés já se tornavam calejados ao contato direto com a terra e as pedrinhas do solo da floresta. Vagueou cada vez se embrenhando mais na floresta, comendo frutas, escavando a terra em busca de raízes; de vez em quando refrescava os pés num córrego da montanha, mas em nenhum momento pensou em lavá-los. Comia quando encontrava algum

alimento; houve um período em que passou três dias consecutivos sem encontrar nada comestível; sentiu-se vagamente consciente da fome, mas não lhe pareceu nada importante. Não mais se dava ao trabalho de remover a terra das raízes que comia; pareciam-lhe igualmente boas com a camada de terra. Houve um momento em que encontrou pêras numa árvore, e o gosto era tão doce que experimentou um incrível êxtase. Comeu tantas quanto pôde, mas não lhe ocorreu encher os bolsos ou prendê-las na túnica.

Despertou uma noite quando a face púrpura de Liriel pairava no céu, dando a impressão de que a contemplava e censurava. Ela pensou: Certamente estou louca, para onde vou, o que farei? Não posso continuar assim para sempre. Mas esqueceu tudo quando despertou. De vez em quando também ouvia, não com os ouvidos, mas no interior de sua mente, vozes que pareciam chamá-la: Romilly, onde você está? Especulava vagamente quem era Romilly e por que a estavam chamando.

Alcançou o final da floresta no dia seguinte e saiu para as planícies abertas e para as ondulantes colinas. A relva balançante estava coberta de sementes... Toda aquela região devia outrora ser povoada e cultivada, mas ao redor, até o horizonte, que se estendia de leste para oeste, da muralha da floresta por trás às montanhas que se erguiam cinza-rosadas à distância, não havia qualquer habitação humana. Ela colheu algumas sementes, removeu a casca, comeu-as enquanto caminhava.

No céu, bem alto, um falcão apareceu, um único falcão; enquanto ela observava, ele desceu, desceu, desceu, mergulhando em sua direção com as asas dobradas; pousou em seu ombro! Parecia falar em sua mente, mas ela não sabia o que estava dizendo. Contudo, tinha a impressão de que já conhecera aquele falcão, que tinha um nome, que outrora o fizera voar no céu... Não, isso não era possível, embora parecesse que o falcão tinha certeza de que se conheciam. Ela estendeu a mão para tocá-lo, suspendeu o movimento a meio, havia algum motivo pelo qual não devia encostar o dedo... Gostaria de poder lembrar por quê. Mas fitou o falcão nos olhos e desejou saber onde já o vira antes.

Despertou outra vez naquela noite e novamente estava consciente de que certamente enlouquecera, não podia vaguear para sempre daquele jeito. Mas não tinha a menor idéia do lugar onde se achava e não havia ninguém para perguntar. Sabia quem era agora, era Romilly, e o falcão, o falcão que se empoleirava num galho baixo de uma árvore próxima, era Preciosa; mas por que a procurara ali? Não sabia que ela, Romilly, projetava o contato de sua mente em pássaro ou cavalo apenas para treiná-lo a seguir submisso a humanidade para a morte?

Necessitou de cinco dias para atravessar a planície; contou-os, sem pensar, enquanto a face de Liriel se tornava cheia. Quando a lua estivera cheia pela última vez, ela acompanhara Estrela-Sol... Romilly tratou de repelir a lembrança, era dolorosa demais. Havia abundância de sementes como grãos para comer, e água para beber. Em certo momento o falcão trouxe um pássaro do céu e pousou em seu ombro, gritando frustrado; ela olhou para o pássaro morto, dilacerado pelo bico do falcão, e estremeceu. Era a natureza do falcão, mas a visão do sangue deixou-a nauseada, acabou jogando o corpo no chão e seguiu em frente.

Naquela noite chegou à beira de outro trecho de floresta. Descobriu uma árvore carregada com nozes do ano anterior, e a esta altura já recuperara bastante o bom senso para encher os bolsos. Ainda não tinha certeza de seu rumo, mas passara a seguir para o norte sempre que podia. Avançava pela floresta sem fazer barulho, impelida intuitivamente para a frente... sem saber por quê.

Lá no alto, perto do anoitecer, ouviu o grito de aves aquáticas, voando para o sul. Ergueu os olhos, voando com elas em seu vôo vertiginoso, contemplando à distância uma torre alta e branca, o brilho de um lago. Onde ela estava?

As luas foram tão brilhantes naquela noite, quatro luas iluminando-a — Liriel e Kyrrdis, redondas e cheias, as outras duas pálidas e convexas -, que não conseguiu dormir. Parecia-lhe que na última vez em que vira quatro luas no céu alguma coisa acontecera.. . Não, não podia lembrar, mas o corpo doía de desejo e fome insaciados, não entendia por quê. Após algum tempo, estendida no

musgo macio, começou a esquadrihar, sentindo fome como a sua ao redor...

Uma gata rastejou por um galho e Romilly sentiu a pressão da luz dentro dela também, o fluxo da vida do mundo. Podia ver o brilho dos olhos enormes, seguiu-a com sua mente, enquanto ela contornava a base da árvore. Havia agora uma fragrância doce e intensa no ar e, na mente da gata, ela seguiu-a, sem saber se era ela própria quem se mexia ou apenas a gata... E cada vez mais perto ela se aproximou, ouviu-se um pequeno som, meio rosnado, meio ronrom, de fome e necessidade... Virou-se com um golpe da cauda grande, enquanto o companheiro da gata descia pelo tronco, aos gritos e saltos. Seu corpo doía e ansiava; e enquanto o companheiro se lançava sobre a gata, Romilly contorceu-se no musgo, cravou os dedos na terra, ofegando, gritando. ..

Ranald... ela sussurrou, no momento antes de se perder no turbilhão incontrolável do cio. A noite parecia povoada pelos rosnados dos grandes gatos em acasalamento e ela ficou em silêncio, sufocada, até que finalmente, com os sentidos e o laran sobrecarregados, perdeu a consciência.

Despertou na manhã seguinte pouco consciente do que acontecera, sentindo-se abatida e exausta. Não sabia por quê, mas seus vagueantes movimentos pela floresta foram acelerados. Devia escapar, escapar... Uma indefinida apreensão a dominava, e quando ouviu, por cima, o mesmo rosnado da enorme gata, estava atordoada demais para ter medo. E depois houve um lampejo escuro, com a gata deslizando para o chão, parando à sua frente, a boca repuxada num rosnado sobre as presas afiadas. Sentiu por trás a presença das pequenas bolas de pêlo marrom, escondidas na cavidade da árvore...

A gata estava protegendo sua cria! E ela, Romilly, invadira o território protegido da gata... Ela cambaleou para trás, resistindo à tentação de virar e correr, correr. Se o fizesse, sabia que a gata atacaria e a alcançaria num instante! Lentamente, furtivamente, ela recuou, cada vez mais, tentando fixar os olhos da gata, pressionar com seu laran...

Paz, paz, não tenho a intenção de causar qualquer mal a você ou a seus filhotes... Em alguma ocasião ela já fizera isso antes, com algo que a ameaçava, frio, feroz, nas neves...

Silenciosamente, silenciosamente, passo após passo, recuando, recuando... paz, paz, não tenho a intenção de causar mal, nenhum mal a seus filhotes...

E depois, quando ela já se encontrava quase na beira da clareira, a gata moveu-se como um raio, um único salto longo, pousou quase aos pés de Romilly.

Paz, paz... A gata baixou a cabeça, quase aos pés de Romilly. E nesse instante o choque atingiu seu pensamento.

Não, não! Eu traí Estrela-Sol para a morte, jurei que não usaria mais o laran, nunca, nunca... não causaria mais a morte de inocentes...

Uma pata golpeou como um açoite; garras rasgaram o rosto de Romilly, o impacto derrubou-a, ofegante; sentiu o sangue escorrer da face e do lábio. Agora que ela derramou meu sangue, vai me matar como um sacrifício a seus filhotes, em expiação pela morte de Estrela-Sol...

O rosnado rouco e suave nunca cessava. Romilly encolheu-se numa bola para proteger o rosto. E depois, quando a gata saltou outra vez, uma fúria de asas atacou, seis garras do falcão golpearam os olhos da enorme gata, um bater de asas atingindo o focinho da atacante.

Preciosa! Ela veio lutar por mim!

Romilly rolou para longe, levantou-se de um pulo e subiu numa árvore próxima. Preciosa pairava um pouco além do alcance das garras mortíferas, atacando com bico e garras, até que a gata, rosnando baixinho, virou-se e desapareceu na relva alta onde os filhotes estavam escondidos. A respiração presa na garganta, Romilly desceu da árvore e correu o mais depressa que podia na direção oposta, com Preciosa em sua esteira; podia ouvir o som das asas e os pequenos gritos estridentes. Parou quando estava fora do alcance, virou-se, estendeu o punho, num gesto tão familiar que nem sequer o fez conscientemente.

— Preciosa! — ela gritou. Enquanto as garras do falcão se fechavam gentilmente em seu pulso, ela se lembrou de tudo e começou a chorar. — Oh, Preciosa, você veio para mim!

Romilly lavou-se num córrego naquela noite, removeu os fragmentos de folhas e terra do manto. Tirou a túnica e a calça, sacudiu-as no ar, tornou a vestir. Perdera em algum lugar o brinco de Espadachim... nunca soube onde. Com o falcão em seu ombro, tentou se orientar.

Calculou que a Torre branca próxima devia ser Neskaya, mas não tinha certeza. Um dia de viagem deveria levá-la até lá, e talvez pudesse transmitir uma mensagem para algum lugar, descobrir o que acontecera a Carolin e o que faziam os exércitos. Ainda se retraía ao pensamento de se juntar a eles outra vez, mas sabia que algum dia teria de voltar ao seu grupo.

Naquela noite estava procurando um lugar seco para dormir e especulando como conseguira sobreviver sozinha por todos aqueles dias — pensou que devia ter passado três dias inteiros na floresta — quando teve a impressão de que alguém a chamava.

Romilly! Romilly!

Procurem-na com laran, precisamos encontrá-la, ela está se escondendo...

Ela não pode estar morta, eu saberia se ela estivesse morta...

Romilly reconheceu vagamente algumas das vozes, embora ainda não fossem muito claras.

Se conseguirem encontrá-la, peçam que volte para nós. Era uma voz que ela conhecia, uma voz que amava: Jandria, lamentando. E apesar de nunca tê-lo feito antes, Romilly sabia como se projetar com sua mente.

Onde vocês estão? O que aconteceu? Pensei que a guerra tivesse acabado.

Acabou e Carolin está acampado diante dos muros de Hali — foi a resposta. Mas há um impasse, pois Lyondri tem Orain como refém em algum lugar da cidade.

E Romilly nem mesmo se deteve para lembrar seu ressentimento e o que era.

Irei o mais depressa que puder.

Capítulo Nove

Ela só dormiu um pouco naquela noite, já estava acordada e andando ao amanhecer, projetando seu laran para observar uma habitação humana. Encontrou uma aldeia e procurou um homem que tinha cavalos para alugar.

— Preciso de um cavalo veloz imediatamente. Sou da Irmandade da Espada e estou numa missão urgente para o Rei Carolin. Devo chegar a Hali o mais depressa possível.

— E eu sou o cozinheiro-chefe e o lavador de garrafas de Sua Majestade — escarneceu o homem. — Não tão depressa, mestra; como pretende pagar?

E Romilly viu a si mesma refletida nos olhos do homem, um espantinho esquelético, de culote e túnica esfarrapada, descalça, o rosto todo arranhado e sangrando no lugar em que fora atingida pela gata, o falcão desleixado no ombro.

— Passei pela guerra, e ainda pior.

Ela habitara entre os animais por tanto tempo que esquecera a necessidade de dinheiro. Vasculhou os bolsos fundos da túnica e culote e descobriu umas poucas moedas esquecidas; estendeu-as para o homem.

— Aceite isto como um sinal — ela disse, sem contar. — Juro que mandarei o resto assim que alcançar um abrigo da Irmandade, e duas vezes mais se me providenciar um par de botas e um pouco de comida.

O homem hesitou.

— Quero trinta moedas de prata e um royal de cobre — anunciou ele. — E mais outro como garantia de que devolverá o cavalo.

Os olhos de Romilly faiscaram de raiva. Nem mesmo sabia porque sentia tanta pressa, mas era necessária em Hali.

— Em nome de Carolin, posso confiscar seu cavalo, se for preciso...

Ela apontou para o cavalo mais próximo, que parecia veloz, um enorme e esguio ruão. Um contato de seu laran e o cavalo se

aproximou no mesmo instante, baixou a cabeça submisso. O dono soltou um grito de raiva e se adiantou para segurar a guia do cavalo, puxando-o. Mas o animal esquivou-se nervosamente, escoiceou, deu a volta, tornou a se aproximar de Romilly, roçando em sua cabeça com o ombro.

— Leronis... — balbuciou o homem, com os olhos arregalados.

— Isso e muito mais — declarou Romilly, asperamente.

Uma jovem estava observando, retorcendo o avental comprido. Finalmente ela sussurrou:

— A irmã da minha mãe é da Irmandade, mestra. Disse-me que a Irmandade sempre pagará dívidas assumidas por qualquer uma, pela honra de todas. Deixe que ela leve o cavalo, meu marido, e...

A jovem correu para a casa, voltou um instante depois com um par de botas grosseiras.

— Eram de meu filho — ela balbuciou. — Os homens de Rakhal passaram por esta aldeia e um deles matou-o, abateu-o como a um cão, quando pegaram nosso animal de arado e o liquidaram para jantar e ele pediu pagamento. Os homens de Carolin nunca fizeram nada assim.

Romilly calçou as botas. Eram botas das montanhas, forradas com pêlo, macias para os pés. A mulher lhe entregou também a metade de um pão.

— Se puder esperar, mestra, terá comida quente, mas não tenho nada preparado agora...

Romilly sacudiu a cabeça.

— Isto é suficiente. Não posso esperar.

Num instante ela estava no lombo do cavalo, no momento mesmo em que o homem gritava:

— Nenhuma dama pode montar esse cavalo... é o mais arisco...

— Não sou uma dama, sou uma Espadachim.

Subitamente, um novo aspecto de seu laran tornou-se evidente para Romilly: ela se projetou, como fizera com a gata, o homem recuou, fitando-a fixamente, submisso. A mulher interveio:

— Não quer sela, freio... Deixe-me cuidar de seus ferimentos, Espadachim...

— Não tenho tempo para isso. Indiquem-me qual o caminho para Hali.

A mulher balbuciou as orientações, enquanto o homem permanecia em silêncio, fitando-a com os olhos esbugalhados. Romilly cravou os calcanhares nos flancos do cavalo. Montara assim, sem sela nem freio, quando era criança no Ninho dos Falcões, começando a descobrir seu laran, guiando o cavalo apenas pela vontade. Sentiu um pesar breve e intenso: Estrela-Sol! Estrela-Sol e o cavalo desconhecido e anônimo em que ela deixara a batalha e depois soltara à beira da floresta. Não podia haver a menor dúvida de que estivera louca.

O cavalo avançava rápido e firme, as pernas compridas devorando a estrada. Ela mastigou o pão duro; parecia que nenhuma refeição jamais fora tão deliciosa. Precisava de roupas limpas e banho, um pente para os cabelos, mas a urgência do pesadelo a impelia. Orain nas mãos de Lyondri! Houve um momento em que parou, deixando o cavalo pastar e descansar um pouco. E se perguntou: O que penso que posso fazer?

O Lago em Hali era comprido e opaco, com uma Torre se erguendo na praia, as ondas pálidas arremetendo como nuvens de tempestade; o exército de Carolin acampava na outra extremidade, diante de uma cidade de muralhas cinzentas e sombrias. E agora ela estava bastante segura de seu laran para se projetar e sentir a presença do homem que conhecera como Dom Cario e para saber que era seu amigo, rei ou não. Ele ainda era o homem que a acolhera de bom grado, protegera-a entre seus seguidores, mesmo depois de saber que era mulher, guardara o segredo até de seu maior amigo e irmão adotivo.

Ela avançou pelo exército aturdido, ouvindo uma das Espadachins gritar seu nome, no maior espanto. Sabia como devia parecer para todo mundo, consumida e esquelética, a túnica e o culote imundos, os cabelos desgrenhados, as marcas das garras da gata ainda com a crosta de sangue no rosto, montando um cavalo

de camponês que não tinha sela nem freio. Poderia se apresentar a um rei daquela maneira?

Mas mesmo enquanto descia do cavalo, Jandria já a envolvia num abraço apertado.

— Romilly, Romy, pensávamos que estava morta! Por onde você andou?

Ela balançou a cabeça, subitamente exausta demais para falar.

— Em qualquer lugar. Por toda parte. Em lugar nenhum. Isso tem alguma importância? Vim tão depressa quanto pude. Quanto tempo já passou desde a batalha? Que história é essa de Orain mantido como refém por Lyondri?

Alderic e Ruyven também se aproximaram, aturdidos, envolveram-na em seus braços.

— Tentei entrar em contato com você — disse Alderic —, junto com Dama Maura, mas não conseguimos. ..

Jandria gritou:

— O que aconteceu com seu rosto.. . seu brinco...?

— Mais tarde — murmurou Romilly, tornando a balançar a cabeça, exausta.

E depois o próprio Carolin estava à sua frente, estendeu as mãos.

— Criança... — Ele abraçou-a, como seu próprio pai poderia fazer. — Orain também a amava... Pensei que havia perdido os dois, que me acompanharam não como um rei, mas como um prescrito e um fugitivo! Venha comigo.

Ele levou-a para sua tenda. Gesticulou e Jandria serviu uma taça de vinho, mas Romilly sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Não comi quase nada, ficaria embriagada se bebesse meia taça agora... Prefiro alguma comida.

O resto de uma refeição foi colocada na mesa tosca e Carolin disse:

— Sirva-se.

Jandria cortou um pedaço de carne e pão, mas Romilly recusou a carne — sabia que nunca mais tornaria a prová-la — e mastigou o pão lentamente. Jandria pegou o vinho rejeitado e lavou as marcas de garras em seu rosto.

— Como isso aconteceu? É preciso chamar o curandeiro, os ferimentos de garras de gato sempre infeccionam; pode até perder a visão de um olho...

Mas Romilly sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Não sei direito. Algum dia lhe contarei tudo o que posso lembrar. Mas Orain...

— Eles o mantêm em algum lugar da cidade — informou Carolin. Ele ficara andando de um lado para o outro da tenda, mas agora arriou exausto numa cadeira dobrável. — Não ousou invadir a cidade para procurá-lo, pois já me advertiram... Mas talvez seja uma morte mais fácil para ele do que Lyondri planeja. O exército de Rakhal foi destruído; a maioria já se submeteu a mim, mas o próprio Rakhal veio se refugiar aqui, acompanhado por Lyondri e uns poucos dos seus homens... e mantêm Orain prisioneiro. Ele se encontra em poder deles desde a batalha. Agora estão usando-o para negociar...

Ela fez uma pausa e Romilly pôde perceber os movimentos de suas maxilas, engolindo em seco.

— Eu lhes ofereci salvo-conduto através do Kadarin ou para onde desejarem ir, assim como suas vidas. Prometi também que deixaria o filho de Lyondri são e salvo em Nevarsin e o criaria como um parente em minha corte, com meus próprios filhos. Mas eles... eles...

O rei parou de falar e Romilly verificou que suas mãos tremiam.

— Deixe-me contar a ela — interveio Alderic, gentilmente. — Enviei o aviso de que me entregaria a eles em troca de meu pai, iria acompanhá-los para onde desejassem ir através do Kadarin, até a segurança, até o refúgio que escolhessem. Também ofereci prata e cobre...

— Em resumo — disse Jandria -, aquela dupla incrível exigiu que o próprio Carolin se entregasse em troca da vida de Orain. Também me ofereci para a troca... pensei que Lyondri poderia concordar. E Maura disse que se entregaria a Rakhal, até mesmo o acompanharia ao exílio, se fosse isso o que ele desejava, a fim de que Carolin pudesse recuperar seu conselheiro. Mas... — A

expressão dela era sombria. — Mostrem a Romy a resposta que eles nos mandaram.

Ruyven trouxe um pacote pequeno, embrulhado com seda amarela. Suas mãos tremiam de forma incontrolável. Carolin pegou o pacote e tentou abrir a seda. Maura pôs as mãos sobre as dele, afagou-as por um momento, depois abriu o pano manchado de sangue.

Lá dentro — Romilly pensou que ia vomitar — havia um dedo caloso, uma crosta de sangue na extremidade em que fora cortado da mão; e o horror era que o dedo tinha um anel de cobre, com uma pedra azul, o mesmo anel que ela vira na mão de Orain. E Carolin disse:

— Eles mandaram o aviso... Devolveriam Orain para mim... um pedacinho de cada vez... A menos que eu me entregasse pessoalmente e oferecesse a submissão total de meus exércitos.

As mãos de Carolin tremiam enquanto tornavam a embrulhar o dedo.

— Mandaram isso há dois dias. Ontem foi... foi uma orelha. Hoje...

Ele não pôde continuar; fechou os olhos e Romilly viu que as lágrimas insistiam em sair.

— Por Orain, eu daria minha vida e muito mais, ele sempre soube disso — acrescentou Carolin. — Mas... mas testemunhei o que Rakhal fez com meu povo... Como posso entregar todo o meu povo a ele e a seu carniceiro Lyondri?

— Orain se deixaria cortar em pedacinhos por você e sabe disso... — interveio Maura.

Carolin baixou a cabeça e balbuciou:

— Lyondri também sabe disso. Maldito seja ele! Maldito seja acordado e dormindo. ..

A voz estava estridente, quase histérica.

— Já chega.

Maura pôs a mão sobre a dele, retirou o macabro pacote de seda, largou na mesa. Jandria declarou, sombriamente:

— Juro que não dormirei e não tomarei vinho enquanto Lyondri não for esfolado vivo.

— Nem eu — murmurou Carolin. — Mas isso não salvará Orain de seu destino. Chegou quando já perdemos as esperanças, Romilly, estamos quase prestes a atacar a cidade, a fim de que Orain possa ter uma morte rápida e limpa. Mas precisamos descobrir onde o estão mantendo, e conseguiram proteger a cidade contra o laran. Mas ainda temos um pássaro-sentinela e pensamos que talvez... pudéssemos fazê-lo voar. Mas o pássaro está incontrolável desde a batalha, Ruyven não conseguiu dominá-lo...

— E Ranald morreu na carga final, em que pensamos que você também morrera — acrescentou Maura. — Mas Ruyven garantiu que você não morrera, que sentiria se você morresse... E as Espadachins não encontraram seu corpo. Mas não sabíamos para onde você fora. Se pudéssemos descobrir que parte da cidade eles escolheram para seu trabalho sórdido... Eles ameaçaram que começariam a retalhar Orain até o fim no momento em que entrássemos na cidade e poderíamos encontrar só os pedaços depois de perdermos tempo para descobrir seu paradeiro.

Ela contraiu o rosto de medo e horror, antes de continuar:

— Por isso, não podemos procurar ao acaso e... e de alguma forma os Ieronyn de Rakhal protegeram a cidade. Mas talvez não percebessem um pássaro...

— Reparariam num pássaro-sentinela imediatamente — disse Romilly. — Os Ieronyn deles ficariam atentos a essa possibilidade...

— Foi o que eu disse a eles — interveio Ruyven. — Mas parecia uma possibilidade, se você pudesse controlar Temperança...

— Melhor seria se eu mandasse Preciosa — sugeriu Romilly: — Ela não se aproximou do exército comigo, preferiu voar para longe... mas posso chamá-la.

Ela acreditara que nunca mais tornaria a usar seu laran? Estava a serviço de Carolin, como seu corpo e sua vida. Nenhuma terra poderia sobreviver com um gato-da-montanha como Lyondri no seu comando. Não, o gato matava porque era da sua natureza, de fome ou medo, mas Rakhal e Lyondri matavam apenas pelo poder.

— Talvez dê resultado — murmurou Carolin. — Eles podem pensar que é apenas um falcão selvagem... Os Deuses sabem que há muitos na região em torno de Hali. Você poderia descobrir onde

Orain é mantido, a fim de que possamos seguir diretamente para lá. Assim, eles terão de entregar Orain ou matá-lo de uma maneira rápida e limpa.

Uma trompa soou em algum lugar; Carolin estremeceu e se encolheu.

— É o amaldiçoado aviso deles... Foi a esta hora, pouco antes do pôr-do-sol, que vieram nos dois dias anteriores. Enquanto fico sentado aqui, tentando tomar coragem para atacar a cidade, Orain.

..

A voz tornou a lhe faltar. A trompa soou outra vez e Carolin saiu da tenda. Um soldado aproximou-se, com uma atitude insolente. Tinha na mão um pequeno pacote de seda amarela. Fez uma reverência e disse:

— Carolin, pretendente ao trono dos Hastur, tenho a honra de lhe devolver outra porção de seu fiel servidor. Deve se orgulhar da bravura dele.

Ele riu, um som rouco e desdenhoso, Alderic deu um pulo para a frente.

— Maldito seja aquele a quem eu honraria se chamasse de cão, pelo menos acabarei com essa risada...

Mas Jandria estendeu os braços para puxá-lo.

— Não, Deric, isso só serviria para que se vingassem em Orain... O soldado indagou:

— Não quer ver que símbolo mandaram desta vez da bravura e devoção de seu conselheiro?

As mãos de Carolin tremiam. Jandria disse:

— Deixe-me fazer isso.

Ela largou Alderic e abriu o pacote macabro. Lá dentro havia outro dedo. O soldado acrescentou:

— Tenho uma mensagem de Lyondri. Estamos cansados desta brincadeira. Amanhã será um olho; no dia seguinte o outro olho; e depois os testículos. Se ele resistir além disso, será um metro de pele esfolado de suas costas...

— Miseráveis! Filhos de uma prostituta! — berrou Carolin.

Mas o soldado virou-se e, ao som da trompa, encaminhou-se para os portões da cidade.

— Sigam-no com laran — ordenou Carolin.

Ruyven, Maura e Alderic bem que tentaram; Romilly pôde senti-lo, enquanto acompanhava o homem com seus sentidos especiais, mas teve a sensação de que seu corpo esbarrava contra uma muralha de pedra inexpugnável; e assim que o homem passou pelos portões, ela não pôde mais alcançá-lo. Carolin tremia de horror, incapaz de conter as lágrimas derramadas. Maura abraçou-o.

— Meu querido, Orain não permitiria que você se rendesse...

— Avarra me proteja, sei disso, mas se ao menos eu pudesse provocar sua morte rápida...

Voltando ao interior da tenda, ele disse com implacável fúria:

— Não posso deixar que eles o ceguem, castrem e esfolem. Se não conseguirmos pensar em alguma coisa esta noite, amanhã, ao amanhecer, atacarei a cidade com todas as minhas forças. Enviarei o aviso de que não será poupado qualquer cidadão que levantar a mão contra mim. Revistaremos cada casa até encontrá-lo; e pelo menos haverá um fim rápido para o tormento dele. E depois os algozes cairão em minhas mãos.

Mas Romilly sabia, observando-o, que Carolin era um homem decente: não faria nada pior, nem mesmo com Lyondri Hastur, do que matá-lo. Poderia enforcá-lo, de maneira ignóbil, expor seu cadáver como advertência, em vez de efetuar a morte rápida e nobre pela espada; mesmo assim, Lyondri ainda estaria numa situação melhor do que Orain, caso aquele impasse persistisse. Carolin ordenou que o exército se aprontasse para investir contra os portões ao amanhecer.

— Seu falcão pode ver bastante bem no escuro para nos levar ao lugar em que Rakhal se esconde com seus torturadores? Não acredito que ele seja capaz de fazer isso pessoalmente, sozinho...

Carolin gesticulou debilmente para o pequeno pacote.

— Não sei — murmurou Romilly.

Mas enquanto os outros falavam, um plano começara a se definir em sua mente e agora ela perguntou:

— Quantos homens vigiam as muralhas da cidade?

— Não sei; mas eles têm pássaros-sentinelas em toda a extensão, e cães ferozes. Assim, se alguém tentar se esgueirar para

a cidade arrombando os portões laterais — já tentamos isso —, os pássaros e cães fazem tamanha algazarra que todos os homens de Rakhal são despertados e se concentram no local.

Carolin parecia desanimado.

— Isso é ótimo — murmurou Romilly. — Não poderia ser melhor.

— Como assim?

— Pense um pouco, milorde. Meu laran é de pouca utilidade contra homens. E diz que os leronyn de Rakhal guardaram a cidade contra o nosso laran, o laran usado por seus homens. Mas eu não temo qualquer pássaro, nenhum cachorro jamais latirá, nada de quatro patas ou que voe com asas é imune ao meu controle. Deixe-me entrar na cidade, sozinha, antes do amanhecer, e procurar o caminho.

— Sozinha? Você, uma garota...

Carolin sacudiu a cabeça. Ele pensou por um momento e depois acrescentou:

— Já provou muitas vezes que é mais do que uma garota, Espadachim. O risco vale à pena. Se fracassar, pelo menos teremos alguma noção antes do amanhecer do lugar onde atacar primeiro, a fim de que eles concedam uma morte rápida a Orain. Mas espere até a noite cair por completo. Além do mais, fez uma longa viagem. Providencie alguma coisa apropriada para ela comer, Jandria, depois faça-a dormir um pouco.

— Eu não conseguiria dormir... — protestou Romilly.

— Então pelo menos descanse um pouco — ordenou Carolin. Romilly baixou a cabeça.

— Como desejar.

Jandria levou-a para a tenda das Espadachins, providenciou comida e roupas limpas.

— Quero também água para me lavar e um pente — suplicou Romilly.

Jandria trouxe água quente das fogueiras do rancho. Romilly lavou-se, penteou os cabelos emaranhados — Jandria, que a ajudou, finalmente teve de cortá-los bem curtos —, vestiu agradecida as roupas de baixo, a túnica e o culote limpos. Não tinha botas além

das camponesas que a mulher lhe entregara na aldeia, mas pôs meias limpas. Era um alívio sentir-se limpa, vestida direito, com um alimento quente no estômago, ser humana...

— E agora você deve descansar — disse Jandria. — Carolin assim ordenou. E prometo que a chamarei à meia-noite.

Romilly deitou ao lado de Jandria na manta. A claridade da lua minguante entrava pela tenda e Romilly pensou, com profunda tristeza, em Ranald estendido ao seu lado, quando as quatro luas ficaram cheias pela última vez. Agora ele estava morto, tudo parecia tão triste, tão inútil... Não o amara, mas ele fora gentil, aceitara-o como um homem, sabia que o lembraria e lamentaria um pouco para sempre. Jandria deitava em silêncio ao seu lado, mas ela sabia que a amiga também lamentava; não apenas por causa do perigo de Orain, mas também por Lyondri Hastur, que outrora fora para ela a mesma coisa que Ranald para Romilly: o primeiro a despertar a feminilidade e o desejo. E ela não podia sequer pensar em Lyondri com a doce tristeza dedicada aos mortos; ele se afastara para além de seu alcance, tornara-se um monstro... Romilly abraçou Jandria e sentiu que ela tremia devido ao sofrimento.

Tem havido pesar demais, tudo inútil. Em meu orgulho, também acarretei sofrimento para aqueles que não me fizeram mal algum. Farei tudo o que puder para salvar Orain do destino a que o condenaram; a situação parece insuperável, mas nem tudo está perdido. O que quer que aconteça, porém, se eu ainda estiver viva ao amanhecer, enviarei um aviso ao pai e Luciella de que não morri e não devem lamentar por mim.

O pesar de Jandria é pior do que o meu. Se Orain morrer, eu lamentarei porque ele era meu amigo e porque morreu nobremente por Carolin, a quem ama. Mas quem pode lamentar ou ter qualquer sentimento que não seja de alívio se Lyondri não puder mais causar qualquer mal aos outros?

Ela continuou envolvendo o corpo soluçante de Jandria, e por fim sentiu que resvalava para o sono.

Dormia há uma ou duas horas quando Jandria sacudiu-a suavemente pelo ombro.

— Levante, Romilly. Está na hora.

Romilly lavou o rosto com água fria, comeu mais um pouco de pão, recusou o vinho. Precisava se manter completamente alerta. Carolin esperava-a na tenda dele, o rosto sob controle, uma expressão sombria.

— Não preciso lhe dizer que se conseguir libertar Orain, ou salvá-lo de mais sofrimento, mesmo que deva para isso cravar a adaga no coração dele, pode pedir a recompensa que quiser, até mesmo o casamento com um dos meus filhos.

Ela sorriu ante à sugestão; por que haveria de desejar isso? E disse, falando como se estivesse na presença do Dom Cario que conhecera primeiro:

— Tio, farei o que puder por Orain porque ele foi gentil comigo além do dever, quando me julgava apenas mero aprendiz fugitivo de mestre falcoeiro. Não acha que uma Espadachim e uma MacAran se arriscará pela honra e não pela ganância?

— Sei disso — respondeu Carolin, gentilmente. — Mas vou recompensá-la também para minha própria satisfação, Romilly.

Ela virou-se para Jandria:

— As botas fazem muito barulho. Preciso de um par de sandálias macias, por favor.

Depois que Jandria trouxe suas próprias sandálias — eram muito grandes, mas Romilly amarrou-as com firmeza nos pés —, ela prendeu os cabelos num pano escuro, a fim de que nenhum reflexo casual pudesse denunciar sua presença, sujou o rosto com terra para que não brilhasse à lanterna de um vigia. Agora podia entrar furtivamente na cidade e não temia pássaro-sentinela ou cachorro. Àquela hora, com toda certeza, à exceção de uns poucos, todos os homens estariam dormindo. Alderic declarou, num tom que não admitia recusa:

— Eu a acompanharei até o portão lateral.

Romilly concordou. Ele também tinha um pouco daquele laran especial. De mãos dadas, em silêncio, eles deixaram a tenda de Caroün, afastando-se dos portões principais, num largo círculo. Um cachorro latiu em algum lugar; provavelmente, pensou Romilly, projetando a percepção inquisitiva, para algum camundongo nas

ruas; mas ela silenciou-o assim mesmo, transmitindo pensamentos de paz e sonolência...

— O portão vai ranger se tentar abri-lo, mesmo que consiga aquietar os pássaros-sentinelas — sussurrou Alderic.

Sem dizer mais nada, ele fez um estribo com as mãos, como se fosse ajudá-la a montar um cavalo alto; ela segurou no topo do pequeno portão lateral e subiu, olhando para a cidade no outro lado, adormecida ao luar.

Irradiou pensamentos para os pássaros-sentinelas, transmitindo paz, sossego, silêncio... Podia vê-los nos muros agora, vultos enormes e feios, com seus tratadores, parecendo estátuas recortadas contra o céu. Um barulhinho e gritariam, despertando todos os soldados de Rakhal. ..

Paz, paz, silêncio... Através dos olhos dos pássaros, ela observou as ruas banhadas pelo luar, as casas escuras, apenas uma ou outra janela iluminada... E se projetou em uma casa após outra, investigando. O laran comum estava toldado, mas através das mentes dos animais podia sentir o silêncio... por trás de uma janela iluminada, uma mulher se esforçava para dar à luz uma criança, uma parteira se ajoelhava, estendendo as mãos e sussurrando palavras de encorajamento. Uma mãe estava sentada ao lado de uma criança doente, cantando em voz rouca de preocupação e cansaço. Um homem ferido na guerra remexia-se com a febre no coto da perna...

Um cachorro rosnou de uma rua transversal e Romilly percebeu que estava prestes a se lançar em latidos frenéticos... Projetou-se, silenciou-o, sentiu seu espanto, de onde viera o distúrbio...? Ela se esgueirou sem fazer barulho.

Agora estava distante dos muros, os pássaros-sentinelas silenciosos. Teriam se lembrado de proteger o restante da cidade contra o laran? Ou já seria demais para os poucos leronyn à disposição de Rakhal guardar os portões, deixando desprotegido o interior da cidade?

Com extremo cuidado, pronta para recuar a qualquer contato, ela se projetou... Sabia que Orain tinha pouco laran, mas não era cego mental e pôde senti-lo em algum lugar; estava desperto com a dor dos ferimentos... Não podia deixar que ele sentisse sua

presença; era possível que ele estivesse sendo monitorado pelos feiticeiros de Rakhal ou Lyondri. E Romilly continuou, silenciosamente, aproximando-se cada vez mais de Orain, quarteirão a quarteirão da cidade antiga, sem que nenhum cachorro latisse, nenhum rato guinchasse mais alto. Silêncio, silêncio, paz na cidade. Cavalos cochilavam nos estábulos, gatos deixaram de perseguir camundongos e cochilavam junto ao fogo, bebês irrequietos se acalmavam sob o poderoso encantamento; de uma extremidade a outra da antiga cidade de Hali nenhuma alma viva sentia qualquer outra coisa além de paz e silêncio. Até mesmo a mulher em trabalho de parto caiu num sono sereno, a parteira cochilando ao seu lado.

Paz, calma, silêncio...

Perto de uma casa silenciosa, quase na muralha oposta — atravessara a cidade inteira sob seu encantamento -, Romilly percebeu duas mentes com que já mantivera contato antes. Orain... Orain estava lá dentro, sonolento sob o encantamento de sono que ela impusera a todas as coisas, mas ainda dava para sentir a dor, o medo, o desespero, uma esperança de que talvez pudesse dar um jeito de morrer. Com todo cuidado, ela projetou uma mensagem...

Mantenha o silêncio, não se mexa, a fim de não alertar ninguém quando despertar. . A porta rangeu, mas tudo estava tão quieto que o homem adormecido junto da porta de Orain não se mexeu. Mais além, num cômodo interno, ela sentiu o muro de pedra dos pensamentos de Lyondri Hastur — ele também estava profundamente perturbado. O mais terrível é que Lyondri não é um homem cruel por natureza. Ele nem mesmo assiste o torturador que faz o trabalho brutal. Ele só faz isso pelo poder!

Os pensamentos de Lyondri pareciam vaguear, procurando por um intruso... Romilly rapidamente submergiu sua mente na do gato dormindo junto do fogo e depois de um momento Lyondri Hastur dormiu... O vigia cochilava...

Mesmo que eu o matasse tão depressa que ele não seria capaz de gritar — a mão de Romilly fechou-se no punho da adaga em seu cinto -, ainda assim o grito de morte no pensamento despertaria Lyondri! Mas talvez ele se detivesse para matar Orain com as próprias mãos...

Ela devia. Não havia outro jeito. E foi então que percebeu que o vigia estava mais profundamente adormecido do que ela; com sua imagem tranqüilizante espalhada por toda a cidade, poderia ter conseguido; e sentiu outra mente entrar em contato com a dela. Houve um movimento suave às suas costas e virou-se, alerta, empunhando a adaga...

— Não me mate, Romilly — sussurrou Caryl.

Ele usava uma camisola branca de criança e os cabelos claros estavam desgrenhados, como se tivesse acabado de sair da cama. Adiantou-se e envolveu-a num abraço apertado... mas o encantamento não se reduziu por um instante sequer...

— Oh, Romilly, Romilly, supliquei a meu pai, mas ele não quis me ouvir, não posso suportar o que estão fazendo com Orain... me faz sofrer demais... Você veio buscá-lo?

O sussurro era quase inaudível. Se Lyondri Hastur se remexesse no sono e fizesse contato com a mente do filho, pensaria que o menino estava dominado por um pesadelo.

E Lyondri Hastur fez uma coisa dessas num lugar onde o filho podia saber, sentir...

— Ele disse que isso me deixaria calejado para a necessidade de ser cruel às vezes, quando o bem do reino exige — sussurrou Caryl. -

Eu estou... estou enojado... Nunca pensei que meu pai fosse capaz de uma coisa assim...

Ele fez um esforço para conter as lágrimas, sabendo que isso também despertaria o pai. Romilly acenou com a cabeça.

— Ajude-me a manter os cachorros quietos, enquanto eu vou... Mas ela não podia levar Orain dormindo. Em silêncio, passou pelo vigia adormecido.

— Orain... — ela sussurrou.

E estendeu a mão para tapar sua boca contra um grito involuntário. Lembre-se de que você está sonhando isso...

Orain compreendeu no mesmo instante o que ela estava querendo dizer: se Lyondri despertasse de seu sono leve, pensaria que ele sonhava... Tão silenciosamente quanto Romilly, ele se levantou. Um dos pés sangrava, através de uma tosca bandagem.

Romilly não vira o dedo cortado, mas lutou para reprimir seu horror, para manter intenso o encantamento do sono, enquanto Orain atravessava o quarto e metia os pés nas botas, estremeando.

— Eu não deixaria aquele homem vivo... — ele sussurrou, olhando com implacável ódio para seu carcereiro.

Mas sentiu, tão profundo era o contato, o motivo de Romilly para não matá-lo, e contribuiu com um pensamento irônico:

Quando Lyondri acordar e descobrir que eu escapei enquanto ele dormia, o que fará com o homem será pior do que sua adaga através do coração; por misericórdia, eu deveria matar o homem agora! Mas não sou bastante generoso para isso.

O cheiro no ar informou a Romilly que o amanhecer se aproximava; muito em breve teria de lidar com cachorros despertando por toda a cidade, com os pássaros-sentinelas nas muralhas acordando... E se não acordassem no momento previsto, isso também alertaria seus operadores. Deviam deixar a cidade muito antes. Ela pegou o ombro de Orain. Sua mão também estava envolta por uma tosca bandagem e um pano cobria a orelha cortada, o sangue visível. Afora isso, porém, ele não estava gravemente ferido e seguiu-a sem fazer barulho. Deixaram a casa e Romilly percebeu que Caryl os seguia, silenciosamente, em sua camisola.

— Volte! — ela sussurrou, sacudindo o menino pelo ombro. — Não posso ser responsável...

— Não voltarei! — O tom era determinado, obstinado. — Ele não é mais meu pai. Eu me tornaria pior do que ele se ficasse.

Romilly percebeu que enormes lágrimas escorriam pelas faces do menino, mas ele insistiu:

— Posso ajudá-la a sossegar os guardas.

Ela acenou com a cabeça e fez sinal para que amparasse Orain, que claudicava. Devia agora reduzir a dor dele, manter sob controle o tumulto de seus pensamentos e emoções e... isso mesmo, devia deixar que os pássaros despertassem normalmente, com os gritos normais, em outras partes da cidade, enquanto mantinha os que se encontravam próximos no transe seguro, até que conseguissem de alguma forma escapar.

Alcançaram o portão lateral. Caryl estendeu a mão para a tranca, puxou-a, empurrou o portão. Houve um tremendo rangido da tranca caindo, um barulho de metal e madeira batendo, que se elevou pelo céu; por toda parte, ao que parecia, havia um estrépito partindo das muralhas, mas eles abandonaram toda a cautela e correram, o mais depressa que podiam, atravessando o acampamento e o exército em formação, até a tenda de Carolin... E depois Carolin pegou Orain em seus braços, chorando ruidosamente de alívio e de alegria. Romilly virou-se para Caryl e abraçou-o.

— Estamos salvos! Estamos salvos! Oh, Caryl, nunca conseguiríamos sem você...

Carolin virou-se um pouco e abriu os braços para envolver Romilly e Caryl no mesmo abraço em que mantinha o amigo.

— Escutem! — disse Orain. — O tumulto, eles sabem que escapei...

— Mas nosso exército está aqui para protegê-lo — declarou Carolin calmamente. — Não tornarão a tocar em você, meu irmão, prometo, por nossas vidas. E agora acho que eles terão de se render. Não queimarei a cidade de meu povo e pouparei qualquer homem que se render e me jurar lealdade. Creio que Rakhal e Lyondri encontrarão poucos seguidores esta manhã.

Ele sentiu Orain se encolher quando roçou na bandagem sobre a orelha.

— Meu irmão, deixe-me providenciar curativos para seus ferimentos.

Ele levou-o para o interior da tenda, Maura e Jandria começaram a cuidar dos ferimentos. Enquanto novas bandagens eram colocadas, Carolin sentou, piscando para reprimir as lágrimas.

— Romilly, como podemos recompensá-la?

— Não há necessidade de recompensa. — Agora que tudo acabara, ela tremia de forma incontrollável e ficou agradecida ao sentir o braço de Alderic amparando-a, levando uma taça de vinho a seus lábios. — É suficiente que Lorde Orain saiba agora... — Romilly não sabia o que ia dizer até ouvir as palavras saindo de seus lábios. — ... que mesmo sendo apenas uma moça, não tenho menos coragem ou valor do que qualquer rapaz.

Orain estendeu os braços e envolveu-a num abraço apertado, a bandagem se soltando e o sangue sujando Romilly.

— Minha querida, minha querida... — ele sussurrou, embalando-a como se fosse uma criança. — Não tive a intenção... não podia querê-la assim... mas sempre desejei ser seu amigo... apenas me sentia tão tolo...

Ela sabia que também chorava enquanto o abraçava e beijava seu rosto. Notou que estava no colo de Orain, como uma criança, enquanto ele lhe aflagava os cabelos. Ele estendeu a mão livre para Alderic.

— Deram-me a notícia de que você se ofereceu para ficar no meu lugar como refém, meu filho... O que fiz para merecer isso? Nunca fui um pai para você...

— Deu-me a vida, senhor. Devo-lhe isso, pelo menos, já que não teve mais nada de mim em termos de amor e respeito.

— Talvez porque eu não merecesse — murmurou Orain.

Caryl adiantou-se e também abraçou Orain e Romilly. Carolin conseguiu falar, apesar do aperto na garganta:

— Vocês estão todos aqui, sãos e salvos. Isso é suficiente. Caryl, juro que serei um pai para você e será criado com meus próprios filhos. E não matarei Lyondri, se puder evitá-lo. Ele pode não me deixar opção, e não é possível agora confiar em seu juramento de honra; mas se puder, permitirei que ele viva no exílio.

Caryl balbuciou, trêmulo:

— Sei que fará o que for honroso, Tio.

— E agora, se já acabaram com esse festival de amor — interveio Jandria, irritada —, eu gostaria de enfaixar esse homem de novo, a fim de que ele não fique sangrando em cima de nosso desjejum!

Orain sorriu para ela.

— Não estou tão gravemente ferido assim. O homem conhecia seu ofício tão bem quanto qualquer cirurgião do exército. Pelo menos fez um trabalho rápido. Disseram-me, no entanto... — Ele estremeceu subitamente. — Chegou bem a tempo, Romilly.

Ele pegou a mão da jovem com sua mão intacta e acrescentou gentilmente:

— Não posso casar com você, criança. Não está em minha natureza. Mas se Carolin conceder permissão, eu a prometeri a meu filho... — Orain olhou para Alderic. — Já posso perceber que ele está disposto.

— E nada poderia me agradar mais — declarou Ruyven, sorrindo para o amigo.

— Então está acertado — arrematou Orain, sorrindo. Mas Romilly desvencilhou-se, indignada.

— E eu nada tenho a dizer sobre isso? — Ela levou a mão à orelha, de onde arrancara o brinco. — Não estarei livre do meu juramento à Irmandade antes do ano terminar. E também...

Ela fez uma pausa, sorrindo um pouco nervosamente para Ruyven e Alderic.

— Sei agora que meu laran, por melhor que seja, ainda não está devidamente treinado, ou eu poderia ter me saído melhor. Deixei-me abater no campo de batalha, quando Estrela-Sol morreu... Estive perto de morrer com ele, porque não sabia como me manter separada. Se me aceitarem... — Romilly fez outra pausa, olhando de Ruyven para Alderic. — Irei para uma Torre e aprenderei o que é preciso para dominar meu laran, a fim de que ele não me domine. E também preciso fazer as pazes com meu pai e minha madrasta. E depois... — Ela sorriu agora, hesitante, para Alderic. — E depois talvez eu me conheça bastante bem para saber se quero casar com você... ou com qualquer outro.

— Falou como uma Espadachim — comentou Jandria, aprovadora. Mas Romilly não prestou atenção. Alderic suspirou, pegou sua mão e disse suavemente:

— E depois de tudo isso, Romilly, estarei aguardando sua decisão. Ela cruzou os dedos com os dele, mas apenas por um instante. Não tinha certeza, mas achava que não sentia mais medo. Virou-se para Carolin.

— Milorde, tenho permissão para levar seu parente à tenda das Espadachins e providenciar um culote para ele?

Ela olhou para Caryl, que corou de embaraço e murmurou:

— Por favor, Tio, não posso me apresentar ao exército de camisola. Carolin soltou uma risada.

— Faça como quiser, mestra falcoeira. Tem sido fiel a mim e às pessoas que eu amo. E depois que cumprir o dever com seu laran, com seus pais e com o homem com quem quiser casar, espero que volte para nós em Hali. — Ele virou-se e pegou a mão de Maura. — Não lhe prometi que teríamos nosso Festival do Solstício do Verão em Hali? E o Solstício será na próxima lua. E se assim desejasse, Dama... eu planejava realizar o casamento da mestra falcoeira ao mesmo tempo que o de sua Rainha.

Ele riu de novo, antes de acrescentar:

— Não sou tão tirano assim. Mas um dia, Romilly, você será mestra falcoeira do rei no poder como foi no exílio.

Ela inclinou a cabeça e disse:

— Eu lhe agradeço, senhor.

Mas sua mente, projetando-se à frente, já procurava a Torre Tramontana.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

